



THOMAS HARDY

*Judas, o Obscuro*

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





THOMAS HARDY

(1840-1928)

# Judas, O Obscuro

*Título original inglês*

JUDE, THE OBSCURE

1895

· Tradução

OCTÁVIO DE FARIA

*Geração Editorial, 1995*



Thomas Hardy  
Judas, o Obscuro

Romance  
TRADUÇÃO E INTRODUÇÃO DE  
OCTÁVIO DE FARIA

Geração Editorial  
Coleção Redescoberta  
Vol. I

Judas, o Obscuro  
Título original em inglês: *Jude the Obscure* 1ª edição — Setembro de 1994

Tiragem — 3.000 exemplares

Editor: Luiz Fernando Emediato

Capa: Susana Kakovicz

Diagramação e Editoração Eletrônica:

Alan Cesar S. Maia

Revisão: Ana Maria de Oliveira Mendes Barbosa Dados Internacionais de

Catálogo na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hardy, Thomas, — 1840-1928

Judas, o obscuro / Thomas Hardy. — Tradução e nota preliminar Octávio de Faria. São Paulo : Geração Editorial, 1994

Reimpressão acrescida de prefácio de Fábio de Souza Andrade 1. Romance inglês I. Faria, Octávio de, 1908-1980. II. Título 94-2406

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura inglesa 823

Todos os Direitos Reservados

GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA.

Rua Cardoso de Almeida, 2188 — CEP 01251-000 — São Paulo — SP —

Brasil Tel. (011) 872-0984 — Fax: (011) 62-9031

1994

Impresso no Brasil

Judas Fawley, típico herói do romance moderno, tropeça em pedra atrás de pedra em seu caminho trágico. Não é um caminho que esquadrinhe o centro do mundo, nem mesmo que esbarre em cenas grandiosas da história se fazendo. Mais modesto do que o Frédéric Moreau de Flaubert, assumidamente periférico, o personagem de Hardy também experimenta uma educação sentimental marcada pela desilusão, uma sucessão de sonhos esvaziados pela dureza da realidade, nos campos ingleses de Wessex.

Quando Thomas Hardy (1840-1928) escreveu este que, ao lado de *Tess of the d'Urbervilles*, se tornou dos mais populares entre seus livros, já era um autor de prestígio estabelecido. Quase sexagenário, serializava romances destinados a público certo sob encomenda dos mesmos editores que, de início, recusaram ou fizeram com que o estreante custeasse parcialmente suas edições.

Arquiteto de formação prática, quase um autodidata no mundo dos livros, Hardy conhecia na palma da mão o universo que alimentou sua ficção. As aldeias de Dorset — região do interior da Inglaterra que preferia chamar pelo nome medieval, Wessex — não tinham para ele o apelo do exótico, do bucolismo e da tranquilidade.

Através do mito da simpática vida comunitária, simples e auto-suficiente, enxergava em meio à paisagem, que soube descrever com minúncia de *connaissanceur*, um campo cada vez mais vazio de camponeses. O apito do trem testemunhava um novo tempo, em que passou a ser impossível mover uma palha sem ouvir a cidade, como anotou o crítico Raymond Williams, um admirador de Thomas Hardy.

Aldeias, povoadas de pequenos artesãos e comerciantes que viviam em função de Londres mostravam uma nova face do interior. Para “o pequeno Thomas Hardy, tão bonzinho”, na descrição condescendente e equivocada do arguto, mas antípoda, Henry James, o idílio campestre era tudo menos a simplicidade sublime transfigurada aos olhos dos homens urbanos por poetas como Wordsworth.

Hardy registrou o vazio deixado pelo colapso da explicação cristã do mundo. Leitor de Darwin, deixou-se impressionar pela descrição das forças mecânicas e impessoais indiferentes ao homem que tomavam conta da natureza. Some-se a isso uma percepção pessoal da crueldade social escondida na Inglaterra rural vitoriana (também ele teve origem humilde, em família tradicional decadente; seu pai, um pequeno empreiteiro, tinha um *status* em pouco superior ao de um trabalhador braçal), um aprendizado prático do mundo desencantado do fim de

século, e estão dadas as balizas do fatalismo pessimista que movimenta suas principais histórias.

Por isso, mesmo quando mais se aproxima da ficção realista típica do dezenove, como em *Judas, o Obscuro*, a moldura trágica sempre prevalece em Hardy. Um dos poucos volumes concebidos longe da pressão do gosto do público dos folhetins, *Judas* registra o lado cinzento de um drama experimentado pelo autor em versão feliz: a ascensão pela instrução. Ao mesmo tempo, estamos diante de uma história de amor, como quase todos seus livros, em que, à maneira de Ibsen, Hardy discute os limites de uma instituição fundamental à ordem burguesa: o casamento indissolúvel.

A consciência de uma ordem diversa, em que o trabalho não se esgota no cumprimento de tarefas e tem uma qualidade emancipadora, faz com que o protagonista aspire a um mundo espiritualizado que teima em lhe escapar por entre os dedos. Miséria, amor, acaso são forças caprichosas, insondáveis à compreensão humana, que em aparente conclusão frustram seguidos projetos de fuga, demonstrando a Judas o que Hardy parece nos antecipar desde o princípio: uma conspiração do destino, que inclui ter nascido no lugar e momento errados.

A cena de abertura simboliza, na partida do professor, as adversidades que Judas enfrentará. Pobre e órfão, o menino que se decepciona com a separação, alimenta uma ambição intelectual em tudo contrariada pelas circunstâncias. O monte de sua vida será uma contínua re-núncia e acomodação na mediocridade. A redenção, que poderia vir na experiência amorosa, complica-se na divisão entre duas mulheres — Arabella, instintiva e astuciosa, e Sue, parente distante e alma gêmea, pouco convencional — e na incompatibilidade entre as ideias avançadas para a época e a pressão das instituições. A recusa do ritual do casamento não passa sem punições.

Os bosques pelos quais, adolescente, Fawley vaga entregando os pães que a tia-avó fabrica, deixando os cavalos à deriva enquanto se distrai tentando decifrar os clássicos com ajuda solitária de uma gramática; o vislumbamento noturno do alto de um celeiro da vizinha Christminster (na verdade, Oxford), encarnação do refinamento e da espiritualização que Judas quer alcançar, são bons exemplos da imaginação poética, predominantemente visual, que particulariza o ficcionista. Os símiles inesperados associam-se à descrição atenta a detalhes, dão alma ao que seria mero registro acurado; o estilo traz as marcas do respeito quase místico que o interiorano ainda guarda pelas coisas da cultura letrada e citadina.

Seu inglês sisudo e meio canhestro, caracterizado por uma sintaxe retorcida e vocabulário rebuscado, já foi descrito como o de um leitor escrupuloso do *Times*, destes que completam sem titubeio as palavras cruzadas. O que poderia ser defeito, é resgatado pela efeito final, personalíssimo e impressionante, sério sim, mas poético (Hardy, além de romancista, produziu lírica de qualidade), que ganha um colorido especial nas cenas em que reproduz o dialeto dos tipos



populares e o burburinho das festas do interior.

Em *Judas, o Obscuro*, ainda que menos frequente, a alegria ruidosa e a sabedoria tradicional na boca da gente simples aparecem representadas em passagens breves, distribuídas aqui e ali. Estão nos conselhos da sra. Edlin, que antevê as consequências funestas do repúdio da velha ordem e lamenta seu fim, nas conversas de comadres, na multidão que acompanha os festejos em Christminster, nas tabernas em que Arabela trabalha e, em momento de crise, Judas tenta afogar as mágo-as. Fazem um contraponto menos melancólico, de luminosidade efêmera, ao triste papel que cabe aos homens num mundo sem ordem, sem deuses, sem explicações.

Aos olhos de Hardy, são estes momentos de felicidade, mínimos, roubados à vigilância impiedosa da máquina do mundo, que impe-dem o sem-sentido total da existência humana. Recompensa possível, conferem identidade aos milhões de obscuros dublês de Sísifo que, como Judas, representante alegórico da humanidade, tentam se assenhorear de sua vida, contra uma natureza hostil, porque aleatória e indiferente.

É INDISCUTÍVEL que o século XIX e o nosso vão ambos ficar caracterizados, literariamente, pelo domínio quase absoluto do romance como gênero literário. Ora, dentro do romance, também é fora de dúvida que a Inglaterra não cede um passo à França na luta pela primazia mundial. Ainda seguindo o mesmo critério de excelência, ninguém negará que, na Inglaterra, Thomas Hardy pertence a uma categoria absolutamente ímpar, junto com Dickens, Meredith, Galsworthy, Lawrence e alguns poucos outros. E com mais certeza ainda se poderá afirmar que, na obra de Thomas Hardy, nenhum romance pode disputar a primazia a *Judas, o Obscuro*.

Resulta, portanto, de tudo isso, que o romance que hoje apresentamos em tradução portuguesa é, inegavelmente, uma das maiores obras-primas que a humanidade possui e um dos livros que mais fielmente podem refletir o drama ou a tragédia que a nossa civiliza-

ção vive. Toda a problemática do homem moderno, na sua vida íntima, aí está refletida, graças à extraordinária sensibilidade e ao excepcional poder criador de Thomas Hardy. Judas, o herói do romance, é uma das mais perfeitas encarnações do homem sensível e delicado, bom e puro, que a máquina impiedosa das convenções sociais e dos egoísmos individuais não hesita em esmagar, sem nem sequer desconfiar da desgraça que está ocasionando. Mas, que pode ele fazer XI

senão ser ele mesmo? E que pode ela fazer senão ser ela mesma? Judas não só não conseguirá construir o seu futuro, realizar os sonhos de infância, como nada poderá contra o seu destino de perseguido e de eterno ignorado. Desconhecido, incompreendido, enganado, só poderá responder aos golpes da vida com a pureza do seu gesto, tantas vezes repetido, de desvendar inutilmente aos olhos de todos o seu coração de homem. Os que o rodeiam viram então a face, porque suas feridas ferem a eles próprios. Não o compreende, na cegueira dos seus pequenos preconceitos de mulher conscientemente inteligente demais para o seu meio, a criatura que ama e amará a vida inteira acima de todas as coisas. E a outra é só mentiras e engodo.

Uma e outra dele só se aproximarão para reforçar, de um dos modos mais trágicos a que já nos foi dado assistir, o grito lancinante do poeta contra a mulher: “Tu n’és jamais lá Soeur de charité, jamais!”

Por outro lado, o que torna ainda maior e mais classicamente trágico “*Judas, o Obscuro*” é que essa verdadeira biografia de um fracassado foi escrita por um dos homens que mais profunda e mais delicada, mais piedosamente, souberam

se inclinar sobre o sofrimento humano. Poucos livros serão mais tristes — amargo, nas suas páginas finais, como poucos livros terão sido amargos. Poucos possuem, em tão alto grau, o sentido da tragédia humana, no que ela tem de mais absolutamente insolúvel e eterno. Acompanhando Judas, passo a passo, no seu terrível calvário, é o próprio homem que Thomas Hardy acompanha. É o absoluto que se atinge, através dessa experiência de homem, e de homem em luta com as realidades sociais de sua época.

E é por isso que o valor da obra me parece inexcedível, como inexcedível é a sua importância para a nossa experiência individual.

\*

Um romance assim, como e por que não teria sido traduzido em português até hoje? A censura e a estranheza, imediatas, exigem reflexão mais apurada. Não há dúvida que é estranho e de certo modo mesmo imperdoável que não se tenha cuidado disso quando temos visto, traduzidos da mesma língua (senão do mesmo país de origem) um sem-número de romances cujo valor literário é, no mais das vezes, perfeitamente nulo. No entanto, já não estranharemos tanto a omissão, se atentarmos nas dificuldades da tarefa. *Jude the Obscure* é justamente considerado uma das “barreiras” da língua inglesa. A riqueza do vocabulário, certas expressões locais, o aprofundado e, muitas vezes mesmo, o rendilhado das comparações, a vivacidade do diálogo, fazem com que de boa vontade se recue ante a temeridade da aventura. Não espanta, pois, que os tradutores franceses (F. W. Laparra — edição do “Cabinet Cosmopolite”, Stock, 1931, e Firmin Roz — edição Albin Michel, meramente uma adaptação) tenham fugido tanto ao texto do romance. Embora aqui e ali nos apoiando na versão de Laparra, (agradável e fluente, porém tantas vezes inexata) preferimos guardar menos distância do texto inglês, na medida do possível, talvez um pouco em detrimento dos encantos da forma literária. Pareceu-nos que um estilo tão pessoal, aliado a um pensamento tão cioso de pequenos detalhes, merecia de nossa parte um maior espírito de fidelidade — a humanidade nos parecendo dever ser, nesses casos, a qualidade fundamental do tradutor. Permitir ao leitor brasileiro que não sabe inglês seguir, movimento por movimento, as curvas e as reviravoltas da imaginação e do poder descritivo do mestre inglês — isso, naturalmente, aliado ao máximo de correção vernácula —, eis o nosso supremo objetivo na tradução da obra-prima de Thomas Hardy.

\*

Thomas Hardy nasceu em 2 de julho de 1840, no condado de Dorset (divisão territorial moderna equivalente a uma das partes que formavam o antigo reino anglo-saxão do Wessex) e morreu em 1928. Estudou arquitetura, porém toda a

sua vida foi vivida à sombra da produção literária. Suas principais obras são: *Remédios do Desespero* (livro de estreia, em 1871) *Debaixo da Árvore de Greenwood* (1872), *Um Par de Olhos Azuis* (1873). *Longe da Multidão Desvairada* (1874, seu primeiro grande sucesso literário), *Dois numa Torre, Tess d'Urbervilles* (1891), *Pequenas Ironias da Vida*, *Judas, o Obscuro* (1895), *A Bem Amada* (1897), *Poemas do Wessex*, *Habitantes da Floresta*, *O Clarim do Regimento*, *Volta ao País Natal*, *O Prefeito de Casterbridge* (1886) e um poema dramático em três volumes: *Os Dinastas*, sobre Napoleão.

O. E.

## **Primeira Parte**

### **Em Marygreen**

“Sim, são numerosos os que perderam  
o espírito por causa de mulheres e que, por  
elas, se tornaram escravos.

Numerosos também os que, por causa delas, pereceram,  
erraram ou pecaram...

Homens, como quereis que as mulheres não sejam fortes, vos vendo agir  
assim?

ESDRAS

O PROFESSOR deixava a aldeia e todos pareciam sentir aquela partida. O marceneiro de Crescombe lhe emprestou um cavalo e um pequeno carrinho de capota branca para que levasse a bagagem até a cidade para onde ia. Este veículo dava perfeitamente para as coisas do viajante, pois a escola havia sido mobiliada, em parte, pelos administradores. O único objeto atravancador que o professor possuía, fora seus caixotes de livros, era um piano rústico, comprado num leilão, anos antes, quando lhe acometera a ideia de aprender música instrumental. Mas, seu entusiasmo tendo esfriado, jamais adquirira a menor eficiência e, desde então, sempre que tivera de se mudar, a sua compra só lhe ocasionara aborrecimentos.

O pastor tinha se ausentado pelo dia todo. Não gostava de presenciar mudanças e só pretendia voltar à noite, quando, o novo professor já tendo se instalado, tudo estivesse de novo em ordem.

O intendente, o ferreiro e o próprio professor estavam na sala, diante do piano, com ar profundamente perplexo. O professor lembrara que, mesmo que conseguisse fazer o instrumento entrar no carrinho, não teria uso para ele na cidade para onde ia — Christminster

—, pois, de início, só poderia cogitar de um alojamento provisório.

Um meninote de uns doze anos, que tinha ajudado nas arrumações, abordou o grupo de homens e, enquanto estes quebravam a cabeça para resolver a situação, arriscou, enrubescendo ao som da própria voz:

— Minha tia tem um alpendre de guardar lenha no qual talvez possa ficar o piano até que o senhor encontre um alojamento para ele.

— Muito boa ideia! — disse o ferreiro.

Decidiu-se então que uma deputação fosse enviada à tia do menino — uma velha da aldeia — para lhe pedir que albergasse o piano 18

até que Phillotson o mandasse buscar. O ferreiro e o intendente partiram para verificar se o abrigo proposto era adequado.

O meninote e o professor ficaram sós.

— Judas, você está triste por eu ir embora? — perguntou bon-dosamente o professor.

Lágrimas subiram aos olhos do menino. Não tendo seguido se-não as aulas da noite desde a chegada do professor, pouco ligado à sua vida, não fazia como o comum dos alunos que o olhavam sem o menor romantismo. Estes, para dizer a verdade, estavam bem longe disso, tal como certos discípulos de história, sempre pouco dispostos a prestar, a não importa que causa, a colaboração de seus entusiasmos.

Desajeitadamente, o menino abriu o livro que tinha na mão — presente de despedida do professor — e concordou que estava triste.

— Também eu — disse Phillotson.

— Por que o senhor vai embora? — indagou o menino.

— Ah, isso é difícil de explicar. Você não compreenderia as minhas razões, Judas. Você ainda é muito pequeno.

— Eu acho que compreenderia, sim senhor.

— Pois bem... mas, não vá falar nisso em parte alguma. Você sabe o que é uma universidade, um diploma universitário? É a indispensável pedra de toque para todo homem que quer ser bem-sucedido no ensino. Meu projeto, ou meu sonho, é obter um grau numa universidade e, depois, tomar ordens. Indo viver em Christminster, ou perto de lá, estarei de certo modo em pleno quartel-general da ciência. E, se meu projeto for realmente realizável, creio que terei mais probabilidades de vencer estando lá do que estando em qualquer outra parte.

O ferreiro e o seu companheiro reapareceram. O alpendre da velha Fawley era bem seco, exatamente o que convinha, e ela parecia disposta a albergar o piano. Deixaram-no em consequência na escola até de noite, esperando encontrar, então, mais braços disponíveis para transportá-lo. E o professor lançou sobre ele um olhar de despedida.

19

Judas o ajudou a pôr no carrinho alguns pequenos objetos e, lá pelas nove horas, o professor, içando-se junto aos caixotes de livros e a outros *impedimentos*, despediu-se dos amigos.

— Judas, não te esquecerei — disse sorrindo, enquanto o carrinho se afastava. — Seja um bom menino, bom para os animais e para os pássaros, e leia tudo quanto possa. Se algum dia for a Christminster, não deixe de me procurar.

O carro partiu chiando e desapareceu pelo ângulo do presbitério. O menino voltou ao poço onde deixara os baldes, quando fora ajudar seu professor e patrão. Havia agora certo tremor nos seus lá-

bios e, depois de ter suspenso a cobertura do poço para fazer descer o balde, parou e apoiou a frente e os braços no local. Seu semblante tinha se endurecido como o de uma criança que cedo demais tivesse conhecido os espinhos da vida. O poço cujo fundo fixava era tão antigo quanto a aldeia. Assemelhava-se a uma longa perspectiva circular, terminada alguns cem pés adiante pelo disco brilhante da água fremente. Acima da água havia como que uma bainha de espuma e, ainda mais perto, samambaias.

Non tom melodramático que era natural num menino esquisito como ele, pensou que vinte vezes o professor havia apanhado água naquele lugar, em manhãs como aquela, e que jamais tornaria a fazê-

lo. “Frequentemente eu o vi olhar o fundo deste poço, quando estava cansado de puxar água, como eu estou agora, e depois descansar um pouco antes de levar os baldes para casa! Mas ele era inteligente demais para ficar por muito tempo aqui neste lugar, pequeno e adormecido!”

Uma lágrima rolou dos seus olhos até as profundidades do poço.

A manhã estava um pouco enevoadada, e a respiração do menino se espalhava, como uma névoa um pouco mais espessa, num ar tranqui-lo e pesado. Seus pensamentos foram interrompidos por um brusco chamado:

— Traga logo essa água, seu vagabundo, seu preguiçoso!

Viera de uma velha que havia surgido da porta de uma cabana coberta de musgo e não muito distante. Rapidamente, o menino es-

boçou um sinal de assentimento, puxou a água num esforço excessivo para alguém do seu tamanho, esvaziou o balde grande nos dois outros que trouxera, bastante menores, e, depois de ter parado um momento para respirar, atravessou com eles o pequeno espaço de terra coberto de erva viscosa onde ficava o poço — quase no centro da pequena aldeia, ou melhor, da aldeola.

A aldeola, tão velha quanto pequena, descansava na parte côncava de uma elevação vizinha das colinas do norte do Wessex. Por mais velho que fosse, o poço era, sem dúvida, o único testemunho dos antigos tempos que ainda permanecia absolutamente intacto.

Muitas das primitivas cabanas de há muito haviam sido demolidas e diversas árvores tinham caído ao solo. Antes de mais nada, a igreja primitiva, acorcundada, derreada, havia sido posta abaixo e reduzida a pedaços, para formar amontoados de calhaus nos becos, parte para ser utilizada nos muros, bancos, cercas e outras necessidades dos jardins da vizinhança. Para substituí-la, edificara-se uma nova construção, em estilo gótico alemão, de aspecto estranho para olhares ingleses, obra de um certo demolidor de lembranças históricas que, em um dia, fizera a viagem de Londres, ida e volta. Na relva verde e unida que, desde os tempos os mais recuados, servia de pátio à igreja, nada assinalava mais o lugar onde, durante tanto tempo, se erguera o velho templo do culto cristão. Em lugar dos antigos túmulos gastos, só se encontravam cruzes de ferro fundido barato, garantidas por um máximo de cinco anos.



## II

NÃO OBSTANTE a sua constituição fraca, Judas Fawley levou os dois baldes cheios de água até a choupana sem parar nem um momento para descansar. Na porta, via-se um pequeno retângulo de cartão azul, no qual se lia, pintado em letras amarelas: “Drusila Fawley, padeira”. Por detrás dos pequenos quadrados de vidro cercados de chumbo — pois era uma das raras casas antigas da aldeia — apareciam cinco bocais de bombons e três bolinhos num prato de flores.

Enquanto esvaziava os baldes atrás da casa, Judas podia ouvir uma conversa entre sua tia-avó, a Drusila da tabuleta, e algumas outras moradoras da aldeia. Tendo assistido à partida do professor, comentavam as peripécias do acontecimento e abundavam em previsões sobre o futuro do viajante.

— E quem é este? — indagou uma delas, (mais ou menos uma estrangeira em relação à aldeia) quando Judas entrou.

— Não é sem razão que a senhora o pergunta! É o meu sobrinho-neto, chegado aqui depois que a senhora esteve, da última vez.

A dona da casa era uma mulher alta e magra que falava de modo trágico das coisas as mais banais e se dirigia sucessivamente a cada um dos seus auditores.

— Veio de Mellstock, do sul do Wessex, há cerca de um ano — infelizmente para ele, Belinda (disse virando-se para a direita), seu pai lá vivia. E lá viveu até que foi acometido de tremores mortais e sucumbiu ao fim de dois dias, como você bem sabe, Carolina (virando-se para a esquerda). Teria sido uma bênção para esse pobre ser inútil, se Deus Todo-Poderoso o houvesse levado junto com o pai e a mãe dele. Mas eu o trouxe para viver comigo, até resolver bem o que se pode fazer dele. Naturalmente, vejo-me obrigada a fazer com que ganhe todo o dinheiro que possa ganhar. Ainda agora, anda espantando pássaros por conta do fazendeiro Troutham. Pelo menos, durante esse tempo, não faz tolices. Por que você está nos dando as costas, Judas? — continuou ela, pois o menino, sentindo todos aqueles olhares lançados sobre ele como bofetadas, voltara a cabeça para trás.

A lavadeira replicou que talvez fosse uma esplêndida ideia da senhorita ou da senhora Fawley (chamavam-na indiferentemente assim) guardar o menino com ela “para lhe fazer companhia na sua solidão, buscar água no poço, fechar as janelas à noite, ajudar a fazer o pão”.

A senhora Fawley duvidava que assim fosse.

— Por que você não pediu ao professor que te levasse para Christminster para fazer de você um erudito? — prosseguiu ela, brincando em tom áspero. — Melhor discípulo ele não poderia ter encontrado. O garoto tem loucura por livros! Seguramente que o tem! E é coisa de família. Segundo me disseram, Sue, prima dele, é igualzi-nha. Mas há anos que não vejo essa menina e, no entanto, ela aqui nasceu, entre essas quatro paredes. Minha sobrinha e o marido, depois de casados, não tiveram casa própria antes de um ou dois anos.

Além disso, eles não ficaram... Mas, na verdade, não vou contar toda essa história! Judas, meu filho, não case nunca, você. Para um Fawley, não vale a pena tentar. Essa menina, filha única, era como uma filha, para mim, Belinda, até o dia da briga. Pobre pequena! Triste é que tenha assistido a tais mudanças!

Vendo que a atenção geral ia se concentrar nele, Judas saiu da padaria para comer o bolo que sempre lhe davam pela manhã. Estava findo o seu momento de folga. Escalando a grade do fundo do jardim, tomou a direção do norte e chegou a uma depressão solitária que existia na parte plana da colina e onde se havia semeado trigo.

Era ali que trabalhava para Troutham.

À sua volta, a massa escura do campo subia reta para o céu e se perdia na névoa que escondia os seus bordos, reforçando assim a impressão de solidão. As únicas coisas que rompiam a monotonia da paisagem eram uma meda da colheita passada que se erguia nas terras aradas, as gralhas que levantavam voo à sua aproximação e o caminho que vinha da aldeia. Por esse caminho, muitos dos membros da sua família haviam transitado, mas as pessoas que agora o trilhavam, Judas mal as conhecia.

— Como isso aqui é feio! — murmurou ele.

Os sulcos ainda frescos pareciam as raias de uma peça de belbutina nova e davam à vasta extensão do campo um aspecto mes-quinhamente utilitário. Estavam desaparecidos, agora, todos os acidentes do terreno. Nem mais o menor vestígio de história, a não ser o dos últimos meses. No entanto, a cada torrão de terra, a cada pedra, associavam-se inúmeras recordações — ecos de cantigas ouvidas durante as colheitas passadas, palavras ditas, fatos e gestos afortunados. Em cada polegada de terreno, quantas manifestações de energia ou de alegria, quantos jogos brutais, quantas brigas não haviam tido lugar? Em cada metro quadrado, grupos de respigadores se haviam encurvado sob o sol. Os casamentos de amor que tinham povoado a aldeola vizinha, era ali que haviam sido ajustados, entre a última foçada e a recolha do trigo. Sob a cerca que separava o campo de uma distante plantação, moças se haviam entregue a apaixonados que, na colheita seguinte, nem mesmo tinham voltado a cabeça para olhá-las. No trigal, mais de um homem havia feito juras de amor a uma mulher: na primavera seguinte, depois do casamento, a voz dessa mesma mulher como não o tinha feito estremecer pelo seu tom acre e autoritário! Mas, com tudo isso não se preocupavam nem Judas nem as gralhas que o rodeavam. Viam apenas um terreno vazio que, aos olhos do primeiro, possuía a qualidade de ser um bom campo de trabalho e, aos das segundas, o de ser um bom celeiro de provisões.

O menino estava na meda de que falamos e, de dois em dois ou de três em três segundos usava a sua matraca. A cada golpe, as gralhas cessavam de bicar o trigo e alçavam voo lentamente, sacudindo as asas lustrosas como cotas de malhas. Depois, davam voltas em torno dele, olhando-o com cautela, para pousar

a uma respeitosa distância e recomeçar a refeição.

Judas sacudiu a matraca até seu braço doer e, por fim, acabou sentindo no coração uma grande simpatia pelos desejos contrariados dos pássaros. Parecia-lhe que, tal como ele, as gralhas viviam num mundo hostil. Por que assustá-las? Cada vez mais assumiam aos seus olhos a aparência de amigos, de protegidos — os únicos amigos aos quais parecia inspirar um pouco de interesse, pois sua tia frequentemente lhe havia dito que, a ela, ele não inspirava nenhum. Assim, parou com o barulho e os pássaros voltaram ao solo.

“Queridos passarinhos” — disse Judas alto — “vocês hoje terão um jantar, assim o quero eu. Aqui há bastante alimento para nós todos. O fazendeiro Troutham pode bem suportar que eu dê um pouco a vocês. Comam, pois, queridos passarinhos, e fartem-se!”

Quais pequenas manchas negras sobre a terra cinzenta, as gralhas realmente comiam e Judas se alegrava com o apetite que demonstravam. Um mágico fio de camaradagem unia-as a ele; suas vidas tristes e desprezíveis assemelhavam-se muito à dele.

Judas acabou por jogar longe a matraca como um objeto vil e abjeto, ofensivo para os pássaros e para ele próprio, posto que era amigo deles. De súbito, porém, sentiu um violento puxão na sua calça, seguido de um forte barulho que anunciou aos seus sentidos estupefatos que a matraca se tornara o instrumento de agressão usado. Pássaros e Judas estremeceram ao mesmo tempo, e os olhos esgazeados deste último reconheceram o fazendeiro, o grande Troutham ele próprio, de faces avermelhadas luzindo diante dele e brandindo a matraca.

— Com efeito! Realmente!: “Comam, meus queridos passarinhos!”. Espera um pouco, vou esquentar o fundo das suas calças e vamos ver se você ainda diz “Comam, meus queridos passarinhos!”.

E você ficou vagabundando em casa do professor, em vez de vir para cá, não foi? É assim que você ganha dinheiro espantando as gralhas?

Ao mesmo tempo que debitava essa retórica apaixonada às orelhas de Judas, Troutham segurara a sua mão esquerda e, fazendo girar sobre si mesmo o pequeno corpo débil, dava-lhe palmadas com a parte chata da matraca. E em pouco ecoavam no campo os gritos do menino:

— Não faça, não faça por favor! — gritava ele, tão impotente diante dessa impulsão centrífuga impressa ao seu corpo quanto um peixe suspenso num anzol e balançado na extremidade da linha. Da posição em que estava, avistava a colina, a meda, o campo, o caminho e as gralhas volteando por sobre ele num terrificante voo circular — Eu... eu... eu pensei somente... havia tantos grãos no campo... vi quando os semearam... que as gralhas podiam comer alguns... sem que isso prejudicasse o senhor... e o professor Phillotson me recomendou que fosse bom para os pássaros... Ai! Ai! Ai!

Esta explicação verídica pareceu exasperar o fazendeiro ainda mais do que se Judas houvesse negado tudo com energia. Continuava a bater e a rodar o menino no ar. O barulhos da matraca se propagavam através do campo até os ouvidos dos camponeses dis-tanciados, de modo que estes deduziram que Judas trabalhava com grande ardor. Chegava mesmo, através da névoa, até a torre da igreja, recém-construída e para cuja edificação o fazendeiro contribuía, querendo assim testemunhar o seu amor por Deus e pelo próximo.

Por fim, Troutham se cansou de bater, colocou o menino no chão e deu-lhe o salário do dia, dizendo-lhe que fosse para casa e nunca mais se deixasse ver em qualquer uma de suas propriedades.

Judas tratou de se pôr fora do alcance de seus braços e tomou o caminho de casa chorando — não de dor, embora estivesse sentindo muito as pancadas, nem tampouco por ter descoberto uma brecha no sistema do universo: o que era bom para os pássaros de Deus era mal para o seu jardineiro — mas pelo fato terrível de se sentir desonrado antes de ter habitado a aldeia por um ano e de se ter tornado um fardo, para a vida inteira, lançado sobre os ombros da tia.

Com esse peso na cabeça, naturalmente não pensava em aparecer na aldeia e tomou um longo desvio, seguindo uma cerca elevada, através de um pasto. O caminho estava semeado de minhocas enlaçadas, como era habitual naquela época do ano. Era impossível avançar normalmente sem esmagá-las a cada instante.

Embora o fazendeiro Troutham tivesse acabado de magoá-lo bastante, Judas era um menino incapaz de ferir a quem quer que fosse.

Jamais trouxera para casa um ninho de passarinhos sem que o remorso o tivesse mantido acordado parte da noite seguinte e frequentemente os recolocara no lugar, na manhã subsequente. Não podia mesmo suportar que se desbastassem árvores, pela suposição de que isso as fizesse sofrer. E o espetáculo da poda tardia, quando a seiva subia e começava a transbordar, constituía um verdadeiro sofrimento para a sua infância. Essa possível fraqueza de caráter indicava nele uma dessas espécies de homens que nasceram para suportar grandes sofrimentos até que a queda da cortina, ao fim de suas inúteis vidas, lhes restituía a paz perdida. E por isso é que ele andava cuidadosamente nas pontas dos pés por entre as minhocas, sem esmagar nenhuma delas.

Ao entrar na choupana, encontrou sua tia vendendo dois pãezinhos a uma menina. Quando esta saiu, ela perguntou:

— Bem, por que voltou você assim para junto de mim, no meio da manhã?

— Fui despedido.

— Como?!

— O senhor Troutham me despediu porque deixei as gralhas comerem alguns grãos de trigo. E eis aqui o meu salário — o último que jamais receberei.

E, com ar trágico, atirou o dinheiro em cima da mesa.

— Ah! — disse a velha Fawley, com a respiração cortada. E, em seguida, iniciou um sermão, declarando que não o iria suportar, durante toda a primavera, sem ele estar fazendo nada. — Se você não consegue nem mesmo espantar pássaros, para que serve você? E agora não me venha com essa cara! Afinal de contas, o fazendeiro Troutham não vale mais do que eu. De qualquer modo, é como Job disse: “Agora, os mais jovens que eu zombam de mim, mas eu não teria permitido a seus pais tocarem sequer nos cães do meu rebanho”. O pai de Troutham era empregado do meu e fui louca em deixar que você trabalhasse para ele. O que eu queria, unicamente, era evitar que você fizesse tolices.

Mais zangada pelo fato de Judas a ter diminuído diante dos outros do que propriamente pela falta cometida, ela o censurou primeiro sob aquele ângulo e só depois abordou a falta moral:

— Não que você devesse deixar as gralhas comerem o trigo do fazendeiro Troutham! Certamente você errou nisso; Judas, Judas, por que você não foi com o seu professor para Christminster ou para qualquer outra parte? Mas não, pobre desgraçado, ninguém nunca fez, nem nunca fará, nada de bom na tua família!

— Onde fica essa cidade tão bonita, esse lugar para onde o senhor Phillotson foi? — perguntou o menino, depois de ter refletido em silêncio.

— Meu Deus, você devia saber onde Christminster fica! A umas vinte milhas daqui. Mas, fique certo de que é um lugar bom demais para que lá você possa fazer alguma coisa.

— E o professor Phillotson ficará lá sempre?

— Como é que eu posso saber?

— Não poderei ir vê-lo?

— Meu Deus, não! Vê-se bem que você não é daqui. Senão, jamais pediria uma coisa dessas. Nunca tivemos nada a ver com o pessoal de Christminster, nem eles nada conosco.

Judas saiu e, sentindo mais do que nunca a inutilidade da sua vida, deitou-se de costas num monte de palha junto ao chiqueiro. A névoa se espessara e deixava perceber, através dela, a forma do sol. O

menino abaixou sobre os olhos o chapéu de palha e, olhando pelos interstícios a claridade esbranquiçada, começou a refletir. Considerou que a idade trazia responsabilidades. Os acontecimentos não su-cediam exatamente como ele imaginava. A lógica da natureza era, para ele, por demais horrível para que se preocupasse com ela.

Essa ideia de que aquilo que é compaixão em relação a certas criaturas se torna crueldade em relação a outras, essa ideia destruía nele qualquer sentimento de harmonia. Percebia que, ao crescer, as pessoas se sentiam no centro da vida e não mais sobre um ponto da circunferência, como quando eram pequenas. E isso o fazia estremecer. À sua volta, parecia-lhe que existiam coisas brilhantes, pomposas, ensurdecedoras. E esses resplendores e esses barulhos atingiam a

pequena célula que se chama a vida, sacudiam-na, queimavam-na.

Ao menos, se pudessem se impedir de crescer! Não queria ser um homem.

Por fim, como um menino que era, esqueceu a sua melancolia e, de um salto, pôs-se de pé. Durante o resto da manhã, ajudou sua tia e, à tarde, não tendo mais nada para fazer, foi à aldeia. Lá, perguntou a um homem de que lado ficava Christminster.

— Christminster? Ora, fica para lá, mas eu, por mim, nunca lá estive. Nunca tive nada que fazer em lugares desta espécie.

O homem indicava o nordeste, na direção mesmo em que ficava o campo no qual Judas tinha ficado desacreditado. De início, a coincidência lhe pareceu desagradável, mas o caráter terrificante dessa constatação só fez aumentar a sua curiosidade pela cidade. O fazendeiro dissera que não tornasse a se deixar ver naquele campo. Contudo, era por ali o caminho de Christminster e era uma via pública.

Assim, deixando furtivamente a aldeia, Judas passou pelo mesmo lugar que fora testemunho do seu castigo, não se afastando nem uma polegada do caminho. Depois, do outro lado do campo, subiu a encosta íngreme e atingiu, perto de um grupo de árvores, a estrada principal. Ali acabavam as terras aradas. E, diante dele, estendia-se a planície nua, exposta a todos os ventos.

### III

NEM UMA única alma nesse caminho principal, despido de qualquer cerca de um lado e de outro: a estrada branca parecia subir e se es-treitar até atingir o céu. No topo, um caminho cheio de erva cruzava-a em ângulo reto. Era a antiga via romana que atravessava o dis-trito. Esta velha trilha corria de leste para oeste, durante milhas e milhas, e tanto quanto a memória humana se recordava, havia servido para a condução dos rebanhos ao mercado. Agora, porém, estava abandonada e a erva do mato a invadira.

Nunca o menino se aventurara tão longe da pequena aldeia acolhedora onde, alguns meses antes, o depositara, numa noite sombria, o correio de uma estação vizinha. Até o presente momento, não suspeitara da existência daquela imensa planície, vazia e nua, tão perto da sua região, cheia de elevações. Um grande semicírculo se estendia diante dele, entre o leste e o oeste, numa vasta extensão de quarenta a cinquenta milhas. Lá devia se encontrar, evidentemente, uma atmosfera bem mais azul e úmida do que a que respirava.

Não muito longe da estrada, encontrava-se um celeiro de tijolos e telhas vermelho-escuras, exposto à inclemência dos ventos. A gente do lugar o chamava: a Casa Escura. Judas ia passar por ela, quando avistou uma escada encostada à parede. A ideia de que, quanto mais alto estivesse, mais longe veria, fez com que parasse e ficasse olhando a escada. No teto do celeiro, dois homens consentavam as telhas.

O menino tomou um atalho e se aproximou do celeiro.

Depois de ter olhado com inveja os homens por algum tempo, tomou coragem e subiu a escada até se aproximar deles.

— Vamos, menino, que é que você quer aqui?

— Eu queria saber onde é a cidade de Christminster, por favor.

— Christminster fica lá embaixo, perto daquele grupo de árvores. Você a pode ver daqui — ou, pelo menos, num dia claro. Mas, não, agora é impossível.

O outro telhador, radiante com aquela diversão na monotonia do trabalho, também se virara para olhar na direção indicada:

— Com um tempo desses, você não verá nada — disse ele. — Somente quando o sol descia numa auréola de chamas foi que vi a cidade. E então ela se assemelhava a... não sei bem o que...

— A uma Jerusalém celeste — sugeriu o menino num tom sério.

— Sim. Mas, eu nunca teria pensado nisso sozinho... Hoje, po-rém, não vejo nada de Christminster.

Judas esbugalhou os olhos também, igualmente sem nada conseguir ver da longínqua cidade. Desceu da escada e, renunciando a Christminster com a versatilidade da sua idade, prosseguiu pelo caminho, procurando o que poderia encontrar de interessante.

Quando tornou a passar pelo celeiro, na sua volta para Mary green, observou

que a escada continuava no mesmo lugar, mas que os homens, tendo terminado o trabalho, haviam partido.

O dia declinava. Ainda havia névoa, porém clareava um pouco, exceto nas regiões mais úmidas da vizinhança e ao longo dos córregos. Judas pensou de novo em Christminster e desejou, já que se afastara duas ou três milhas da casa da tia com essa intenção, ter visto logo de uma vez a tão atrativa cidade de que lhe haviam falado.

Contudo, mesmo que esperasse ali, era pouco provável que a atmosfera clareasse antes da queda da noite. Mas não conseguia se decidir a deixar aquele lugar, pois, bastava que se afastasse algumas centenas de metros para que toda a planície ficasse fora do alcance de sua vista.

Tornou a subir na escada para lançar um olhar sobre o luar que os homens haviam designado e empoleirou-se no último degrau, inclinado sobre as telhas. Provavelmente, não poderia voltar àquela altura por vários dias. Talvez, se rezasse, o seu desejo de ver Christminster viesse a ser satisfeito. Ouvira dizer que, algumas vezes, as orações eram atendidas, mas que, certas vezes também, não o eram. Lera numa pequena brochura que um homem que começara a construir uma igreja e se vira sem dinheiro para terminá-la, se ajoelhou para rezar e, pelo correio seguinte, chegara o dinheiro. Um outro, em circunstâncias idênticas, fora menos feliz, mas logo descobrira que as calças que usava, quando se ajoelhou, haviam sido feitas por um judeu malvado. Nada disso era desacorçoador. Portanto, valendo-se da escada, ajoelhou-se no terceiro degrau e, apoiando-se nos degraus superiores, rezou para que a névoa se dissipasse.

Em seguida, sentou-se de novo e esperou. Ao fim de mais ou menos dez ou quinze minutos, a névoa se espessou no horizonte, a leste, do mesmo modo como já havia acontecido por toda parte. Aproximadamente um quarto de hora antes do pôr do sol, as nuvens se afastaram a oeste, deixando ver o sol cujos raios fulgiram entre duas nuvens cor de ardósia. Judas olhou imediatamente na direção de Christminster.

Lá no fim da extensão dos campos, alguns pontos luminosos res-plandeciam como topázios. A transparência do ar aumentava a cada instantes e logo os topázios se transformaram em cataventos, janelas, tetos, pontos brilhantes nas torres, cúpulas, casas de pedra e outras silhuetas que vagamente se adivinhavam. Sem nenhuma dúvi-da, era Christminster — a cidade ela própria, ou uma miragem refletida naquela estranha atmosfera.

O nosso espectador ficou mergulhado nessa contemplação até que as janelas e os cataventos deixaram de brilhar, extinguindo-se quase que de súbito, como velas que tivessem sido apagadas. A vaga aparição se envolveu em bruma. Voltando-se para o oeste, o menino percebeu que o sol caíra. Os primeiros planos da paisagem haviam se tornado de uma obscuridade fúnebre e os objetos próximos assumiam tons e formas quiméricas.



Judas desceu da escada cheio de ansiedade e tomou o caminho de casa correndo, esforçando-se para não pensar em gigantes, em Hermes, o caçador, em Apollyon estendido no chão à espera de 31

Christiano, ou no capitão de frente ensanguentada, rodeado de cadáveres que, todas as noites, se amotinam a bordo do navio enfeitado.

Sabia bem que já tinha deixado de acreditar em todos aqueles horrores e, no entanto, sentiu-se aliviado quando avistou a torre da igreja e as luzes nas janelas das choupanas, muito embora não se tratasse da sua terra natal nem sua tia se importasse muito com ele.

Foi ao redor dessa “loja” da velha Vawley, por detrás daqueles vinte e quatro quadrados de vidro cercados de chumbo (alguns deles tão oxidados pelo tempo que se podia apenas distinguir, no interior, os artigos de qualidade muito ordinária e tão numerosos que um homem de certa força bastaria para carregá-los) que Judas viveu a sua vida interior durante um longo e monótono espaço de tempo.

Mas seus sonhos eram tão gigantescos quanto era pequeno aquilo que o rodeava.

Atrás da sólida barreira de colinas que o separava do norte, parecia ver sempre uma cidade maravilhosa — aquela da qual fazia, em espírito, uma nova Jerusalém. Contudo, ao contrário do autor do Apocalipse, sua imaginação era mais a de um pintor que a de um mercador de diamantes. E a cidade se tornou uma coisa tan-gível, permanente, influente na sua vida, principalmente por-que lá morava o homem cuja ciência e cujos projetos tanto respeito lhe ins-piravam. E também porque lá vivia rodeado pelos mais brilhantes e profundos pensadores.

Nas estações tristes e úmidas, devia também chover em Christminster. Mas dificilmente Judas podia acreditar que chovesse tão lugubrememente como ali em Marygreen. Sempre que podia se afastar da aldeia por uma hora ou duas, o que não acontecia muito frequentemente, corria para a Casa Escura e lá escancarava os olhos re-nitentemente. Algumas vezes com a recompensa da vista de uma cúpula ou de um campanário, outras com a de uma leve fumaça que tinha, aos seus olhos, o valor místico do incenso.

E, enfim, um dia chegou em que lhe veio subitamente a ideia de que, se subisse ao seu posto de observação depois da caída da noite ou, possivelmente, se fosse uma ou duas milhas mais adiante, veria as luzes noturnas da cidade. Teria de voltar só, mas essa consideração não o deteve, pois por certo era capaz de mostrar uma atitude viril.

Este projeto foi devidamente executado. Ainda não era tarde quando chegou ao seu posto, exatamente depois do crepúsculo. Mas o céu, muito negro na direção do nordeste, de onde soprava um vento frio, dava ao todo um aspecto suficientemente escuro. Foi recom-pensado, mas não viu, como esperava, lâmpadas em fila. Não se distinguia nenhuma luz individual, apenas um halo, uma névoa luminosa, uma abóboda clara num céu sombrio, e a cidade só

parecia distar dali mais ou menos uma milha.

Judas se perguntava em que ponto exato dessa luminosidade poderia estar o professor — ele que não tinha mais comunicação com ninguém em Marygreen, ele que era agora como um morto para eles todos. Parecia-lhe estar vendo Phillotson passear à vontade pela névoa luminosa como uma sombra na fonalha de Nabucodonosor.

Aprendera que o vento caminha com uma velocidade de dez milhas por hora e isso lhe veio então ao espírito. Entreabriu os lábios, voltando-se para o nordeste e aspirou a brisa como se fosse um esplêndido licor.

“Você” — dizia ele se dirigindo à brisa em tom acariciante — “você esteve na cidade de Christminster há uma hora ou duas, você correu pelas ruas fazendo girar as ventoinhas, tocando a face do professor Phillotson, você foi respirada por ele e, agora, está aqui, respirada por mim — e você é absolutamente a mesma.”

De súbito alguma coisa chegou até ele, trazida pelo vento — uma mensagem da cidade, de alguma das almas que lá deviam residir.

Seguramente era a voz dos sinos — a voz da cidade, fraca e musical, que lhe gritava: “Aqui, nós somos felizes!”.

Judas perdera completamente o sentido da realidade durante essa espécie de êxtase e só voltou a si graças a uma brusca chamada.

Alguns metros abaixo do alto da colina onde parara, apareceu uma parelha de cavalos atrelados. Os animais haviam subido durante uma meia hora, por uma série de caminhos que serpenteavam, desde a base da imensa declividade. Puxavam um carregamento de carvão — combustível que só por aquele único caminho podia chegar àquelas paragens. Ao lado deles, caminhava o carreiro, um outro homem e um menino que estava agora empurrando com o pé uma pedra enorme para calçar as rodas, de modo a permitir aos animais estafados um longo repouso. Enquanto isso, os homens tiraram do carro uma garrafa e começaram a beber.

Eram homens de idade, com vozes sonoras. Judas se dirigiu a eles, indagando se vinham de Christminster.

— Com uma carga dessas, Deus nos livre disso! — disseram eles.

— A cidade de que falo é aquela que se avista lá embaixo.

Judas estava se tornando tão romanticamente enamorado de Christminster que, tal como um jovem apaixonado que alude à sua amada, se sentiu envergonhado ao mencionar mais uma vez o seu nome. Indicou a luminosidade no céu — apenas visível para os olhos deles mais idosos.

— Sim. Parece bem que há um ponto mais brilhante nessa direção. Mas, por mim mesmo, não o teria notado. Certamente deve ser Christminster.

Nesse momento, um pequeno livro de contos que Judas trouxera consigo, debaixo do braço, para ler pelo caminho, antes do entardecer, escorregou e caiu

no chão. O carreiro observou o menino enquanto o apanhava e endireitava as páginas amassadas.

— Ah, meu menino, será preciso virarem a sua cabeça de trás para diante, antes que você possa ler os livros que eles leem lá.

— Por quê? — indagou Judas.

— Ora, porque não leem nunca nada do que as pessoas como o nós podem compreender — continuou o carreiro para encher o tempo. —

Unicamente línguas estrangeiras de antes do Dilúvio, quando não havia duas famílias que falassem a mesma. E leem esse gênero de coisas com a mesma rapidez com que voa um corvo noturno. Lá tudo é ciência — e nada a não ser ciência, com exceção da religião. E também esta é uma ciência, pois não pude nunca compreender nada a respeito dela. Sim, seguramente é uma cidade austera. Não que não se encontrem mulheres nas ruas, à noite... Por certo você não ignora que lá eles educam pastores do mesmo modo como se criam rabanetes numa horta, não? E ainda que se consumam — quantos anos, Bob? — cinco anos para transformar um pesadão e gaguejante campônio num solene pregador, sem pecados nem paixões, eles o conseguem, quando é possível conseguir. Eles são bem polidos, como bons operários que são, e mandam-no de volta com o rosto comprido, vestido com um grande casaco e um colete pretos, chapéu e colarinho de padres, exatamente como era de costume usar no tempo das Escrituras. Assim vestidos, nem sempre suas mães os reconheceriam. Mas esse é o ofício deles, e cada um tem o seu.

— Mas, como é que o senhor sabe disso?

— Vamos, não me interrompa, menino! Nunca interrompa um mais velho.

— Bob, empurra o cavalo da frente, alguém está chegando. — Lembre-se que estou falando da vida nos colégios. Vivem num nível superior, não há como negar, ainda que, pessoalmente, não faça muito caso disso. Do mesmo modo como nós aqui estamos num terreno elevado, assim está o espírito deles lá — espíritos sem dúvida muito elevados — alguns deles — capazes de ganhar fortunas, só pensando alto. E outros são sujeitos fortes e moços que podem ganhar quase tanto quanto o produto da venda das taças de prata que recebem como prêmio. E quanto à música, há linda música, e por toda parte, em Christminster. Você pode ser religioso ou não, mas o que não pode é deixar de juntar sua voz à deles. E há uma rua lá — a rua principal — que não tem igual em nenhuma parte do mundo. Como você vê, sei bastante coisas sobre Christminster!

Enquanto isso, os cavalos haviam descansado e puxavam de novo seus arreios. Lançando um último olhar de admiração para o halo longínquo, Judas se pôs a caminhar ao lado daquele amigo tão conhecedor do assunto que não fez nenhuma objeção, enquanto andavam, em informá-lo sobre a cidade, suas torres, colégios e igrejas. O carro virou num atalho. Então Judas agradeceu

calorosamente ao carreiro suas palavras, dizendo-lhe que desejava apenas poder falar de Christminster com metade do acerto com que ele falara.

— Na verdade, foi somente o que me contaram — respondeu modestamente o carreiro. — Nunca estive lá, exatamente como você.

Mas, aqui e ali, ouvi muitas coisas e fico muito contente que você se aproveite delas. Quando se gira pelo mundo como eu, a gente se mistura com todas as classes e aprende-se muito. Um amigo meu limpava sapatos no hotel Crozier, em Christminster. Pois bem, conheci-o na sua velhice tão bem quanto meu próprio irmão.

Judas seguiu sozinho, tão profundamente absorto na sua reflexão que esqueceu de sentir medo. Sentia-se subitamente mais velho. De todo o seu coração aspirava encontrar alguma coisa na qual pudesse se apoiar, se agarrar — alguma coisa que pudesse considerar admirável.

Encontrá-lo-ia nessa cidade, se lá conseguisse chegar? Poderia então, sem o temor dos fazendeiros, sem obstáculos, sem ridículos, observar, esperar, e depois se lançar nalguma grande empresa, como os homens de outrora de que ouvira falar? Tal como o halo luminoso que contemplara uma hora antes, agora a cidade resplandecia no seu espírito, enquanto caminhava pela estrada escura.

“É uma cidade de luz” — dizia ele a si próprio.

“Lá a árvore da ciência cresce” — acrescentou, passos adiante.

“É de lá que vêm os que dirigem os homens e é para lá que eles vão.”

“É o que se poderia chamar um castelo forte guardado pela ciência e pela religião.”

Depois dessa imagem, Judas ficou um momento silencioso e, por fim, acrescentou:

“É justamente o que me convém”.

## IV

CAMINHANDO lentamente, por estar com o pensamento absorto, o menino — por certos aspectos do espírito já tão velho, por outros tão mais moço do que a sua idade real — foi alcançado por um indivíduo que caminhava a passos largos. Apesar da obscuridade, percebeu que usava um chapéu extraordinariamente alto, um casaco terminado em rabo de andorinha e uma corrente de relógio que dançava loucamente e lançava cintilações que refletiam os últimos brilhos do céu sempre que o seu possuidor avançava as pernas magras e as botas silenciosas. Judas, que começava a se sentir só, esforçou-se por se manter a seu lado.

— Olhe aqui, menino, estou com muita pressa e, se você quiser andar a meu lado, terá de aumentar o passo. Sabe você quem eu sou?

— Creio que sim. O doutor Vilbert, não?

— Ah, pelo que vejo, sou conhecido por toda parte! Eis o que vale ser um benfeitor da humanidade!

Vilbert era um charlatão ambulante, muito conhecido pela população rústica, porém perfeitamente ignorado pelo resto do universo — como ele, aliás, se esforçava por ser, de modo a evitar investiga-

ções incômodas. Os camponeses eram os seus únicos clientes, e sua reputação, ainda que se estendesse por todo o Wessex, não ia além.

Sua situação era mais humilde, seu campo de ação mais obscuro do que o dos charlatães que possuem um capital e sistema de propaganda bem organizado. Na verdade, era uma sobrevivência de uma espécie já desaparecida. As distâncias que percorria a pé eram formidáveis, abrangendo quase toda a superfície do Wessex. Certa vez, Judas o viu vender a uma velha camponesa uma lata de toucinho colorido como remédio para a sua perna doente. A mulher devia lhe pagar uma guinéu, à razão de um xelim quinzenal, por esse precioso unguento que, no dizer de Vilbert, era tirado de um determinado animal que pastava no monte Sinai e não podia ser capturado sem que o seu caçador corresse perigo de vida. Ainda que já nutrisse dúvidas sobre a ciência médica do personagem, Judas raciocinou que, já tendo ele, sem dúvida, viajado muito, podia ser uma fonte de informações digna de confiança em tudo o que não fosse a sua especialidade.

— Creio que o senhor já esteve em Christminster, não, doutor?

— Sim, muitas vezes — respondeu o homem. — É um dos meus centros de atividade.

— É uma cidade admirável para a ciência e para a religião.

— E como você diria isso, meu menino, se você a tivesse visto!

Imagine que os filhos da velha que lava a roupa branca do colégio podem falar em latim — não em latim correto, isso o meu espírito crítico é obrigado a confessar —, mas em latim baixo, vulgar, como dizíamos quando eu era estudante.

— E grego?

— Bem, isso é mais com os que se destinam a ser bispos e querem ler o Novo Testamento no original.

— Também quero aprender latim e grego.

— Um nobre desejo, esse seu. Você precisa de uma gramática de cada uma dessas línguas.

— Espero um dia ir para Christminster.

— Quando você lá for, diga que o doutor Vilbert é o único de-tentor das famosas pilulas que curam infalivelmente todas as doenças do sistema digestivo, tão bem quanto a asma e o enfisema. Dois ou três pences a lata — com autorização especial e selo do governo.

— Poderá o senhor me arranjar as gramáticas, se eu lhe prometer falar nas suas pilulas aqui na aldeia?

— Vendo-lhe as minhas com prazer — as que usei como estudante.

— Ó, muito obrigado! — exclamou Judas num tom reconhecido, porém um pouco ofegante, pois o médico caminhava com uma tal rapidez que era obrigado a segui-lo quase correndo, o que ocasiona-va uma dor no lado esquerdo do seu corpo.

— Acho, menino, que você faria melhor ficando para trás. E agora vou lhe dizer o que pretendo fazer: procurarei as gramáticas e lhe darei uma primeira lição, se você não se esquecer de ir, por todas as casas da aldeia, anunciar o unguento do doutor Vilbert, as suas pilulas de vida e os seus elixires para mulheres.

— Onde o encontrarei, com as gramáticas?

— Passarei por aqui mesmo, daqui a quinze dias, exatamente a esta hora: sete e vinte e cinco. Meus movimentos são tão bem regulados quanto o dos planetas.

— E o esperarei aqui — disse Judas.

— Com encomendas de medicamentos?

— Sim, doutor.

Judas ficou para trás, esperou um momento até recobrar fôlego e entrou em casa com a consciência de ter dado um grande passo em direção a Christminster.

Durante os quinze dias que se seguiram, Judas ia e vinha, sorrindo aos seus personagens como se fossem personagens que se avançassem até ele e lhe sorrissem. Sorria como essa irradiação de beleza toda especial que ilumina os rostos moços no instante de parturição de uma ideia gloriosa, como se uma lâmpada sobrenatural fosse perceptível através suas naturezas transparentes. E, então, pode-se nutrir a agradável fantasia de que o céu está ali, bem perto deles.

Judas cumpriu honestamente a promessa feita ao charlatão, no qual, agora, sinceramente acreditava, percorrendo quilômetros e quilômetros, em todas as direções, para fazer a propaganda dos medicamentos nas aldeias da circunvizinhança. Na noite combinada, ficou parado no alto da colina, no lugar onde se separara de Vilbert, e lá esperou pela sua chegada. O médico ambulante

foi mais ou menos pontual. Apenas, e com grande surpresa sua quando conseguiu regular o seu passo pelo dele (pois o andarilho não diminuiu em nada a sua velocidade), verificou que o charlatão não parecia reconhecê-lo, muito embora as noites estivessem bem mais claras do que quinze dias antes. Cuidou que isso talvez proviesse do fato de ele estar com um outro chapéu e deu boas-vindas ao doutor com dignidade.

— O que é que há, meu menino? — disse o médico com ar ausente.

— Eu vim — respondeu Judas.

— Você? Quem é você? Ah, sim, perfeitamente! Você conseguiu encomendas?

— Sim.

E Judas lhe deu nomes e endereços de camponeses que estavam dispostos a experimentar os efeitos das pílulas célebres. O médico tomou nota mentalmente de tudo, e com o maior cuidado.

— E as gramáticas, a grega e a latina?

A voz de Judas tremia de ansiedade.

— Quais?

— O senhor me prometeu trazer as suas, nas quais aprendeu, quando era estudante.

— Ah, sim, sim! Esquecime completamente! Você sabe, meu menino, tantas vidas dependem de minha atenção que não posso dedicar às outras coisas todo o cuidado que desejaria.

Querendo ficar bem seguro da verdade do que ouvia, Judas se controlou durante bastante tempo. Depois, com uma voz profundamente desesperada, partiu:

— Então, o senhor não as trouxe?!

— Não. Mas, se você me conseguir novas encomendas, trarei da próxima vez.

Judas se deixou ficar para trás. Ele era um rapaz correto, honesto, porém o dom de penetração, que muitas vezes é concedido aos meninos, revelou-lhe de súbito que espécie de homem era aquele charlatão. Nenhuma luz intelectual podia provir daquela fonte. Da sua imaginária coroa de louros, as folhas começaram a cair. Judas se apoiou numa cancela e chorou amargamente.

Essa desilusão foi seguida de dias insípidos e vazios. Talvez tivesse podido fazer vir gramáticas de Alfredston, mas, para isso, teria sido necessário ter dinheiro. Além disso, não sabia que livros pedir.

E, ainda que nada lhe faltasse, do ponto de vista material, dependia em tudo da tia, não possuindo um real de seu.

Nessa época, o professor Phillotson mandou buscar o piano, e isso deu uma ideia a Judas. Por que não lhe escrever pedindo a fineza de mandar-lhe gramáticas de Christminster? Poderia introduzir no interior do instrumento uma

carta que certamente chegaria ao seu destinatário. E por que também não lhe pedir que mandasse quaisquer outros livros usados, os quais ainda teriam, a mais, o encanto de virem impregnados da atmosfera universitária?

Falar do projeto à tia seria fazê-lo fracassar. Era necessário agir só.

Depois de posteriores reflexões, decidiu-se a isso. E, no dia da partida do piano, que coincidiu ser o do seu aniversário, colocou às escondidas, dentro do caixote de embalagem, a carta para o seu tão admirado amigo.

O piano foi mandado, e Judas viveu, então, dias e semanas de espera, indo todas as manhãs ao correio da aldeia antes de a tia se levantar. Enfim, um embrulho lhe foi entregue a ele descobriu logo, pelo tato, que continha dois pequenos livros. Levou-o para um lugar solitário e, para abri-lo, sentou-se num olmo derrubado.

Desde o seu primeiro êxtase ou visão de Christminster, vinha se perguntando, com grande curiosidade, qual a espécie de processo pela qual se transmutavam as expressões de uma língua nas de outra. Concluíra que a gramática dessa língua devia, antes de mais nada, conter uma regra, uma prescrição, uma espécie de chave representada por uma cifra secreta, que, uma vez conhecida, permitiria mudar todas as palavras da sua própria língua nas palavras da língua estrangeira. Na verdade, essa ideia infantil consistia em levar ao seu extremo a precisão matemática conhecida sob o nome de Lei de Grimm — alargar as regras grosseiras até uma perfeição ideal. Assim, acreditava que as palavras da língua visada podiam sempre ser encontradas em estado latente nas palavras da língua dada. Bastava, para isso, possuir a arte de descobri-las, e essa arte devia ser adquirida graças aos livros acima indicados.

Eis por que quando, depois de ter verificado que o pacote trazia o carimbo do correio de Christminster, cortou o barbante, abriu os volumes e examinou a gramática latina, que aconteceu estar em cima da outra, mal pôde acreditar no que viu.

O livro era velho, datando de uns trinta anos antes, sujo, riscado de todos os modos, contendo nomes estranhos e datas velhas de vinte anos. Mas não era isso que provocava a estupefação de Judas. Era, sim, que aprendia pela primeira vez que não existia lei de transmutação, como supusera na sua inocência (na verdade, até um certo ponto, existe uma, mas disso não se apercebera o gramático), mas que cada palavra, tanto em latim como em grego, devia ser individualmente guardada na memória a preço de anos de esforço.

Judas atirou os livros no chão, estendeu-se sobre o tronco da árvore e sentiu-se terrivelmente infeliz durante um quarto de hora.

De acordo com o velho hábito, puxou o chapéu sobre os olhos e observou o sol que insidiosamente passava por entre os interstícios da palha. Assim, era aquilo, aquela grande desilusão — o latim e o grego! O encantamento que esperava encontrar não passava, na verdade, de um trabalho comparável ao do



povo de Israel no Egito.

Que cérebros deviam ser os de Christminster e os das grandes escolas, pensava Judas, para conseguir aprender, uma após outra, dezenas de milhões de palavras! O seu cérebro era incapaz de tão grande esforço. E, enquanto os raios luminosos continuavam a se infiltrar através do chapéu, desejou nunca ter visto um livro, nunca mais ver nenhum, e nunca ter vindo ao mundo.

Alguém poderia ter passado por ali que lhe perguntasse a causa do seu desgosto, que o consolasse, dizendo-lhe que suas noções eram mais avançadas que as do gramático. Contudo, ninguém passou, porque ninguém passa nunca. E, ante a esmagadora constatação do seu gigantesco erro, persistia em desejar não fazer parte desse mundo.

DURANTE os três ou quatro anos que se seguiram, um veículo estranho e singular, conduzido de forma também estranha e singular, podia ser visto ao longo dos caminhos e atalhos que circundavam Mary green.

Um mês ou dois depois de ter recebido os livros, Judas já se havia conformado com a miserável peça que lhe tinham pregado as línguas mortas. Na verdade, esse desapontamento havia contribuído para realçar ainda mais, a seus olhos, a erudição de Christminster.

Aprender línguas mortas ou vivas, não obstante a resistência obstinada que por natureza ofereciam, era um trabalho de Hércules. E essa dificuldade pouco a pouco aumentou o seu interesse muito mais do que o teria feito a operação simplista que de início imaginara. O peso formidável e material sob o qual jaziam as ideias desses volumes poeirentos chamados “os clássicos” criou nele o ponto de honra de removê-lo, pedacinho por pedacinho, com sutilezas de camundongo.

Esforçara-se por tornar sua presença tolerável à velha Fawley, ajudando-a com o máximo da sua capacidade. E, em consequência, os negócios da pequena padaria haviam aumentado. Por oito libras comprara, num leilão, um cavalo que sacudia constantemente a cabeça e, por mais algumas libras, arranjava um carrinho provido de uma cobertura cinzenta. Era nesse veículo que ia, três vezes por semana, entregar pão aos camponeses e às cabanas isoladas disseminadas em torno de Mary green.

A singularidade a que nos referimos provinha, na verdade, menos do meio de transporte do que do modo de Judas conduzi-lo ao longo dos caminhos. Era no interior do carro que tinha lugar a sua educação, graças aos seus “estudos particulares”. Assim que o cavalo adquiriu o conhecimento do caminho e soube quais as casas diante das quais devia parar, o menino, sentado na direção, deixava as réde-as caírem sobre seu braço, fixara o volume que estava lendo graças a uma correia engenhosamente amarrada na cobertura, abria o dicionário sobre os seus joelhos e mergulhara nas passagens de César, Virgílio e Horácio. Procurava, Tateava, com um ardor no trabalho que teria feito vir lágrimas aos olhos de um pedagogo sensível. Às vezes, conseguia compreender o que lia, adivinhando mais o espírito do texto do que traduzindo-o verdadeiramente e chegando assim, muitas vezes, a encontrar coisas bem diferentes das que lhe queriam dizer.

Os únicos exemplares que conseguira encontrar eram os “bur-ros” Delphin que, não sendo mais usados, vendiam-se barato. Mas, aconteceu que estes livros, maus para alunos preguiçosos, se tornaram muito bons para ele. Quando trabalhava pelos caminhos, sozinho e tendo constantemente de parar, cobria conscienciosamente os textos explicativos, servindo-se deles apenas como pontos de referência, exatamente como se consultasse um camarada ou um professor que passassem ao seu alcance. Evidentemente, assim, tinha poucas

probabilidades de se tornar um erudito, mas, de qualquer modo, começava a entrar no caminho que desejava seguir.

Enquanto se absorvia na leitura dessas velhas páginas, já manuseadas por pessoas que, provavelmente, jaziam em suas tum-bas, enquanto procurava extrair o sentido desses pensamentos tão longínquos e, no entanto, tão próximos, o cavalo, velho e descarnado, prosseguia na sua marcha. E Judas era arrancado dos infortúnios de Dido pela parada do carro e pela voz de alguma velha que gritava: — “Dois pães hoje, padeiro, e eis aqui de volta um, de ontem, que estava duro”.

Frequentemente encontrava pelos caminhos pedestres que não via, e assim, pouco a pouco, toda a vizinhança começou a falar sobre aquele método de combinar trabalho e distração (assim consideravam as suas leituras) que, sem dúvida agradável para Judas, não deixava de oferecer perigo para os demais viajantes daquelas paragens.

Houve murmúrios. Em seguida, um habitante da aldeia fez ver ao guarda local que não se devia permitir ao padeiro ler, enquanto estivesse conduzindo. E insistiu que devia ser pego em flagrante e levado até o tribunal de Alfredston, onde devia ser multado por práticas perigosas no caminho principal da região. O guarda vigiou Judas e, um dia, aborrou-o, avisando-o.

Como Judas era obrigado a acordar às três horas da madrugada para esquentar o forno, amassar e cozer o pão que ia distribuir um pouco mais tarde, via-se forçado a se deitar logo que terminava o trabalho. Assim, se não pudesse ler os seus clássicos pelos caminhos, ser-lhe-ia quase impossível estudar. A única solução, portanto, era ficar de sobreaviso, tanto quanto possível, e fazer desaparecer os livros assim que avistasse alguém ao longe, principalmente o guarda.

Para fazer justiça a este último, diga-se que não se colocava no caminho de Judas, considerando que, naquela região deserta, o perigo só existia para o próprio condutor. E, frequentemente, avistando a coberta cinzenta, por cima das cercas, tomava outra direção.

Um dia, Judas — que tinha agora dezesseis anos e começava a avançar nos seus estudos —, depois de ter penado em cima do *Carmen Saeculare*, encontrou-se, ao voltar para casa, pelo lado mais elevado da colina, diante da “Casa Escura”. Teve a impressão de que a luz mudara e, por isso, ergueu os olhos. O sol estava muito baixo e, ao mesmo tempo, a lua cheia se levantava atrás do bosque, na direção oposta. Seu espírito estava tão impregnado pelo poema que, movido por uma emoção instintiva, semelhante à que o fizera em tempos idos se ajoelhar na escada, parou o cavalo, desceu do carro e, depois de ter lançado um golpe de vista circular para ter certeza de que não havia ninguém por perto, ajoelhou-se no chão com o livro aberto nas mãos. Voltou-se, primeiro para a deusa luminosa que parecia contemplar os seus atos com ar doce e crítico, depois para o lado

oposto, em direção ao astro brilhante em pleno ocaso, e começou:

*“Phoebe, silvarumque potens Diana!”*

O cavalo permanecia imóvel, enquanto ele terminava o hino e o repetia depois, levado por uma exaltação pagã, à qual jamais teria sonhado em se entregar sob a plena luz do sol.

Voltando para casa, ia pensando naquela curiosa superstição, inata ou adquirida, à qual obedecera, no estranho olvido que permitira, de sua parte, uma tal falta de bom senso e de saber viver. Sobretudo nele, que não sonhava senão em ser, primeiro um erudito, depois um padre cristão. Isso proviera do fato de não ler senão obras pagãs. E, quanto mais pensava, mais se convencia da sua inconseqüência. Assim, começou a se perguntar se os livros que estava lendo eram bem aqueles que devia ler para atingir o objetivo da sua vida. Certamente parecia haver pouca harmonia entre essa literatura pagã e os colégios de Christminster — esses romances eclesiásticos de pedra.

Finalmente, percebeu que, no seu excesso de amor pela leitura, deixara-se dominar por uma emoção culpada, em se tratando de um jovem cristão. Mergulhava em Homero, mas nunca trabalhara o Novo Testamento em grego, muito embora possuísse um exemplar comprado pelo correio num negociante de livros de segunda mão. Abandonou, pois, o grego irônico, com o qual já se tornara familiar, por um novo dialeto e, durante muito tempo, limitou-se à leitura dos Evangelhos e das Epístolas no texto de Griesbach. Além disso, tendo ido um dia a Alfredston, travou conhecimento com a literatura dos padres da igreja, achando num livreiro alguns volumes, lá deixados por um pastor da vizinhança em apuros de dinheiro.

Sob a influência dessas ideias novas, ia agora, aos domingos, visitar as igrejas da região e decifrar, nos túmulos, as inscrições latinas. Numa dessas peregrinações, encontrou uma velha corcunda, muito inteligente, que lia tudo o que caía nas mãos. Também ela lhe falou dos encantos da cidade da luz e da ciência. Mais firmemente do que nunca, resolveu ir para lá.

Mas, como viver em Christminster? No momento, não possuía renda alguma. Não tinha emprego, nenhuma ocupação digna ou estável com a qual pudesse prover à sua subsistência enquanto prosseguia naquele seu trabalho intelectual que ainda podia durar muitos anos.

Que coisas eram mais necessárias aos habitantes das cidades?

Alimentos, roupas e abrigo. Dessas três coisas indispensáveis, a primeira rendia pouco, a segunda não o tentava de modo algum. Mas, quanto à terceira, sentia-se inclinado por ela. Nas cidades, construía-se. Aprenderia, pois, a construir. Pensava no seu tio desconhecido, no pai de Suzana, que cinzelava objetos religiosos em metal. A arte da Idade Média, em qualquer material que fosse, eis uma profissão que lhe agradava. Seguindo os passos do tio e trabalhando algum tempo na morada das almas dos sábios, não podia estar muito

afastado do bom caminho.

De início, não podendo arranjar metal, obteve alguns pequenos blocos de pedra e, suspendendo momentaneamente seus estudos, con-sagrou os momentos de folga a copiar as cabeças e os capitéis da igreja da aldeia.

Em Alfredston, existia um canteiro de condição muito humilde. Assim que conseguiu descobrir alguém para substituí-lo na padaria de sua tia, Judas ofereceu seus serviços a esse homem, a troco de um salário irrisório. Pôde assim aprender os rudimentos da arte de talhar pedra. Um pouco mais tarde, procurou, no mesmo lugar, um arquiteto que construía igrejas e, sob sua orientação, tornou-se especialista na restauração das igrejas deterioradas das aldeias das circunvizinhanças.

Não esquecia que só aprendera essa profissão com o fim de se tornar capaz de realizar as grandes coisas para as quais se julgava talhado, mas, mesmo assim, interessava-se pelo seu trabalho. Tinha agora um quarto na cidade e, todo sábado à noite, voltava para Marygreen. E assim foi que atingiu e ultrapassou a idade de dezoito anos.

## VI

NESSE MEMORÁVEL período de sua vida, aconteceu que Judas regressava, num sábado, de Alfredston, por volta das três da tarde. Fazia um lindo tempo de verão, doce e calmo. E Judas trazia nos ombros o seu saco, onde as ferramentas batiam umas de encontro às outras. Sendo um sábado, largara o trabalho cedo e deixara a cidade por um caminho cheio de voltas que não era o de costume, de modo a poder realizar uma incumbência da tia num moinho da vizinhança.

Sentia-se cheio de entusiasmo. Previa que poderia viver confortavelmente em Christminster, daqui a um ou dois anos, e bater à porta de uma das fortalezas da ciência com as quais tanto sonhara.

Evidentemente, poderia ir desde já. Preferia, porém, entrar na cidade com um pouco mais de segurança quanto aos seus meios de existência. Enchia-o uma profunda satisfação, quando pensava no que já fizera. De quando em quando, ao caminhar, voltava-se para olhar a região ao redor. Mal a via, porém. Era apenas um golpe de vista instintivo, pois, na realidade, a única questão que o absorvia era a estimação dos progressos já conseguidos.

“Conseguí ler os clássicos antigos, principalmente em latim, como um estudante de força mediana.” E era verdade, tendo tanta facilidade nessa língua, que podia, sem maior dificuldade, encantar os seus passeios solitários com conversações imaginárias.

“Li dois livros de Homero, além de me sentir muito familiar com passagens tais como os discursos de Phoenix, no nono livro, a luta de Heitor e de Ajax no décimo quarto, a descrição de Aquiles desarmado e revestido com a sua couraça celeste, no décimo oitavo, e os jogos funerários, no vigésimo terceiro. Estudei, também, uma parte de Hesíodo, pequenos trechos de Tucídides e o Novo Testamento em grego... Mesmo assim, gostaria muito que houvesse um único dialeto.”

“Estudei um pouco de matemática: os seis primeiros, o décimo primeiro e o décimo segundo livros de Euclides. E álgebra até as primeiras equações.”

“Conheço um pouco os padres da Igreja e, também, um pouco de história romana e de história da Inglaterra.”

“Tudo isso não é senão um começo. Mas, ficando aqui, não irei muito mais longe: é muito difícil encontrar livros. Devo, agora, concentrar todo o meu esforço num ponto: estabelecer-me em Christminster. Uma vez lá, com o auxílio que puder encontrar, avançarei tanto que a minha ciência presente não me parecerá mais do que a ignorância de uma criança. Precisarei de dinheiro e hei de consegui-lo. Um desses colégios me abrirá suas portas — a mim que eles, agora, receberiam com desprezo... mesmo que, para isso, tenha de esperar vinte anos.”

“Serei doutor antes de deixar este mundo.”

E assim Judas continuou sonhando. Até mesmo um bispo poderia se tornar, se visse uma vida cristã pura, enérgica e sábia. E que exemplo não seria! Se ganhasse cinco mil libras por ano distribuiria, de um modo ou de outro, quatro mil e quinhentas e ainda viveria suntuosamente com o resto. Não, refletindo bem aquela ambição era absurda. Tentaria se tornar arcediogo. Por que razão um arcediogo não podia ser tão bom, tão instruído, tão útil, quanto um bispo?

Apesar de tudo, ainda pensava em ser bispo...

“Na expectativa, assim que estiver instalado em Christminster, lerei tudo o que não pude encontrar aqui: Tito Lívio, Tácito, Herodoto, Ésquilo, Sófocles, Aristófanes...”

— Há! Há! Há! Olá!...

Eram vozes leves que se faziam ouvir, por detrás da cerca. Mas, Judas nem mesmo as notou. Continuou pensando:

“... Eurípedes, Platão, Aristóteles, Lucrécio, Epíteto, Sêneca, Antonino. Depois precisarei conhecer a fundo outras coisas: os padres da igreja por inteiro, Bede e a história eclesiástica em geral. E um pouco de hebreu — por enquanto, conheço apenas as letras do alfabeto...”

— Olá! Olá!

“... mas posso trabalhar muito. Felizmente, sou capaz de esforços consideráveis e é isso o que conta. Sim, Christminster será a minha alma mater e serei o seu filho bem-amado, no qual ela encontrará agrado.”

Enquanto refletia assim tão profundamente nos seus projetos de futuro, diminuiu o passo e, agora, encontrava-se parado, fixando o solo como se nele seu futuro estivesse projetado por uma lanterna mágica. Subitamente, alguma coisa bateu com violência na sua orelha e ele percebeu que uma substância fria e mole caíra aos seus pés.

De relance, viu o que era: um pedaço de carne, justamente a parte característica de um varrasco, usada pelos camponeses para engraxar sapatos, não tendo outra utilidade. Havia, na região, muitos porcos que eram, em todo o norte do Wessex, criados e engordados em grandes quantidades.

Do outro lado da cerca, corria um regato, de onde, agora percebia, vinha o barulho das vozes leves e dos risos que se haviam entre-meado com os seus sonhos. Subiu na borda do caminho e olhou. Do outro lado do regato, viu vários chiqueiros, ao lado de uma pequena casa, cercada por um jardim. À beira do regato, três mocinhas estavam ajoelhadas, tendo diante de si selhas e baldes com linguiça que lavavam na água corrente. Um ou dois pares de olhos se ergueram precavidamente. Vendo que haviam enfim atraído a sua atenção, e que ele as estava observando, as meninas se prepararam para sofrer a sua inspeção, cerrando modestamente os lábios e retomando ativamente o trabalho.

— Muito obrigado! — disse Judas severamente.

— Não fui eu. Asseguro-lhe que não — disse uma das moças à outra, como

se não tivesse se apercebido da presença de Judas.

— Nem eu — replicou a outra.

— Ó, Anny, como foi que você ousou? — disse a terceira moça.

— Se eu tivesse jogado alguma coisa, certamente não seria um pedaço desses!

— Ora, que me importo eu com ele?!

As meninas tiveram um frouxo de riso e continuaram a trabalhar de cabeça abaixada, acusando-se umas às outras.

Judas tomou um ar de caçoadá, limpando o lugar que a carne viscosa sujara.

— Você não fez nada. Certamente que não — disse ele para a que estava mais próxima.

Era uma menina de olhos pretos, não precisamente bonita, mas capaz de dar essa impressão a pouca distância, não obstante a rusticidade de sua pele. Possuía um busto proeminente, lábios espessos, dentes perfeitos e o tom quente de um ovo de uma galinha de Cochim.

Era um perfeito exemplar de fêmea humana — nem mais nem menos.

Judas tinha quase certeza de que partira dela o projétil, pois ainda estava a seu lado a bexiga de onde o cortara.

— Isso você não saberá nunca — disse Arabela, perguiçosamente.

— Quem fez isso não se importa com o que é dos outros.

— Não tem importância. O porco é de meu pai.

— Mas, você quer que eu devolva o que você atirou, não é?

— Sim, se você quiser.

— Devo atirá-lo ou você prefere atravessar e vir até cá para que eu lhe entregue em mão?

Talvez visse ela na oferta uma boa ocasião, porque seus olhos negros fixaram Judas por um instante, quando pronunciou essas palavras, e houve entre eles um olhar de compreensão, a revelação muda de uma afinidade *in posse* que, no que diz respeito a Judas Fawley, não teve a menor premeditação. Ela sentiu que ele a escolhera entre as outras, como se pode escolher uma mulher em casos desses: não com a ideia raciocinada de fazer mais amplo conhecimento, mas por simples obediência a essas ordens superiores que, inconscientemente, recebem certos desgraçados que, por si próprios, jamais se ocupariam em suas vidas com mulheres.

Ficando logo de pé, Arabela gritou: — Não atire. Dê-me.

Judas percebeu então que não era o valor intrínseco do projétil que ditava a resposta. Descansou o saco de ferramentas, apanhou o pedaço de carne do pobre animal e pulou a cerca. Os dois avançaram paralelamente, cada um numa margem do regato, até a pequena ponte de tábuas. Ao se aproximar, a menina, sem que Judas o percebesse, sugou habilmente o interior de cada uma de suas faces, uma após outra: conseguiu, como que por encanto, formar covinhas



perfeitas que manteve enquanto continuou a sorrir. (Essa formação artificial de covinhas é uma operação não muito rara, embora muitos a tentem sem lograr resultado.)

Encontraram-se no meio da ponte, e Judas, envergonhado, olhando para o outro lado, estendeu um pau em cuja extremidade se balançava o fragmento do porco. Também olhando em outra direção, ela o apanhou, dando a impressão de que sua mão ignorava o que estava fazendo, e depositou-o provisoriamente na balastrada da ponte.

Depois, movidos por recíproca curiosidade, voltaram-se e olharam.

— Você não supõe que tenha sido eu a atirar, não?

— Ó, não!

— Pertence a meu pai. E que coisas eu não ouviria, se ele não o encontrasse!

— Eu me pergunto por que foi que uma delas jogou isso? — acrescentou Judas, polidamente aceitando a sua afirmação, mas no fundo guardando grandes dúvidas.

— Por imprudência. Mas, lembre-se: não vá dizer aos outros que fui eu!

— Como poderia fazer? Não sei o seu nome.

— Ah, não? E quer que diga?

— Por favor, diga.

— Arabela Donn. Moro aqui.

— Eu o saberia, se passasse frequentemente por aqui. Mas, em geral, vou pelo caminho principal.

— Meu pai é criador de porcos e essas meninas me ajudam a lavar as tripas para fazer salsichas e morcelas.

Conversaram ainda um pouco, olhando sempre para o projétil depositado no parapeito da ponte. O mudo apelo da mulher ao homem, que emanava de toda a pessoa de Arabela, mantinha Judas ali 51

contra sua intenção — quase contra sua vontade — e isso constituía, para ele, uma experiência nova. Seria apenas uma exagero dizer que, até aquele instante, nunca tinha olhado para uma mulher como mulher, o sexo tendo sempre lhe aparecido como alguma coisa fora de sua vida e de seus projetos. Seu olhar ia dos olhos à boca da menina, depois até o busto, aos braços, nus, ainda molhados, avermelhados por causa da frescura da água e firmes como o mármore.

— Que menina linda você é! — murmurou Judas. E não era preciso palavra alguma para mostrar que sofrera o seu magnetismo.

— Ah, se você me visse aos domingos! — disse Arabela, provocadoramente.

— Será que posso? — perguntou ele.

— Resolva por você mesmo. Não tenho namorado neste momento, mas talvez não aconteça o mesmo daqui a uma semana ou duas. —

Arabela falara sem sorrir e as covinhas desapareceram.

Judas sentiu que estava perdendo a cabeça, mas não podia resistir.

— Você dá licença?

— Não digo que não.

Arabela conseguira refazer a covinha, graças a um movimento de cabeça e a uma nova sucção interna. Judas, por seu lado, não tinha consciência senão de uma impressão geral que ela lhe produzia.

— Domingo próximo? — arriscou ele. — E amanhã, não?

— Sim.

— Poderei vir?

— Sim.

Sua fisionomia resplandeceu, numa expressão de triunfo. Ela o envolveu com um olhar quase terno e, atirando o projetil ao chão, voltou para junto de suas companheiras.

Judas tornou a pôr o saco de ferramentas sobre os ombros e continuou o seu caminho solitário, tomado de um ardor que a ele próprio impressionava.

Respirara apenas um trago de uma atmosfera nova que, evidentemente, já existia diante dele há algum tempo, mas que fora separada da sua respiração atual por uma espécie de placa de vidro. Os projetos de leitura, de trabalho, de instrução, que se havia imposto momentos antes com tanta precisão, tinham sofrido, não sabia bem como, um verdadeiro colapso.

“Ora, isso não passa de uma brincadeira”, — disse ele a si próprio, sentindo a necessidade de se convencer de que era apenas por pura fantasia que procurava Arabela. Sentia vagamente que aquela natureza tinha um lado sensual e vulgar oposto aos seus gostos literários, incompatível com o seu sonho magnífico a propósito de Christminster. Por certo, uma vestal não teria escolhido *aquela* projétil para com ele começar a sua investida. Viu isso com os olhos do espírito, no espaço de um segundo, do mesmo modo como, à luz de uma lâmpada que se extingue, poder-se-ia descobrir, antes que desa-parecesse na obscuridade, um aviso num muro. Em seguida, essa capacidade de discernimento lhe foi retirada e perdeu todo e qualquer senso crítico diante dessa impressão nova de violento prazer: ter encontrado uma fonte de interesse e de emoção até então insuspeitada, ainda que sempre tivesse estado ao alcance de suas mãos.

Devia encontrar esse ser inflamante no próximo domingo.

Enquanto isso, Arabela se juntara às companheiras e silenciosamente recomençara a lavar e esfregar as vísceras de porco, na água limpa.

— Você o agarrou, querida? — perguntou laconicamente a que se chamava Anny.

— Não sei. Queria ter jogado coisa diferente — respondeu Arabela, em tom de lástima.

— Ora, ele não é ninguém e não sei o que você imagina. Ele costumava entregar pão no carrinho da velha Drusila Fawley, em Marygreen, antes de ir aprender um ofício em Alfredston. De então para cá foi que tomou esses ares de

pessoa importante. E lê o tempo todo. Ao que dizem, quer ser um erudito.

— Olha, pouco me importo com o que ele é, e com qualquer coisa que lhe diga respeito. Não imagine histórias, minha filha!

— Ah, não? Não vale a pena tentar nos enganar. Se você não o quer, por que ficou falando com ele? Queira você ou não, ele é simples como uma criança. Eu via isso daqui, enquanto você lhe dizia graças na ponte, com aquele pedaço de porco entre vocês dois — ah! ah!... Que beleza ficar namorando ao lado daquilo! Na verdade, ele será agarrado pela primeira mulher que o quiser, sendo bastante para isso que ela empregue os meios adequados.

## VII

NO DIA SEGUINTE, Judas estava descansando no quarto, olhando os livros colocados sobre a mesa e, em seguida, a mancha negra no teto formada pelo fumo da lâmpada no decorrer daqueles últimos meses.

Era um domingo, vinte e quatro horas depois do seu encontro com Arabela Donn. Durante toda a semana pretendia guardar aquela tarde para um determinado trabalho — reler o Testamento em grego, numa nova edição que comprara, melhor impressa do que a outra e dando o texto de Griesbach tal como fora correto por numerosos comentadores e com notas variadas. Tinha orgulho desse livro que conseguira escrevendo corajosamente a um editor de Londres — coisa que antes nunca ousara fazer.

Esperara tirar um grande prazer dessas horas de trabalho, como tirara antes, debaixo daquele tranquilo teto da casa de sua tia onde, agora, não dormia senão duas vezes por semana. Mas, um fato novo tivera lugar na véspera, perturbando a corrente ininterrupta e silenciosa da sua vida. E ele se sentia como uma serpente deve se sentir ao perder a sua pele de inverno, sem poder compreender por que a nova pele é tão brilhante e sensível.

Tudo bem pensado, não iria encontrar Arabela. Sentou-se, abriu o livro e, os cotovelos bem apoiados na mesa, as têmperas nas mãos, começou pelo princípio: H KAINH AIAOHKH.

Prometera ir vê-la? Seguramente que sim! A pobre menina es-peraria, em casa, e perderia a tarde por culpa dele. Além disso, independentemente de quaisquer promessas, havia nela alguma coisa de muito atraente. Não devia faltar à palavra dada. Ainda que só tivesse os domingos e as noites de sábado para ler, podia bem perder uma tarde, já que os outros rapazes perdiam tantas. Fora aquele dia, provavelmente não a veria nunca mais. Dados os seus planos mesmo, seria impossível vê-la.

Em resumo, Judas como que sentiu um braço de um poder muscular extraordinário tomar conta dele — alguma coisa que nada tinha em comum com as forças espirituais que o haviam guiado até então, alguma coisa que pouco se importava com a sua razão e com a sua vontade, e nada com as suas nobres intenções. Sentia-se empurrado — como um professor faria em relação a um aluno que tivesse agarrado pelo colarinho — numa direção que tendia para uma ligação com uma mulher que não respeitava e cuja vida nada tinha em comum com a sua, a não ser o lugar onde viviam.

H KAINH AIAOHKH desapareceu subitamente e o predestinado Judas saiu correndo do quarto. Prevendo essa conclusão, estava já com a sua melhor roupa. Em três minutos, via-se fora de casa, descendo o caminho que atravessava o vale coberto de campos de trigo que ficava entre a aldeia e a casa de Arabela.

Enquanto andava, olhou o relógio. Poderia facilmente estar de volta dentro de duas horas e ainda teria bastante tempo para ler, depois do chá.

Ao passar por uns pinheiros insalubres e por uma choupana perto do lugar onde o atalho alcançava o caminho principal, Judas apressou o passo, descendo pela esquerda, por um declive abrupto, a oeste da Casa Escura. Ai, ao sopé da colina, encontrou o regato na sua nascente e seguiu-o até a fazenda. Um cheiro de chiqueiro se fazia sentir e também se ouvia o barulho dos responsáveis por esse cheiro. Judas penetrou no jardim e bateu à porta com a ponta de uma vara.

Alguém o vira pela janela, pois uma voz de homem disse dentro de casa: — Arabela! O teu namorado está chegando para te fazer a corte!

Judas teve um movimento de recuo. “Fazer a corte”, assim daquele modo tão comercial como o compreendia aquele homem, era a última coisa na qual pensava. Ia passear com ela, talvez beijá-la. Mas “fazer a corte” era agir com sangue frio, era procurar um determinado fim que não podia senão causar repugnância. A porta se abriu e ele entrou, exatamente no momento em que, ostentando os seus melhores adornos, Arabela descia a escada.

— Sente-se, por favor. Qual é o seu nome? — perguntou o pai, um homem enérgico e de suíças pretas, falando do mesmo tom comercial de pouco antes.

— Eu preferiria sair já. E você, Judas? — indagou Arabela, a meia voz

— Também eu — respondeu ele. — Iremos até à Casa Escura e estaremos de volta dentro de uma meia hora.

Arabela parecia tão linda na intimidade daquela casa tão pouco aseada que Judas se sentiu contente por ter vindo e desapareceram todas as apreensões que o haviam atormentado.

De início, subiram até o topo da grande duna e, durante essa ascensão, Judas teve de ajudá-la, dando-lhe a mão. Depois, tomaram a direção leste até o encontro do caminho principal, perto da Casa Escura, testemunho das primeiras aspirações de Judas em relação a Christminster. Mas, agora, esquecera tudo isso. Comentava com Arabela as mais banais e insignificantes novidades da aldeia com um ardor que não teria tido para discutir os sistemas de filosofia em presença dos doutores da até então tão adorada universidade. Ultrapassou o lugar onde tinha se ajoelhado diante de Diane e de Phoebus sem se lembrar que existiam tais divindades mitológicas, nem que o sol fosse outra coisa senão uma lâmpada, útil para iluminar a face de Arabela. Era como se tivesse asas nos pés. E Judas, erudito em perspectiva, futuro doutor, professor, bispo, ou mais ainda, sentia-se imensamente honrado e glorificado pela condescendência daquela linda menina de aldeia que consentia em passear com ele nos seus atavios de domingo.

Atingiram o celeiro da Casa Escura, ponto de onde deviam voltar. Contemplado a vasta paisagem que se estendia para o norte, tiveram a atenção despertada por uma grossa coluna de fumaça nas 56

vizinhanças da cidadezinha que ficava a seus pés, duas milhas distante dali.

— É um incêndio! — gritou Arabela. — Vamos ver correndo, por favor! Não fica muito longe.

A ternura que crescera no coração de Judas não lhe deixava vontade bastante para contrariar os desejos de Arabela — os quais, aliás, lhe forneciam um pretexto para ficar mais tempo em sua companhia.

Desceram a colina quase correndo e, ao chegar ao vale, perceberam que o incêndio era bem mais longe do que tinham pensado.

Contudo, tendo começado, resolveram ir até o fim. Mas, foi somente às cinco horas que chegaram ao local — a distância sendo umas seis milhas, de Marygreen, e umas três, da casa de Arabela. O fogo já estava dominado. Assim, depois de ter contemplado por um instante os escombros melancólicos, eles voltaram. O caminho passava pela cidade de Alfredston.

Arabela tendo dito que estava com vontade de tomar chá, entraram numa pequena hospedaria e fizeram o pedido. Como não era cerveja, tiveram que esperar muito tempo. A criada, tendo reconhecido Judas, disse em voz baixa à patroa que lhe parecia estranho ver aquele estudante, “que afetava sempre ares tão superiores”, se abai-xar na companhia de Arabela. Esta última adivinhou o que se estava dizendo e pôs-se a rir ante o olhar sério e terno do seu namorado — pequeno riso triunfante de uma mulher sem preocupações que sente que está vencendo a partida.

Estavam sentados, olhando a sala e a imagem de Sansão e Dalila dependurada na parede, as marcas dos copos de chope nas mesas e as escarradeiras sujas a seus pés. Este espetáculo tivera sobre Judas um efeito deprimente — tal como pode produzir, mais que qualquer outro lugar, uma sala de *cabaret* num domingo à noite, quando os raios do sol em acaso entram obliquamente, os fregueses partiram e o infeliz viajante não encontra outro lugar onde se possa refugiar.

A noite começava a cair. Era, na verdade, impossível esperar mais.

— Que vamos fazer? — perguntou Judas. — Temos que fazer três milhas até a sua casa.

— E se tomássemos cerveja?

— Cerveja? Ah, sim, não tinha pensado nisso. Somente, parece esquisito vir beber cerveja num *cabaret*, num domingo, não?

— Mas nós não viemos para isso.

— Não, não viemos.

Já então Judas aspirava estar longe daquela desagradável atmosfera. Contudo, encomendou a cerveja que foi logo trazida.

Arabela provou.

— Ih! — exclamou logo.

— Que é que tem? — perguntou Judas, provando por sua vez. — Na verdade, não entendo nada a respeito de cerveja. Gosto bastante, mas café é melhor, quando se tem de ler ou trabalhar. Esta não me parece má.

— É falsificada. Não posso nem provar!

Com grande surpresa de Judas, Arabela enumerou três ou quatro ingredientes que descobrira na bebida, além de cevada e lúpulo.

— Quantas coisas você sabe! — disse ele com bom humor.

Não obstante, Arabela bebeu toda a cerveja e tomaram o caminho de volta. Estava agora quase escuro e, assim que ultrapassaram as últimas luzes da cidade, caminharam mais próximos um do outro, quase se tocando. Ela se espantou de ele não passar o braço pela sua cintura, mas Judas se limitou a dizer o que já lhe parecia ser muito ousado: — Segure meu braço.

Arabela o segurou, apertando-se contra ele. Judas sentiu então o calor do corpo dela contra o seu e, passando o bastão que levava para o outro braço, segurou na sua mão direita a mão direita de Arabela.

— Agora, estamos bem junto um do outro, não, querida? — observou ele.

— Sim — disse ela. E acrescentou para si mesma: “Um tímido!”.

“Como eu fui longe” — pensava Judas.

Caminharam assim até o sopé da colina, de onde viam o caminho esbranquiçado subir diante deles, mergulhado na obscuridade.

O meio mais rápido de chegar à casa de Arabela era subir pela encosta e mergulhar em seguida no vale, pela direita. Após alguns instantes, quase esbarraram em dois homens que desciam a colina sem que seus passos fossem ouvidos.

— Esses namorados! Encontram-se deles passeando com todos os tempos e as estações — namorados e cães errantes unicamente! — disse um dos homens, continuando o seu caminho.

Arabela sorriu ligeiramente.

— Somos namorados? — perguntou Judas.

— Você sabe melhor do que eu.

— Mas você não pode me dizer se sim ou se não?

Como única resposta, Arabela inclinou a cabeça sobre o seu ombro. Judas compreendeu e, rodeando-a com os braços, apertou-a de encontro a si e beijou-a.

Caminhavam agora não mais de braços dados, mas enlaçados, como ela desejara. “Afinal, que importância tinha, se estavam no escuro!” — pensou Judas. Quando chegaram ao meio da colina, pararam, de comum acordo, e Judas beijou-a de novo. No topo, beijou-a ainda uma vez.

— Você pode deixar o seu braço onde ele está, se isso lhe agrada — disse ela gentilmente.

Judas obedeceu, admirando quão confiante ela era.

Assim, era com grande lentidão que chegavam em casa. Judas deixara Marygreen às três e meia, contando retomar a leitura do Novo Testamento às cinco e meia. Eram já nove horas quando, depois de um novo beijo, deixou Arabela na porta da casa de seu pai.

Arabela lhe pediu que entrasse, mesmo que só fosse por um instante, pois pareceria estranho que ela tivesse voltado sozinha, à noite. Judas concordou e seguiu-a. Ao abrir a porta, deparou com alguns vizinhos sentados junto aos pais de Arabela. Todos se dirigiram a eles em tom de congratulação, tratando-o como o namorado oficial de Arabela.

Não eram pessoas da sua natureza, nem do seu meio. E Judas se sentiu sem jeito, fora do seu verdadeiro lugar. Não era isso o que tinha querido. Contara fazer um passeio agradável com Arabela e nada mais além disso. Permaneceu unicamente para dizer umas poucas palavras à mãe de Arabela, uma mulher simples e tranquila, completamente insignificante. Em seguida, desejando a todos boa-noite, mergulhou, com uma sensação de alívio, no atalho da colina.

Todavia, essa impressão foi apenas temporária. Cedo Arabela retomou o seu império sobre ele. Sentia-se um homem diferente do Judas da véspera. Que lhe importavam os seus livros? Que lhe importava aquela decisão que tão firmemente tomara de não perder nem um só instante? “Perder!” O sentido desta palavra dependia do ponto de vista que cada uma tomava para defini-la. Pela primeira vez, vivia. Aquilo não era perder a sua vida. Era melhor amar uma mulher do que ser um erudito, um bispo, mesmo um papa!

Quando voltou, sua tia já estava deitada e em tudo o que o rodeava parecia estar escrita uma censura em relação à sua negligência. Subiu a escada sem acender a menor luz. O quarto, escuro, acolheu-o com uma interrogação triste. Seu livro estava aberto, tal como o deixara, e adivinhava uma censura no título em letras maiúsculas que o fixava sob a luz cinzenta das estrelas como os olhos abertos de um morto: H KAINH AIAOHKH.

Na manhã seguinte, teve de sair cedo, partindo como de costume para toda a semana. Atirou no saco, de encontro às ferramentas, como um objeto fútil, o livro que trouxera para ler.

Guardava como segredo a sua aventura amorosa, quase até mesmo de si próprio. Pelo contrário, Arabela a proclamava a todos os amigos e conhecidos.

Refazendo à luz da madrugada o caminho que percorrera algumas horas antes, no escuro e com a sua bem-amada ao lado, atingiu o sopé da colina e, ao fim de um momento, parou. O sol mal acabara de se levantar. Era bem possível, portanto, que ninguém tivesse ainda passado por ali desde a véspera. Judas contemplou o solo e suspirou. Olhou de mais perto e pôde ainda distinguir, na poeira úmida, a marca de seus pés e dos de Arabela, no lugar onde se haviam abraçado. Ela não estava ali agora, mas “os arabescos da imaginação se somando ao espetáculo da natureza” lembraram-lhe tão vivamente Arabela que sentiu no seu coração um vazio que nada podia encher.

Um salgueiro-chorão se erguia por perto que logo lhe pareceu diferente de todos os outros chorões do mundo. Seu mais ardente desejo era suprimir os seis dias que o separavam do próximo encontro com Arabela, mesmo que só lhe



restasse uma semana de vida.

Uma meia hora mais tarde, Arabela, seguindo o mesmo caminho com as suas duas companheiras do sábado, passava pelo chorão e pelo lugar do beijo sem o perceber, enquanto brincava alegremente com as companheiras a propósito dos seus amores.

— E que disse ele então?

— Então ele me disse... — E Arabela repetiu, quase que palavra por palavra, algumas das mais ternas frases de Judas. Se este estivesse por detrás da cerca, não teria sido pequena a sua surpresa ao ouvir quão pouco suas palavras e seus gestos da véspera tinham ficado secretos.

— Você o conquistou, eu poria minha mão no fogo que sim! — murmurou Anny. — Gostaria muito de ser você.

Depois de alguns instantes, Arabela respondeu com uma voz estranhamente baixa e orgulhosa, na qual se adivinhava forte sensualidade escondida:

— Eu o conquistei, certamente. Mas quero mais que isso. Quero que ele me tome — case comigo. Quero ele. Não posso viver sem ele. É o homem que eu quero. Enlouquecerei, se não puder me entregar a ele. Desde que o vi, compreendi isso!

— Como ele é um rapaz sério, honesto e romântico, você poderá tê-lo, e mesmo como marido, se souber agarrá-lo da maneira certa.

Arabela ficou pensativa.

— Qual é a maneira certa?

— Ó, será que você não sabe, não? — disse Sara, a terceira moça.

— Palavra que não! Isto é, a não ser assim: deixando ele me fazer a corte, sem permitir que vá longe demais.

Sara olhou para Anny.

— Ela *não* sabe!

— E claro que não sabe! — disse Anny.

— E, no entanto, ela viveu na cidade. Pois olhe, nós podemos ensinar-te alguma coisa, tão certo quanto estarmos aqui.

— Muito bem. Mas, que entendem vocês por isso: um meio seguro de agarrar um homem? Chamem-me de inocente, mas digam depressa!

— Agarrá-lo como marido.

— Como marido?

— A um homem sério e honesto como ele, sim. Deus me perdoe, mas não falo de um soldado, de um marinheiro, de um comerciante da cidade, ou de um desses que sabem ser finórios com as mulheres. Não quereria causar dando a uma amiga!

— Não, não, de um homem tal como ele!

As companheiras de Arabela se fitaram, levantaram os olhos para o alto num ar de caçoada e riram afetadamente. Em seguida, uma delas se aproximou de

Arabela e, embora não houvesse ninguém por perto, comunicou-lhe em voz baixa a sua informação, enquanto a outra observava com curiosidade e efeito produzido.

— Ah! — disse Arabela lentamente. — Confesso que não pensei nesse meio. Mas, suponhamos que *não* seja um meio perfeitamente honesto? Seria melhor, para uma mulher, que não o tentasse!

— Quem não arrisca, não petisca. Além disso, é preciso verificar a honorabilidade dele, antes de começar. Você estará garantida com ele. Eu quereria ter a mesma sorte. Muitas moças agem assim. Sem isso, como você imagina que elas consigam se casar?

Arabela prosseguiu o seu caminho, refletindo em silêncio. “Eu experimentarei” — murmurou ela de modo que suas companheiras não a ouvissem.

## VIII

NO FIM DA SEMANA, Judas ia, como de costume, de Alfredston para Marygreen, à casa de sua tia. Esse passeio tinha agora aos seus olhos um atrativo bem diferente do que o de ver sua velha e morosa tia.

Antes de subir a colina, desviou para a direita como o único fito de lograr um olhar de Arabela antes da hora do encontro habitual. Quase ao chegar à casa avistou, por cima da cerca, a cabeça de Arabela se agitando de um lado para outro. Abrindo a cancela, descobriu que três pequenos porcos tinham escapado do chiqueiro, pulando a grade, e que Arabela se esforçava, sozinha, para que voltassem para o chiqueiro. Seus traços, endurecidos pelo esforço desenvolvido, abrandaram-se amorosamente, assim que viu Judas, lançando-lhe então um olhar cheio de languidez. Dessa parada tiraram os porcos proveito, afastando-se e fugindo do alcance de suas mãos.

— Eles só estão aqui desde essa manhã! — disse Arabela, retomando a perseguição não obstante a presença do namorado. — Vêm da fazenda Spaddlebot, onde papai pagou por eles muito caro e querem voltar para lá, esses cretinos! Judas, meu querido, você quer fechar a cancela do jardim e me ajudar a fazê-los voltar para o chiqueiro? Não tem homem algum em casa, somente minha mãe, e nós os perderemos, se não agirmos rapidamente.

Judas veio em seu auxílio e correu para cá e para lá, por cima dos canteiros de batatas e de couves. De quando em quando, corriam juntos. Então ele a segurava e beijava. O primeiro porco voltou facilmente. O segundo, com alguma dificuldade. O terceiro, com as suas longas patas, foi mais obstinado e mais ágil. Mergulhou num buraco da cerca e fugiu para a estrada.

— Vai se perder se não o seguirmos! — exclamou Arabela. — Venha comigo.

Lançou-se na perseguição do animal, Judas a seu lado, conseguindo a custo não perder de vista o fugitivo. De quando em quando, gritavam a algum garoto para parar o animal, mas este encontrava sempre jeito de escapar e de prosseguir na sua corrida.

— Querida, me dê sua mão — disse Judas. — Você está que não pode respirar.

Arabela lhe deu a mão com evidente prazer e os dois continuaram a correr.

— Eis no que dá trazer esses animais a pé — gritou ela. — Acham sempre o caminho de volta. Deviam ter sido trazidos num carrinho.

Neste momento, o porco atingira uma cancela aberta que dava para o campo e nessa direção se lançou com toda a agilidade que lhe permitiam as suas longas pernas. Assim que os seus perseguidores chegaram ao alto da colina, perceberam que lhes seria necessário correr até a casa do fazendeiro, se o quisessem agarrar.

Daquela altura, o porco não representava mais do que uma pequena mancha,

caminhando reto diante de si em direção à fazenda.

— É inútil! — exclamou Arabela. — Ele chegará lá muito antes de nós. Não faz mal, agora que sabemos que não se perdeu nem foi roubado pelo caminho. Saberão que é o nosso e será mandado de volta. Mas, ó meu querido, como eu estou com calor!

Sem largar a mão de Judas, Arabela se atirou no chão, por sobre um espinheiro podado em forma de moita, fazendo ao mesmo tempo com que Judas caísse sobre os seus joelhos.

— Ó, perdão! Eu quase atirei você no chão, não foi? Mas é que estou tão cansada!

Arabela continuava estendida, reta como uma flecha, contemplando a imensidade azul do céu e segurando sempre a mão de Judas.

Este se apoiou sobre o cotovelo, perto dela.

— Corremos tanto para não conseguirmos nada! — observou Arabela com o peito arfando muito, a face incendiada, os lábios vermelhos e entreabertos, o corpo inteiro coberto de uma ligeira transpiração. — Ora, querido, por que você não diz nada?

— Também estou esfalfado por ter corrido tanto!

Estavam na mais absoluta solidão — na mais evidente de todas as solidões: o espaço vazio em torno. Ninguém poderia se aproximar, a uma milha de distância, sem que eles o vissem. Encontravam-se num dos pontos culminantes da região e poderiam ver, de onde estavam, a paisagem à volta de Christminster. Judas, porém, não estava pensando nisso.

— Ó que coisa linda estou vendo na árvore! — disse Arabela — Um espécie de... lagarta, de um verde e de um amarelo como você nunca viu igual!

— Onde está? — perguntou Judas, sentando-se.

— Daí você não pode ver. Venha aqui! — disse ela.

Judas se aproximou e colocou a cabeça perto da de Arabela.

— Não, não estou vendo nada! — disse ele.

— Ora essa, no tronco, ali, perto do galho, ao lado daquela folha que está justamente mexendo, ali!

Com delicadeza, empurrava a cara de Judas na direção indicada.

— Não estou vendo nada — repetiu Judas com a cara colada à de Arabela. — Mas talvez veja, me levantando.

— Como você é bobo! — disse ela num tom de mau humor.

— Querida, que me importa ver ou não ver a lagarta! — disse Judas, olhando-a. — Levante-se, Abby.

— Para quê?

— Quero que você me deixe beijá-la. Há tanto tempo que estou esperando.

Arabela lhe lançou um olhar de lado, muito significativo. Em seguida, levantando-se de um salto, teve um trejeito de desdém e, exclamando: “Preciso

entrar”, tomou com rapidez o caminho de casa. Judas logo a alcançou.

— Só um! — suplicou ele.

— Não.

— Que é que há? — perguntou, surpreso.

Arabela mantinha os lábios cerrados com evidente rancor, e Judas a seguiu como um carneiro obediente. Por fim, Arabela diminuiu o passo e caminhou a seu lado, falando-lhe calmamente de diferentes assuntos, mas repreendendo-o sempre que procurava segurar-lhe a mão ou passar o braço pela sua cintura. Desceram assim até a fazenda e Arabela entrou em casa com um ar desdenhoso e ofendido, fazendo-lhe um sinal de adeus.

“Creio que tomei liberdades demais com ela” — pensou Judas ao se retirar e ao tomar o caminho de Marygreen.

Num domingo, pela manhã, faziam-se como de costume, em casa de Arabela, grandes preparativos culinários. O pai se barbeava diante de um pequeno espelho, suspenso ao trinco da janela. Arabela e sua mãe descascavam vagens. Uma vizinha passou, de volta do primeiro ofício na igreja mais próxima. Vendo Donn na janela, às voltas com a sua navalha, deu-lhe bom-dia e entrou. Imediatamente começou a brincar com Arabela: — Vi você correndo com ele, hein! Espero que isso dê em alguma coisa!

Arabela se limitou a lançar-lhe um olhar de compreensão, sem levantar os olhos.

— Ao que parece, ele deve partir, assim que puder, para Christminster.

— Disseram-lhe isso ultimamente... esses últimos dias? — perguntou Arabela, tomando uma longa respiração e cheia de ciúme.

— Ó, não. Mas, há muito que todos sabem que é esse o plano dele. Só está aqui à espera de uma ocasião. Naturalmente, precisa de alguém para passear com ele. Não se pode confiar muito em rapazes, agora. Hoje estão aqui, amanhã ali. No meu tempo, era diferente!

Quando a vizinha faladeira foi embora, Arabela disse de súbito à sua mãe:

— Quero que você e papai vão saber notícias dos Edin, hoje à noite, depois do chá. Ou melhor, há um ofício religioso, à noite, em Fensworth. Vocês podem ir...

— Ó, que é que você está planejando para hoje de noite?

— Nada. Apenas quero a casa só para mim. Judas é tímido e não consigo persuadi-lo a entrar, quando vocês estão. Se não tomar as minhas precauções, ele me escapará. E ele me interessa.

— Se o tempo estiver bom, iremos, para agradar a você.

À tarde, Arabela encontrou Judas e juntos passearam. Havia várias semanas que Judas não abria um livro de grego, de latim ou de qualquer outra língua. Pelo caminho, ia pensando na antiguidade daquela estrada, nos condutores de rebanhos que por ali tinham passado antes mesmo de os romanos terem penetrado na região. Da planície que se estendia diante deles, subia o carrilhão

dos sinos da igreja. Dentro em pouco, não ouviram mais senão uma nota que se tornou mais rápida e, por fim, parou.

— Agora, voltemos — disse Arabela que ouvira os sinos com toda a atenção.

Judas concordou. Desde que estivesse com ela, pouco lhe importava o lugar para onde fossem. Quando chegaram à casa de Arabela, disse com hesitação:

— Não quero entrar. Por que você está com tanta pressa hoje? A noite ainda está longe de cair.

— Espera um instante — respondeu ela. Rodou a maçaneta e encontrou a porta fechada. — Ah, eles estão na igreja — acrescentou e, procurando debaixo do raspador de terra, achou a chave e abriu a porta. — Você não quer entrar um momento? — perguntou alegremente. — Estaremos completamente sós.

— Certamente — respondeu Judas com vivacidade, as condições agora se apresentando totalmente diferentes.

Entraram. Queria ele um pouco de chá? Não, era tarde demais. Preferia ficar conversando com ela. Arabela tirou o chapéu e o casaco e ambos se sentaram — naturalmente, bastante perto um do outro.

— Não me toque, por favor! — disse ela docemente. — Tornei-me igual a uma casca de ovo. Talvez mesmo seja melhor pô-lo num lugar seguro.

Arabela começou a abrir a gola do vestido.

— Que é isso? — perguntou o seu namorado.

— Um ovo — o ovo de uma galinha de Bantam. É de uma qualidade muito rara e estou chocando-o. Levo-o comigo por toda a parte e deve sair dentro de três semanas.

— E onde você o leva?

— Aqui. — E Arabela tirou do peito um ovo, envolvido primeiro em lã e, depois, numa bexiga de porco, para o caso de um acidente.

Depois de tê-lo mostrado, recolocou-o no lugar. — Agora faça atenção e não se aproxime de mim. Não quero quebrá-lo e ter de recomeçar.

— Por que você está fazendo uma coisa tão estranha?

— De brincadeira. Aliás, imagino que seja natural, numa mulher, essa ideia de querer fazer com que nasçam seres vivos.

— Isso é, no momento, bem incômodo para mim — disse Judas, rindo.

— Bem feito! Olhe, é tudo quanto você vai ter de mim!

Arabela dera um giro na cadeira, e, recostando-se, oferecia-lhe delicadamente a face.

— Você não é muito generosa!

— Você deveria ter me agarrado ainda há pouco quando tirei o ovo. Olhe — exclamou ela em tom de desafio —, não o tenho mais comigo. — Havia rapidamente tirado o ovo, pela segunda vez. Mas, antes que Judas a pudesse atingir, recolocara-o no lugar, rindo da excitação que a sua estratégia produzia. Houve luta. Judas deu um pulo e capturou triunfalmente o ovo. Arabela ficou

vermelha, e ele, subitamente, também enrubesceu.

— Um beijo, agora que eu o posso dar sem prejudicar você na sua propriedade. Em seguida, irei embora!

Mas, também ela pulara de pé.

— Primeiro me encontre! — gritou.

O namorado a perseguiu. A peça agora estava escura, a janela sendo muito pequena. Durante algum tempo, Judas não pôde encontrá-la, mas, enfim, uma risada o advertiu de que Arabela subira a escada. Lançou-se ao seu encalço.

## IX

TINHAM-SE passado aproximadamente uns dois meses. Os dois se haviam visto constantemente durante esse tempo. Arabela parecia insatisfeita, sempre imaginando coisas, esperando, espantando-se com tudo.

Um dia, encontrou Vilbert que corria, como de costume. Assim como os demais habitantes da região, ela conhecia bem o charlatão e começou a contar-lhe as suas aventuras. De início morosa, paracera mais alegre ao deixá-lo. À noite, teve um encontro com Judas. Este parecia triste.

— Vou-me embora — disse ele. — Acho que preciso ir. Será melhor para nós dois. Gostaria que certas coisas nunca tivessem começado. Cometi grandes erros, sei bem. Mas nunca é tarde demais para remediar.

Arabela se pôs a chorar: — Como sabe você que não é tarde demais? É muito fácil de dizer. Ainda não lhe confessei tudo... E Arabela o olhou de frente, com os olhos molhados de lágrimas.

— O quê? — indagou Judas muito pálido. — Será?

— Sim. E que será de mim se você me abandonar?

— Ó, Arabela, minha querida, como pode você dizer isso? Você sabe perfeitamente que não a abandonarei nunca!

— Mas então...

— Não ganho quase nada, ainda. Aliás, não fosse isso, teria pensado nessa solução antes... Mas, naturalmente, se estamos nessa situação, precisamos nos casar! Que outra atitude você me imaginaria capaz de assumir?

— Eu pensava... querido, eu pensava que talvez isso ainda lhe desse mais vontade de partir e que você fosse me deixar sozinha para resolver tudo.

— Nunca. Apenas, não teria pensado em me casar há seis, ou mesmo há três meses. Isso destrói todos os meus planos — quero me referir aos que tinha antes de conhecer você, minha querida. Mas, afinal, em que consistiam? Sonhos a propósito de exames, diplomas... coisas impossíveis! Seguramente vamos nos casar. É preciso!

Nessa noite, Judas saiu só e, na escuridão, pôs-se a pensar. No mais secreto da sua alma, sabia bem que Arabela não valia grande coisa. No entanto, conforme era costume, naquela região rural, entre rapazes de bem que haviam avançado longe demais em relação às moças que eles namoravam, nada o impediria de manter a sua promessa. Esforçando-se por manter viva uma certa confiança em Arabela, pensava laconicamente: “O que mais importa não é Arabela ela própria, mas a ideia que me faço dela”.

Os proclamas correram no domingo seguinte. Os paroquianos comentaram, todos, que Judas não passava de um tolo. Seus estudos haviam tido aquela única conclusão: vender seu livros para comprar panelas. Os que atinaram com a razão de ser secreta daquela decisão — e os pais de Arabela figuravam entre esses — declaravam que outra coisa não se podia esperar de um rapaz honesto como



Judas e que ele não fazia mais do que reparar o erro que cometera em relação à sua inocente namorada. O pastor que os casou também julgava a solução satisfatória.

Assim, pois, de pé diante do oficiante, ambos juraram que, em qualquer época de suas vidas, eles creriam, desejariam e sentiriam exatamente como tinham crido, desejado e sentido durante aquelas últimas semanas. E o que era tão espantoso quanto esse juramento, era que ninguém parecia em nada surpreso com o que estava ouvindo.

A tia de Judas, como padreira que era, fez-lhe o bolo de casamento, declarando amargamente que se tratava da última coisa que faria para aquele menino estúpido e desgraçado que teria feito muito melhor morrendo junto com os pais, *do que* vivendo só para lhe causar aborrecimentos. Desse bolo, Arabela cortou algumas fatias, envolveu-as num papel branco e enviou-as às suas duas companheiras, Anny e Sara, escrevendo no embrulho: *“Como lembrança de um bom conselho”*.

A situação dos recém-casados não se anunciava muito brilhante, nem mesmo aos olhos dos mais otimistas. Judas, aprendiz de talhador, com dezenove anos, só receberia meio salário até o fim do aprendizado. E a mulher não lhe podia ser de grande ajuda na cidade, onde, de início, julgara necessário que vivessem. A precisão urgente de ganhar um pouco mais, por menos que fosse, decidiu-o a alugar uma choupana isolada no meio do caminho entre a Casa Escura e Marygreen, onde pudesse cultivar uma horta e utilizar a experiência de Arabela na criação de porcos. Por certo não era a vida que desejara levar e, para ir todo dia a Alfredston, o caminho era duro de percorrer.

Contudo, Arabela sabia que todas essas dificuldades eram apenas momentâneas. O importante era que conseguira um marido — um marido que possuía toda a capacidade necessária para ganhar dinheiro, para lhe comprar vestidos e chapéus assim que começasse a tê-la um pouco, para se aplicar no seu ofício com seriedade e atirar pela janela os seus estúpidos livros, de modo a poder cuidar das coisas práticas.

Judas trouxe Arabela para essa choupana na noite do casamento, abandonando o antigo quarto em casa da tia — aquele quarto onde tanto penara para aprender grego e latim.

Sentiu um ligeiro frio invadi-lo, quando Arabela se despiu pela primeira vez diante dele. Ela tirou tranquilamente uma longa mecha de cabelos que trazia enrolada em chinó na parte de detrás da cabeça, escovou-a e suspendeu-a no espelho que Judas lhe comprara.

— Como?! Não era natural?

— Ó, não. Agora, nenhuma pessoa elegante deixa de usar isso!

— Que tolice! Talvez nas cidades, mas no campo é diferente.

Além disso, você tem bastane seu! E quanto!

— Sim, para uma mulher do campo. Mas, nas cidades, os homens esperam ver mais. E, quando eu fui garçõete de *cabaret* em Aldbrickham...

— Garçõete em Aldbrickham?

— Ora, não exatamente uma garçõete... Eu servia bebidas num *cabaret*, e foi por pouco tempo. Nada mais. Algumas pessoas me aconselharam a usar isso e, como tinha vontade, comprei. Quanto mais cabelo se tenha em Aldbrickham, melhor. E é uma cidade muito mais bonita que o teu Christminster! Todas as mulheres elegantes têm cabelos postiços — foi o cabeleireiro quem me disse.

Judas raciocinava, sentindo um certo mal-estar, que aquilo podia bem ser verdade até um certo ponto, mas que muitas moças puras e direitas iam para as cidades e lá ficavam anos sem perder a simplicidade de vida e de indumentária. Infelizmente, outras tinham no sangue o instinto das coisas artificiais e, num instante, tornavam-se adeptos das contrafações. É verdade que não constituía um pecado muito grande, esse de usar cabelos postiços. E Judas resolveu não pensar mais nisso.

Uma mulher recém-casada pode conseguir parecer interessante por algumas semanas, mesmo quando já estão cheias de sombras as realidades da sua vida íntima. Há sempre um certo picante nessa sua situação, na sua maneira de ser para com as amigas, que dissipa a melancolia dos fatos e, durante algum tempo, ergue acima da realidade até mesmo a mais humilde das mulheres

A senhora Judas Fawley passeava num dia de mercado com essa qualquer coisa de particular no seu andar, quando encontrou sua amiga Anny que não via desde que se casara.

Como de costume, puseram-se a rir antes de falar: julgavam o mundo engraçado, sem que o tivessem dito uma à outra.

— Você vê, foi um bom plano, não? — disse a moça. — Eu sabia que sairia certo com uma pessoa como ele. É um sujeito direito e você deve se orgulhar dele.

— E eu me orgulho! — disse tranquilamente a senhora Judas Fawley.

— E para quando é que você está esperando?

— Qual! Não há nada!

— Como assim?!

— Eu me enganei.

— Ora, Arabela! Arabela! Você é formidável! Enganou-se! Confesso, você é hábil: foi um golpe genial! Com toda a minha experiência, confesso, seria uma coisa na qual jamais teria pensado! Nunca pensei senão na coisa real — jamais na simulação!

— Vamos devagar, por favor! Não se trata de uma simulação. Eu não sabia.

— Santo Deus! Que choque ele não vai levar! É só você tomar alguma coisa nos sábados à noite. Ele pensará que é uma bruxaria — e, ainda por cima, dupla.

— Concordo quanto à primeira, mas não quanto à segunda. Ora!

Ele não se importará. Ficará contente por eu ter me enganado e se conformará. É sempre o que acontece com os homens. E que podem eles fazer de diferente? Uma vez casado, casado se está.

Contudo, não era sem um certo temor que Arabela via se aproximar o momento em que, conformando-se com o curso natural das coisas, teria de confessar que os seus receios haviam sido infundados. A ocasião surgiu uma noite, à hora de dormir. Estavam no quarto da choupana para a qual Judas vinha a pé todo dia, depois de acabado o trabalho. Penara durante doze horas seguidas e se retirara para descansar, antes de Arabela. Quando esta entrou no quarto, ele estava quase adormecido e mal notou que ela estava se despindo diante do espelho.

Uma coisa, no entanto, trouxe-o à plena realidade. Arabela estava sentada de tal maneira que ele via no espelho a sua face. E veio a perceber que ela brincava de produzir artificialmente covinhas em cada uma das faces, graças a um movimento de sucção — aquelas famosas covinhas que sabia provocar por um processo que lhe era tão peculiar. Pela primeira vez, Judas constatou que essas covinhas eram agora muito menos frequentes do que nas primeiras semanas que haviam decorrido depois do dia em que tinham travado conhecimento.

— Não faz isso, Arabela — disse ele de repente. — Não há nada de mal nisso, mas... não me agrada.

Arabela se virou e riu: — Meu Deus, não sabia que você estava acordado. Como você é matuto! Isso não significa nada.

— Onde você aprendeu isso?

— Em parte alguma, que eu saiba pelo menos. Quando estava no *cabaret*, elas permaneciam facilmente. Agora, não. Minhas faces eram então mais redondas.

— Não gosto de covinhas. Não me parece que tornem uma mulher mais bonita — principalmente uma mulher casada e forte como você.

— Muitos homens pensam de outro modo.

— Não me interessa o que outros homens possam pensar! E como é que você sabe disso?

— Era o que me diziam, quando eu servia no *cabaret*.

— Ah, essa estada no *cabaret* explica bem os seus famosos conhecimentos a respeito de cerveja falsificada daquela tarde de domingo!

Quando me casei com você, pensava que você sempre tivesse vivido em casa de seu pai.

— Você não deveria ter sido tão simplório. Deveria ter compreendido que só tendo saído do lugar onde nasci é que poderia ter me aperfeiçoado. Em casa, não havia muito o que fazer, e eu me mordía de ansiedade. Foi por isso que saí de casa por três meses

— Breve você terá muito que fazer em casa, não, querida?

— Por quê?

— Naturalmente... pequenas coisas para coser.

— Ó!

— Quando será? Você não pode me dizer com precisão, em vez de responder vagamente como de costume?

— Dizer...

— Sim, a data.

— Não há nada para dizer. Enganei-me.

— O quê?

— Foi um engano.

Judas se sentou na cama e olhou Arabela:

— Como é possível?

— Às vezes a gente imagina coisa falsas.

— Mas... Naturalmente, tão pouco preparado quanto eu estava, sem um móvel e quase sem dinheiro algum, não teria agido tão precipitadamente, trazendo você para uma choupana como essa, se não fosse por aquela notícia que você me deu. Era preciso — estivesse eu pronto para isso ou não — salvar você... Santo Deus!

— Querido, não vale a pena se amolar com isso. O que está feito, está feito.

— Não tenho mais nada para dizer.

Judas deu esta resposta tranquilamente e tornou a se deitar. E o silêncio caiu entre eles.

Quando acordou na manhã seguinte, sentiu que olhava o mundo com olhos diferentes. Quanto ao ponto duvidoso, era obrigado a se satisfazer com a palavra de Arabela. Dadas as circunstâncias, e prevalecendo as ideias em vigor, não poderia ter agido de outro modo.

Mas, como é que elas poderiam ter chegado a prevalecer?

Muito vagamente ainda, parecia-lhe ver alguma coisa de injusto nesses ritos sociais que obrigam indivíduos a renunciar a projetos que representam anos e anos de pensamento e de trabalho, e a sacrificar uma ocasião de se mostrar superior aos demais animais e de contribuir pelo seu próprio trabalho para o progresso geral da sua geração. Tudo isso pelo fato de ter sido momentaneamente surpreendido por um instinto fugitivo, novo para ele, que não podia ser catalogado como vício — no máximo, como fraqueza. Sentia-se inclinado a indagar o que fizera, ou o que Arabela perdera naquela questão, para que merecesse ser assim retido dentro daquela armadilha que o paralisaria, e talvez a Arabela também, para o resto da vida. Talvez houvesse qualquer coisa de bom no fato de a causa imediata do seu casamento ter se revelado inexistente. Mas o casamento subsistia.

CHEGOU a época de matar o porco que Judas e Arabela haviam engordado durante os meses de outono. Combinaram sangrá-lo num alvorecer, de modo a Judas poder partir para Alfredston sem perder mais do que um quarto de dia.

A noite parecera estranhamente silenciosa. Judas espiou pela janela bem antes da aurora e viu que o solo estava coberto de neve — de uma neve bastante espessa para o pouco adiantado da estação. Alguns flocos ainda caíam.

— Receio que o carnicheiro não possa vir — disse Judas a Arabela.

— Qual nada, ele virá. É preciso que você se levante e faça esquentar a água, se quiser que Challow escale o porco. Por minha parte, prefereria que o chamuscassem.

— Vou levantar-me — disse Judas. — Prefiro seguir o costume da minha terra.

Desceu, acendeu o fogo debaixo do caldeirão e nele jogou talos de vagens secas. Não tinha vela, mas as chamas projetavam na sala sombras alegres. Para ele, essa impressão de alegria se atenuava sempre que pensava no que ali se preparava: era preciso esquentar água para esquentar um animal que ainda vivia e cuja voz continuamente se ouvia, no fundo do jardim.

Às seis e meia, a água fervia e Arabela desceu a escada.

— Challow já chegou? — perguntou ela.

— Não.

Esperaram. Estava um pouco mais claro, mas a aurora, envolta em neve, não trazia senão uma luz triste. Arabela saiu de casa, lançou um olhar sobre o caminho e voltou dizendo:

— Ele não vem. Com certeza, embebedou-se ontem à noite, porque não pode ter sido a neve que o tenha detido.

— Então, é preciso esperar para amanhã. A água terá fervido em vão, paciência! Talvez a neve esteja muito espessa lá no vale.

— É impossível esperar. O porco não tem mais nada para comer. Dei-lhe a última ração ontem de manhã.

— Ontem de manhã? De que viveu, desde então?

— De nada.

— Como assim? Jejuou?

— Sim. Fazemos sempre assim, durante um ou dois dias, para termos menos trabalho com as tripas. Que ignorância a sua, não saber disso!

— É por isso que ele está gritando tanto. Pobre criatura!

— Pois bem, vai ser preciso que você o sangre. Não há outro jeito. Eu ensinarei como. Ou melhor: farei eu mesma. Creio que saberei fazê-lo. O porco é tão grande que preferiria muito que fosse Challow a fazê-lo. Mas ele já mandou as suas facas e apetrechos. Poderemos nos servir deles.

— Naturalmente, não será você a fazê-lo — disse Judas. — Já que é preciso,

eu o sangrarei.

Judas saiu de casa, tirou a neve de diante do chiqueiro num espaço de dois ou três metros, instalou o tamborete, tendo as facas e as cordas bem à mão. Do alto de uma árvore vizinha, um pintarroxo observava curiosamente os preparativos. Amedrontado pelo aspecto sinistro da cena, levantou voo, se bem que tivesse fome. Arabela se juntara a Judas. Este, então, com a corda na mão, penetrou no chiqueiro e laçou o animal apanhado que, depois de um grito pungente, lançou prolongados grunhidos de raiva. Arabela abriu a porta, e os dois juntos puseram o porco em cima do tamborete, as patas voltadas para o ar. Enquanto Judas o mantinha nessa posição, Arabela o amarrava solidamente, enrolando a corda em volta de suas patas para impedi-lo de se debater.

O tom do animal mudou. Não era mais raiva, apenas desespero — uma lamúria lenta e desesperançada.

— Pela minha salvação, teria preferido renunciar ao porco do que ser obrigado a fazer isso — disse Judas. — Uma criatura que nutri com as minhas próprias mãos!

— Vamos deixar de sentimentalismos! Apanha a faca mais pontiaguda. Esta, aqui. E, agora, sobretudo, não enterre profundamente demais.

— Darei um golpe só, para que acabe logo. É o que interessa mais.

— Não — gritou Arabela. — A carne deve ficar bem sangrada e, para isso é preciso que ele morra lentamente. Perderemos quase uma libra, se estiver vermelha e sanguinolenta. Você atinja apenas a veia. Basta isso. Sei o que digo, porque fui criada vendo sangrar porcos. Um bom carniceiro leva muito tempo sangrando. É preciso que o animal leve uns oito a dez minutos morrendo.

— Nem meio minuto, no que dependa de mim! A carne ficará como tiver de ficar — disse Judas num tom decidido. Raspou os pêlos ásperos do pescoço do porco, como vira fazer nos açougues, e cortou a gordura. Depois, enfiou a faca com toda a força.

— Que o diabo carregue você! — gritou Arabela. — Você enfiou a faca demais. E isso, depois de tudo o que eu disse!

— Fique quieta, Arabela, e tenha um pouco de piedade desse pobre animal!

Muito embora tivesse procedido em desacordo com as regras estabelecidas, agira com compaixão. O sangue jorrou aos borbotões, em vez de escoar gota a gota, como Arabela desejava. O grito do animal agonizante assumia uma terceira e última entonação: a da agonia. Seus olhos vidrados se fixavam sobre Arabela com uma expressão eloquente de censura da criatura que percebe, enfim, a traição daqueles que pareciam ser seus únicos amigos.

— Faz com que ele se cale! — disse Arabela. — Esse barulho atrairá gente e não quero que se saiba que fomos nós mesmos que o matamos.

Apanhando a faca que Judas atirara ao solo, Arabela a enfiou na ferida e cortou a artéria do porco, que silenciou imediatamente.

Ouvia-se apenas, agora, o seu ralo de agonia saindo pela garganta aberta.

— Assim é melhor — disse Arabela.

— Que função miserável! — replicou Judas.

— Os porcos têm de ser mortos por alguém, não?

O animal teve uma última convulsão e, apesar da corda, esperneou com todas as forças que lhe restavam. O sangue parou de correr durante alguns segundos, depois um coágulo negro saiu.

— Está liquidado. Agora, vai morrer — disse ela. — São umas criaturas cheias de manhas. Guardam sempre uma última gota, como esta, o máximo de tempo que podem.

O último sobressalto fora de tal modo inesperado que Judas tropeçou e virou o recipiente em que fora recolhido o sangue.

— Pronto! — gritou Arabela com violência. — Agora, não poderei fazer morcela. Mais uma coisa perdida por culpa sua!

Judas levantou o balde. Não continha mais senão um terço, aproximadamente, do conteúdo inicial, o resto se tendo espalhado sobre a neve num espetáculo lastimável e abjeto para quem quer que não visse naquilo senão um meio de obter carne. Os lábios e as narinas do animal se tornaram lívidos, depois inteiramente brancos, e os músculos de suas patas se distenderam.

— Graças a Deus — disse Judas. — Graças a Deus ele morreu!

— Eu gostaria de saber o que é que Deus tem a ver com uma coisa tão asquerosa como a matança de um porco — disse Arabela com desprezo. — É preciso que as pessoas vivam de alguma coisa!

— Eu sei, eu sei. Nem estou censurando você.

Ouviram, de súbito, uma voz bem junto deles.

— Serviço bem feito, ó jovens recém-casados! Certamente eu próprio não o teria feito melhor!

A voz, um pouco rouca, vinha da porta do jardim. Levantando os olhos da cena da matança, os dois se depararam com a forma cor-pulenta do senhor Challow que, apoiado na cancela, olhava-os com olhos críticos.

— É bem mesmo coisa sua ficar assim de braços cruzados — disse Arabela.

— Por causa do seu atraso, a carne está cheia de sangue, meio estragada. Valerá, no mínimo, uma libra a menos.

Challow manifestou seu pesar:

— A senhora devia ter esperado um pouco — disse ele, sacudindo a cabeça —, e nunca ter feito trabalho desses. No estado em que está, é grande imprudência.

— Não se incomode por isso — disse Arabela rindo. Judas também riu, mas havia um pouco de amargor na sua alegria.

Challow se fez perdoar a sua negligência trabalhando com grande afinco nas tarefas de escaldar e raspar o porco. Na sua consciência de homem, Judas estava

contrariado com o que fizera, reconhecendo, no entanto, que era ilógico, pois o ato praticado teria sido o mesmo feito por um outro qualquer. Tinha diante dos olhos a neve branca, tinta do sangue de uma criatura inocente: visão revoltante para um homem que amava a justiça, para um cristão. Mas, não havia jeito de conciliar as coisas. Talvez não passasse, como Arabela lhe dissera, de um idiota sentimental.

Agora o aspecto do caminho de Alfredston não lhe agradava mais.

Parecia-lhe que o encarava com cinismo. O que via pelas circunvizinhanças lhe recordava, com tanta nitidez, a corte que fizera a Arabela que, para nada ver, punha-se a ler, sempre que podia, durante o trajeto. Isto, muito embora sentisse que o seu amor à leitura não o erguia acima do nível comum nem lhe sugeria ideias novas, uma vez que, agora, era frequente entre os trabalhadores o gosto de se instruir.

Ao passar perto do regato onde encontrara Arabela pela primeira vez, ouviu vozes, como ouvira outrora. Numa fazendola, uma das antigas amigas de Arabela conversava com uma companheira. Falavam dele, talvez porque o houvessem visto de longe. Não desconfiavam que os muros da casinhola fossem tão tênues a ponto de ele poder ouvi-las do caminho.

— Em todo caso, fui eu quem a impeliu. “Quem não arrisca não petisca” — foi o que disse a ela. Sem mim, ela teria sido tão amante dele quanto eu!

— Pois minha ideia é que ela já sabia antes...

A que coisa teria sido Arabela impelida por aquela moça, a ponto de se ter tornado sua amante, isto é: sua mulher?

Essa ideia lhe era tremendamente desagradável e fermentou tanto no seu espírito que, em vez de voltar para casa, Judas atirou o saco de ferramentas no jardim, por cima da cerca, e continuou o seu caminho, resolvendo ir visitar sua tia e jantar com ela.

Voltou tarde. Arabela ainda estava ocupada em derreter a gordura do porco, pois passara durante todo o dia, deixando de lado o trabalho. Receando que as palavras ouvidas fizessem com que falasse demais, Judas conversou pouco. Mas, sempre loquaz, Arabela lhe disse, entre outras coisas, que precisava de dinheiro. Vendo o livro, que aparecia saindo de um de seus bolsos, acrescentou que precisava ganhar mais.

— Minha querida, um salário de aprendiz não basta, via de regra, para manter uma mulher.

— Nesse caso, você não devia ter arranjado uma.

— Ora, Arabela, por favor! Como é que você pode dizer isso, quando sabe muito bem como tudo se passou!

— Juro diante de Deus que pensava estar dizendo a verdade. O doutor Vilbert também. E foi um bom negócio para você que assim sucedesse!

— Não é isso que estou querendo dizer — gritou ele com violência. — Falo do



que houve antes. Sei que não foi por culpa sua, mas de suas amigas que deram maus conselhos a você. Se elas não os tivessem dado, ou se você não os tivesse seguido, não estaríamos agora presos por uma cadeia que, para falar de coração aberto, nos irrita terrivelmente, e a ambos. Talvez seja triste, mas é verdade.

— Quem falou a você das minhas amigas? E que conselhos são esses? Exijo que você responda.

— Ora. Prefiro não responder.

— Mas é preciso. E você tem obrigação de falar. É covarde calar.

— Bem, nesse caso...

E Judas deu a entender tudo aquilo que lhe havia sido revelado.

— Mas não quero me deter nisso. Não falemos mais no assunto.

Arabela abandonou o tom agressivo:

— Não era nada — disse ela em tom frio. — Toda mulher tem o direito de fazer isso. Ela é quem corre o risco.

— Eis o que nego, Arabela. Não lhe cabe o direito de fazer planar sobre a vida de um homem um tal castigo ou, sobre a sua própria, caso haja fracasso. A fraqueza de um momento pode ter terríveis consequências. Uma mulher não devia agarrar um homem, assim, numa armadilha, se ele é honesto, ou a si própria, se é ele que não o é.

— Que deveria eu ter feito?

— Me dar tempo... Mas, por que você está se cansando em derreter essa gordura esta noite? Deixa isso, por favor!

— Então terei de fazê-lo amanhã. É coisa que não pode se guardar.

— Então faça.

## XI

NO DIA seguinte, um domingo, Arabela retomou o trabalho por volta das dez horas e, lembrando-se da conversa da véspera, voltou-lhe o mesmo humor intratável.

“Deve-se estar dizendo, em Mary green, que peguei você no meu laço. Grande presa você era, na verdade!” Tendo-se excitado com esses pensamentos, Arabela viu alguns dos clássicos muito queridos de Judas sobre uma mesa onde não deviam estar. “Não quero ver livros fora do lugar!”, exclamou com impaciência e, tomando-os um por um, atirou-os ao chão.

— Deixe meus livros quietos! — disse Judas. — Você poderia tê-los afastado, se assim quisesse, mas é vergonhoso sujá-los desse modo!

Ao fazer derreter a banha do porco, as mãos de Arabela se haviam impregnado de gordura quente, de modo que seus dedos tinham deixado marcas infamáveis sobre as capas dos livros. No entanto, continuou a atirá-los deliberadamente ao chão, até o momento em que Judas, exasperado, agarrou-a pelo braço para que ces-sasse. Assim fazendo, prendeu seus cabelos que se desmancharam e caíram sobre as orelhas.

— Deixe-me! — gritou ela.

— Prometa, então, não tocar mais nos livros. Arabela hesitava.

— Deixe-me! — repetiu.

— Promete?

Depois de um instante, Arabela exclamou:

— Prometo.

Judas a soltou. Então, com expressão decidida, Arabela atravessou o quarto, saiu pela porta e ganhou a estrada. Ai, caminhou lentamente, indo numa direção e noutra, embaraçando perversamente os cabelos e arrancando diversos botões do vestido. Era uma bela manhã de domingo, clara, seca e fria. A brisa vinha do norte. Ouviam-se os sinos de Alfredston. Pessoas passeavam pelo caminho —

principalmente namorados, como acontecera a Judas e a Arabela, meses antes, quando trilhavam a mesma estrada. Essas pessoas se voltavam para contemplar o espetáculo extraordinário que Arabela estava lhes oferecendo, com a cabeça ao vento, os cabelos desgrenhados, a blusa aberta, as mangas dobradas acima dos cotovelos e as mãos repelentes, em consequência das nódoas de gordura derretida. Uma dessas exclamou, simulando horror:

— Que o Senhor nos proteja!

— Veja como ele me trata!, gritou Arabela. — Obrigá-me a trabalhar no domingo de manhã, quando eu devia estar na igreja, arranca meus cabelos e rasga meu vestido!

Judas ficara exasperado e logo saiu para obrigá-la a voltar para a casa. No entanto, de súbito se acalmou. Iluminado pela impressão de que tudo estava acabado entre eles, de que pouco importava o que ele ou ela acaso pudessem

fazer, ficou tranqüilo, olhando-a.

Suas vidas — pensou ele — estavam estragadas. Estragadas pelo erro básico da união matrimonial que haviam contraído. Estragadas pelo fato de terem baseado um contrato permanente sobre um sentimento que não tinha nenhuma relação com as afinidades que, somente elas, tornam tolerável a vida em comum.

— Você vai me maltratar por princípio, como seu pai maltratou sua mãe e a irmã de seu pai ao marido dela? — perguntou Arabela. — Vocês são todos maridos estranhos.

Judas fixou Arabela com olhar surpreso. Mas Arabela não disse mais nada e só cessou de se agitar quando se sentiu cansada. Judas a deixou e, depois de ter andado ao caso, partiu na direção de Marygreen. Aí, foi procurar sua tia-avó, cujas enfermidades aumen-tavam a cada dia.

— Minha tia, é verdade que meu pai maltratou minha mãe e minha tia ao marido? — perguntou bruscamente, sentando-se ao pé da lareira.

Ela ergueu seus olhos cansados de debaixo do gorro antiquado que continuava a usar e perguntou:

— Quem disse isso a você?

— Ouvi dizer e quero saber de tudo.

— É o seu direito, creio eu. Mas sua mulher — e tenho certeza que foi ela — foi uma idiota de ter falado nisso! Afinal, não há grande coisa a contar. Seu pai e sua mãe não se entendiam bem e se separaram. Foi de volta do mercado de Alfredston — você nessa época era um bebê —, na colina, perto do celeiro da Casa Escura, que tiveram a última briga e se separaram de uma vez. Sua mãe morreu pouco depois. Em poucas palavras: ela se afogou e seu pai partiu com você para o sul do Wessex, nunca mais tendo voltado aqui.

Judas se lembrou do silêncio do pai sobre o Wessex setentrional e sobre sua mãe. Até o dia de sua morte, nunca falara nem de um nem de outro.

— Sucedeu o mesmo com a irmã de seu pai. O marido a ofendeu e, depois disso, foi-lhe tão penoso viver com ele que partiu para Londres com a criancinha que tinham. Os Fawley não nasceram para o casamento. Conosco, nunca dá certo. Há qualquer coisa no nosso sangue que não aceita fazer por obrigação o que livremente fariamos de boa vontade. Eis por que você deveria ter me escutado e não ter se casado.

— Onde foi que meu pai e minha mãe se separaram? Perto da Casa Escura, não foi?

— Um pouco mais longe, ali onde o caminho de Fensworth bifurca, perto de um poste informativo. Antigamente, havia uma forca nesse lugar.

No crepúsculo dessa noite, Judas saiu da casa de sua tia-avó como se fosse para casa. Mas, assim que chegou às dunas, tomou a direção de um grande tanque circular. Continuava a gelar, ainda que menos intensamente, e acima de

sua cabeça surgiam estrelas grandes e luzentes. Pôs um pé, depois o outro, sobre o gelo que rachou com o seu peso, continuando a caminhar até o centro, não obstante o barulho seco do gelo que rachava. Chegando o meio do tanque, olhou em torno e, depois, saltou. Novas rachas se produziram. Contudo, o gelo não cedeu. Tornou a pular, sem que nenhuma racha se produzisse.

Então, voltou para a borda do tanque e subiu a ribanceira.

Estranho, pensou ele. Que lhe reservava o destino? Acreditava não ser uma pessoa suficientemente importante para se suicidar. A morte liberadora não o queria como súdito. Não o levaria consigo.

Que poderia fazer de mais baixo? Que existiria de menos nobre, de mais adequado à sua situação degradante? Poderia se embriagar.

Evidentemente, era a solução e ainda não pensara nisso! Beber era o recurso normal, estereotipado, dos seres indignos e desesperados. Co-meçava a compreender por que homens iam se embriagar nos *cabarets*.

Descendo a colina na direção do norte, chegou a uma estalagem humilde. Entrou e, vendo numa parede a imagem de Sansão e Dalila, reconheceu o lugar onde estivera com Arabela no dia do primeiro encontro. Tomou um licor bebendo por mais de uma hora.

Nessa noite, voltou para casa cambaleando. Libertado do seu sentimento de depressão e com a cabeça bastante livre, pôs-se a rir ruidosamente, imaginando como Arabela o receberia debaixo daquele novo aspecto. Quando chegou, a casa estava imersa na obscuridade.

E, dado o seu estado, precisou de um certo tempo para arranjar luz.

O quarto fora limpo, restando apenas alguns sinais de gordura. Um envelope velho, sobre o qual Arabela escrevera algumas palavras, estava pregado por um alfinete no assoprador da lareira. Leu: “Fui ter com meus amigos. Não voltarei”.

No dia seguinte, não saiu de casa e mandou a carcaça do porco para Alfredston. Em seguida, arrumou a casa, fechou a porta, pôs a chave num lugar onde Arabela a pudesse encontrar, se voltasse, e, depois, foi para a sua alvenaria, em Alfredston.

À noite, ao voltar, percebeu que Arabela não entrara em casa. E assim aconteceu no dia seguinte. E no outro também. Depois, chegou uma carta de Arabela

Que se cansara dele, Arabela o admitia francamente. Ele era um atrasadão e ela não queria saber do gênero de vida de que ele gostava. Nem havia possibilidade de melhoria, nem para ele nem para ela, na vida que levavam. Acrescentava ainda que seus pais, tal como Judas devia saber, desde algum tempo acariciavam o projeto de emigrar para a Austrália, a criação de porcos não oferecendo mais senão medíocres resultados. Tinham enfim se decidido a partir. E ela se propunha acompanhá-los, caso Judas não visse nenhum inconveniente nisso. Uma mulher como ela teria maiores possibilidades lá do que

naquela região estúpida.

Judas respondeu que não fazia a menor objeção. Achava mesmo que era uma resolução muito boa, já que ela desejava partir e que disso poderiam advir vantagens para ambos. Juntava à carta o dinheiro proveniente da venda do porco, acrescido de tudo quanto possuía, o que, aliás, não era muito.

Desde esse dia, não soube mais nada acerca de Arabela, a não ser indiretamente. Seu pai e os comensais de casa não partiram imediatamente, esperando a venda dos bens que possuíam. Quando Judas soube que iria haver leilão em casa dos Donn, empacotou tudo o que tinha em casa, e enviou-o a Arabela, para que o juntasse ao resto dos bens da família Donn.

Em seguida, alugou um quarto em Alfredston. Um dia, numa vitrina, viu o anúncio da venda dos bens do seu sogro. Tomou nota da data. Contudo, ela chegou e passou sem que se aproximasse do local indicado e sem que notasse que o tráfego, ao sul de Alfredston, aumentara por causa do leilão. Alguns dias mais tarde, entrou numa loja de antiguidades na rua principal da cidade e, de permeio com uma série de caçarolas, cavaletes, candelabros de cobre, espelhos e outros objetos, evidentemente provenientes de um leilão, deparou com uma pequena fotografia enquadrada, que não era outra senão o seu próprio retrato.

Oferecera essa fotografia a Arabela no dia em que se haviam casado. Fora tirada por um fotógrafo local e por ele mesmo enquadrada em madeira de ácer. Nas costas, ainda se podia ler: “Judas a Arabela”, com a data. Arabela devia tê-la juntado ao resto dos objetos do leilão.

— Ó — disse o antiquário, ao vê-lo apanhar o quadro, e sem perceber que era o seu retrato. — É um lote de velharias que me coube num leilão que teve lugar lá para os lados de Mary green. O quadro pode ser bem útil, se o senhor tirar a fotografia. Por um xelim, pode levá-lo.

A morte completa de toda e qualquer ternura, por parte de sua mulher, materializada aos seus olhos naquela prova muda e involuntária, foi o pequeno golpe decisivo que aboliu em Judas qualquer vestígio de sentimento. Pagou o xelim, levou consigo a fotografia e queimou-a, junto com o quadro, quando chegou em casa.

Dois ou três dias mais tarde, soube que Arabela e seu pai haviam partido. Escrevera, oferecendo-lhe um encontro para um adeus de pura forma, porém Arabela respondera dizendo que não valia a pena, uma vez que estava decidida a partir.

Na noite do dia seguinte ao da partida dos Donn, Judas saiu depois do jantar e errou, à luz das estrelas, ao longo da estrada tão familiar em direção à colina onde passara pelas maiores emoções de sua vida. Parecia-lhe que o lugar voltara a ser seu.

Perdendo consciência de si mesmo, acreditava-se ainda um menino, apenas um dia mais velho do que quando sonhara no topo da colina, abraçado

pela primeira vez pela ideia de Christminster e da ciência. “No entanto, sou um homem” — pensava ele. — “Tenho uma mulher. Fui mais longe mesmo: não estou mais de acordo com ela, brigamos e nos separamos.”

Lembrou-se então que não era muito longe dali o lugar onde se dizia que tinha ocorrido a separação entre seu pai e sua mãe.

Um pouco abaixo, ficava o ponto culminante de onde Christminster, ou aquilo que tomara pela cidade, se tornara visível.

Agora como antes, um marco existia no bordo do caminho. Judas se aproximou dele e sentiu pelo tato, mais do que leu, a distância em milhas dali à cidade. Lembrou-se que, uma vez, ao voltar para casa, orgulhosamente gravara, com o seu cinzel novo, uma inscrição na parte detrás do marco, materializando suas aspirações. Fora durante o seu primeiro ano de aprendizagem, antes de ter sido desviado do seu ideal por uma mulher que não lhe convinha. Judas se perguntou se a inscrição ainda seria visível e, passando por detrás da pedra, afastou a urtigas. À luz de um fósforo, pôde distinguir o que tão entusiasticamente gravara tanto tempo antes.

PARA ALI

J. F.

Estas letras intactas, por detrás do escrínio de ervas e de urtigas, acenderam na sua alma uma centelha do antigo fogo. Certamente devia retomar os antigos projetos, ir para a frente, evitar uma tristeza mórbida, mesmo sentindo a todo momento a sordidez do mundo.

*Bene agere et laetari.* Fazer o bem alegremente — conteúdo do que ouvira dizer que constituía a filosofia de um chamado Spinoza. E podia ser ainda a sua, mesmo agora.

Podia lutar contra a sua má estrela. Podia retomar os projetos primitivos.

Alguns passos adiante, deparou com o horizonte, visto na sua direção nordeste. Ao longe, via-se um vago halo, uma luminosidade fraca e nebulosa, que não era perceptível senão aos olhos da fé. Era suficiente para ele. Iria para Christminster assim que tivesse terminado o seu tempo de aprendizagem.

Judas voltou para o seu quarto, numa bem melhor disposição de espírito e fez as suas orações da noite.

**Segunda parte**

**Em Christminster**

“Salvo sua alma, ele não possui estrela.”

SWINBURNE

“Notitiam primosque gradus vicina fecit;

Tempore crevit amore.”

OVÍDIO

AS ÁRVORES tinham mudado três vezes de folhas desde que Judas rompera a sua grosseira e vulgar vida conjugal. Entrava ele então numa nova fase de sua existência e, naquela noite, caminhava numa paisagem crepuscular em direção à cidade de Christminster, distante, para o sudoeste, de uma ou duas milhas.

Livrara-se enfim de Mary green e de Alfredston. Tendo terminado seu aprendizado, as ferramentas sobre os ombros, parecia bem preparado para essa partida que esperava há dez anos, descontado o tempo durante o qual privara com Arabela e vivera casado com ela.

Judas era agora um jovem de fisionomia enérgica, meditativa e séria, muito antes do que bela. Tinha uma tez morena com a qual se harmonizavam bem seus olhos negros. Usava uma barba bem-cuidada, mais longa do que comumente se usava na sua idade, e espessos cabelos crespos que tinha grande dificuldade de lavar e pentear, devido à poeira de pedra que, durante o trabalho, neles se depositava.

Em Alfredston, tinham-lhe ensinado tanto a talhar pedras de monumentos como a restaurar igrejas góticas ou a fazer qualquer trabalho de escultura. Em Londres, provavelmente se teria especializado mais, chegando mesmo a “estatuário”.

Naquela tarde, viera de carro de Alfredston até a aldeia mais próxima de Christminster e percorria agora a pé as duas milhas que faltavam, antes por gosto do que por necessidade. Sempre se imaginara chegando daquele modo na cidade.

O último impulso que o decidira a vir tivera uma origem curiosa — mais próxima do lado emotivo da sua natureza do que do lado intelectual, como sucede frequentemente com os moços. Um dia que, de Alfredston, fora visitar sua tia-avó em Mary green, notara, entre os candelabros de cobre da lareira, a fotografia de uma moça com um grande chapéu que lhe fazia como que um halo à volta da cabeça.

Perguntara quem era. A tia-avó lhe respondera, em tom brusco, que era sua prima, Sue Bridehead, pertencente ao ramo inimigo da família. Depois de novas perguntas, a velha acrescentara que a moça habitava Christminster. Não sabia onde, nem o que estava fazendo.

A tia-avó não lhe quisera dar a fotografia. Ficara porém obcecada-do por ela. E, mais tarde, foi este um dos elementos que o impeliram a realizar o seu desejo latente de ir ao encontro do professor Phillotson, seu amigo.

Estava agora parado, no aldo de um declive, e pela primeira vez contemplava Christminster de perto. Ficava bem próximo da fronteira do Wessex — dir-se-ia quase mesmo que, nele, só pusera a ponta do dedo do pé —, no ponto mais setentrional da imensa linha segundo a qual o Tâmis, preguiçoso, acaricia os campos daquele antigo reino. Os edifícios de pedra escura, com seus tetos



sombrios, descansavam tranquilamente ao pôr-do-sol. Aqui e ali, um catavento brilhava como uma centelha.

Judas desceu a planície e avançou entre salgueiros-chorões que se projetavam sobre o crepúsculo. Em pouco, atingiu as primeiras luzes da cidade — luzes que lançavam no céu o brilho glorioso que contemplara tantos anos antes, nos seus dias de sonho. Com seus olhos amarelos, piscavam para ele em tom de dúvida, como se, depois de tê-lo esperado tanto tempo, não o quisessem mais agora, desapontadas pelo seu atraso.

Era como uma espécie de Dick Wittington, o espírito voltado para um objetivo mais nobre do que o simples lucro material, e seguia as primeiras ruas da cidade com o passo circunspeto de um explorador. Da verdadeira cidade, nada viu nesse lado dos subúrbios.

Como, antes de mais nada, precisava de um quarto, examinou cuidadosamente todos os lugares onde pensava poder encontrar, a preço módico, um alojamento modesto. Depois de indagar muito, alugou um quarto num subúrbio apelidado “Beersheba”, muito embora, nesse momento, ainda ignorasse o apelido. Instalou-se, tomou uma xícara de chá e voltou para a rua.

Era uma noite sem lua, ventosa e cheia de murmúrios. Para encontrar o caminho, abriu debaixo de um lampião o plano da cidade que trouxera consigo. A brisa dificultava a consulta do mapa, mas Judas pôde ver o bastante para achar a direção que o devia levar ao coração da cidade.

Depois de dar muitas voltas, chegou frente a um primeiro edifício gótico. Através da grade, pôde adivinhar que se tratava de um colégio. Entrou, fez-lhe a volta e penetrou nos recantos mais escuros, indevassados pela luz. Pegado a esse colégio, encontrava-se outro. E, um pouco mais longe, ainda outro. Então, Judas começou a se sentir rodeado por todos os lados pelo sopro e pelo espírito da venerável cidade. Quando encontrava objetos em desarmonia com a sua expressão geral, obrigava os olhos a passar por sobre eles como se não os visse.

Um sino começou a tocar, e Judas o escutou até que cento e uma badaladas foram dadas. Devia ter-se enganado — pensou ele. — Deviam ter sido cem badaladas.

Quando as grades se fecharam e não pôde mais penetrar nos pátios, errou ao longo dos muros e das portas, apalpando com os dedos ornamentos e estátuas. Os minutos passavam, o número dos transeuntes diminuía e ele continuava a vagar entre as sombras. Não imaginara aquelas mesmas cenas durante os dez anos que haviam transcorrido? Assim, que importava o repouso de uma noite? Ao longo de alamedas obscuras, aparentemente não transitadas, no presente, por passos humanos, e cuja existência parecia até mesmo esquecida, emergiam pórticos, ogivas, entradas de portas de um gótico rico e florido. E era a deterioração de pedra que acentuava neles o caráter de antiguidade. Parecia impossível que o pensamento moderno se abrigasse em tão velhas e decrépitas moradas.

Não conhecendo nenhum ser humano naquele lugar, Judas co-meçava a se sentir impressionado pelo isolamento da sua própria pessoa, como se ela fosse o seu espectro. Tinha a impressão de que andava, mas não conseguia se fazer ver nem ouvir. Tomou uma respiração longa e, crendo-se quase um fantasma, evocou os outros espectros que frequentavam aqueles recantos.

No espaço de tempo durante o qual preparara a sua vinda para Christminster, em seguida à partida de Arabela, lera e aprendera quase tudo o que lhe fora possível ler e aprender sobre os grandes homens que haviam passado suas mocidades entre aqueles muros veneráveis e cujas almas os haviam visitado com frequência na época da maturidade.

Alguns deles, mercê de casualidades de leituras, surgiram na sua imaginação desmesuradamente grandes em relação aos demais.

Agora as ruas estavam desertas. Mas, devido àquelas presenças invisíveis, Judas não podia voltar para casa. Poetas antigos e modernos erravam pela atmosfera, desde o amigo e panegirista de Shakespeare até aquele que há pouco passara ao silêncio e aquele músico que ainda vive entre nós. Filósofos o rodeavam — e não filósofos carcomidos, de cabelos brancos, como nos retratos enquadados, mas filósofos saudáveis, esbeltos e ágeis como no tempo em que eram moços. E, também, padres modernos com suas sobrepelizes — entre eles os mais reais, para Judas, eram os fundadores da seita chamada Puseista ou Tractariana. E ainda, o trio tão conhecido: o entusiasta, o poeta e o formalista, cujos ecos de ensino o haviam influenciado na sua obscura morada. Parecia à imaginação de Judas que um sobressalto de indignação o acometia à vista desses outros filhos da cidade: o personagem de cabeleira postiça, o homem de estado libertino, raciocinador e cético, o historiador de barba feita e tão irônico na sua polidez em relação ao cristianismo. Outros ainda, com o mesmo temperamento incrédulo, que conheciam cada claustro tão bem quanto os fiéis e tomavam também a liberdade de mal-assombrá-los.

Judas contemplava os homens de estado nos seus diversos tipos, homens de movimentos firmes e de aparência pouco sonhadora; contemplava o sábio, o orador, o homem cujo espírito se alarga com os anos e aquele cujo espírito segue o desenvolvimento inverso.

No seu espírito, seguiam-se os cientistas e os filósofos numa combinação estranha e impossível — homens de fisionomias pensativas, de fronte enrugadas, de olhos enfraquecidos, como os dos morcegos, em consequência de intermináveis buscas; governadores gerais e vice-reis aos quais dedicava pouco interesse; presidentes de tribunais, grandes chanceleres, vultos silenciosos de lábios finos e dos quais apenas sabia os nomes. Dedicava um olhar mais atento aos prelados, em virtude de suas esperanças passadas. Deles, conhecia um grande grupo — alguns homens de coração e outros, mais intelectuais: o que fazia a apologia da Igreja em latim, o santo autor do Hino da Noite. Junto a eles,

o grande predicador ambulante, zelador ardente, autor de hinos, cuja vida fora obscurecida, como a dele, Judas, por dificuldades matrimoniais.

Pôs-se a lhes falar em voz alta, conversando com eles, tal como um ator de melodrama que apostrofa o seu auditório. Mas, de súbito cessou, num sobressalto, ao perceber o absurdo do que estava fazendo.

Talvez um pensador ou um estudante, sentado diante de sua lâmpada, estivesse ouvindo, através dos muros, aquelas palavras incoerentes.

Talvez erguesse a cabeça, indagando que voz era aquela e o que pressagiava. Judas percebia agora que ele era o único ser humano que estava gozando da velha cidade, exceção feita de um ou outro transeunte retardatário. E, também, de que estava apanhando um resfriado.

Uma voz chegou até ele do fundo da sombra e era uma voz real, humana:

— Moço, o senhor ficou sentado muito tempo nessa pedra. Que é que está fazendo?

Era um guarda que observara Judas, sem que este o visse.

Judas voltou para casa e se deitou, depois de ter lido nos livros que trouxera consigo algumas passagens referentes aos filhos da universidade e às diferentes mensagens que endereçavam ao mundo.

Como se sentisse invadido pelo sono, pareceu-lhe ouvi-los murmurar algumas dentre as suas memoráveis palavras — algumas distintamente, outras de modo que não podia compreender. Um desses espectros (que, mais tarde, zombara de Christminster como da “casa das causas perdidas”, embora Judas não se lembrasse disso) apostrofava a cidade nestes termos:

“Cidade maravilhosa! Tão preciosa, tão bela, tão serena, poupa-da pela feroz vida intelectual do nosso século!” “... Seu infável encanto não cessa de nos impelir para o nosso verdadeiro objetivo, para o ideal, para a perfeição!”

Uma outra voz, era a de um convertido à Lei do Trigo, cujo fantasma vira no pátio onde se achava o sino grande. Considerou Judas que a sua alma poderia repetir as palavras históricas do seu grande discurso:

“Meu senhor,

“Posso estar enganado, mas tenho a impressão de que o meu dever em relação a um país ameaçado pela fome me obriga a recorrer agora ao remédio habitual a todas as circunstâncias análogas — refiro-me à livre entrada do alimento do homem de qualquer parte que venha...”

Retirai-me o meu posto amanhã, não podereis nunca me privar da consciência de não ter empregado, em momento algum, o poder que me foi atribuído para um fim interesseiro, nem para servir minha ambição, nem para auferir lucro pessoal”.

Vinha em seguida o astuto autor de um capítulo imortal sobre o Cristianismo:

“Como poderemos perdoar a indolente inatenção do mundo pa-gão ou filosófico para com essas evidências (milagres) que eram apresentadas pela

Onipotência?... Os sábios da Grécia e de Roma desvia-ram o olhar desse imponente espetáculo e pareceram ignorar as alterações sobrevindas no governo físico e moral do mundo”.

Depois, a sombra do poeta, o último dos otimistas: *Como o mundo é feito para cada um de nós!*

.....

*E na multidão, cada um ajuda a reanimar*

*A vida da raça em bem do plano geral.*

Em seguida, vinha um dos três entusiastas que acabara de ver, o autor da *Apologia*:

“Minhas razões eram... que a certeza absoluta, no que diz respeito à verdade da teologia natural, é o resultado de um conjunto de probabilidades concordantes e convergentes... que probabilidades que não atingem a uma certeza lógica podem criar uma certeza moral”.

O segundo, nada tendo de um polemista, murmurava coisas tranquilas:

*Por que perder o ânimo e por que o temor de viver só Já que sozinhos, segundo a vontade dos céus, morreremos?*

Ouviu também algumas frases pronunciadas pelo terceiro fantasma, o de face pequena:

“Quando contemplo os túmulos dos grandes homens, morre em mim qualquer sentimento de inveja. Quando leio o epitáfio dos que foram belos, aplaca-se qualquer desejo desregrado. Quando assisto à tristeza dos pais diante de túmulos queridos, enche-se de compaixão o meu coração. Quando vejo os túmulos desses mesmos pais, medito sobre a vaidade de chorar por aqueles que tão depressa devemos seguir”.

E, para terminar, a doce voz de um prelado recitou estes versos simples e familiares, ricos em recordações de infância, ao som dos quais Judas adormeceu:

*“ Ensiname a viver de modo a que possa temer:*

*Tão pouco o túmulo quanto o meu leito.*

*Ensiname a morrer...”*

Judas só acordou pela manhã do dia seguinte. Os fantasmas do passado haviam desaparecido e tudo falava agora do presente. Pôs-se de pé em cima da cama, temendo ter dormido demais, e em seguida disse:

“Por Júpiter, esquecime completamente da minha linda prima e da sua presença aqui... e também do meu velho professor!” Ao falar do professor, talvez suas palavras tivessem menos calor do que quando falava de sua prima.

## II

IMPRESCINDÍVEIS MEDITAÇÕES sobre as realidades da vida de todo dia dissiparam os fantasmas por algum tempo e obrigaram Judas a abafar seu altos designios sob o peso das necessidades materiais. Foi obrigado a sair para procurar trabalho — trabalho manual, o único que, por muitos dos que a ele se entregam, é considerado como sendo trabalho.

Ao passar pelas ruas, descobriu que os colégios haviam traiçoeiramente mudado o seu aspecto simpático: alguns eram severos, outros tinham tomado a aparência de sepulturas de família que se erguessem acima do solo. Alguma coisa de bárbaro transparecia em suas arquiteturas. Os espíritos dos grandes homens haviam desaparecido.

Lia as numerosas páginas de arquitetura que o rodeavam menos como artista que criticasse suas formas do que como artífice, camarada dos antigos operários cujos músculos haviam executado aquele trabalho. Examinava as esculturas, acariciava-se como um profissional, inquietando-se com a dificuldade e a duração de suas execuções ou com o cansaço maior ou menor que haviam provocado.

Aquilo que, à noite, lhe parecera perfeito ou ideal, tornava-se de dia uma realidade mais ou menos defeituosa. Via bem que insultos cruéis haviam sido infligidos aos velhos monumentos. O estado de alguns deles o emocionava como o teria emocionado a enfermidade de seres sensíveis. Estavam feridos, quebrados, com as fachadas deformadas pela luta mortal contra os anos, o tempo e o homem.

A deterioração desses edifícios históricos lembrou-lhe que não estava tendo grande pressa em empregar o seu tempo num fim prático, como fora sua intenção fazer. Viera para trabalhar, para viver do seu trabalho, e a manhã quase já se escoara. De certo modo era um acorçoamento poder pensar que, no meio de todas aquelas pedras em ruínas, tinha possibilidades, dada a sua profissão, de encontrar onde aplicar sua capacidade. Procurou o atelier do canteiro de que lhe haviam dado o endereço em Alfredston. E, pouco depois, ouviu o barulho conhecido dos polidores e dos cinzéis.

O pátio era um pequeno centro de restauração. Judas ali encontrava, com bordos nítidos e curvas bem lisas, esculturas, idênticas às que vira nos muros, usadas pelo tempo. Era, de certo modo, a reconstituição, em prosa moderna, das ideias que os colégios cobertos de musgo apresentavam, em poesia antiga. Muitas mesmo, dentre essas antigas moradas, poderiam ter sido chamadas de prosa quando ainda eram moças. Nada haviam feito, senão esperar. E, com isso, haviam se tornado poéticas. Como isso era fácil, mesmo para o menor dos edifícios, e como era impossível, para a maioria dos homens!

Judas perguntou pelo contramestre e olhou, à sua volta, os ornamentos góticos, colunetas, lintéis, capitéis, pequenos sinos e almeias, já quase terminados

ou à espera de serem removidos. Carac-terizavam-se por linhas matematicamente retas, pela precisão, pela igualdade e pela exatidão. Nos velhos muros, encontravam-se as linhas quebradas da ideia original: curvas quebradas, desdém da precisão, irregularidades, desordem.

De súbito, teve uma iluminação: o que tinha diante dos olhos era um trabalho tão digno de interesse quanto os estudos científicos do mais nobre dos colégios. Contudo, continuou sob o jugo da sua velha ideia. E decidiu não aceitar, senão provisoriamente, qualquer emprego que a recomendação do seu antigo patrão pudesse lhe proporcionar. Essa era a forma que tomava nele esse vício moderno: a agitação.

Além disso, logo compreendeu que, naquele lugar, no máximo poderia copiar, restaurar ou imitar. Acreditava que isso proviesse de uma causa temporária e local. Não via que a arte da Idade Média estava tão morta quanto uma folha de samambaia num pedaço de carvão. No mundo que o rodeava, outros desenvolvimentos se dese-nhavam nos quais a arquitetura e a arte góticas não representavam o menor papel. Ainda não tinha descoberto a animosidade implacável da lógica e da visão contemporâneas em relação àquilo que tanto venerava.

Não tendo podido obter trabalho no momento, foi embora, novamente pensando na prima. Pequenas vagas, senão de emoção, pelo menos de interesse, pareciam indicar a sua presença, bem próxima.

Como gostaria de possuir aquele lindo retrato que vira em casa da tia! Acabou escrevendo-lhe e pedindo-lhe que mandasse o retrato. A tia o mandou, insistindo, entretanto, em que não provocasse complicações de família indo visitar a moça ou os seus pais. Judas, de temperamento ridiculamente sensível e afetuoso, nada prometeu, pôs a fotografia em cima da lareira, beijou-a — sem saber por que — e logo se sentiu mais à vontade. Sue parecia olhá-lo e participar da sua vida.

E isso era reconfortante: era mesmo a única coisa que o unia à vida e às emoções da cidade.

Judas pensou no professor — sem dúvida já agora um reverendo pastor. Contudo, ainda não podia sair à procura de um homem tão respeitável, sua atual posição ainda estando muito mal assegurada e muito precária sua sorte. Continuou, pois, solitário. Não via ninguém dentre as pessoas que circulavam à sua volta. Ainda não tendo tomado nenhuma parte ativa na vida da cidade, ela não existia aos seus olhos. Mas os santos e os profetas debaixo das ogivas, as pinturas dos museus as estátuas, os bustos, as quimeras, tudo isso lhe parecia respirar o mesmo ar que ele. Como todos os recém-chegados num lugar onde o passado está profundamente incrustado, sofria a influência desse passado com uma força insuspeitada pelos residentes habituais.

Durante muitos dias errou pelos claustros e pelos pátios dos colégios,

surpreendido com o eco zombeteiro dos seus próprios passos, secos como os golpes de um martelo. O “sentimento” de Christminster, como tem sido chamado, dominava-o cada vez mais. Acabou por conhecer melhor aqueles edifícios, sob o ângulo material, artístico ou histórico, do que qualquer um dos que lá moravam.

Foi unicamente no momento em que se encontrou no lugar com que sonhara que sentiu quanto estava longe do objetivo para o qual o impelira o seu ideal. Um simples muro o separava daqueles jovens e felizes contemporâneos cujas aspirações compartilhava: homens que, da manhã à noite, não tinham outra coisa para fazer senão ler, observar, aprender e assimilar. Unicamente um muro. Mas, que muro!

Todo dia, a toda hora, quando ia à procura de trabalho, via-os ir e vir, passava rente a eles, ouvia suas vozes, observava seus gestos. A conversa dos mais sensatos dentre eles parecia-lhe frequentemente, graças à sua longa e obstinada preparação nesse sentido, especialmente em harmonia com o seu pensamento. No entanto, estava tão longe deles quanto se vivesse nos antípodas. E, na verdade, vivia. Passando por ele — por aquele operário de blusa branca e coberto de poeira de pedra — eles nem o viam ou ouviam. Ou melhor: viam através dele como como através de uma vidraça. Por mais que representassem para ele, ele não existia aos olhos deles. E, no entanto, imaginara que, vindo para ali, ficaria próximo da vida deles.

É verdade que tinha o futuro diante de si e, se tivesse a sorte de encontrar um bom emprego, saberia esperar. Agradecia a Deus por ter saúde e força e conservava a coragem. Por enquanto, estava do lado de fora de todas as grades, inclusive das dos colégios. Talvez algum dia lá penetrasse. Por detrás das vidraças desse palácios de luz e de ciência, talvez um dia pudesse contemplar o mundo.

Enfim, recebeu um recado do canteiro, informando-o de que tinha trabalho para ele. Era o primeiro acorçoamento que recebia e prontamente aceitou a oferta.

Era jovem e robusto, sem o que jamais poderia ter levado avante, com tanto zelo, o programa que se traçou: ler durante quase toda noite, depois de ter trabalhado durante todo o dia. Primeiro, comprou uma lâmpada com um *abat-jour* e pôde gozar de uma boa luz.

Depois, canetas, papel e alguns livros indispensáveis que ainda não pudera comprar em outros lugares. Enfim, com escândalo da proprietária, mudou de posição todos os móveis do quarto — uma única peça lhe servia de quarto e sala —, estendeu uma cortina numa corda para dividir a peça, arranjou um anteparo para a porta, de modo que ninguém pudesse constatar quanto abreviava suas horas de sono, arrumou os livros e se instalou para trabalhar.

Tendo feito grandes despesas por ocasião do casamento, tanto com a casa que alugara quanto com os móveis que comprara e que tinham desaparecido na

esteira de Arabela, Judas nunca mais tinha podido economizar nada. Assim, até que pudesse receber o seu salário, tinha de viver com a maior economia. Após ter comprado um ou dois livros, não tinha nem mesmo com que acender a lareira. E, quando as noites eram muito frias e soprava um vento cortante, sentava-se diante da lâmpada, vestido com o seu capotão, chapéu e luvas de lã.

Da sua janela, avistava o campanário da catedral e a cúpula debaixo da qual ressoava o sino grande. Podia também, chegando até a escada em espiral, ver a torre principal, as altas janelas da torre dos sinos e as pequenas torres do colégio. Espetáculo este de que se servia como estimulante sempre que diminuía a sua fé no futuro.

Como todos os entusiastas, não se inquietava com os detalhes que diziam respeito à ação. Adquirindo noções gerais de encontros casuais, jamais se aprofundava nelas. “Por enquanto — pensava ele —, a única coisa necessária é me preparar, acumulando dinheiro e saber, depois esperar pelas ocasiões que se possam apresentar e permitir, a um homem como eu, se tornar filho da Universidade”. “Pois a sabedoria é uma arma e o dinheiro é uma arma, mas o que faz a beleza da ciência é que a sabedoria dá vida aos que a possuem.” O desejo de absoluto de Judas o absorvia, nada deixando nele que pudesse prestar atenção aos meios práticos de sua realização.

Nessa época, recebeu uma carta cheia de nervosismo e de inquietação de sua velha e pobre tia-avó, repisando o assunto que já a atormentara e afligira — o temor de que ele não tivesse bastante força de vontade para se manter afastado de sua prima Sue Bridehead. Seus pais, julgava ela, haviam partido para Londres, mas Sue ficara em Christminster. Havia ainda uma outra objeção: Sue era artista ou desenhista numa casa de objetos religiosos que não podia deixar de ser uma verdadeira sementeira de idolatria. Sem a menor dúvida, lá devia ter aprendido um sem-número de palhaçadas — se é que já não se tornara uma perfeita papista.

(Drusila Fawley pertencia à religião evangélica).

As buscas e os trabalhos de Judas sendo mais de ordem intelectual do que de ordem teológica, essa apreciação das prováveis ideias de Sue não o influenciou muito nem num sentido nem noutro. Mas, para encontrá-la, a informação era preciosa. Com um prazer especial, utilizou os seus primeiros momentos de folga passando pela frente das lojas que correspondiam à descrição feita. Numa delas, viu uma moça, sentada por detrás de uma secretária, que se assemelhava de um modo surpreendente à moça da fotografia. Ousou entrar, sob um pretexto qualquer, e, tendo feito uma pequena compra, deixou-se ficar na loja que parecia servida unicamente por mulheres. Viam-se livros anglicanos, objetos de papelaria e artigos de fantasia: peque-101

nos anjos de gesso, retratos de santos em quadros góticos, cruzes de ébano que eram quase crucifixos, livros de orações que eram quase missais. Judas era



muito tímido para ousar olhar a moça. Ela era tão bonita que não podia acreditar que tivesse parentesco tão chegado com ele. Então, a moça falou com uma das duas velhas que estavam atrás do balcão e ele reconheceu, no seu pronunciar, timbres da sua própria voz. Mais doce e mais encantadora do que a sua, mas, de qualquer modo, a mesma. Que fazia ela? Olhou-a de relance. Diante dela, viu uma placa de zinco de três ou quatro pés de comprimento, cortada em forma de rolo de pergaminho, completamente recoberta de pintura num de seus lados. Sobre ela, a moça desenhava ou iluminava em caracteres góticos essa simples palavra: ALLELUIA!

“Que tranquila e santa ocupação! E quão cristã!” —, pensou Judas.

Sua presença naquele lugar achava-se agora explicada, pois sem dúvida adquirira grande habilidade naquela arte com seu pai que era cinzelador de objetos religiosos. O trabalho que fazia deveria evidentemente ornar algum santuário, incitando à devoção.

Judas saiu. Ser-lhe-ia fácil falar à moça, mas pareceu-lhe pouco respeitoso, para com sua tia, não levar em consideração, assim daquele modo imediato, o seu pedido. Tratara-o sempre com rudeza, mas fora ela quem o educara. E o fato de não lhe ser possível vigiá-lo dava uma força patética a um desejo que, imposto, não teria a menor eficácia.

Judas nada fez, pois. Por enquanto, não queria ver Sue. E tinha ainda outras razões para agir assim. Ela parecia tão elegante diante dele, vestido com seu casaco grosseiro e suas calças empoeiradas, que se julgou ou em estado de enfrentá-la quanto já se julgara em relação ao professor Phillotson. Era bem possível que ela tivesse herdado as antipatias familiares e o desprezasse, tanto quanto fosse permitido a uma cristã, sobretudo depois que lhe tivesse contado o erro que cometera casando-se com Arabela.

Assim, ficou vigiando-a apenas e feliz por saber que estava ali.

O sentimento da presença de Sue o estimulava. Permanecia, porém, mais ou menos como uma figura ideal, à volta da qual urdia sonhos curiosos e fantásticos.

Duas ou três semanas mais tarde, na rua dos Tempos Passados, diante do colégio Crozier, junto com outros operários, Judas estava descarregando na calçada um bloco de pedra, esculpida antes de içá-

lo no parapeito que estava sendo reparado. Em posição de comando, o chefe da turma disse: "Gritem todos juntos quando içarem o bloco: He-ho!". E eles o içaram.

De súbito, enquanto levantava a pedra, Judas avistou sua prima, bem junto dele, parada por um momento, à espera de poder passar pela calçada. Olhava-o face a face com os seus olhos límpidos e doces, enigmáticos, nos quais se uniam — pelo menos assim o acreditava — vivacidade, ternura e mistério. A expressão desses olhos, assim como a dos lábios, permanecia animada, pois a moça acabava de trocar algumas palavras com a sua companheira. E não tomou mais

conhecimento da sua presença do que dos átomos de poeira que suas manipulações faziam bailar ao sol.

Judas estava tão perto da moça que tremia. Para evitar que o reconhecesse, virou a cara num movimento de timidez instintiva, muito embora ela não o pudesse identificar, já que nunca o vira, e talvez mesmo nunca tivesse ouvido o seu nome. Sentiu que era uma moça do campo, mas que os anos passados, durante a sua infância, em Londres e ali, haviam arrancado dela toda e qualquer rudeza.

Quando partiu, Judas continuou o trabalho, pensando nela.

Ficara tão cativado pela sua expressão que nem prestara atenção à sua aparência exterior. Lembra-se agora que não era grande, e sim magra e leve, de porte elegante. Era, mais ou menos, tudo quanto observara. Não havia nada de escultural nela. Tudo era emoção, mobilidade, graça viva. Talvez um pintor não a considerasse bela, nem bonita. Mas tudo nela surpreendia Judas, pois estava completamente livre da rusticidade que ainda havia nele. Como é que um rebento daquele tronco intratável, infeliz, quase maldi-103

to, conseguira atingir um tão alto grau de delicadeza? Devia ter sido obra de Londres....

Desde esse momento, a emoção que se acumulava no seu peito, sob a influência da solidão e da poesia do lugar onde vivia, insensivelmente começou a se concentrar nessa silhueta quase fantástica. E percebeu que, apesar do seu desejo de obediência, cedo se lhe tornaria impossível resistir à vontade de se dar a conhecer.

Afetava não pensar nela senão de um ponto de vista meramente familiar. Certas razões peremptórias lhe proibiam pensar de outro modo: primeiro, porque era casado; depois, porque eram primos. E não é coisa bem vista primos se amarem, mesmo quando as circunstâncias parecem favorecer a paixão. E ainda havia uma terceira razão: mesmo que ele fosse livre, naquela família já marcada por tantas uniões desastrosas, um casamento com uma pessoa do mesmo sangue não iria duplicar a má sorte, arrastando-os para um drama irreparável?

Deveria, pois, pensar em Sue unicamente com o interesse devido a uma pessoa de sua família. Como uma prima da qual pudesse se orgulhar. Ou com quem pudesse conversar à vontade. Mais tarde, chegaria mesmo a tomar chá com ela, mas não ultrapassaria nunca os limites de um sentimento rigorosamente familiar. Seria assim para ele uma estrela benfazeja, um poder animador, uma companheira de fé anglicana, uma terna amiga.

### III

EMBORA SOB essas diversas influências, o instinto de Judas o impelia a se aproximar de Sue. Assim, no domingo seguinte, foi ao ofício da manhã na catedral para tentar avistá-la, pois havia descoberto que ela ia lá frequentemente.

Sue não veio e ele a esperou ainda à tarde. Sabia que ela devia chegar pelo lado leste do pátio e, por isso, ficou num canto, enquanto o sino tocava. Alguns minutos antes da hora do ofício, viu Sue aparecer do lado do muro do Colégio. Seguiu-a na igreja, mais satisfeito do que nunca por não se ter dado a conhecer. Vê-la sem ser visto, ou reconhecido, era, no momento, tudo o que desejava.

Deixou-se ficar um instante na entrada e os cantos já haviam começado quando lhe indicaram um lugar. Fazia tarde tempestuosa, sombria e triste, uma dessas tardes nas quais uma religião, qualquer que ela seja, parece uma necessidade, mesmo aos seres menos senti-mentais, e não apenas um luxo reservado às classes ociosas e sempre à cata de emoções. Sob a fraca luz dos vitrais não via os fiéis senão indistintamente, mas logo descobriu Sue entre eles. Acabava de identificar o lugar exato que ocupava quando o coro começou a segunda parte do salmo 119: *In quo corriget*. Acompanhados pelo órgão que tocava uma patética ária gregoriana, os cantores proclamaram: *Como é que um jovem poderá purificar o seu caminho?*

Era precisamente a questão que preocupava Judas no momento.

Que indivíduo culpado e indigno não fora ele que se abandonara a uma paixão animal por uma mulher, permitindo que terminasse com tão desastrosas consequências! E, ainda, por ter pensado em pôr fim aos seus dias! E, enfim, por ter procurado o esquecimento na bebida!

As grandes ondas de músicas envolviam o coro, e não era estranho que Judas, nutrido de sobrenatural como o fora, creditasse o salmo escolhido a Providência atenta ao momento da sua primeira entrada naquele edifício tão solene. No entanto, era o salmo habitual à vigésima quarta noite do mês.

A moça pela qual estava sentindo toda aquela extraordinária ternura estava envolvida pelas mesmas harmonias que soavam aos seus ouvidos. Essa ideia o encantava. Ela, provavelmente, devia ser uma fiel da catedral, mergulhada inteiramente no sentimento religioso que as suas ocupações e hábitos ainda deviam exaltar mais. Adivinhava nela uma alma irmã. Para um rapaz impressionável e solitário, a consciência de ter enfim encontrado um refúgio para os seus pensamentos, capaz de bastar a todas as suas aspirações sociais e intelectuais, era como o orvalho de Hermon. E Judas ficou, durante todo o tempo do ofício, num estado de êxtase reconfortador.

Muito embora estivesse longe de ter a suspeita disso, muitas pessoas poderiam lhe ter dito que essa atmosfera provinha tão bem de Chipre como da Galileia.

Judas esperou que Sue saísse para se levantar. Ela não olhou para o seu lado, e, quando ele transpôs a porta, Sue já estava no meio da grande alameda.

Estando com a sua roupa dos domingos, Judas se sentiu tentado a segui-la e a se dar a conhecer. Mas ainda não se julgava inteiramente pronto para isso. Aliás, dada a natureza do sentimento que via nascer em si mesmo, seria prudente?...

Durante o ofício, atribuíra sua emoção a uma causa religiosa.

Contudo, e por mais que tivesse tentado se persuadir disso, não podia ignorar inteiramente a natureza real daquela atração. Sue lhe era de tal modo estranha que a alegação dos laços de parentesco existentes entre eles não podia ser sincera. E Judas pensava: “Não pode ser!

Casado como sou, não posso querê-la”. No entanto, Sue era da sua família, e o fato de ter ele uma mulher, embora ela não estivesse em evidência naquele hemisfério, poderia simplificar as relações entre eles dois. Isso afastaria do espírito de Sue a ideia de que ele pudesse ter por ela qualquer sentimento mais terno e faria com que as relações entre eles fossem naturais. E não foi sem tristeza que verificou quão pouco se importava com as consequências que pudessem advir, para Sue, dessa situação.

Pouco tempo antes do dia desse ofício na catedral, a linda menina de olhos límpidos e passos aéreos que se chamava Sue Bridehead tivera folga uma tarde e, deixando a loja de objetos religiosos, onde estava empregada, fora passear pelo campo, levando consigo um livro. Era um desses dias sem nuvens, como algumas vezes acontece em Wessex, e também em outros lugares, intercalados entre dias frios e úmidos como se se tratasse de um capricho do deus do tempo. Depois de ter percorrido uma ou duas milhas, atingiu um lugar bem mais elevado do que a cidade. O caminho passava por entre campos cobertos de verdura. Chegada a uma cancela, parou para acabar a página que estava lendo, depois se voltou para olhar as torres e as cúpulas da cidade.

Do outro lado da cancela, numa vereda, avistou um estrangeiro de cabelos pretos e face pálida, sentado na relva e tendo ao seu lado uma grande prancha quadrada sobre a qual estavam fixadas, tão próximas umas das outras quanto possível, estatuetas de gesso que estava restaurando antes de continuar o seu caminho. Na maior parte, cópias recentes de mármore antigos que representavam divindades de natureza muito diferente das que a moça estava acostumada a ver.

Entre outras, havia uma Vênus de tipo clássico, uma Diana e representantes do outro sexo: Apolo, Baco e Marte. As estátuas estavam bastante afastadas de Sue, mas, iluminadas pelo sol do crepúsculo, destacavam-se tão vivamente na erva verde que Sue distinguia perfeitamente seus contornos. Diante do contraste curioso que faziam com os campanários da cidade cristã, uma série de ideias extraordinárias acordou no espírito da moça.

O homem se levantou e, vendo-a, tirou polidamente a sua casquete, exclamando: “Estatuetas para vender!”, com um acento que estava bem de acordo com a sua aparência. Em seguida, levantou com habilidade a prancha

com todas as personagens de gesso e trouxe-as até a cancela.

Ofereceu primeiro bustos de reis e de rainhas, um menestrel, um cupido alado. Sue sacudiu negativamente a cabeça.

— Quanto custam estas duas? — perguntou, tocando com o dedo a Vênus e o Apolo — as duas estatuetas de mais tamanho.

O homem respondeu que poderia levá-las por dez xelins.

— Não posso gastar tanto — disse Sue.

Ofereceu muito menos e, com grande surpresa, viu o homem tirar as estatuetas do seu suporte de fio de ferro e entregá-las. Sue as apertou contra o peito como se fossem tesouros.

Depois de ter pago e de o homem ter ido embora, Sue se perguntou o que iria fazer com elas, de tal modo lhe pareciam nuas e grandes, agora que eram suas. De temperamento nervoso, tremia pensando no que fizera. O gesso sujara suas luvas e sua blusa. Uma ideia veio: colheu algumas folhas de bardana gigante, de salsa e de outras plantas selvagens das redondezas e envolveu nelas as estatuetas de tal modo que parecia estar carregando uma enorme braçada de verduras.

“Ora, qualquer coisa vale mais do que aquelas invariáveis imagens de sacristia!” —, pensou Sue. Mas a verdade era que ainda estava trêmula de emoção e preferiria muito não ter comprado as estatuetas.

De quando em quando, lançava um olhar através das verduras para se certificar que o braço da Vênus não estava quebrado e, carregando o seu fardo pagão, entrou por ruas pouco transitadas na mais cristã de todas as cidades da região. Alcançou assim a porta de serviço da loja onde trabalhava, e logo subiu para o seu quarto, onde procurou trancar as compras numa mala de sua propriedade particular. Mas, como não cabiam, teve de deixá-las de pé no assoalho, num canto do quarto, depois de tê-las envolvido em grandes folhas de papel pardo.

A proprietária, a senhora Fantover, era uma senhora de idade que usava óculos e se vestia como uma abadessa, tão boa conhecedora da ciência litúrgica quanto convinha a alguém da sua profissão. E, além disso, uma frequentadora assídua da igreja de S. Silas, no já menciono-do subúrbio de Beerheba, igreja esta que Judas também começava a frequentar. Filha de um pastor muito pobre, conseguira audaciosamente evitar a miséria, depois da sua morte, sobrevivendo muitos anos antes, alugando uma pequena loja de objetos religiosos que logo desenvolvera e tornara próspera. À volta do pescoço, como único ornamento, usava um rosário e uma cruz. E sabia de cor o ano cristão.

Naquele dia, ao vir chamar Sue para o chá e ao ver que não respondia imediatamente, entrou no quarto, exatamente no momento em que a moça amarrava cada um dos pacotes com um cordão.

— Uma compra que acaba de fazer, senhorita Bridehead? — perguntou, olhando os embrulhos.

— Sim, para ornamentar o meu quarto — disse Sue.

— Na verdade, julgava já ter posto bastante coisas aqui — disse a senhora Fontover, olhando as gravuras de santos nos seus quadros góticos, os pergaminhos com os versetes da Escritura e ainda outros artigos, por demais estragados para serem vendidos, que haviam servido para mobiliar aquela peça escura e feia.

— Que é isso? Como é volumoso! — Fez no papel um pequeno buraco e procurou ver. — Como, é escultura? Estátuas? Onde você as encontrou?

— Comprei de um mercador ambulante.

— Dois santos?

— Sim.

— Quais?

— São Pedro e santa... santa Maria Madalena.

— Muito bem. E, agora, venha tomar chá e depois acabe este texto para órgão, caso ainda haja luz.

Esses pequenos obstáculos levantados contra aquilo que nela não tinha sido mais do que fantasia passageira desenvolveram em Sue uma grande vontade de desembulhar as suas compras e de contemplá-las. À hora de dormir, certa de não ser importunada, desnudou à vontade as duas divindades. Colocou-as em cima da cômoda, com uma vela de cada lado, deitou-se na cama e apanhou um livro que tirara da mala e que a senhora Fontover não sabia que ela possuía. Era um volume de Gibbon, e Sue leu o capítulo sobre o reinado de Juliano, o Apóstata. De quando em quando, olhava as estatuetas, estranhas e fora de lugar no meio dos objetos e dos quadros que mobiliavam o quarto. Como se esse espetáculo a incitasse a agir, acabou por pular da cama e tirar um outro livro da mala. Era um volume de versos e escolheu o poema tão seu conhecido:

*Tu conquistaste, ó pálido Galileu:*

*O mundo se tornou cinzento sob o teu sopro!*

que leu de princípio a fim. Depois apagou a vela, despiu-se e deitou.

Estava numa idade em que se dorme profundamente. No entanto, nessa noite, acordou frequentemente e, cada vez que abria os olhos, distinguia, na luz difusa que vinha da janela, as silhuetas brancas das estátuas, contrastando estranhamente com tudo o que as cercava.

Durante um desses momentos de insônia, horas matinais bateram nos relógios das igrejas. E esses mesmos sons foram percebidos por outros ouvidos — os de um homem encurvado sobre os seus livros, não muito distante dali. Era uma noite de sábado e, por isso, Judas não pusera o seu despertador para a hora de costume. Queria, de conformidade com o seu hábito, trabalhar duas ou três horas mais do que nas outras noites. Nesse momento exato, lia avidamente o texto de Griesbach. Guardas noturnos ou transeuntes retardatários teriam podido ouvir, se se tivessem detido debaixo de sua janela, sílabas estranhas murmuradas com fervor — palavras que possuíam para Judas um inexprimível encanto — sons

inexplicáveis, qualquer coisa nesse gênero:

*“Al bemin eis The os ho Pater; ex ou ta panta, kai bemeis eis auton”.*

E, enfim, os sons se amplificavam, sempre reverenciosos, enquanto o livro findava:

*“Kai eis Kurios Iesous Christos, di ou ta ponta kai bemeis di auton!”*

## IV

JUDAS ERA hábil na sua profissão, capaz de executar os mais diversos trabalhos, como em geral o são os artífices das cidades do campo.

Em Londres, o operário que esculpe folhas de ornamentos recusa tocar na moldura que emerge dessas folhas, como se fosse humilhante, para ele, terminar a segunda metade de um todo. Conforme a necessidade, Judas esculpia ornamentos góticos, ia gravar inscrições em monumentos ou em túmulos e acontecia que sentia prazer com a diversidade do seu trabalho.

Quando tornou a ver Sue, estava executando um trabalho numa igreja. Havia um ofício matinal e, quando o pastor entrou, Judas desceu da escada e sentou com os poucos fiéis que havia, até o fim das orações.

Até o ofício chegar ao meio, não percebeu que uma das mulheres presentes era Sue, que ali viera acompanhar a velha Fontover.

Judas observava curiosamente suas belas espáduas, seu modo fácil, descuidado, de se levantar e de se sentar, suas displicentes genuflexões, e pensava no auxílio que uma anglicana como ela poderia ter representado para ele, em circunstâncias mais felizes. Agora, não foi a pressa de retomar o trabalho que o fez tornar a subir na escada, assim que os fiéis começaram a sair. Foi porque não ousava, naquele lugar santo, enfrentar a mulher que começava a perturbá-lo de um modo tão extraordinário. As graves razões pelas quais não devia estabelecer intimidade com Sue Bridehead pareciam-lhe mais insuportáveis do que nunca: não podia mais ignorar a natureza sexual do interesse que lhe tinha. Todavia, um homem não pode viver somente para o seu trabalho e, mais do que ninguém, Judas tinha necessidade de amar. Muitos teriam corrido incontinenti para ela, mendigando-lhe a graça de uma simples amizade que dificilmente poderia recusar e, quanto ao resto, teriam confiado na sorte. Judas não era desses. Pelo menos, por enquanto.

Mas, como os dias e, mais especialmente ainda, as noites solitárias se arrastassem, Judas verificou, para maior consternação sua, que pensava cada vez mais em Sue e experimentava uma felicidade sem precedentes em fazer o que era insensato, insólito e inesperado. Vivendo durante todo o dia debaixo da sua influência, passando pelos lugares que ela frequentava, pensava nela constantemente, e era forçado a se confessar que a consciência estava a ponto de ser vencida na batalha.

Na verdade, Sue era para ele um ser ideal. Conhecê-la seria talvez o remédio para aquela inesperada e injustificável paixão. Uma voz lhe murmurava que, se desejava conhecê-la, é que não queria se ver livre dela.

Não havia a menor dúvida que, do seu ponto de vista ortodoxo, a situação se tornava imoral. Amar Sue, quando era obrigado, segundo as leis do país, a amar Arabela, e nenhuma outra além dela, até o fim dos seus dias, era um péssimo recomeço para um homem que tinha as suas intenções. E Judas estava de tal



modo convencido disso que, um dia, trabalhando sozinho numa igreja de uma aldeia vizinha, como lhe acontecia fazer frequentemente, percebeu que seu dever era rezar para que fosse curado dessa fraqueza. Mas, por maior que fosse o seu desejo de ser um exemplo sob esse ponto de vista, não pôde continuar. Era-lhe totalmente impossível pedir a Deus que o livrasse da tentação, quando seu desejo era ser tentado até mesmo setenta e sete vezes. Assim se desculpava ele. E dizia: “Afinal, não há nada de sensual nessa atração, como aconteceu da primeira vez. Sue deve ter um espírito excepcionalmente brilhante e, em mim, trata-se de uma necessidade de simpatia intelectual e de afeição, determinadas pela solidão em que vivo”. Continuava pois a adorá-la, receando apenas descobrir que se tratava de perversidade humana. Com efeito, quaisquer que fossem as virtudes de Sue, seus talentos, ou a atmosfera religiosa na qual vivia, era evidente que sua paixão por ela tinha outras causas.

Por essa época, numa tarde, uma moça entrou, não sem hesitar, no pátio do canteiro e, levantando um pouco suas saias para que não se arrastassem na poeira branca, dirigiu-se para o escritório.

— Eis uma linda menina! — disse um dos homens, conhecido pelo nome de tio Joe.

— Quem é? — perguntou um outro homem.

— Não sei. Avistei-a já, aqui e ali. Ah, sim, é a filha desse tal Bridehead, operário cheio de aptidões que dez anos atrás fez o trabalho de ferro fundido de S. Lucas e, depois, partiu para Londres. Não sei o que está fazendo agora. Não deve ser grande coisa, já que ela voltou para cá.

Durante esse tempo, a moça batera na porta do escritório e perguntara se o senhor Judas Fawley não estava trabalhando no pátio.

Acontecia que Judas saíra. Ela manifestou certo desapontamento e logo foi embora. Quando Judas voltou e lhe descreveram a visitante, ele logo exclamou: “É a minha prima Sue!”.

Foi olhar na rua para ver se ainda a via, mas já estava longe. Não pensava mais sinceramente em evitá-la e, assim, resolveu ir procurá-la naquela noite mesmo. Mas, quando entrou em casa, encontrou um recado de Sue — a sua primeira carta —, um desses documentos simples e banais por si mesmos, mas que, vistos retrospectivamente, parecem cheios de consequências passionais. É unicamente a inconsciência do drama ainda indistinto que se preparara nessas epístolas inocentes que as torna, quando o drama sucede e elas são lidas à luz dos acontecimentos, mais impressionantes, solenes e, em certos casos, terríveis.

A de Sue era absolutamente inocente e natural. Chamava-o de seu caro primo Judas, dizia que acabava de saber, e por acaso, que ele estava morando em Christminster e censurava-o por não lhe ter notificado a sua presença. Teriam podido passar tantos bons momentos juntos, uma vez que ela estava inteiramente entregue a si mesma e sem verdadeiros amigos. Agora, porém, segundo todas as

probabilidades ela em breve deveria partir, de modo que qualquer possibilidade de camaradagem estaria afastada, talvez para sempre.

Um suor frio invadiu Judas ao ter essa notícia. Era uma hipótese que nunca encarara e que o levou a escrever a Sue imediatamente.

Encontrá-la-ia naquela mesma noite, uma hora mais tarde, junto à cruz, no lajedo que assinalava o lugar onde repousavam os mártires.

Assim que enviou esse recado por um garoto, Judas lastimou que, na pressa que o acometera, tivesse marcado encontrá-la na rua quando teria podido ir à sua casa. Era o hábito da aldeia e nada de diferente lhe viera à mente. Infelizmente, fora desse modo que encontrara Arabela pela primeira vez e talvez não fosse muito adequado em relação a uma menina como Sue. Contudo, não havia mais nada a fazer, agora, e tomou a direção do lugar indicado, alguns minutos antes da hora, sob a luz dos lampiões que acabavam de ser acesos.

A rua principal estava silenciosa, quase deserta, muito embora não fosse tarde. Viu uma silhueta que avançava, e os dois chegaram à cruz no mesmo momento. Antes de a terem atingido, Sue gritou:

— Não quero encontrá-lo pela primeira vez aqui, nesse lugar!

Venha um pouco mais adiante.

Ainda que bem positiva, a voz de Sue tremera um pouco. Caminhara paralelamente, um ao lado do outro. À mercê do capricho de Sue, Judas aguardava o momento em que fosse do seu agrado parar.

Detiveram-se no lugar onde costumavam estacionar as charretes de dia, ainda que, àquela hora, ali não houvesse nenhuma.

— Lastimo não ter proposto ir à sua casa — começou Judas com a timidez de um namorado. — Julguei porém que ganharíamos tempo com isso, se quiséssemos passear.

— Ó, não faz mal — disse Sue com a liberdade de um amigo. — Na verdade, não disponho de lugar para receber ninguém. O que queria dizer é que o ponto que você escolheu é tão horrível — creio que não deveria dizer horrível — enfim, tão triste e de tão mau augúrio... Mas, não é estranho que nos encontremos pela primeira vez desse modo? —

Sue o examinava com curiosidade, mas Judas apenas a olhava.

— Você parece me conhecer mais do que eu a você — disse ela.

— Sim... tenho visto você de quando em quando.

— Você então sabia quem eu era e não dizia nada? E eis que, agora, vou partir!

— Sim. E isso é bastante aborrecido. Não tenho ninguém. Na verdade, possuo um velho amigo não sei bem onde, mas não tenho vontade de vê-lo, por enquanto. Talvez você saiba alguma coisa a respeito dele. Do senhor Phillotson, não sabe? Creio que se tornou pastor, aqui nesta região.

— Não. Conheço apenas um senhor Phillotson. Mora no campo, perto daqui,

em Lomsdon. É professor numa aldeia.

— Ah! Quem sabe é o mesmo? Mas, não. É impossível que seja o mesmo! Apenas um professor! Sabe você o seu nome de batismo?

Será Richard?

— Sim, é isso mesmo. Enviei-lhe livros, mas nunca o vi.

— Então ele não conseguiu vencer!

A expressão de Judas murchou. Pois, como poderia ele ser bem-sucedido numa empresa na qual o grande Phillotson fracassara? Teria tido um dia negro, se não tivesse recebido essa notícia na presença da doce Sue. Mesmo assim, pressentiu até que ponto o fracasso de Phillotson nos seus grandes projetos universitários iria deprimi-lo assim que Sue sáisse.

— Já que vamos passear, por que não ir visitá-lo? — disse Judas subitamente. — Ainda não é tarde.

Sue consentiu e caminharam, primeiro através de uma colina, depois pelo campo coberto de bosques. Logo uma torre guarnecida de ameias e o campanário quadrado de uma igreja se destacaram no céu e, em seguida, avistaram a escola. Perguntaram a um transeunte se haveria possibilidade de encontrarem o professor Phillotson em casa e foram informados de que não saía nunca. Bateram à sua porta e viram-no aparecer com uma vela na mão e com olhar inquisitivo.

Sua face, em relação à última vez que Judas a vira, mudara, tornando-se magra e marcada pela preocupação.

O fato de, depois de tantos anos, o seu primeiro encontro com Phillotson assumir aquele aspecto simples e familiar, destruiu de uma só vez a auréola com a qual a imaginação de Judas envolvera o professor. Ao mesmo tempo, isso determinava nele uma simpatia para com aquele homem visivelmente submetido à provação e desapontado. Judas disse o seu nome e explicou-lhe que viera ver o velho amigo que tão bom fora para ele na sua infância.

— Não me lembro absolutamente de você — disse o professor num tom pensativo. — Mas, se você diz que sim, está certo. Tive porém tantos alunos nessa época de minha vida e eles mudaram tanto que só me recordo dos mais recentes.

— Foi em Marygreen — disse Judas, desejando agora nunca ter vindo.

— Ah, sim, lá fiquei muito pouco tempo. E eis, também, uma antiga aluna?

— Não. Esta é minha prima... Escrevi-lhe, pedindo-lhe umas gramáticas, e o senhor as mandou, lembra-se?

— Com efeito, lembro-me vagamente disso.

— Foi muito amável de sua parte ter agido assim. E foi o senhor que me fez enveredar por esse caminho. Na manhã da sua partida, quando as suas coisas estavam já no carrinho que as ia levar, ao se despedir, o senhor me confessou o seu sonho de ingressar na Universidade e, depois, tornar-se pastor — um diploma, dizia o senhor, era a pedra de toque necessária para quem quisesse

chegar a ser alguma coisa como teólogo ou como professor.

— Recordo-me de ter pensado secretamente tudo isso, mas estranho que não o tivesse guardado para mim mesmo. Foi uma ideia à qual renunciei há muitos anos.

— Não a esqueci nunca. E foi ela que me trouxe a essa cidade e me fez vir aqui essa noite.

— Entre — disse o professor Phillotson. — E sua prima também.

Entraram para a pequena sala da escola, iluminada por uma lâmpada cujo *abat-jour* de papel projetava luz sobre três ou quatro livros.

Phillotson tirou o *abat-jour* e os raios luminosos incidiram sobre a pequena e nervosa fisionomia de Sue, sobre seus olhos sombrios e seus cabelos negros, sobre os traços ardentes de Judas e sobre a figura grave e amadurecida do professor: uma personagem de quarenta e cinco anos, seco e magro, com ar preocupado e boca fina. Usava uma roupa preta que, em consequência de seu repetido uso, já estava começando a brilhar nos ombros, nas costas e nos cotovelos.

Pouco a pouco, a antiga amizade se restabelecia. O professor falava da sua vida; os dois primos, da deles. Confessou-lhes ele que, algumas vezes, ainda pensava na Igreja e que, não podendo nela ingressar, como fora outrora projeto seu, ainda sonhava em fazer parte dela como livre pregador. Enquanto isso não era possível, achava-se satisfeito com a sua situação atual, embora lhe faltasse um professor auxiliar.

Não ficaram para jantar. Sue tinha de voltar para casa antes que se tornasse tarde, e retomaram o caminho de Christminster. Ainda que só tivesse falado de generalidades, Judas ficou surpreso de constatar que revelação como mulher sua prima constituía para ele. Era tão vibrante que tudo o que fazia parecia inspirado pela sua sensibilidade. Um pensamento emocionante fazia com que caminhasse num passo que ele tinha dificuldade em seguir, e seu ardor, em relação a determinados pontos, era tal que podia ser confundido com simples vaidade. Com um aperto de coração, constatou que, enquanto os sentimentos de Sue em relação a ele eram simplesmente os da boa e franca camaradagem, ele a amava mais ainda do que antes de conhecê-la e que não era a queda da noite, mas sim a ideia da partida de Sue que ensombrava o seu caminho de volta para casa.

— Por que você precisa partir de Christminster? — indagou ele com tristeza.

— Como não se prender a uma cidade cuja história se orgulha de possuir homens como Newman, Pusey, Ward, Keble?

— Sem dúvida. Mas, que papel tiveram eles na história do mundo?... E que razão esquisita para querer ficar aqui! Nunca teria pensado nisso! — Sue se pôs a rir. — Enfim, é preciso que eu me vá. Tive uma discussão com a senhora Fantover, que é uma das pessoas em casa de quem estou empregada, e é preferível que eu vá logo.

— Que foi que aconteceu?

— Ela quebrou umas estátuas que me pertenciam.

— Ó, de propósito?

— Foi. Ela as encontrou no meu quarto e, muito embora fossem minhas, jogou-as ao chão e pisou-as, esmagando-lhes a cabeça e os pés, só porque não eram do seu gosto. Veja que miséria!

— Por demais católicas para ela, não? Com certeza, chamou-as de imagens papistas e falou da invocação dos santos?

— Não, não, não foi por isso. Foi tudo por uma razão inteiramente diferente.

— Ah, nesse caso, sinto-me surpreendido.

— Sim, era por uma razão muito diferente que ela não gostava dos meus santos padroeiros. Fui pois obrigada a discutir e, no fim de tudo, resolvi não ficar mais em casa dela e descobrir uma ocupação que me deixe mais independência.

— Por que você não experimenta ensinar de novo? Pelo que me disseram, você já ensinou.

— Nunca mais pensei nisso. Agora, estava ganhando minha vida como desenhista.

— Você me permite pedir ao professor Phillotson que experimente você como auxiliar, na escola? Se você gostar, poderá depois entrar numa escola normal e conseguir o título de professora de primeira classe. Você ganharia o dobro do que como desenhista e também teria o dobro da liberdade que tem.

— Seja. Pode pedir. Agora, preciso entrar. Até amanhã, meu caro Judas. Estou radiante por nos termos enfim encontrado. Não é porque nossos pais brigaram que nós vamos fazer o mesmo, não é verdade?

Judas não estava disposto a deixar Sue perceber até que ponto concordava com ela. Por isso, retomou logo o caminho da longínqua rua onde morava.

Fazer com que Sue Bridehead permanecesse junto dele era agora um desejo que animava Judas sem que ele olhasse para as suas possíveis consequências. Assim, no dia seguinte, temendo que uma carta não tivesse efeito bastante persuasivo, tomou de novo o caminho de Lumsdon. O professor não esperava pela proposta.

— O que eu realmente procurava era um professor auxiliar de segundo ano, como se costuma dizer. Evidentemente, como pessoa, sua prima serviria. Apenas, ela não tem nenhuma experiência... Ou será que tem? Será que pensa adotar o ensino como profissão?

Judas respondeu que, ao que pensava, Sue tinha essa disposição. E seus hábeis argumentos, provando que ela possuía todas as qualidades necessárias para ajudá-lo — asserção essa que Judas fazia gratuitamente — convenceu-o tão bem o professor que ele acabou prometendo contratá-la. No entanto, preveniu a Judas, como amigo, que, se Sue não tinha a intenção de continuar nesse caminho que a devia conduzir até a escola normal, estaria perdendo seu tempo com

aquele aprendizado, pois o salário era apenas nominal.

No dia seguinte, o professor Phillotson recebeu uma carta de Judas informando que consultara Sue de novo e que ela se mostrara cada vez mais entusiasmada pela ideia de ensinar e decidira aceitar a proposta. Ao espírito do professor, jamais ocorreu que o ardor de Judas em promover esse arranjo proviesse de nenhum outro sentimento em relação a Sue senão do simples desejo de se ajudar mutuamente, natural entre pessoas da mesma família.

O PROFESSOR estava sentado dentro da sua pequena casa, pegada à escola, e olhava a velha morada onde habitava a professora auxiliar, Sue. A combinação fora concluída com grande rapidez. Faltara uma auxiliar que devia ser enviada ao professor Phillotson e ele contratara Sue em seu lugar. Uma solução provisória como essa só podia durar até a visita anual do inspetor de Sua Majestade. Para torná-la permanente, seria necessária a sua aprovação. Já tendo ensinado em Londres durante dois anos, embora a tivesse abandonado mais tarde, Sue Bridehead não deixava de ser da profissão, e Phillotson acreditava que não tivesse dificuldade em mantê-la no cargo. E isso ele já o desejava, muito embora Sue só estivesse trabalhando há três ou quatro semanas. Achara-a tão inteligente quanto Judas o dissera. E qual é o professor que não deseja guardar um auxiliar que lhe poupa metade do trabalho?

Naquela manhã, era um pouco mais de oito e meia. Phillotson esperava ver Sue atravessar a rua e chegar à escola, momento esse em que iria ao seu encontro. Às vinte para as nove, quando Sue apareceu, com um chapéu que lhe ia muito bem na cabeça, ele a olhou como se olha uma curiosidade. Um encanto novo, que nada tinha a ver com as suas qualidades profissionais, parecia envolvê-la naquela manhã. Também ele foi para a escola e, debaixo do seu olhar o dia inteiro, Sue cuidou da sua classe. Seguramente, era uma excelente professora!

Fazia parte dos seus deveres dar-lhe, à noite, lições particulares.

Em um determinado artigo do Código exigia a presença de uma senhora de idade, respeitável, sempre que professor e aluno fossem de sexos diferentes. Richard Phillotson considerava esse regulamento absurdo, no que dizia respeito ao caso presente, uma vez que ele era suficientemente idoso para ser pai da moça. No entanto, com ele se conformava religiosamente e instalava-se com Sue na sala onde cosia a senhora Hawes, a viúva que hospedava Sue. Aliás, não teria sido fácil burlar o regulamento: era a única peça do edifício.

Algumas vezes, calculando — pois era aritmética o que estudavam —, Sue erguia involuntariamente os olhos em sua direção com um pequeno sorriso de interrogação, como se acreditasse que, sendo seu professor, devesse compreender tudo que se passava no seu espírito,

o certo e o errado. Phillotson não estava absolutamente pensando em aritmética e sim nela, e de uma maneira que lhe parecia de certo modo estranha, dada a sua posição de professor. E, talvez mesmo, ela tivesse consciência do modo pelo qual ele pensava nela.

Durante várias semanas o estudo prosseguiu numa monotonia que, em si, era uma felicidade para o professor. Depois, aconteceu que, um dia, os alunos tiveram de ser levados a Westminster para ver uma reprodução de Jerusalém que era exibida de cidade em cidade e que, com fins instrutivos, as escolas podiam ver, pagando apenas um *penny* por aluno. As crianças caminhavam duas a duas

e Sue ia ao lado delas, protegida pela sua sombrinha de algodão que segurava apoiando o polegar em direção ao alto. Atrás dela, vinha Phillotson com a sua roupa larga, segurando elegantemente uma bengala com o ar sonhador que se lhe tornara natural desde a chegada da moça. A tarde estava ensolarada e poeirenta e, quando entraram na sala de exposição, além deles, quase não havia ninguém.

O plano em relevo da velha cidade estava no meio da sala, e o proprietário, cuja fisionomia refletia uma bela filantropia religiosa, dava voltas pela sala, munido de uma pequena vara com a qual indicava às crianças os diferentes quarteirões e monumentos de que haviam lido os nomes na Bíblia: o monte Moriah, o vale de Josafat, a cidade de Sião, muros e grades. Um pouco fora de uma dessas grades, erguia-se um pequeno montículo parecendo um túmulo encimado por uma cruz.

Era ali, dizia ele, que se situava o Calvário.

— Creio — disse Sue ao professor que estava ao seu lado, um pouco atrás — que essa reprodução, por mais cuidada que seja, não passa de uma obra imaginária. Como é que se pode saber o que era Jerusalém no tempo de Cristo? Tenho certeza que esse homem não sabe.

— Foi feito de acordo com os melhores planos conjecturais, depois de se ter visitado a cidade tal qual ela existe agora.

— Parece-me que nos falaram demais de Jerusalém — disse Sue —, uma vez que não descendemos dos judeus. Afinal de contas, não havia nada assim de tão extraordinário nesse lugar, nem nesse povo — nada de comparável a Atenas, Roma, Alexandria ou a outras cidades antigas.

— Mas, minha cara amiga, pense um pouco no que isso representa para nós!

Sue ficou silenciosa, pois facilmente se refreava. Em seguida, avistou, por detrás do grupo das crianças, um jovem de casaco de flanela branca, de tal modo encurvado na contemplação do vale de Josafat que ficava quase oculto pelo Jardim das Oliveiras.

— Veja o seu primo Judas — continuou o professor. — Veja como ele se interessa por Jerusalém.

— Ó, não o tinha visto! — exclamou Sue com vivacidade. — Judas, será que isso o apaixonou a tal ponto?!

Judas despertou da sua meditação e viu-a.

— Ó, Sue — disse ele, enrubescendo de prazer e de emoção. — Evidentemente, esses são os seus alunos! Sabia que, à tarde, as escolas são admitidas e pensei que você talvez viesse. Mas, estava tão interessado que não vi você. Como nos transporta longe, para trás, não é? Poderia ficar examinando isso durante horas, mas, infelizmente, disponho apenas de alguns minutos.

— Sua prima é tão terrivelmente inteligente que está criticando tudo isso aqui



sem piedade alguma — disse Phillotson num tom irônico e bem-humorado. — Seu ceticismo atinge também a exatidão do plano.

— Não, professor Phillotson, não é exatamente isso. Detesto ser o que se costuma chamar uma mulher inteligente... agora há demais! — respondeu Sue, um pouco vexada. — O que eu queria dizer, nem sei bem o que era. Só sei que não era o que o senhor entendeu.

— Pois *eu* sei — disse Judas com entusiasmo (muito embora nada soubesse). — E acho que você tem toda razão.

— Ótimo, Judas! Eu bem sei que você acredita em mim!

Sue segurou impulsivamente a mão de Judas, lançou um olhar de censura para o professor, e voltou-se para o primo com uma voz que tremia de um modo absurdo e que ela própria não conseguia justificar. Não teve então a menor consciência da força com que, sob aquela inesperada revelação de sentimentos, aqueles dois corações haviam palpitado por ela, nem de todas as complicações que lhes preparava para o futuro.

O plano tinha um aspecto por demais educativo para não cansar logo as crianças. Assim, pouco depois retomavam todos o caminho de Lumsdon, enquanto Judas voltava ao seu trabalho. De longe, via o rebanho juvenil com as suas roupas e os seus aventais muito limpos, indo para o campo, ao lado de Phillotson e de Sue. E se sentiu triste, descontente por estar afastado deles. Phillotson convidara-o a fazer-lhe uma visita na sexta-feira à noite, pois, nesse dia, não dava lição a Sue. E ele prometera com entusiasmo aproveitar a ocasião.

Enquanto isso, professores e alunos chegavam em casa e, no dia seguinte, olhando para o quadro-negro da classe de Sue, Phillotson ficou surpreso ao ver, habilmente desenhada a giz, uma vista em perspectiva de Jerusalém mostrando cada monumento no seu exato lugar.

— Pensei que o plano não lhe tivesse interessado e que você mal o tivesse olhado — disse ele.

— É verdade — respondeu Sue —, mas lembrei-me de tudo isso.

— É mais do que eu próprio me lembro.

— O inspetor de Sua Majestade fazia então “visitas-surpresas” nas redondezas para pegar de imprevisto os professores. Dois dias mais tarde, no meio da aula matinal, a maçaneta da porta girou man-samente e surgiu este personagem, verdadeiro terror dos professores.

Para o professor Phillotson a surpresa não foi muito grande. Já tinha passado pela prova vezes demais para não estar suficientemente preparado. Mas a aula de Sue era no outro extremo da sala e ela estava de costas para a entrada. O inspetor pôde assim chegar até junto dela e assistiu à sua lição durante um meio minuto, até que Sue percebeu sua presença. Voltou-se então e compreendeu que o momento tanto tempo esperado enfim chegara. O efeito sobre a sua timidez foi tal que soltou um grito de medo. Phillotson, com um estranho instinto de

solicitude, independente de sua vontade, conseguiu estar junto dela a tempo de impedir que caísse no chão. Sue voltou logo a si e pôs-se a rir. Mas, depois da partida do inspetor, teve uma nova reação e ficou tão pálida que Phillotson a levou para o quarto e lhe deu um pouco de conhaque para fazê-la voltar a si. Sue percebeu então que ele lhe estava segurando a mão.

— O senhor devia ter-me prevenido — murmurou ela com mau humor — que era iminente uma visita do inspetor. Ó, que vai ser de mim? Agora, ele vai escrever que não presto para nada e ficarei desa-creditada para sempre.

— Não há perigo algum, minha menina querida, você é a melhor auxiliar que jamais tive!

Phillotson a olhava com uma tal doçura que Sue ficou comovida e lastimou as censuras que lhe fizera. Quando se sentiu refeita, voltou para casa.

Enquanto isso, Judas esperava a sexta-feira com impaciência. Tanto na quarta, como na quinta-feira, sentira-se de tal modo sob a ação do desejo de ver Sue que andara, à noite, algum tempo no caminho que levava à aldeia e, quando voltara para ler, verificara que estava totalmente incapaz de concentrar a atenção. Na sexta-feira, tendo-se preparado com cuidado, de modo a agradar a Sue, tomou rapidamente uma xícara de chá e saiu, apesar de a noite estar úmida. Por cima da sua cabeça, as árvores tornavam a obscuridade ainda mais espessa e delas caíam melancolicamente pequenas gotas que interpretava como um mau presságio — aliás muito illogicamente, pois, se sabia que amava Sue, sabia também que, para ela, não podia ser mais do que um primo.

Ao dobrar a curva da estrada e ao entrar na aldeia, o primeiro espetáculo que atraiu seu olhar foi o de duas silhuetas debaixo de um mesmo guarda-chuva, saindo do presbitério. Estava longe demais para identificá-las, mas logo percebeu que eram Sue e Phillotson.

Evidentemente, acabavam de visitar o pastor — provavelmente para tratar de alguma questão relativa à escola. Enquanto caminhavam na ruazinha úmida e deserta, Judas viu Phillotson passar o braço à volta da cintura da moça. Ela o afastou docemente, mas ele recomeçou, e ela, então, deixou olhando rapidamente em torno, com ar te-meroso. Não olhou bem para trás e, por isso, não viu Judas. Este caiu de encontro à cerca, como se tivesse sido fulminado por um raio. E ali ficou escondido, até que os dois atingissem a casa onde Sue morava e onde ela entrou, deixando Phillotson continuar até a escola, bem próximo dali.

“Ó, ele é velho demais para ela, por demais velho!” — exclamou Judas, no terrível desmoronamento de um amor sem esperança.

Não podia intervir. Não pertencia ele a Arabela? Incapaz de ir mais adiante, voltou para Christminster. Cada um dos seus passos parecia-lhe dizer que, sob pretexto algum, devia se interpor entre Sue e o professor. Sem dúvida, Phillotson tinha vinte anos mais do que Sue, mas muitos casamentos felizes se haviam feito

nas mesmas condições. E a ironia da sorte fizera com que a intimidade entre sua prima e o professor fosse exclusivamente obra sua!

## VI

ESTANDO a tia de Judas, pobre velha endurecida pela vida, doente em Marygreen, ele a foi visitar no domingo seguinte. Antes de se decidir a fazer essa visita, teve de lutar muito e vencer o desejo de ir a Lumsdon ter um pequeno encontro com Sue. Neste encontro, no entanto, não lhe seria possível pronunciar nenhuma das palavras que lhe eram mais gratas ao coração, nem revelar o que surpreendera e tanto o torturara.

A velha Fawley não podia deixar o leito, e Judas passou uma grande parte do dia fazendo arranjos que lhe proporcionassem maior conforto. A pequena padaria fora vendida a um vizinho. Com o produto dessa venda e com suas economias tinha mais do que o necessá-

rio para viver, tanto mais quanto morava com ela uma viúva do lugar que a auxiliava em tudo. Foi somente no momento da partida que Judas pôde conversar tranquilamente com ela. Imperceptivelmente, desviou a conversa para Sue.

— Sue nasceu aqui?

— Sim, neste quarto. Era aqui que então viviam seus pais. Por que é que você pergunta isso?

— Queria saber apenas.

— Naturalmente, você já foi procurá-la — disse a velha com severidade. —

Ora, que foi que eu disse a você?

— Bem... Disse que não a fosse procurar.

— Você tagarelou muito com ela?

— Sim.

— Então, não continue. Ela foi educada pelo pai no ódio à família materna e não olhará com simpatia para um operário como você.

Sue deve ter se tornado uma moça da cidade! Nunca a apreciei muito. Era uma meninota mal-educada, um verdadeiro feixe de nervos.

Muitas vezes tive de bater nela por causa de sua impertinência. Imagine você que, um dia, surpreendia a caminho do tanque, sem sapatos nem meias, as saias levantadas acima dos joelhos. E antes que eu a pudesse repreender, ela gritou: “Titia, vá se embora. Não é um espetáculo para olhos pudicos”.

— Era uma criança então, não?

— Tinha exatamente doze anos, dia por dia.

— Naturalmente. Mas agora que está mais velha, possui uma natureza sonhadora, fremente, terna, tão sensitiva quanto...

— Judas! ... — gritou a tia, erguendo-se da cama. — Não vá ficar bobo por causa dela.

— Não, não, certamente que não.

— Casando-se com uma mulher como Arabela, você já fez o que um homem poderá fazer de pior, mesmo com grande esforço.

Todavia, ela foi para o outro extremo do mundo e provavelmente não o

aborrerá nunca mais. E seria pior ainda, com os laços que você tem, se você se embeixasse por Sue. Se Sue é amável com você, toma essa amabilidade pelo que ela vale. Seria porém pura loucura dar-lhe qualquer coisa além da simpatia de um primo pela sua prima. Se ela for frívola e leviana, como costumam ser as meninas da cidade, será a sua desgraça.

— Não fale nada contra Sue, por favor!

Judas se sentiu aliviado pela entrada da companheira e enfermeira da tia que devia estar escutando a conversa, pois foi logo iniciando uma narração dos tempos passados, em que fazia de Sue Bridehead o principal personagem. Descreveu a pequena extrava-gante que Sue era quando frequentava a escola, antes de seu pai a levar para Londres. Quando o pastor organizava sessões de leitura ou de recitativos, Sue, então a menor de todas, aparecia no estrado com o seu vestido branco, os seus sapatos brancos e a sua faixa cor-de-rosa e recitava “Excelsior”, “Houve um Som de Festa na Noite” e o “O Corvo” de Põe. Franzia o sobrolho, olhava tragicamente em volta e dizia, dirigindo-se ao espaço vazio como se diante dela estivesse alguma criatura viva:

*Trágico, sombrio e velho corvo,  
Diz-me qual é o teu nome senhorial  
Nas noturnas plagas de Plutão?*

— Seguramente, Sue parecia evocar o tenebroso animal — confir-mou a contragosto a doente —, quando aparecia assim de pé no estrado. Dir-se-ia quase estar com o próprio corvo diante dos olhos. Você também, Judas, quando era pequeno, tinha o mesmo hábito de parecer estar vendo coisas no ar.

A vizinha falou também de outras habilidades de Sue.

— Ela não era a bem dizer uma menina-menino. Contudo, gostava de brincadeiras de que, em geral, só os meninos gostam. Uma vez eu a vi se lançar no lago num longo mergulho, com os cabelos anelados ao vento, diante de uma fila de vinte crianças que, nesse momento, se recortavam no céu como figuras pintadas em vidro e vi-a voltar num só fôlego. Eram todos meninos, exceto ela. Eles gritavam: bravo! e então ela exclamou!: “Não sejam insolentes” e, subitamente, correu para casa, Todos gritaram para que voltasse. Ela, porém, não voltou.

Essas visões retrospectivas de Sue só faziam tornar Judas mais infeliz, uma vez que não podia se fazer amar por ela. E assim, naquele dia, deixou a casa da tia como o coração pesado. Bem que gostaria de lançar um olhar na pequena sala da escola onde a menina Sue tantas glórias colhera, mas reprimiu seu desejo e partiu.

Sendo domingo à noite, um grupo de camponeses, com os quais mantivera outrora relações, achava-se no seu caminho, vestidos todos com suas melhores roupas. À saudação de um deles, Judas teve um sobressalto.

— Então, você conseguiu, hein?

Judas mostrou não ter compreendido.

— Ora, a cidade do saber, a “Cidade das Luzes” de que você falava quando era garoto! Isso é tudo o que você esperava dela!?

— Sim, e mais ainda!

— Quando lá estive uma vez, pelo espaço de uma hora, a bem dizer não vi grande coisa. Edifícios velhos desabando, metade igrejas, metade asilos, nada de muito extraordinário!

— Você se engana, John. Lá acontecem mais coisas do que um homem consegue ver ao passar pelas ruas. É um centro único de pensamento e de religião — o celeiro intelectual e espiritual do país.

Todo aquele silêncio, aquela ausência de acontecimentos é a imobilidade do movimento eterno — é como que o sono do pião que gira, para usar a imagem de um escritor.

— Por mim, pode ser que seja isso e pode também não ser. Como disse, nada vi durante as duas ou três horas em que lá estive. Então, entrei para pedir um copo de cerveja, um pouco de pão e uma meia porção de queijo e esperei pela hora da volta. Você já entrou para algum colégio, não?

— Ah, não! — disse Judas. — Estou quase tão longe disso quanto antes.

— Como assim?

Judas sacudiu o bolso.

— Justamente o que nós imaginávamos! Esses lugares são para pessoas que têm muito dinheiro e não para criaturas como você.

— Você se engana nisso — disse Judas com certo amargor. — São também para nós!

Todavia, essa observação bastou para tirar a atenção de Judas do mundo de imaginação em que vivia há já algum tempo e no qual uma figura abstrata, mais ou menos semelhante a ele mesmo, mergulhava numa sublimação das ciências e das artes, certa de obter um dia um lugar no paraíso dos sábios. Era obrigado a encarar seus projetos sob a fria luz do Norte. Recentemente, descobrira que o grego que sabia não era suficiente, sobretudo para lidar com os autores dramáticos.

Ficava às vezes tão cansado, após um dia de trabalho, que não podia manter sua atenção crítica. Percebia que necessitava de um repetidor — um amigo que lhe explicasse, num instante, o que ele levava às vezes um mês inteiro para extrair de incômodos e obscuros livros.

Decididamente, tornava-se necessário encarar os fatos de mais perto do que o vinha fazendo naqueles últimos tempos. Afinal, para que empregar todas as horas de folga num trabalho que chamava “seus estudos pessoais”, sem olhar para as suas possibilidades práticas?

“Deveria ter pensado nisso há mais tempo” — refletiu Judas, durante a viagem de volta. “Teria sido melhor nunca ter-me metido nisso, do que fazê-lo

sem saber ao certo onde vou parar nem o que quero... Errar assim em torno dos muros dos colégios, como se esperasse que, de dentro deles, algum braço saísse para me buscar de nada serve. Preciso obter informações seguras.”

Na semana seguinte, trabalhou nesse sentido. Pareceu-lhe, de início, encontrar uma boa ocasião, quando avistou, uma tarde, um senhor de idade, que lhe haviam dito ser o diretor de um determinado colégio, passeando num jardim público, próximo ao lugar onde estava sentado. O senhor se aproximou e Judas o olhou cheio de ansiedade. Tinha fisionomia afável, prudente, ainda que bastante reservada. Depois de refletir, cuidou Judas que não podia se levantar e dirigir-lhe a palavra. Mas o incidente o impressio-nou a ponto de lhe fazer ver que, para ele, seria uma coisa muito acertada expor por carta suas dificuldades a alguns dentre os melhores e mais prudentes professores da cidade, pedindo-lhes conselho.

Durante a quinzena seguinte, colocando-se em determinadas posições, espreitou pelos diretores dos colégios mais categorizados, pelos Provost, pelos Hardens e por vários outros. Entre os que encontrou, acabou escolhendo cinco, cujas fisionomias lhe pareceram de homens compreensivos e de ideias largas. Escreveu-lhes, explicando rapidamente suas dificuldades e pedindo-lhes uma opinião sobre o seu caso.

Quando as cartas foram postas no correio, Judas começou a julgá-las. Desejava não as ter mandado. “Foi uma dessas iniciativas indiscretas, vulgares, importunas, como se veem tantas hoje em dia”, pensou ele. “Como pude pensar em me dirigir, assim desse modo, a estranhos? Como podem eles saber que não sou um impostor, um vagabundo, ou um sujeito de mau caráter? E, quem sabe, é isso mesmo que eu sou!”

Contudo, agarrava-se à esperança de uma resposta, como à única tábua de salvação possível. Dia após dia, aguardava, julgando perfeitamente absurdo esperar, mas esperando. Durante essa expectativa, foi subitamente surpreendido por uma notícia que dizia respeito a Phillotson. Este ia deixar a escola de Christminster por uma maior, no sul do Wessex. Que significava aquilo? Que consequências teria para Sue? Não representava, para Phillotson, um meio de ganhar mais dinheiro, de modo a poder suprir as necessidades de um casal?

Judas não o podia dizer. E as ternas relações entre o professor e a moça pela qual ele, Judas, estava tão apaixonadamente enamorado, proibiam-lhe ir saber de Phillotson quais os seus projetos. Durante esse tempo, os personagens a quem escrevera não se tendo dignado responder-lhe, Judas ficou inteiramente entregue a si mesmo, e cada vez mais entristecido, dado o naufrágio das suas esperanças. Por indagações indiretas, cedo percebeu com nitidez o que vagamente sempre suspeitara: a única solução aceitável era ele se preparar para fazer exames, de modo a obter uma bolsa ou uma pensão. Mas, para isso, seria necessário tomar um repetidor, além de ter uma grande facilidade natural. Era quase impossível, trabalhando sozinho, mesmo lendo muito e com muita seriedade, e mesmo ao

longo do prolongado período de dez anos, entrar em competição com aqueles que, durante toda a sua vida, tinham estado sob a direção de professores competentes e estudado de acordo com as boas regras.

A outra solução, a de comprar a sua entrada, se assim se pode dizer, era a única possível no seu caso e oferecia, apenas, a dificuldade pecuniária. Tendo obtido essas informações, Judas quis medir a extensão desse obstáculo material e descobriu, consternado, que, na melhor hipótese, lhe seriam necessários pelo menos quinze anos para economizar o dinheiro requerido. A empresa não podia ser bem-sucedida.

Foi então que Judas percebeu a atração estranha e envolvente que sobre ele exercera a vizinhança da praça. Lá chegar e lá viver, circular por entre as igrejas e os colégios, impregnar-se do *genius loci*, tal fora o objetivo evidente e ideal da sua mocidade sonhadora. “Que eu consiga apenas chegar lá”, pensava ele com a mesma ilusão de Crusoé sonhando com o seu navio, “e o resto é apenas questão de tempo e de energia.” Sob todos os pontos de vista, teria sido melhor para ele não se aproximar nunca daquela fachada enganosa, ou ir para uma cidade comercial com o único fito de ganhar dinheiro e considerar seu plano sob a sua verdadeira perspectiva. Pois bem, o que estava claro, agora, era que todos os seus planos haviam estourado como uma bolha de sabão diante de um inquérito bem conduzido.

Reviu-se ao longo dos anos decorridos e seu pensamento se assemelhava ao de Heine:

*Acima dos olhos brilhantes e inspirados da mocidade Vejo se levantar o gorro burlesco do rufião.*

Felizmente, não lhe fora permitido introduzir essa decepção na vida da sua querida Sue, envolvendo-a nessa derrocada. Assim, os penosos detalhes do despertar para a compreensão dos seus verdadeiros limites seriam evitados a Sue, na medida do possível. Afinal, não conhecera senão uma parte bem pequena da miserável luta na qual ele se lançara, mal municiado, pobre e imprevidente.

Jamais se esqueceu do aspecto desse dia durante o qual acordou do seu sonho. Não sabendo muito bem o que fazer de si, subiu até um quarto octogonal existente na lanterna de um teatro de construção bizarra que se erguia no centro daquela cidade estranha e singular. Era uma pequena peça com janelas, em toda a volta, o que permitia ver dali a cidade inteira e seus edifícios. Percorreu com o olhar todas as diversas vistas, com um ar mediativo, triste, se bem que cheio de decisão. Aqueles edifícios, suas associações e privilégios, não eram para ele. Do telhado da grande biblioteca, onde ainda não tivera quase tempo de entrar, seus olhos passaram para os numerosos campanários, colégios, ruas, capelas, jardins, pátios que compunham o conjunto daquele panorama único. Viu que seu destino não estava ali e, sim, entre os trabalhadores manuais, naqueles subúrbios



miseráveis onde morava, que não eram considerados parte da cidade pelos seus visitantes ou panegiristas, mas que albergavam cidadãos sem os quais os eruditos não poderiam trabalhar, nem os pensadores viver.

Olhou para fora da cidade, em direção ao campo, às árvores que escondiam aquela cuja presença, de início, fora a alegria do seu coração e cuja perda constituía, agora, uma terrível tortura. Sem esse golpe, teria suportado a sua sorte. Se tivesse Sue como companheira, teria renunciado às suas ambições com um sorriso nos lábios. Sem ela, era inevitável que a reação, depois do longo esforço ao qual se submetera, o afetasse de um modo desastroso. Sem dúvida, Phillotson passara por um desapontamento intelectual análogo ao que agora o invadia. Mas, o professor, depois disso, tivera a felicidade de ser consolado pela doce Sue, enquanto que, para ele, não havia consoladora.

Tendo decidido para a rua, Judas vagueou até que chegou a um *cabaret* e nele entrou. Bebeu, um atrás do outro, diversos copos de cerveja e, quando saiu, já a noite caíra. À luz dos lampiões que piscavam, voltou para casa a fim de jantar. Mal se sentara, a proprietária lhe trouxe uma carta que acabara de chegar. Colocou-a diante dele, com-penetrado do sentimento da importância que aquela missiva podia ter. Lançado um olhar, logo Judas percebeu que o envelope trazia o sinal de um dos colégios a cujos diretores se dirigira. “*Um enfim!*”, — exclamou.

A comunicação era breve e não exatamente o que esperara. Mas, em verdade, era do mestre em pessoa. Dizia:

Ao senhor J. Fawley, canteiro.

Prezado senhor. Li sua carta com interesse e, considerando de acordo com a sua própria declaração que o senhor é um operário, permito-me dizer-lhe que teria muito maior probabilidade de sucesso na vida ficando na sua esfera e permanecendo fiel à sua profissão do que adotando um novo caminho. É, pois, o que eu lhe aconselho.

Sinceramente seu,

T. TETUPHENAY

Esse tão ajuizado e terrível conselho exasperou Judas. Já realizara antes tudo aquilo. Sabia que era verdade. No entanto, o golpe lhe pareceu duro, depois de dez anos de trabalho, e levou-o, no momento, a sair em vez de ficar lendo, como de costume. Entrou num bar e bebeu dois ou três copos de cerveja. Em seguida, sem ter consciência do que estava fazendo, andou ao acaso pelas ruas e chegou, enfim, a um lugar chamado Quatro Caminhos, situado bem no meio da cidade, fixando distraída-mente os transeuntes como se estivesse em transe e voltando enfim a si para falar ao guarda que ali se achava.

O guarda bocejou, espreguiçou-se, ergueu-se um centímetro e meio sobre a ponta dos pés, sorriu, olhou Judas cheio de bom humor e disse:

— Você bebeu um bocado, hei, rapaz!?

— Não, apenas comecei — replicou Judas cinicamente.

Judas bebera, mas seu cérebro continuava lúcido. Só ouvia uma parte das observações do guarda, absorvido pela ideia das pessoas que se haviam detido naquele cruzamento de caminhos, lutando como ele, e nas quais ninguém mais pensava. Aquele lugar possuía uma história, mais interessante do que a do mais velho dos colégios da cidade. Estava literalmente cheio, estratificado pelas sombras de grupos humanos que ali se haviam reunido para viver, de modo mais intenso, tragédias, co-médias, farsas. Nos Quatro Caminhos, homens haviam parado e discutido Napoleão, a perda da América, a execução do rei Carlos, os suplícios dos mártires, as Cruzadas, a conquista normanda, talvez mesmo a chegada de César. Ali, homens e mulheres se tinham encontrado por se amar, se odiar, se separar, haviam esperado, sofrido uns por causa dos outros, triunfado uns sobre os outros, se amaldiçoado durante crises de inveja e, depois, abençoado, em momentos de perdão.

Judas começava a compreender que a vida de uma cidade é um livro de humanidade mais palpitante, mais variado e resumido que a vida da Universidade. Aqueles homens e mulheres que lutavam diante dele eram a realidade de Christminster, embora pouco conhecessem de Cristo ou de mosteiros.

Judas olhou para o seu relógio e, prosseguindo nessa ideia, continuou seu caminho até chegar a uma grande sala onde estava tendo lugar um concerto. Havia uma enorme afluência de empregados do comércio e moças, soldados, aprendizes, meninos de onze anos fumando cigarros e mulheres de reputação duvidosa. Encontrara a verdadeira vida de Christminster!

A música tocava, a multidão passeava brincando e, de quando em quando, um homem subia em cena e cantava uma canção cômica.

O espírito de Sue parecia envolver Judas e impedi-lo de namorar e beber com as endiabradas meninas que se abriam com ele, procurando se divertir um pouco. Às dez horas, saiu e voltou para casa por um caminho indireto, a fim de passar diante do colégio cujo diretor acabara de lhe escrever.

As portas estavam fechadas e, num impulso, Judas tirou do bolso o pedaço de giz que, como operário, trazia sempre consigo, e escreveu no muro:

“Tenho tanta inteligência quanto vós, não vos sou inferior; na verdade, quem não conhece essas coisas? (Job — XII, 3).

## VII

ESSE SARCASMO aliviou o espírito de Judas e, na manhã seguinte, sorriu da sua fatuidade. Não se tratava, porém, de um riso sadio. Releu a carta do diretor e a sabedoria contida nas suas linhas que, de início, o exasperara, agora o deprimia e gelava. Percebeu que, na verdade, não passava de um tolo.

Simultaneamente privado do que lhe preocupava o espírito e o coração, sentia-se incapaz de trabalhar. Sempre que procurava se reconciliar com o seu destino de estudante, surgiam as desesperanças relações com Sue para destruir-lhe a calma. A úni-ca alma delicada que até então encontrara perdia-se para ele em consequência do seu casamento. Essa ideia lhe vinha à mente com uma terrível persistência e, não a podendo suportar mais, atirou-se de novo em busca de distrações na vida real de Christminster. Procurava-as, agora, numa obscura taverna, muito conhecida de certas notabilidades locais e que, em tempos mais felizes, o teria interessado pela sua bizarria. Lá ficou quase o dia todo, convencido de que possuía uma natureza viciada, da qual era inútil esperar qualquer coisa de bom.

À noite, os frequentadores da casa chegaram um por um, enquanto Judas permanecia sentado num canto, muito embora não tivesse mais dinheiro e não houvesse comido, durante todo o dia, mais do que um biscoito. Contemplava seus companheiros com toda a igualdade de ânimo e toda a filosofia de um homem que levou muito tempo bebendo e travou relações com alguns deles: Tinker Taylor, negociante de ferragens, já decrépito, que parecia ter sido, na sua mocidade, de índole religiosa, mas que se tornara, agora, algo blasfemo; um leiloeiro, sempre de nariz vermelho; dois canteiros, como ele, chamados Tio Jion e Tio Joe. Havia também alguns empregados, duas senhoras que se atribuíam uma categoria moral que variava em matiz e profundidade conforme a companhia na qual se encontravam e que haviam recebido os apelidos de “Morada das Delícias” e “Sardenta”. Ainda alguns notórios frequentadores dos meios turfistas, um ator em turnê pela região, dois pobres-diabos, estudantes ainda, que ali se haviam introduzido sub-repticiamente à procura de um indivíduo que vendia cachorrinhos e se tinham deixado ficar bebendo e fumando com o pessoal do prado e consultavam, de quando em quando, seus relógios.

A conversa se tornou geral. Criticava-se a sociedade de Christminster, lastimando-se sinceramente os magistrados e os diretores dos colégios em virtude de suas negligências. Expandiam-se ideias largas e desinteressadas sobre o modo pelo qual deviam se conduzir e como deviam gerir os negócios de que cuidavam para que fossem devidamente respeitados.

Com a suficiência, a ousadia, o *aplomb* que a embriedade dá a quem possui cabeça forte, Judas Fawley emitia opiniões em tom peremptório. Depois de tantos anos de repetidos esforços, levado por uma espécie de insanidade instintiva, tudo o que ouvia dos outros, ao passar pela sua boca, se transformava

em ideias sobre estudos e ciência. E exibia os seus próprios conhecimentos com uma insistência que, em estado normal, lhe parecia lastimável.

— Não ligo a mínima — dizia ele — para nenhum prefeito, reitor, agregado e todos os malditos professores da Universidade. O que sei é que os derrotaria, no próprio campo em que são mestres, se me oferecessem uma possibilidade de o fazer. E lhes ensinaria algumas coisas que ainda não estão à altura de ver.

— Ouçam, ouçam! — gritaram os estudantes do canto onde estavam falando em particular sobre a questão dos cachorrinhos.

— Pelo que dizem, você sempre gostou de livros — disse Tinker Taylor —, e não duvido do que você está afirmando. Agora, quanto a mim, vejo as coisas sob outro ponto de vista. Sempre achei que havia mais coisas a aprender fora dos livros do que dentro deles. E aqui em consequência, sem o que jamais teria sido o homem que sou.

— Você aspira tomar Ordens, não? — perguntou o Tio Joe a Judas.

— Se você é tão erudito para alçar os olhos tão alto, por que não nos dá uma amostra da sua sabedoria? Poderá você recitar o Credo em latim?

Foi assim que, uma vez, na minha terra, confundiram um sujeito.

— Certamente que sim! — disse Judas com arrogância.

— Não é verdade! Pura suficiência dele! — exclamou uma das mulheres.

— Cala a boca, “Morada das Delícias”! — disse um dos estudantes. —

Silêncio! — Em seguida, bebeu de uma vez só o conhaque que estava no copo, bateu com ele sobre o balcão e anunciou: — O senhor que está lá no canto vai repetir os artigos do Credo em latim para edificação nossa.

— Não quero — disse Judas.

— Sim, ensaie dizer! — disse um dos empregados.

— Você não sabe! — exclamou o Tio Joe.

— Não, ele sabe sim! — disse Tinker Taylor.

— Juro que sei! — respondeu Judas. — Pois bem, paguem-me um copo de uísque e recitarei imediatamente.

— É justo! — disse o estudante, atirando o dinheiro para o uísque.

A empregada serviu a bebida com um ar de pessoa condenada a viver entre animais de uma espécie inferior e deram o copo a Judas que, depois de o ter esvaziado, se levantou e começou num tom de orador: — “Credo in unum Deum, Pater omnipotens, Factorem coeli et terrae, visibilium omnium et invisibilium.”

— Muito bem, esplêndido latim! — exclamou um dos estudantes que não tinha o menor conhecimento do assunto.

Reinava silêncio no ambiente, e a empregada continuava imóvel. A voz de Judas ressoava até no pequeno salão onde o dono da taverna, que cochilava, se levantou e veio ver o que havia. Judas continuava a declamar: — “Crucifixus etiam pro nobis; sub Pontio Pilato passus, et sepultus est. Et resurrexit tertia die,

secundum Scripturas.”

— E o símbolo de Niceia — disse, escarhecendo, um dos estudantes —, nós queremos o símbolo dos apóstolos.

— Você não o pediram! E qualquer tolo, exceto você, sabe que o de Niceia é o único histórico.

— Deixe ele continuar! Deixe! — exclamou o leiloeiro.

A mente de Judas, porém, pareceu ficar confusa e ele não pode continuar. Pôs a mão na frente e sua fisionomia assumiu uma expressão de sofrimento.

— Deem-lhe um outro copo. Ele voltará a si e irá até o fim — disse Tinker Taylor.

Alguém atirou três *pence*, estenderam o copo a Judas que o segurou sem olhar, bebeu o uísque e imediatamente recomeçou com a voz reanimada, continuando até o fim como um pastor o faria diante de sua congregação: — “*Et unam Catholicam et Apostolicam Ecclesiam. Confiteor unum Baptisma inremissionem peccatorum. E expecto Resurrectionem mortuorum. Et vitam venturi soeculi. Amen.*”

— Muito bem dito! — disseram diversos auditores, satisfeitos com a última palavra, primeira e única que haviam entendido.

Então Judas pareceu afastar a névoa que lhe envolvia as ideias e olhou-os fixamente.

— Cambada de idiotas! — exclamou. — Qual dentre vós sabe se eu recitei bem ou mal? Poderia muito bem ter recitado “A Filha do Encantador de Ratos” em dinamarquês e teria sido a mesma coisa para a cabeça tapada de vocês! Vejam até que ponto decaí... em que meio fui parar!

O dono da taverna, que já tivera a sua licença cassada por ter recebido tipos escusos, teve medo de uma briga e saiu de detrás do balcão. Judas, porém, num assomo de juízo, se havia afastado cheio de repugnância e saíra da sala, batendo violentamente a porta.

Lá fora, Judas andou por ruazinhas até que atingiu a rua principal, deixando para trás, bem longe dele, o barulho que faziam os seus companheiros de taverna. Continuava a andar, levado por um impulso semelhante ao de uma criança que procura o único ser no mundo a que lhe parece possível recorrer — impulso desarrazoado, cuja insensatez não percebia no momento. Ao fim de algum tempo, entre dez e onze horas, chegou à aldeia de Lumsdon e, atingindo a casa de Sue, percebeu que uma luz brilhava num quarto do andar térreo, provavelmente o de Sue, como verificou depois que era.

Parou ao pé do muro e bateu com os dedos na vidraça, dizendo com impaciência:

— Sue! Sue!

Provavelmente, Sue reconheceu sua voz, pois logo a luz desapareceu do quarto e, depois de um ou dois segundos, a porta se abriu e ela apareceu com

uma vela na mão.

— É Judas? Ah, sim é você, meu caro primo, que foi que aconteceu?

— Ó, eu estou... não pude deixar de vir, Sue! — disse Judas, deixando-se cair à porta da entrada. — Sou um ser tão ruim!... meu coração está quase partido e não suporto mais a minha vida como está. Pus-me a beber e blasfemei, ou quase isso, recitando coisas sagradas em lugares pouco decentes, repetindo, por simples questão de desafio, palavras que só deviam ser pronunciadas com fervor. Ó, Sue, faça de mim o que quiser! Mas não me abandone e não me despreze, como os outros fazem!

— Você está doente, querido! Não, eu não o desprezo. Seguramente que não! Entre para descansar e verei o que posso fazer em seu auxílio. Agora, repouse em mim e não se preocupe.

Segurando a vela numa das mãos, e sustentando Judas com a outra, Sue o fez entrar e sentar-se na única cadeira cômoda existente naquela casa tão pobremente mobiliada. Em seguida, estendeu seus pés numa cadeira e tirou-lhe os sapatos. Tendo voltado inteiramente ao estado natural, Judas só conseguia murmurar: “Querida, querida Sue!”, numa voz quebrada pela tristeza e pelo arrependimento.

Perguntou-lhe Sue se queria tomar alguma coisa, mas ele sacudiu negativamente a cabeça. Então ela lhe disse que era necessário dormir e que, de manhã cedo, desceria para lhe preparar um bom café. Desejou-lhe boa-noite e voltou para o quarto.

Quase em seguida, Judas mergulhou num pesado sono e só foi acordar com o alvorecer do dia. De início, não reconheceu onde estava. Pouco a pouco, porém, a situação foi se restabelecendo a seus olhos e ele considerou seu aspecto terrificante com toda a clarividência. Sue conhecia o que havia de pior nele — o pior de tudo! Como poderia encará-la de novo? Cedo ela desceria para preparar o café como prometera e ele ali estaria diante dela, mergulhado na sua vergonha. Não pôde suportar essa ideia e, apanhando seus sapatos sem fazer ruído, tirando o chapéu do cabide onde estava pendurado, saiu silenciosamente da casa.

Sua ideia fixa era alcançar algum canto obscuro, lá se esconder e então, talvez, rezar. O único lugar que lhe ocorreu foi Mary green.

Passou por casa, em Christminster, onde o esperava uma carta do seu patrão, despedindo-o. Tendo embrulhado suas coisas, deu as costas à cidade que lhe havia sido tão funesta e tomou a direção do sul, rumo do Wessex. Não tinha dinheiro no bolso. Suas economias, deposita-das num dos bancos de Christminster, haviam felizmente ficado intactas. Assim, para chegar a Mary green, só havia um jeito: ir a pé.

Como a distância era de umas vinte milhas, mais ou menos, tinha tempo suficiente para se refazer inteiramente pelo caminho.

Judas alcançou Alfredston a uma hora tardia da noite. Deixou as suas coisas num depósito e, depois de ter caminhado uma ou duas milhas para fora da cidade, dormiu numa meda. Com a alvorada, acordou, levantou-se, sacudiu os galhos e as sementes que se haviam prendido à sua roupa e recomeçou a andar, subindo a colina pela longa estrada branca que avistara de muito longe, passando lá em cima pelo marco onde tantos anos antes gravara suas esperanças.

Penetrou na velha aldeola à hora em que as pessoas estavam comendo. Cansado, sujo de lama, mas tendo reconquistado toda a sua lucidez de espírito, sentou-se à beira de um poço, pensando no pobre Cristo em que se transformara. Vendo perto dele um pouco de água numa tina, lavou a face e penetrou na choupana de sua tia. Esta estava comendo na cama, servida pela mulher que morava com ela.

— Como assim, você está sem trabalho? — perguntou a tia, olhando-o com os seus olhos profundamente encaixados debaixo de pesadas pálpebras e não podendo descobrir outro motivo para a sua aparência transtornada, como toda pessoa cuja vida não foi outra coisa senão luta constante contra dificuldades materiais.

— Sim — disse Judas penosamente —, creio que preciso de um pouco de descanso.

Refeito pelo café, subiu para o seu antigo quarto e se estendeu na cama em mangas de camisa, tal como um operário. Dormiu alguns momentos e, quando despertou, parecia-lhe estar no inferno.

Era o inferno realmente, “o inferno de um fracasso consciente”, tanto para a sua ambição como para o seu amor. Pensava no abismo em que mergulhara outrora, antes de deixar aquela região, tão profundo quanto era possível imaginar — assim o supusera então —, mas tão menos profundo, no entanto, do que o atual. O primeiro não fora mais do que uma brecha nos muros da sua esperança. Este, já se produzia nas defesas interiores. Se Judas fosse uma mulher, teria gritado sob a ação da tensão nervosa em que estava. Mas, esse alívio sendo vedado à sua virilidade, cerrou os dentes de desespero, formando sulcos à volta da boca, quais os de Laocoonte, e rugas entre as sobrancelhas.

Um vento lúgubre soprava através das árvores e ressoava pela lareira como as notas baixas de um órgão. Cada folha de hera no muro do pátio da antiga igreja — agora destruída e abandonada —

batia vivamente de encontro à sua vizinha. E o catavento da nova igreja, germano-gótica, já começava a gemer. No entanto, não devia ser o vento lá fora que Judas ouvia, num profundo murmúrio. Era uma voz. Após um instante, adivinhou sua origem: no quarto ao lado, ouviu o pastor rezando com sua tia. Lembrou-se então que ela lhe falara dele. Logo o barulho cessou e um passo ressoou no patamar. Judas se sentou na cama e chamou: “Eh!”.

Os passos se aproximaram de sua porta que estava aberta. Um homem

surgiu. Era um pastor ainda jovem.

— Creio que é o senhor Highridge — disse Judas. — Várias vezes minha tia me falou no senhor. Pois olhe, estou de volta: um sujeito que está indo por mau caminho e que, no entanto, teve, em tempos, as melhores intenções do mundo. Sinto-me loucamente melancóli-co, por causa de bebida e de diversas outras coisas.

Lentamente, Judas revelou ao pastor seus projetos e aventuras, apoiado menos, por instinto inconsciente, do lado intelectual e am-bicioso dos seus sonhos e mais do lado teológico, muito embora estes últimos não tivessem representado, até então, senão uma parte do seu plano geral de aperfeiçoamento.

— Agora sei que não fui mais do que um louco e que essa loucura está em mim — acrescentou Judas como uma conclusão. — E não lastimo o meu fracasso, no que diz respeito às minhas esperanças universitárias. Mesmo que estivesse certo de ser bem-sucedido, não recomçaria. Não mais me preocupo com sucessos sociais. Todavia, sinto que gostaria de fazer alguma coisa de bom. E lastimo amargamente não pertencer à Igreja e a perda da possibilidade de me ordenar.

O pastor, novo na região, sentia-se profundamente interessado.

Por fim, disse: — Se o senhor tem verdadeiramente vocação (e não posso dizer o contrário, dada a nossa conversa, pois o senhor fala como um homem sensato e instruído) poderá entrar para a Igreja. Apenas, seria necessário tomar a resolução de não beber mais.

— Ser-me-ia fácil, se tivesse um pouquinho de esperança para me sustentar!



**Terceira Parte**

**Em Melchester**

“Pois nenhuma outra mulher pode ser  
comparada a ela, ó noivo!”

H. T. WHARTON — *Sappho*

TRATAVA-SE DE uma ideia nova: seguir a vida eclesiástica e altruística com alguma coisa de destino da vida intelectual e de suas emulações. Um homem podia pregar, tornar-se útil aos seus irmãos tendo uma instrução qualquer e sem ter feito exames para as escolas de Christminster. Os antigos sonhos, que culminavam na visão do episcopado, não provinham de um entusiasmo teológico ou moral, mas de uma ambição profana dissimulada debaixo de uma sobrepeliz. Via agora que todos os seus projetos tinham degenerado num mal-estar social que não provinha dos instintos mais nobres e não era senão um produto artificial da civilização. Naquele mesmo momento, existiam milhares de jovens igualmente ocupados com a busca de si mesmos. O camponês sensual que comia, bebia e vivia despreocupadamente com sua mulher uma vida de pura vaidade era um ser mais simpático e aceitável do que ele.

Todavia, entrar para a Igreja por um caminho tão pouco científico que não lhe permitiria, em caso algum, se alçar a uma situação mais elevada do que a de simples pastor, consumindo sua vida numa obscura aldeia ou num subúrbio, podia conter em si um rasgo de bondade e de grandeza, podia ser verdadeira religião, podia constituir uma vida de purgação digna de ser seguida por um homem tomado de remorso.

A luz favorável sob a qual se apresentava essa ideia, em contraste com suas intenções passadas, reconfortou Judas na sua lamentável e solitária espera. E foi isso o que, em poucos dias, desfechou o golpe de misericórdia na sua carreira intelectual — naquela carreira que se havia estendido ao longo dos seus últimos doze anos de vida. E, no entanto, durante um longo período de estagnação, nada fez para realizar esse novo anseio. Ocupava-se com pequenos trabalhos, como o de restaurar e gravar pedras funerárias nas aldeias vizinhas, resignando-se a ser considerado como um fracassado social, uma nulidade, pela meia dúzia de fazendeiros e camponeses que condescendiam em cumprimentá-lo.

O interesse humano pelos seus novos projetos — e é sempre indispensável um interesse humano, mesmo aos seres mais altruístas, mais dominados por preocupações espirituais — foi criado por uma carta de Sue, trazendo no selo a marca de uma cidade nova. Evidentemente, Sue estava inquieta e falava muito pouco do que estava fazendo, dizendo apenas que fizera uma espécie de exame para obter uma bolsa primária e que ia entrar para a Escola Normal de Melchester, de modo a completar a instrução necessária à profissão que escolhera, em parte graças a ele, Judas.

Em Melchester, existia um Colégio Teológico. Melchester era uma cidade tranquila, repousante, de aspecto quase eclesiástico e onde não encontravam eco nem a ciência deste nosso mundo nem a elegância intelectual. Uma cidade onde o sentimento altruísta que ele possuía seria talvez mais apreciado do que o talento

brilhante que jamais lograria.

Já que era necessário continuar por algum tempo exercendo a sua profissão e lendo, ao mesmo tempo, os livros de teologia que negligenciara em Christminster, em benefício dos clássicos, que poderia fazer de melhor do que procurar trabalho em Melchester e levar adiante o seu plano de leituras? Havia contradição flagrante, que não podia ignorar, entre o seu desejo muito humano de se instalar em Melchester, dada a presença de Sue nesta cidade, e a voz da sua consciência que lhe denunciava o perigo dessa presença. Mas Judas fazia essa concessão à fragilidade humana e esperava aprender a gostar de sua prima apenas como uma amiga ou parenta.

Projetava empregar o tempo de modo a começar o seu ministério aos trinta anos — idade que lhe agradava muito por ser a do seu modelo quando começava a pregar na Galileia. Isso lhe proporcionaria tempo para determinados estudos e lhe faria adquirir um pequeno capital que o poderia ajudar, mais tarde, a terminá-los no Colégio Teológico.

O Natal viera e se fora. Sue entrara para a Escola Normal de Melchester. A época era, justamente, a pior do ano para conseguir trabalho, e Judas lhe escreveu, sugerindo-lhe retardar sua ida de um mês ou dois, até o momento em que os dias se tornassem mais longos. Sue concordava tão facilmente que Judas, agora, lastimava ter feito a proposta. Evidentemente, Sue não se interessava muito por ele, embora não o tivesse censurado nunca pela sua conduta estranha vindo procurá-la naquela noite e desaparecendo, no dia seguinte, sem dizer nada. E, também, jamais fizera qualquer alusão às suas relações com o professor Phillotson.

De súbito, porém, recebera de Sue uma carta apaixonada. Ao que dizia, encontrava-se só e infeliz. Detestava o lugar onde se achava. Era ainda pior do que a loja de objetos religiosos. Pior que qualquer outro lugar. Sentia-se totalmente sem amigos. Por que não vinha ele imediatamente para lá? E, no entanto, quando para lá fosse, ela só o poderia ver em horas determinadas, as regras do estabelecimento sendo severas além de todos os limites. Fora o professor Phillotson quem a aconselhara a ingressar nele e lastimava tê-lo ouvido.

Os negócios do professor, evidentemente, não estavam prosperando. E, com essa notícia, Judas se sentiu absurdamente feliz. Em-brulhou suas coisas e partiu para Melchester, sentindo o coração mais leve do que em qualquer outra ocasião, naqueles últimos meses.

Como queria começar uma nova página da sua vida, procurou um hotel onde não se servissem bebidas e encontrou um pequeno estabelecimento nessas condições, na rua que vinha da estação. Depois de ter comido alguma coisa, saiu sob a triste luz do inverno, atravessou a ponte e se dirigiu para o local onde ficava a catedral.

Havia nevoeiro e Judas parou junto aos muros desse edifício, o mais gracioso dos exemplares de arquitetura inglesa. O majestoso edifício só era perfeitamente visível até ao telhado. Acima, o campanário parecia se perder na distância e o seu cumeeiro estava completamente escondido pela neblina.

Os lampiões começavam a ser acesos e Judas se dirigiu para a fachada oeste da catedral. Interpretou como um bom presságio o fato de ali se encontrarem numerosos blocos de pedra. Isso significava que a catedral estava sendo restaurada, em grande extensão. Supersticioso como era, parecia-lhe que aquilo era um ato de providência de um poder soberbo que lhe queria permitir tirar partido de sua profissão, enquanto esperava o chamado para mais altos trabalhos.

Em seguida, invadiu-o uma violenta emoção à ideia de como estava, agora, perto daquela moça tão viva, de olhos brilhantes, de larga fronte encimada por uma massa de cabelos pretos e cujo olhar cintilante lhe evocava reproduções de quadros da escola espanhola.

Ela estava ali — e, no momento, naquele recinto mesmo — numa daquelas casas que davam para a fachada oeste da catedral.

Seguiu o caminho recoberto de areia e tomou a direção da escola. Era um antigo edifício do século XV, outrora palácio, agora Escola Normal, com um grande pátio separado da estrada por um muro.

Judas abriu a grade e avançou até a porta. Quando perguntou por Sue, fizeram-no entrar para uma sala de espera, onde ela apareceu alguns minutos depois.

Embora Sue não estivesse há muito tempo ali, já não era a mesma de antes. Não possuía mais o seu modo de ser vivo e espontâneo.

Os movimentos se haviam transformado, perdendo muitos dos seus antigos convencionalismos. No entanto, também não era inteiramente a mesma criatura que escrevera a carta de apelo. Era evidente que, então, agira precipitadamente, movida por um impulso de que depois se arrependera, provavelmente em consequência da vergonha de que ele, Judas, se cobrira. Sentia-se inteiramente transtornado pela emoção.

— Você não me considera como um miserável, desprovido de qualquer noção de moralidade, por ter ido à sua casa no estado em que estava, e por ter desaparecido daquele modo vergonhoso, não é, Sue?

— Ora, descanse que nem pensei em julgá-lo mal! Você me disse o suficiente para que eu compreendesse a razão de ser de tudo. E espero não ter nunca de desprezar você, meu pobre Judas! E estou muito contente por você ter vindo!

Sue usava um vestido vermelho-escuro com uma renda na gola, traje muito simples que caía graciosamente no seu corpo delicado.

Seus cabelos, antes arranjados segundo a moda em vigor, estavam agora seguros num nó firme. Tomara o aspecto de uma mulher fechada e oprimida por

uma severa disciplina. No entanto, sua vivacidade, escondida em profundidades que essa disciplina não pudera atingir, ainda transparecia.

Avançara amavelmente em sua direção, mas ele não ousara beijá-la, como ansiava fazer, por sentir que ela continuava a não querer ver nele senão o primo. Nada lhe podia indicar que Sue o olhasse ou ainda viesse a olhar como um namorado (agora que ela o conhecia sob o seu pior aspecto), mesmo que ele tivesse o direito de tal se pretender. E isso fortalecia a resolução de lhe contar a sua situação matrimonial — coisa que viera adiando fazer por medo de perder a bênção que a sua presença representava.

Sue saiu com ele e passearam pela cidade, falando apenas de questões relativas ao presente. Judas lhe tendo dito que gostaria de lhe fazer um pequeno presente, Sue confessou, com certa vergonha, que estava com uma fome terrível. As rações eram muito reduzidas no colégio. Assim, uma refeição completa era o presente que mais desejava no mundo. Em consequência, Judas a levou a um restauran-te e encomendou tudo o que lá havia, o que, aliás, não era grande coisa. Isso lhes proporcionou uma deliciosa oportunidade de ficarem a sós os dois, pois não havia ninguém na sala, e assim puderam conversar à vontade.

Sue lhe descreveu o que a escola era, naquele momento, a rude existência que lá se levava, os diferentes caracteres de suas companheiras, provenientes de pontos diversos da diocese. Explicou-lhe com o amargor de uma pessoa jovem para a qual qualquer constran-gimento é coisa nova, que tinha de se levantar com o alvorecer e trabalhar à luz do gás. Judas ouvia tudo com atenção. Mas não era aquilo o que mais queria saber, e, sim, as relações de Sue com Phyllotson. Mas, justamente sobre isso é que Sue não falava. Após a refeição, Judas colocou instintivamente a sua mão sobre a de Sue.

Ela o olhou, sorriu e pegou a sua mão entre as suas mãos pequenas e macias examinando-lhe tranquilamente os dedos, um após outro, como se se tratassem dos dedos de uma luva que quisesse comprar.

— Suas mãos são um pouco rudes, não, Judas? — disse ela.

— Sim, e as suas também o seriam se tivessem de trabalhar o dia inteiro com um martelo e um cinzel.

— Você sabe, isso não me agrada, em nada. Acho que é nobre ver as mãos de um homem transformadas de acordo com o trabalho a que se entrega. Tudo bem pensado, sinto-me feliz por ter vindo para essa escola. Imagine você como ficarei independente, depois de dois anos de aprendizagem. Terei uma boa classificação, ao que espero, e o professor Phyllotson usará o seu prestígio para me conseguir uma boa escola.

Sue abordara enfim o assunto.

— Eu tive uma suspeita, um receio — disse Judas —, pensava que ele se interessasse por você com muito calor, que talvez quisesse se casar com você

— Ora, não diga tolices!

- Ele falou qualquer coisa nesse sentido, não?
- Se tivesse falado, que importância teria? Um velho como ele!
- Ora, Sue, ele não é tão velho assim! E sei perfeitamente... o que vi ele

fazer.

- Seguramente você não o viu ... me beijar!
- Não, somente passar o braço à volta da sua cintura.
- Ah, lembro-me sim. Mas eu não sabia que ele ia fazer isso.
- Você está procurando fugir ao assunto, Sue, e isso não é direito!
- Sei que você ficará zangado se eu disser tudo e é por isso que não estou

com vontade de falar.

— Então está certo, Sue — disse Judas docemente —, não tenho nenhum direito de lhe perguntar e não desejo saber de nada.

— Pois eu contarei tudo! — disse Sue com o espírito de contradição que lhe era próprio. — Eis o que fiz: prometi... prometi casar com ele quando saísse da Escola Normal com o meu diploma, daqui a dois anos. O plano dele é arranjar uma importante escola mista, numa grande cidade — ele se ocupando dos meninos, eu das meninas — como o fazem, frequentemente, professores casados. E teremos, reunidos, um bom ordenado.

— Ora, Sue!... Certamente foi muito bem pensado. Você não poderia ter agido melhor!

Judas a olhou de relance e seus olhares se encontraram. O de Judas continha uma censura que desmentia as palavras que proferira. Em seguida, retirou sua mão e voltou a face para a janela. Sue o contemplava passivamente, sem dizer uma só palavra.

— Eu sabia que você ia ficar zangado — disse ela sem deixar transparecer a menor emoção. — Muito bem, já sei que não estou com a razão. Não deveria ter deixado você vir. Será melhor que não nos vejamos mais. Manteremos apenas correspondência, com longos intervalos, apenas para questões de negócios.

Era justamente o que Judas não podia tolerar, e era provável que Sue soubesse disso. E ele voltou ao assunto imediatamente.

— Sim, devemos nos ver — disse com vivacidade. — O fato de você estar noiva não pode me fazer a menor diferença. Tenho pleno direito de ver você sempre que quiser. E o farei.

— Então, não falemos mais nisso. Está estragando a nossa noite.

Que importância pode ter o que se vai fazer daqui a dois anos?...

Sue constituía um enigma para Judas se ele deixou morrer o assunto.

— Vamos nos sentar na catedral? — perguntou Judas, quando terminaram a refeição.

— Na catedral? Está bem. Mas, acharia melhor nos sentarmos na estação — respondeu Sue com uma voz onde ainda se notava um certo vexame. — É o centro da vida da cidade, no momento. A catedral já passou de tempo.

— Como você é moderna!

— Você também o seria, se tivesse vivido mergulhado na Idade Média, como eu vivi durante esses últimos anos. A catedral era um esplêndido lugar há quatro ou cinco séculos, mas passou de moda... Não sou moderna, também eu — sou mais velha ainda que a Idade Média. Se você pudesse avaliar!

Judas aparentou desalento.

— Muito bem, não falarei mais disso! — exclamou Sue. — Mas, se você soubesse quanto sou má, do ponto de vista em que voê se coloca, não pensaria tanto bem de mim, nem se preocuparia tanto em saber se estou noiva ou não. Agora, resta-nos apenas tempo para fazer a volta da catedral, e depois entrar em casa, sem o que terei de passar a noite ao relento.

Judas a conduziu até a porta e aí se separaram. Tinha a convicção de que a visita nefasta que lhe fizera, naquela noite dolorosa, precipitara o noivado e isso o intranquilizou ainda mais. Fora daquele modo que Sue formulara a sua censura e não por palavras. No entanto, desde a manhã seguinte, pôs-se à procura de trabalho, o que não era tão fácil de conseguir quanto em Christminster. De fato, naquela tranquila cidade, havia menos encomendas de esculturas, e os operários empregados eram sempre os mesmos. Contudo, pouco a pouco, Judas conseguiu se afirmar. Seu primeiro trabalho foi o de esculpir em pedra no cemitério que ficava no alto da colina. Depois, conseguiu a tarefa que mais desejava — a de fazer restaurações na catedral, trabalho longo, pois havia muito o que reparar, todos os revestimentos interiores tendo sido tirados para serem substituídos por novos.

Era um serviço que podia durar anos, e Judas tinha bastante confiança na sua habilidade profissional para saber que dependia apenas da sua vontade ficar trabalhando ali mais ou menos tempo.

O alojamento que escolheu, perto da porta da catedral, não teria envergonhado um pastor. Pagava por ele uma parcela do seu ordenado muito maior do que um operário costumava poder pagar. Seu quarto-sala era guarnecido com fotografias enquadradas dos presbitérios onde a proprietária vivera como governante. Na lareira da sala do andar térreo, encontrava-se um relógio com uma inscrição lembrando que fora oferecido à respeitável senhora pelos seus empregados, por ocasião do seu casamento. Judas embelezou o quarto pendurando nas paredes fotografias de monumentos e esculturas religiosas que fizera com as suas próprias mãos. E foi considerado, por todos em casa, como um bom ocupante para o quarto vago.

Nas livrarias da cidade, encontrou todos os livros de teologia que desejava e, assim, seus estudos recomeçaram, já agora com um sentido e uma direção diferentes. Para repousar dos tratados dos padres da Igreja e das obras de fundo de um Paley ou de um Butler, lia Newman, Pusey e outros eruditos modernos. Alugou um *harmonium* e instalou-o no quarto para estudar cantochão.

## II

— É AMANHÃ o nosso grande dia, não? Onde iremos?

— Tenho folga de três às nove horas. Temos que ir e voltar durante esse intervalo. E nada de ruínas, Judas! Não gosto delas.

— Seja. Vamos ao castelo de Wardour. E poderemos ir também a Fonthill, se você quiser... tudo isso na mesma tarde.

— São ruínas góticas e eu detesto o gótico.

— Não, é exatamente o contrário. Wardour é uma construção clássica, de estilo coríntio, creio eu, e possui muitos quadros.

— Ah, então está certo. Gosto do estilo coríntio. Vamos, sim.

Essa conversa tinha lugar algumas semanas mais tarde e, na manhã seguinte, prepararam-se para partir. Cada detalhe da excursão era para Judas como uma faceta que refletisse um brilho cintilante. Não ousava meditar sobre a vida de inconseqüência que estava levando. Tudo o que fazia em relação a Sue parecia-lhe uma brincadeira adorável. E não podia dizer mais nada além disso.

Assim, chegou o feliz momento de ir buscá-la à porta da escola.

Depois, a aparição de Sue, num vestido de uma simplicidade monástica, natural e não procurada, a ida para estação, os gritos dos carregadores, o silvo do trem — tudo isso se transformou nos elementos de uma linda cristalização. Ninguém olhava para Sue, por causa da simplicidade com que estava vestida, e isso alegrou Judas porque julgava que só ele conhecia aqueles encantos que o vestido de Sue atenuava. Bastava comprar alguns metros de fazenda — o que não alteraria em nada a sua verdadeira natureza — para que toda Melchester ficasse a olhá-la.

O chefe de trem os tomou por dois namorados e colocou-os num compartimento vazio.

— Eis uma boa intenção que se perde! — disse Sue.

Judas não respondeu. Considerava a observação de uma crueldade inútil e, em parte, falsa.

Chegaram ao castelo e ao parque e vaguearam pelas galerias onde estavam os quadros. Judas parava de preferência diante dos quadros religiosos de Del Sarto, Guido Reni, Spagnoletto, Sassoferrato, Carlo Dolci e de outros. Sue esperava pacientemente, lançando-lhe olhares críticos quando, diante das Virgens, das Santas Famílias e dos Santos, assumia uma ar fervoroso e abstrato. Depois de tê-lo examinado suficientemente nessas atitudes, Sue ia esperar por ele diante de um Lely ou de um Reynolds. Era evidente que Judas a interessava profundamente, como o pode interessar um homem que se esforça por encontrar seu caminho ao longo de um labirinto a quem dele já escapou.

Quando saíram, ainda lhes restava muito tempo e Judas propôs que almoçassem rapidamente e depois atravessassem o campo em direção ao norte, de modo a atingir, a umas sete milhas dali, uma outra linha de caminho de ferro



que os levaria de volta a Melchester.

Disposta a aceitar qualquer aventura que intensificasse o seu sentimento de liberdade, Sue concordou com a proposta de boa vontade.

Assim, partiram, deixando atrás deles a estação.

Era, na verdade, o pleno campo, vasto e selvagem. Iam tagarelando, à medida que caminhavam. Judas cortara, numa moita, uma vara que servia de bengala para Sue e que era da sua altura e terminava numa espécie de gancho, de modo que ela tinha o aspecto de uma pastora. Mais ou menos no meio da viagem, cortaram por uma estrada que ia de leste para oeste — o antigo caminho de Londres a Lands End.

Pararam um instante, notando o aspecto desolado daquela estrada, outrora tão movimentada. O vento que soprava varria o solo, levantando no ar pedaços de palha e de feno.

Continuaram o caminho, mas, durante a outra metade do percurso, Sue pareceu cansada. Judas se inquietou. Já haviam percorrido uma boa etapa, mas, se não pudessem atingir a outra estação, a situação se tornaria embaraçosa. Durante muito tempo não viram nada a não ser a vasta extensão do campo. Enfim, encontraram um rebanho e, um pouco mais longe, o pastor, consertando cercas. Disselhe ele que a única choupana da vizinhança era a em que vivia, junto com sua mãe, e mostrou-lhes um pequeno valado de onde subia para o céu uma pequena fumaça azul. Aconselhou-os a ir para lá e descansar um pouco.

Assim fizeram e foram recebidos por uma velha sem um único dente. Foram tão amáveis quanto o podem ser estranhos quando a única possibilidade de descanso e abrigo depende da boa vontade de quem os hospeda.

— Linda choupana — disse Judas.

— Ora, não sei se ela é bonita ou não. Mas será preciso cobri-la de novo, dentro em breve, e eu me pergunto de onde virá o colmo necessário. A palha está tão cara, hoje em dia, que breve as casas serão cobertas com placas de ferro, por economia.

Judas e Sue estavam ainda descansando, quando o pastor entrou.

— Não se preocupe por minha causa — disse ele, retendo-os com um gesto de mão. — Fiquem o tempo que quiserem. Mas, será que pretendem voltar para Melchester esta noite, pelo trem? Nunca que conseguirão, porque não conhecem a região. Posso facilmente acompanhá-los durante uma parte do caminho, mas, mesmo assim, creio que perderão o trem.

Tiveram um sobressalto.

— Se quiserem, podem ficar aqui essa noite. Não é verdade, mãe?

Nós os recebemos de boa vontade. Será talvez um pouco duro, quanto à dormida, mas em outro lugar ainda poderá ser pior. — Voltou-se para Judas e lhe perguntou em aparte: — Vocês são casados?

— Psiu! Não! — disse Judas.

— Ora, não falo isso por mal, de modo algum! Nesse caso, ela pode ficar no quarto de minha mãe e nós poderemos dormir na outra peça, depois que elas se tiverem recolhido. Acordarei você cedo bastante para que possa tomar o primeiro trem. O da noite, esse já está perdido.

Depois de refletir, os dois resolveram aceitar a oferta e compartilharam a refeição do pastor e de sua mãe.

— Eu gosto tanto disso! — disse Sue, enquanto seus hospedeiros lavavam os pratos. — Gosto de viver fora de todas as leis, exceto as da gravitação e da germinação.

— Você apenas imagina que gosta disso. Realmente, não gosta. Você é um verdadeiro produto da civilização — disse Judas, a quem uma evocação do noivado de Sue entristecera um pouco.

— Não, Judas, na verdade não sou. Gosto de ler e de todas essas coisas, mas frequentemente suspiro pela vida da minha infância e pela liberdade de então.

— Você se lembra disto tão bem assim? Você não me parece assim tão liberta das convenções.

— Ó, não? Você não sabe o que existe dentro de mim!

— Que é que existe?

— Uma ismaelita, uma revoltada.

— Uma moça da cidade, eis o que você é.

Sue o olhou com severa desaprovação e se afastou.

O pastor os acordou no dia seguinte, tal como prometera. O tempo estava claro e lindo e os dois percorreram com prazer as quatro milhas que os separavam da estação. Quando chegaram em Melchester, dirigiram-se para a catedral. Quando a cumeeira da velha casa, na qual ia de novo ficar aprisionada, apareceu diante dos seus olhos, Sue demonstrou um pouco de receio.

— Creio que irão me dizer algumas coisas! — murmurou ela.

Tocaram a campainha e esperaram.

— Ó, trouxe uma coisa para você, ia quase me esquecendo — disse ela com vivacidade, procurando alguma coisa no bolso. — É uma pequena fotografia minha. Você a quer?

— Se eu quero!?

Judas apanhou a fotografia justamente no momento em que o porteiro chegava. Sua fisionomia tinha uma expressão de mau augúrio, enquanto abria a porta. Sue entrou e, voltando-se para Judas, acenou-lhe com a mão.

### III

AS SETENTA jovens, cuja idade variava entre dezenove e vinte e um anos, e que enchiam então o convento conhecido sob o nome de Escola Normal de Melchester, formavam uma comunidade muito heterogênea, compreendendo filhas de mecânicos, pastores, cirurgiões, comerciantes, fazendeiros, trabalhadores do campo, soldados, marinheiros e habitantes da aldeia. Na noite de que acabamos de falar, estavam sentadas na sala de estudos do colégio, quando correu o rumor de que Sue Bridehead não havia voltado à hora de se fecharem as portas.

— Saiu com o namorado — disse uma aluna do segundo ano, muito entendida em questões de rapazes —, e a senhora Traceley viu Sue com ele na estação. Vai ouvir boas, quando chegar.

— Sue disse que ele era um primo dela.

— Essa desculpa foi já dada muitas vezes demais, aqui nesse colégio, para servir ainda à salvação de nossas alunas — disse secamente a menina que era, naquele ano, o anjo da classe.

A verdade era que, exatamente doze meses antes, sucedera um lamentável caso de sedução: uma aluna que dera o mesmo pretexto para poder se encontrar com seu namorado. O escândalo fora grande e, desde então, a direção se tornara rude para com os “primos”.

Às nove horas, fez-se a chamada, e o nome de Sue foi repetido três vezes pela senhora Traceley, sem o menor resultado.

Às nove e um quarto, as setenta alunas se levantaram para cantar o Hino da Noite e, depois, ajoelharam-se para rezar. Em seguida, foram ceiar e cada uma delas pensava assim: “Onde estará Sue Bridehead?”.

Algumas, que haviam entrevisto Judas pela janela, raciocinavam que arriscariam de boa vontade a punição que estava sendo reservada para Sue pelo prazer de serem beijadas por um rapaz tão bem afeiçoado. Nenhuma delas acreditava que, entre eles, houvesse qualquer parentesco.

Uma meia hora mais tarde, estavam todas nos cubículos, com suas ternas fisionomias voltadas para os lampiões que iluminavam os dormitórios. Cada face trazia o sinal da legenda “A mãe fraca” como penalidade do sexo a que pertenciam e que nenhum esforço, por parte delas, poderia tornar forte, pelo menos enquanto as inexoráveis leis da natureza permanecessem tais como eram. Ofereciam um lindo espetáculo, comovente e sugestivo, de uma beleza e de um patético de que não tinham consciência e que só iriam compreender mais tarde, depois das tempestades, dos cansaços dos anos a vir, com suas injustiças, sua solidão, os sofrimentos da procriação, as privações, e quando seus espíritos olhassem para esse período de suas vidas como para uma coisa ao lado da qual elas tivessem passado sem prestar a devida atenção.

Uma das professoras veio apagar os lampiões e lançou um olhar para a cama

vazia de Sue, para a sua mesa de cabeceira que, como a das outras moças, estava cheia de pequenos objetos femininos, inclusive fotografias enquadradas. Na mesa de Sue, havia apenas duas: dois homens em quadros de veludo e filigrana, colocados um ao lado do outro, junto ao seu espelho de *toilette*.

— Quem são esses homens? Sue terá dito, alguma vez, quem eram? perguntou a professora. — Vocês sabem que o regulamento só permite ter nessas mesas retratos de parentes.

— Um, o desse homem entre duas idades, é o professor junto de quem ensinava... professor Phillotson — disse uma das alunas.

— E o outro, este estudante de capa e gorro, quem é ele?

— É um amigo. Nunca disse o nome dele.

— Foi algum dos dois que a veio buscar?

— Não.

— Você tem certeza de que não foi o estudante?

— Plena certeza. Era um moço de barba preta.

Apagou-se a luz e, até o momento de adormecerem, as meninas se entregaram a toda sorte de conjecturas sobre Sue, perguntando-se que espécie de vida teria tido em Londres ou em Christminster, antes de ter vindo para ali. As mais agitadas se levantavam da cama e iam espiar pela janela a grande fachada da catedral e o campanário que por detrás dela se erguia.

Quando acordaram, no dia seguinte, logo olharam para a cama de Sue e a encontraram ainda vazia. Depois das primeiras lições matinais, à luz de gás, quando tornaram a subir para se vestir para o pequeno almoço, ouviram tocar fortemente a campainha da porta. A vigia do dormitório saiu e logo voltou para dizer que, por ordem da diretora, todas estavam proibidas de falar com Sue Bridehead sem uma permissão sua.

Quando Sue, cansada e com o rosto vermelho, entrou no dormitório para apanhar suas coisas, nenhuma delas veio ao seu encontro ou lhe fez perguntas. E, quando desceram para comer, verificaram que Sue não as acompanhara. Souberam então que fora severamente repreendida, tendo sido condenada a ficar numa cela solitária por uma semana, lá devendo fazer todas as suas refeições e leituras.

Com essa notícia, as setenta alunas se puseram a murmurar, julgando a sentença por demais severa. Prepararam e enviaram à diretora uma petição pedindo para que a punição de Sue fosse diminuída. Não lhe foi dada a menor atenção. À noite, quando a professora de geografia ditou a matéria do dia, as moças permaneceram de braços cruzados.

— Vocês querem dizer com isso que não querem trabalhar? — perguntou enfim a professora. — Posso lhes garantir que o rapaz com o qual Sue Bridehead saiu não é seu primo, pela muito simples razão de que ela não tem primo algum. Escrevemos para Christminster, de modo a ter certeza disso.

— Queríamos ouvir as suas declarações — disse o anjo da classe.

— Esse rapaz foi despedido do lugar que tinha em Christminster por embriedade e blasfêmia, manifestada em *cabarets*. E só veio para cá a fim de estar junto dela.

Apesar da explicação, as alunas permaneciam firmes e imóveis.

A professora teve de sair da sala para saber dos poderes superiores o que devia fazer.

Um pouco mais tarde, ao crepúsculo, as alunas ouviram exclamações que partiam de suas colegas do primeiro ano. Uma delas veio contar que Sue Bridehead fugira, pela janela, do quarto onde estava fechada, alcançara o jardim através da escuridão e desaparecera. Ninguém sabia como pudera sair do jardim, limitado que era, no fundo, pelo rio e a porta do lado estava fechada.

As meninas foram olhar o quarto vazio e a janela aberta por onde Sue escapara. Varejaram o jardim à luz de uma lanterna, procurando em cada canto, em cada moita. Não a encontraram em parte alguma. Em seguida, interrogaram o porteiro, e este, depois de refletir bem, lembrou-se de ter ouvido um barulho de água no fundo do jardim. Não prestara, porém, maior atenção, julgando que devessem ser patos descendo o rio.

— Ela deve ter atravessado o rio — disse uma das professoras.

— Ou talvez se afogado — acrescentou o porteiro.

A diretora estava apavorada. Não tanto por causa da possível morte de Sue como por causa dos artigos de jornal, detalhando o episódio, e que, vindo após o escândalo do ano anterior, poderiam dar ao colégio, por meses e meses, uma notoriedade muito pouco desejável.

Arranjaram mais lanternas e o rio foi examinado. Enfim, na margem oposta, que dava para o campo, encontraram, na lama, traços de pés pequenos. Era evidente que a moça, superexcitada, mergulhara numa água profunda que lhe subia até quase os ombros.

Tratava-se do maior rio da região, citado com destaque em todas as geografias. Como Sue não desonorara a escola suicidando-se, a diretora se pôs a falar dela com desdém, exprimindo sua satisfação por vê-la partir.

Nessa mesma noite, Judas, tendo tomado seu chá, mergulhara na leitura do vigésimo nono volume da edição dos padres da igreja de Pusey, coleção que comprara, num revendedor, por um preço que julgava miraculosamente barato, em se tratando de uma obra de valor tão inestimável. Pareceu-lhe ouvir um ruído na sua janela. E de novo, logo em seguida. Certamente alguém atirara gravetos. Levantou-se e abriu devagar a janela.

— Judas! — ouviu ele, a voz vindo de baixo.

— Sue!

— Sim, sou eu. Posso subir sem que me vejam?

— Pode sim!

— Então, não desça você. Feche a janela.

Judas esperou, sabendo que Sue poderia entrar facilmente, pois a porta, como na maioria das velhas cidades do campo, abria-se apenas torcendo uma maçaneta. Palpitava de emoção a ideia de que, na sua perturbação, Sue tivesse corrido para junto dele, como ele, na mesma situação, corra para junto dela. Entreabriu a porta do seu quarto, ouviu um ruído furtivo na escada escura e, logo em seguida, Sue apareceu sob a luz da lâmpada. Judas avançou para segurar sua mão e percebeu que estava molhada como uma divindade marinha e que o vestido estava colado no seu corpo como as túnicas nas figuras da frisa do Partenon.

— Estou com tanto frio! — disse Sue, rangindo os dentes. — Posso ficar perto da lareira?

Aproximou-se da grade da lareira, onde o fogo estava muito fraco. Como a cada um dos seus movimentos pingava água, essa ideia de se secar parecia absurda.

— Querida, que foi que você fez? — perguntou Judas alarmado, deixando escapar o terno epíteto sem notar.

— O que eu fiz? Atravessei o maior rio da região! Elas tinham me trancado no quarto, por eu ter saído com você. Isso me pareceu tão injusto que não o pude suportar. Assim, saí pela janela e fugi, atravessando o rio!

Sue começara as explicações no seu tom habitual, ligeiramente desdenhoso. Mas, antes que as tivesse terminado, já seus róseos lábi-os tremiam e foi só a custo que conseguiu reter as lágrimas.

— Querida Sue! — exclamou Judas. — É preciso tirar toda essa roupa molhada! E olhe aqui: a proprietária pode bem emprestar a você alguma coisa. Vou falar com ela.

— Não, não, por amor de Deus, não deixe que ela saiba! Estamos tão perto da escola que elas viriam aqui me procurar!

— Nesse caso, você vai pôr roupas minhas. Você se incomoda?

— Não.

Com efeito, tudo se achava à mão, no quarto de Judas, pois não dispunha de outra peça para guardar suas coisas. Judas abriu uma gaveta, tirou a roupa, sacudiu-a um pouco e disse:

— De quanto tempo você precisa?

— Dez minutos.

Judas saiu do quarto e foi para a rua, onde ficou andando para cá e para lá. Um relógio anunciou sete e meia e ele entrou. Sentada na única cadeira de braços existente no quarto, viu uma figura magra e frágil, fantasiada dele próprio aos domingos e tão emocionante na sua fraqueza que o seu coração logo ficou perturbado. Em duas outras cadeiras, junto à lareira, estavam estendidas roupas molhadas.

Sue enrubescou quando ele se sentou ao seu lado, mas foi apenas por um instante.

— Creio, Judas, que é esquisito que você me esteja vendo assim vestida, com todas as minhas roupas secando, não? E, no entanto, que bobagem! Gostaria de não me sentir tão cansada e tão doente!

Quer você secar minha roupa, por favor? Faça-o, depois irei procurar um alojamento. Ainda não é tarde demais para isso.

— Não, você não sairá, assim doente. Você deve ficar aqui. Querida, querida Sue, de que você está precisando?

— Não sei. Não posso deixar de tremer. Gostaria de me esquentar.

Judas a agasalhou com o seu capote pesado e correu ao bar mais próximo, de onde trouxe uma garrafa.

— Eis um ótimo conhaque — disse ele. — Querida Sue, você vai tomar um pouco — toda essa dose mesmo.

— Mas, não vou tomar na própria garrafa, vou?

Judas foi buscar um copo e nele pôs o conhaque com um pouco d'água. Sue fez uma careta, porém tomou tudo de um gole e voltou para a cadeira de braços. Em seguida, começou a narrar, em detalhe, tudo o que sucedera, desde que se haviam separado. Mas, no meio da narração, a voz fraquejou, a cabeça se inclinou e ela parou de falar.

Dormia, agora, profundamente. Temendo tremendamente que Sue tivesse pegado um resfriado perigoso, Judas se sentiu feliz ouvindo a sua respiração regular. Aproximou-se docemente de Sue e observou que uma coloração rósea começava a invadir suas faces empalidecidas pelo frio e que suas mãos estavam esquentando. Permaneceu então de pé, de costas para o fogo, olhando Sue. E via nela quase uma divindade.

## IV

A MEDITAÇÃO de Judas foi interrompida por um ruído de passos na escada. Rapidamente, Judas tirou as roupas de Sue das cadeiras, atirou-as debaixo da cama e voltou à leitura do seu livro. Alguém bateu à porta e logo entrou. Era a proprietária.

— É, senhor Fawley, eu não sabia se o senhor estava ou não. Queria saber se o senhor desejava jantar. Vejo que está com um companheiro.

— Sim, senhora. Mas, creio que não vou descer hoje. Poderá a senhora me trazer o jantar numa bandeja e, também, uma xícara de chá?

Judas tinha o costume de tomar as refeições na cozinha, com o resto da família, para simplificar o serviço. Contudo, nessa ocasião, a proprietária lhe trouxe o jantar e ele o foi receber à porta do quarto.

Quando desceu de novo, Judas pôs o bule de chá diante do fogo e tirou debaixo da cama as roupas de Sue que ainda estavam longe de enxugar. O vestido de lã espessa estava ainda cheio de água. Pendu-rou-o, manteve o fogo vivo e começou a sonhar, olhando as roupas de Sue secar.

De repente, Sue exclamou:

— Judas!

— Sim. Tudo certo. Como você está se sentindo, agora?

— Melhor. Muito bem mesmo. Acho que dormi, não? Que horas são? Não muito tarde, por certo.

— Passam de dez horas.

— De fato? Que é que vou fazer, meu Deus!/? — exclamou Sue num sobressalto.

— Fique quieta onde está.

— Sim, é o que eu mais desejava. Mas não sei o que vão dizer, depois! E você, que vai fazer?

— Sentar-me-ei perto da lareira e lerei a noite toda. Amanhã é domingo, não tenho que ir a parte alguma. Descansando aqui desse modo, talvez evite uma doença perigosa. Não tenha medo. Estou muito bem, assim como estou. E olhe aqui o que trouxe para você: jantar.

— Quando Sue se sentou na cama, respirou com dificuldade e disse:

— Sinto-me ainda bastante fraca. No entanto, julgava estar bem. Eu não deveria estar aqui, não é?

Todavia, o jantar lhe restituiu algumas forças e depois de ter tomado o chá e de ter se deitado de novo, sentiu-se alegre e bem-disposta.

O chá devia ser verde ou longamente cozido durante muito tempo, pois Sue pareceu incredivelmente acordada, enquanto Judas, que não o tinha tomado, começou a se sentir entorpecido. Foi então que alguma coisa, na conversa de Sue, chamou sua atenção.

— Você me chamou um “verdadeiro produto da civilização” ou qualquer



coisa de parecido com isso, não foi? — disse Sue, quebrando um silêncio. — Na verdade, é muito estranho que você tenha dito isso.

— Por quê?

— Ora, porque é falso, irritantemente falso. Sou uma espécie de negação disso.

— Você está muito filosófica. Uma “negação” é uma palavra profunda.

— Verdade? Será que eu pareço assim tão erudita a você? — perguntou Sue com um laivo de caçoadas no tom.

— Erudita, não. Somente, você não fala exatamente como uma moça... digamos, uma moça que não tenha tido nenhuma instrução.

— Tive instrução, sim. Não sei latim, nem grego, ainda que conheça a gramática dessas línguas. Mas conheço a maioria dos clássicos gregos e latinos, por traduções e outros livros também. Li Lemprière, Catulo, Marcial, Juvenal, Luciano, Beaumont e Fletcher, Bocácio, De Brantôme, Sterne, De Foe, Smollet, Fielding, Shakespeare, a Bíblia e muitas outras coisas. E descobri que todo o interesse condenado que se encontra nesses livros termina com o mistério com que se os envolve.

— Você leu mais do que eu — disse Judas, suspirando. — Como foi você levada a ler alguns desses livros tão esquisitos?

— Ora — disse Sue pensativa —, foi por mero acidente. Minha vida foi sempre inteiramente determinada pelo que as pessoas consideram em mim como uma peculiaridade. Não tenho medo dos homens. Nem dos livros deles. Estive ligada a alguns deles — pelo menos, a um ou dois dentre eles — quase como se fossemos do mesmo sexo. Quero dizer que não senti, em relação a eles, o que a maioria das mulheres aprendeu a sentir: a necessidade de estar de sobreaviso para defender a sua virtude. Pois, nenhum homem, a menos que se trate de um lúbrico selvagem, molestará uma mulher, nem de dia nem de noite, nem em casa dela, nem fora de casa, a não ser que a isso ela o incite. Até ela lhe dizer com o olhar: “Venha”, ele terá sempre medo de se aproximar. E se nunca o disser, ele nunca virá.

No entanto, o que eu ia contar é que, aos dezoito anos, fiz amizade muito íntima com um estudante de Christminster, ensinou-me ele muitas coisas e emprestou-me muitos livros que, de outro modo, jamais teria podido conseguir.

— Essa amizade foi rompida?

— Foi sim. O pobre rapaz morreu dois ou três anos depois de ter se formado e de ter deixado Christminster.

— Você o viu muitas vezes, não!

— Sim, costumávamos estar sempre juntos... passeando, lendo e fazendo outras coisas do mesmo gênero — exatamente como dois homens. Ele me pedira que fosse viver com ele e eu consentira por carta.

Mas, quando o encontrei em Londres, compreendi que desejava outra coisa

do que eu queria. Na verdade, ansiava em ser meu amante, mas eu não o amava. E quando disse que iria embora, caso não concordasse com o meu plano, ele cedeu. Moramos num mesmo quarto durante quinze meses. Ele se tornou redator de um dos grandes diários de Londres, até que ficou doente e partiu para o estrangeiro. Dizia que eu lhe estava partindo o coração, mantendo-o assim tão à distância, quando vivíamos juntos um do outro. E que jamais acreditaria isso possível, por parte de uma mulher. Eu, no entanto, segundo ele, poderia levar longe demais esse jogo. Só voltou para morrer. Sua morte me provocou profundos remorsos, pela minha crueldade, mas creio que morreu tuberculoso e não exclusivamente por minha causa, que parti seu co-ração. Assim são os homens. Muito melhores que as mulheres! Fui a Sandbourne para o seu enterro, sendo a única pessoa a acompanhá-lo. Deixou-me algum dinheiro, provavelmente por isso.

— Santo Deus! E que fez você, então?

— Pronto, agora você está zangado comigo! — disse Sue, enquanto, na sua voz prateada, ressoava uma trágica nota de contralto. — Se soubesse, não teria contado nada!

— Não, não estou zangado. Conte-me tudo.

— Pois bem: coloquei o dinheiro do pobre rapaz num negócio desastroso e perdi tudo. Vivi algum tempo em Londres dos meus próprios recursos e depois voltei para Christminster. Aí, meu pai, que se estabelecera como cinzelador de objetos de metal perto de Long Acre... não me quis receber em casa. Então, empreguei-me na casa de objetos religiosos onde você me encontrou. Não lhe disse que você não imaginava quanto eu era ruim?!

Judas olhou para a cadeira de braços e para aquela que a ocupava como que para ler melhor na criatura que recolhera. Sua voz tremia quando falou:

— Qualquer que seja o modo segundo o qual você viveu, Sue, julgo você tão inocente quanto livre em relação às convenções.

— Não posso lhe parecer tão inocente, agora que "...arranquei os véus dessa pálida figura que a sua imaginação vestiu" — disse Sue num ostensivo tom de caçoada, ainda que Judas pudesse perceber que estava com a voz embargada pelas lágrimas. — Mas, nunca me entreguei a namorado algum, se é isso o que você está pensando! Fiquei como era.

— Acredito plenamente em você. Mas muitas mulheres não se teriam conservado assim.

— Talvez não. Mulheres melhores que eu, certamente que não.

As pessoas concluem daí que deve ser por eu ter natureza fria, sem sexo. É falso, porém. Alguns dos mais apaixonados poetas eróticos foram os que mais guardaram a continência nas suas vidas diárias.

— Falou você ao professor Phillotson desse seu amigo estudante?

— Sim, há muito tempo. Nunca fiz segredo disso para ninguém.

— Que disse ele?

— Não me fez nenhuma censura, apenas me disse que eu era tudo para ele, não importa o que eu tivesse feito. E outras coisas nesse gênero.

Judas se sentiu muito deprimido. Sue parecia se afastar cada vez mais dele pelos seus modos e pela sua estranha inconsciência.

— Você está *realmente* zangado comigo, meu caro Judas? — perguntou subitamente Sue, com uma voz tão extraordinariamente terna que não parecia provir da mesma mulher que tão levemente contara a sua história. — Acho que eu preferia ofender qualquer outra pessoa no mundo, antes do que a você!

— Não sei se estou zangado ou não. Sei, apenas, que você me é muito cara. Quero a você tanto como a quem eu mais tenha querido nesse mundo!

— Mas não quer *mais* do que!... Não, eu não devia ter dito isso.

Por favor, não responda!

Houve, de novo, um longo silêncio. Judas sentiu que Sue o estava tratando cruelmente, ainda que não pudesse dizer por que. Sua própria fraqueza parecia torná-la mais forte do que ele.

— Sou terrivelmente ignorante em relação a determinados assuntos gerais, embora tenha trabalhado muito — disse Judas, para mudar de assunto. — Sinto-me absorvido pela Teologia, como você sabe.

E que pensa você que eu estaria fazendo, neste instante, se você não estivesse aqui? Estaria dizendo as minhas orações da noite. Imagino que você não gostaria de fazer o mesmo...

— Ó, não, não! — respondeu Sue. — Prefiro não, se você não se importar. Pareceria tão... tão hipócrita!

— Pensei isso mesmo, por isso não propus. Você deve se lembrar que eu pretendo, um dia, me tornar um bom pastor.

— Tomar ordens, se não me engano, não?

— Sim.

— Então, você não desistiu da ideia? Pensei que talvez você, agora, estivesse com outras intenções.

— Em hipótese alguma. De início, alegrava-me pensar que você achava a mesma coisa que eu em relação a isso. Você me parecia tão impregnada do espírito de Christminster! E o professor Phillotson?

— Não sinto a menor espécie de respeito por Christminster, a não ser, num ponto de vista superior, pelo seu aspecto intelectual —

disse Sue em tom sério. — O amigo de que lhe falei tirou de mim tudo isso. Era o homem mais irreligioso que já encontrei e, ao mesmo tempo, o mais moral. A inteligência em Christminster é como vinho novo em pipas velhas. O medievalismo de Christminster deve desaparecer, ser riscado, ou a própria Christminster desaparecerá. Evidentemente, há certos momentos em que é impossível não sentir uma certa afeição escondida pelas tradições da velha

religião, preservadas por alguns pensadores na sua simples e tocante sinceridade.

Mas, quando me sentia no meu estado de espírito mais triste, mais verdadeiro, sempre pensei: “Ó lamentável glória dos santos, membros mortos de deuses enforcados”.

— Sue, se você fosse realmente minha amiga, não falaria assim!

— Nesse caso, não falarei mais, meu caro Judas!

Nesse momento, a nota emocional reaparecera na voz de Sue e ela virou a face.

— Continuo a achar que há muita coisa gloriosa em Christminster, embora ainda esteja ressentido por não ter conseguido participar dessas glórias.

Judas falava com doçura, resistindo ao desejo de ferir Sue até as lágrimas.

— É um lugar de ignorância, exceto no que diz respeito ao povo, aos artifices, aos bêbados e aos pobres — disse Sue, sentida por Judas não ser da mesma opinião que ela. — *Estes* veem a vida como ela é, realmente. Poucos, porém, nos colégios, assim a veem. Exemplo: você.

Foi justamente para pessoas como você que Christminster foi mudada. Um homem com a paixão de aprender, de se instruir, mas não de ganhar dinheiro, de ter oportunidade, de fazer amigos. Mas acontece que você é posto na rua pelos filhos dos milionários.

— Deixe estar, posso passar sem essas vantagens. Quero conseguir alguma coisa de bem mais alto.

— E eu: alguma coisa de mais amplo, de mais verdadeiro — insistiu Sue. — Atualmente, em Christminster, a inteligência avança num sentido e a religião noutro. Assim, ficam as duas imóveis, quais dois aríetes lutando um contra o outro.

— Que diria o professor Phillotson.

— É um lugar cheio de fetichistas, de pessoas que vivem vendo fantasmas.

Judas reparou que, sempre que ele procurava falar do professor, Sue desviava a conversa para generalidades que ofendiam a Universidade. Com uma estranha e mórbida curiosidade, desejava saber acerca de sua vida como apalavrada e protegida do professor Phillotson.

No entanto, Sue se recusava a esclarecê-lo.

— Pois olhe, é isso justamente o que eu sou, também eu — disse Judas. — Tenho medo da vida, vejo espectros por toda parte.

— Mas você é bom e me é muito querido — murmurou Sue.

O coração de Judas pulou, porém ele nada replicou.

— Você está sob a influência de Pusey, não? — acrescentou Sue afetando volubilidade para esconder seus reais sentimentos, segundo um hábito seu. — Vejamos, em que época estava eu? No ano de mil oitocentos e...

— Sue, no que você está dizendo, há um sarcasmo que me é muito desagradável. Você quer me fazer uma coisa que vou lhe pedir? A esta hora,

costumo ler um capítulo da Bíblia e, em seguida, tal como lhe disse, faço as minhas orações. Quer você dedicar sua atenção a qualquer um desses livros que você escolha, dar-me as costas e me deixar com o meu hábito? Está certa de que não quer fazer o mesmo que eu vou fazer?

— Ficarei olhando para você!

— Não. Não seja implicante Sue!

— Pois bem, farei o que você pede e não o perturbarei, Judas — replicou Sue, voltando-lhe as costas, e num tom de criança que promete se comportar sempre bem para o futuro.

Uma pequena Bíblia diferente da que Judas costumava se servir, encontrava-se à mão. Sue a apanhou e pôs-se a virar-lhe as páginas.

— Judas — disse ela alegremente, quando ele acabou as orações e voltou para junto dela —, quer você que eu lhe faça um *novo* Novo Testamento, igual ao que fiz para mim em Crimminster?

— Certamente que sim. Como era ele?

— Modifiquei o velho, fazendo das Epístolas e dos Evangelhos brochuras separadas que dispus pela ordem cronológica, segundo a qual foram escritos, primeiro as epístolas aos romanos, depois as primeiras epístolas, e, muito depois, os evangelhos. Em seguida, mandei encadernar o volume. O meu amigo estudante, o senhor... (mas, pouco importa o seu nome, pobre rapaz!) disse que se tratava de uma excelente ideia. Sei que a leitura, desse modo, se tornava duas vezes mais interessante e duas vezes mais compreensível.

— Puxa! — exclamou Judas com a sensação de um sacrilégio.

— E o absurdo literário! — disse Sue, folheando o cântico de Salomão. — Refiro-me à sinopse, no alto de cada capítulo, explicando errado a natureza dessa rapsódia. Você não precisa se alarmar: ninguém acredita que esses títulos de capítulo sejam de inspiração divina. Na verdade, muitos teólogos os consideram com desprezo.

Não há, realmente, coisa mais engraçada no mundo que imaginar vinte e quatro patriarcas ou bispos, ou qualquer que seja o número deles, escrevendo com ar sério todas aquelas bobagens.

Judas parecia aflito.

— Você é uma perfeita voltaireana! — murmurou ele.

— Realmente? Nesse caso, não direi mais nada, a não ser que não se tem o direito de falsificar a Bíblia! Odeio todas essas petas, essa falsificação em termos eclesiásticos que deforma o amor humano, natural e cheio de êxtases que enche esse canto grandioso e apaixonado!

A linguagem de Sue, diante da censura de Judas, tornara-se animada, quase impertinente. Seus olhos estavam agora úmidos.

— Eu gostaria de ter aqui um amigo para me apoiar. Mas ninguém nunca está do meu lado!

— Mas minha querida Sue, muito querida Sue, eu não estou contra você! — disse Judas, segurando a mão de Sue e surpreso por vê-la introduzir um sentimento pessoal numa discussão abstrata.

— Está sim! Está sim! — gritou Sue, voltando-se para que ele não visse suas lágrimas. — Você está do lado das pessoas da minha escola.

Pelo menos, você quase parece estar. O que insisto em afirmar é que explicar os versetes: “Onde foi o teu bem-amado, ó tu, a mais bela entre todas as mulheres?” pela nota “A igreja confessa a sua fé” é profundamente ridículo!

— Pois então, deixe ser! Você transforma tudo numa questão pessoal! Eu estou... eu, agora, estou por demais disposto a aceitar essas palavras em sentido profano. De qualquer modo, você sabe que considero você a mais bela entre todas as mulheres.

— Mas você não o deve dizer agora — replicou Sue num tom de doce severidade. Então, seus olhares se encontraram, apertaram-se as mãos como companheiros num bar, e Judas compreendeu o absurdo de uma disputa sobre um assunto hipotético, enquanto Sue percebeu a tolice de chorar por causa do que estava escrito num livro velho como a Bíblia.

— Não quero perturbar suas convicções. Na verdade, não quero!

— disse Sue docemente, pois Judas estava agora mais perturbado do que ela. — Mas, gostaria muito de ajudar alguém no sentido das suas aspirações. Quando o vi e compreendi que queria ser meu camarada, pensei — posso confessá-lo? — que esse alguém poderia ser você. Mas você tem uma tal fé na tradição que não sei mais o que dizer.

— Mas, minha querida, creio que é preciso ter fé em alguma coisa. A vida não é de tal modo longa que se possa tirar a prova matemática das coisas, antes de se acreditar nelas. Eu escolho o Cristianismo.

— Bem, mas talvez você possa escolher alguma coisa melhor.

— Na verdade, posso. Talvez já o tenha feito, antes.

Judas pensava em Arabela.

— Não pergunto o que foi, porque, de agora em diante, vamos ser muito amáveis um com o outro, e nunca, nunca mais nos magoa-remos, não é?

Sue o olhava com confiança e sua voz parecia querer se aninhar no peito de Judas.

— Eu quererei sempre muito a você! — disse Judas.

— Eu eu também, a você. E isso porque você é sincero e porque perdoa sempre a sua má e maçante pequena Sue!

Judas desviou o olhar, pois aquele acesso de ternura era por demais devastador para ele. Fora isso que partira o coração do pobre estudante. Iria ser ele o seu sucessor?... Mas gostava tanto de Sue!...

Se aos menos conseguisse esquecer o seu sexo, como ela parecia fazer em relação ao seu, que ótimo camarada não seria para ele! Pois, a diferença de

opinião em questões hipotéticas apenas faria com que se tornassem mais próximos em questões relativas à vida humana. Sue estava mais perto dele do que não importa que outra mulher que acaso já tivesse encontrado, e tinha dificuldade em acreditar que o tempo, as crenças ou a ausência pudessem algum dia separá-los.

Contudo, seu ressentimento em relação à incredulidade de Sue voltou. Ficaram sentados um ao lado do outro até que Sue adormeceu e, então, Judas também cedeu ao sono, na sua cadeira de braços.

Cada vez que acordava, revirava as roupas de Sue e ativava o fogo na lareira. Lá pelas seis da manhã, acordou de todo e, acendendo uma vela verificou que as roupas de Sue estavam inteiramente secas. A cadeira em que dormia sendo bem mais confortável, Sue continuava a dormir, envolvida no seu capote, quente como um biscoito saído do forno, jovem como um Ganimedes. Colocando as roupas ao lado de Sue, tocou-lhe nos ombros e depois desceu para o pátio, onde se lavou à luz das estrelas.

## V

QUANDO JUDAS voltou, Sue já estava vestida com a sua roupa habitual.

— Será que, agora, posso sair sem que ninguém me veja? — perguntou ela.  
— A cidade ainda não despertou.

— Mas, você ainda não tomou café, já?

— Ora, não quero café algum! Receio que não devesse ter fugido daquele colégio! As coisas parecem tão diferentes vistas sob a luz fria da manhã, não? Nem sei o que o professor Phillotson vai dizer!

Foi por vontade dele que vim para cá. Ele é o único indivíduo no mundo que me inspira respeito ou receio. Espero que ele me perdoe, mas sei que vai me censurar terrivelmente!

— Irei a ele e explicarei... — começou Judas.

— Não, não, você não irá. Pouco me importo com ele. Poderá pensar o que quiser. Agirei como bem entender!

— Mas, nesse momento mesmo você disse...

— Pois bem, mesmo que tenha dito, farei como bem entender!

Já pensei o que vou fazer. Vou para a casa de irmã de uma das minhas colegas da Escola Normal que me convidou para visitá-la.

Ela tem uma escola, perto de Shaston, a dezoito milhas daqui e lá ficarei até que tudo isso tenha se desfeito e possa voltar de novo para a Escola Normal.

Nos últimos instantes, Judas persuadiu Sue a tomar uma xícara de café que lhe fizera num pequeno filtro que guardava no quarto de modo a ter alguma coisa quente para beber de manhã cedo, antes de partir para o trabalho.

— Coma agora um pedaço de pão — disse Judas —, e partamos.

Você poderá tomar um café completo, quando chegar.

Sairam de casa sem fazer barulho e Judas acompanhou Sue até a estação. Na rua, uma cabeça se debruçou cautelosamente numa janela e logo desapareceu. Sue continuava a parecer lamentar a sua precipitação, desejando nunca se ter revoltado. Disselhe que, assim que fosse readmitida na Escola Normal, avisaria. Na plataforma da estação, permaneceram algum tempo com ar infeliz. Era evidente que Judas estava com vontade de falar.

— Eu quero dizer a você alguma coisa... duas coisas — disse ele, rapidamente, quando o trem entrou na estação. — Uma é reconfortante — a outra, o contrário disso!

— Judas, disse Sue — sei qual é uma delas. E você não deve dizê-la!

— Que é?

— Você não deve me amar! Você deve apenas gostar de mim... e é só!

A fisionomia de Judas exprimiu tantos sentimentos complicados e sombrios que a da moça assumiu uma expressão de simpatia, quando lhe disse adeus através da janela do vagão. Então, o trem partiu e, acenando-lhe com a sua linda mão, Sue desapareceu da vista de Judas.



Nesse domingo, depois da partida de Sue, Melchester pareceu lúgubre a Judas. E a catedral, um lugar tão idoso que não assistiu a nenhum dos ofícios do dia.

No dia seguinte, chegou uma carta de Sue. Com a sua vivacidade habitual, escrevera-a assim que chegara à casa da amiga. Dizia-lhe que fizera boa viagem e estava bem alojada e, em seguida, acrescentava:

“Meu caro Judas, se lhe escrevo, é para falar de determinada coisa que lhe disse ao partir. Você foi tão bom para mim que, assim que ficou fora do alcance da minha vista, compreendi quão cruel e ingrata fui lhe falando assim. E, desde então, não cessei de me censurar por isso.

Se você quiser me amar, Judas, você o poderá. Não me importarei com isso. E nunca lhe direi de novo que não o faça.

“Agora, não falarei mais acerca disso. Perdoará você, realmente, a sua inconsiderada amiga, a sua crueldade? Não a torne miserável, afirmando o contrário. Sempre sua.

SUE”.

Seria supérfluo dizer o que foi a resposta de Judas. E, muito mais, o que teria feito se fosse livre, tornando assim desnecessária a Sue uma longa coabitação com a sua amiga. Numa luta com o professor Phillotson pela posse de Sue, sentia que desde cedo teria certeza da vitória pessoal.

Todavia, corria o perigo de dar ao bilhete impulsivo de Sue mais importância do que realmente pretendia ter.

Depois de alguns dias, descobriu que estava esperando por uma carta. Nada recebeu, porém. Na intensidade da sua solicitude, escreveu novamente, propondo ir vê-la num daqueles domingos, a distância que os separava sendo, apenas, de dezoito milhas.

Esperava por uma resposta dois dias depois. Nada veio, porém.

A terceira manhã passou sem que o carteiro sequer parasse. Era um sábado, e Judas, num febril estado de ansiedade, enviou três breves linhas a Sue dizendo que, certo de que alguma coisa aconteceria, iria vê-la no dia seguinte.

A primeira ideia que lhe ocorreu, naturalmente, foi que, em consequência da imersão no rio, Sue caíra doente. Mas, cedo se lembrou que, nesse caso, alguém teria escrito em seu lugar. Todas essas conjecturas tiveram um fim quando da sua chegada à escola da aldeia, perto de Shaston, numa bela manhã de domingo, entre onze horas e meio-dia. Nesse momento, a aldeia estava vazia como um deserto, pois a maior parte das pessoas estava no interior da igreja, onde, de quando em quando, vozes podiam ser ouvidas em uníssono.

Uma menina abriu a porta.

— A senhorita Bridehead está lá em cima — disse ela. — O senhor quer fazer o favor de subir?

— Ela está doente? — perguntou Judas precipitadamente.

— Um pouco apenas. Nada de sério.

Judas entrou em casa e subiu. Ao chegar ao patamar, uma voz lhe indicou a direção a seguir — a voz de Sue, chamando-o pelo seu nome. Ao atravessar a soleira do quarto, encontrou-a deitada numa pequena cama, num aposento de uns doze pés quadrados.

— Ó Sue — exclamou Judas, sentando-se ao seu lado e tomando-lhe a mão — que foi isso? Você não podia ter me escrito dizendo?

— Não, não foi isso! — respondeu ela. — Peguei um resfriado sério, mas, na verdade, poderia ter escrito a você. Somente, não o quis fazer!

— Por que não? Me assustando desse modo!

— Era mesmo o que eu receava! Mas, tinha decidido não escrever nunca mais a você. Sabe por quê? Porque não querem mais me receber na escola. E o que mais me aborrece não é o fato em si, mas as razões apresentadas.

— Como assim?

— Não somente não me querem mais de volta, como me deram um último aviso.

— Qual?

Sue não respondeu diretamente a pergunta.

— Judas, jurei não o dizer nunca a você. É tão vulgar e tão aflitivo!

— Alguma coisa a nosso respeito?

— Sim.

— Mas, por favor, conte logo!

— Pois bem, ouça: alguém mandou informações infundadas sobre nós e dizem que, para o bem da minha reputação, devemos nos casar o mais depressa possível! Eis aí: agora, contei tudo e lastimo tê-lo feito!

— Pobre Sue!

— Não pensava em você desse modo! Apenas, ocorrera-me a possibilidade de fazê-lo, mas não dei o menor passo nesse sentido.

Tive de reconhecer que a nossa relação de parentesco era apenas nominal, já que, quando nos encontramos, éramos perfeitamente estranhos um ao outro. Mas, casar com você, meu caro Judas... se eu pensasse nisso, certamente não teria vindo visitar você com tanta frequência! E, antes de outro dia, nunca supus que você pensasse em se casar comigo. Só então cuidei que você pudesse estar gostando um pouco de mim. Talvez não devesse ter me tornado tão íntima de você. Sempre a culpada sou eu!

Este pequeno discurso soou como um pouco forçado e irreal.

Por isso, os dois ficaram olhando um para o outro, cheios de aflição.

— Fui tão cega, de início! — continuou Sue. — Não compreendi em absoluto o que você estava sentindo. Ó, você foi ruim em relação a mim! Foi sim, por me olhar como namorada e não me dizer nada, deixando que eu descobrisse tudo sozinha! Os outros compreenderam os motivos da sua atitude em relação a mim

e, naturalmente, julgam que agimos mal! Nunca confiarei em você de novo!

— Sim, Sue — disse Judas com simplicidade —, mereço ser censurado, e mais ainda do que você o pensa. Até aquela noite, ainda esperava que você não suspeitasse de nada. Concordo que nosso encontro, como estranhos, excluía qualquer noção de parentesco e que era uma espécie de subterfúgio valer-me dessa situação. Mas, você não acha que mereço um pouco de indulgência por ter escondido meus sentimentos culpados, já que não podia me impedir de tê-los?

Sue voltou duvidosamente os olhos para ele e, depois, afastou-os como se receasse ter de perdôá-lo.

De acordo com todas as leis da natureza e do sexo, um beijo era a única resposta que convinha à situação. É provável que, sob sua influência, os sentimentos de Sue em relação a eles tivessem mudado de natureza. Certos homens teriam atirado os escrúpulos pela janela e tentado a aventura, esquecendo os sentimentos neutros anunciados por Sue e o par de assinaturas do registro da paróquia onde Arabela morava. Judas não o fez. Na verdade, viera até ali, em parte, para contar a sua terrível história. Estava nos seus lábios. Contudo, mesmo nessa hora de aflição, não pode descerrá-los. Preferiu ficar por detrás das reconhecidas barreiras que entre eles dois existiam.

— Evidentemente, sei... sei que você não me quer de nenhum modo especial — disse Judas em tom rouco. — Você não o deve fazer e está certa, agindo assim. Você pertence ao... ao professor Phillotson.

Suponho que ele tenha vindo visitar você, não?

— Sim — disse rapidamente, mudando apenas um pouco de expressão. — Mas, não pedi para que ele viesse. Naturalmente, você se sente contente por ele ter vindo! Mas, pouco me importa se ele não tornasse mais a vir!

Judas não compreendia como Sue podia ficar aborrecida por ele aceitar lealmente o seu rival, em consequência de rejeitar ela o seu amor. Começou a falar de outra coisa.

— Querida Sue, tudo isso passará — disse ele. — As autoridades da Escola Normal não representam o mundo inteiro. Certamente você poderá entrar para uma outra instituição.

— Pedirei isso ao professor Phillotson — disse Sue em tom decidido.

Nesse momento, a amável proprietária da casa onde Sue morava voltou da igreja e não pode mais haver intimidade na conversa. À tarde, Judas partiu, terrivelmente infeliz. Contudo, vira Sue, ficara sentado ao seu lado. Teria de se contentar com relações dessa natureza por todo o resto da sua vida. E essa lição de renúncia era bom e necessário que ele, futuro pastor, a aprendesse.

No dia seguinte, porém, ao acordar, sentiu-se irritado em relação a Sue e decretou que ela não era uma pessoa razoável, para não dizer que era caprichosa. Então, como uma prova do que começara a descobrir ser um dos característicos de Sue, chegou um bilhete que ela devia ter escrito quase

imediatamente após sua partida.

“Perdoe-me pela minha petulância de ontem. Fui horrível para com você. Sei perfeitamente disso e, por isso, sinto-me terrivelmente infeliz. Foi tão bom de sua parte não ter ficado zangado! Judas, por favor, e quaisquer que sejam meus erros, considere-me sempre como sua amiga e companheira. Esforçar-me-ei por não repetir nunca o que fiz ontem.

“Vou a Melchester sábado para apanhar as minhas coisas na Escola Normal. Poderei passear com você durante uma meia hora. Sua arrependida.

SUE”

Judas a perdoou imediatamente e pediu-lhe que o viesse procurar no sábado, no lugar onde trabalhava.

## VI

ENQUANTO ISSO, um homem de meia idade sonhava um sonho de grande beleza com a autora desta última carta. Era Richard Phillotson que deixara recentemente a escola mista de Lumsdon, perto de Christminster, para dirigir uma grande escola de meninos na sua cidade natal, Shaston, que ficava a sessenta milhas de distância, na direção do sudoeste.

Um simples olhar, lançado sobre o local e suas adjacências, era quase que suficiente para revelar que o professor abandonara os planos e os sonhos que tanto tempo acariciara por um novo ideal com o qual nem a Igreja nem a literatura tinham muito que ver. Homem essencialmente pouco prático, esforçava-se, agora, por ganhar e economizar dinheiro para um fim prático: casar-se com alguém que, caso fosse do seu agrado, poderia dirigir uma das escolas para meninas existentes no lugar. E, por isso, aconselhara Sue a ir treinando, já que não podia se casar com ele imediatamente.

Mais ou menos na mesma época em que Judas se mudava de Marygreen para Melchester e lá iniciava suas aventuras com Sue, o professor se instalava na nova escola, em Shaston. Toda a mobília tendo sido arrumada, os livros postos nas estantes, tomou o hábito de ficar na sala durante as sombrias noites de inverno e de retomar alguns dos seus estudos de outrora: aqueles que diziam respeito às antiguidades britânico-romanas. Era um trabalho em nada remunerativo para um professor público, mas tratava-se de um assunto que, depois que abandonara seus projetos universitários, interessava-o por ser um assunto relativamente pouco explorado. E ao alcance de um homem que, como ele, vivera em lugares solitários, onde se encontravam numerosos vestígios de coisas antigas e onde podia tirar conclusões que contrastavam de um modo surpreendente com os pontos de vista aceitos sobre a civilização de então.

A renovação dessas buscas se tornara, pois, a aparente ideia fixa de Phillotson, a razão de ser ostensiva de suas caminhadas solitárias nos campos onde abundavam calçadas antigas, fossos e túmulos, ou de se fechar em casa com restos de urnas, telhas e mosaicos que fora recolhendo, em vez de ir visitar os novos vizinhos, muito embora estes se houvessem mostrado cheios de boa vontade em relação a ele.

No fim, porém, não era essa a verdadeira, a única razão. Assim, uma certa noite, muito tarde já — era quase meia-noite —, quando a luz da lâmpada, brilhando através da vidraça, indicava a todos que ali existia uma pessoa entregue ao estudo, acontecia que ele não estava exatamente estudando.

O interior do quarto, os livros, os móveis, o casaco desabotoado do professor, sua atitude diante da mesa, a chama vacilante do fogo, tudo testemunhava a história de um trabalho profundo — mais do que meritório por parte de um homem que se instruíra pelo seu próprio esforço. No entanto, essa história, verdadeira até bem pouco tempo antes, não o era mais, agora. O que Phillotson

lia não era História. Eram notas históricas escritas com uma letra feminina muito firme, sob ditado seu, alguns meses antes, e era a contemplação mi-nuciosa de uma palavra após outra palavra que absorvia Phillotson.

Em seguida, tirou de uma gaveta um pequeno pacote de cartas, cuidadosamente amarradas. A correspondência era escassa — como costuma ser hoje em dia. Cada uma das cartas estava no seu envelope, exatamente como quando chegara às suas mãos e eram todas escritas pela mesma mão feminina que escrevera as notas históricas.

Desdobrou-as, uma por uma, e releu-as com ar mediativo. À primeira vista, nada parecia existir nesses pequenos documentos que se pres-tasse à meditação. Eram cartas simples, francas, assinadas “Sue B.”, tais como o qualquer pessoa poderia escrever, durante uma curta au-sência, com a ideia de que seriam logo rasgadas. Versavam principalmente sobre questões de leituras feitas e sobre incidentes da sua vida na Escola Normal, sem dúvida esquecidos com o decorrer dos dias. Em uma delas, bem recente, Sue dizia que recebera a sua amável carta e que era muito generoso e distinto de sua parte consentir em não vir vê-la mais frequentemente do que ela desejava (a escola sendo um lugar desagradável para receber visitas e, além disso, ela não querendo dizer que estava noiva, coisa que fatalmente se saberia se ele a visitasse amiudamente). O professor examinava essas frases com toda a atenção. Que grau exato de satisfação se podia tirar do reconhecimento de uma mulher pelo fato de o homem que a amava não a vir ver com frequência? O problema o preocupara, perturbava-o muito.

Abriu uma outra gaveta, de onde tirou um envelope, no qual se encontrava uma fotografia de Sue quando menina, tirada muito tempo antes de ele a conhecer, de pé diante de uma grade e com uma pequena cesta na mão. Havia, também, uma outra fotografia, muito recente, que a mostrava já moça, muito linda e sedutora com os seus olhos e cabelos negros e deixava entrever, na sua fisionomia, o ar pensativo que transparecia por detrás da sua superficialidade. Era uma duplicata da que Sue dera a Judas, como a teria dado a não importa que outro homem. Phillotson a levou até meio caminho dos seus lábios, depois a afastou, perturbado pelas bizarras frases de Sue.

Por fim, beijou o pedaço de papelão com toda a paixão e, mais ainda do que isso, com a devoção de um rapaz de dezoito anos.

O professor era de aspecto doentio, com uma fisionomia de tipo antiquado que o seu modo de se barbear tornava ainda mais fora de moda. A natureza lhe concedera uma certa distinção, sugerindo que existia sempre nele uma vontade inata de agir corretamente. Seu modo de falar era um pouco demorado, mas seu tom era suficientemente sincero para tornar aceitáveis as suas hesitações. Seus cabelos grisalhos eram crespos e se irradiavam de um ponto central, no alto da cabeça. Sua frente era vincada por quatro rugas e só usava óculos à noite, para ler. Fora certamente um sacrifício feito em benefício das suas esperanças

universitárias, muito mais do que uma aversão pelas mulheres, que o impedira, até então, de contrair núpcias.

Gestos silenciosos, como os daquela noite, repetiam-se muitas e muitas vezes e, sempre que não estava com os meninos da escola, cujos olhos vivos e penetrantes frequentemente se tornavam intoleráveis para ele, consciente como estava da sua ansiosa solicitude por Sue. Nas horas cinzentas da manhã temia, com efeito, aqueles olhares, semelhantes a verrumas que receava que acabassem lendo o sonho que estava dentro dele.

Lealmente aquiescera ao desejo de Sue de que não a fosse visitar muito na Escola Normal. Mas, por fim, sua paciência tendo sido duramente posta a prova, saiu numa tarde de sábado, para fazer a Sue uma inesperada visita. Lá de pé diante da porta, esperando ver Sue aparecer a todo momento, a notícia da sua partida — para não dizer, da sua expulsão — foi-lhe lançada à cara como um relâmpago, sem preparação nem atenuações. E, quando partiu, mal podia distinguir o caminho que tinha diante de si.

Na verdade, Sue não escrevera sobre isso sequer uma linha ao seu pretendente, se bem que o acontecimento já tivesse ocorrido há quatorze dias. Um momento de reflexão o convenceu de que aquilo nada provava, pois uma natural delicadeza podia explicar aquele silêncio tão bem quanto um sentimento de culpabilidade.

Tendo sabido na Escola Normal do seu endereço e não nutrido a menor ansiedade imediata pelo seu bem-estar material, Phillotson se sentiu tomado de uma violenta indignação contra a direção da Escola Normal. Na sua perturbação, entrou na catedral que se encontrava então num estado lamentável, em consequência dos trabalhos de restauração. Sentou-se num bloco de pedra, sem prestar atenção ao fato de estar sujando de poeira suas calças. Seus olhos distraídos seguiam os movimentos dos operários, quando percebeu que o presumível culpado, o apaixonado de Sue, Judas, se encontrava entre eles.

Desde o encontro diante do plano de Jerusalém, Judas nunca mais falara com o seu herói de outrora. Tendo sido testemunha por acaso da corte que o professor ensaiava fazer a Sue, crescera na sua mente uma curiosa má vontade em relação à simples ideia de pensar, encontrar ou manter qualquer comunicação com ele. E, desde que soubera do quase noivado de Sue, admitira francamente que não desejava mais ver ou ouvir o seu mestre, saber dos seus trabalhos, nem mesmo imaginar de novo os possíveis méritos do seu caráter.

Nesse dia da visita do professor, Judas estava esperando Sue, conforme a promessa que ela lhe fizera. Quando viu Phillotson na nave da catedral e, além disso, percebeu que ele avançava para falar-lhe, ficou muito atrapalhado. Phillotson, porém, estava por demais perturbado para perceber qualquer coisa.

Judas se aproximou dele e os dois se afastaram dos operários dirigindo-se para o lugar onde o professor estava sentado. Judas lhe ofereceu um pedaço de

saco para fazer as vezes de almofada e disselhe que era perigoso sentar-se sobre a pedra fria.

— Sim, sim — disse Phillotson com ar ausente, os olhos fixos no solo, como se estivesse se esforçando por se lembrar do lugar onde estava. — Não prenderei você por muito tempo. Acontece apenas que soube que você recentemente viu a minha pequena amiga Sue. Lembrei-me de falar com você a esse respeito.

Querida apenas perguntar alguma coisa... a respeito dela.

— Creio que sei de que se trata! — disse Judas bruscamente. — A respeito da sua fuga da Escola Normal e da sua ida a minha casa, não?

— Sim.

— Pois bem...

Por um instante, Judas sentiu um desejo instintivo e perverso de aniquilar, de qualquer modo, o seu rival. Cometendo essa covardia de que o amor pela mesma mulher torna capazes homens perfeitamente honestos em qualquer outra circunstância, Judas podia fazer com que Phillotson partisse vencido e desesperado. Bastava que dissesse que o escândalo era verdadeiro e que Sue se comprometera irremediavelmente em relação a ele. Todavia, seus atos nem um só instante corresponderam ao seu instinto animal. E o que disse foi o seguinte:

— Sinto-me contente com a sua gentileza de me vir falar francamente sobre o assunto. O senhor sabe o que se diz? Que eu devo me casar com ela.

— O quê?!

— E, de todo o meu coração, desejava que isso fosse possível!

Phillotson tremia, e sua fisionomia, naturalmente pálida, adquiriu um aspecto cadavérico.

— Não tinha a menor ideia de que se tratasse disso! Deus me proteja!

— Não, não! — disse Judas apavorado. — Pensei que o senhor tivesse compreendido. Quis dizer que, se estivesse em situação de me casar com ela, ou com qualquer outra, e de me instalar, ao invés de viver num quarto alugado, hoje aqui, amanhã ali, ficaria muito contente!

Na verdade, o que Judas quisera dizer fora apenas isso: que ele amava Sue...

— Mas, já que abordamos esse penoso assunto, que foi que realmente aconteceu? — perguntou Phillotson com a firmeza de um homem que considera preferível receber logo um golpe violento do que viver debaixo das torturas da incerteza. — Há casos, e este é um deles, em que questões penosas devem ser colocadas para tornar impossíveis os falsos testemunhos e acabar com o escândalo.

Prontamente, Judas explicou tudo. Relatou todas as aventuras sucedidas, inclusive a noite passada em casa do pastor, a chegada de Sue toda molhada no seu quarto, a indisposição que a acometera depois da imersão na água fria do rio, a noite de discussão que tinham tido e a partida de Sue, na manhã seguinte.

— Pois bem, agora — disse Phillotson, no fim da narração —, tenho a sua



palavra (e sei que posso confiar em você) testemunhando que a suspeita que acarretou a expulsão de Sue é absolutamente des-provida de fundamento, não tenho?

— Tem — disse Judas solenemente. — De um modo absoluto. Seja Deus o meu testemunho!

O professor se levantou. Tanto ele quanto Judas sentiam que aquele encontro não podia se transmutar numa conversa amigável sobre suas recentes experiências. Assim, quando Judas o fez dar a volta interna na catedral, mostrando-lhe os trabalhos de restauração que estavam sendo feitos, o professor se despediu dele e partiu.

Essa visita tivera lugar cerca das onze horas da manhã. Contudo, Sue ainda não aparecera. Quando, à uma hora, Judas saiu para almoçar, avistou as sua bem-amada na rua que saía da porta do norte. Não parecia, absolutamente, estar à sua procura. Alcançando-a rapidamente, lembrou-lhe que pedira que ela viesse buscá-lo na catedral e que ela prometera vir.

— Fui buscar minhas coisas no colégio — disse Sue.

Pretendia Sue que ele aceitasse essa observação como uma resposta, embora não o fosse, em absoluto. Vendo-a nesse estado evasivo, Judas se sentiu tentado a lhe dar a explicação tantas vezes postergada.

— Você não viu o professor Phillotson, hoje? — arriscou-se Judas a perguntar.

— Não. Mas não estou disposta a sofrer interrogatórios a esse respeito. E se você perguntar mais alguma coisa, não responderei.

— É muito esquisito que... — e Judas parou, fixando Sue.

— O quê?

— Isso: você não é nunca tão amável, estando presente, quanto o é em suas cartas.

— Você acha isso, realmente? — disse Sue, sorrindo com viva curiosidade. — Pois bem, é estranho, Judas, mas corresponde exatamente ao que sinto em relação a você. Quando você vai embora, sinto-me terrivelmente fria e sem coração!

Como Sue conhecia seus sentimentos em relação a ela, Judas percebeu que estavam enveredando por um caminho perigoso. Então, pensou ele, era preciso falar como um homem honesto.

Contudo, nada disse e Sue continuou: — Foi isso que me fez escrever a você que... não me importava que você me amasse... se isso lhe importasse muito!

A exaltação que poderia ter sentido pelo que essas palavras continuam, ou podiam conter, foi anulada pela resolução que tomara.

Assim, ficou imóvel até o momento em que começou:

— Nunca contei a você...

— Contou sim — murmurou Sue.

— Quero dizer que nunca contei a você a minha história... toda a minha

história.

— Mas, eu a adivinhei. Quase que a conheço.

Judas levantou os olhos sobre Sue. Seria possível que ela conhecesse a sua aventura com Arabela, aquele casamento que, em poucos meses, deixara de existir mais ainda do que se a morte tivesse intervindo? Logo compreendeu que não.

— Não posso contar tudo a você aqui na rua — continuou Judas em tom sombrio. — E é melhor que você não venha ao meu quarto. Entremos aqui.

O edifício junto ao qual estavam era o do mercado. Era o único lugar que lhes podia convir. E para lá entraram, o mercado já tendo terminado. Judas teria preferido um lugar menos feio. Mas, tal como acontece geralmente, em vez de poder se confessar num campo ro-mântico ou sob uma abóbada solene, teve de se contentar com um passeio para lá e para cá, em cima de um chão coberto de folhas de couve apodrecidas e de restos de legumes de diferentes espécies. Começou e terminou sua curta narração, cuja informação essencial era essa: casara-se alguns anos antes e sua mulher ainda vivia. Antes mesmo de ter tempo de mudar de expressão, Sue exclamou: — Por que você não me disse isso antes?

— Não pude. Parecia-me cruel demais.

— Para você, Judas! E, nesse caso, era melhor ser cruel para comigo?!

— Não, minha querida — exclamou Judas com paixão.

Ensaiou segurar a mão de Sue, porém ela logo a retirou. As antigas relações de confiança pareciam ter subitamente cessado e somente subsistia o antagonismo dos sexos, sem o menor contrapeso de sentimentos de simpatia. Sue não era mais sua amiga, sua companheira, sua inconsciente namorada. E seus olhos o olhavam com um silêncio de pessoa estranha.

— Envergonho-me do episódio de minha vida que provocou esse casamento — continuou Judas. — Não o posso explicar direito, agora. Tê-lo-ia feito se você tivesse aceito as coisas de um modo diferente.

— Mas, como é que eu podia? — exclamou Sue veementemente. — Escrevi ou disse a você que... que você podia me amar, ou qualquer coisa nesse gênero... por pura caridade... e durante esse tempo... É, por que é que as coisas são assim tão horríveis! — continuou ela batendo nervosamente com os pés no chão.

— Sue, você está enganada comigo! Nunca pensei que você pudesse gostar de mim, a não ser recentemente. Em consequência julgava que não tinha a menor importância. Sue, será que você gosta um pouco de mim? Você sabe o que estou querendo dizer? De modo algum a sua caridade me interessa!

Essa era uma questão que, dadas as circunstâncias, não interessava a Sue responder.

— Imagino que ela... sua mulher... era uma criatura muito bonita, mesmo sendo má, não? — perguntou Sue, rapidamente.

— Realmente, ela é muito bonita.

— Certamente mais bonita do que eu, não?

— Você é inteiramente diferente dela. E há anos que não a vejo... Mas, certamente ela voltará um dia... pois elas sempre voltam!

— Como é estranho, de sua parte, viver assim separado dela! — disse Sue, desmentindo a sua ironia pelo tremor dos lábios e pelo tom carregado da voz — Logo você, tão religioso! Como é que os semideuses do seu Panteon (falo desses personagens lendários que você chama de santos) poderão interceder por você, depois disso? Naturalmente, se fosse eu a ter agido assim, teria sido inteiramente diferente, e em nada extraordinário, porque eu, pelo menos, não considero o casamento como um Sacramento. Suas teorias não são tão avançadas quanto seus atos!

— Sue, você é terrivelmente mordaz quando quer ser: um perfeito Voltaire! Mas, você pode me tratar como quiser!

Quando Sue viu quão infeliz ela o tornara, abrandou um pouco e, tentando esconder suas lágrimas de simpatia por ele, disse com toda a lástima vitoriosa de uma mulher ferida no coração:

— Ah, você devia me ter dito isso antes de ter sugerido aquela ideia de que queria a minha permissão para me amar! Eu não tinha a menor suspeita nesse sentido, antes daquele momento, na estação. A não ser...

No momento, Sue se sentia tão infeliz quanto Judas, na sua tentativa, já quase fracassada, de não se deixar dominar pela emoção.

— Querida, não chore! — implorou Judas.

— Não estou chorando... por amar você, mas por causa da sua falta de... de confiança.

Estavam a salvo de qualquer olhar indiscreto e Judas não pode deixar de passar o braço à volta da cintura de Sue, que logo reagiu:

— Não, não — disse ela, recuando vivamente e enxugando os olhos.

— Certamente que não! Seria pura hipocrisia pretender que você está agindo como primo. E, de outra forma, não pode ser.

Avançaram uns doze passos e Sue pareceu inteiramente refeita.

Era terrível, para Judas. Seu coração teria sofrido menos, se ela se tivesse mostrado diferente. Contudo, refletindo bem, Sue dera provas de possuir espírito largo e generoso, não obstante o precedente acesso de cólera mesquinha, natural como impulso ao sexo feminino.

— Não o censura pelo que não pode impedir em você — disse Sue, sorrindo — Como poderia ser tola a esse ponto! Censuro, um pouco, por não me ter dito nada antes. Mas, afinal, isso não tem grande importância. Teríamos que ficar separados um do outro, não é, mesmo que, na sua vida, não existisse o que existe, não é?

— Não, Sue. Certamente que não. Trata-se do único obstáculo!

— Você se esquece que, mesmo que não existisse esse obstáculo, seria necessário que eu o amasse e quisesse ser sua mulher — disse Sue, com uma doce seriedade que não revelava seu pensamento. — Além disso, somos primos e não é bom que primos se casem. E... estou noiva de alguém. Quanto a continuar como estávamos naquela nossa espécie de amizade, as pessoas que nos rodeiam não o permitiriam. O modo de elas encararem as relações entre homem e mulher é muito limitado demais, como ficou provado pela minha expulsão da escola. A filosofia delas só admite relações baseadas no desejo animal. Ignoram o vasto campo das grandes afeições, nas quais o desejo, na melhor hipótese, desempenha apenas um papel secundário... o papel de... que é mesmo? ... Vênus Urânia, não?

O fato de Sue poder falar daquele modo erudito mostrava bem que se tornara de novo senhora de si mesma. E, antes de se separarem, já ela tinha quase reconquistado o seu olhar vivo, a sua capacidade de dar respostas prontas e a sua raciocinada atitude de largueza de vistas no julgamento de pessoas da sua idade e do seu sexo.

Judas podia falar mais livremente, agora.

— Diversas razões me impediram de contar tudo abruptamente. A primeira foi a que já dei. Outra, foi essa: sempre me repetiram que não devia me casar... que eu era de uma família especial, esquisita... gente que não se dava bem como o casamento.

— Ah, quem é que costumava dizer isso a você?

— Minha tia-avó. Dizia ela que, para nós, Fawleys, o casamento sempre acaba mal!

— É estranho! Meu pai costumava dizer a mesma coisa!

Ambos estavam possuídos pela mesma ideia, bastante penosa, ainda que fosse apenas uma presunção: uma união entre eles, se acaso fosse possível, teria significado um terrível acréscimo dessa inaptidão e teria duplicado a possibilidade de se tornarem infelizes.

— Ora, mas isso não tem a menor importância! — disse Sue nervosamente.

— A única coisa que prova é que nossa família foi infeliz nas escolhas que fez.

E então os dois ficaram se esforçando por se convencer que o que acontecera não tinha a menor importância e que eles ficariam sempre muito bem como primos e amigos, correspondendo-se frequentemente.

E passariam horas felizes e alegres, quando se encontrassem, mesmo que isso acontecesse menos amiúde do que antes. Separaram-se como bons amigos. Contudo, havia uma interrogação no último olhar que Judas lançou a Sue, pois sentia que, mesmo então, ainda não sabia bem o que ela estava pensando.

## VII

NOTÍCIAS DE Sue, recebidas dois ou três dias depois, foram para Judas como um verdadeiro furacão.

Antes de ler a carta, já estava inclinado a supor que se tratava de alguma coisa de importante. Bastara, para isso, uma simples olhadela que lançara sobre a assinatura. Sue assinara o seu nome inteiro, coisa que nunca tornara a fazer, desde a sua primeira carta.

“Meu caro Judas — Tenho alguma coisa para lhe dizer que talvez não o surpreenda, mas que, talvez, o choque por considerá-lo precipitado ou acelerado (como as companhias de estrada de ferro dizem dos seus trens).

O professor Phillotson e eu vamos nos casar, breve — daqui a três ou quatro semanas. Pretendíamos a princípio, como você sabe, esperar até que eu houvesse terminado os meus estudos e obtivesse um diploma que me tornasse apta a ajudá-lo, caso fosse necessário. Mas diz ele com generosidade que não vê mais razão para que fiquemos esperando, uma vez que não estou mais na Escola Normal. É realmente muito generoso da parte dele, uma vez que a falsidade da minha situação foi ocasionada pelo meu erro de ser expulsa do colégio.

“Deseje-me felicidade. Lembre-se que você tem esse dever e não me pode recusá-lo. Sua afeiçoada prima,

SUSANA FLORENCE-MARY BRIDEHEAD”.

Lendo essas palavras, Judas se sentiu cambalear. Nada pôde comer, bebendo chá o tempo todo, pois sua boca estava seca. Enfim, retomou o seu trabalho com o riso amargo de quem é posto à prova. Tudo parecia se transformar em sátira. Contudo, que podia fazer a pobre moça? Foi o que ele se perguntou, sentindo-se em estado pior do que se estivesse vertendo lágrimas.

“Ó Susana Florence-Mary!”, dizia ele, durante o trabalho.

“Você não sabe o que é o casamento!”

Seria possível que o despeito causado pela revelação do seu próprio casamento tivesse impellido Sue àquela resolução? Exatamente do mesmo modo como a impressão causada pela sua visita em estado de embriaguez decidira-a a ficar noiva? Sem dúvida, pareciam existir outras razões, de ordem prática e social. Mas, não era uma natureza interesseira, e Judas se via obrigado a pensar que a ferida causada pela revelação do seu segredo levava Sue a ceder diante dos prováveis argumentos de Phillotson. Por exemplo: que a melhor maneira de provar quanto eram infundadas as suspeitas das autoridades da escola era casar com ele, Phillotson, imediatamente. Na verdade, Sue fora desastrosamente acuada! Pobre Sue!

Judas resolveu fazer o papel de espartano, aceitando bem a situação e se tornando um sustentáculo para Sue. Mas, não pôde enviar os votos de felicidade pedidos, antes de um ou dois dias.

No intervalo, chegou uma nova carta da sua impaciente e querida Sue:

“Judas, quer você me levar pelo braço até o altar? Não conheço ninguém que possa desempenhar esse papel tão convenientemente quanto você, você sendo a única pessoa casada que conheço neste lugar. E isso, mesmo que meu pai estivesse disposto a fazê-lo, o que não acontece. Espero que você não julgue isso uma massada. Li no meu livro de orações a parte relativa à cerimônia do casamento e me parece muito humilhante que seja necessário alguém para me entregar no altar ao meu futuro marido. De acordo com o texto do livro, meu noivo me escolhe de sua livre vontade, por eleição. Mas eu não o escolho. Alguém me dá a ele, como uma cabra, uma asna ou um outro qualquer animal doméstico. Abençoada seja a vossa elevada ideia da mulher, ó homem da Igreja! Mas estou me esquecendo que não tenho mais o direito de mexer com você. Sempre sua,

SUSANA FLORENCE-MARIA BRIDEHEAD”.

Judas levou a sua coragem até o heroísmo e respondeu:

“Minha querida Sue, naturalmente desejo a você toda a felicidade. E certamente também levarei você pelo braço até o altar. O que sugiro é que, como você não tem casa própria, você se case estando morando na minha casa e não na da sua amiga. Será mais próprio, creio eu, uma vez que sou, como você mesmo o diz, o seu parente mais próximo nessa parte do mundo.

“Não compreendo por que você, agora, assina suas cartas dessa maneira nova e tão terrivelmente convencional? Por certo, você ainda me quer um pouco, não?! Sempre seu,

JUDAS”.

O que ferira Judas, mais ainda do que a assinatura, fora aquela pequena alfinetada que deixara passar sob silêncio: a frase “única pessoa casada que conheço”. Que espécie de idiota não ficava ele parecendo, como seu apaixonado!? Se Sue tivesse escrito aquilo como sátira, dificilmente lhe perdoaria. Sendo por sofrimento, então era outra coisa!

De qualquer modo sua oferta de alojamento agradou a Phillotson, pois ele lhe mandou algumas palavras de caloroso agradecimento, aceitando a proposta. Sue também agradeceu. Imediatamente, Judas mudou para quartos maiores, tanto para afastar a espionagem da proprietária, que certamente fora uma das razões da desagradável aventura de Sue, quanto por causa da exiguidade de espaço, no antigo quarto.

Em seguida, Sue escreveu para avisá-lo da data do casamento. E Judas, depois de tomar as devidas informações, decidiu que ela viesse morar com ele no sábado seguinte, a fim de que residisse dez dias na cidade, antes da cerimônia, o que bastava para representar uma residência nominal de quinze dias.

Sue chegou no dia marcado, pelo trem de dez da manhã. A pedido seu, Judas não a foi buscar na estação. Não queria que ele perdesse o salário de uma manhã de trabalho (se é que essa era a sua verdadeira razão). Mas, já agora conhecia

Sue tão bem que julgava possível que ela se tivesse deixado induzir pela lembrança da sensibilidade excessiva e das crises emocionais de ambos, em determinados momentos. Quando chegou para almoçar, Sue já tomara posse do seu apartamento.

Morava na mesma casa que ele, mas num andar diferente. Viam-se pouco. De quando em quando, jantavam juntos, e então a atitude de Sue era semelhante à de uma criança que estivesse amedrontada.

Judas não sabia o que ela estava sentindo, e a conversa entre eles era maquinaal. Contudo, Sue não parecia nem pálida, nem doente.

Phillotson aparecia frequentemente, mas, ainda mais, quando Judas não estava presente.

Na manhã do dia do casamento, Judas tendo tirado o dia de folga, os dois primos tomaram café juntos, pela primeira e última vez durante aquele curto prazo, no apartamento de Judas, na sala que alugara para o período de permanência de Sue. Reparando, como nenhuma mulher deixaria de reparar, a falta de jeito de Judas no arranjo das coisas, Sue se pôs a ajudá-lo.

— Que é que há, Judas? — disse ela, subitamente.

Judas estava sentado, os cotovelos apoiados na mesa, o queixo entre as mãos, fixando um futuro que parecia desenhado na toalha.

— Ó, nada!

— Você é meu “papai”, sabe? É assim que se chama ao homem que conduz a gente até o altar.

Judas poderia ter dito: “A idade de Phillotson lhe daria mais direito a esse título!”. Contudo, não quis aborrecê-la com uma resposta tão vulgar.

Sue falava sem cessar, como se temesse as reflexões de Judas e, antes do fim da refeição, já ambos estavam arrependidos da confiança que haviam depositado no novo modo de ver as coisas, desejando ter tomado café cada um pelo seu lado. O que oprimia Judas era que ele estava deixando a mulher que amava cometer um erro análogo ao que ele próprio cometera, em vez de avisá-la e implorar-lhe que nada fizesse. Estava nos seus lábios perguntar: “Você está mesma decidida?”.

Depois do café, saíram os dois e passearam, movidos pelo mesmo pensamento: era a última oportunidade que tinham de gozar de uma boa e simples camaradagem. Pela ironia da sorte e por essa curiosa tendência de Sue de tentar a Providência nos momentos críticos, ela tomou o braço de Judas para atravessar o caminho cheio de lama — coisa que nunca fizera ainda em toda a sua vida. — A uma curva da rua, encontraram-se diante de uma igreja gótica de pedra cinzenta e telhado baixo — a igreja de São Tomás.

— Eis a igreja — disse Judas.

— Na qual vou me casar?

— É.

— De verdade? — exclamou Sue, curiosa. — Como gostaria de entrar e ver o lugar onde, daqui a pouco, vou me ajoelhar e me casar!

Ainda uma vez, Judas pensou: “Sue não compreende o que é o casamento”.

Aceceu passivamente ao seu desejo e entraram pela porta oeste.

A única pessoa existente na igreja sombria era uma mulher que estava fazendo a limpeza. Sue continuava a segurar o braço de Judas, quase como se o amasse. Na verdade, fora meiga e cruel durante toda aquela manhã. Mas a ideia do castigo que ela merecia foi abrandada, no espírito de Judas, por uma dor: “..... Não posso impedir que esse golpe a fira cruelmente, como fere os homens, nem exija demais de sua natureza de mulher!”.

Avançaram os dois pela nave até a grade do altar que ficaram olhando em silêncio. Em seguida, voltaram. Sue sempre apoiada no braço de Judas, exatamente como um casal de recém-casados. Este por demais sugestivo incidente, inteiramente provocado por Sue, quase descontrolou Judas.

— Gosto de fazer coisas como essa — disse Sue com a voz doce de uma epicurista à cata de emoções e não deixando a menor dúvida quanto à veracidade do que estava dizendo.

— Sei bem que você gosta! — disse Judas.

— São interessantes, porque provavelmente nunca foram feitas antes. Daqui a umas duas horas, seguirei o mesmo trajeto com o meu marido, não?

— Certamente que sim!

— Aconteceu o mesmo quando você se casou?

— Meu Deus, Sue, não seja tão terrivelmente impiedosa! Não, querida, não foi isso o que eu quis dizer!

— Ah, você está zangado! — disse Sue em tom de arrependimento e fechando os olhos, agora úmidos. — E eu que prometera nunca mais fazer você ficar zangado! Não lhe devia ter pedido que me trouxesse aqui. Não devia, não! Agora é que estou vendo. É a minha curiosidade de sensações novas que sempre me mete nesses embaraços. Perdoe-me. Você me perdoa, não, Judas?

Havia tanto remorso nesse apelo que os olhos de Judas estavam ainda mais úmidos que os de Sue quando ele lhe pressionou a mão para dizer: “Sim”.

— Agora, vamos de depressa embora e não farei isso nunca mais! — continuou Sue, humildemente.

Saíram da igreja e Sue pretendia ir à estação receber Phillotson.

Mas, a primeira pessoa que encontraram na rua principal foi o professor, cujo trem chegara mais cedo do que Sue esperava. Na verdade, nada havia de repreensível no fato de ela estar apoiada no braço do primo, mas logo retirou a mão, e Judas cuidou ver surpresa no olhar de Phillotson.

— Fizemos uma coisa tão engraçada! — disse Sue, sorrindo candi-damente.

— Fomos à igreja, como para um ensaio. Não foi, Judas?

Intimamente, ele lastimava o que considerava, apenas, como uma franqueza



inútil. Mas Sue fora longe demais para não explicar tudo, agora. E isso ela o fez então, contando como tinham caminhado até junto do altar.

Vendo o ar perplexo de Phillotson, Judas disse o mais alegremente que pôde:

— Vou comprar para Sue um outro pequeno presente. Vocês querem vir os dois à loja comigo?

— Não — disse Sue. — Vou para casa com o meu noivo — e, pedindo ao seu apaixonado que não demorasse muito, partiu com o professor.

Judas os encontrou em casa, pouco depois, e começaram a se preparar para a cerimônia. A escova passara e repassara sobre os cabelos de Phillotson e seu colarinho estava mais duro do que em qualquer outra ocasião, durante os vinte últimos anos. Apresentava um aspecto digno e grave e, ao mesmo tempo, um ar de pessoa em quem não seria absurdo prever um bom e atencioso marido. Era evidente que adorava Sue. E era também quase certo que ela achava não merecer essa adoração.

Apesar de a distância ser curta, Phillotson alugara um coche do Leão Vermelho e seis ou sete mulheres ou crianças estavam reunidas diante da porta, quando eles saíram. Ninguém conhecia nem Sue nem o professor, mas Judas começava a ser tido como um concida-dão. E o casal foi considerado como parente de Judas, ninguém su-pondo que Sue tivesse sido, recentemente, aluna da Escola Normal.

Na carruagem, Judas tirou do bolso o seu novo presente. Era o seguinte: dois ou três metros de tule branco que pôs sobre o chapéu de Sue como um véu.

— Fica tão esquisito assim! — exclamou Sue. — Vou tirar o chapéu.

— Ora, não. Deixe assim mesmo — disse o professor. E Sue obedeceu.

Quando entraram na igreja e ficaram nos seus lugares, Judas cuidou que a precedente visita à igreja diminuía o rigor da cerimônia, mas, quando esta estava no meio, já se arrependia, no fundo do coração, de ter aceite a função de trazê-la até junto do altar. Como é que Sue tivera a temeridade de lhe pedir aquilo — uma possível crueldade para com ela própria, tão bem quanto com ele? Nesses assuntos, as mulheres são bem diferentes dos homens. Será porque são, ao invés de mais sensíveis, como têm fama de ser, mais endurecidas pela vida e menos românticas. Ou mais heroicas? Ou Sue seria, simplesmente, tão perversa que se alegraria em provocar sofrimento nela tão bem quanto nele, pela volúpia estranha e triste de se exercitar na dor e de ficar ternamente comovida em relação a ele, depois de ter ela mesma provocado o sofrimento? Percebia que a sua expressão estava tensa e quando, no momento crítico, ele teve que a entregar nas mãos de Phillotson, Sue teve dificuldade em manter-se calma. E isso, ao que parecia, mais por causa do que devia sentir o primo, que poderia muito bem não estar ali presente, do que pela sua própria emoção. Talvez, na sua extraordinária inconseqüência, iria ela permanecer toda a vida a infligir tais sofrimentos e, em seguida, a se enternecer pela suas vítimas.

Phyllotson parecia nada perceber, como que rodeado por uma bruma que o impedia de observar os outros. Assim que assinaram seus nomes, saíram, cessando a tensão. Judas se sentiu aliviado.

A refeição que tomaram em casa de Judas foi muito simples e, às duas horas, os dois partiram. Ao atravessar a calçada para subir na carruagem, Sue se voltou, e havia nos seus olhos uma centelha de medo.

Seria que Sue cometera a loucura incrível de mergulhar no desconhecido somente para afirmar sua independência em relação a ele, ou para puni-lo da sua dissimulação? Talvez fosse tão imprudente para com os homens porque ignorasse ainda, como uma criança, o lado da natureza deles que consome o coração e a vida das mulheres.

Quando pôs o pé no estribo, ela se voltou, dizendo que esquecera alguma coisa. Judas e a proprietária se ofereceram para ir buscá-la.

— Não — disse ela —, é o meu lenço e eu sei onde o deixei.

Judas a seguiu. Ela o encontrou e voltava, agora, trazendo-o na mão. Então, fitou Judas nos olhos. Tinha os seus cheios de lágrimas e seus lábios se entreabriram como se fossem falar. Contudo, passou.

E as palavras que desejara dizer ficaram impronunciadas.

## VIII

JUDAS SE perguntou se Sue realmente esquecera o lenço ou se quisera confessar um amor que, no último instante, não tivera coragem de expressar.

Depois que os dois recém-casados partiram, não pôde ficar no seu quarto silencioso e, temendo ceder à tentação de afogar suas mágoas em álcool, mudou a roupa preta pela branca, os sapatos finos pelos grossos e foi se entregar ao trabalho habitual.

Na catedral, porém, parecia-lhe estar ouvindo uma voz falando atrás dele e sentia-se possuído pela ideia fixa de que Sue ia voltar.

Era impossível, imaginava ele, que ela fosse para casa com Phillotson.

Essa impressão aumentava constantemente. No momento mesmo em que o relógio anunciou o fim do seu trabalho, Judas atirou no chão as ferramentas e correu para casa.

— Alguém procurou por mim? — perguntou.

Ninguém viera procurá-lo.

Como tinha direito ao salão do andar térreo até meia-noite, ali passou toda a noite. E, mesmo depois de o relógio bater onze horas e a família se retirar, não pode afastar a impressão que Sue ainda ia voltar e dormir no pequeno quarto junto ao seu, no qual passara tantas noites. Seu modo de agir era sempre imprevisível. Por que não poderia voltar? Alegremente renunciaria, para sempre, a considerá-la como sua amada, como sua mulher, se ela pudesse viver ao seu lado como companheira de quarto e amiga, mesmo distante.

O jantar continuava diante dele. Então, foi até a porta da entrada, abriu-a devagar e voltou para o salão e esperou pela aparição do fantasma da bem-amada. No entanto, ela não apareceu.

Depois de ter-se iludido com essa quimérica esperança, Judas subiu até o primeiro andar e abriu a janela do quarto, imaginando a viagem noturna de Sue para Londres, em companhia de Phillotson.

Via-os avançando na noite úmida em direção ao hotel, debaixo daquele mesmo céu nebuloso e atormentado, através do qual a lua e duas ou três das estrelas de maior grandeza se deixavam adivinhar como fracas nebulosas. Era uma nova página na história de Sue. Projetava seu espírito, para o futuro e via-a rodeada de crianças que, mais ou menos, se pareciam com ela. Mas, o consolo de considerá-las como o prolongamento da personalidade de Sue era-lhe recusado, como a todos os sonhadores, pela malícia da natureza que não permite que os filhos descendam apenas de um dos dois progenitores. Cada renovação de uma existência é alterada pelo fato de se tratar de uma mistura de metade e metade. “Se, depois do afastamento ou da morte da minha amada perdida, eu pudesse ver o seu filho — filho dela, unicamente dela — seria um conforto!”, pensou Judas. E percebeu de novo então, como vinha compreendendo cada dia mais naqueles últimos tempos, o desprezo da natureza pelas mais puras emoções

do homem, sua total indiferença pelas aspirações humanas.

A força opressora da sua afeição por Sue mostrou-se ainda mais claramente no dia seguinte e nos que a ele se seguiram. Não podia mais suportar a luz dos lampiões de Melchester. O brilhar do sol lhe parecia uma pintura inexpressiva. E o azul do céu uma placa de zinco. Soube, então, que sua tia-avó estava muito doente em Marygreen, notícia esta que coincidiu com uma carta de seu antigo patrão de Christminster, oferecendo-lhe um bom trabalho permanente, caso quisesse voltar. Essas cartas foram um alívio para ele. Partiu para visitar sua tia Drusila e resolveu ir até Christminster a fim de verificar se a oferta do construtor valia a pena.

Judas encontrou sua tia-avó ainda mais doente do que o deixava supor a carta da viúva Edlin. Havia ainda a possibilidade de ela se arrastar por algumas semanas ou meses, mas não era provável que assim sucedesse. Escreveu a Sue para informá-la do estado de saúde da tia e sugerindo que talvez ela gostasse de vê-la ainda com vida.

Iria ao seu encontro, na estação de Alfredston, na noite seguinte, segunda-feira, ao voltar de Christminster, caso ela quisesse tomar o trem que cruzava o seu nessa estação. Assim, no dia seguinte, foi para Christminster contando estar de volta em Alfredston a tempo de encontrar Sue.

A cidade da ciência apresentava um aspecto estranho, e Judas sentia que se tornara insensível a tudo o que ela evocava. No entanto, como o sol desenhasse manchas luminosas nas fachadas ornamentadas dos colégios e projetasse a sombra das ameias no gramado novo dos pátios, Judas pensou que nunca o lugar lhe parecera mais bonito. Tomou a direção da rua onde, pela primeira vez, avistara Sue. A cadeira que ocupava no dia em que, encurvada sobre o rolo de pergaminho, um pincel na mão, a sua silhueta pela primeira vez lhe chamara a atenção, estava exatamente no mesmo lugar, vazia agora. Parecia que Sue morrera e que ninguém fora julgado suficientemente digno de substituí-la naquele trabalho artístico. Ela era agora o fantasma da cidade, enquanto que as sombras das celebridades intelectuais e religiosas, que outrora lhe haviam provocado tão grandes emoções, não pareciam ter mais o poder de impor suas presenças ali.

E no entanto, ele, Judas, ali estava. De acordo com o seu projeto, foi a sua antiga morada da rua “Beersheba”, perto da igreja de S. Silas. A proprietária, ao abrir-lhe a porta, pareceu contente em revê-lo, ofereceu-lhe alguma coisa para comer e lhe disse que o seu antigo patrão viera saber do seu endereço.

Judas tomou a direção do pátio, onde outrora trabalhara. Mas os telheiros e os blocos de pedra lhe desagradaram tanto que se sentiu incapaz de retomar o trabalho e de viver naquele lugar repleto de sonhos mortos. Ansiava, agora, pela hora do trem de volta para Alfredston, onde talvez encontrasse Sue.

Então, durante uma terrível meia hora de depressão, ocasionada por essas

recordações, sentiu-se invadido pelo sentimento que mais de uma vez lhe causara tanto sofrimento: não merecia que ninguém se preocupasse com ele próprio. E foi durante esse intervalo que encontrou, em Quatro Caminhos, com Tinker Taylor, que lhe propôs irem tomar alguma coisa num bar. Andaram pela rua até que pararam diante de um dos principais centros da vida noturna de Christminster, o bar onde outrora aceitara o desafio para recitar o credo em latim, hoje um bar popular com uma espaçosa e acolhedora entrada que convidava o transeunte a penetrar no interior do recinto que fora inteiramente renovado e modernizado desde a última vez em que Judas lá estivera.

Tinker Taylor bebeu o seu copo de cerveja e, em seguida, foi embora, dizendo que o lugar ficara elegante demais para que se sentisse a vontade, a não ser quando dispunha de bastante dinheiro para se embriagar. Judas demorou um pouco mais, enquanto acabava o seu copo, ficando em silêncio e absorvido pelos seus pensamentos na sala quase deserta. Esta estava inteiramente transformada, móveis de mogno tendo substituído os antigos, e havendo sofás estofados, ao fundo.

A sala era dividida, segundo o novo costume, em compartimentos separados por vidros toscos enquadrados por caixilhos de mogno, de modo que os bebedores de um compartimento não tivessem de enrubescer com os olhares das pessoas dos compartimentos vizinhos.

Por detrás do balcão, duas empregadas se encurvavam sobre as bombas de cerveja e sobre as filas de torneiras que gotejavam numa baixela de estanho.

Sentindo-se cansado e não tendo mais nada para fazer até a hora da saída do trem, Judas se sentou num dos sofás. Por detrás das empregadas, viam-se espelhos talhados em viés com prateleiras de vidro onde se alinhavam líquidos preciosos, cujos nomes Judas desconhecia, em garrafas de topázio, safira, rubi e ametista. A chegada de alguns fregueses trouxe um pouco de animação, graças à música do instrumento mecânico que se punha a funcionar cada vez que nele se introduzia uma moeda.

A moça que servia aquele lado da sala não era diretamente visível ao olhar de Judas, ainda que pudesse ver, pelo espelho, a imagem das suas costas. Observara tudo isso apenas vagamente, até que a moça se voltou um instante para o espelho com o objetivo de arranjar os cabelos. Então, Judas reconheceu com pavor que a face era a de Arabela.

Se ela tivesse vindo mais perto, tê-lo-ia visto, mas estava servindo do lado oposto. Usava um vestido preto com mangas e um grande colarinho branco. Estava mais forte do que antes, circunstância que a presença de um ramalhete de junquinhos no seu seio esquerdo ainda mais acentuava. Tudo isso, Judas percebia graças ao espelho que refletia também as fisionomias dos homens a quem estava servindo. Um deles era um rapaz, bonito e de aparência dissoluta, possivelmente um estudante, que estava lhe contando uma aventura engraçada.

— Deixe de história, senhor Cockman! Como é que o senhor ousa contar uma coisa dessa a uma moça inocente como eu! — exclamou ela alegremente. — E o que é que o senhor usa para fazer o seu bigode ficar assim?

Como o rapaz tinha a face inteiramente raspada, a brincadeira fez com que todos se pusessem a rir.

— Ora! — disse ele. — Dê-me um curaçaú. E um fósforo, por favor.

Arabela serviu o licor, apanhando uma das encantadoras garrafas e, riscando um fósforo, acendeu o cigarro do rapaz que logo deu uma baforada.

— Querida, você teve notícias recentes do seu marido? — perguntou.

— Nem uma palavra — respondeu ela.

— Onde está ele?

— Deixei-o na Austrália. E acho que ainda está lá.

Judas abriu bem os olhos.

— Por que você o deixou?

— Não faça perguntas e não receberá mentiras como respostas.

— Então, dê-me o troco, pelo qual estou esperando há mais de um quarto de hora e romanticamente desaparecerei na rua dessa pitoresca cidade.

De detrás do balcão, Arabela lhe deu o troco e ele aproveitou a ocasião para reter-lhe os dedos entre os seus. Houve um simulacro de lutas, risos, e ele foi embora, dando-lhe adeus.

Judas olhara tudo com os olhos de um filósofo deslumbrado.

Era extraordinário verificar quanto Arabela parecia estar longe da sua vida. Não podia realizar a ligação nominal que os unia. No seu atual estado de espírito, era-lhe totalmente indiferente que Arabela fosse realmente sua mulher.

Ninguém estando ao seu lado, Judas, depois de um momento de reflexão, tomou a direção do balcão. Arabela não o reconheceu logo.

Em seguida, seus olhares se encontraram. Ela teve um sobressalto.

Uma zombeteira imprudência apontou nos seus olhos e logo falou:

— Deus meu, e eu que pensava que você estivesse enterrado já há tanto tempo!

— Ó!

— Nunca mais ouvi notícias suas. Sem isso, jamais teria vindo parar aqui. Mas isso não tem importância. E agora, que posso eu lhe servir? Um uísque com soda? Vamos, escolha qualquer coisa que a casa possa oferecer a um antigo freguês como você!

— Obrigado, Arabela — disse Judas sem esboçar sequer um sorriso. — Mas, não quero nada mais além do que já tomei.

A verdade era que a inesperada presença de Arabela destruíra de uma vez só nele o gosto momentâneo pela bebida, tão radicalmente quanto se tivesse voltado para o tempo de mamadeira.

— É pena, porque, agora, você teria o que quisesse, sem gastar nada.

— Há quanto tempo está aqui?

— Mais ou menos há seis semanas. Voltei de Sydney há três meses. E você sabe que sempre gostei desse ramo de negócios.

— Admiro-me que tenha escolhido justamente esse lugar!

— Olhe, como eu ia dizendo, acreditava que você já estivesse no outro mundo. E, em Londres, vi o anúncio desse emprego num jornal.

Mesmo que me importasse com isso, ninguém aqui poderia me reconhecer, uma vez que, depois de crescida, nunca vim a Christminster.

— Por que você voltou da Austrália?

— Ora, tinha minhas razões. Mas então você ainda não se tornou um doutor, hein?

— Não.

— Nem mesmo um pastor?

— Não.

— Nem qualquer coisa no gênero?

— Sou o que então era.

— É verdade. Vê-se logo.

Arabela passava preguiçosamente os dedos por sobre a ponta da bomba de cerveja, como se estivesse inspecionando de um ponto de vista crítico. Judas observou que suas mãos estavam menores e mais brancas ainda do que no tempo em que vivia com ela e que uma delas ostentava um anel com uma safira que constituía a admiração dos frequentadores do bar.

— Assim, você passa por casada? — continuou Judas.

— Sim, teria sido incômodo dizer-me viúva, como teria gostado de fazer.

— É verdade. Sou pouco conhecido aqui.

— Não foi por essa razão. Pois, como lhe disse, não o esperava tornar a ver. São outras as razões.

— Quais são elas?

— Não me interessa enumerá-las — respondeu Arabela evasivamente. — Ganho bem a minha vida e não creio que precise da sua companhia.

Nesse momento, um rapaz sem barba e com um bigode da es-pessura de uma sobralheira de mulher entrou e pediu uma estranha bebida composta que Arabela teve de lhe servir.

— Não podemos conversar aqui — disse ela, voltando um momento para junto de Judas. — Você não pode esperar até nove horas?

Diga que sim, não seja tolo! Posso ficar livre duas horas mais cedo do que de costume, caso o peça. No momento, não estou morando nesta casa.

Judas refletiu e disse, num tom confuso:

— Voltarei. Creio que é melhor fazermos uma combinação qualquer.

— Para o diabo com as combinações! Não estou disposta a isso!

— Mas é preciso que eu saiba uma ou duas coisas. E, como você mesma diz,

não podemos conversar aqui. Está certo, procurarei você.

Deixando o seu copo ainda cheio, Judas saiu e começou a andar acima e abaixo, pelas ruas. Havia uma violenta inquietação perturbando a límpida sentimentalidade do seu triste amor. Ainda que a palavra de Arabela não merecesse absolutamente fé, acreditava que pudesse haver uma parte de verdade na afirmação que lhe fizera: acreditara-o morto e não queria atrapalhá-lo. De qualquer modo, agora, só havia uma coisa a fazer: jogar um jogo franco, a lei sendo a lei, e a mulher, da qual se sentia tão distante quanto o Oriente do Ocidente, não constituindo, aos olhos da Igreja, senão uma só pessoa em relação a ele.

Tendo que encontrar Arabela, era impossível a Judas ir ter com Sue em Alfredston, como prometera. Cada vez que pensava nisso, sentia um profundo golpe, mas nada podia fazer contra isso. Quem sabe Arabela era uma intervenção providencial para puni-lo do seu amor proibido.

Assim, passou a noite andando pela cidade, evitando as circunvizinhanças dos colégios e dos claustros, dos quais não podia suportar a vista. E, por fim, voltou para o bar, no momento em que ressoavam os cento e um golpes do grande sino do Colégio Cardial, coincidência essa que lhe pareceu de uma gratuita ironia. O bar estava agora brilhantemente iluminado e parecia alegre e animado. As fisionomias das empregadas estavam agora mais vermelhas, seus modos ainda mais vivos, mais excitados, mais atraentes, e elas exprimiam seus sentimentos e desejos com menos eufemismos, rindo e brincando sem reservas.

No decorrer da hora anterior, o bar estivera cheio de homens de todas as categorias e, da rua mesmo, Judas ouvira o burburinho de suas vozes. Agora, porém, havia menos gente. Fez um sinal para Arabela, dizendo-lhe que a iria esperar lá fora.

— Mas, é preciso tomar antes alguma coisa comigo — disse ela, em tom de grande bom humor. — Somente um gole, antes de dormir. Tomo sempre. Em seguida, você me esperará um instante na rua, pois é melhor que não nos vejamos saindo juntos.

Arabela serviu dois copos de conhaque e, se bem que, evidentemente, já tivesse absorvido bastante álcool, seja bebendo ela própria, seja respirando durante tantas horas aquela atmosfera, tomou o seu copo rapidamente. Judas bebeu e saiu do bar.

Poucos minutos depois, Arabela chegou, vestida com um casaco grosso e um chapéu com uma pena preta.

— Moro aqui bem perto — disse ela, segurando-lhe o braço — e tenho uma chave que me permite entrar a qualquer hora. A que espécie de combinação se referia você?

— Ora, a nada de particular — respondeu Judas, profundamente cansado e enjoado, pensando de novo no trem para Alfredston que perdera, no provável



desapontamento de Sue, não o encontrando na estação, e no prazer que teria tido se tivesse podido fazer, em sua companhia, a longa caminhada solitária até Marygreen, sob a luz das estrelas. — Na verdade, deveria ter partido! Receio que minha tia esteja no seu leito de morte!

— Irei com você de manhã. Creio que poderei conseguir um dia de folga.

Havia qualquer coisa de particularmente inconveniente na ideia de ver Arabela, que não tinha a menor simpatia por ele ou pela sua família, ir para junto do leito da agonia de sua tia e lá encontrar Sue.

No entanto, Judas disse: — Certamente, se você quiser, pode vir.

— Muito bem, veremos... Agora, até que tenhamos chegado a algum acordo, será impróprio que nos vejamos juntos aqui, você já sendo conhecido e eu começando a me tornar, ainda que ninguém suspeite que tenhamos nada em comum com o outro. Já que vamos para a estação, por que não tomar o trem de nove e quarenta para Aldbrickham? Lá estaremos daqui a uma hora e meia e ninguém saberá quem somos, pelo menos por uma noite. Teremos liberdade de agir como quisermos, até que tenhamos decidido o que vamos fazer.

— Como você quiser.

— Nesse caso, espere até que eu apanhe duas ou três coisas. É aqui que moro. Algumas vezes, quando fico retida até tarde, durmo onde trabalho. Assim, ninguém verá mal algum em eu passar a noite fora.

Arabela voltou com rapidez e ambos tomaram a direção da estação. Depois de uma meia hora de viagem, chegaram a Aldbrickham, onde se alojaram num albergue de terceira classe, perto da estação.

## IX

NA MANHÃ seguinte, entre nove e dez e meia, voltaram para Christminster sozinhos, num compartimento de terceira classe. Tendo-se arranjado às pressas, como Judas, para pegar o trem, Arabela apresentava um ar pouco cuidado e sua fisionomia estava longe de refletir a animação que a caracterizava na noite anterior, no bar. Quando saíram da estação, verificou ela que ainda tinha uma meia hora livre, antes do momento de ter de retomar o trabalho. Caminharam em silêncio um pouco para fora da cidade, na direção de Alfredston.

Judas olhava para a estrada principal, ao longe.

— Ah, que pobre ser fraco eu sou! — murmurou.

— O quê? — perguntou Arabela.

— Aquela é a mesma estrada pela qual cheguei em Christminster, há tempos, cheio de grandes planos!

— Bom, qualquer que ela seja, agora meu tempo está quase esgotado e tenho de estar no bar às onze horas. E, como disse a você, não pedirei folga para ir visitar sua tia com você. Assim, talvez seja melhor nos separarmos aqui. É melhor eu não me mostrar nas ruas centrais com você, já que não chegamos a nenhum acordo.

— Seja. Mas, quando você se levantou essa manhã disse que tinha alguma coisa para me dizer antes de eu partir, não disse?

— É, de fato, tinha. Duas coisas. Uma, principalmente. Mas você não quis prometer que guardaria segredo; direi agora, se prometer guardá-lo. Como uma pessoa honesta, quero que você saiba disso...

Era aquilo a respeito de que comecei a falar ontem à noite... sobre aquele senhor que dirigia o hotel de Sydney.

Falando assim, Arabela parecia um pouco mais atrapalhada do que era de seu jeito ficar.

— Você não dirá nada?

— Prometo que não! — disse Judas com impaciência. — É claro que não tenho interesse algum em revelar seus segredos.

— Sempre que saía com ele para passear, ele me dizia que estava seduzido pela minha beleza e insistia comigo para que casasse com ele. Eu não pensava nunca mais voltar à Inglaterra. E, como estava só, lá na Austrália, sem casa própria desde que deixei a de meu pai, por fim concordei.

— Como? Você casou com ele?

— Regularmente? Legalmente? Na igreja?

— Sim. E vivi com ele até pouco antes da minha partida. Era uma estupidez de minha parte, mas eu a fiz! Agora, contei tudo a você. Nas não fale sobre isso! O pobre desgraçado jamais virá à Inglaterra. E, se vier, não terá probabilidade alguma de me encontrar.

Muito pálido, Judas permanecia imóvel.

— Por que diabo não me contou isso ontem à noite? — perguntou ele.

— Não tenho mais nada para dizer! — replicou Judas com severidade. — Não tenho absolutamente nada para dizer... sobre o crime... que acabou de me confessar!

— Um crime!? Ora! Eles, lá, não dão muita importância a essas coisas. Muitos fazem o mesmo... Bem, se é desse modo que você encara as coisas, voltarei para junto dele. Ele me queria muito, vi-víamos muito honradamente, tão respeitáveis quanto não importa que outro casal da Colônia! Como poderia eu saber onde você estava?

— Não quero censurá-la. Poderia dizer muitas coisas, mas talvez não ecoassem apropriadamente. Que quer que eu faça, agora?

— Nada. Ainda havia uma coisa que eu queria dizer a você, mas creio que já nos vimos bastante, por hoje! Preciso pensar sobre o que me disse a propósito das circunstâncias em que se encontra e, depois, conversaremos a respeito.

Foi assim que se separaram. Judas viu Arabela desaparecer na direção do hotel e entrou na estação. Verificando que só dali a três quartos de hora havia trem para Alfredston, pôs-se a caminhar mecanicamente pela cidade e foi até os Quatro Caminhos, onde parou, como tantas vezes fizera, contemplando a rua principal que se estendia com seus sucessivos colégios e com as linhas dos monumentos se destacando tão nitidamente, sob a luz da manhã, como em desenhos de arquitetura. Judas, porém, estava bem longe de ver ou de observar essas coisas. Todas elas jaziam escondidas pela indescritível recordação da proximidade de Arabela durante a noite anterior, por uma impressão de aviltamento proveniente dessa renovação de intimidade, pela visão de seu aspecto adormecido, às primeiras horas do dia, dando à sua fisionomia imóvel a expressão de alguém que tivesse sido amaldiçoado. Se, ao menos, pudesse guardar ressentimento dela, ter-se-ia sentido menos infeliz. No entanto, apenas tinha pena dela, ao mesmo tempo que a desprezava.

Voltou sobre seus passos. Ao se aproximar da estação, estremeceu ao ouvir o seu nome, menos por causa do nome em si do que pela voz que o pronunciava. Para sua grande surpresa, era a própria Sue que estava ali diante dele, como se fosse uma visão. Tinha o olhar cheio de presságios e ansioso como num sonho. A pequena boca nervosa e os olhos cansados o interrogavam em tom de repreensão.

— Judas, sinto-me tão contente... de encontrar você desse modo! — disse-lhe num tom vivo e inseguro, não muito diferente de um soluço.

Em seguida, enrubescceu. E adivinhou que Judas fazia esse raciocínio: era a primeira vez que se encontravam, desde que ela se casara.

Olharam para longe, de modo a esconder a emoção que os possuía, e tomaram-se mutuamente as mãos sem dizer uma só palavra, continuando a andar enquanto Sue lançava um furtivo olhar sobre o companheiro.

— Cheguei à estação de Alfredston ontem à noite, tal como você me pediu, e não encontrei ninguém me esperando. Fui então sozinha a Marygreen e lá me informaram que titia estava um pouco melhor.

Fiquei cuidando dela e, como você não apareceu a noite toda, fiquei inquieta... pensando que talvez, ao se ver de novo na velha cidade, tivesse ficado desorientado... ao pensar que eu estava casada e não mais ao seu lado, como antes... e tivesse resolvido afogar em bebida a sua tristeza... como aconteceu naquele dia, quando você ficou desapontado por não poder se tornar estudante. Temia que tivesse esquecido a promessa que me fez de não recomeçar nunca a beber. E essa era a razão a qual eu atribuía o seu não comparecimento à estação!

— E você veio ao meu encontro para me libertar, qual um anjo bom!

— Pensei que deveria ir pelo primeiro trem e ensaiar de encontrá-lo... caso... caso...

— Minha querida, pensei continuamente na minha promessa! E estou certo que nunca faltarei a ela, como já faltei uma vez. Talvez o que estivesse fazendo não fosse coisa melhor, mas não se tratava disso. O simples pensamento me faz horror...

— Sinto-me feliz pelo fato de sua ausência nada ter a ver com bebida. Mas — disse Sue num tom onde havia certo amuo —, de qualquer modo, você não veio ontem à noite me buscar na estação, como prometera!

— Eu não vim... sinto muito por isso. Tinha um encontro às nove horas... tarde demais para ainda poder tomar o trem que devia chegar ao mesmo tempo que o seu... ou ir para casa.

Olhando sua amada, tal como lhe parecia agora — a mais terna e desinteressada das amigas que jamais conhecera, uma criatura que vivia pelo espírito, tão etérea, que era possível ver sua alma vibrar através do seu corpo —, Judas se sentiu profundamente humilhado pelo lado material da sua natureza que o fizera passar, junto de Arabela, as horas que passara. Havia alguma coisa de rude e de imoral em impor esse recente episódio da sua vida ao espírito de uma criatura que, para ele, era tão pouco carnal que lhe parecia impossível concebê-la como mulher de um homem comum. E, no entanto, ela era a mulher de Phillotson. Como tal se tornara, como continuava sendo, isso ultrapassava sua compreensão, naquela manhã.

— Você vai voltar comigo? — perguntou Judas. — Há justamente um trem, agora. Eu me pergunto como estará minha tia neste instante... Assim, Sue, você fez toda essa caminhada por minha causa!

Pobrezinha, a que horas não deve ter saído de casa!

— Cedo, sim. Ficar assim à cabeceira da doente, sozinha, me pôs num estado de nervos, por sua causa. Em vez de ir dormir, quando o dia clareou, resolvi sair. Mas agora você não tornará a me assustar assim, por causa de tolices, sim?...

Judas não acreditava que fosse apenas por causa de tolices suas que ela se

tivesse inquietado. Largou a mão de Sue até o momento de entrarem no vagão — que parecia ser o mesmo do qual acabava de sair outra pessoa —, onde se sentaram um ou lado do outro, ficando Sue entre ele e a janela. Agora, contemplava as linhas delicadas do perfil de Sue e do seu peito redondo, pequeno e bem feito, tão diferente da exuberância de Arabela! Ainda que Sue percebesse que a estava observando, não se voltou para ele, olhando sempre para a frente como se temesse, encontrando o seu olhar, que se iniciasse uma discussão perturbadora.

— Sue, você agora está casada, como eu. E, no entanto, estivemos sempre com tanta pressa que ainda não tivemos tempo de dizer nem uma só palavra a esse respeito!

— Não há necessidade disso — respondeu rapidamente Sue.

— Talvez não haja... Mas, eu queria...

— Judas, não fale sobre mim! Queria que não o fizesse! — suplicou Sue — Isso até me entristece. Perdoe-me por dizer isso!... Onde ficou você, a noite passada?

Sue fizera a pergunta em perfeita inocência, só para mudar de assunto. Judas o sabia e respondeu, simplesmente:

— Numa hospedaria.

No entanto, ter-se-ia sentido aliviado se pudesse contar-lhe o encontro inesperado que tivera. Mas, temia cometer uma indiscrição e prejudicar Arabela, se falasse do seu casamento na Austrália.

Até Alfredston, a conversa entre os dois foi difícil. O fato de Sue não ser mais quem era, e sim a “senhora Phillotson”, paralisava Judas sempre que queria lhe falar com mais intimidade. No entanto, e não saberia dizer por que, Sue não parecia mudada.

Em prosseguimento da jornada, havia ainda cinco milhas a percorrer, através do campo. Ia-se tão depressa a pé quanto de carro, pois o caminho subia todo o tempo. Judas ainda não fizera nunca aquele percurso com Sue, ainda que o tivesse feito com outra. E su-cedia, agora, como se carregasse consigo uma luz brilhante que tem-porariamente banisse as sombrias recordações do passado.

Sue conversava. Contudo, Judas notou que ela evitava falar sobre si própria. No fim, ele perguntou como ia o professor Phillotson.

— Vai bem — disse Sue. — Ele tem obrigação de ficar o dia inteiro na escola, sem o que teria vindo comigo. Ele é tão bom, tão atencioso que, para poder me acompanhar, teria fechado a escola por um dia, mesmo contrariando os seus princípios — pois é inteiramente avesso a essas folgas ocasionais. Mas eu não o deixaria fazer isso. Senti que era melhor vir sozinha. Tia Drusila, sei bem disso, é uma pessoa muito excêntrica. O fato de ele ser quase um estranho teria tornado a visita desagradável para ambos. E, como aconteceu que eu a encontrei quase inconsciente, alegrei-me por não o ter trazido comigo.

Judas assumira um tom contristado durante esse elogio de Phillotson.

— O professor Phillotson faz sua vontade em tudo, como deve fazer — disse Judas.

— Certamente.

— Você deve se sentir feliz, como mulher dele.

— E, naturalmente, me sinto.

— Como noiva dele, eu quase poderia ter dito assim... porque ainda não há muitas semanas, eu a entreguei pelo braço a ele, no altar... e...

— Sim, eu sei, eu sei!...

Havia alguma coisa na expressão de Sue que desmentia as suas palavras de assentimento, pronunciadas com tanta correção e tão pouco calor como se tivessem sido recitadas segundo uma lista de modelos tirados de um “Guia para a boa conduta da mulher”. Judas adivinhava o sentido de cada vibração da voz de Sue, percebia todos os sintomas do seu estado de espírito. E ficou convencido de que era infeliz, ainda que não tivesse um mês de casada. Contudo, o impulso que a trouxera até junto da cabeceira de uma parenta que mal conhecia, nada provava, pois era do seu modo de ser fazer coisas como aquela.

— Pois bem, senhora Phillotson, que os meus votos de felicidade a acompanhem, agora como de sempre!

Sue lhe lançou um olhar de repreensão.

— Não, você não é a “senhora Phillotson” — murmurou Judas. —

Você é a querida, a sempre livre Sue Bridehead! Apenas, não sabe disso. O casamento ainda não aniquilou e digeriu você no seu vasto papo, qual um átomo que perdesse a sua individualidade.

Sue tomou um ar de pessoa ofendida e, em seguida, respondeu: — Nem a você também, pelo menos tanto quanto eu possa perceber!

— Fez sim! — disse Judas, sacudindo tristemente a cabeça.

Quanto atingiram a choupana solitária, entre Marygreen e a Casa Escura, onde Judas e Arabela tinham vivido e depois brigado, Judas se deteve para lançar um olhar no seu interior. Uma família miserável a habitava, agora. Judas não pôde deixar de dizer a Sue:

— Essa é a casa que minha mulher e eu ocupamos durante todo o tempo em que vivemos juntos. Trouxe-a de casa para aqui.

Sue olhou.

— Era para você o mesmo que é, para mim, a escola de Shaston.

— Sim, mas eu, aqui, não era muito feliz, como você o é, na sua casa.

Sue cerrou os lábios num silêncio intencional e deram alguns passos, até que ela olhou para ver como Judas estava aceitando a situação.

— Evidentemente, posso ter exagerado a sua felicidade. A gente nunca sabe — continuou Judas docemente.

— Judas, não creia isso, nem por um momento, nem mesmo se você o disse

só para mexer comigo. Ele é tão bom para mim quanto um homem pode ser e me dá liberdade total — coisa que, em geral, não o fazem os maridos já de uma certa idade... Se você pensa que não sou feliz por ser demais velho para mim, está errado.

— Querida, não penso contra ele, em relação a você.

— E você não dirá mais nada que possa me aborrecer, sim?

— Não direi, não.

Judas não insistiu. Contudo, percebia que, por uma razão qualquer, casando-se com o professor Phillotson, Sue sentira que fizera exatamente aquilo que não devia ter feito.

Desceram os dois até a vasta depressão que precedia a aldeia — aquele mesmo campo onde Judas recebera, tantos anos antes, uma correção do fazendeiro Troutham. Subindo para a aldeia, quando se aproximaram da casa, avistaram a senhora Edlin diante da porta. Ao vê-los, agitou os braços para o céu, gritando: — Creiam-me ou não, ela desceu! Saiu da cama e não há jeito de fazê-la voltar. O que vai acontecer agora, não sei!

Com efeito, entrando em casa, viram a velha sentada junto à lareira, envolvida em cobertas. E a fisionomia que lhes mostrou se assemelhava à de Lázaro, segundo Sabastiano. Provavelmente, os dois não esconderam o seu espanto, pois ela disse em tom surdo:

— Ah, vocês estão com medo! Pois olhem: nem por todo o ouro do mundo, eu teria continuado na cama. É mais do que a carne e o sangue podem suportar, o de ter de fazer isso ou aquilo por ordem de uma criatura que não sabe nem metade do que a gente mesma sabe!

Ah, você se arrepende do seu casamento, tanto quanto ele! — acrescentou ela se voltando para Sue. — Todos se arrependem, na nossa família — como, aliás, quase todo mundo faz. Bobinha, você devia ter seguido o meu exemplo! E, entre todos os homens, escolher Phillotson, o professor! Por que você se casou com ele?

— Titia, por que é que a maioria das mulheres se casa?

— Ah, você quer dizer que gostava desse homem?

— Não quero dizer nada de muito preciso.

— Você gosta dele?

— Titia, não me pergunte!

— Lembro-me dele muito bem. Muito educado, muito honrado. Mas, meu Deus... — não quero machucar você, mas... — mas, há por toda parte homens que uma mulher bonita não consegue suportar. Eu devia ter dito que ele era dessa espécie. Não digo isso *agora*, uma vez que você sabe disso melhor que eu, mas isso era o que *devia* ter dito!

Sue se levantou de um salto e saiu. Judas a seguiu e encontrou-a chorando.

— Querida, não chore — disse ele, desconsolado. — Ela fala por bem, mas,

como você sabe, está agora muito rabugenta e esquisita.

— Não, não... não é isso! — disse Sue, ensaiando secar as lágrimas. — Pouco me importo com a rudeza dela!

— Então, que é que há?

— Há que o que ela disse... é verdade!

— Meu Deus, mas, então, você não o ama? — perguntou Judas.

— Não é isso o que eu quero dizer! — replicou Sue com vivacidade.

— É que eu não devia... talvez não devesse ter-me casado!

Judas se perguntou se era isso realmente que, de início, Sue pretendia dizer. Entraram e falaram de outros assuntos. A tia se mostrou amável para com Sue, dizendo-lhe que não encontrariam muitas jovens recém-casadas dispostas a vir de tão longe para visitar uma feiticeira velha e doente como ela. À tarde, Sue se preparou para ir embora e Judas contratou um vizinho para levá-la até Alfredston no seu carrinho.

— Se você quiser, irei até a estação — propôs Judas.

Sue não aceitou a proposta. O vizinho veio com o carro e Judas ajudou a instalá-la, talvez com zelo excessivo, pois foi quase de proibição o olhar que ela lhe lançou.

— Imagino que você me permitirá visitá-la um dia desses, quando estiver de volta em Melchester, não? — perguntou Judas, com certo mau humor no tom.

Sue se curvou e disse com doçura:

— Querido, não. Ainda não. Acho que você não está numa boa disposição de espírito.

— Muito bem! — disse Judas. — Adeus.

— Adeus!

Sue teve um gesto de mão e partiu.

— Ela tem razão. Não irei! — murmurou Judas.

Judas passou a noite e os dias subsequentes reprimindo, de todos os modos, o desejo de vê-la, quase se deixando morrer de fome com o fito de extinguir, pelo jejum, a sua paixão. Leu sermões sobre a disciplina e procurou na história da igreja passagens a respeito dos ascetas do segundo século.

Antes de sair de Marygreen para Melchester, recebeu uma carta de Arabela. Vendo-a, Judas compreendeu que sentia muito mais remorso pela sua efêmera volta a Arabela do que pelo seu amor por Sue.

A carta trazia selo de Londres e não de Christminster. Arabela o informara de que, poucos dias depois de se terem separado, recebera, com grande surpresa, uma carta afetuosa do seu marido australiano, ex-gerente do hotel de Sydney. Viera para a Inglaterra com o objetivo de encontrá-la e obtivera a autorização de abrir uma taverna em Lambeth. Queria que ela viesse para junto dele, a fim de dirigirem os dois o negócio que se anunciava muito próspero, a casa sendo bem situada, num excelente quarteirão, muito populoso e cheio de bons bebedores, ele



já estando ganhando duzentas libras por mês, lucro que, facilmente, poderia ser duplicado.

E, como ele dizia que continuava a amá-la muito, implorando-lhe que dissesse onde estava, e como só se tinham separado em consequência de uma pequena disputa insignificante, e como seu emprego em Christminster era apenas temporário, resolvera ir ao seu encontro. Não pudera deixar de pensar que pertencia mais a ele do que a Judas, uma vez que se casara corretamente e vivera mais tempo com ele do que com o primeiro marido. Assim, dizendo-lhe adeus, ficava sem nutrir nenhuma animosidade contra ele e esperava que não quisesse prejudicar uma pobre mulher como ela, nem a denunciá-la, arruinando-a, agora que arranajara uma possibilidade de melhorar sua situação e viver honrosamente.

JUDAS VOLTOU para Melchester, cidade que possuía a discutível vantagem de ficar apenas a doze milhas e meia da atual residência de Sue. A princípio, julgou que essa proximidade fosse uma razão suficiente para não ir mais para o Sul. Cedo, porém, chegou à conclusão de que a proximidade de Shaston poderia lhe trazer a glória de arrostar o inimigo numa luta frente a frente, semelhante as que, deliberadamente, procuravam os padres e as virgens dos primeiros tempos da Igreja, quando, desdenhando uma fuga ignominiosa da tentação, traziam-na até mesmo para dentro de seus quartos. Judas nem sequer cuidou que, naquelas circunstâncias, segundo as palavras lacônicas do historiador”, “ natureza insultada algumas vezes faz valer os seus direitos”.

Com febril desespero, voltava agora aos seus estudos para se tornar pastor, reconhecendo que a sinceridade de suas aspirações e a fidelidade à causa haviam sido mais do que duvidosas. Sua paixão por Sue lhe perturbava a alma. Contudo, o abandono a sedução de Arabela, pelo espaço de doze horas, parecia-lhe ainda pior, muito embora ela só depois lhe tivesse falado do seu marido australiano.

Sinceramente, acreditava ter triunfado da sua tendência à bebida, se bem que nunca se houvesse entregue a ela por gosto, mas, apenas, para escapar momentaneamente a um intolerável sofrimento íntimo. Todavia, tudo bem pesado, verificava com tristeza que estava sujeito a demasiadas paixões para poder vir a ser um bom pastor. O máximo que podia esperar era que, numa vida de perpétua luta entre o espírito e a carne, esta última não saísse sempre vencedora.

Como distração auxiliar dos estudos sacros, desenvolveu suas leves aptidões para a música de igreja e para a harmonia, a ponto de poder fazer convenientemente um acompanhamento. A uma ou duas milhas de Melchester, existia uma pequena igreja de aldeia, recentemente restaurada, onde Judas fora colocar em seus devidos lugares colunas e capitéis. Travara assim relações com o organista, resultando disso que acabou fazendo parte do coro, como baixo.

Ia a essa igreja duas vezes cada domingo e, às vezes, durante a semana. Um dia, nas proximidades da Páscoa, o coro estava reunido para ensaiar, para a semana seguinte, um hino de um compositor que Judas sabia ser do Wessex. Era uma peça estranhamente comovente. Como a repetissem muitas e muitas vezes, suas harmonias se impuseram ao espírito de Judas, emocionando-o extraordinariamente.

Quanto terminaram, Judas foi pedir esclarecimentos ao organista. A participação estava em manuscrito, trazendo em cima o nome do compositor, assim como o título do hino: “O pé da cruz”.

— Sim, — disse o organista — ele é um homem da região. É organista em Kennetbridge, cidade situada entre aqui e Christminster. O vigário o conhece. Foi

criado e educado nas tradições de Christminster e isso explica o valor dessa peça. Creio que toca numa grande igreja de lá. Algumas vezes, vem a Melchester, onde tentou obter o posto de organista da catedral, certa vez que estava vago. Este hino vai ser cantado por toda a parte, pela Páscoa.

Enquanto tomava o caminho de casa, cantarolando, Judas ia pensando no compositor e nas razões que o deviam ter feito escrever o hino. Como devia ser um menino compreensivo! Naquele momento de perplexidade a respeito de Sue e de Arabela, e de consciência perturbada pelas complicações da sua situação, como gostaria de conhecer aquele homem! “Entre todos os homens, ele compreenderia as minhas dificuldades”, pensava Judas, sempre impulsivo. Se houvesse uma pessoa no mundo a escolher confidente, deveria ser aquele compositor, pois devia ter sofrido, vibrado, esperado.

Em consequência, e por difícil que fosse arranjar tempo e dinheiro para a viagem, resolveu, como uma criança (que na verdade era), ir a Kennetbridge logo no domingo seguinte. Partiu, pois, de manhã bem cedo, a linha que servia a cidade não sendo direta. Chegou cerca de meio-dia e, depois de ter atravessado uma ponte que dava acesso à velha e pitoresca aldeia, indagou onde era a casa do artista.

Disseram-lhe que era um pequeno edifício de tijolos vermelhos, situado pouco mais adiante. E, também, que o músico em pessoa passara ali pela rua, uns cinco minutos antes.

— Em que direção? — perguntou Judas com precipitação.

— Ia diretamente para casa, vindo da igreja.

Judas apressou o passo e teve logo o prazer de avistar um homem de capote preto e chapéu mole, também preto, não muito longe dele.

Apressou ainda o passo. “Uma alma faminta em busca de uma alma perfeita”, pensou ele “É preciso que eu fale com esse homem.”

Todavia, não o pôde alcançar antes de ele entrar em casa. Então, Judas se perguntou se era um momento conveniente para lhe fazer uma visita. Sendo ou não sendo, tomou a decisão de se arriscar, já que viera até ali e morava muito longe para voltar tarde. Aquele homem de coração grande perdoaria aquela falta de cerimônia e seria um bom conselheiro naquele caso em que uma paixão terrestre e ilegítima sub-repticiamente se introduzia no seu coração que a religião não conseguira mais encher inteiramente. Assim, tocou a campainha e foi recebido.

O compositor apareceu pouco depois. Como Judas estava bem vestido, tinha boa aparência e modos francos, fez-lhe boa acolhida.

No entanto, Judas sentia que lhe era difícil explicar a razão da sua vinda.

— Cantei no coro de uma pequena igreja, perto de Melchester — começou Judas. — E ensaiamos essa semana “O pé da cruz”, de sua autoria, pelo que me disseram, não?

— Sim, compus essa peça há mais ou menos um ano.

— Eu... eu gosto muito dela. Acho-a de uma beleza extraordinária.

— Com efeito... outras pessoas também já me disseram isso. Sim, poderia dar dinheiro, bastando, para isso, que fosse publicada. Tenho outras composições para juntar a essa. Gostaria de publicá-las, pois nenhuma delas me rendeu nada. Esses editores querem pagar pela obra de um músico desconhecido como eu quase menos do que me custa pagar a alguém para copiá-las de modo conveniente. Emprestei esta de que o senhor fala a uns amigos de Melchester e dos arredores e, assim, começou a ser cantada um pouco. Mas a música é má profissão — estou abandonando-a completamente. Hoje em dia, para ganhar dinheiro, é preciso se entregar ao comércio. Penso em trabalhar no ramo dos vinhos. Este é o meu prospecto. Ainda não foi publicado, mas o senhor pode ficar com um.

Em seguida, estendeu a Judas um reclame de diversas páginas em forma de livro, no qual estavam descritos os numerosos claretos, champanhes, portos, xerês e outros vinhos com os quais se propunha a iniciar a sua nova carreira. Judas ficou estarrecido com o fato de o homem de alma grande ser assim daquele jeito. E sentiu que não podia se abrir com ele.

Conversaram ainda um pouco, mas sempre com constrangimento. Pois, quando o músico percebera que Judas era um homem pobre, sua atitude logo se tornou diferente. De início, enganara-se com a aparência de Judas, assim como sobre a sua situação e sobre o objetivo de sua visita. Judas balbuciou algumas palavras a respeito do desejo que tivera de felicitar o autor de uma obra tão elevada e se despediu desajeitadamente.

Durante todo o percurso de volta, no vagaroso trem de domingo, nas salas de espera, sem fogo naquele frio dia de primavera, sentia-se contristado com a ingenuidade de que fizera prova, empreendendo aquela viagem. Mas, assim que chegou em casa, em Melchester, encontrou uma carta, chegada naquela manhã mesmo, poucos minutos depois que partira. Era um pequeno e contrito bilhete de Sue, no qual ela dizia, com doce humildade, que compreendia quanto fora horrível quando o proibira de vir vê-la, que se desprezava por ter sido tão convencional e que ele devia vir, sem falta, naquele domingo mesmo, pelo trem de onze e quarenta e cinco, para almoçar com eles, a uma e meia.

Judas quase arrancou os cabelos por ter recebido a carta tarde demais. No entanto, desde certo tempo vinha se submetendo a tão duras provas que a quimérica expedição a Kennetbridge lhe pareceu mais uma intervenção especial da Providência para mantê-lo afastado da tentação. Contudo, um certo sentimento de impaciência na sua fé, que já tinha constatado em si mais de uma vez, fez com que pusesse de lado aquela ideia ridícula de que Deus fazia as pessoas andarem ao acaso. Ansiava por ver Sue e sentia-se furioso por ter perdido aquela ocasião. Por isso, escreveu-lhe imediatamente, contando-lhe o

que acontecera, que não tinha paciência para esperar até domingo seguinte e iria vê-la num dia qualquer da semana que ela indicasse.

Como Judas escrevera com um pouco de ardor demais, Sue, tal como era de sua natureza fazer, retardou a resposta até a Quinta-Feira Santa. Disse-lhe, então, que poderia vir naquela tarde e que não o pudera receber antes porque era, agora, professora-adjunta, na escola do marido. Assim, Judas arranjou um dia de folga na catedral, renunciando ao seu salário desse dia, e partiu para Shaston.

## **Q uarta Parte**

### **Em Shaston**

“Quem quer que coloque o Casamento, ou qualquer outro Estatuto, antes do Bem do Homem ou da simples Exigência da Caridade, diga-se ele Católico ou Protestante, não será mais do que um Fariseu.”

MILTON

SHASTON, o antigo Palladour britânico *de cuja fundação emergem tão estranhas histórias* (como cantou Drayton), era e ainda é, em si mesma, a cidade do sonho. Vagas reminiscências do seu castelo, suas três casas da moeda, sua magnífica abadia, principal glória do Wessex meridional, suas dozes igrejas, seus relicários, capelas, hospitais — tudo isso agora inexoravelmente destruído —, lançam o visitante, mesmo contra a vontade, numa pensativa melancolia que mal pode ser dissipada pelo ar vivificante e pela paisagem sem limites que se oferece à sua visão. Aí foram enterradas um rei e uma rainha, abades e abadessas, santos e bispos, cavaleiros e senhores. Os ossos do rei Eduardo, o Mártir, cuidadosamente transportados para Shaston, para aí serem conservados, deram à cidade um renome que lhe trouxe peregrinos de todos os países da Europa e lhe permitiu conservar um grande prestígio bem além das margens da Inglaterra. Foi a Reforma que, segundo nos dizem os historiadores, deu o golpe de morte nessa admirável criação da Idade Média. A destruição da imensa abadia foi o sinal da ruína geral. Os ossos dos mártires tiveram a mesma sorte da basílica sagrada que os recebera e nem uma só pedra ficou para dizer onde repousam.

O pitoresco natural e a estranheza da cidade continuam a existir. No entanto, é estranho que essas particularidades, assinaladas por numerosos escritores em épocas durante as quais a beleza da paisagem era, em geral, pouco apreciada, passem despercebidas na nossa época. E, assim, um dos lugares mais curiosos, mais estranhos da Inglaterra, permanece praticamente sem visitantes.

A cidade ocupa uma situação única, no cume de uma escarpa quase perpendicular que se ergue no meio do profundo vale de Blackmour. Do castelo, a vista sobre as verdes pastagens dos três condados — Wessex do Sul, do Norte e do Centro — é, para os olhos do viajante desprevenido, uma surpresa tão grande quanto o ar vivificante que o seu pulmão absorve. Inacessível ao caminho de ferro, a entrada da cidade só é praticável por pedestres ou, no máximo, por veículos muito leves. E ainda assim estes últimos só podem penetrar nela por uma espécie de istmo que a liga aos gredosos planal-tos do nordeste.

Tal é, e tal era, a já hoje esquecida por todos cidade de Shaston, ou Palladour. Por causa da sua situação, a água sempre foi o grande anseio da cidade. E, desde tempos imemoriais, viam-se cavalos, bur-ros e homens subirem penosamente as ruas tortuosas, carregados de tinhas e barris enchidos no poço do fundo do vale, os carregadores vendendo a água ao preço de meio *penny* o balde.

Essa dificuldade, junto a dois outros fatos esquisitos — o cemitério subindo atrás da igreja numa inclinação mais forte que a de um telhado e, em tempos idos, a cidade tendo atravessado um estranho período de corrupção, conventual e doméstica —, faziam com que se dissesse que Shaston podia oferecer aos homens três espécies de consolos como não existiam iguais em nenhuma outra parte do mundo: um cemitério mais perto do céu do que o campanário da igreja,

cerveja em maior abundância do que água, e mais mulheres de má vida do que mulheres honestas, casadas ou solteiras. Dizia-se, também, que, depois da Idade Média, os habitantes, tendo-se tornado muito pobres para poder pagar padres, haviam demolido as igrejas e deixado de adorar Deus publicamente — necessidade essa da qual se lamentavam diante dos copos de cerveja, aos domingos, nas tavernas.

Nesse tempo, os shastonianos não deviam deixar de ter um certo senso de humor.

Havia uma outra particularidade, moderna esta, que Shaston devia à sua situação. Era o quartel-general dos proprietários de barracas, *stands* de tiro ao alvo e outros estabelecimentos ambulantes que se veem geralmente nas feiras e nos mercados. Do mesmo modo como o estranhos pássaros selvagens se reúnem num promontório elevado, hesitando em se lançar em longos voos ou em voltar pelo caminho pelo qual vieram, assim, naquela cidade a cavaleiro sobre o promontório, ficavam, num silêncio aparvalhado, caravanas verdes e amarelas, trazendo nomes que não eram os dos local, e surpreendidas, ao que parece, por uma mudança de paisagem tão violenta que as impedia de prosseguir caminho. E, frequentemente, ali permaneciam todo o inverno, antes de retomar suas rotas habituais, na primavera seguinte.

Era para esse lugar esquisito e exposto a todos os ventos que Judas subia, pela primeira vez da sua vida, às quatro horas da tarde, depois de ter apeado na estação mais próxima. Chegando ao cume do rochedo, depois de uma penosa ascensão, ultrapassou as primeiras casas da cidade aérea e se dirigiu para a escola. Era muito cedo, os alunos ainda lá estavam, zunindo como uma nuvem de mosquitos. Judas deu alguns passos ao longo da avenida da abadia, contemplando o lugar para onde o destino mandara aquela que ele amava mais que tudo no mundo.

Diante das escolas, grandes e de pedra, erguiam-se duas enormes faias, de troncos lisos, cinzento cor de rato. Por detrás das janelas, via as cabeças morenas, castanhas e douradas das alunas, sentadas em seus bancos. E, para passar o tempo, desceu até os terraços, onde outrora se estendiam os jardins da abadia. Independente da sua vontade, seu coração andava aos saltos.

Não querendo entrar antes de os alunos saírem, ali ficou até que escutou as vozes infantis tagarelando no ar livre. Viu então surgirem meninas de aventais brancos, por cima de vestidos azuis e vermelhos, correndo e dançando em lugares que, três séculos antes, haviam sido percorridos pela abadessa, pela priora, pela subpriora e por cinquenta outras freiras. Voltando então sobre seus passos, verificou que se demorara demais: Sue fora para a cidade, tendo saído da escola logo em seguida ao último aluno, enquanto que o professor Phillotson estivera ausente toda a tarde, tendo ido a uma reunião de professores em Shottsford.



Judas entrou nas sala da escola, agora vazia, e sentou-se. A moça que limpava o assoalho dissera que a senhora Phillotson estaria de volta dentro de alguns minutos. Havia um piano — o mesmo velho piano que Phillotson trouxera de Mary green — e, se bem que a semiobscuridade quase o impedisse de ver as teclas, tocou timidamente em algumas delas e não pôde deixar de reproduzir alguns compassos do hino que o emocionara tanto na semana precedente.

Alguém se mexeu atrás dele. Julgando que ainda se tratasse da criada, Judas não prestou atenção. Então, uma forma se aproximou e colocou delicadamente os dedos sobre a sua mão esquerda. Pareceu-lhe conhecer aquela mão tão pequena e logo se voltou.

— Não pare — disse Sue. — Gosto desse hino. Aprendi-o antes de partir de Melchester. Costumavam tocá-lo na Escola Normal.

— Não posso estropiá-lo assim, diante de você! Toque para mim, sim?

— Pois não.

Sue se sentou, e sua interpretação do hino, ainda que não fosse notável, parecia divina a Judas, em comparação com a sua. Como ele, Sue estava visivelmente comovida, com surpresa própria. Quando terminou, Judas avançou sua mão em direção à de Sue e encontro-a a meio caminho. Judas a apertou, exatamente como fizera antes do seu casamento.

— É esquisito — disse Sue, com voz diferente — que eu me sinta perturbada por esse hino. Por que...

— Por que o quê?

— Não é bem isso o que eu quis dizer...

— Você não se emociona facilmente?

— Não é bem isso o que eu quis dizer...

— Ora, é o *seu* modo de ser sim, porque você, de coração, é perfeitamente igual a mim.

— Mas, não de cabeça.

Sue continuava a tocar. De repente, voltou-se e, num gesto involuntário, as mãos de ambos tornaram a se apertar.

Com um pequeno riso forçado, Sue retirou rapidamente a mão.

— Engraçado — disse ela —, eu me pergunto por que fizemos isso ao mesmo tempo?

— Suponho que seja porque somos iguais, como disse antes.

— Não nos nossos pensamentos! Talvez, um pouco, nos nossos sentimentos.

— E são eles que regulam as ideias... E isso não é mais do que suficiente para fazer com que se blasfeme, quando se pensa que o compositor desse hino é um dos homens mais vulgares que já encontrei.

— Como assim? Você conhece esse homem?

— Fui procurá-lo.

— Tolo! Fazer exatamente o que eu teria feito! Por que você o fez?

— Porque nós não somos semelhantes um ao outro — disse Judas secamente.

— Agora, vamos tomar um pouco de chá — disse Sue. — E se o tomássemos aqui, em vez de lá em casa? Não é difícil trazer a chaleira e o resto das coisas para cá. Como você sabe, não moramos na escola, mas naquele velho edifício do outro lado da rua. É tão antiga e sombria que me deprime terrivelmente. São casas muito boas para se visitar, mas não para se viver nelas. Sinto-me esmagada pelo peso de tantas vidas que lá transcorreram. Em edifícios novos como essas escolas, só se tem a própria vida para suportar. Sente-se. Vou dizer a Ada para trazer a bandeja do chá.

Judas esperou, à luz da lareira, cuja portinha Sue abriu antes de sair, e, quando ela voltou, acompanhada pela empregada que vinha com o chá, sentaram-se debaixo da mesma luz, acrescida, apenas, pela luz azul de uma lâmpada de álcool, debaixo de uma chaleira de cobre.

— Esse foi um dos presentes de casamento que você me deu — disse Sue.

— Sim — respondeu Judas.

A chaleira que Judas lhe dera parecia cantar num tom de caçoada. Para mudar de assunto, Judas disse:

— Conhecerá você uma boa edição das partes não-canônicas no Novo Testamento? Vocês não as leem na escola, não?

— Claro que não, querido! Isso scandalizaria a vizinhança...

Sim, existe uma. No momento, não a tenho muito presente no es-pírito, ainda que me tenha interessado muito por ela no tempo do meu amigo. Trata-se dos *Evangelhos Apócrifos* de Cowper.

— Pelo jeito, parece ser o que quero. — No entanto, o pensamento de Judas convergia, cheio de inveja, para o “meu amigo”, expressão pela qual Sue quisera designar o seu antigo camarada de universidade. E Judas se perguntou se Sue falava dele com Phillotson.

— O Evangelho de Nicodemus é muito bom — continuou ela, de modo a afastar Judas daqueles pensamentos dominados pela inveja que adivinhava presentes nele, agora, como sempre fazia. Na verdade, quando falavam de um assunto indiferente, como acontecia no momento, havia sempre uma segunda conversa, silenciosa, entre suas emoções, de tal modo era perfeita a reciprocidade entre eles.

— Parece ser perfeitamente como o autêntico. É dividido em versículos também. De modo que é, um pouco, como um dos outros Evangelhos lidos em sonho: as coisas são as mesmas e ao mesmo tempo não o são. Mas, Judas, você ainda se interessa por essas questões?

Você está estudando apologética?

— Sim, estou estudando teologia mais do que nunca.

Sue o olhou com curiosidade.

— Por que você está olhando para mim assim? — perguntou Judas.

— Ora, por que você quer saber?

— Tenho certeza que você pode me ensinar tudo o que ignoro sobre esse assunto. Você deve ter aprendido muita coisa com o seu querido amigo que morreu!

— Não falemos disso, agora! Na semana que vem, você ainda vai trabalhar na igreja onde aprendeu esse lindo hino?

— Sim, talvez vá.

— Será ótimo. Posso ir visitá-lo, lá? É por aqui perto e posso ir de trem, qualquer tarde dessas, passar uma meia hora com você.

— Não. Não venha!

— Por que não? Não vamos ficar amigos, como éramos?

— Não.

— Não sabia disso. Pensava que você fosse sempre ser bom para comigo.

— Não, não o serei.

— Que foi que eu fiz? Parecia-me, no entanto, que nós dois...

— O tremor na voz obrigou Sue a parar.

— Sue, às vezes digo a mim mesmo que você é uma namorada

— disse Judas, de súbito.

Houve um silêncio. Em seguida, Sue se levantou de um salto. E para sua grande surpresa, Judas percebeu, graças à luz da lâmpada de álcool, que a face de Sue corara.

Não quero mais falar com você, Judas! — disse Sue, voltando ao seu antigo e trágico tom de contralto. — Está por demais escuro aqui para ficarmos assim juntos. O hino mórbido que cantamos fez com que sentíssemos coisas que não se devem sentir! Não devemos nunca mais ficar sentados e conversar assim. Sim, você deve ir embora porque você não me entende! Sou o exato oposto daquilo que você, tão cruelmente, me acusa de ser! Sim, Judas, você foi realmente cruel comigo! Todavia, não posso dizer a você toda a verdade, porque ela escandalizaria. Mas, por que teria eu recebido o dom de seduzir, se não fosse para me servir dele? Para certas mulheres, o desejo de serem amadas é insaciável. Assim como a sua sede de amar. E, nesse último caso, elas acabam descobrindo que não podem dar continuamente o seu amor ao homem designado pela certidão do bispo para recebê-lo. Mas, Judas, você é tão correto que não pode me compreender... E agora você precisa ir embora. Lastimo que meu marido não esteja em casa.

— Realmente?

— Sinto que disse isso de um modo puramente convencional.

Honestamente, não creio que o lastime. De qualquer modo, é triste dizer, mas não tem importância.

Como haviam, antes, abusado dos apertos de mão, Sue estendeu a Judas somente a ponta dos dedos, ao lhe dizer adeus. Judas apenas saíra e logo Sue,

contrariada, subiu num banco e abriu uma janela debaixo da qual ele estava justamente passando.

— Judas, quando é que você tem de partir para apanhar o seu trem? — perguntou Sue.

Judas levantou os olhos para Sue com certa surpresa.

— O carro que permite a correspondência parte dentro de uns três quartos de hora.

— Que vai você fazer durante esse intervalo?

— Ora, perambular pela cidade. Talvez vá me sentar na igreja.

— Deve parecer duro, de minha parte, mandar você embora assim! E você já pensou demais em igrejas — o céu seja testemunho disso! —, para que ainda vá se refugiar numa, no escuro. Fique aqui.

— Onde?

— Onde você está. Posso conversar melhor com você assim do que quando você fica ao meu lado... Foi tão bom de sua parte perder assim um meio dia de trabalho para vir me ver!... Você é José, meu caro Judas, José, o sonhador dos sonhadores. É um Dom Quixote trágico. E, algumas vezes, você é Santo Estêvão, o qual enquanto o lapidavam, conseguia ver o céu se abrir. Ó, meu pobre amigo e camarada, você ainda sofrerá muito!

Agora que estavam corporalmente separados, Judas não podendo mais se aproximar dela, Sue parecia não temer mais a franqueza que evitara, enquanto estavam entre as mesmas paredes.

— Estive pensando — continuou Sue, no tom de uma pessoa transbordante de emoção — que o mundo social dentro do qual a civilização nos enclausura não tem maior relação com a nossa forma real do que o têm as figuras convencionais das constelações com a verdadeira carta do céu. Chamo-me a senhora Richard Phillotson, vivo a vida calma de esposa do meu companheiro do mesmo nome. Mas, na verdade, não sou a senhora Richard Phillotson e, sim, uma mulher ati-rada para cá e para lá, sozinha, com paixões incríveis e inexplicáveis antipatias... Mas, agora, você não deve ficar mais tempo, senão perderá a condução. Venha me ver de novo. Então, você entrará aqui em casa.

— Sim — disse Judas. — Quando devo vir?

— De amanhã a oito dias. Adeus... adeus.

Sue estendeu a mão e acariciou-lhe a fronte, com pena dele. Mas só o fez uma vez. Judas lhe disse adeus e desapareceu na escuridão da noite.

Chegando à rua Bimport, pareceu-lhe ouvir o carro saindo. E, com efeito, quando chegou à praça do Mercado, na Hospedaria do Duque, a condução já partira. Era-lhe impossível, indo a pé, chegar à estação a tempo de tomar o trem. Viu-se assim forçado a esperar o trem seguinte, o último para Melchester, naquela noite.

Perambulou ainda um pouco, comeu alguma coisa, e, depois, dispendo ainda

de uma meia hora, deixou que seu pés o levassem ao acaso, através do venerável cemitério da igreja da Trindade e de suas alamedas de tília, novamente na direção das escolas. Estavam imersas na mais completa obscuridade. Pela descrição feita por Sue descobriu sem dificuldade a casa onde ela morava.

Os postigos ainda não estando fechados, viu, numa janela, bruxulear fracamente a luz de uma vela. Podia ver o interior perfeitamente — o chão sendo, dentro de casa, uns dois degraus mais baixo do que cá fora, pois o caminho fora pouco a pouco se alteando durante os séculos que haviam decorrido desde a construção da casa. Evidentemente, Sue acabava de entrar. Ainda de chapéu na cabeça, estava de pé no pequeno salão de aspecto triste e antiquado com o seu teto baixo, suas guarnições de madeira esculpura e a sua lareira maciça. Na verdade, os séculos deviam pesar fortemente sobre uma recém-casada que ali vivia a sua vida.

Sue abriu uma caixa de madeira e olhava uma fotografia. Tendo-a contemplado por algum tempo, apertou-a contra o coração e colocou-a de novo na caixa.

Percebendo então que não havia fechado as janelas bem, veio fazê-lo, com uma vela na mão. Estava muito escuro para que visse Judas lá fora, mas ele pôde perfeitamente ver sua face e divisou lágrimas nos seu olhos.

Quando Sue fechou os postigos, Judas reiniciou a sua solitária viagem de volta. “Que fotografia era aquela que ela estava olhando?”, se perguntou ele. Uma vez lhe dera uma, sua. Mas Sue devia possuir outras também. Contudo, seguramente devia ser a dele.

Sabia que voltaria a visitá-la, conforme o convite que lhe fizera.

Aqueles homens sérios cujas vidas lia, os santos, aqueles que Sue, com gentil irreverência, chamava os seus semideuses, teriam fugido de tais encontros, se duvidassem de suas forças. Mas ele, ele não o podia. Poderia jejuar e rezar durante todo o intervalo, mas o humano era nele mais poderoso que o divino.

## II

DE QUALQUER modo, se não foi Deus a dispor, foi a mulher. Na manhã seguinte, Judas recebeu este bilhete de Sue:

“Não venha na semana que vem. No seu próprio interesse. Sob a influência daquele hino e do crepúsculo, fomos por demais livres. Pense o mínimo que puder em

SUSANA FLORENCE MARY”.

O desapontamento de Judas foi violento. Conhecia o gênio de Sue, a expressão da sua fisionomia quando assinava, assim, o nome por inteiro. Respondeu:

“Concordo. Você tem razão. Ao que imagino, é uma lição de renúncia que devo aprender, agora.

JUDAS”.

Mandou este bilhete na véspera de Páscoa e parecia se tratar de um ponto final nas relações entre eles. Mas outras forças, outras leis que as deles estavam em jogo. Na segunda-feira de Páscoa, Judas recebeu um bilhete da viúva Edlin, a quem incumbira de preveni-lo, caso sucedesse alguma coisa de grave:

“Sua tia está morrendo. Venha depressa”.

Judas largou as suas ferramentas e partiu. Três horas e meia depois, estava atravessando as dunas de Mary green e descia até o campo por um atalho que levava à aldeia. Como estivesse subindo do outro lado, um camponês que esperava por ele, parado junto à cerca, aproximou-se com ar atrapalhado e se preparou para falar. “Pelo que se lê na face dele, minha tia morreu”, pensou Judas. “Pobre tia Drusila!”

Com efeito, fora o que sucedera, e a viúva Edlin mandara o homem para lhe dar a notícia.

— Ela não o teria reconhecido — disse o homem. — Jazia como o manequim, com os olhos vidrados. Assim, de nada teria valido o senhor estar presente.

Judas entrou em casa e, à tarde, depois de tudo terminado e de sua tia ter sido posta no caixão, ficou sentado sozinho no silêncio da casa. Precisava absolutamente perverir Sue, muito embora, dois ou três dias antes, houvessem decidido ficar rigorosamente afastados um do outro. Escreveu o mais laconicamente que pôde:

“Tia Drusila morreu quase repentinamente. O enterro será na sexta-feira, à tarde”.

Judas ficou em Mary green durante os dias subsequentes, indo vigiar os trabalhos do cemitério na manhã de sexta-feira e se preo-cupando em saber se Sue viria o não. Não lhe respondera e isso parecia indicar mais que ela viria, do que não. Tendo verificado que só havia um trem possível, Judas fechou a casa por volta do meio-dia e foi para a elevação junto à Casa Escura, de onde

dominava a vasta planície. Ficou olhando a paisagem. Umhas duas milhas atrás de Alfredston, um jato de vapor branco passeava da esquerda para a direita do cenário.

Mesmo assim, muito tempo ainda teria de transcorrer antes que pudesse saber se Sue viera ou não. Esperou até que um carro parou embaixo da colina, dele saindo uma pessoa que se pôs a subi-la, enquanto o veículo partia. Judas identificou Sue. Mas pareceu-lhe tão frágil que dava a impressão de não ter resistência para suportar a violência de um abraço por demais apaixonado — de um desses abraços que a ele, Judas, não era permitido dar. Nos dois terços do caminho, Sue inclinou a cabeça com solicitude, e Judas percebeu que ela o tinha reconhecido justo naquele instante. Na sua fisionomia, esboçou-se um sorriso pensativo que permaneceu até que, tendo descido ao seu encontro, Judas a alcançou.

— Pensei — disse Sue nervosamente — que seria muito triste deixar você sozinho nesse enterro! Por isso, no último minuto, resolvi vir.

— Querida e fiel Sue! — murmurou Judas.

No entanto, com a curiosa duplicidade de sua natureza, Sue pôs logo um fim aos transbordamentos de Judas, embora ainda faltasse algum tempo para a hora do enterro. Dada a situação, circunstâncias tão comoventes tinham poucas probabilidades de tornar a se repetir, por anos e anos, ou talvez mesmo nunca mais se repetissem. Judas teria parado, meditado, discutido. Mas Sue não via o patético da situação, ou, talvez, sentindo-o mais ainda do que ele, não quisesse se permitir acusá-lo.

A triste e simples cerimônia terminou cedo, pois foram para a igreja quase a trote, o agente de enterros tendo um freguês mais importante para uma hora depois, a três milhas dali. Drusila foi depositada num túmulo novo, bem longe dos seus antepassados. Sue e Judas tomavam chá juntos, em casa: suas vidas estavam enfim unidas naquela última atenção para com a morta.

— Você diz que ela foi inimiga do casamento a vida inteira, não? — perguntou Sue.

— Principalmente para os membros da nossa família.

Os olhos de Sue encontraram os seus e assim ficaram por algum tempo.

— Somos uma família bastante infeliz, não somos, Judas?

— Ela dizia que dávamos maus maridos e más mulheres. Certamente somos maridos e mulheres infelizes. Eu, pelo menos!

Sue ficou em silêncio.

— Judas, fará mal — perguntou Sue, em tom trêmulo — um marido ou uma mulher contarem a uma terceira pessoa que são infelizes um com o outro? Se o casamento é um ato religioso, é possível que seja. Mas, se é apenas um contrato sórdido, baseado em conveniências materiais de habitação, estado civil, imposto e herança — e parece que assim é — então, tem-se o direito de dizer, e até

mesmo de proclamar, que se sofre e se é infeliz.

— Assim fiz eu. Disse a você.

Logo Sue continuou: — Você acredita que existam muitos casais, nos quais um dos cônjuges desagrada ao outro por uma razão que não seja definida?

— Creio que sim. Por exemplo: se um dos dois gosta de uma outra pessoa.

— Mas, mesmo fora disso? Será que a mulher, por exemplo, é muito culpada por não gostar de viver com o marido, simplesmente... — a voz de Sue tremeu e Judas percebeu muitas coisas — simplesmente por ter uma aversão pessoal... um nojo físico... chame isso como você quiser... ainda que respeitando o marido e lhe tendo muito reconhecimento? Estou apenas colocando um caso. Deverá ela tentar vencer a sua repulsão?

Judas lançou um olhar perturbado sobre Sue. Depois, desviando-o, disse:

— Tratar-se-ia, justamente, de um desses casos nos quais a minha experiência contradiz as minhas ideias. Falando como o amigo da ordem — o que espero ser, ainda que receie o contrário —, diria que sim. Falando baseado na minha experiência e deixando de lado os preconceitos, diria que não... Sue, creio que você não é feliz!

— Não, eu sou! — disse Sue, com agitação. — Como é que uma mulher poderia ser infeliz, estando casada apenas há oito semanas com um homem que ela livremente escolheu?

— ... Livremente escolheu!

— Por que você repetiu a frase?... Mas, preciso partir pelo trem das seis horas. Você vai ficar aqui, não?

— Apenas por alguns dias, para regular os negócios de minha tia.

Essa casa não é mais nossa. Quer que eu vá com você até a estação?

Um pequeno riso de oposição aflorou em Sue.

— Acho que não. Mas você pode fazer uma parte do caminho.

— Espere, não poderá partir essa noite! Esse trem não a levará a Shaston! Você terá de ficar aqui e irá amanhã. Se não quiser ficar aqui, há muito lugar, em casa da viúva Edlin.

— Muito bem — disse Sue em tom de hesitação. — Afinal de contas, não dei certeza de voltar hoje.

Judas foi prevenir a viúva e, ao fim de alguns instantes, voltou e tornou a se sentar.

— Nossa situação é horrível, Sue, horrível — disse Judas de repente, os olhos fixos no chão.

— Não! Por quê?

— Não posso contar-lhe toda a minha parte de infelicidade. A sua parte é essa: não deveria ter se casado com ele. Vi isso antes de você se casar, porém, julguei que não devia interferir. Estava errado.

Devia interferir sim!



— Mas, por que está achando tudo isso, meu caro?

— Porque... porque vejo você através da sua plumagem, meu pobre e pequeno pássaro!

A mão de Sue estava em cima da mesa e Judas pôs a dele em cima. Sue afastou a sua.

— Isso é absurdo, Sue — gritou Judas —, um absurdo, depois de tudo acerca de que estivemos falando! Afinal de contas, sou mais estrito e mais formalista do que você. E as suas objeções em relação a um ato tão inocente só provam quão ridiculamente ilógica você é!

— Talvez tenha sido pudica demais — disse Sue, em tom de arrependimento. — Apenas, pensei que já estava se tornando uma espécie de hábito entre nós ... por demais frequente, talvez. Está aí a minha mão, você pode segurá-la enquanto quiser. Não estou sendo boazinha?

— Sim, muito.

— Mas, será necessário que eu diga a ele.

— A quem?

— A Richard.

— Ora, por certo, se você considera necessário. Mas, como isso não tem a menor importância, será atormentá-lo inutilmente.

— Seja. Mas, você está certo de que age assim apenas como meu primo?

— Absolutamente certo. Não tenho mais o menor sentimento de amor em mim.

— Isso é uma novidade. Como foi que aconteceu?

— Vi Arabela.

Sue estremeceu sob o choque. Em seguida, disse, cheia de curiosidade:

— Quando foi que a viu?

— Quando estava em Christminster.

— Então, ela voltou e você não me disse nada! Imagino que agora vá viver com ela, não?

— Naturalmente. Do mesmo modo como você vive com o seu marido.

Sue olhou os potes de gerânios e de cactos, abandonados no parapeito da janela e, em seguida, adiante deles, bem ao longe, até que seus olhos se tornaram úmidos.

— Que é que há? — quis saber Judas, em tom abrandado.

— Por que se sente tão contente de voltar para junto dela se...

se o que você costumava me dizer ainda é verdade... se era verdade, então? Naturalmente, já não o é, agora! Como é que o seu coração pôde se entregar de novo a Arabela tão depressa?

— Ao que imagino, uma Providência toda especial fez com que voltasse ao bom caminho!

— Ora, isso não é verdade! — disse Sue, num tom de doce censura. — Você

está brincando comigo — e nada mais além disso — porque acha que não sou feliz!

— Não sei. Não quero saber.

— Se eu fosse infeliz, seria por minha culpa, por causa da minha fraqueza, e não porque tinha alguma razão de não gostar dele!

Ele é muito atencioso comigo. E muito interessante, em consequência do conhecimento geral que adquiriu lendo tudo o que lhe caiu nas mãos... Que é que você acha, Judas: um homem deve se casar com uma mulher da sua idade ou mais moça do que ele... dezoito anos mais moça, como eu sou em relação a ele?

— Depende do que eles sintam um pelo outro.

Judas não lhe oferecia nenhuma oportunidade para satisfazer o seu amor-próprio e Sue teve de continuar sem auxílio, o que fez num tom de pessoa vencida, a voz embargada por lágrimas.

— Eu... eu acho que devo ser tão honesta com você, quanto você for comigo. Talvez já tenha compreendido o que eu quero dizer, não? Que se eu amo Phillotson como um amigo, não o amo — e, para mim, é uma tortura ter de viver com ele — como marido!

Pronto, agora disse tudo... Mas, não pude deixar de falar, embora viesse fingindo ser feliz. Agora, imagino que você vá me desprezar a vida toda, não?

Sue inclinou a cabeça sobre as suas mãos que continuavam postas sobre a mesa e, silenciosamente, soluçou com pequenos sobressaltos que faziam tremer a mesa de três pés.

— Estou casada apenas há um mês ou dois! — continuou ela, sempre inclinada sobre a mesa e falando por entre as mãos. — Diz-se que o que uma mulher teme, nos primeiros tempos de casada, depois de uma meia dúzia de anos lhe parece suportável e até indiferente. Mas, isso é um pouco como dizer que não representa nada cortar um membro porque, com o tempo, a pessoa se habitua facilmente com o uso de uma perna ou de um braço de madeira.

Judas mal podia falar. Contudo, disse:

— Eu sabia que alguma coisa na sua vida estava errada, Sue! Ora, se sabia!

— Mas, não é o que você pensa! O que existe de errado é a minha própria fraqueza — imagino que você assim chame —, uma repugnância de minha parte por um motivo que não descobro e que ninguém no mundo estará disposto a justificar!... O que me tortura tanto é a necessidade de ceder a esse homem, por melhor que ele seja, sempre que ele o deseje. É o terrível contrato que me obriga a suportar aquilo que não devia ser senão um prazer espontâneo!... Gostaria que ele me batesse, ou me enganasse, ou fizesse abertamente qualquer coisa que justificasse os meus sentimentos em relação a ele! Mas ele nada faz, exceto que se tornou um pouco frio depois que descobriu o meu modo de sentir. Foi por isso que não veio ao enterro... Ó, como me sinto infeliz! Não sei o que fazer!... Não se aproxime de mim, Judas... você não o deve fazer!

Todavia, Judas se precipitara e voltara o seu rosto contra o de Sue, ou melhor, contra a sua orelha, o resto da face de Sue sendo-lhe inacessível.

— Eu disse a você para não fazer, Judas!

— Sei bem disso. Apenas quis... consolar você! Tudo isso proveio do fato de eu já estar casado quando nos encontramos, não foi? Não fosse isso, Sue, e você teria sido minha mulher, não?

Em vez de responder, Sue se levantou rapidamente e saiu de casa, dizendo que ia ao cemitério, ao túmulo de sua tia, para se acalmar um pouco. Judas não a seguiu. Vinte minutos mais tarde, viu-a atravessar a praça e entrar em casa da viúva Edlin. Pouco depois, mandou uma menina buscar a sua bolsa e dizer que se sentia muito cansada para revê-lo, naquela noite.

Do seu quarto solitário, Judas olhava a casa da viúva Edlin mergulhada nas sombras da noite. Sabia que Sue estava sentada dentro daqueles muros, igualmente sozinha e desacomodada. E, mais uma vez pôs em dúvida a veracidade da divisa que adotara e que afirmava que tudo acontecia sempre do melhor modo possível.

Deitou-se cedo, mas o seu sono foi perturbado pela impressão de que Sue estava ali ao seu lado. Por volta das duas horas da madrugada, quando começava a dormir mais profundamente, foi acordado por um ruído que lhe era muito familiar, no tempo em que vivia em Marygreen. Era o barulho de um coelho caído na armadilha. Como de costume, o animal não repetiu logo o seu grito. E, provavelmente, não repetiria senão uma ou duas vezes, mas ficaria sofrendo a noite inteira até de manhã, quando o caçador chegasse para liquidá-lo com um golpe na cabeça.

Judas que, na sua infância, poupava as minhocas, imaginava agora as torturas que a pata quebrada fazia o coelho sofrer. Se tivesse sido mal agarrado pela pata de trás, lutaria durante horas e o osso acabaria por ficar a descoberto. Se a mola da armadilha lhe permitisse então escapar, morreria no campo em consequência da ferida causada. Se tivesse sido bem agarrado pela pata da frente, o osso estaria quebrado e a pata quase partida em dois pedaços, em virtude dos esforços inúteis para fugir da armadilha.

Quase uma meia hora se passou e, então, o coelho gritou de novo. Judas sentiu que não poderia dormir antes de ter posto fim aos seus sofrimentos. Assim, vestindo-se rapidamente, desceu e, sob a luz da lua, atravessou a praça em direção ao barulho. Atingiu a grade que limitava o jardim da viúva e parou. Guiou-o o leve bater da armadilha que o animal arrastava nos seus impulsos de dor. Alcançando-o, deu-lhe uma pancada seca com a mão e prostrou-o morto.

Ja já voltando, quando divisou uma mulher que o olhava de uma janela aberta, no andar térreo da casa vizinha.

— Judas! — disse timidamente uma voz, a de Sue. — É você, não é?

— Sim, querida!

— Não consegui dormir, de todo. E, quando ouvi esse coelho, não pude tirar o pensamento da ideia de estar sofrendo. Quis descer e matá-lo. Mas fiquei tão contente que você o tivesse feito antes de mim... Não devia ser permitido colocar essas armadilhas, não?

Judas chegara diante da janela, que era bastante baixa, de modo que se via Sue até a cintura. Ela colocou a sua mão na dele e sua fisionomia, iluminada pela lua, apresentava uma expressão pensativa.

— Foi isso que manteve você acordada? — perguntou Judas.

— Não. Eu já estava acordada.

— Como assim?

— Ora, agora você sabe bem por que! Sei que, com suas ideias religiosas, você acha que uma mulher casada, perturbada como eu estou, comete um grande pecado tomando um outro homem como confidente, como eu fiz. E, agora, arrependo-me de o ter feito.

— Não se arrependa, minha querida — disse Judas. — Tive essas ideias, mas começo, agora, a não estar mais de acordo com as minhas doutrinas.

— Eu sabia disso! Eu sabia disso! E foi por isso que jurei não perturbar as suas crenças. Mas... estou me sentindo tão contente por estar junto de você! E, no entanto, resolvera não o ver mais, agora que o último elo entre nós, tia Drusila, deixou de existir!

Judas segurou a mão de Sue e beijou-a.

— Ficou um elo ainda mais forte! — disse Judas. — Não me importarei mais com os meus princípios, nem com a minha religião! Abandono-os! Deixe-me ajudá-la, mesmo eu amando você, mesmo você...

— Cale-se. Sei bem o que quer dizer, mas não posso admitir tanto assim! Acredito no que quiser, mas não me peça para responder a perguntas!

— Quero que você seja feliz, não importa o que me suceda!

— Não o *posso* ser! Muito poucas pessoas compreenderiam o que eu sinto... Diriam que imagino coisas, ou algo nesse gênero, e me condenariam... Em amor, a habitual tragédia do mundo civilizado nada tem a ver com as tragédias do amor natural. Ela é fabricada artificialmente por pessoas que, se seguissem seus instintos, se separariam com grande alívio!... Eu estaria errada, provavelmente, contando-lhe a minha desgraça, se eu a pudesse contar a alguém mais além de você. Mas, não tenho ninguém e era *preciso* que eu contasse a alguém! Judas, antes de me casar com ele, jamais pensara seriamente no que era o casamento e, no entanto, eu sabia de tudo. Que tolice de minha parte! Não tenho a menor desculpa! Já tinha bastante idade e me julgava cheia de experiência. Assim, lancei-me em cheio, depois da aventura da Escola Normal, com toda a segurança da tola que eu era!... Tenho plena certeza de que deveria ser permitido desfazer o que se fez de um modo tão pejado de ignorância! Estou certa de que isso acontece a muitas mulheres. Apenas, elas se submetem e eu

me revoltou... Quando os homens das idades a vir se referirem aos costumes bárbaros e às superstições dos tempos em que temos a desgraça de viver, que dirão eles?

— Querida Sue, como você está amarga! Como eu quereria... como eu quereria...

— Agora é preciso que você se vá!

Num movimento instintivo, Sue se inclinou sobre o parapeito da janela, apoiou sua face sobre os cabelos de Judas, chorando, e depois, dando um leve beijo, apenas perceptível, no alto da sua cabeça, afastou-se precipitadamente, de modo a impedir que ele se envolvesse com os braços, como certamente o teria feito. Em seguida, fechou a janela e Judas foi para casa.

### III

ALAMENTÁVEL confissão de Sue perseguiu Judas a noite inteira. Considerava-a uma verdadeira tristeza.

Na manhã seguinte, quando chegou a hora da partida de Sue, os vizinhos viram os dois desaparecerem pelo atalho que levava ao caminho solitário de Alfredston. Uma hora depois, Judas voltava pelo mesmo caminho com um ar de exaltação, não inteiramente despida de uma certa petulância. Um incidente sucedera.

Ficaram por um instante de pé, na estrada silenciosa, antes de se separarem e, no estado de tensão apaixonada em que estavam, se haviam desconcertantemente perguntado até que ponto a intimidade entre eles podia ir. Por fim, quase tinham brigado. Entre lágrimas, Sue lhe dissera que não era próprio de um pastor em embrião procurar lhe dar um beijo, mesmo sendo um beijo de despedida, como ele queria dar. Em seguida, admitira que o beijo em si nada significava, tudo dependendo do espírito com o qual era dado. Se era com o espírito de primo e amigo, não via objeção. Se com o de um apaixonado, não o podia permitir.

— Jura você que não é com esse espírito? — perguntou ela.

Não. Não o jurava. E se separaram zangados, tomando caminhos opostos. Mas depois de umas vinte ou trinta jardas, ambos se voltaram ao mesmo tempo. Este olhar para trás fora fatal para a reserva até aquele momento mais ou menos observada. Haviam corrido um em direção ao outro, se abraçado instintivamente e se beijado. Quando se separaram de vez, Sue estava toda enrubescida e o coração de Judas batia fortemente.

Esse beijo se tornou um marco na vida de Judas. De volta a sua choupana e quando se pôs a refletir, viu uma coisa: embora aquele beijo daquele ser ideal lhe parecesse o momento mais puro da sua vida cheia de erros, e enquanto ele nutrisse aquela ternura proibida, seria absurdo de sua parte querer se tornar o soldado e o servo de uma religião na qual o amor sexual é considerado, na melhor hipótese, como uma fraqueza e, na pior, como uma danação. O que Sue dissera, com tanto calor, era realmente a fria verdade. Já que sonhava, antes de mais nada, em defender o seu amor, em proporcionar a Sue atenções apaixonadas, estava *ipso facto* condenado como professor da moral geralmente aceita. Evidentemente, fora tão pouco dotado pela natureza, como pela sua condição social, para desempenhar o papel de ministro de um dogma aceito.

Era estranho que a sua primeira aspiração — para a ciência — tivesse sido detida por uma mulher e que a sua segunda aspiração — para o apostolado — também o tivesse sido anulada por uma mulher. “Será, se perguntou ele, que as mulheres são culpadas, ou será culpa do artificial sistema de coisas, segundo o qual os impulsos sexuais normais são transformados em odiosas armadilhas domésticas, destinadas a pegar e reter aqueles que desejam progredir?”

Fora assim o seu desejo constante de se tornar um profeta, mesmo humilde, para os seus companheiros de luta, sem nenhum fito de lucro pessoal. No entanto, com a mulher vivendo longe dele e com um outro marido, com ele próprio desordenadamente apaixonado e o objeto do seu amor revoltado contra a sua condição, talvez por culpa sua, com tudo isso, acabara por se tornar apenas respeitável, segundo as leis da moral.

Não lhe competia ir mais adiante. Apenas, admitir essa simples evidência: não era mais senão um impostor na vida de ensino religioso que escolhera.

Nessa mesma tarde, pelo crepúsculo, cavou no jardim um buraco onde depositou todas as obras de teologia e de moral que possuía.

Sabia que, naquele país de verdadeiros crentes, a maioria daqueles livros não tinha outro valor a não ser o do peso do seu papel e preferia sacrificar um pouco de dinheiro pelo prazer de destruí-los daquele modo. Para começar, tocou fogo numas pequenas brochuras, depois rasgou os volumes em pedaços e, espalhando-os com uma foice de três dentes, dispersou-os nas chamas. Os livros queimaram, iluminando a fachada da casa, o chiqueiro e a face de Judas, até que ficaram mais ou menos consumidos.

Embora ainda fosse quase um estrangeiro na aldeia, os transeuntes lhe falavam por cima da cerca:

— Queimando todas as velharias da sua tia, não? Sim, muita coisa foi juntada nos cantos de uma casa, quando nela se viveu oitenta anos!

Era quase uma hora da manhã quando as folhas e as encadernações de Jeremias Taylor, Butler, Doddrige, Paley, Pusey, Newman e outros ficaram reduzidas a cinzas. Mas a noite estava tranquila e, enquanto virava a e revirava os restos de papel com a foice, acusava um sentimento que lhe dava um pouco de calma: a ideia de não ser mais um hipócrita diante de si mesmo aliviava-o. Podia continuar a acreditar, mas não fazia mais profissão de nada e não exibia mais como seus os artigos de fé que, antes de mais nada, deveria pôr ele próprio em prática. Na sua paixão por Sue, podia agora figurar como um pecador comum, não como um sepulcro caído.

Enquanto isso, Sue, depois de o ter deixado, dirigira-se para a estação, chorando por ter corrido em direção a ele e ter se deixado beijar. Judas não deveria ter fingido que não a amava, levando-a assim a agir tão inconsideradamente, para não dizer tão erradamente.

Inclinava-se por essa última hipótese, pois a sua estranha lógica parecia admitir que uma coisa, antes de ter sido feita, podia ser permitida, mas que, depois, tornava-se culpada. Ou, em outras palavras: aquilo que era certo em teoria, tornava-se errado na prática.

“Creio que fui muito fraca!”, pensava ela, enquanto continuava o seu caminho, limpando, de quando em quando, as lágrimas que lhe caíam dos olhos. “Era um beijo ardente, um beijo de apaixonado. Ora se era! Não lhe escreverei

mais, ou, pelo menos, não tão cedo, para que fique impressionado com o sentimento da minha dignidade! E espero que isso o fira muito... esperará uma carta amanhã de manhã, depois no dia seguinte, e no outro, e nada virá. Sofrerá com essa incerteza — certamente que sofrerá e ficarei muito contente com isso!” Lágrimas de piedade pelo sofrimento que ia infligir a Judas misturavam-se com as que derramava por ela mesma.

Então, a pequena e insignificante mulher de um marido que não conseguia agradá-la, a criatura etérea, nervosa e sensível, mal disposta por temperamento a desempenhar as condições da vida conjugal com Phillotson — e, provavelmente, com qualquer outro homem — continuou o seu caminho arfando, os olhos cansados por tanto refletir e se atormentar desesperadamente.

Phillotson a esperava na estação e atribuiu sua perturbação à tristeza causada pela morte e pelo enterro da tia. Pôs-se a lhe contar os acontecimentos do dia, a visita do seu amigo Gillingham, um professor das circunvizinhanças que não via há anos. Subindo para a cidade, sentada a seu lado no ônibus, de súbito Sue lhe disse com humildade, olhando para o caminho e para as moitas de avelheiras que o limitavam: — Richard, deixei que o senhor Fawley segurasse minha mão.

Não sei se você achará isso errado ou não.

Phillotson, aparentemente arrancado de pensamentos de natureza muito diferente, disse vagamente: — De fato? Por que você deixou?

— Não sei. Ele queria e eu o deixei fazer.

— Espero que isso tenha agradado a ele. Imagino que não fosse uma novidade.

Houve silêncio entre eles. Se aquilo tivesse sido um caso levado diante do tribunal de um juiz onisciente, ele poderia ter salientado esse fato curioso: Sue confessara o menos grave e escondera o mais grave, nada tendo dito a respeito do beijo.

Nessa noite, após o chá, Phillotson se sentou para fazer as contas dos registros da escola. Contrariamente aos seus hábitos, Sue estava silenciosa, nervosa e agitada. Por fim, dizendo-se fatigada, foi se deitar cedo. Quando Phillotson subiu, cansado de ter alinhado tantos números, faltavam quinze minutos para a meia-noite. Entrando no quarto de onde, de dia, se descortinava uma vista de trinta ou quarenta milhas do vale de Blacknmoor, até os limites do Wessex, Phillotson foi até a janela e, apoiando a face no vidro, fixou a misteriosa sombra que afogava agora a distante paisagem. Estava refletindo.

— Creio — disse ele sem voltar a face — que terei de pedir ao co-mitê para mudar o fornecedor de artigos de papelaria da escola. Dessa vez, todos os cadernos vieram errados.

Não obteve resposta. Pensando que Sue estava cochilando, continuou:

— E será preciso consertar o ventilador da aula. O ar sopra sem a menor piedade e me dá dor de ouvidos.



Como o silêncio parecesse mais absoluto do que era natural, Phillotson se voltou, observando o contraste existente entre as antigas decorações de madeira da casa e a mobília nova e brilhante que mandara fazer para Sue.

— Soo! — disse ele (assim pronunciando o nome da sua mulher).

Sue não estava na cama, embora aparentemente tivesse estado, pois os lençóis estavam remexidos. Julgando que houvesse descido para atender a qualquer detalhe doméstico esquecido, tirou o casaco e, por alguns instantes, passeou tranquilamente de um lado para outro. Por fim, não a vendo voltar, saiu até o patamar com uma vela na mão e chamou: — Soo!

— Sim! — a voz de Sue chegou até ele, vinda da cozinha distante.

— Que está você fazendo aí embaixo, à meia-noite... se cansando à toa?

— Estou sem sono. Estou lendo e o fogo aqui está ótimo.

Phillotson se deitou. Mais tarde, durante a noite, acordou. Sue continuava ausente. Acendendo a vela, saiu apressadamente e tornou a chamá-la.

Sue respondeu “sim” como antes, mas a voz chegara muito fraca e, quando a ouviu, não pôde compreender direito. Debaixo da escada havia um vasto quarto, de guardar malas e outros objetos, que não tinha janelas. A porta estava fechada, mas não havia ferrolho nem fechadura alguma. Inquieto, Phillotson se aproximou cuidando se Sue não ficara subitamente louca.

— Que você está fazendo aí? — perguntou ele.

— Para não perturbá-lo, vim para cá. Era tão tarde!

— Mas não há cama aí, ou será que há? E nenhuma ventilação!

Você ficaria sufocada se passasse a noite inteira aí!

— Não, não, acho que não. Não se preocupe comigo.

— Mas...

Phillotson segurou a maçaneta e puxou a porta. Sue a prendera pelo lado de dentro, graças a um cordão que se rompera com o pu-xão. Como não havia cama, estendera no chão algumas cobertas e fizera um pequeno ninho, de acordo com as possibilidades do local.

Quando Phillotson a olhou, Sue se ergueu de um salto, toda trêmula.

— Você não deveria ter aberto a porta — disse ela, muito excitada. — Isso não lhe fica bem. Por favor, vá-se embora. Por favor, vá!

Sue parecia tão desamparada e pedia com tanta ansiedade que Phillotson ficou impressionado. Enquanto isso, ela continuava a su-plicar-lhe que a deixasse em paz.

Disselhe ele: — Fui bom para você e lhe dei toda a liberdade. Seus sentimentos são monstruosos!

— Sim, — respondeu Sue chorando. — Sei bem disso. Sem dúvida foi errado e mau de minha parte. Lastimo muito. Mas, na verdade, não sou eu a culpada!

— Quem então? Eu?

— Não. Não sei quem é. Imagino que seja o Universo. Ou as coisas em

geral, que são horríveis e cruéis!

— Bem, mas não adianta falar desse modo. Você está se conduzindo de um modo inconcebível. Se não tomarmos cuidado, Elisa nos ouvirá (referia-se à criada). Imagine o que diria de nós, não importa qual dos pastores dessa cidade, se nos visse nesse momento!

Detesto essas excentricidades, Sue! Não há nem ordem nem lógica nos seus sentimentos!... Mas, não quero me meter mais na sua vida.

Apenas, aconselho a você não fechar hermeticamente a porta, senão a encontrarei asfiziada amanhã de manhã.

Na manhã seguinte, quando se levantou, Phillotson foi logo olhar no quarto de depósito, mas Sue já tinha descido. Havia uma teia de aranha em cima do lugar onde dormira.

“Como deve ser grande a aversão de uma mulher, quando dá para que vença o seu medo de aranhas!”, pensou ele com amargura.

Encontrou Sue sentada, tomando café. Comeram em silêncio, enquanto as pessoas que passavam pela rua — dois ou três pés mais elevada que o nível da sala de jantar — saudavam o feliz casal sem se deterem.

— Richard — disse Sue de repente —, você se importaria que eu vivesse separada de você?

— Separada de mim? Mas, era assim que vivíamos, antes de nos casarmos. Por que, então, você se casou?

— Você não gostaria, em absoluto, que eu o dissesse!

— Não faço objeção em saber.

— Porque eu achava que não podia agir de outro modo. Lembre-se que tinha dado minha palavra a você há muito tempo. Depois, com o passar do tempo, lastimei a minha promessa e procurei um meio honesto de me libertar dela. Nada conseguindo, tornei-me imprudente e comecei a desprezar as conveniências. Então, você sabe o que se disse e como fui expulsa da Escola Normal, para a qual você tivera tanto trabalho de me fazer entrar. Isso me meteu medo e julguei que a única coisa que podia fazer era manter o meu compromisso. Por certo, devia ser a última pessoa do mundo a me preocupar com o que acaso se pudesse dizer, pois sempre imaginara que isso me fosse completamente indiferente. Mas, fui covarde — como tantas mulheres são —, e minhas ideias sobre o desprezo das conveniências caíram por terra. Se isso não tivesse sucedido, teria sido melhor feri-lo de uma vez do que casar e ficar ferindo-o durante todo o resto da minha vida... E você foi tão generoso não dando crédito, nem por um instante, aos rumores que circularam!

— Sinto-me obrigado, pela minha honestidade, a dizer-lhe que levei em conta a verossimilhança do caso e interroguei seu primo a respeito.

— Ah! — exclamou Sue surpresa e sentida.

— Não duvidei de você

— Mas interrogou Judas!

— Acreditei na palavra dele.

Os olhos de Sue estavam cheios de lágrimas.

— *Ele* não teria perguntado nada! — disse Sue. — Mas você ainda não me respondeu. Você quer me deixar ir embora? Sei bem quanto é anormal o meu pedido.

— Realmente, é.

— Mas eu peço! As leis domésticas deviam ser feitas de acordo com os temperamentos. Estes deviam ser classificados. Se as pessoas são de naturezas particulares, umas têm forçosamente de sofrer com as regras que fazem a felicidade das outras!... Você quer me deixar ir embora?

— Mas, nós nos casamos...

— Por que considerar a existência de leis e decretos — exclamou Sue com impaciência —, se elas tornam a gente infeliz e se sabe, no entanto, que não se está cometendo pecado algum?!

— Mas você está cometendo um pecado — não gostando de mim!

— Eu gosto de você, sim! Mas, não refleti que fosse... que fosse uma coisa assim! Viver com um homem em união de corpos, quando se tem os sentimentos que eu tenho, é viver em adultério, quaisquer que sejam as circunstâncias, mesmo legais. Pronto, disse tudo!

Richard, você quer me deixar ir embora?

— Susana, não me desespere com essa sua insistência!

— Por que não podemos concordar em retomar a nossa liberdade? Fizemos um pacto e, certamente, podemos desfazê-lo. Não legalmente, é claro, porém moralmente, sobretudo porque, não tendo filhos, não temos interesses de terceiros a serem considerados.

Nesse caso, Richard, poderíamos ser amigos e nos encontraríamos sem que isso fizesse sofrer a nenhum de nós dois. Richard, por favor, seja meu amigo e tenha piedade de mim! Dentro de alguns anos, ambos estaremos mortos e, então, que diferença poderá fazer a alguém que você me tenha libertado do meu fardo por um pequeno espaço de tempo? Sem dúvida, você está me achando excêntrica ou super-sensível ou qualquer coisa de muito absurdo. Bem... mas, por que deverei eu sofrer por ser como sou, se isso não faz mal a ninguém?

— Faz sim... faz a *mim*! E você jurou que me amaria.

— Eu bem sei disso! Sei que estou errada. Sempre estou! E é tão errado se comprometer a amar sempre como a ter sempre o mesmo credo. Tal como seria estúpido se comprometer a gostar a vida toda da mesma bebida ou da mesma espécie de comida.

— E se você me deixar, pretende viver sozinha?

— Se você insistir nisso, sim. Mas meu plano é viver com Judas.

— Como mulher dele?

— Como eu quiser.

Phillotson estremeceu. Sue continuou: — “Aquele (ou aquela) que deixa o mundo ou os poucos que o rodeiam decidir por ele como deve viver, não tem necessidade de nenhuma outra faculdade, a não ser da faculdade simiesca da imitação.” São palavras, essas, de Stuart Mil. Por que não se pode pô-las em prática? Nutro sempre esse desejo.

— Que me importa Stuart Mill? — gemeu Phillotson. — Quero apenas viver uma vida tranquila! Você se zangaria se eu lhe dissesse que advinho agora o que nunca suspeitaria antes do nosso casamento: você amava e ainda ama Judas Fawley?

— Você pode continuar a suspeitar, já que começou a fazê-lo.

Mas, como pode acreditar que, se assim acontecesse, eu viesse pedir a você que me deixasse ir embora para viver com ele?

O sino da escola evitou a Phillotson a necessidade de uma resposta incontinenti. O argumento não lhe parecia tão absolutamente con-vincente quanto Sue, na sua falta de coragem, queria que fosse. Ela começava a lhe parecer tão estranha, tão surpreendente, que ele se achava na iminência de considerar como mais uma das suas esquisiti-ces, o mais grave pedido que uma mulher pode fazer ao seu marido.

Foram para a escola, naquela manhã, como de costume. Sue entrou numa das classes e Phillotson podia vê-la de costas, através da separação vidrada, quando dirigia o olhar sobre ela. Enquanto falava aos alunos ou os ouvia recitar suas lições, a fronte e as sobrancelhas se contraíam sob o esforço da agitada concentração do seu pensamento. Por fim, rasgou um pedaço numa folha de papel e escreveu:

“Seu pedido me impede completamente de trabalhar. Não sei o que estou fazendo. Era a sério?”

Dobrou o papel e mandou um menino entregá-lo a Sue. O aluno saiu e Phillotson viu sua mulher se voltar, apanhar o bilhete, curvar a cabeça para lê-lo e cerrar os lábios a fim de esconder da curiosidade de tantos olhos jovens qualquer expressão indevida. Não podia ver suas mãos, porém ela mudou de posição e logo o menino voltou, sem resposta alguma. No entanto, alguns minutos depois, um dos alunos da classe de Sue apareceu, trazendo na mão um bilhete semelhante ao que ele mandara. Continua, apenas, estas palavras, escritas a lápis:

“Sinto-me sinceramente entristecida por ter de dizer que foi sinceramente que falei”.

Phillotson pareceu ainda mais perturbado do que antes. Suas sobrancelhas se aproximaram ainda mais. Ao fim de dez minutos, tornou a chamar o aluno e enviou uma nova missiva a Sue:

“Deus sabe que não quero contrariar você em nada de razoável. Meu único pensamento é fazer você feliz. Mas, não posso aceitar uma ideia tão absurda

como a de deixar você partir para ir viver com o seu amante. Você perderia o respeito e a consideração de todo mundo. E eu, também”.

Depois de alguns minutos de intervalo, chegou uma resposta.

“Sei que você fala no meu interesse. Mas não quero ser respeitável. Produzir “o desenvolvimento humano na sua mais rica diversidade” (para citar Humboldt) é, aos meus olhos, infinitamente superior à respeitabilidade. Sem dúvida, meus gostos são baixos — do seu ponto de vista —, desesperadamente baixos! Se você não quer permitir que eu vá me juntar a ele, quererá satisfazer esse único pedido: deixar eu viver na sua casa separada de você?”

A isso, Phillotson não respondeu.

Sue escreveu ainda:

“Sei o que você pensa. Mas você não poderia ter piedade de mim? Peço, imploro a você que seja misericordioso! Não pediria nada, se a isso não fosse forçada por coisas que não posso suportar! Nenhuma pobre mulher desejou mais do que eu que Eva não tivesse caído. Assim, tal como era a crença dos cristãos primitivos, o Paraíso teria sido povoado por um modo inofensivo de vegetação. Mas não quero brincar! Seja bom para mim — ainda que não o tenha sido para você! Partirei, irei viver no estrangeiro, não importa onde, e nunca mais aborrecerei você”.

Quase uma hora passou. Então, Phillotson mandou uma resposta:

“Não quero magoar você. E você sabe bem que não! Dê-me um pouco de tempo. Estou disposto a aceder ao seu último pedido”.

Duas linhas de Sue:

“Richard, muito obrigada, do fundo do coração. Não mereço a sua bondade”.

Durante todo o dia, Phillotson lançou sobre Sue olhares esgazeados através da separação envidraçada. E se sentiu tão solitário como antes de conhecê-la.

Contudo, não faltou à sua palavra e permitiu que Sue vivesse separada dele, na mesma casa. A princípio, quando se encontravam durante as refeições, Sue parecera mais calma. Mas a estranheza da situação agia sobre seu temperamento, e todas as fibras da sua natureza pareciam tensas como as cordas de uma harpa. Falava vaga e desordenadamente, de modo a impedir que ele pudesse falar de coisas razoáveis.

## IV

PHILLOTSON FICARA acordado até tarde, como o fazia frequentemente, procurando reunir elementos para o seu de há muito abandonado trabalho sobre antiguidades romanas. Pela primeira vez, depois que recomeçara a trabalhar naquilo, sentiu um recrudescimento do seu velho interesse. Esqueceu tempo e lugar e, quando deu por si e subiu para se deitar, eram quase duas horas.

Tais eram as suas preocupações que, ainda que agora habitasse o outro lado da casa, dirigiu-se mecanicamente para o quarto que ocupara com Sue, quando se haviam mudado para ali e que, desde o desentendimento entre eles, Sue ocupava sozinha. Entrou e, sem pensar, começou a se despir.

Da cama, partiu um grito e logo um movimento rápido. Antes que tivesse realizado onde estava, o professor viu Sue se erguer, meio adormecida, olhá-lo com pavor e saltar no chão do lado da janela. As cortinas do leito impediam a sua visão direta, mas Phillotson ouviu Sue abrir a janela. Antes que tivesse podido imaginar que a sua ideia fosse outra do que apanhar um pouco de ar, Sue subira no parapeito e pulara. Desapareceu no escuro e Phillotson ouviu a sua queda.

Horrorizado, desceu a escada correndo e, na sua pressa bateu com a testa no corrimão. Abriu a porta, subiu os dois ou três degraus que o separavam da rua e viu diante de si, no solo, uma massa branca. Segurou-a nos braços, entrou em casa e sentou-a numa cadeira da sala de estar. Aí, começou a examiná-la, sob a luz tremelicante de uma vela que colocou debaixo da escada.

Certamente, Sue não quebrara parte alguma do corpo. Olhava-o com olhos que pareciam não vê-lo — olhos que, não muito grandes de comum, pareciam agora imensos. Esfregou seus braços e costelas, como se sentisse apenas uma dor. Em seguida, levantou-se e desviou a cabeça, evidentemente perturbada pelo olhar de Phillotson.

— Graças a Deus, você não morreu! Se bem que tenha feito tudo para isso! Não está muito machucada, está?

A queda, de fato, não fora muito grave, dada a pequena elevação da janela e o nível diferente da rua. Além de um arranhão no cotovelo e de uma pancada num dos flancos, nada havia de grave a assinalar.

— Estava dormindo, creio — começou Sue, sempre com o rosto voltado. — Alguma coisa me amedrontou... um sonho terrível... Ima-ginei ver você...

A consciência da realidade pareceu lhe voltar e ela se calou.

Como o seu casaco estivesse pendurado atrás da porta, o infeliz Phillotson o apanhou e veio pô-lo sobre os ombros de Sue.

— Posso ajudá-la a subir? — perguntou ele com tristeza, pois aquela cena o enojara de si mesmo e de tudo mais.

— Não, Richard, obrigada. Machuquei-me pouco. Posso andar.

— Você deveria fechar sua porta à chave — disse o professor maquinalmente, como se estivesse ensinando na escola. — Assim, ninguém poderia

entrar, nem mesmo por engano.

— Experimentei já, mas não fecha. Todas as portas estão assim.

Esta resposta não melhorou a situação. Sue subiu a escada lentamente, iluminada pela chama vacilante da vela. Phillotson não se aproximou, nem começou ele próprio a subir antes de ouvir Sue entrar no quarto. Então, fechou a porta de entrada da casa e sentou-se num degrau da escada, segurando o corrimão com uma das mãos e a cabeça com a outra. Assim permaneceu durante muito, muito tempo, constituindo um lamentável espetáculo. Enfim, levantando a cabeça e soltando um suspiro que parecia querer dizer que, com ou sem mulher, sua vida devia continuar, apanhou a vela e subiu para o quarto, situado do outro lado do patamar.

Nenhum novo incidente surgiu entre os dois até a noite seguinte. Então, imediatamente depois de terminadas a aulas, Phillotson deixou Shaston, dizendo que não queria tomar chá e sem informar Sue do lugar para onde se dirigia. Desceu da cidade por um caminho abruptamente inclinado que se dirigia para o nordeste e, em pouco, a branca secura de estrada se transformou numa acinzentada argila.

Achava-se agora nos terrenos de aluvião,  
*Onde Duncliffe é o objetivo do viajante*  
*E onde rolam as águas espessas do Stour.*

Mais de uma vez, Phillotson se voltou para olhar a crescente escuridão da noite. Contra o céu, destacava-se Shaston, apenas visível.

... *Nas alturas cinzentas*  
*De Palladour, quando o pálido dia*  
*Se extinguiu...* (WILLIAM BARNES).

As janelas iluminadas, uma das quais era a sua, pareciam estar à espreita. E, acima delas, distinguia com dificuldade a torre da igreja da Trindade. O ar do fundo do vale, temperado pela umidade que a argila desprendia, não era vivo como o das partes altas e sim mole e deprimente. Por isso, via-se obrigado a enxugar o rosto com o lenço, de milha em milha.

Deixando o monte Duncliffe à sua esquerda, Phillotson continuou o caminho na sombra, sem hesitação, como pode fazer, de dia ou de noite, um homem que conhece a região onde brincou menino.

Depois de quatro milhas e meia, atravessou um afluente do Stour e atingiu Leddenton, uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes. Aí, dirigiu-se para a escola de meninos e bateu à porta da casa do professor.

Um aluno a abriu e, à pergunta de Phillotson se o senhor Gillingham estava, respondeu que sim, partindo incontinenti para a sua própria casa e deixando Phillotson achar sozinho o caminho que desejava. Phillotson encontrou o amigo arrumando os livros dos quais acabara de se servir para as suas aulas noturnas. A luz da lâmpada iluminava a face de Phillotson, pálida e desfeita, em contraste com a do seu amigo, fria e realista. Havia sido colegas de infância e, depois, na

Escola Normal de Wintoncester, muitos anos antes.

— Alegro-me por ver você, Dick! Mas não me parece estar se sentindo bem! Alguma coisa errada?

Phyllotson avançou, sem responder. Gillingham fechou o armário e veio para perto do visitante.

— Você não esteve aqui, vejamos, desde que se casou, não? Fui visitá-lo, mas você tinha saído. E é preciso subir tanto, e de noite, que esperei que os dias se tornassem mais longos para recomeçar a expedição. Fico contente por não ter seguido o meu exemplo.

— Jorge, vim para explicar-lhe as razões de um passo que vou dar, de modo que, pelo menos você possa compreender os meus motivos, embora outros os censurem, como é possível que façam... como é mesmo certo que façam. Mas tudo é preferível ao atual estado de coisas. Deus o preserve de uma experiência semelhante à minha!

— Sente-se. Não está querendo dizer ... que há alguma coisa de grave entre você e sua senhora?

— Exatamente isso ... Minha desgraça vem do seguinte: tenho uma mulher a quem amo e que, não somente não me ama, mas... mas... Ora, não irei mais adiante. Sei o que ela sente. Preferia que ela me odiasse!

— Psiu!

— E o pior de tudo é que ela merece menos censura do que eu!

Como você sabe, ela era professora-adjunta, aos meus cuidados, e aproveitei da sua inexperiência. Sai com ela para passear e, sem deixar que refletisse bastante, levei-a a aceitar um longo noivado. Depois disso, ela se apaixonou por outra pessoa, porém manteve cegamente a palavra dada.

— Amando o outro?

— Sim, e com uma curiosa e terna solicitude, ao que parece. Na verdade, porém, a natureza exata do seu sentimento permanece um enigma para mim — e para ele também, ao que creio — e talvez mesmo para ela. É uma das criaturas mais estranhas que já encontrei. No entanto, dois fatos me impressionaram profundamente: a simpatia ou a similitude extraordinária existente entre os dois. (É verdade que ele é primo dela, o que pode explicar muita coisa. Parecem ser uma única pessoa em duas.) E a sua insuperável aversão física por mim como marido, ainda que goste de mim como amigo. E isso é demais para que o possa suportar. Ela lutou conscientemente contra isso, mas nada conseguiu. Não quero tolerar, não quero! Não posso responder aos seus argumentos — ela já deu dez vezes mais do que eu. Sua inteligência brilha como um diamante, enquanto a minha é fosca como papel de embrulho... Ela me é muito superior!

— Ora veja, então ela vencerá a crise!

— Nunca! É que... mas, não procurarei explicar... há razões que fazem com



que nunca possa mudar. No fim, calma e firmemente, ela me pediu que a deixasse partir para junto dele. A crise atingiu o seu máximo ontem à noite, quando, vendo-me entrar por engano no seu quarto, ela se atirou pela janela de tal modo é grande o seu temor de mim! Pretextou ter tido um pesadelo, mas foi para me acalmar. Você compreende que, quando uma mulher se atira assim pela janela, sem se preocupar com as consequências, não pode estar enganada. E assim sendo, cheguei a uma conclusão: é errado torturar assim um seu semelhante e não serei bastante inumano para o fazer, custe-me o que custar!

— Como? Você a deixará partir? E com o seu amante?

— Com quem, isso lá é com ela! Eu a deixarei partir. Com ele, certamente, se assim o quiser. Sei que posso estar errado. Sei que lógica ou religiosamente, não posso justificar uma tal concessão ou conciliá-la com os princípios nos quais fui educado. Só digo uma única coisa: algo dentro de mim me diz que estarei errado recusando o que pede. Eu, como qualquer outro homem, tenho a convicção que um marido, recebendo da mulher um tão escandaloso pedido, só tem uma atitude a tomar, conveniente, justa e honrosa: recusar de início, trancar a mulher e, talvez mesmo, matar o amante. Mas, será isso conveniente, justo e honesto, ou será baixo, egoísta e desprezível?

Não me permitirei decidir. Quero, apenas, agir por instinto e deixar que os princípios cuidem de si próprios. Se alguém cegamente mergulha num pântano e me pede auxílio, minha vontade é ajudá-lo, se isso me for possível.

— Mas, vejamos, existem os vizinhos, existe a sociedade... Que aconteceria se cada um...

— Não serei mais um filósofo! Só vejo o que está diante dos meus olhos.

— Pois bem, Dick, não concordo com o seu instinto — disse Gillingham gravemente. — Para dizer a verdade, sinto-me estupefato de ver um homem sério como você poder agasalhar, por um momento que seja, uma loucura dessas. Quando o fui visitar, disse-me que ela era estranha e enigmática. Creio que você é o que é.

— Você já se viu diante de uma mulher que sabe intrinsecamente boa e que lhe suplica que devolva a sua liberdade? Já foi o homem diante de quem ela se ajoelhou, e de quem implorou indulgência?

— Felizmente, não.

— Nesse caso, não creio que esteja em situação de emitir uma opinião aceitável. Fui esse homem e é isso que constitui toda a diferença, quando se tem dentro de si um qualquer sentimento de humanidade ou de generosidade. Vivendo afastado de mulheres, como vivi durante tanto tempo, não tinha a mais leve ideia que o fato de levar uma mulher ao altar e pôr um anel no seu dedo podia, de algum modo, acarretar uma tragédia diária, ininterrupta, como a que eu e ela vivemos, atualmente.

— Bem, poderia admitir que a deixasse partir, se fosse para ela viver só. Mas,

para viver com um outro... isso é diferente!

— Nem um pouco. Suponha, como é convicção minha, que prefira suportar a sua atual desgraça, antes do que prometer viver separada dele.

Tudo isso é com ela. Não é absolutamente a mesma coisa do que viver com o marido, enganando-o... Aliás, ela não manifestou claramente a intenção de viver maritalmente com ele, muito embora me pareça ser o seu desejo... E, pelo que posso entender, o que existe entre eles não é uma simples e ignóbil atração sexual. E isso é o pior de tudo, pois me fez acreditar que será uma afeição durável. Não era minha intenção confessar a você que, nos primeiros tempos de casado, antes de ter visto claro em mim mesmo, e levado pelo ciúme, escondi-me na escola uma noite em que os dois lá estavam e ouvi o que diziam. Envergonho-me disso, agora, ainda que, na verdade, não tenha feito senão exercer um direito legal. Pelo modo de ser deles, descobri que, na afeição que os unia, entrava uma tal afinidade ou simpatia que anulava qualquer impressão de grosseria. O supremo desejo de ambos é se verem reunidos — dividir um com o outro suas emoções, suas fantasias, seus sonhos.

— Platonismo!

— Não inteiramente. Shelleyismo, seria mais exato dizer. Lembrem-me Laon e Cythna. Um pouco também Paulo e Virgínia. Quanto mais reflito, mais me sinto *inteiramente* do lado deles.

— Mas, se todo mundo agisse como você quer agir, haveria uma desagregação doméstica generalizada. A família não seria mais a unidade social.

— Sim, creio que estou com a cabeça atrapalhada — disse Phyllotson, com tristeza no tom. — Nunca fui um dialético brilhante, deve se lembrar disso... E, no entanto, não vejo por que a mulher e os filhos não poderiam constituir essa unidade sem o homem.

— Deus meu! — O matriarcado!... Será que também ela pensa tudo isso?

— Em absoluto. Ela não desconfia que eu a tenha ultrapassado nisso... e, tudo, nessas últimas doze horas!

— Isso transtornará todas as ideias aceitas. Santo Deus, que dirá Shaston?

— Não digo que isso não suceda. Não sei... não sei... Como disse, não estou raciocinando, apenas seguindo meu sentimento.

Vejamos — disse Gillingham —, falemos com calma e vamos beber uma qualquer coisa. — Foi buscar uma garrafa de cidra e ambos be-beram um copo. — Acho que você está destroçando e não é mais você mesmo — continuou ele. — Volte para casa e decida-se a suportar uns pequenos caprichos de mulher. Mas guarde-a. Ouço dizer, por toda parte, que ela é encantadora.

— Certamente que sim. E isso é o mais cruel de tudo! Bem, não posso ficar mais. Tenho uma longa caminhada diante de mim.

Gillingham acompanhou o amigo durante uma milha e, ao deixá-lo, exprimiu a esperança que aquela consulta sobre um assunto tão especial seria a renovação

da velha camaradagem que sempre os unira.

— Não a deixe! — foram as últimas palavras que gritou para Phillotson, através da obscuridade. De lá lhe chegou a resposta do amigo: — Sim, sim!

Mas, quando se viu só, em plena noite, debaixo de um céu cheio de nuvens e sem ouvir outro barulho senão o dos afluentes do Stour, Phillotson exclamou: “Assim, meu amigo Gillingham, você não encontrou argumentos mais fortes para apresentar?”.

“Acho que ela devia ser chicoteada para recobrar a razão. Isso é que eu acho!” — murmurava Gillingham, ao voltar para casa.

No dia seguinte de manhã, pelo café, Phillotson disse a Sue: — Você pode partir... com quem quiser. Concordo de maneira absoluta e sem impor condições de espécie alguma.

Tendo chegado a essa conclusão, Phillotson estava cada vez mais convencido de que, indubitavelmente, essa era a melhor solução. A doce serenidade que dava o sentimento de estar cumprindo o seu dever em relação a uma mulher à sua mercê, quase lhe permitia esquecer a tristeza de ter de renunciar a ela.

Alguns dias passaram e, enfim, chegou a noite da última refeição em comum — uma noite cheia de nuvens e vento, o qual, aliás, só muito raramente se aplacava naquelas alturas. Uma última visão de Sue ficara no espírito de Phillotson. Sua expressão, quando entrou na sala para tomar chá, sua silhueta magra e flexível, sua face empalidecida por noites e dias de inquietação, afinada e alongada pelo cansaço, indicavam preocupações trágicas, uma completa transformação daquela natureza, antes viva e jovial. Comia um pedaço, depois outro, mas não tinha apetite. Seu nervoso, ocasionado pelo temor de que Phillotson estivesse ofendido com a sua conduta, poderia ser interpretado por um estranho como um sinal de descontentamento produzido pelo fato de ter de suportar a sua presença durante os poucos minutos que restavam.

— Você deveria comer uma fatia de presunto ou um ovo, ou qualquer outra coisa junto com o chá. Um pedaço de pão com manteiga não sustentará você durante a viagem.

Sue apanhou a fatia que Phillotson lhe serviu. Em seguida, discutiram alguns pequenos detalhes domésticos: o lugar onde ele encontraria tal ou qual chave, as contas que estavam pagas e as que não estavam.

— Sue, como você sabe, sou celibatário por natureza — disse Phillotson, fazendo um esforço heroico para pô-la à vontade. — Assim, encontrar-me sem mulher não me será tão penoso quanto a outros homens, casados de há muito. Tenho, também, essa mania de escrever “As Antiguidades Romanas do Wessex”, que encherá todas as minhas horas de folga.

— Se você, em qualquer momento, quiser me mandar uma parte do manuscrito para copiar, como fazíamos antes, eu o copiarei com o maior prazer! — disse Sue, cheia de gentileza. — Gostaria tanto de ainda poder ajudá-lo...

como... como uma amiga.

Phyllotson ficou um momento pensativo e disse: — Não, acho que, se vamos nos separar, devemos nos separar de todo. E isso por essa simples razão que não quero fazer-lhe pergunta alguma. E peço também, particularmente, que não me ponha ao corrente do que você estiver fazendo, nem mesmo do seu endereço... Vejamos agora: de quanto dinheiro precisa? Você sabe bem que precisa de algum, não?

— Ora, Richard, não posso aceitar dinheiro algum de você para deixá-lo. Nem o quero. Tenho o suficiente para me sustentar durante algum tempo, e Judas me dará mais depois...

— Se não se importar com isso, prefiro nada saber a respeito dele. Você está livre, completamente livre. Cabe-lhe, pois, escolher sua vida.

— Muito bem, quero apenas dizer-lhe que só levo alguns objetos de uso pessoal, e uma ou duas coisas que são, na verdade, propriedade minha. Gostaria que fosse dar uma espiada na minha mala, antes de eu fechá-la. Além disso, tenho apenas um pequeno embrulho que caberá na valise de Judas.

— Naturalmente, você não imagina que eu vá examinar suas bagagens. Gostaria que levasse três quartas partes da mobília da casa. Não me interessam. Tenho apego, apenas, a uma parte que pertenceu a meus pais. Mas, quanto ao resto, ficaria encantado se o mandasse buscar.

— Nunca faria isso!

— Você vai pelo trem de seis e meia, não? São quinze para as seis.

— Você... você não parece se sentir muito triste com a minha partida, não Richard?

— Ó, não... talvez não.

— Gostei muito do modo pelo qual se conduziu. E deu-se uma coisa curiosa: assim que deixei de ver em você o marido, e vi o velho professor, senti aumentar minha afeição. Não irei até o ponto de dizer que o amo, porque você sabe que não — a não ser como amigo. E, na verdade, considero-o um amigo.

Ao fazer essas reflexões, Sue tinha os olhos úmidos. Então, o ônibus da estação veio apanhá-la. Phyllotson fez com que se carregassem as suas bagagens, instalou-a e teve de simular que lhe dava um beijo, ao se despedir, embora Sue recusasse até mesmo diante desse gesto. Vista a cordialidade dos adeuses, o condutor não podia duvidar que ela partisse senão para uma pequena viagem.

Quando Phyllotson voltou, subiu a escada e abriu a janela que dava para a direção que o ônibus tomara. Logo o ruído das rodas morreu na distância. Phyllotson desceu, então, com a fisionomia cris-pada de um homem que sofre, pôs o chapéu e seguiu o mesmo caminho na extensão de quase uma milha. Subitamente, porém, voltou sobre seus passos e foi para casa.

Ainda não tinha acabado de entrar e já a voz de seu amigo Gillingham

chegava até ele:

— Não me pude fazer ouvir por ninguém. Por isso, tendo encontrado a porta aberta, entrei e me instalei. Você se lembra que eu disse que viria visitá-lo, não?

— Sim. E fico muito agradecido a você, Gillingham, principalmente por ter vindo esta noite.

— Como vai a senhora...

— Vai muito bem. Partiu. Acaba de partir. Essa é a taça em que bebeu... apenas há uma hora. E eis o prato...

A voz de Phillotson ficou embargada e não pôde continuar. Voltou-se e afastou as taças de chá.

— A propósito, já tomou chá? — perguntou depois, com voz diferente.

— Não... sim... Não se incomode — disse Gillingham, preocupado. — Você diz que ela partiu, não?

— Foi... Eu teria morrido por ela, mas não queria ser cruel em nome da lei. Pelo que sei, partiu para se juntar àquele que ela ama. O que vão fazer, não sei dizer. Para não importa o que seja, ela tem o meu pleno consentimento.

Havia uma tal seriedade, uma tal firmeza no tom de Phillotson que o amigo não ousou fazer comentários.

— Quer que eu o deixe? — perguntou ele.

— Não, não, é uma bênção para mim que você tenha vindo. Tenho algumas coisas para arrumar e endireitar. Quer me ajudar?

Gillingham disse que sim. Subiram para o quarto do andar de cima e o professor abriu as gavetas, tirando todas as coisas de Sue e colocando-as numa mala.

— Ela não quis levar tudo o que eu queria que levasse — continuou. — Mas, desde que tomei a decisão de deixá-la viver segundo a sua própria vontade, minha resolução estava tomada definitivamente. — Já pensei em tudo isso e não quero mais discutir. Eu...

— Vocês poderiam ter-se contentado em viver separados. Era e continuo a ser o mais antiquado dos homens em relação a essa questão de casamento. Na verdade, nunca me passou pela cabeça a ideia de criticar as leis morais. Mas certos fatos se impuseram a mim e não pude ir contra eles.

Continuaram a arrumar as coisas, em silêncio. Quando terminaram, Phillotson fechou a mala à chave.

— Eis aí — disse. — Para adorná-la aos olhos de alguém. E nunca mais para os meus!

VINTE e quatro horas antes, Sue escrevera a Judas o seguinte bilhete:

“Tudo está saindo como eu disse a você. Parto amanhã à noite. Richard e eu achamos que, a essa hora, seria mais discreto. Sinto um certo medo e é por isso que peço a você que esteja, sem falta, na plataforma da estação, para me apanhar no trem que chega às quinze para as nove horas. Naturalmente, sei que você lá estará, meu caro Judas, mas sinto-me tão tímida que não posso deixar de implorar a você que seja pontual. Ele foi realmente *tão* bom para comigo nisso tudo!

“Agora, até o nosso encontro!”

Enquanto o ônibus — no qual, naquela noite, era a única passageira — descia a colina da cidade, Sue olhava o caminho que ficava para trás com uma expressão triste. No entanto, não se via nela o menor traço de hesitação.

O trem que devia tomar só parava a pedido. Parecia estranho a Sue que uma organização tão poderosa quanto uma companhia de estradas de ferro pudesse interromper a marcha do trem para ela — uma fugitiva da sua moradia legal...

Os vinte minutos do trajeto chegavam ao fim, e Sue começava a juntar os embrulhos para descer. No momento em que o trem parou em Melchester, Sue avistou Judas que entrou rapidamente no compartimento, com um saco preto na mão e vestido com a roupa escura que costumava usar aos domingos e à noite, depois do trabalho. Era, na verdade, um lindo rapaz e uma ardente ternura por Sue brilhava nos seus olhos.

— Ó, Judas! — Sue segurou as suas mãos e, dado o estado de tensão em que estava, teve alguns soluços convulsivos. — Sinto-me tão contente! Devo descer aqui?

— Não! Não, querida, sou em quem entra! Já fiz as minhas bagagens. Além desse saco, tenho apenas uma mala, que já despachei.

— Não desço mesmo, de verdade? Não vamos ficar aqui?

— Não poderíamos ficar, não acha? Somos conhecidos aqui... eu, pelo menos. E muito conhecido. Tomei um bilhete para Aldbrickham. E eis aqui um outro para você.

— Pensei que fossemos ficar aqui — repetiu Sue.

— Não daria certo, de modo algum.

— Ah! talvez não mesmo.

— Não tinha tempo para escrever dizendo o lugar que escolhera.

Aldbrickham é uma cidade bem maior — sessenta ou setenta mil habitantes — e ninguém nos conhece lá.

— E abandonou o seu trabalho, na catedral?

— Abandonei. Foi um pouco brusco, sua carta tendo chegado sem que eu a esperasse mais. Na verdade, poderiam ter-me obrigado a acabar a semana. Mas disse que havia urgência e me deixaram vir. Sue querida, o chamado vindo de

você, eu teria abandonado tudo a qualquer momento. Por você, abandonei mais do que isso!

— Receio estar fazendo muito mal a você. Estou arruinando os seus projetos sacerdotais, arruinando o seu progresso na carreira, arruinando tudo!

— A Igreja não representa mais nada para mim. Não falemos mais disso. Não serei mais um desses... *Piedosos soldados que, em filas sucessivas, Sonham atingir a felicidade suprema.* Se é que essa felicidade existe. Minha felicidade suprema não fica lá em cima e, sim, aqui embaixo.

— Ó, sinto-me tão culpada por perturbar assim a vida dos homens! — disse Sue, reproduzindo na sua voz a emoção que começava a aparecer na voz de Judas.

Contudo, percorridas uma doze milhas, Sue reencontrou a sua tranquilidade.

— Ele foi tão bom me deixando partir! — murmurou ela. — E eis aqui uma carta para você que encontrei na minha mesa.

— Sim. Ele não é uma pessoa sem valor —, disse Judas, depois de ter lançado um olhar sobre a carta. — E envergonho-me de detestá-lo somente pelo fato de ele ter-se casado com você.

— De acordo com a regra dos caprichos femininos, imagino que eu deveria, subitamente, ficar gostando dele porque agiu tão generosamente, e tão imprevistamente — respondeu Sue, sorrindo.

— Mas eu sou tão fria, ou ingrata, que nem mesmo a sua generosidade provocou em mim amor por ele, nem arrependimento, nem vontade de ficar ao lado dele como esposa. Apenas, gostei verdadeiramente da largueza de espírito dele e o respeito mais do que nunca.

— Teria talvez sido melhor para nós que ele não tivesse sido tão bom e que você tivesse vindo contra a vontade dele — murmurou Judas.

— Isso, eu *nunca* o teria feito.

Judas ficou olhando Sue com ar pensativo. Em seguida, beijou-a de súbito e ia tornar a beijá-la de novo.

— Não, apenas uma vez. Por favor, Judas!

— Isso é verdadeiramente uma crueldade — respondeu Judas, po-rém aquiescendo. E, depois de um silêncio, continuou: — Uma coisa estranha me aconteceu. Arabela acaba de me escrever pedindo que me divorcie dela — para lhe prestar um serviço, ao que ela diz. Quer se casar honesta e legalmente com aquele homem com o qual já se casou de fato e me pede que lhe faculte os meios para isso.

— Que fez você?

— Consenti. De início, pensei que não poderia agir assim sem lhe ocasionar atrapalhações, em virtude desse segundo casamento. E

não quero prejudicá-la. Afinal, talvez ela não seja pior do que eu.

Mas, aqui, ninguém sabe nada a respeito disso e soube que não havia

dificuldade alguma. Se ela quer refazer a vida, sobram-me razões para não obstar a isso.

— Nesse caso, você ficará livre?

— Sim, ficarei livre.

— Onde deveremos ficar? — perguntou Sue, com a falta de seguimento nas ideias que a caracterizava naquela noite.

— Em Aldbrickham, como disse a você.

— Mas será bem tarde, quando lá chegarmos, não?

— Sim. Pensei aliás nisso e telegrafei para reservar um quarto no hotel da Liga Antialcoólica.

— Um quarto só?

— Sim... um só.

— Ó, Judas! — E Sue encostou a fronte contra o canto do compartimento. — Pensei que você fosse mesmo fazer isso, me interpretando mal. Não foi essa a minha intenção.

Durante o silêncio que se seguiu, os olhos de Judas se fixaram com expressão apalermada no lugar que ficava defrente.

— Bem... — disse Judas — bem!...

Permaneceu calado. Vendo até que ponto estava desalentado, Sue colou sua face à dele, murmurando: — Querido, não fique zangado!

— Ora, não houve nada — disse Judas. — Mas... foi assim que compreendi... Terá sido uma mudança repentina?

— Você não tem direito de me fazer uma pergunta dessas e eu não responderei — replicou Sue, sorrindo.

— Minha querida, sua felicidade representa mais para mim do que qualquer outra coisa no mundo... ainda que estejamos sempre à beira de brigar um com o outro... e seus desejos são uma lei para mim. Sou um pouco mais do que um simples egoísta. Pelo menos, assim me julgo. Aja você como quiser! — Com a reflexão, as sobrancelhas de Judas se haviam franzido, demonstrando perplexidade. — Mas, talvez isso provenha de que você não me ame... e não de que se tenha tornado escrava de convenções. Por mais que eu, em consequência das suas lições, odeie as convenções, espero bem que seja por isso e não por causa da terrível alternativa.

Mesmo nesse momento em que a sinceridade absoluta parecia mais do que indicada, Sue não pôde ser inteiramente franca a ponto de desvendar o mistério que era o seu coração.

— Atribua isso à minha timidez — disse ela em tom evasivo —, a uma timidez natural numa mulher no momento em que a crise ocorre. *Posso* pensar, tão bem quanto você, que tenho perfeitamente direito de viver com você do modo como o entende, desde o presente momento. *Posso* sustentar que, numa sociedade ideal, uma mulher poderá escolher tão bem o pai do seu filho quanto



as suas roupas íntimas, sem que ninguém tenha o direito de se meter com isso. Mas, talvez em parte porque estou livre graças à generosidade de Phillotson, prefiro ser um pouco rígida. Se tivesse havido uma escada de cordas, se ele nos tivesse perseguido, armado de pistolas, tudo me teria parecido diferente e, provavelmente, teria agido de outro modo. Mas não insista e não me critique, Judas!

Admita que não tenho a coragem das minhas opiniões. Sei que sou uma pobre, uma miserável criatura. Minha natureza não é tão apaixonada quanto a sua!

Judas repetiu apenas: — Eu pensava... o que era natural que eu pensasse. Mas, se não somos amantes, não somos. No entanto, estou certo de que Phillotson assim o pensava. Veja, eis aí o que ele me escreveu.

Abriu a carta que Sue lhe trouxera e leu:

“Imponho apenas uma condição... que você seja terno e bom para ela.

Sei que você a ama. Mas, por vezes, o amor pode ser cruel. Vocês foram feitos um para o outro. Isso é evidente, visível, palpável por qualquer pessoa imparcial. Você foi sempre 'a sombra intrometida' da minha curta vida conjugal. Insisto: cuide bem de Sue”.

— Ele é um bom sujeito, não é? — disse Sue, retendo lágrimas. E, depois de refletir acrescentou: — Estava muito resignado a me deixar partir... por demais, talvez. Nunca estive tão perto de amá-lo quanto no momento em que se inquietou com os meus preparativos de viagem e chegou a me oferecer dinheiro. No entanto, não o amava, não. Nesse momento, se o amasse como mulher, mesmo um pouco que fosse, voltaria para junto dele.

— Mas você não o ama, não é?

— Não, não o amo. É terrível, mas é verdade!

— Também não creio que você o ame. E tenho um pouco de medo disso — disse Judas, com um pouco de despeito. — Nem ninguém crê, provavelmente. Sue, algumas vezes, quando me sinto zangado, penso que você é incapaz de amar verdadeiramente.

— Pensar isso não é bom nem leal, de sua parte! — disse Sue afastando-se de Judas o quanto podia e mergulhando o olhar severo na escuridão. Pouco depois, fixando Judas, acrescentou, num tom ferido: — Talvez meu amor por você não seja semelhante ao de certas mulheres. Mas sinto junto de você um prazer de uma suprema delicadeza. E não quero ir mais longe e arriscar a estragá-lo... procurando intensificá-lo! Sabia bem que com qualquer outro homem era um risco certo. Mas resolvera contar justamente com  *você*  para fazer com que meus desejos passassem antes do seu próprio contentamento. Não discuta mais isso, Judas querido!

— Certamente, se isso lhe pode trazer remorsos... mas você me ama muito, não, Sue? Diga que me ama um quarto, um décimo do que a amo e ficarei

satisfeito!

— Deixe que você me beijasse, e isso é uma resposta suficiente.

— Apenas uma ou duas vezes!

— Pois bem... não seja guloso!

Judas se encostou na parede e, durante longo momento, não olhou para Sue. O episódio do passado que ela lhe contara — a história daquele pobre estudante de Cristminster que ela tratara da mesma maneira — voltou aos espírito de Judas e ele se sentiu, também, destinado àquela vida de torturas.

— É uma aventura estranha! — murmurou Judas. — Talvez você se tenha servido de mim apenas como um meio de escapar de Phillotson. Palavra de honra que quase mesmo... se se julgar pelo modo como está aí sentada, inflexível.

— Vamos, não fique zangado... não quero que fique! — disse Sue num tom acariciante e se aproximando dele. — Não se esqueça que você acabou de me beijar e não desgostei disso... não muito, Judas.

Apenas, não quero que recomece logo, dadas as condições em que estamos, compreende?

Judas não podia nunca resistir a Sue quando ela lhe pedia alguma coisa — e Sue sabia disso. Ficaram sentados um ao lado do outro de mãos dadas, até que um novo pensamento ocorreu a Sue.

— Não posso ir para esse hotel, depois de você ter passado aquele telegrama.

— Por que não?

— É fácil compreender!

— Muito bem. Haverá certamente um outro hotel aberto. Algumas vezes cuidei, depois que a vi se casar com Phillotson por causa de um escândalo estúpido, que você, sob a afetação de ter ideias independentes, era tão escrava do código social quanto qualquer outra mulher de meu conhecimento!

— Não em pensamento. Mas não tenho a coragem das minhas ideias, tal como disse antes a você. Aliás, não me casei com ele por causa do escândalo. Às vezes, numa mulher, o amor de ser amada é mais forte que a sua consciência. E então, ainda que a ideia de tratar um homem com crueldade seja para ela terrível, ela o encoraja a amá-la, não o amando em absoluto. Em seguida, quando o vê sofrendo, é agarrada pelos remorsos e faz o que pode para reparar o erro cometido.

— Isso quer dizer, apenas, que você o namorou furiosamente, pobre velho desgraçado, que se arrependeu e que casou com ele como reparação, embora isso a tenha torturado terrivelmente, não?

— Seja... se você quer dizer as coisas assim tão brutalmente!...

Há um pouco de verdade nisso... Era isso e era o escândalo, também... E, ainda, o fato de você me ter escondido aquilo que devia ter me dito antes!

Judas percebeu que Sue estava magoada com as suas críticas e com vontade

de chorar. Para acalmá-la, disse: — Bem, querida, não pense mais nisso! Se quiser, crucifique-me! Você sabe bem que é tudo no mundo para mim, não importa o que faça!

— Sou muito má. E não tenho princípios. Sei que é isso que você acha! — disse Sue, procurando reter suas lágrimas.

— Sei e penso que você é a minha querida Sue, da qual nada pode me separar, nem a distância nem a ausência, nem as dificuldades presentes nem as futuras!

Por mais sofisticada que fosse para certas coisas, Sue permanecia tão infantil para outras, que isso a satisfazia, e atingiram o fim da jornada na melhor das pazes. Eram quase dez horas quando chegaram a Aldbrickham, a principal cidade do Wessex do Norte. Como Sue não queria ir para o hotel por causa do texto do teleograma, Judas procurou outro alojamento. Um rapaz, que se ofereceu para conduzi-los, levou as bagagens para um lugar bem próximo: hospedaria onde Judas estivera com Arabela, quando se tinham reencontrado, depois de anos de separação. Talvez porque tivessem entrado por porta diferente, talvez em virtude do seu estado de preocupação, Judas não a reconheceu, de início. Alugaram quartos separados e, depois, desceram para tomar alguma coisa. Durante uma ausência temporária de Judas, a criada conversou com Sue.

— Minha senhora, creio que me lembro do seu parente ou do seu amigo. Veio aqui... uma vez... tarde como hoje, com a sua mulher... alguém, enfim, que não era a senhora, de maneira alguma... da mesma forma como está consigo hoje.

— De fato? — disse Sue, com um certo aperto de coração. — Mas, acho que você deve estar enganada. Há quanto tempo foi isso?

— Aproximadamente há um mês ou dois. Era uma linda mulher, cheia de corpo.

Quando Judas voltou e se sentou para jantar, Sue tinha o aspecto triste e infeliz.

— Judas — disse ela, em tom de lástima, quando se separaram no patamar —, as coisas entre nós não estão mais tão bonitas e agradáveis quanto costumavam ser! Não gosto deste lugar. Não o suporto! E não gosto de você tanto quanto gostava!

— Como está nervosa, querida! Por que você muda assim?

— Porque você foi cruel me trazendo aqui!

— Por quê?

— Você esteve há pouco tempo aqui com Arabela. Pronto, agora, disse tudo!

— Minha querida, por que... — disse Judas olhando em torno. — Sim, sim, é o mesmo lugar! Não o sabia absolutamente, Sue! Bem, mas não é cruel, já que viemos assim como... dois parentes que moram juntos.

— Há quanto tempo foi que esteve aqui? Diga! Diga!

— Na véspera do dia em que a encontrei em Christminster, quando voltamos

juntos para Marygreen. Disse a você que tinha estado com ela.

— Sim, você me disse isso, mas não me disse tudo. Contou-me que se tinham encontrado como estranhos que não eram mais marido e mulher aos olhos do céu... mas não contou que se tinham reconciliado.

— Mas nós não nos reconciliamos — disse Judas com tristeza no tom. Não posso explicar, Sue.

— Você foi falso comigo, você, minha última esperança! E nunca me esquecerei disso, nunca!

— Mas, minha querida Sue, de acordo com o seu desejo, devemos ser apenas amigos e não amantes! É, pois, muito inconsequente de sua parte...

— Amigos podem ter ciúmes!

— Não vejo como. Você não me concede nada e tenho de conceder-lhe tudo! Afinal de contas, você estava em bons termos com seu marido, nessa época.

— Não, não estava, Judas. Ó, como pode pensar isso! E você me enganou, mesmo fazendo-o sem querer! — Sue estava tão modificada que Judas teve de fazê-la entrar no seu quarto e fechar a porta para que ninguém a ouvisse. — Foi nesse quarto? Sim, foi... vejo pela expressão que foi! Não ficarei aqui. Ó, foi uma traição, de sua parte, tomá-la de novo! Eu, eu pulei pela janela!

— Mas, Sue, afinal, era a minha esposa legítima, se não...

Caindo sobre os joelhos, Sue escondeu a face nas cobertas e co-meçou a chorar.

— Nunca vi um sentimento tão irracional, tão parecido com o do jardineiro! Não devo me aproximar de você, nem ninguém mais!

— Ó, será que não *compreende o meu sentimento*? Por que não? Por que é tão material? Eu, eu me atirei pela janela!

— Se atirou pela janela?

— Não posso explicar.

Na verdade, Judas não compreendia bem o sentimento de Sue. Mas, adivinhou um pouco e ficou amando-a ainda mais.

— Eu... eu pensava que você não amasse ninguém... que não desejasse ninguém no mundo a não ser eu, neste momento... e sempre! — continuou Sue.

— É verdade. Então, como agora! — disse Judas, tão infeliz quanto Sue.

— Mas você deve ter pensado muito nela! Ou...

— Não, não era necessário. Você não me compreende, também.

As mulheres nunca me compreendem! Por que ficar num tal estado à toa?

Levantando os olhos, Sue respondeu provocadoramente: — Se não fosse isso, talvez eu tivesse acabado indo para o tal hotel, como você queria, pois já estava começando a pensar que pertencia realmente a você!

— Ora, isso não tem importância — disse Judas, distante.

— Naturalmente, julgava que ela nunca tivesse sido realmente sua mulher

depois que, voluntariamente, deixara você há anos e mais anos. Parecia-me que uma separação como a sua, ou como a minha, punha termo ao casamento.

— Não posso dizer nada mais além disso, sem acusar Arabela, e isso não o quero fazer — disse Judas. — No entanto, é preciso que você saiba ainda de uma coisa que, de qualquer modo, deve pôr fim a essa discussão. Ela se casou com outro homem... casou de fato! Só soube disso depois da noite que passamos aqui.

— Casou com outro homem?... É um crime... ao que diz o mundo, se bem que eu não acredite nisso.

— Bem, agora você está de novo em cena. Sim, é um crime...

você não o considera assim, mas, medrosamente, concede que seja.

Eu, porém, nunca a denunciarei. E foi evidentemente um remorso de consciência que a impeliu a me pedir um divórcio para poder se casar legalmente com esse homem. Assim, você compreende que há poucas probabilidades para que eu torne a vê-la.

— E você, realmente, não sabia nada disso, quando a viu de novo?

— perguntou Sue, mais amável, levantando-se.

— Em absoluto. E, tudo bem considerado, não vejo como pode ficar zangada, minha querida!

— Não estou zangada. Mas não irei para o tal hotel.

Judas riu.

— Não faz mal — disse ele. — Estando perto de você, já me sinto relativamente feliz. É mais do que merece o ser miserável que eu sou... junto de você, puro espírito, criatura imaterial, fantasma querido, delicioso, tentador, que nada tem de ser humano, a ponto que, se puser um braço à sua volta, quase espero vê-lo passar através como se não encontrasse senão ar. Perdoe-me ser material, como diz! Lembre-se que era realmente um estratagem a fato de nos chamarmos “primos”, quando não éramos senão estranhos. A inimizade de nossos pais dava-lhe um poder de atração sobre mim que era muito mais intenso que a curiosidade que poderia despertar em mim um conhecimento novo.

— Diz então aqueles lindos versos do *Epipsychidion* de Shelley, como se fossem dirigidos a mim — pediu Sue, aproximando-se de Judas. Você os conhece?

— Quase não conheço poesia alguma — respondeu Judas melancolicamente.

— De verdade? Eis alguns deles:

*Existia um Ser que o meu espírito encontrava frequentemente Quando se erguiam muito alto as suas visões errantes.*

.....

*Um serafim do Céu, por demais gentil para ser humano, Velado por aquela radiosa forma feminina!*

— Ó, é por demais lisonjeiro! Não quero continuar! Mas, diz que sou eu, diz!

— É você sim, querida. É exatamente você!

— Nesse caso, perdo-o! E pode me beijar uma vez aqui... mas, não por muito tempo. — Sue indicou com o dedo a face, e Judas fez tal como ela mandara. — Você me ama muito, não, ainda que eu queira... você sabe, não?

— Sim, querida! — disse Judas suspirando. E desejou-lhe boa-noite.

## VI

AO VOLTAR para Shaston, sua cidade natal, como professor, Phillotson despertara o interesse e as recordações dos habitantes locais que, se não o admiravam pelos seus conhecimentos variados, como teria acontecido em outros lugares, tinham por ele uma sincera consideração. Quando, pouco depois da sua chegada, trouxe para casa uma mulher bonita — de uma beleza perigosa para ele, se não se precavesse, diziam todos —, ficaram contentes por vê-la se instalar entre eles.

Por algum tempo depois da sua fuga, a ausência de Sue não despertou comentários. A sua vaga de professora-adjunta foi tomada por uma outra moça, poucos dias depois da sua partida, e sem que causasse estranheza, pois o lugar de Sue era apenas de natureza provisória. No entanto, quando, ao fim de um mês, no decurso de uma conversa, Phillotson admitiu que não sabia onde sua mulher estava, a curiosidade pública foi despertada e, enfim, como conclusão, as pessoas se permitiram afirmar que Sue o enganara e fugira com alguém. A languidez do professor e a sua indiferença pelo trabalho davam consistência à hipótese.

Embora Phillotson tivesse ficado calado tanto quanto pudera, a não ser com o seu amigo Gillingham, sua honestidade e correção não lhe permitiram permanecer em silêncio, quando descobriu que corriam falsos rumores a respeito da conduta de Sue. Num segunda-feira de manhã, o presidente do Comitê da Escola veio visitá-lo e, depois de ter cuidado dos problemas do colégio, trouxe Phillotson para conversar longe do alcance dos ouvidos dos alunos:

— Você me perdoará eu fazer essa pergunta, uma vez que todo mundo está falando disso: é verdade o que conta a propósito das suas questões domésticas, isto é: que a partida de sua mulher não foi uma simples visita a amigos, mas, sim, uma fuga com um amante? Se assim foi, dou-lhe as minhas condolências.

— Não dê — disse Phillotson. — Não há o menor segredo no caso.

— Ela foi visitar amigos?

— Não.

— Então, que foi que aconteceu?

— Ela partiu em circunstâncias que geralmente fazem com que se lastime o marido. Mas eu dei o meu consentimento.

O presidente olhou como se não tivesse compreendido.

— O que lhe estou dizendo é a pura verdade — continuou Phillotson, com mau humor. — Ela me pediu que a deixasse partir com o homem que amava e eu deixei. Por que não o deixaria? Sendo uma mulher já com suficiente idade, devia resolver ela mesma, pela sua própria consciência. E não eu. Não era o seu carcereiro. Nada mais tenho a explicar. Nem quero ser interrogado.

Os alunos notaram que os dois homens tinham expressões muito sérias e, ao entrar em casa, disseram a seus pais que alguma coisa de novo acontecera em relação à senhora Phillotson. Em seguida, a criada de Phillotson, uma menina

que acabava de sair da escola, contou que o professor ajudara a mulher a fazer as bagagens, oferecera-lhe todo o dinheiro de que acaso necessitasse e escrevera uma carta amigável ao seu jovem amigo, pedindo-lhe que tomasse todo o cuidado com Sue. O presidente, tendo refletido longamente sobre o assunto, falou com os demais membros do Comitê e, por fim, Phillotson recebeu um recado deles solicitando que lhes viesse falar em particular. A reunião durou muito tempo. Quando terminou, o professor voltou para casa, pálido e cansado como de costume.

Gillingham o estava esperando.

— Bem, aconteceu o que você previu — disse Phillotson, deixando-se cair numa cadeira com ar fatigado. — Pediram-me que mandasse a minha demissão, em consequência da minha conduta escandalosa dando a liberdade à minha pobre mulher — ou, como eles dizem, incitando-a ao adultério. Mas não pedirei.

— Creio que eu pediria.

— Não quero pedir. Não têm nada com isso. Nem isso tem nada a ver com a minha capacidade como professor. Se quiserem, que me expulsem.

— Se você criar complicações, irá para os jornais e não conseguirá nunca ser nomeado para outra escola. Compreenda que eles têm a considerar o que você fez como tendo sido feito por um professor de gente moça... e olhar para o possível efeito sobre a moralidade da cidade. Do ponto de vista da opinião geral, sua posição é indefensável.

Permita-me que lhe diga isso.

Apesar de tudo, Phillotson não queria dar ouvidos a esse bom conselho.

— Não me importo — disse. Não irei embora a não ser que seja posto para fora. E a razão é a seguinte: dando a minha demissão, reconhecerei que errei em relação a Sue, quando cada vez estou mais convencido que, aos olhos de Deus, e de acordo com qualquer princípio natural e sincero de humanidade, agi certo.

Gillingham sabia bem que o seu teimoso amigo não conseguiria sustentar a situação, mas não disse mais nada. No devido tempo — na verdade, um quarto de hora depois —, a carta de demissão chegou, pois o Comitê, depois da partida de Phillotson, permanecera reunido para escrevê-la. Phillotson respondeu que não aceitava a demissão e convocou uma reunião pública, à qual compareceu, embora parecesse tão fraco e doente que Gillingham lhe suplicou para que ficasse em casa. Ao explicar que contestava a decisão dos membros do Comitê, Phillotson expôs as suas razões com firmeza, tal como fizera ao seu amigo, acrescentando ainda que aquilo era uma questão pessoal com a qual ninguém tinha nada a ver. A isso objetaram que as excentricidades privadas de um professor pertenciam perfeitamente à esfera de controle dele, uma vez que podiam influenciar a moral dos alunos. Phillotson replicou que não via como um ato de caridade cristã podia prejudicar a moral.



Todos os habitantes respeitáveis e bem pensantes da cidade estavam contra Phillotson. Mas, para grande surpresa sua, surgiu inopinadamente ao seu lado mais ou menos uma dúzia de defensores.

Já ficou dito que Shaston era o refúgio de um grupo curioso e interessante de viajantes que frequentavam os numerosos mercados e feiras de todo o Wessex durante os meses do verão e do outono. Ainda que Phillotson nunca tivesse falado com nenhum deles, tentaram nobremente, se bem que sem esperança, ganhar a causa. O grupo era composto de dois palhaços, do proprietário de um tiro ao alvo, e das mulheres incumbidas de carregar as armas, de dois professores de boxe, um proprietário de cava-linhos de pau, outro de balanços para crianças, duas vendedoras de vassouras que se diziam viúvas, um vendedor de balas e um lutador.

Essa generosa falange e algumas outras pessoas de opinião independente, cujas experiências matrimoniais não tinham corrido sem vicissitudes, avançaram-se e trocaram calorosos apertos de mão com Phillotson. Em seguida, proclamaram suas opiniões com tal violência que se originou uma briga geral: um quadro preto foi rachado, três vidros quebrados, uma garrafa de tinta derramada sobre a camisa de um conselheiro municipal, foram dados alguns socos em olhos e narizes, entre os quais, para horror geral, no do venerável reitor, vítima do zelo de um limpador de chaminés, partidário de Phillotson.

Quando este viu correr sangue no rosto de reitor, lastimou-se gemendo esses desagradáveis e degradantes incidentes, arrependeu-se de não ter dado sua demissão, quando lhe tinha sido insinuada, e voltou para casa tão doente que teve de ficar de cama, no dia seguinte.

Esse acontecimento cômico, porém melancólico, assinalou o início de uma doença séria para Phillotson. Na sua cama solitária jazia no estado de alma patético de um homem de idade madura que enfim percebe que sua vida, intelectual e doméstica, está terminando tristemente num fracasso. Gillingham vinha visitá-lo à noite e, de uma vez, mencionou o nome de Sue.

— Ela absolutamente não se preocupa comigo! — disse Phillotson.

— E por que iria se preocupar?

— Ela não sabe se você está doente.

— Melhor para nós dois.

— Onde está ela vivendo com o amante?

— Creio que em Melchester... Pelo menos, era lá que estava, há tempos.

Quando Gillingham voltou para casa, pôs-se a refletir e escreveu um bilhete anônimo a Sue. Não era certo que lhe chegasse às mãos, pois o envelope ia endereçado a Judas, na capital diocesana.

Aí chegando, foi enviado para Mary green e, daí, para Aldbrickham pela única pessoa que sabia o endereço de Judas — a viúva que cuidara de sua tia-avó.

Três dias mais tarde, à noite, quando o sol se punha em todo o seu esplendor no vale do Blackmoor, iluminando as janelas de Shaston que os camponeses viam brilhar como línguas de fogo, pareceu ao doente ouvir entrar alguém em casa. Alguns minutos depois, escutou uma pancada na porta do quarto. Não respondeu. A porta se abriu com hesitação e... Sue entrou.

Trazia um vestido de verão e sua aparição parecia a de um fantasma... Phillotson voltou os olhos para ela, enrubescou, mas conseguiu reprimir seu impulso inicial e falar.

— Nada tenho a fazer aqui — disse Sue, virando para ele a sua face amedrontada. — Soube que estava doente... muito doente. E, como sei que você admite a possibilidade de outros sentimentos entre um homem e uma mulher, além do amor físico, resolvi vir.

— Não estou muito doente, minha cara amiga. Apenas, não me sinto bem.

— Não sabia disso. E receio que apenas uma grave doença possa justificar a minha vinda!

— Sim... sim... E eu quase preferiria que você não tivesse vindo! É um pouco cedo ainda... eis o que quero dizer. Contudo, tiremos o melhor partido possível do fato. Creio que você não soube nada a respeito da escola, não?

— Não. Que foi que houve?

— Apenas isso: que vou ser transferido para um outro lugar. Eu e o Comitê nos desentendemos e resolvemos nos separar.

Nem um só instante, nem então nem mais tarde, Sue suspeitou que Phillotson tivesse tido aborrecimentos por tê-la deixado partir.

Nunca lhe passara pela cabeça semelhante ideia e não tivera notícia alguma de Shaston. Falaram em seguida de assuntos sem importância e, quando lhe trouxeram o chá, Phillotson disse para a criada, estupefata, que trouxesse uma xícara para Sue. Essa moça se interessava pela história deles muito mais do que pensavam e, enquanto descia a escada, levantou os olhos e os braços para o céu num movimento grotesco de espanto.

Enquanto tomavam chá, Sue foi até a janela e disse com ar pensativo: — Que lindo pôr de sol, Richard!

— Geralmente eles são lindos aqui, devido à névoa do vale que os raios atravessam. Mas, não os aproveite, pois não chegará até o canto sombrio onde vivo.

— Você não gostaria de ver este? Dir-se-á que o céu está aberto.

— Claro que sim. Mas não posso.

— Eu ajudo você.

— Não... não se pode aproximar a cama.

— Mas veja o que eu penso fazer.

Sue foi apanhar uma pequena penteadeira de espelho móvel e trouxe-a até a janela, num ponto onde ficava recebendo os raios do sol. Depois, moveu o

espelho até que eles se refletiam em seu esplendor na face de Phillotson.

— Pronto, você agora pode ver o sol, vermelho e grande! — disse Sue. — E tenho certeza que isso lhe dará prazer... pelo menos, assim espero!

Sue falava com uma gentileza infantil e cheia de arrependimento, como se nada do que fizesse pudesse ser demais.

Phillotson sorriu com tristeza. — Você é uma criatura estranha — disse ele, enquanto o sol brilhava nos seus olhos. — Que ideia a sua, vir me visitar depois do que se passou!

— Não voltemos sobre esse assunto — disse Sue com vivacidade. —

Tenho que pegar o ônibus para o trem, pois Judas não sabe que vim aqui. Ele não estava em casa quando saí. Devo, pois, voltar imediatamente. Richard, fiquei muito contente por encontrá-lo melhor. Você não me tem raiva, não é verdade? Você foi um amigo tão bom para mim!

— Sinto-me feliz por saber que você acha isso — disse Phillotson, com voz rouca. — Não, não tenho raiva de você.

Escurecia rapidamente no quarto. Quanto trouxeram as velas e chegou a hora da separação, Sue pôs a sua mão na de Phillotson... ou melhor: deixou-a escorregar rápida e ligeiramente. Estava fechando a porta, quando ele exclamou:

— Sue!

Phillotson percebera que, ao se afastar dele, Sue tinha lágrimas na face e um tremor nos lábios. Era de má política chamá-la, e ele o sabia bem. Mas não podia fazer de outro modo. Sue voltou.

— Sue — murmurou ele —, quer fazer as pazes e ficar? Perdoarei a vocês e esquecerei tudo!

— Não, você não poderá, você não poderá! — disse Sue logo. — Você não poderá esquecer, agora!

— Por que *ele* é agora, de fato, seu marido? É isso que você quer dizer?

— Você pode crer que sim. Ele está conseguindo um divórcio da mulher, de Arabela.

— Mulher! Para mim é novidade saber que ele é casado.

— Era um mau casamento.

— Como o seu?

— Como o meu. Ele não está agindo tanto no interesse próprio quanto no dela. Arabela escreveu a ele, pedindo que assim fizesse em benefício dela, pois poderia se casar e viver uma vida respeitável. E Judas concordou.

— Uma mulher... Um benefício. Sim, um benefício, dar-lhe inteira liberdade. Mas nada disso me soa bem. *Eu*, eu posso perdoar, Sue!

— Não, não, você não pode me receber de novo, depois de eu ter sido tão cruel... a ponto de fazer o que fiz!

Começava a surgir em Sue aquela expressão de medo que se notava nela sempre que Phillotson passava de amigo a marido, fazendo-a adotar não importa

que meios de defesa contra os seus direitos de esposo.

— Agora, é preciso que eu me vá. Voltarei. Posso?

— Não estou pedindo para você partir, nem mesmo agora. E sim, para ficar.

— Agradeço a você, Richard, mas é preciso que eu parta. Como aconteceu que não está tão doente quanto eu pensei, *não posso* ficar!

— Ela pertence a ele... a ele dos pés à cabeça! — disse Phillotson, mas tão fracamente que Sue, caminhando para fechar a porta, não o ouviu.

O temor de uma reação nos sentimentos de Phillotson e, talvez, uma certa vergonha impediram Sue de dizer que, até então, não tivera com Judas senão relações amicais. Deixou Phillotson torturado, como um homem entregue aos sofrimentos do inferno, pela ideia de que aquele ser incrível, que trazia o seu nome e lhe demonstrava uma tal mistura de simpatia e aversão, estava numa tão grande pressa de voltar para a casa do seu amante.

Gillingham se interessava tanto pelos problemas de Phillotson, e se inquietava tanto por eles, que subia até Shaston duas ou três vezes por semana, não obstante as nove milhas que tinha de fazer entre o chá e o jantar, e depois de um duro dia de trabalho na escola.

Na primeira vez em que veio depois da visita de Sue, Phillotson estava embaixo e Gillingham percebeu que a sua agitação cedera lugar a um humor calmo e estável.

— Ela veio aqui depois que você esteve da última vez — disse Phillotson.

— Quem? Sua senhora?

— Sim.

— Ah, vocês se reconciliaram?

— Não... Ela veio apenas para ajeitar os meus travesseiros com a sua mãozinha branca, representar o papel de enfermeira e, depois, ir embora.

— Que o diabo a carregue! Que criaturinha horrível!

— Que foi que você disse?

— Ora, nada!

— Que quis você dizer?

— Quis dizer: que criaturinha tentadora e caprichosa! Se ela não fosse sua mulher...

— Não é, não. É a mulher de outro homem, a não ser no nome que traz e diante da lei. E estive pensando (isso me foi sugerido por uma conversa que tive com ela) que, em benefício dela, eu devia dissolver completamente a nossa relação legal. É estranho, mas creio que é possível, agora que ela voltou. Recusou-se a ficar comigo, embora eu tivesse oferecido o meu perdão. Esse fato poderia servir de pretexto, embora não o tivesse percebido no momento. Para que mantê-la encadeada a mim, se, de fato, não me pertence? Sei bem... tenho absoluta certeza que ela consideraria isso como a maior caridade que eu lhe poderia fazer. Pois, se simpatiza comigo, me lastima e até mesmo chora por

minha causa, quando me considera como um seu semelhante, não pode me suportar como marido... tem repugnância de mim. Sim, porque não adianta nada escolher palavras brandas: ela me tem repugnância, e a única solução digna, humana e misericordiosa que posso tomar é acabar de uma vez o que já comecei... Do ponto de vista do mundo, também será melhor para ela se tornar independente. Arruinei definitivamente a minha carreira tomando a decisão que julgava melhor para nós dois, ainda que ela de nada saiba. Não vejo como perspectiva, para mim, senão uma sinistra pobreza até o túmulo, pois não posso mais ser aceito como professor. Terei dificuldade, agora que o meu trabalho se foi, em solucionar os meus problemas econômicos até o fim da vida. E farei isso melhor estando sozinho. Posso dizer a você o que foi que me sugeriu essa ideia: a notícia que Sue me deu de que Judas Fawley estava se divorciando.

— Também ele era casado?! Um casal esquisito, o desses apaixonados!

— Bem, não me interessa a sua opinião a respeito deles. O que ia dizer é que, dando essa liberdade a Sue, não posso prejudicá-la, mas, sim, abrir-lhe uma possibilidade de felicidade com que nunca sonhou. Pois, assim, poderão se casar, como deveriam ter feito desde o início.

Gillingham não teve pressa em responder: — Posso discordar das suas razões — disse com amabilidade, pois, respeitava ideias das quais não compartilhava. — Mas, acho que você está certo na sua determinação... se a puder levar avante... coisa de que, no entanto, duvido muito.

## Q uinta Parte

### Em Aldbrickham e em outros lugares

“Esse lado aéreo e todos os ímpetos incendiados que em você se reúnem, têm, por natureza, tendência a se elevar. No entanto, em obediência às leis da natureza, são subjugados por essa massa composta que é o corpo.”

M. ANTONINUS (LONG)

DE QUE MANEIRA as dúvidas de Gillingham foram acolhidas, ver-se-á facilmente passando em silêncio a série de incidentes que se seguiram aos acontecimentos do último capítulo e chegando a um domingo de fevereiro do ano seguinte.

Sue e Judas estavam vivendo em Aldbrickham, exatamente com as mesmas relações que entre eles havia no ano anterior, quando Sue deixara Shaston para se reunir a Judas. Não tinham tomado conhecimento do processo de divórcio senão como de um ruído distante, e por uma carta que mal tinham compreendido.

Haviam se encontrado, como de costume, para tomar café na pequena casa que Judas alugara por quinze libras anuais — mais três libras para pagar diversas taxas — e que mobiliara com os cacarecos de sua tia, com a mudança dos quais gastara cerca do valor integral que poderiam ter. Sue cuidava da casa e se ocupava de tudo.

Quando Judas entrou no quarto, naquela manhã, Sue lhe estendeu uma carta que acabara de receber.

— Bem, de que se trata? — perguntou Judas, depois de beijar Sue.

— Trata-se de que o julgamento, no caso Phillotson contra Phillotson e Fawley, pronunciado há seis meses, acaba de se tornar definitivo.

— Ah! — disse Judas, sentando-se.

A mesma conclusão se verificara, um ou dois meses antes, no divórcio entre Judas e Arabela. Ambos os casos eram muito insignificantes para aparecer nos jornais, a não ser por uma simples citação numa longa enumeração de nomes.

— De qualquer forma, Sue, agora você pode fazer o que quiser! —

Judas olhou para a sua bem-amada com curiosidade.

— Estamos, nós — eu e você — tão livres, agora, como se nunca tivéssemos sido casados?

— Exatamente... a não ser, creio eu, porque um pastor pode se recusar, pessoalmente, a nos casar de novo e entregar a questão a um outro qualquer para que a resolva.

— Mas eu me pergunto: será mesmo assim como você diz? Geralmente, sei que é. Mas, tenho a desagradável impressão de que a minha liberdade foi obtida sob pretextos falsos!

— Como assim?

— Ora, se se tivesse sabido da verdade a nosso respeito, o julgamento não teria sido pronunciado. Ele o foi somente porque não apresentamos nenhuma defesa e deixamos que fizessem uma falsa suposição contra nós, não foi? Portanto, por mais decente que seja, será a minha liberdade legal?

— Bem, mas por que deixou que fosse sob um falso pretexto?

Você é a única culpada — disse Judas maliciosamente.

— Judas, por favor, não diga isso! Não deveria mostrar ainda suscetibilidades

a esse respeito. Você deve me aceitar como eu sou.

— Muito bem, querida, assim farei. Talvez você esteja com a ra-zão. Quanto ao que a está inquietando, saiba que não éramos obrigados a provar nada. Isso era o problema deles. De qualquer modo, estamos vivendo juntos.

— Sim, mas não como eles pensam.

— Em todo caso, uma coisa é certa: qualquer que seja a causa, quando um casamento fica dissolvido, está desfeito definitivamente.

Para pessoas pobres e obscuras como nós, há essa vantagem: as coisas são resolvidas de um modo violento e rápido. Assim aconteceu comigo e com Arabela. Receava que o segundo casamento dela fosse descoberto e, por causa da sua natureza criminosa, ela fosse punida.

Mas ninguém se importou com isso. Ninguém perguntou nada, ninguém suspeitou de nada. Se fossemos personalidades conhecidas, te-riamos tido aborrecimentos infinitos, e dias e semanas teriam sido gastos em investigações.

Pouco a pouco, Sue passou a compartilhar da alegria que o sentimento da liberdade dava ao seu amado. Propôs irem dar um passeio no campo, mesmo se, em consequência, tivessem de comer um jantar frio. Judas concordou. Sue subiu para se preparar e pôs um vestido de cor alegre para festejar a sua liberdade. Diante disso, Judas foi apanhar uma gravata ainda mais clara.

— Agora, iremos passear de braço dado — disse Judas — como um par qualquer de noivos. Temos, legalmente, direito a isso.

Saíram da cidade, tomaram um atalho que atravessava o campo, vazio e nu, e, agora, coberto pela neve. O par estava de tal modo absorto pelos seus problemas íntimos que mal tinha consciência das coisas que o rodeavam.

— Querida, a consequência de tudo isso é que, agora, podemos nos casar, depois de um intervalo razoável.

— Sim, creio que sim — disse Sue, sem entusiasmo.

— E vamos nos casar, não?

— Não quero dizer não, querido Judas, mas o seu sentimento, agora, é o mesmo de antes? Continuo a temer, do mesmo modo, que um contrato de ferro extinga a sua ternura por mim, e a minha por você, exatamente como aconteceu aos nossos desafortunados pais.

— Nesse caso, que poderemos fazer? Você sabe bem, Sue, que eu a amo.

— Sei disso perfeitamente. Mas creio que preferiria muito que vivêssemos como namorados, como estamos vivendo, e só nos encontrássemos de dia. É de tal modo mais suave... pelo menos, para a mulher, quando se sente segura do seu companheiro. E, de agora em diante, não temos necessidade de nos preocupar tanto com as aparências.

— Reconheço que as nossas experiências de casamento não foram acoçoadoras — disse Judas com ar triste. — Talvez por causa das nossas naturezas insatisfeitas, pouco práticas, talvez por falta de sorte. Mas, nós dois



juntos...

— Não passaríamos de dois insatisfeitos, amarrados um ao outro, e isso seria duas vezes pior... Creio, Judas, que eu começaria a ter medo de você no dia em que tivesse assumido o compromisso de me amar sob a garantia do governo e eu tivesse o direito de amá-lo nas mesmas condições. Seria terrível e sórdido! Livre, assim como está, acredito mais em você do que em qualquer outra pessoa do mundo.

— Não, não, não diga que eu posso mudar! — suplicou Judas. No entanto, havia também apreensão na sua voz.

— Independentemente de nós mesmos e de nossas infelizes particularidades, não está na natureza do homem amar o mesmo ser toda a sua vida, quando a isso é obrigado pela lei. Haveria maior probabilidade de assim acontecer, se o mandassem não amar. Se a cerimônia do casamento consistisse num juramento, firmado por contrato, de os cônjuges cessarem de se amar no dia em que a posse fosse autorizada, e de se evitarem em público tanto quanto possível, haveria muito mais casais amorosos do que existem. Imagine você os encontros secretos entre esposos perjuros, que afirmariam não se terem visto, se içariam nas janelas dos quartos de dormir, e se esconderiam nos armários! Haveria muito menos frieza, então.

— Sim, mas, mesmo admitindo que isso ou qualquer coisa de parecido com isso seja verdade, você não será a única pessoa do mundo a vê-lo, minha querida Sue. As pessoas continuam a se casar porque não podem resistir às forças da natureza, se bem que uma grande parte delas saiba perfeitamente que está possivelmente comprando um mês de prazer ao preço de uma vida inteira de infelicidade. Certamente, tanto os meus pais quanto os seus sabiam disso, se é que possuíam os mesmos dons de observação que nós. Contudo, casaram-se porque tinham as paixões que todo mundo tem. Mas, você é uma criatura tão fantasmal, tão imaterial e — se me permitir dizer — tem tão pouca paixão animal em você, que pode agir de acordo com um raciocínio, quando isso nos é impossível, a nós, pobres desgraçados, feitos de substância mais grosseira.

— Bem, nesse caso, você concorda que o casamento provavelmente acabaria em desastre para nós. E depois não sou uma mulher tão excepcional quanto você pensa. Há menos mulheres que gostem do casamento do que você supõe. Apenas, elas o aceitam por causa da dignidade que lhes confere e das vantagens sociais que, algumas vezes, lhes trazem — dignidade e vantagens que estou perfeitamente disposta a não levar em conta.

Judas voltou à sua antiga queixa: íntimos como eram, nunca pudera, no entanto, obter dela uma simples e honesta declaração de que o amava ou podia vir a amá-lo.

— Às vezes, realmente temo que você não o possa fazer — disse Judas, num tom de dúvida próximo da raiva. — E você é tão cheia de reticências! Sei que as

mulheres ensinam às mulheres a nunca dizer a verdade toda a um homem. Mas, a mais alta forma de afeição é baseada numa inteira sinceridade recíproca. Não sendo homens, essas mulheres não compreendem que, pensando naquelas com as quais teve relações ternas, um homem se sente de coração mais próximo daquela na qual sentiu sempre uma perfeita lealdade. Os homens de melhor qualidade, mesmo quando dominados por vãs afetações de artifício e de desconfiança, rapidamente se cansam delas. Uma Némesis aguarda a mulher que abusa desse jogo de enganos; é o desprezo profundo que, cedo ou tarde, seus admiradores sentem, e são as poucas saudades que ela deixa, ao desaparecer.

Sue, que estava olhando para a distância, adquiriu um ar culpado. De súbito, respondeu em ar trágico: — Creio, Judas, que hoje não estou gostando de você tanto quanto de costume!

— Não? Por quê?

— Ora... você não está sendo gentil... e, sim, por demais pregador de sermões. Mas suponho que eu seja tão má e tão indigna que mereça as reprimendas as mais rigorosas.

— Não, você não é má. Você me é muito querida. Mas tão inagarrável quanto uma agulha, sempre que quero que me faça uma confissão.

— Não, não. Eu sou má, e obstinada, e muitas coisas ainda! É inútil pretender que não. Pessoas boas não precisam ser corrigidas como eu... Mas, agora que não tenho ninguém, a não ser você, nem ninguém para me defender, é terrível que não possa escolher o meu próprio caminho, decidindo de que modo quero viver com você e se devo ou não casar com você!

— Sue, minha única companheira e minha bem-amada, não forço você a se casar comigo ou a viver de outro modo, bem o sabe! É muito mau, de sua parte, mostrar-se assim tão irritadiça. Agora, não trataremos mais disso e continuaremos tal como estávamos. E durante o resto do passeio conversaremos apenas sobre os campos, os riachos e os planos dos fazendeiros para o ano que vem.

Depois disso, não falaram mais sobre casamento durante vários dias. Embora vivessem separados apenas por um patamar, o problema não saía de suas cabeças. Sue ajudava muito Judas, materialmente. Ele tinha se estabelecido por conta própria, havia pouco tempo, para esculpir monumentos funerários e gravar nomes neles. Trabalhava no pequeno pátio atrás de casa e, no intervalo dos serviços domésticos, Sue traçava as letras em tamanho natural e escurecia-as, depois de ele as ter cortado. Era um ofício mais humilde do que o que tivera quando da restauração da catedral. Seus únicos fregueses eram pessoas da vizinhança que sabiam que Judas Fawley, “escultor de monumentos” (como estava escrito na sua porta) executava por preço módico os túmulos simples que desejavam dedicar aos seus mortos. Mas parecia-lhe ser, assim, mais independente do que antes. E era a única maneira de Sue, que acima de tudo

mais desejava, não lhe ser pesada, poder ajudá-lo.

## II

ERA NUMA tarde do fim do mês e Judas acabava de chegar de uma conferência sobre história antiga. Quando entrou, Sue, que tinha ficado em casa durante a sua ausência, foi preparar a mesa para o jantar. Contra o seu hábito, não disse nada. Judas apanhou um jornal ilustrado que ficou lendo até que, erguendo os olhos, viu que a expressão de Sue estava perturbada.

— Você está triste, Sue? — perguntou ele.

Sue hesitou um momento.

— Tenho um recado para você — respondeu ela.

— Alguém veio me procurar?

— Veio. Uma mulher.

A voz de Sue tremia. De súbito, sentou-se, colocou as mãos nos joelhos e pôs-se a olhar o fogo.

— Não sei se agi bem ou não — continuou ela. — Disse que você não estava em casa e quando ela respondeu que ficaria esperando, acrescentei que acreditava que você não a pudesse receber.

— Por que você disse isso, querida? Imagino que ela quisesse encomendar um monumento. Estava de luto?

— Não, não estava de luto e não queria encomendar monumento algum. E julguei que você não a quisesse receber.

Sue o olhava com um ar implorante.

— Mas quem era? Não disse o nome?

— Não. Não quis dizer o nome. Mas sei quem era... Pelos menos, penso que sim! Arabela!

— Deus me proteja! Para que Arabela veio aqui? Que foi que levou você a pensar assim?

— Ora, é difícil de dizer. Mas sei que era! Senti-o perfeitamente... pela luz dos olhos, quando me olhou. É uma mulher corpu-lenta, vulgar.

— Bem, Arabela não me parece uma mulher verdadeiramente vulgar, exceto no seu modo de falar. É verdade que pode ter-se tornado assim, agora, em consequência de estar trabalhando num *cabaret*.

Antigamente, era uma mulher bastante bonita.

— Bonita! Mas bonita ela é!

— Parece que estou ouvindo um certo tremor na sua voz. Mas deixemos isso de lado. Não representando mais nada para mim e estando casada com outro homem, por que terá vindo nos perturbar?

— Você está certo que ela se casou? Você teve confirmação disso?

— Confirmação, não. Mas foi para isso que me pediu que lhe devolvesse a liberdade. Pelo que compreendi, ela e o tal homem queriam levar uma vida honesta.

— Ó, Judas! Certamente era Arabela! — gritou Sue, escondendo os olhos

com a mão. — E me sinto tão infeliz! Parece um mau presságio, qualquer que seja a razão da vinda de Arabela. É impossível que você a vá receber, não é?

— Realmente, não creio que vá. Seria muito penoso falarmos um com o outro, agora... tanto para mim, quanto para ela. De qualquer modo, ela foi embora. Disse que voltaria?

— Não. Mas só partiu depois de grande relutância.

Sue, que se perturbava com qualquer coisa, nada pôde comer, e Judas, quando terminou o jantar, preparou-se para dormir. Apenas apagara o fogo, fechara a casa e atingira o topo da escada, ouviu uma batida na porta de casa. Sue saiu imediatamente do quarto, onde acabara de entrar.

— Ei-la de novo! — murmurou, em tom apavorado.

— Como sabe você que é ela?

— Reconheci pelo modo de bater.

Ficaram ouvindo e de novo se escutou o mesmo barulho. Como não havia empregada em casa, era preciso que um dos dois abrisse a porta.

— Vou ver pela janela — disse Judas. — Quem quer que seja, não pode esperar ser recebido a esta hora.

Em consequência, entrou no quarto e abriu a janela. A rua, escura, habitada apenas por operários que se deitavam cedo, estava inteiramente vazia, exceção feita de um vulto — o de uma mulher que caminhava de um lado para outro, debaixo de um lampião, a alguns metros de distância.

— Quem está aí? — perguntou Judas.

— É o senhor Fawley? — respondeu a mulher num tom que Judas reconheceu logo ser o de Arabela.

Judas replicou que sim.

— É ela? — perguntou Sue da porta, com os lábios entreabertos.

— Sim, querida — disse Judas. — Que quer você, Arabela?

— Judas, peço desculpas por vir incomodá-lo — disse Arabela, em tom humilde. — Mas vim procurá-lo mais cedo. Se fosse possível, precisava muito falar com você esta noite. Estou em dificuldades e não tenho ninguém que me ajude!

— Você está em dificuldades, é?

— Estou.

Houve um silêncio. Um desarrazoado movimento de simpatia parecia se desenvolver em Judas, àquele apelo.

— Mas você não está casada?

Arabela hesitou.

— Não Judas, não estou — replicou ela, enfim. — Afinal, ele não quis. E, nesse momento, estou em grandes dificuldades. Espero encontrar breve um novo emprego, num bar. Mas isso leva tempo e estou realmente numa grande atrapalhão, em consequência de uma súbita responsabilidade que, vinda da

Austrália, caiu em cima de mim.

Sem o que, creia, não o teria vindo incomodar. Preciso falar com você, a respeito disso.

Sue continuava na expectativa, num penoso estado de tensão, ouvindo cada palavra dita, mas não pronunciando nenhuma.

— Será que você está, por acaso, precisando de dinheiro, Arabela?

— perguntou Judas, num tom nitidamente mais suave.

— Tenho o bastante para pagar o quarto que aluguei, mas não para voltar para casa.

— Onde você está morando?

— Ainda em Londres. — Ia dar o endereço, porém limitou-se a dizer: —

Tenho medo que alguém possa me ouvir, por isso não quero dizer alto detalhes da minha vida particular. Se você pudesse descer e caminhar um pouco comigo, na direção da Hospedaria do Príncipe, onde eu aluguei quarto, explicaria tudo. Você poderia bem vir, em consideração ao passado...

— Pobre criatura, creio que devo fazer-lhe a caridade de ouvi-la — murmurou Judas, muito perplexo. — Já que ela parte amanhã, isso não poderá fazer grande diferença.

— Mas você poderá encontrá-la amanhã, Judas! Não vá agora, Judas! — suplicou uma voz que vinha da porta. — Ora, é apenas uma armadilha, estou certa disso, como já foi da outra vez! Não vá, querido, não vá! Ela é uma mulher de paixões baixas... vejo isso pelo jeito dela, pela voz!

— Contudo, irei — disse Judas. — Não procure me reter, Sue. Deus sabe que não a amo mais agora, mas não quero ser cruel com ela.

Judas tomou a direção da escada.

— Mas ela não é sua mulher! — gritou Sue desarvoradamente. — E eu...

— Você também não o é, querida... ainda não — disse Judas.

— Ó, mas você vai para junto dela? Não vá! Fique em casa! Por favor, por favor, fique em casa, Judas, e não vá ter com ela. Agora, ela é tanto sua mulher quanto eu!

— Ora, ela o é mais do que você, convença-se disso — disse Judas, apanhando o chapéu com decisão. — Pedi a você que o fosse e esperei com a paciência de Jó. E não vejo que tenha obtido alguma coisa com a minha abnegação. Certamente que darei a ela um auxílio e ouvirei o que tão ansiosamente quer me dizer. É o mínimo que posso fazer!

Havia alguma coisa na atitude de Judas a que Sue sabia que era inútil se opor. Assim, não disse mais nada. Voltando para o quarto, humilde como um mártir, ouviu Judas descer a escada, destrancar a porta e fechá-la, depois de ter saído. Com a falta de dignidade de toda mulher que sabe que ninguém a está vendo, Sue também desceu a escada, soluçando desesperadamente. Ficou escutando. Sabia exatamente a distância dali à hospedaria a que Arabela se referira: eram

necessários, mais ou menos, sete minutos para lá chegar, numa passada média, e sete outros para voltar. Se não estivesse de volta dentro de quatorze minutos, é que se tinha detido. Olhou para o relógio. Eram vinte e cinco minutos para as onze horas. Judas *podia* entrar na hospedaria com Arabela, pois lá chegariam antes da hora de fechar. E Arabela poderia arrastá-lo a beber junto com ela. E en-tão, só Deus sabia que desastres poderiam lhe ocorrer.

Imóvel, calada, Sue esperava. Parecia que o prazo estava quase esgotado, quando a porta se abriu de novo e Judas entrou. Sue teve um pequeno grito de êxtase.

— Ó, eu sabia que podia ter confiança em você! Como você é bom! — começou ela.

— Não a pude encontrar em parte alguma, na rua, e eu estava de chinelos. Pobre mulher, já partira, imaginando que eu tivesse sido bastante cruel a ponto de não atendê-la de todo. Voltei para pôr meus sapatos, pois está começando a chover.

— Ora, por que ter tanto incômodo com uma mulher que lhe causou tanto mal! — disse Sue, numa explosão de ciúme e desapontamento.

— Mas, Sue, ela é uma mulher, e eu, outrora, gostei dela. Em circunstâncias dessas, não se pode ser um bruto.

— Ela não é mais sua mulher! — gritou Sue em tom apaixonado. — Você não *deve* ir ter com ela! Não é direito! Você não *pode* ir, agora ela é apenas uma estranha para você. Como pode esquecer isso, meu querido, querido Judas!

— Ela parece ser a mesma de sempre... uma pobre criatura desviada, descuidada, desarrazoada... — disse Judas, continuando a pôr os sapatos. — O que os homens da lei resolveram, em Londres, não traz a menor diferença no que diz respeito às minhas relações reais com ela. Se era minha mulher enquanto vivia com um outro marido, na Austrália, continua a ser minha mulher, agora!

— Mas ela não o era! É isso, justamente, que eu sustento! Nisso está o absurdo da coisa! Escute: você voltará logo, não, querido? Ela é por demais vil, por demais vulgar, para que você fale com ela durante muito tempo! E sempre o foi!

— Talvez também eu seja vulgar... e isso é o pior de tudo! Tenho em mim o germe de todas as enfermidades humanas. Assim o julgo, sinceramente. E foi por isso que compreendi até que ponto ia a minha presunção, quando quis me tornar pastor. Curei-me da embriaguez, creio. Mas, não sei nunca sob que forma um vício escondido pode irromper em mim! Amo você, Sue, se bem que tenha penado tanto para obter de você uma tão pobre recompensa! Tudo o que há de melhor e de mais nobre em mim ama você. E foi a sua libertação de tudo quanto existe de material e de grosseiro no mundo que me elevou a alma e me tornou capaz de fazer aquilo que, há um ano ou dois, não me imaginava capaz de fazer — eu, como nenhum outro homem! É muito bom pregar o controle de si mesmo

ou mostrar a vilania que se comete coagindo uma mulher. Mas queria ver algumas pessoas virtuosas, que outrora me condenaram por causa de Arabela e por outros motivos, na terrível situação em que me vejo, junto de você, há algumas semanas! Creio que conviriam que me impus uma certa restrição, cedendo sempre aos seus desejos... vivendo com você na mesma casa, e sem ninguém entre nós...

— Sim, você foi bom para mim, Judas. Eu bem que o sei, meu querido protetor.

— Pois bem: Arabela recorre a mim. É preciso, pelo menos que eu vá procurá-la e converse com ela, Sue!

— Não posso dizer mais nada! Bem, se você *deve* ir, vá! — exclamou Sue, explodindo em soluços que pareciam rasgar seu coração. — Não tenho ninguém, a não ser você, e você está me abandonando! Não sabia que você era assim... Não posso suportar, não posso! Se ela fosse sua, seria diferente!

— Ou se você fosse.

— Muito bem então... se é preciso, que seja! Desde que você quer que seja assim, consinto. Serei sua. Apenas, não tinha a intenção de ser! E não pretendia também tornar a me casar!... Mas, está certo... consinto, consinto! Deveria ter sabido que você acabaria levando a melhor, vivendo desse modo!

Correu para junto de Judas e passou-lhe os braços em volta do pescoço.

— Não sou uma natureza fria, uma criatura sem sexo, por ter mantido você à distância, sou? Estou certa de que você não acha isso! Você o verá. Pertença realmente a você, não é? Entrego-me.

— E providenciarei tudo para o nosso casamento amanhã de ma-nhã, ou assim que você queira.

— Sim, Judas.

— Então, deixo-a ir — disse Judas, abraçando Sue com suavidade.

— Sinto que seria injusto para com você, vendo-a. E, talvez, para com ela também. Ela não se parece com você, querida, nem nunca se pareceu. É de justiça elementar reconhecer isso. E agora, não chore mais.

Judas beijou Sue num lado do rosto, no outro, no meio, tornou a beijar e, depois, voltou a trancar a porta de entrada.

Na manhã seguinte, chovia.

— Querida — disse Judas alegremente, durante o almoço —, estamos hoje num sábado e tenho vontade de tratar dos proclamas logo, de modo que se possa fazer a primeira publicação amanhã. Sem o que, perderemos uma semana. Proclamas servem? Economizaremos, assim, uma libra ou duas.

Sue concordou com um ar ausente. Estava nesse momento absorta por uma outra ideia. Sua fisionomia não exprimia mais alegria e, sim tristeza.

— Sinto que fui egoisticamente má, ontem à noite! — murmurou ela. — Foi pura maldade... ou, pior do que isso... tratar Arabela como tratei. Não levei



absolutamente em conta a situação em que ela estava e a necessidade que tinha de falar-lhe. Talvez existisse realmente alguma coisa que ela tivesse direito de pedir a você. Imagino que se trate de mais um pouco da minha maldade! O amor tem uma sombria moralidade, quando a rivalidade entra em cena... o meu, pelo menos, tem, se é que o mesmo não acontece ao dos outros... Pergunto-me o que terá acontecido com ela. Espero que tenha chegado à hospedaria sem atrapalhões, pobre criatura!

— Sim, certamente que chegou — disse Judas, calmamente.

— Espero que não tenha encontrado a porta fechada e não tenha tido de dormir na rua. Você se importa, se eu puser minha capa de borracha e for ver se ela chegou bem? Pensei nela durante toda a manhã.

— Mas, será necessário? Você não imagina, em absoluto, como Arabela é capaz de resolver sozinha os próprios problemas. No entanto, querida, se quer mesmo ir e indagar, pode.

Não havia limites para as penitências estranhas e inúteis que Sue humildemente se impunha sempre que ficava naquele humor contrito. Seu instinto era sempre ir procurar toda espécie de criaturas extraordinárias, que outros procurariam evitar. Assim sendo, o seu pedido não surpreendeu Judas.

— E quando voltar — acrescentou Judas —, estarei pronto para ir tratar dos proclamas. Você irá comigo?

Sue concordou e saiu de capa de borracha e guarda-chuva, deixando Judas beijá-la à vontade, e devolvendo-lhe mesmo os beijos de um modo como nunca fizera. Decididamente, os tempos estavam mudados...

— O passarinho está enfim agarrado! — disse Sue, deixando transparecer um pouco de tristeza no sorriso.

— Agarrado, não. Tem um ninho, apenas — assegurou Judas.

Sue caminhou ao longo da rua lamacenta até chegar à hospedaria de que Arabela falara, não muito distante de casa. Disseram-lhe que a moça ainda não havia partido e, não sabendo como se dar a conhecer, mandou-lhe dizer que uma conhecida da rua da Primavera queria falar com ela, dando o endereço de Judas. Fizeram-na subir até o quarto de Arabela, que estava ainda deitada. Sue parou, pronta para ir embora, quando Arabela gritou da cama:

— Entre e feche a porta. — E Sue assim fez.

Arabela estava deitada de face voltada para a janela e não se virou logo. Apesar do seu arrependimento, Sue teve a maldade de desejar que Judas a visse assim, naquele instante, com a luz incidindo diretamente na sua face. De perfil, sob a luz de um lampião, poderia ainda parecer bonita. Mas, de manhã, naquela luz, deixava perceber quanto estava gasta pela vida. E a imagem da sua própria frescura e mocidade, refletida no espelho, tornou Sue alegre até o momento em que raciocinou que se tratava de uma emoção puramente sensual, ficando, por isso, com muita raiva de si mesma.

— Vim apenas para ver se você tinha entrado em casa sem atrapalhões, a noite passada — disse Sue com suavidade. — Tive medo, mais tarde, que lhe tivesse sucedido alguma coisa de mal.

— Ora, com o tudo isso é estúpido! Pensei estar recebendo a visita do... do seu amigo... seu marido... senhora Fawley, não é assim que a senhora se chama a si mesma? — disse Arabela, mergulhando a cabeça no travesseiro num movimento de desapontamento e deixando de manter a covinha que tivera o trabalho de produzir.

— Não, na verdade não me chamo assim — disse Sue.

— Ora, pensei que tivesse tomado esse nome, mesmo não sendo legalmente o seu. A decência é a decência a qualquer hora do dia!

— Não compreendo o que está querendo dizer — respondeu Sue, inflexível. — Ele é meu, se é a isso que você quer chegar!

— Não o era, ontem.

Sue enrubescceu e disse: — Como você sabe disso?

— Pelo seu jeito, quando me falou na porta de casa. Sim, minha cara, não perdeu o seu tempo e imagino que a minha visita de ontem à noite ajudou-a, não? Ah! Ah! Mas, descanse, não quero tirá-lo de você.

Sue olhou a chuva caindo lá fora, a mesa de *toilette* suja, a mecha de cabelos postiços dependurada no espelho como no tempo de Judas, e lastimou ter vindo. Durante essa pausa, alguém bateu à porta e a criada entrou trazendo um telegrama para “a senhora Cartlett”.

Arabela o abriu, e a expressão desagradável da sua fisionomia desapareceu.

— Fico-lhe muito agradecida pela sua ansiedade por mim — disse ela suavemente, quando a empregada saiu — mas não era necessária. O meu homem acaba de descobrir que não pode viver sem mim e consente em manter a promessa que me fez.. casar de novo comigo. Veja, é uma resposta a um telegrama que lhe passei. — Estendeu o telegrama a Sue para que o lesse, mas Sue não o apanhou. — Ele me pede para voltar. Diz que o seu cabarezinho de Lambeth jamais poderia funcionar sem mim. Mas, que não tente se fazer de esperto comigo, quando tiver bebido um gole, e tampouco depois que estejamos unidos pela lei inglesa quanto antes... Agora, uma coisa: se eu fosse você, adularia Judas até ele a levar, de uma vez, ao pastor. E digo isso como amiga, minha cara.

— Judas está pronto a fazer isso, e a qualquer momento! — disse Sue com um orgulho glacial.

— Então, deixe-o fazer, por Deus! A vida com um homem se torna mais prática depois disso. E os negócios de dinheiro se desen-volvem melhor. Depois, veja, se vocês brigarem e ele a puser para fora de casa, você poderá pedir a proteção da lei, o que, de outro modo, será impossível, salvo se ele a arrebanar com uma faca ou quebrar seu crânio com um ferro. E se ele a abandonar —

digo isso amigavelmente, de mulher para mulher, pois não se sabe nunca o que pode passar pela cabeça de um homem — você terá direito aos móveis, sem que possam acusá-la de roubo. Quero me casar ainda uma vez, com o meu homem, agora que ele consente, pois houve uma pequena falha na primeira cerimônia. No meu telegrama de ontem à noite, cuja resposta aí está, dissilhe que quase tinha me reconciliado com Judas. E imagino que isso o tenha assustado. Talvez tivesse me reconciliado mesmo, se não fosse você — disse Arabela, rindo. — E então, agora, como seriam diferentes as nossas histórias!

Não há tolo mais terno do que Judas, quando uma mulher está em situação difícil e o adula um pouco. Exatamente como era, em tempos, em relação aos pássaros e às coisas. No entanto, assim como sucedeu, está tudo tão certo como se eu tivesse me reconciliado com ele. E perdoo a você. E, tal como estava dizendo, aconselho-a a liquidar a questão legalmente, o mais cedo que puder. Você se deparará com uma série de aborrecimentos mais tarde, se não o fizer.

— Eu lhe disse que ele está me pedindo para casar com ele... para fazer do nosso casamento natural um casamento legal — disse Sue, ainda com mais dignidade. — Foi unicamente para atender ao meu desejo que ele não o fez, quando fiquei livre.

— Ah, sim, você é uma mulher exatamente da minha têtpera — disse Arabela, fixando a sua interlocutora num tom de graça e de crítica. — Você largou o seu primeiro marido, tal como eu, não foi?

— Até logo!... Preciso ir embora — disse Sue precipitadamente.

— Também eu preciso me levantar e ir embora! — replicou Arabela, erguendo-se subitamente da cama. Sue estremeceu.

— Meu Deus, sou apenas uma mulher... não um fenômeno extraordinário!... Espere um momento, minha cara — continuou Arabela, pondo a mão no braço de Sue. — Eu, na realidade, queria consultar Judas a respeito de um pequeno negócio meu, tal como disse a ele. Vim mais para isso do que para qualquer outra coisa. Será que ele quererá dar um pulo na estação para falar comigo? Você acha que não, não é? Nesse caso, escreverei a ele. Prefereria não ter de escrever... mas, não importa, escreverei.

### III

QUANDO SUE voltou para casa, Judas a estava esperando, a segurou pelo braço e caminharam em silêncio, um ao lado do outro, como bons companheiros frequentemente o fazem. Judas percebeu que ela estava preo-cupada e timbrou em não lhe perguntar nada.

— Ah, Judas, falei com ela — disse, por fim, Sue. — Antes não o tivesse! Todavia, é bom que certas coisas nos sejam lembradas.

— Espero que ela tenha sido polida com você.

— Foi sim. Eu... eu não posso deixar de gostar dela... um pouquinho, pelo menos. Ela não é uma natureza privada de generosidade. E eu me sinto muito contente que as suas dificuldades tenham acabado, assim subitamente. — Sue explicou, em seguida, que Arabela fora chamada e poderia recobrar uma posição honrosa. — Estava me referindo à nossa antiga questão. O que Arabela me disse fez com que sentisse, ainda mais vivamente do que antes, quanto o casamento legal é uma instituição desesperadoramente vulgar... uma espécie de armadilha para agarrar um homem. Não posso suportar essa ideia. Gostaria de não ter prometido a você deixar correr os proclamas, essa manhã.

— Ora, não se preocupe comigo. A qualquer momento, estará bom para mim. Pensei apenas que você, agora, gostaria de liquidar isso de uma vez.

— Na verdade, não me preocupo mais com isso, agora, do que me preocupava antes. Talvez, com um outro homem, ficasse um pouco ansiosa. Mas, entre as muito poucas virtudes próprias à sua família e à minha, querido, creio que posso citar a constância. Assim, não tenho o menor medo de perdê-lo, agora que sou realmente sua e você é realmente meu. De fato, tenho o espírito mais tranqüilo, porque minha consciência está limpa em relação a Richard, que tem agora direito à sua liberdade. Tinha impressão, antes, que estávamos enganando.

— Sue, quando você fala assim, mais do que uma simples cidadã de um país cristão, parece ser uma daquelas mulheres de uma das grandes civilizações da Antiguidade, das quais eu lia a história naqueles dias longínquos e inúteis durante os quais me entregava ao estudo dos clássicos. Nesses momentos, fico na expectativa de ver você dizer que acabou de conversar com uma amiga encontrada na Via Sacra sobre as últimas novidades a respeito de Octávia ou de Livia, ou de ouvir a eloquência de Aspásia, ou de contemplar Praxíteles esculpindo a sua última Vênus, enquanto Frineia se quei-xava de estar cansada de servir de modelo.

Haviam chegado, nesse momento, à casa do sacristão. Sue recuou, enquanto Judas se aproximava da porta. Sua mão já estava levantada para bater, quando ela exclamou: — Judas!

Judas se voltou.

— Espera um instante, sim?

Ele voltou para junto dela.

— Reflitamos um pouco — disse Sue, timidamente. — Tive um sonho terrível, uma noite... E Arabela...

— Que foi que Arabela disse a você? — perguntou Judas.

— Ó, ela me disse que, quando se está casado de fato, pode-se ser mais eficazmente protegido pela lei quando o homem bate na gente... e que, em caso de briga... Judas, acredita que, quando você tiver sobre mim um direito legal, seremos tão felizes quanto somos, agora? Os homens e as mulheres da nossa família são muito generosos, quando tudo depende da boa vontade deles, mas resistem tremendamente quando constrangidos. Você não teme as atitudes que insensivelmente resultem de uma obrigação legal? Não acha que isso possa vir a destruir uma paixão cuja essência reside na sua gratuidade?

— Palavra de honra, querida, você também está começando a me amedrontar com todas essas previsões! Pois bem, voltemos para casa e reflitamos sobre o assunto.

A expressão de Sue clareou.

— Sim, é isso que devemos fazer — disse ela.

Afastaram-se da porta do sacristão, Sue segurando o braço de Judas e murmurando durante o caminho de volta: *Pode você impedir a abelha de voar pelos ares Ou o pombo-bravo de mudar de cor?*

*Não! Nem o amor encadeado...*

Continuaram a pensar no assunto, ou deixavam para pensar mais tarde. De qualquer modo, adiaram tomar qualquer decisão e pareceram estar vivendo num país de sonhos. Ao fim de duas ou três semanas, as coisas estavam no mesmo e nenhum proclama correra em qualquer paróquia de Aldbrickham.

Enquanto continuavam de adiamento em adiamento, receberam de Arabela, uma manhã, uma carta e um jornal. Reconhecendo a letra, Judas subiu para prevenir Sue no seu quarto, e Sue, assim que se vestiu, desceu às pressas. Sue abriu o jornal. Judas a carta. Depois de ter lançado um olhar, Sue estendeu a Judas a primeira folha, indicando com o dedo um parágrafo. Judas, porém, estava tão absorto com a carta que não levantou logo os olhos.

— Veja! — disse Sue.

Judas olhou e leu. Era um jornal que circulava apenas no Sul de Londres. O aviso assinalado era, simplesmente, o anúncio de um casamento, na igreja de S. João Waterloo Road, entre CARTLETT e DONN.

O par que se unia: Arabela e o dono do *cabaret*.

— Muito bem, é plenamente satisfatório — disse Sue com complacência. — Mas, depois disso, parece-me bastante baixo fazer o mesmo e sinto-me contente... Enfim, ela está garantida, agora, de certo modo, ao que imagino, quaisquer que tenham sido os seus erros, pobre criatura! É mais agradável, para nós, podermos falar assim do que nos sentirmos inquietos por ela. Talvez eu devesse escrever a Richard para saber como ele vai indo, não?

Contudo, a atenção de Judas continuava absorvida pela carta.

Tendo apenas lançado um olhar sobre o anúncio do jornal, disse com uma voz perturbada:

— Escute isso. Que devo responder ou fazer?

TRÊS CHIFRES, LAMBETH

“QUERIDO JUDAS — (Não sou bastante cerimoniosa para chamar você de senhor Fawley). Envio-lhe junto um jornal, por intermédio do qual você ficará ciente de que me casei de novo, com Cartlett, terça-feira última.

Assim, a questão está definitivamente regulada. Mas aquilo sobre o que escrevo hoje a você em particular é a respeito daquela questão íntima sobre a qual queria falar, quando vim a Aldbrickham. Não podia, na verdade, tratar o assunto a contento com a sua amiga, e teria preferido muito falar com você de boca para boca. Teria sido mais fácil de explicar do que por carta. O fato, Judas, é que, embora nunca lhe tenha dito antes, um menino nasceu do nosso casamento, oito meses depois da nossa separação, quando eu vivia em Sydney com meus pais. E tudo isso é fácil de ser provado. Como me separei de você antes de saber que isso ia acontecer, e eu estava longe e tínhamos brigado de um modo violento, não julguei conveniente escrever a você avisando. Como estava procurando arranjar uma boa situação, meus pais ficaram com o menino e, desde então, cuidaram dele. Foi por isso que não falei nada, quando nos encontramos em Christminster, nem durante o desenrolar do nosso processo de separação. Ele está, agora, na idade da razão, e meus pais me escreveram, há pouco tempo, dizendo que, como a vida lá está difícil para eles, e eu estou bem arranjada por aqui, não veem motivo para continuarem sobrecarregados com o menino, os pais dele estando vivos.

Poderia chamá-lo para junto de mim, mas ainda não tem bastante idade para se tornar útil no serviço do bar, em qualquer coisa que seja, nem o terá tão cedo. Assim, naturalmente, Cartlett o consideraria demais. De qualquer modo, eles o mandaram, confiando-o a uns amigos que vinham para a Inglaterra. Assim, tenho que pedir a você que o receba, quando chegar, pois não sei o que fazer dele. Ele é legalmente seu filho, isso eu juro solenemente. Se alguém disser o contrário, pode chamá-lo de um miserável mentiroso. Não importa o que eu tenha feito antes ou depois, fui fiel a você desde o dia que nos casamos até o em que parti. E permaneço sua etc...

ARABELA CARTLETT”.

O olhar de Sue foi de consternação.

— Querido, que é que você vai fazer? — perguntou ela, com voz fraca.

Judas não respondeu, e Sue o olhou ansiosamente, respirando com dificuldade.

— É um golpe duro para mim! — disse Judas a meia voz. — *Pode* muito bem ser verdade. Não tenho meio algum de verificar. Está claro, caso a idade seja

exatamente a que deve ser... Não posso compreender por que ela não me disse isso, quando nos encontramos em Christminster e viemos aqui, naquela noite!... Ah... lembro-me agora que ela falou qualquer coisa a respeito de algo que trazia no coração e gostaria de me dizer, se algum dia tornássemos a viver juntos.

— Ninguém parece querer essa pobre criança! — replicou Sue, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Já então Judas caíra em si.

— Meu filho ou não, que ideia deve ter ele da vida! — falou. — Devo dizer que, se estivesse numa melhor situação, não me deteria nem um só instante em indagar se ele é realmente meu filho. Eu o receberia e educaria. Essa miserável questão de paternidade... que significa ela, afinal? Que importa, quando se reflete bem nisso, que uma criança seja do seu sangue ou não seja? Todos os pequeninos entes do nosso tempo são coletivamente os nossos filhos — de nós, adultos da mesma época — e são confiados ao nosso cuidado comum.

Essa excessiva afeição dos pais pelos seus filhos e a indiferença em relação aos filhos dos outros não é, no fundo, tal como o sentimento de classes, o patriotismo, a preocupação de salvar a própria alma e outras virtudes, senão uma pequenez de alma exclusiva e egoísta.

Sue deu um pulo e beijou Judas com um apaixonado fervor.

— Sim... é isso mesmo, meu muito querido! E nós o receberemos aqui. E se ele não for seu filho, ainda será melhor. Espero que não o seja... ainda que, talvez, eu não devesse ter um sentimento desses! Se não o for, gostarei muito que o recebamos como um filho adotivo.

— Pois bem, minha estranha pequena companheira, é só você supor a respeito dele o que lhe for mais agradável! — disse Judas. — De qualquer modo, parece-me que não gostaria de deixar esse pobre desgraquinho abandonado. Imagine a vida que teria num *cabaret* de Lambeth, com todas as más influências imagináveis, com uma mãe que não quer saber dele e, na verdade, mal o viu até hoje, e com um padrasto que não o conhece? “Que pereça o dia em que nasci e a noite em que se disse: Uma criança foi concebida!” Isso é o que esse menino — *meu* menino, talvez — descubra, por si mesmo, qualquer dia!

— Ó, não!

— E como fui o autor da petição, creio que é a mim que cabe legalmente a custódia.

— De um modo ou de outro, devemos ficar com ele. Sinto isso.

Farei o máximo que puder para ser uma boa mãe, e podemos nos permitir tê-lo em casa. Trabalharei um pouco mais. E me pergunto quando chegará.

— Sem dúvida, dentro de algumas semanas.

— Eu queria... Quando teremos coragem para nos casar, Judas?

— Quando você tiver, eu terei. Depende inteiramente de você, querida. Diga uma palavra apenas, e pronto!

— Antes da chegada do menino?

— Certamente.

— Talvez isso torne o nosso lar mais normal para ele — murmurou Sue.

Então Judas escreveu, em termos puramente formais, pedindo que lhe mandassem o menino assim que chegasse, não fazendo a menor observação sobre a surpreendente revelação de Arabela, nem emitindo uma única palavra de dúvida sobre a paternidade da criança, nem sobre o fato de que, se fosse prevenido, teria podido adotar, em relação a ela, uma conduta diferente.

No dia seguinte, à noite, no trem que devia chegar em Aldbrickham cerca de dez horas, podia-se ver uma fisionomia pálida de criança na semi-obscuridade de um compartimento de terceira classe. Tinha olhos grandes e amedrontados e usava um cachênê de lã branca, por cima do qual se via uma chave, suspensa no seu pescoço por um fio de barbante comum. Algumas vezes a chave refletia a luz da lâmpada, chamando assim a atenção dos viajantes. Na fita do chapéu, haviam preso sua passagem. Seus olhos estavam fixos nas costas da cadeira da frente e não se voltavam para a janela, nem mesmo quando o trem parava numa estação. No outro lado do compartimento, estavam dois ou três viajantes, um dos quais era uma operária que trazia nos joelhos uma cesta dentro da qual havia um gatinho pintado. De quando em quando, a mulher levantava a cobertura da cesta de modo que o gatinho pudesse pôr a cabeça de fora e brincar um pouco. Ao que todos os viajantes se punham a rir, a não ser o menino solitário que, olhando o animal com os seus grandes olhos, parecia dizer mentalmente: “Todo riso vem de um mal-entendido.

Se se olham as coisas como se devam olhá-las, nada há de risível debaixo do sol”.

Nas paradas, o chefe do trem espiava no compartimento e dizia ao menino:

— Tudo certo, meu rapaz. Sua mala está em lugar seguro, no carro de bagagens.

O menino respondia: “Está bem”, sem entusiasmo, e procurava sorrir sem conseguir.

Ele era a idade, fantasiado de juventude e tão mal fantasiado que a sua verdadeira personalidade transparecia através de cada fresta de seu disfarce. Uma profunda vaga, vinda da noite dos anos, parecia aqui e ali levantar a criança na sua vida nascente, e seu rosto como que fitava o oceano dos tempos, sem se importar com o que estava acontecendo à sua volta.

Quando os outros passageiros, um por um, fecharam os olhos, e o próprio gatinho se aninhou no fundo do cesto, cansado de brincar num espaço tão restrito, o menino continuou exatamente na mesma posição. Parecia então duplamente acordado, qual uma divindade escrava e ingênua, passivamente sentado, olhando seus companheiros como se contemplatesse o círculo de suas vidas, mais do que suas figuras próximas.



Era o filho de Arabela. Com o seu habitual descuido, esta esperara a véspera da chegada do pequeno para escrever a Judas, ainda que tivesse sido avisada havia várias semanas e até mesmo fosse a Aldbrickham, tal como dissera, para revelar a Judas a existência do menino e a sua iminente chegada. Assim, na noite mesmo em que Arabela recebeu a resposta de Judas, a criança desembarcava nas Docas de Londres. A família em companhia da qual o menino viajava chamou um carro, introduziu-o nele, deu ao cocheiro o endereço de sua mãe, dissilhe adeus e seguiu o seu caminho.

Quando chegou ao albergue dos Três Chifres, Arabela o olhou com uma expressão que parecia querer dizer: “Você é exatamente o que eu esperava que fosse”. Tendo-lhe dado um bom jantar e um pouco de dinheiro, e apesar de já ser tão tarde, enviou-o a Judas pelo próximo trem, desejando que seu marido Cartlett, que estava fora, não o visse em casa.

O trem chegou a Aldbrickham e o menino foi deixado na plataforma vazia, ao lado de sua mala. O agente apanhou o bilhete e, achando a situação anormal, perguntou-lhe onde ia, sozinho, àquela hora da noite.

— Vou para a rua da Primavera — disse o garoto, impassível.

— Mas, é muito longe daqui. Fica quase no campo e lá, a esta hora, todo mundo deverá estar deitado.

— Tenho que ir.

— Você deve arranjar um carro para transportar sua mala.

— Não. Terei de ir a pé.

— Nesse caso, é melhor deixar a mala aqui e mandá-la buscar depois. Há um ônibus que leva até o meio do caminho, mas, depois, você terá de ir a pé.

— Não tenho medo.

— Por que seus amigos não vieram buscá-lo?

— Creio que não sabem da minha chegada.

— Quem são os seus amigos?

— Minha mãe não quer que eu o diga.

— Então, tudo o que posso fazer é guardar sua mala. E agora, vá o mais depressa possível.

Sem dizer mais nada, o menino saiu para a rua, voltando-se para ver se alguém o seguia ou observava. Depois de ter feito alguns passos, perguntou a direção da rua para onde ia. Disseram-lhe que fosse reto em frente, até os subúrbios da cidade.

O menino saiu numa marcha lenta, mecânica, que tinha qualquer coisa de impessoal... uma espécie de movimento de brisa ou de nuvem. Seguiu rigorosamente as indicações recebidas, sem lançar um simples olhar para parte alguma. Podia-se perceber que suas ideias sobre a vida eram diferentes das ideias dos meninos da região. As crianças principiam prestando atenção aos detalhes, depois é que aprendem a considerar o geral. Começavam com o que os

rodeia, para depois, gradualmente, atingir o universal. O menino parecia ter começado pelas generalidades da vida, sem nunca se ter preocupado com os detalhes. As casas, os chorões, os campos obscuros não eram olhados por ele como residências de tijolos, árvores, campos, mas como formas abstratas de moradia humana, de vegetação, ou o vasto e sombrio universo.

Encontrou o caminho que levava à pequena viela e bateu à porta da casa de Judas. Este acabara de subir para se deitar, e Sue estava prestes a entrar no quarto contíguo, quando ouviu baterem e desceu.

— É aqui que meu pai mora? — perguntou o menino.

— Quem?

— Fawley... é assim que ele se chama.

Sue correu a avisar Judas e este veio, o mais depressa que pôde. Mas, na sua impaciência, Sue achava que ele estava demorando muito.

— Como assim, já é ele.... tão cedo? — perguntou ela, quando Judas apareceu.

Sue examinou as feições do menino e, de súbito, retirou-se para o pequeno salão contíguo. Judas ergueu o menino até o seu nível de altura, olhou-o atentamente com uma ternura cheia de tristeza. Disselhe, em seguida, que o teria ido buscar na estação, se tivesse sabido da sua chegada imediata, sentou-o numa cadeira e foi ter com Sue que, tal como previa, encontrou transtornada, tão viva era a sua sensibilidade. Estava no escuro, inclinada sobre o espaldar de uma cadeira de braços. Enlaçou-a vivamente e, colocando sua face à dela, murmurou: — Que é que há?

— O que Arabela disse é verdade... perfeitamente verdade. Vejo você nele!

— Sim, enfim aí está uma coisa na minha vida que é como devia ser!

— Mas, a outra metade do menino é...! E é isso que não posso admitir. No entanto, devo suportar... e me esforçarei por me habituar a isso. Sim, devo!

— Minha pobre e ciumenta Sue! Retiro tudo o que disse sobre a sua assexualidade. Não se preocupe. O tempo acertará tudo... E, minha querida Sue, tenho uma ideia! Nós o educaremos e instruire-mos visando a universidade. O que não pude conseguir na minha própria pessoa, talvez o consiga nele. Como você sabe, agora, estão fazendo maiores facilidades para os estudantes pobres.

— Sonhador! — disse Sue. E, segurando a mão de Judas, voltou com ele para junto do menino. Este olhou para ela como ela o tinha olhado.

— É você que é, enfim, a minha verdadeira mãe? — perguntou ele.

— Por quê? Será que pareço ser a mulher de seu pai?

— Parece. Exceto que você parece gostar dele e ele de você. Posso chamar você de mamãe?

Nesse momento, o menino teve um olhar implorante e começou a chorar. Ao que Sue não pôde deixar de fazer, imediatamente, o mesmo, sendo por natureza uma harpa que o menor sopro de emo-

ção, proveniente de um outro coração, fazia vibrar tão facilmente.

— Querido, você, se quiser, pode me chamar de mamãe! — disse Sue, encostando a face na do menino para esconder as suas lágrimas.

— Que é que você tem, em volta do pescoço? — perguntou Judas, afetando calma.

— A chave da minha mala que ficou na estação.

Ocuparam-se do menino, fizeram-no jantar e prepararam-lhe uma cama provisória, na qual em breve pegava no sono. Ambos ficaram a olhá-lo dormir.

— Ele chamou você de mamãe duas ou três vezes antes de dormir — murmurou Judas. — Não foi estranho que tivesse feito esse pedido?

— Foi bastante significativo — disse Sue. — Para nós, há mais coisas que procurar nesse pequeno coração faminto do que em todas as estrelas do céu... Suponho, querido, que devemos arranjar coragem e deixar de lado toda essa cerimônia, não? Não adianta nada lutar contra a corrente e sinto-me englobada em toda a espécie feminina. Ó, Judas, você me amará ternamente, depois, não amará? Quero, realmente, ser boa para o menino. Quero ser mãe para ele. E, talvez, o fato de tornarmos legal o nosso casamento me facilite a tarefa.

## IV

O ESFORÇO que fizeram nesse sentido do casamento, ainda que começado na manhã do dia seguinte ao da chegada desse menino esquivo, foi mais deliberado do que o anterior.

Verificaram que o menino tinha o costume de ficar sentado em silêncio, com uma expressão tensa na sua estranha fisionomia e com os olhos fixos em realidades que eles não viam no mundo de coisas materiais que os rodeava.

— Ele tem a face semelhante à da máscara de Melpômene — disse Sue. E, dirigindo-se ao menino, perguntou: — Como é o seu nome, querido? Você já nos disse?

— “Pequeno Pai do Tempo”. É assim que sempre me chamavam.... é um apelido... porque tenho ar de velho, ao que eles dizem.

— E você fala também como velho — disse Sue, em tom terno. — É estranho, Judas, não é, que essas crianças com ar sério e antinatural provenham sempre de pais jovens? Mas, qual é o seu nome de batismo?

— Nunca fui batizado.

— Por que não?

— Porque, se eu morresse em estado de danação, isso faria com que se poupasse o dinheiro de um enterro cristão.

— Nesse caso, você não se chama Judas? — disse o pai, um pouco desapontado.

O menino sacudiu a cabeça negativamente.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Certamente que não — disse rapidamente Sue —, já que ela sempre odiou você.

— Nós o faremos batizar — disse Judas alto e, em aparte, falou para Sue: — No dia em que nos casarmos. — A chegada do menino perturbava Judas.

A situação em que estavam tornava-os tímidos. Tendo a impressão que um casamento diante de um pretor era mais discreto do que diante de um pastor, decidiram evitar a igreja, daquela vez. Foram juntos à pretoria fazer o pedido. Tornaram-se tão bons companheiros que nada podiam fazer de importante a não ser um em companhia do outro.

— Judas Fawley assinou o pedido, enquanto Sue olhava por cima dos seus ombros a mão que traçava as letras. Enquanto lia a folha, até então nunca vista por ela, da qual constava seu nome e o de Judas, e por intermédio da qual seu amor, aquela essência volátil, devia ser tornado permanente, sua fisionomia tomou uma expressão de penosa apreensão. “Nomes e Prenomes das Partes” (eram, agora, partes e não amantes — pensou ela), “Condição” (ideia terrível!), “Situação ou Profissão”, “Idade”, “Moradia”, “Tempo de Habitação”, “Igreja ou Edifício onde deve ser celebrado o Casamento”, “Distrito ou condado onde as partes moram, respectivamente”.

— Isso arrebenta com o sentimento, não é? — disse Sue, ao voltar para casa. — E faz a coisa ainda mais sórdida do que se fosse um contrato assinado na sacristia. Há uma certa poesia numa igreja. Mas, agora, meu muito querido, tentaremos ir até o fim, não?

— Iremos. “Pois que homem é esse que toma uma mulher como noiva e não se casa com ela? Que volte para a sua casa, a não ser que morra na batalha, e que um outro homem tome a mulher por esposa.”

Assim diz o legislador judeu.

— Como conhece bem as Escrituras, Judas! Você realmente devia ter sido pastor. Só posso citar autores profanos.

Durante o período de espera legal antes do casamento, Sue, ao fazer suas compras, passava às vezes diante da pretoria e lançava um furtivo olhar sobre o muro onde estava afixado o anúncio da projetada união entre ela e Judas. Não podia suportar aquela visão. Resultante da sua primeira experiência conjugal, todo o lado romântico da sua afeição por Judas parecia anulado pela razão de o caso presente ser colocado na mesma categoria do antigo. Costumava trazer pela mão o Pequeno Pai do Tempo e imaginava que as pessoas, na rua, o julgavam seu filho e consideravam a cerimônia anunciada como a reparação de uma falta antiga.

Enquanto isso, Judas de certo modo decidia ligar o presente ao passado, convidando para o casamento a única pessoa do mundo que participara da sua vida de antigamente, em Mary green: a velha viúva Edlin que fora a amiga e a enfermeira de sua tia-avó, durante a sua derradeira doença. Não esperava que aceitasse o convite. Contudo, ela veio, trazendo presentes singulares: maçãs, geleias, espevitadeiras de cobre, um prato velho de estanho, um caldeirão, e um enorme saco de penas de pato para fazer um colchão. Deram-lhe o quarto de hóspedes, para onde se retirou bem cedo. De baixo, podia-se ouvi-la recitando conscienciosamente o Padre-Nosso em voz alta, tal como o quer a tradição.

No entanto, como não conseguiu adormecer, e vendo que Sue e Judas estavam ainda acordados — e, na verdade, sendo apenas dez horas da noite — tornou a se vestir, desceu e ficaram todos em vigília à volta da lareira, inclusive o Pequeno Pai do Tempo que, como não falava nunca, passava quase despercebido.

— Na verdade, não sou contra o casamento, como sua tia era — disse a viúva. — E espero que, dessa vez, vocês sejam felizes. Ninguém pode desejar isso mais do que eu, sabendo o que sei da história da família de vocês, e não creio que pessoa alguma viva saiba mais do que eu. Eles foram muito infelizes, casando-se, Deus é testemunho.

Sue não se sentia à vontade.

— Eram pessoas de bom coração, incapazes de matar conscientemente uma mosca — continuou a convidada. — No entanto, tudo sucedeu desastrosamente

para eles, e a menor coisa errada os perturbava profundamente. E foi assim que aquele de quem se conta a história fez o que se diz que ele fez... se é que era realmente de sua família.

— De que se trata? — perguntou Judas.

— Ora, daquela história, você a conhece bem... daquele homem que foi enforcado no alto da colina... não muito longe do limite entre Mary green e Alfredston, no cruzamento dos caminhos. Mas, Deus meu, isso se passou no tempo do meu avô! E, talvez, a pessoa não fosse absolutamente da sua família.

— Conheço perfeitamente o lugar onde se diz que existia a força — murmurou Judas. — Mas nunca ouvi falar nisso. Que foi que fez esse homem... me antepassado e de Sue?... Matou a mulher?

— Não foi exatamente isso. Ela o deixara e fora, com o filho, para a casa de uns amigos. Enquanto lá estava, o menino morreu. O homem queria o corpo da criança para enterrá-lo junto com as pessoas da sua família, e ela não o quis entregar. Então, o marido veio, à noite, com uma charrete e entrou às escondidas na casa para roubar o caixão.

Mas foi surpreendido e, como era teimoso, não quis dizer por que tinha entrado em casa. Foi acusado de roubo e enforcado na colina da Casa Escura. Depois da sua morte, a mulher enlouqueceu. Contudo, ele provavelmente fazia tanto parte da sua família quanto da minha.

Uma voz fraca e lenta se elevou da sombra da lareira, como se saísse da terra:

— Mamãe, se eu fosse você, não me casaria com papai.

Era o Pequeno Pai do Tempo. Todos estremeceram porque tinham se esquecido da sua presença.

— Ora, trata-se apenas de uma história — disse Sue alegremente.

Finda aquela descrição sinistra, feita pela viúva na véspera de uma tal solenidade, levantaram-se os dois e, depois de desejar boa-noite à convidada, retiraram-se.

No dia seguinte pela manhã, Sue, cujo nervoso aumentava com o decorrer das horas, chamou Judas à parte do salão, antes de sair.

— Judas, beije-me como um apaixonado, castamente — disse Sue, aninhando-se-lhe nos braços, toda trêmula e com as pálpebras úmidas. — Não será nunca mais assim, será? Gostaria que não tivéssemos tomado aquela decisão. Mas imagino que seja necessário ir adiante.

Como era horrível aquela história de ontem! Estragou todos os meus pensamentos de hoje. E faz com que tenha a impressão que um destino trágico paira sobre a nossa família como sobre a casa dos Átridas.

— Ou sobre a de Jeroboão — acrescentou o ex-teólogo.

— Sim, e parece uma terrível temeridade, essa de nos casarmos!

Vou me unir a você dizendo as mesmas palavras, sem prestar atenção à

terrível lição que essas experiências nos trouxeram.

— Se você nutre dúvidas, sinto-me desolado com isso — disse Judas. — Esperava que estivesse perfeitamente contente. Mas, se não é assim, acabou-se. O que não adianta é fingir que se sente. É uma coisa penosa para você, e isso a torna penosa para mim também.

— Tudo isso me lembra, desagradavelmente, aquela outra ma-nhã... e é só — murmurou Sue. — Agora, partamos.

Partiram, andando de braço, em direção à pretoria, sem levar outra testemunha a não ser a viúva Edlin. O tempo estava frio e sombrio e um compacto nevoeiro invadia a cidade. Nos degraus da pretoria viam-se as marcas de lama deixadas pelas pessoas que tinham entrado e, na porta, encontravam-se guarda-chuvas molhados.

Na sala, diversas pessoas estavam reunidas, e os dois perceberam que se achava em andamento um casamento entre um soldado e uma moça. Sue, Judas e a viúva ficaram no fundo da sala, enquanto esse casamento se processava, e Sue se pôs a ler os anúncios de casamentos, nas paredes. A sala parecia lúgubre a duas pessoas com o temperamento deles, ainda que nada tivesse de anormal para quem estivesse habituado a frequentá-la. Uma das paredes estava coberta de livros de direito, em encadernações mofadas. Em outros lugares, viam-se anuários dos correios e registros de toda espécie. Maços de papéis, amarrados com fitas vermelhas, estavam empilhados pelos cantos e, um pouco menos à vista, viam-se cofres-fortes. O assoalho de madeira, tal como os degraus da escada, estava cheio de manchas de lama.

O soldado estava de mau humor e respondia a contragosto. A moça, triste e tímida. Evidentemente, via-se na iminência de se tornar mãe e tinha um olho machucado. O problema dos dois foi logo resolvido e saíram com os amigos. Uma das testemunhas, ao passar, disse a Sue e a Judas, como se já se conhecessem: — Veja o casal que acaba de entrar. Ah! Ah! O homem saiu da prisão esta manhã. Ela foi buscá-lo na porta da cadeia e touxe-o diretamente para aqui. É ela quem está pagando tudo.

Sue voltou a face e viu um homem de mau aspecto, cabeça raspada, acompanhado por uma mulher de cara larga, com sinais de bexigas, a quem o álcool e a satisfação de ver seus desejos realizados tornavam rubicunda. Saudaram em tom jocoso o casal que saía e passaram em frente de Judas e de Sue, cuja desconfiança aumentava. Esta última deu um passo atrás e olhou para o seu apaixonado, fazendo um trejeito de boca como uma criança que está a ponto de arrebentar em soluços.

— Judas, não gosto deste lugar! Preferia que não tivéssemos vindo! Causa-me horror! Parece tão anormal, como clímax para o nosso amor! Gostaria que tivesse sido numa igreja, se é que tinha de ser em alguma parte. Não é tão vulgar.

— Minha queridinha — disse Judas —, como você está pálida e perturbada!

— Não... Talvez não.

Judas foi falar com o empregado e logo voltou.

— Creio que somos obrigados, agora, a nos casar aqui, não?

— Não, não somos obrigados a nos casar aqui, nem em parte alguma, a não ser que o queiramos. E isso, mesmo agora — disse Judas.

— Poderemos nos casar na igreja, se não com o mesmo certificado, pelo menos com outro, que nos dará, ao que imagino. De qualquer modo, querida, vamos sair daqui até você ficar mais calma e eu também. Então, falaremos sobre o assunto.

Saíram furtivamente, como verdadeiros culpados, fechando a porta sem barulho e dizendo à viúva, que ficara no vestibulo, que voltasse para casa e lá ficasse, esperando-os. Se precisassem, recorreriam a qualquer transeunte ocasional como testemunha. Uma vez fora da pretoria, seguiram uma rua pouco frequentada, onde ficaram andando acima e abaixo, como o haviam feito muito tempo antes, no mercado de Melchester.

— Agora, querida, que vamos fazer? Sinto que estamos atrapa-lhando tudo. No entanto, *qualquer coisa* que seja do seu agrado, será também do meu.

— Mas, Judas querido, estou lhe aborrecendo! Você queria que fosse aqui, não queria?

— Bem, para dizer a verdade, quando entrei, tive a impressão de que não me importava muito. O lugar me deprimiu quase tanto quanto a você. Era feio. E, então, pensei no que me tinha dito essa manhã a respeito de se devíamos vir ou não.

Andaram ao acaso, até que Sue parou e a sua voz fraca recomeçou:

— Parece-me uma tal fraqueza vacilar assim! E, no entanto, é de tal modo preferível a agir precipitadamente pela segunda vez!...

Como aquela cena me foi penosa! A expressão daquele flácido rosto de mulher que vinha se entregar àquele preso, não por algumas horas, tal como era o seu desejo, mas para a vida toda, conforme o seu dever! E a outra pobre alma... para escapar a uma vergonha convencional real de se submeter a um tirano que a despreza... quando a sua única possibilidade de salvação seria evitar esse homem para todo o sempre... Essa é a igreja da nossa paróquia, não é? Seria aqui que tudo se passaria, se tivéssemos agido de acordo com o costume? Parece que está se celebrando um officio ou alguma outra coisa.

Judas foi olhar, da porta.

— Ué, é também um casamento — disse ele. — Todo mundo parece estar nos imitando, hoje.

Sue atribuiu o fato ao fim da Quaresma, que costumava ocasionar uma série de casamentos.

— Vamos espiar — disse ela — e ver que reação provoca em nós um casamento realizado numa igreja.



Entraram, sentaram-se num banco do fundo e observaram o que se passava no altar. O casal que se estava casando parecia pertencer à classe média, e a cerimônia não oferecia nenhum interesse especial.

Viam as flores tremer nas mãos da noiva, ouviram-na recitar maquinalmente palavras cujo sentido não parecia chegar ao seu cérebro.

Sue e Judas escutavam e, frequentemente, um e outro se reviam no passado, assumindo os mesmos compromissos.

— Não é a mesma coisa para ela, pobre criatura, que seria para mim, nas mesmas condições, com toda a minha experiência de agora, — disse Sue, em voz baixa. — Você veja, eles são novatos e consideram o cerimonial como uma coisa perfeitamente natural. Mas, tendo consciência da sua terrível solenidade, como nós temos por experiência... ou como eu, pelo menos, tenho... me parece realmente imoral recommençar tudo de novo. Vir até aqui e olhar tudo isso me amedrontou tanto, em relação ao casamento religioso, quanto o outro espetáculo, em relação ao casamento civil... Somos um par fraco, trêmulo, Judas. E o que inspira confiança aos outros, a mim só me produz dúvidas... sinto-me incapaz de tornar a assumir aquele compromisso sórdido!

Em seguida, tentaram rir e continuaram a discutir, aos cochi-chos, sobre o que tinham diante dos olhos. E Judas confessou que também ele achava que eram ambos por demais sensíveis, que nunca deviam ter nascido e, ainda menos, ter-se reunido para a mais perigosa das aventuras, em se tratando deles: o casamento.

Sue estremeceu e perguntou-lhe, seriamente, se achava de verdade que eles não deviam assinar aquele novo contrato para a vida.

— Seria terrível se, julgando que não somos bastante fortes para isso, mesmo assim você tivesse a intenção de nos deixar fazer juramentos falsos — disse Sue.

— Já que você me pergunta, confesso que sim — disse Judas. — Lembre-se disso, querida: farei como você quiser. Somos ridiculamente sensíveis. E é isso, Sue, o que nos impede de agir.

— Imagino que haja mais pessoas como nós do que realmente pensamos.

— Bem, isso não sei. Sem dúvida, a ideia do contrato é boa e certa para muitas pessoas. Mas, no nosso caso, pode ir contra o seu próprio fim, porque somos as criaturas esquisitas que você sabe... criaturas nas quais relações domésticas obrigatórias acabam com a cordialidade e a espontaneidade.

Sue continuava a sustentar que nada de estranho ou de excepcional havia nisso, todos sendo assim.

— Todo mundo está começando a sentir como nós. Estamos um pouco em avanço, e nada mais. Daqui a cinquenta, ou mesmo vinte anos, os descendentes daquele casal agirão e sentirão ainda mais avançadamente do que nós. Verão a triste humanidade com mais vivacidade ainda do que nós.

— “Foram semelhantes às nossas, horrorosamente multiplicadas” e terão

medo de se reproduzir.

— Que verso terrível!... embora, nos meus momentos de morbi-dez, tenha sentido isso em relação aos meus semelhantes.

Ficaram falando desse modo, em tom baixo, até que Sue disse, em tom mais alegre:

— Bem, o problema geral não é de nossa conta e por que havere-mos de nos preocupar com ele? Por mais diferentes que as nossas razões sejam, chegamos sempre à mesma conclusão: para o nosso caso particular, um compromisso irrevogável é arriscado. Portanto, Judas, vamos para casa sem matar o nosso sonho! Sim? Como você é bom, meu amigo; satisfaz todos os meus caprichos!

— Eles se harmonizam muito bem com os meus.

Judas deu um beijo em Sue detrás de uma coluna, enquanto a atenção geral estava tomada pela entrada do cortejo nupcial na sacristia e, em seguida, os dois saíram. Perto da porta, esperaram até que os noivos aparecessem. Sue suspirou.

— As flores na mão da noiva parecem tristemente a guirlanda que adornava as bezerras oferecidas em sacrifício, na Antiguidade!

— Mesmo assim, Sue, não é pior para a mulher do que para o homem.

É isso que certas mulheres não conseguem ver. Por isso, em lugar de protestar contra as condições do casamento, protestam contra o homem, contra a outra vítima... exatamente como se uma mulher, numa multidão, invectivasse o homem que a empurra, quando ele, na verdade, não é senão o impotente transmissor de uma pressão exercida por outros.

— Sim, algumas agem assim, em vez de se unirem com o homem contra o inimigo comum: a coerção social.

Nesse momento, os recém-casados já haviam partido. Os dois se afastaram com o resto dos espectadores.

— Não, não nos casemos — continuou Sue. — Pelo menos, agora não.

Chegaram em casa e, ao passar diante da janela de braço dado, viram a viúva que os olhava.

— Muito bem — exclamou ela, ao vê-los entrar —, quando vi vo-cês chegarem tão amorosamente pensei: “Enfim, eles se decidiram!”.

Em poucas palavras, Judas e Sue e informaram de que nada haviam feito.

— Como assim, vocês não o fizeram? É o cúmulo que eu tenha vivido tanto para ver estragado por vocês dois um ditado tão bom quanto este: “Case-se às pressas e arrependa-se com todo o vagar!”. Já é mais que tempo de voltar para Marygreen, se é a isso que levam as ideias novas! No meu tempo, ninguém pensava em ter medo do casamento, nem de outras coisas, a não ser de uma bala de canhão ou de uma despensa vazia. De fato, quando eu e o meu pobre marido nos casamos, não demos ao fato mais importância do que daríamos a uma partida de dados.

— Não diga nada ao menino, quando ele chegar — murmurou Sue,

nervosamente. — Pensará que tudo sucedeu bem e não convém que fique surpreso e inquieto. Naturalmente, foi apenas adiado, para que pudéssemos refletir melhor. Se somos felizes assim, que mal faz isso aos outros?

A TAREFA de um narrador de estados de alma e de ações não exige que ele exprima suas opiniões pessoais a respeito da grave controvérsia que se acabou de relatar. Que o casal era feliz — entre períodos de tristeza — isso era indiscutível. E, quando ficou provado que a inesperada aparição do filho de Judas não constituía um acontecimento perturbador, tal como se havia temido, mas, ao contrário, trazia para a vida dos dois um interesse novo, e de natureza nobre e generosa, a felicidade do casal pareceu antes aumentada do que diminuída.

Evidentemente, para criaturas tão inquietas e conscienciosas como eles, a vinda do menino trazia consigo muita preocupação em relação ao futuro, principalmente por isso que ele parecia desprovido de todas as esperanças habituais à infância. Contudo, o casal procurou afastar, pelo menos provisoriamente, qualquer projeto por demais preciso.

Há no norte do Wessex uma velha cidade de nove ou dez mil almas que se pode chamar de Stoke-Barehills. Apresenta uma velha igreja seca e pouco atraente, e subúrbios novos com casas de tijolo, num terreno coberto de campos de trigo, quase no centro de um triângulo imaginário cujos vértices seriam as cidades Aldbrickham, Wintoncester e a importante estação militar de Quarterhot. É atra-vessada pelo caminho principal, que vem de Londres na direção oeste, perto de um ponto onde a estrada se bifurca, aliás para se unir novamente umas vinte milhas adiante. Essa bifurcação e essa reunião davam lugar, antes do aparecimento do caminho de ferro, a intermináveis discussões quanto à escolha de uma ou outra dessas estradas. A questão está hoje inteiramente morta. E, provavelmente, nem um único habitante de Stoke-Barehills sabe que os dois caminhos que se separaram na sua cidade acabam por se encontrar um com o outro, pois, na atualidade, ninguém mais percorre a estrada principal que vai para o oeste.

O lugar mais conhecido de Stoke-Barehills, no momento, é o seu cemitério, situado perto da estrada de ferro, no meio de pitorescas ruínas da Idade Média. As capelas, os túmulos e os monumentos modernos têm o ar de intrusos, no meio das antigas muralhas em ruínas e cobertas de hera.

No entanto, num certo dia do ano ao qual chegou agora a nossa narração, no princípio do mês de junho, o aspecto da cidade desperta-va pouco interesse entre os numerosos visitantes que chegavam de trem.

Era a semana da Grande Feira Agrícola do Wessex, cuja vasta área se estende até além dos subúrbios da cidade como as tendas do acampamento de um exército sitiante. Filas de tendas, barracas, cabanas, pavilhões, arcadas, pórticos, e tudo mais que existe em matéria de construções provisórias, cobrem então os verdes campos, numa superfície de uma meia milha quadrada, e a massa de visitantes atravessa a cidade em bloco, caminhando diretamente para a exposição agrícola.

É o dia popular — o dia de um xelim. Entre os diversos trens que traziam os excursionistas, dois, vindos de direções diferentes, entraram nas duas estações contíguas quase ao mesmo tempo. O primeiro, como muitos outros que o haviam precedido, chegava de Londres. O outro, por um caminho secundário, de Aldbrickham. Do trem que vinha de Londres, desceu um casal: o homem, pequeno, balofo, com ventre proeminente e pernas curtas, semelhante a um pião colocado em cima de duas cavilhas, acompanhado por uma mulher bonita e de faces vermelhas, vestida de preto, coberta da ca-beça aos pés de joias que a faziam brilhar como se estivesse revestida de uma cota de malhas.

Correram os olhos em derredor. O homem estava prestes a chamar um carro, como outras pessoas já o tinham feito quando a mulher exclamou: — Não tenha tanta pressa, Cartlett! A feira não fica muito longe daqui. Podemos ir andando pela rua. Talvez, pelo caminho, eu possa encontrar algum móvel de ocasião ou algum vaso de porcelana. Há anos que não venho aqui... desde o tempo em que estava empregada em Aldbrickham e costumava passear, às vezes, com o meu namorado.

— Você não pode levar móveis para casa, num trem de excursão

— disse, com voz grossa, o marido, proprietário da hospedaria dos Três Chifres, em Lambeth.

Haviam vindo, ambos, daquela hospedaria situada no “local esplêndido, muito populoso e amante do álcool”, onde viviam desde que este anúncio para lá os atraíra. O aspecto do patrão evidenciava que tal como os seus fregueses, sofria a influência do álcool que vendia.

— Nesse caso, mandarei levar, desde que encontre alguma coisa que valha a pena — disse a mulher.

Avançavam ao acaso, quando, mal tinham chegado à cidade, a atenção da mulher foi despertada por um jovem casal, acompanhado por uma criança, que saía da segunda estação, onde parara o trem de Aldbrickham. Caminhavam bem na frente dos hospedeiros.

— Deus meu! — disse Arabela.

— Que é que há? — perguntou Cartlett.

— Sabe você quem é esse casal? Não está reconhecendo o homem?

— Não.

— Pelas fotografias que mostrei a você, não está?

— É Fawley?

— Claro que sim!

— Muito bem. Imagino que ele aspirava a alguma coisa no gêne-ro daquilo que todos nós queremos.

O interesse de Cartlett por Judas, qualquer que tivesse sido quando Arabela ainda constituía uma novidade para ele, tinha visivelmente diminuído desde que seus encantos e suas idiossincrasias, suas mechas de cabelo postiço e suas

covinhas provocadas se haviam tornando para ele uma história mais do que sabida.

Arabela regulou seu passo e o do marido de modo a ficar bem atrás dos três outros, o que era fácil de conseguir sem que se o notasse, dado o acúmulo de transeuntes. Suas respostas às perguntas de Cartlett eram vagas, pois o grupo que ia diante dela a interessava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Eles parecem gostar muito um do outro e do filho também — disse o taverneiro.

— *Filho!* Não é filho deles — exclamou Arabela, com uma estranha violência. — Não estão casados há bastante tempo para que possa ser filho deles!

Mas, ainda que o instinto maternal a tivesse impelido a rejeitar a suposição do marido, Arabela, refletindo bem, não se mostrou disposta a ser mais franca do que era necessário. Para Cartlett, o filho do primeiro casamento de sua mulher só podia estar com os avós, nos antípodas.

— Com efeito. Ela parece quase uma menina.

— São apenas namorados, ou recém-casados, e têm somente a custódia do menino, como é fácil de ver.

A multidão continuava a avançar. Sue e Judas, o casal em questão, tinham decidido aproveitar essa Exposição Agrícola, realizada a vinte milhas do lugar onde moravam, para se divertirem e fazerem um pouco de exercício, instruindo-se sem grandes despesas. Não pensando somente neles, resolveram levar o Pequeno Pai do Tempo, para tentar, de todos os modos, despertar o seu interesse e fazer com que risse como os outros meninos, embora representasse um obstáculo à liberdade e à alegria sem limites nas quais residia, para eles, o maior encanto da excursão. Cedo porém deixaram de olhá-lo como um observador e, acreditando-se entre estrangeiros, continuaram a andar preocupados apenas um com o outro. Sentiam-se mesmo mais em liberdade do que se estivessem em casa. Sue, com o seu vestido novo, leve e ágil como um passarinho, o polegar colocado no cabo da sombrinha branca, mal parecia estar tocando a terra: dir-se-ia que, ao mais leve sopro de vento, voaria, por sobre a cerca, para o campo vizinho. Judas, com a sua roupa dos domingos, mostrava-se verdadeiramente orgulhoso da sua companhia, menos ainda pela sua beleza física do que pelos seus modos e palavras efetuosas. O entendimento entre eles era tão completo que os dois se compreendiam tão bem por um gesto ou um olhar quanto pelas palavras. E essa harmonia quase os tornava as duas partes de um todo único.

O casal, acompanhado pelo menino, entrou pela borboleta da porta. Arabela e o marido os seguiram de perto. No interior do recinto, a mulher do taverneiro viu que os dois se ocupavam muito com o menino, mostrando-lhe e explicando-lhe as diversas coisas que apresentavam interesse. Uma expressão de tristeza apontava em suas fisionomias a cada nova tentativa fracassada de despertá-lo de sua indiferença.

— Como ela se interessa por ele! — exclamou Arabela. — Não, suponho que não sejam casados... não se ocupariam tanto um com o outro, se o fossem...

— Mas, pensei que você me tivesse dito que ele havia casado com ela, não?

— Sabia, apenas, que tinha intenção disso, e nada mais... recomeçando uma tentativa que fracassara uma ou duas vezes. No que diz respeito a eles, parece que se julgam os únicos existentes, aqui na feira. Teria vergonha de me tornar tão ridícula, se fosse ele!

— Não vejo nada assim de tão extraordinário na conduta deles.

Jamais teria notado que estavam apaixonados um pelo outro, se você não me tivesse dito.

— Você nunca vê nada — acrescentou Arabela.

No entanto, a opinião de Cartlett sobre os dois amantes ou recém-casados era, indiscutivelmente, a da multidão, cuja atenção de modo algum parecia atraída pelo que o olhar agudo de Arabela notara.

— Ele está sob o encanto dela, como se se tratasse de uma fada! —

continuou Arabela. — Repara como olha para ela, como os olhos de-le descansam nela. Estou inclinada a crer que ela não gosta tanto dele quanto ele. A meu ver, ela não é uma criatura especialmente terna, se bem que se preocupe muito com ele... tanto quanto disso é capaz. E ele poderia fazer o coração dela sangrar um pouco, se tentasse, mas é por demais ingênuo para isso. Agora, eis que estão entrando no alpendre dos cavalos de tração. Vamos lá.

— Não quero ver os cavalos. E o que aqueles dois fazem não é da nossa conta. Se viemos para ver a feira, vejamos a nosso jeito e deixemos que eles o façam a seu modo.

— Seja. E se combinássemos nos encontrar daqui a uma hora... por exemplo, naquela barraca onde estão servindo refrescos? Assim cada um de nós poderia espiar as coisas que nos interessam.

Cartlett não fez objeção alguma, e eles se separaram, o homem se encaminhando para o pavilhão onde se mostravam os diferentes processos de fabricar cerveja, e Arabela tomando a direção que Sue e Judas haviam seguido. Antes que os tivesse alcançado, deparou com uma face sorridente e reconheceu Anny, a sua companheira de mocidade.

Diante desse encontro casual, Anny estourou uma ruidosa gar-galhada.

— Continuo a viver lá — disse ela, assim que se recompôs. — Vou me casar breve, mas o meu prometido não pôde me acompanhar, hoje. Viemos em bando, pelo trem de excursão, embora, no momento, esteja perdida do resto do pessoal.

— Você encontrou Judas e a sua jovem companheira, ou mulher, ou o que quer que ela seja dele? Acabo de vê-los.

— Não. Há anos que não ponho os olhos nele!

— Pois olhe, estão bem perto daqui. Sim... estão ali... junto daquele cavalo cinzento.

— Ah, é a sua atual companheira... mulher, não foi o que você disse? Ele se casou de novo?

— Não sei.

— Ela é bonita, não?

— Sim... Nada de extraordinário, porém. Nada em que se possa confiar muito. Uma mulher magra e nervosa desse jeito!

— Também ele é um rapaz bonito. Você não o devia ter largado, Arabela.

— Talvez, mais tive de largar.

Anny riu.

— Sempre a mesma, Arabela. Sempre querendo um homem diferente do que tem.

— Seja, mas que mulher não quer, gostaria de saber! E, quanto àquela critura que vai com ele... ela não conhece o que é amor... pelo menos, o que eu chamo amor! Posso ver pela cara que não sabe.

— Talvez, minha querida Arabela, você ignore o que ela chama de amor.

— Certamente que não desejo saber!... Ah... estão entrando na seção das Artes. Gostaria também de ver alguns quadros. E se fossemos lá? Veja, é de se dizer que todo o Wessex está aqui hoje! Ali está o doutor Vilbert. Há anos que não o vejo e não parece estar nem um dia mais velho do que quando costumava encontrá-lo. — Como vai o senhor, doutor? Estava acabando de dizer que o senhor não parece nem um dia mais velho do que quando me conheceu, em menina.

— Minha senhora, unicamente como consequência de ter tomado as minhas pílulas com regularidade. Apenas dois xelins e seis *pences* a caixa... eficiência garantida pelo selo do governo! E deixe-me agora lhe aconselhar a que consiga a mesma imunidade contra os estragos do tempo, seguindo o meu exemplo. Somente dois xelins e três *pences*.

O médico tirara do bolso do colete uma caixa de pílulas e persuadiu Arabela a comprá-la.

— Neste momento — continuou ele, depois que as pílulas foram pagas — a senhora tem uma vantagem sobre mim... Mas, é a senhora Fawley, antigamente senhorita Donn, das circunvizinhanças de Marygreen?

— Sim, mas, agora, sou a senhora Cartlett.

— Ah... a senhora o perdeu, então? Era um rapaz cheio de futuro! Um aluno meu, como a senhora sabe. Ensinei-lhe as línguas mortas. E a senhora pode me acreditar: em pouco tempo, sabia quase tanto quanto eu.

— Eu o perdi, sim. Mas, não do modo que o senhor pensa — disse Arabela secamente. — A lei nos separou. Ali está ele, veja o senhor, vivo e alegre, ao lado daquela moça, entrando no pavilhão das Artes.

— Deus meu! E parece gostar dela.

— Dizem que são primos.



— Imagino que esse parentesco tenha sido muito cômodo para eles, não?

— Sim. E sem dúvida foi assim que o marido dela pensou quando a divorciou. Vamos olhar os quadros, também nós?

O trio atravessou o gramado e entrou. Judas e Sue, acompanhados pelo menino, alheios ao interesse que estavam despertando, tinham parado na outra extremidade do pavilhão, frente a um modelo que examinaram com grande atenção durante muito tempo, antes de ir adiante. Arabela e seus amigos por sua vez lá chegaram e viram que trazia esta inscrição: “Modelo do Colégio Cardinal, em Christminster, por J. Fawley e S. F. M. Bidehead”.

— Estavam admirando a própria obra — disse Arabela. — Judas é sempre o mesmo... sempre pensando em colégios e em Christminster, em vez de cuidar dos seus negócios!

Passaram rapidamente diante dos quadros e foram para o coreto onde se encontrava a banda de música. Estavam parados há já algum tempo, ouvindo uma marcha militar, quando Judas, Sue e o menino entraram pelo outro lado. Arabela pouco importaria que eles a reco-nhecessem. Mas estavam por demais interessados nas suas próprias vidas, debaixo da transposição emocional que a banda militar opera-va, para reconhecê-la sob o pequeno véu que lhe cobria o rosto. Ela contornou a multidão atenta e passou por detrás dos apaixonados, cujos movimentos exerciam sobre ela, naquele dia, uma inesperada fascinação. Examinando-os de perto, notou que a mão de Judas procurara a de Sue e que os dois estavam muito juntos um do outro, como que para esconder, ao que imaginavam, essa muda expressão da compreensão mútua existente entre eles.

— Que bobos! Parecem duas crianças! — murmurou Arabela para si mesma, enquanto se juntava aos seus companheiros, ao lado dos quais ficou num silêncio eivado de preocupações.

Enquanto isso, Anny, brincando, chamava a atenção de Vilbert para o interesse cheio de inveja que Arabela nutria pelo seu primeiro marido.

— Diga, senhora Cartlett — falou o doutor em aparte a Arabela —, desejará a senhora qualquer coisa nesse gênero? Não é um produto da minha farmácia regular, mas, às vezes, me pedem coisas assim. — Mostrou um pequeno frasco cheio de um líquido claro. — É um filtro de amor, tal como era usado, com grande eficácia pelos antigos. Descobri-o estudando seus escritos e nunca ouvi dizer que tivesse falhado.

— De que é feito? — perguntou Arabela com curiosidade.

— Bem... de uma destilação de sucos de coração de pombos... eis um dos ingredientes. São necessários quase cem pombos para dar o conteúdo deste pequeno frasco.

— Como consegue o senhor pombos em número suficiente?

— É um segredo. Apanho um pedaço de sal mineral, coisa da qual os pombos gostam extraordinariamente, e ponho-o num pombal no meu telhado. Dentro de

poucas horas, acorrem pombos de todos os cantos do horizonte — leste, oeste, norte e sul — e, assim, consigo a quantidade que quero. Para empregar o líquido, é preciso derramar dez gotas no copo do homem em questão. Mas, se falo isso com a senhora, é porque concluo das suas perguntas que quer comprar um vidro. É preciso ter fé em mim.

— Muito bem, quero mesmo comprar um vidro... para dar a uma de minhas amigas, para que experimente no seu apaixonado. — Deu cinco xelins, preço pedido, e guardou o filtro no seu espaçoso regaço.

Em seguida, pretextando ter de encontrar o marido, dirigiu-se para a tenda dos refrescos, lançando um último olhar sobre Judas, Sue e o menino, que divisou no pavilhão de horticultura, de pé perto de um tufo de roseira em flor.

Ficou alguns minutos observando e, num estado de espírito não muito amigável, foi encontrar o marido. Achou-o no bar, sentado num banquinho, conversando com uma das garçonetes que o tinham servido.

— Eu pensava que você tivesse já bastante disso em casa! — observou Arabela, em tom sombrio. — Certamente você não fez cinquenta quilômetros para passar do seu próprio bar para um outro!

Vamos, venha me mostrar a feira, como os outros homens fazem com as suas mulheres. Que diabo, é de se dizer que você é um jovem celibatário que só tem de cuidar de si mesmo!

— Mas, combinamos nos encontrar aqui. E que poderia eu fazer senão esperar?

— Bem, agora que nos encontramos, vamos — replicou Arabela, pronta para travar disputa até com o sol pelo simples fato de estar brilhando sobre ela.

Deixaram a barraca juntos, num estado de espírito ruim, querelante como costuma ser o da média dos maridos e das mulheres da cristandade.

Enquanto isso, o casal excepcional e o menino se deixavam ficar no pavilhão das flores — aos seus olhos, um palácio encantado. As faces pálidas habituais de Sue refletiam o tom das rosas que contemplavam, pois os espetáculos divertidos, o ar puro, a música e a alegria de um dia de passeio com Judas a haviam excitado e faziam seus olhos brilhar. Adorava rosas. E o que Arabela vira fora Sue reter Judas, quase a contragosto, para saber o nome dessa e daquela variedade, aproximando sua face a uma pOLEDada das rosas para sentir-lhes o perfume.

— Gostaria de colar minha face... nessas rosas queridas! — dissera Sue. — Mas, creio que é contra o regulamento tocá-las, não é, Judas?

— É sim, meu bebezinho! — respondeu Judas. E, em seguida, empurrou-a de brincadeira, de modo que seu nariz roçou as pétalas.

— O guarda vai nos pegar e direi que foi culpa de meu marido.

Sue, então, olhou para Judas e sorriu-lhe de um modo que foi muito significativo para Arabela.

— Você se sente feliz? — murmurou Judas.

Sue fez que sim com a cabeça.

— Por quê? Porque você veio à Grande Feira Agrícola do Wessex... ou porque *nós* viemos?

— Você está sempre procurando me fazer confessar toda sorte de absurdos. Foi, naturalmente, pelo fato de estar me instruindo ao ver todas essas charruas a vapor, debulhadoras, esse porcos, vacas, carneiros.

Judas ficou perfeitamente satisfeito com a resposta da sua sempre evasiva companheira. Mas, quando já tinha esquecido que fizera uma pergunta, e pelo fato de ele não esperar mais pela resposta, Sue continuou:

— Tenho a impressão que voltamos à alegria dos gregos, que fecha-mos nossos olhos à doença e à tristeza, e esquecemos o que vinte e cinco séculos ensinaram à humanidade desde essa época, como disse uma das suas luzes de Christminster... No entanto, há uma sombra próxima... apenas uma. — E Sue olhou para a criança avelantada que não tinha conseguido fazer se interessar por coisa alguma, ainda que a tivesse trazido diante de tudo quanto podia agradar a uma inteligência jovem.

Adivinhava ele, porém, tudo o que diziam e pensavam.

— Papai e mamãe, tenho muita, muita pena — disse ele. — Mas, por favor, não fiquem aborrecidos com isso! Nada posso fazer. Gostaria muito das flores, muito mesmo, se não ficasse todo o tempo pensando que dentro de alguns dias elas estarão todas murchas!

## VI

A VIDA que o casal levava, que passara despercebida, começou, desde o dia do casamento falhado, a ser observada e discutida por outras pessoas, além de Arabela. Os habitantes da rua Primavera e os das circunvizinhanças não compreendiam, e nunca poderiam ser levados a compreender, os sentimentos particulares de Sue e de Judas, sua situação, suas emoções, seus temores. Os fatos estranhos representados pela chegada de uma criança que chamava Judas de papai e Sue de mamãe, e pela interrupção da cerimônia do casamento, junto aos rumores que haviam circulado dos seus divórcios, só podiam ter uma única significação para aquelas almas simples.

O Pequeno Pai do Tempo — pois, ainda que tivesse oficialmente recebido o nome de Judas, o apelido tão adequado lhe ficara — ao voltar para casa da escola, à noite, repetia as perguntas e as observações que lhe faziam os outros meninos. E isso causava a Sue e a Judas, quando o ouviam, grande tristeza e sofrimento.

O resultado foi que, pouco depois da tentativa falhada de casamento, o casal se ausentou por alguns dias — para Londres, ao que se acreditava —, deixando alguém tomando conta do menino. Quando voltaram, deixaram entender, com uma indiferença completa e um ar de náusea, que estavam, enfim, legalmente casados. Sue, que antes fora chamada de senhorita Bridhead, adotou então abertamente o nome de senhora Fawley. Sua atitude triste, intimidada e inquieta, pareceu, durante algum tempo, provar a veracidade do fato.

Mas o erro (como foi chamado) de se terem casado tão secretamente manteve muita coisa do mistério de suas vidas. E eles verificaram que não haviam progredido tanto, nas suas relações com os vizinhos, quanto esperavam. Um mistério vivo não era menos interessante do que um escândalo morto.

O filho do açougueiro e do merceeiro que, antes, tiravam galantemente o chapéu diante de Sue, quando vinham trazer compras, deixaram, desde essa época, de lhe prestar essa homenagem. E as mulheres dos operários da vizinhança olhavam fixamente o solo, quando passavam por ela.

Ninguém a molestava, é verdade. Mas uma atmosfera opressora começou a cercar suas almas, principalmente depois da excursão à Feira, como se essa visita os tivesse submetido a alguma influência diabólica.

E eles tinham um temperamento precisamente feito para sofrer dessa atmosfera que não podia aliviar com declarações vigorosas e francas. A aparente tentativa de reparação viera tarde demais para ser eficaz.

As encomendas de monumentos e epitáfios diminuíram. Dois ou três meses mais tarde, quando veio o outono, Judas percebeu que teria de voltar a trabalhar como diarista, contingência tão mais desgraçada quando não tinha ainda regulado as dívidas contraídas para pagar as custas do processo de divórcio.

Uma noite, estava jantando com Sue e com o menino.

— Estou pensando — disse ele a Sue — que não continuarei mais aqui. É certo que essa vida nos convém. Mas, se pudéssemos ir para um lugar onde não fôssemos conhecidos, sentiríamos o coração mais leve e teríamos melhores possibilidades. Assim, receio muito que tenhamos de largar isso, por mais maçante que seja para você, querida!

Sue ficava sempre muito comovida quando se via tratada como um objeto de piedade. Uma lágrima lhe veio aos olhos.

— Na verdade, não me sinto zangada — declarou ela, ao fim de um instante. — Sinto-me, apenas, muito deprimida pelo modo pelo qual me olham aqui. No entanto, você manteve essa casa unicamente para mim e para o menino! Pessoalmente, não faz questão disso e a despesa é desnecessária. Mas, qualquer coisa que façamos, não importa onde tenhamos de ir, você não tirará o menino de mim, não, Judas querido? Agora, não o posso deixar mais! A nuvem que obscu-rece o espírito dele torna-o tão emocionante aos meus olhos! Espero, um dia, ainda poder dissipá-la. E ele gosta tanto de mim! Você não o tirará de mim não?

— Certamente que não, minha menina querida! Arranjaremos um bom alojamento não importa onde formos. Provavelmente terei de mudar muito de lugar... arranjando um emprego aqui, outro acolá.

— Também eu farei qualquer coisa, naturalmente, até... até que... Já que não posso mais me tornar útil desenhando letras para você, forçoso será que volte a minha atividade para um outro setor qualquer.

— Não se preocupe com empregos — disse Judas, num tom de lástima. — Não quero que o faça. Na verdade, preferiria que não, Sue. Cuidar do menino e de você própria já é suficiente.

Bateram à porta e Judas foi abrir. Sue pôde ouvir a conversa:

— O senhor Fawley está em casa?... Biles e Willis, empreiteiros, mandaram-me saber se o senhor quer aceitar a tarefa de refazer o texto dos Dez Mandamentos, numa pequena igreja que acabaram de restaurar, aqui na vizinhança.

Judas refletiu um pouco e disse que podia aceitar.

— Não é um trabalho muito artístico — continuou o mensageiro.

— O pastor é um homem muito antiquado e recusou-se a permitir que se fizesse alguma coisa mais na igreja, além de uma limpeza e de uns reparos indispensáveis.

“Velho formidável!”, pensou Sue que, sentimentalmente, se opunha aos horrores das restaurações excessivas.

— As tábuas dos Dez Mandamentos se encontram na extremidade leste da igreja — continua o mensageiro — e é preciso que sejam refeitas, de modo a ficar de acordo com o resto do muro, já que o pastor não quer que sejam levadas como materiais velhos, a serem entregues ao empreiteiro, segundo o costume.

Resolveram a questão do preço e Judas foi para dentro de casa.

— Veja você — disse alegremente —, em qualquer caso, teremos a igreja inteira para nós, já que o resto do trabalho está terminado. No dia seguinte, Judas foi à igreja que distava apenas duas milhas. Verificou logo que era verdade o que o empregado do empreiteiro lhe dissera.

As Tábuas da Lei Judaica lá estavam severamente encimando os instrumentos da graça cristã como o principal ornamento do fundo do santuário, no seu belo estilo frio do século passado. Dali não podiam ser retiradas para conserto. Uma parte delas, comida pela umidade, exigia renovação. Quando isso foi feito e o resto limpo, Judas recomeçou a inscrição. Na manhã seguinte, Sue veio para ver em que podia ser útil e, também, porque ambos gostavam de estar juntos.

O silêncio e a solidão da igreja lhes deram confiança e, de pé num andaime seguro e baixo que Judas construíra, e onde, no entanto, hesitou em subir, Sue começou a pintar as letras da Primeira Tábua, enquanto Judas fazia reparações numa parte da Segunda. Sue se sentia muito satisfeita com a sua habilidade. Adquirira-a quando pintava textos iluminados para a loja de objetos religiosos de Christminster. Parecia que ninguém devesse vir perturbá-los. E o agradável gorjeio dos pássaros, o fremir da folhagem de outubro, chegavam até eles por uma janela aberta e se misturavam às suas palavras.

No entanto, não deviam ficar assim contentes e em paz por muito tempo. Cerca de meio-dia e meia, ouviram passos lá fora. O velho vigário e o seu fabricante entraram e, vindo examinar o trabalho, mostraram-se surpresos por verem que uma moça estava ajudando Judas. Passaram a uma outra ala da igreja e, no mesmo momento, a porta se abriu de novo e surgiu uma nova figura... pequena dessa vez, a do Pequeno Pai do Tempo, que estava chorando. Sue lhe dissera onde a podia encontrar, caso o quisesse, no intervalo das aulas. Ela desceu do andaime e perguntou:

— Que é que há, meu querido?

— Não pude ficar na escola, almoçando, porque eles disseram...

Contou, então, como alguns meninos tinham caçoado dele por causa da sua mãe adotiva. E Sue, aflita, testemunhou sua indignação a Judas que continuava no andaime. O menino foi para o pátio e Sue voltou ao seu trabalho. Nesse ínterim, a porta se abriu de novo e a mulher que limpava a igreja entrou, de avental branco, com ar ocupado. Sue a reconheceu, pois ela possuía amigos na rua da Primavera, onde frequentemente ia. A limpadora olhou para Sue, abriu a boca e levantou as mãos para o céu. Evidentemente, identificara a companheira de Judas, tão bem quanto esta a reconhecera. Em seguida, vieram duas senhoras que, depois de terem falado com a mulher, se aproximaram também e contemplaram, de baixo, a mão de Sue traçando as letras, analisando, em tom crítico, toda a sua pessoa que ficava em relevo sobre o muro branco. Por fim,

Sue ficou tão nervosa que tremia a olhos vistos.

Voltaram, depois, para onde os outros estavam, falando a meia-voz. Disse uma delas, sem que Sue pudesse distinguir qual era: — Suponho que seja mulher dele, não?

— Uns dizem que sim. Outros, que não — replicou a limpadora.

— Não? Mas, devia ser... ou de alguém mais... é claro!

— Só se casaram há algumas semanas, se é que se casaram.

— Estranho casal para pintar as Duas Tábuas! Espanto-me que Biles e Willis tenham pensado em empregar pessoas assim!

O fabricante sugeriu que Biles e Willis podiam nada saber de desfavorável a eles, e a senhora que falara com a limpadora explicou o que quisera dizer, quando chamara o casal de pessoas estranhas.

O assunto provável daquela conversa a meia-voz tornou-se evidente quando o fabricante, num tom que todo mundo podia ouvir na igreja, começou a contar uma anedota, visivelmente inspirada pela situação momentânea: — Vejam, é uma coisa curiosa, mas meu avô me contou uma história escabrosa, um caso muito imoral que sucedeu quando estavam sendo pintados os Mandamentos numa igreja de Gaymead... fica a um passo daqui. Nessa época, os Mandamentos eram geralmente escritos em letras douradas, sob fundo negro, e assim podiam ser vistos, na igreja de que falei, antes de ela ser reconstruída. Foi há cerca de uns cem anos que esses Mandamentos foram gravados, exatamente como os nossos sendo repintados, e tiveram que mandar buscar homens de Aldbrickham para fazer o trabalho. Queriam que o serviço estivesse concluído num determinado domingo e, por isso, os operários tiveram que trabalhar até tarde no sábado à noite, a contragosto, pois as horas suplementares não eram pagas, então, como o são hoje. Não havia verdadeira religião no país, nessa época, nem entre pastores, nem entre clérigos, nem no povo, e assim, para manter os homens no trabalho, o vigário teve de dar-lhes muita bebida durante a tarde. Como a noite avançasse, mandaram buscar eles próprios mais bebida, principalmente rum. Já era muito tarde e os operários estavam cada vez mais bêbados, até que, por fim, instalaram suas garrafas e copos sobre a mesa da Comunhão, avançaram um ou dois bancos, instalaram-se neles confortavelmente e serviram-se, ainda, copiosas doses. Segundo narra a história, assim que haviam esvaziado o primeiro copo, caíram todos sem sentidos. Quanto tempo ficaram nesse estado, não o sabem dizer. Mas, quando voltaram a si, havia lá fora uma tempestade terrível e pareceu-lhes ver, na obscuridade, uma sombria silhueta, de pernas finas e pés estranhos, em pé na escada, terminando o trabalho deles. Quando o dia raiou, puderam verificar que a tarefa estava realmente terminada e que nada mais tinham a fazer ali. Voltaram para casa. Pouco depois, souberam que houvera um grande escândalo na igreja, naquela manhã de domingo: quando o ofício começou, os presentes viram que os Dez Mandamentos estavam pintados

sem nenhum dos “Nãos”. As pessoas de bem não quiseram mais assistir ao serviço e o bispo teve de ser chamado para consagrar de novo a igreja. Essa é a história, tal como eu a ouvi na minha infância. Aceitem-na como quiserem, mas, como já disse, o caso de hoje fez-me lembrar-la.

Os visitantes lançaram um último olhar, como para ver se Judas ou Sue tinham também omitido os “Nãos” e, em seguida, saíram da igreja, a limpadora por último. Judas e Sue, que não haviam cessado de trabalhar, mandaram o menino de volta para a escola e ficaram sem dizer palavra, até que, olhando para Sue de perto, Judas percebeu que ela estivera chorando em silêncio.

— Não se importe, camarada! — disse ele. — Sei bem o que isso é.

— Não posso suportar que essas pessoas... que todo mundo ache os outros culpados, só porque escolheram viver a seu modo! São realmente esses julgamentos que perturbam as pessoas mais bem-intencionadas e terminam por torná-las imorais!

— Não se deixe abater! Era apenas uma narração engraçada.

— Sim, mas fomos nós que a sugerimos! Vindo aqui, receio ter prejudicado você, Judas, em vez de ter ajudado!

Terem evocado uma história como aquela certamente não era muito agradável, se considerassem seriamente a posição em que estavam. No entanto, depois de alguns instantes, Sue pareceu ver o lado cômico de tudo aquilo e, enrugando os olhos, pôs-se a rir.

— É engraçado, apesar de tudo — disse ela — que, entre todas as pessoas do mundo, sejamos nós dois, com a nossa estranha aventura, que tenhamos arranjado este trabalho! Você, um réprobo... e eu... nas minhas condições!... Ó meu Deus!

Com a mãos tapando os olhos, Sue riu de novo, em silêncio e sem parar, até que as forças lhe faltaram para continuar.

— Assim é melhor — disse Judas alegremente. — Estamos de novo prontos para recomeçar, não estamos, querida?

— Sim, mas, de qualquer modo, é sério — suspirou Sue, retomando o pincel. — Mas, você vê, eles acham que não somos casados. Eles não *querem* acreditar nisso! É formidável!

— Pouco me importo que acreditem ou não — disse Judas. — E não farei o menor esforço para que acreditem.

Sentaram-se para almoçar. Tinham trazido a comida para não perder tempo e, assim que terminaram a refeição, preparavam-se para retomar o trabalho, quando um homem, no qual Judas reconheceu o empreiteiro Willis, entrou na igreja. Fez um sinal para Judas e falou-lhe à parte.

— Veja, acabo de receber uma reclamação a seu respeito disse Willis, num tom bastante atrapalhado. — Não quero discutir o fundo da questão — naturalmente, não sabia o que se passava —, mas receio ter de pedir a vocês dois



para cessar o trabalho e deixar que um outro o acabe! Será melhor, para evitar qualquer espécie de aborrecimento. Pagarei a sua semana inteira, do mesmo modo.

Judas era por demais altivo para reclamar. Assim, o empreiteiro lhe pagou e foi embora. Judas juntou os seus utensílios e Sue limpou o seu pincel. E, então, seus olhares se encontraram.

— Como fomos nós... bastante ingênuos... para imaginar que pudéssemos fazer esse trabalho! — disse Sue, com o seu costureiro acento trágico. — Naturalmente, não devíamos... eu não devia... ter vindo!

— Não tinha a menor ideia que alguém pudesse vir se intrometer num lugar tão solitário e nos visse! — replicou Judas. — Bem, querida, nada podemos contra isso. E eu não desejo trazer prejuízo ao negócio de Willis, permanecendo aqui.

Ficaram passivamente sentados por alguns segundos, depois saíram da igreja e, apanhando o menino na escola, retomaram, pensativos, o caminho de Aldbrickham.

Judas se interessava sempre por tudo que dizia respeito à educação e, naturalmente, dela se ocupava ativamente, na limitada medida dos seus meios, todas as vezes que a ocasião se apresentava. Fazia parte de uma Sociedade de Progresso Mútuo para Artífices, estabelecida na cidade mais ou menos no momento da sua chegada.

Seus membros eram jovens de todos os credos, inclusive pastores, congregacionistas, batistas, unitaristas, positivistas e outros. Dos agnósticos apenas se começava a ouvir falar, nessa época — o desejo comum de alargar o espírito sendo suficiente para promover a união entre eles. A cotização era pouco elevada e o lugar de reunião acolhedor. A atividade de Judas, seus conhecimentos acima do comum e, mais que tudo, sua especial intuição do que devia ser lido e do melhor modo de aproveitá-lo — adquirida durante os anos de luta contra o destino adverso — fizeram com que fosse escolhido para a comissão diretora.

Poucas noites depois de ter sido despedido, e antes de ter encontrado novo trabalho, compareceu a uma reunião da citada comissão. Quando lá chegou, era tarde. Todos os outros membros já tinham chegado e, quando entrou, olharam-no desconfiadamente e mal lhe deram uma palavra de boas-vindas. Adivinhou que qualquer coisa a seu respeito havia sido discutida. Depois de ter regulado algumas questões sem importância, descobriu-se que o número de subscrições diminuiria subitamente, naquele bairro. Um dos membros — na verdade um homem justo e bem-intencionado — pôs-se a falar, por enigmas, sobre determinadas causas possíveis. Tornava-se necessário examinar com cuidado os regulamentos. Porque, se a comissão não era respeitada e não tinha, apesar das diferenças de opiniões, pelo menos uma linha de conduta comum, a instituição não poderia resistir. Nada mais foi dito em presença de Judas, mas ele compreendeu o que

aquilo significava. Aproximando-se da mesa, escreveu um bilhete pedindo demissão do lugar que ocupava.

Assim, o casal por demais sensível cada vez mais se sentia impellido a partir. Acumularam-se contas e um problema se colocou: que fim poderia Judas dar à velha e pesada mobília de sua tia, se deixasse a cidade para viajar daqui para ali e dali para mais adiante? Isso e a necessidade premente de dinheiro compeliram Judas a fazer um leilão, apesar de preferir muito guardar aqueles móveis veneráveis.

O dia do leilão chegou e Sue preparou, pela última vez, o almoço dos três, na casa que Judas mobiliara. Aconteceu ser um dia de chuva. Além disso, Sue não se sentia bem e não queria abandonar o seu pobre Judas em tão tristes circunstâncias, pois ele devia permanecer, por algum tempo, em casa. Seguiu, pois, o conselho do leiloeiro e fechou-se num quarto do andar superior, de onde tinham sido tirados os móveis. Foi aí que Judas a descobriu. E, junto com o menino, algumas poucas malas, cestas, embrulhos, e mais duas cadeiras e uma mesa que não figuravam no leilão, ficaram sentados, conversando e meditando.

Ouviram-se em breve os passos na escada dos que chegavam para examinar os móveis, alguns dos quais eram tão antigos e curiosos que adquiriam o valor adventício de objetos de arte. Duas ou três vezes tentaram abrir a porta do quarto onde estavam e, para se proteger contra qualquer tentativa de intrusão, Judas escreveu “Privado” num pedaço de papel e colocou-o do lado de fora.

Dentro em breve, Sue e Judas perceberam que os supostos compradores não se ocupavam com os móveis, mas com a própria história deles dois, discutindo o passado de ambos de um modo inesperado e absolutamente intolerável. Foi só então que descobriram quanto se haviam enganado vivendo como que em sonho e se julgando ignorados por todos. Sue segurou em silêncio a mão do companheiro e, de olhos fixos um no outro, ouviram as diversas observações dos que passavam — a personalidade estranha e misteriosa do Pequeno Pai do Tempo constituindo uma espécie de tema fundamental em todas aquelas alusões e insinuações. Por fim, o leilão começou na sala de baixo, de onde lhes chegava o barulho da adjudicação: os objetos familiares passavam um por um, os mais apreciados por eles se vendendo mal e aqueles aos quais não davam grandes valor atingindo preços inesperados.

— As pessoas não nos compreendem — suspirou Judas pesadamente. — Sinto-me contente por termos decidido partir.

— Mas o problema é saber para onde ir.

— Devia ser para Londres. Lá cada um pode viver como quer.

— Não, querido, Londres não! Conheço bem a cidade. Poderemos ser infelizes lá.

— Por quê?

— Você não sabe por que?

— Porque Arabela está lá?

— Essa é a principal razão.

— Mas, no interior do país, recearei sempre que se repita a nossa última experiência. E não me interessa, para diminuir esse risco, ter de explicar, entre outras coisas, a história desse menino. Para fazer com que esqueça o passado, resolvi guardar silêncio. Fiquei desgostoso em relação ao trabalho em igrejas e não gostaria de aceitá-lo, se me oferecessem.

— Você deveria ter estudado escultura clássica. Afinal, o gótico é uma arte de bárbaros. Pugin estava errado e Wren certo. Lembre-se do interior da catedral de Christminster — quase o lugar em que nos vimos pela primeira vez. Debaixo do pitoresco dos detalhes normandos pode-se adivinhar a infantilidade grotesca de um povo inculto que ensaia imitar as formas romanas desaparecidas, conser-vadas apenas por uma vaga tradição.

— Sim, você já quase me converteu a esse ponto de vista, pelo que me disse anteriormente. Mas pode-se trabalhar numa coisa e, ao mesmo tempo, desprezá-la. Tenho que trabalhar em algo, seja escultura gótica ou não!

— Desejaria que encontrássemos, ambos, uma ocupação na qual não se levassem em conta questões íntimas — disse Sue, sorrindo tristemente. — Estou tão desqualificada para o ensino quanto você para a arte religiosa. Você terá que se atirar sobre as estações, pontes, teatros, *music-halls*, hotéis, enfim, sobre tudo que não tenha nada a ver com a boa conduta.

— Não é muito o meu gênero... Deveria ter-me tornado padeiro.

Como você sabe, fui criado numa padaria, com minha tia. Mas, mesmo um padeiro tem que se submeter às convenções, se quiser ter fregueses.

— A não ser que estabeleça uma barraca de doces e pães de mel nas feiras e nos mercados, lugares onde se é de uma indiferença perfeita por tudo quanto não é a qualidade das mercadorias.

Foram arrancados desses pensamentos pela voz do leiloeiro:

— Agora, este banco de carvalho antigo... exemplar único do velho mobiliário inglês e que merece a atenção de todos os colecionadores.

— Era de meu bisavô — disse Judas. — Gostaria de ter podido guardar essa pobre velharia!

Um por um, os móveis partiam, enquanto a tarde passava. Judas, Sue e o menino começavam a ficar cansados e a ter fome. Mas, depois das conversas que tinham ouvido, sentiam-se envergonhados de sair, antes de os compradores terem ido embora. Por fim, chegou a vez dos últimos lotes. Tornava-se necessário sair, dentro em pouco, apanhando chuva, de modo a levar as coisas de Sue para o alojamento provisório.

— Agora, o último lote: dois casais de pombos, todos vivos e gordos... com que fazer um ótimo pastelão para o próximo domingo.

Essa venda constituiu a mais dura prova de toda a tarde. Eram os favoritos de

Sue, e o fato de não poder guardá-los foi para ela mais penoso do que a perda de toda a mobília. Procurou reter as lágrimas, quando ouviu o preço insignificante no qual avaliaram os seus queridos pombos e que subiu, por pequenas etapas, até a adjudicação. O comprador era um vendedor de aves da vizinhança. Deviam, pois, sem sombra de dúvida, morrer antes do próximo dia de mercado.

Vendo que Sue procurava esconder sua tristeza, Judas a beijou e disse que já estava na hora de ele ir ver se os quartos alugados estavam prontos. Iria com o menino e logo viria buscá-la.

Tendo ficado sozinha, Sue esperou pacientemente, mas Judas não voltou. Por fim, partiu, o caminho já estando livre. Passando diante da casa do vendedor de aves, viu o pombos num cesto, junto à porta.

A emoção de vê-los, junto à obscuridade crescente da noite, fez com que tivesse um gesto impulsivo: olhando rapidamente à volta de si, puxou a cavilha que prendia a coberta do cesto. Em seguida, continuou o seu caminho. Logo a coberta foi levantada de dentro para fora e os pombos voaram fazendo um barulho de asas que trouxe o vendedor à porta da casa, onde se pôs a reclamar e a lançar imprecações.

Sue chegou, toda trêmula, ao quarto que Judas e o menino procuravam tornar confortável.

— Os compradores pagam antes de levar o que compram? — perguntou, sem poder respirar.

— Creio que sim. Por quê?

— Porque, nesse caso, fiz uma coisa muito má! — E Sue contou tudo com um arrependimento cheio de amargor.

— Deverei pagar ao vendedor de aves, caso ele não agarre os pombos — disse Judas. — Mas, não se preocupe. Não se aborreça com isso, querida.

— Foi tão tolo de minha parte! Mas, por que a lei da natureza tem de ser sempre a matança mútua?

— É sempre assim, mamãe? — perguntou o menino atento.

— É! — disse Sue com veemência.

— Pois bem, eles agora vão jogar a sua sorte, pobres coitados! — disse Judas.

— Assim que tiver recebido o dinheiro do leilão e tiver pago nossas contas, partiremos.

— Para onde iremos? — perguntou o Pequeno Pai do Tempo, inquieto.

— Devemos partir com destino ignorado, para que ninguém nos possa seguir... Não deveremos ir para Alfredston, nem para Melchester, nem para Shaston, nem para Christminster. Fora esses, poderemos ir para qualquer outro lugar.

— Por que não deveremos ir para esses lugares, papai?

— Por causa de uma nuvem que se formou sobre nossas cabeças, embora não tenhamos prejudicado ninguém, corrompido ninguém, enganado ninguém!

Talvez por isso tenhamos feito aquilo que, aos nossos próprios olhos, parecia justo fazer.

## VII

NUNCA MAIS, a partir daquele dia, Judas Fawley e Sue foram vistos em Aldbrickham.

Ninguém sabia para onde tinham ido e ninguém se preocupava em sabê-lo. Quem tivesse a curiosidade de indagar o paradeiro daquele obscuro casal, poderia descobrir, sem grande dificuldade, que se haviam aproveitado da grande habilidade profissional de Judas para abraçar uma vida de constantes mudanças, quase nômade, que não deixava de apresentar atrativos, por algum tempo.

Onde quer que Judas ouvisse falar em possibilidade de trabalho, para lá se dirigia, escolhendo, de preferência, lugares bem distantes daqueles em que já estivera com Sue. Apegava-se a uma tarefa, longa ou curta, e trabalhava até terminá-la. Depois, seguia adiante.

Assim se passaram dois anos e meio. Às vezes, era encontrado consertando as esquadrias de uma casa de campo, outras vezes colocando o parapeito de um edifício público, ou ainda pavimentando um hotel em Sandbourne, ou um museu em Casterbridge, outras vezes bem mais longe, em Exonbury, ou mesmo em Stoke-Barehills. Depois, ainda esteve na próspera cidade de Kennetbridge, que distava cerca de doze milhas de Marygreen, e esse foi o máximo que se aproximou da aldeia onde era conhecido. Porque tinha uma aversão doentia pela ideia de que aqueles que o haviam conhecido, na época da sua mocidade ardente de estudos e promessas e na de sua rápida e infeliz experiência conjugal, pudessem questioná-lo sobre sua vida e situação.

Em alguns desses lugares, detinha-se meses a fio, em outros apenas algumas semanas. A estranha e súbita aversão por qualquer trabalho religioso, quer episcopal, quer não-conformista que nele despertara quando sofria por se sentir incompreendido, permanecera depois que recobrou seu sangue frio, não tanto pelo receio de uma nova censura, como por um exagero de escrúpulos que lhe impedia de ganhar a vida das mãos daqueles que condenavam seu procedimento. E, também, devido à contradição existente entre sua crença primitiva e sua atual religião. Restavam-lhe apenas vestígios daquela fé que o levava até Christminster. Estava se aproximando do estado de espírito em que Sue se encontrava, quando a conhecera.

Numa noite de sábado do mês de maio, quase três anos depois do dia em que Arabela reconheceu Judas e Sue na Feira Agrícola, alguns daqueles que ali se tinham visto encontraram-se novamente.

Era a Feira da Primavera, em Kennetbridge, e, embora esta festa tradicional tivesse perdido muito da sua antiga importância, a rua, comprida e reta, apresentava um aspecto festivo, por volta do meio-dia. Nesse momento, um leve carrinho, vindo do norte, entrou na cidade e se dirigiu, em meio a outros veículos, até a porta de um café que não servia bebidas. Duas mulheres saltaram dele. A que viera dirigindo era uma camponesa de aparência vulgar; a outra, de

corpo esbelto, usava um longo véu de viúva. Seu costume, preto e bem talhado, destoava um pouco naquele ambiente agitado de feira de província.

— Vou procurar informar-lhe do lugar exato, Anny — disse a viúva à sua companheira, depois que um homem se aproximara para levar o cavalo e o carrinho — e, em seguida, voltarei para encontrar você aqui. Então, entraremos para tomar alguma coisa. Estou começando a me sentir como se fosse desmaiar.

— Com todo prazer — replicou a outra —, embora tivesse preferido muito ir ao Checkers ou ao Jack. Não se consegue grande coisa nesses cafês que não servem bebidas.

— Ora, não se deixe levar pela gula, minha filha — disse a viúva, em tom de reprovação. — Este é o lugar que nos convém. E está entendido: encontrar-nos-emos dentro de meia hora, a menos que venha comigo procurar onde fica a nova capela.

— Não faço questão de ir. Depois você poderá me contar tudo.

As duas companheiras se separaram. A de luto seguiu num passo firme, indiferente à multidão. Indagou de uns e de outros e, por fim, chegou a um tabique de madeira, onde escavações indicavam os alicerces de uma construção. Em um ou dois grandes anúncios afixados na madeira, podia-se ler que a pedra fundamental da capela seria lançada naquela tarde, às três horas, por um pregador de Londres, muito famoso no seu meio.

Ciente disso, a viúva, coberta de longos véus, voltou sobre seus passos e pôs-se a observar o movimento da feira. No fim de um certo tempo, sua atenção foi chamada por uma pequena barraca de pães e bolos, em meio a outras mais pretensiosas com estacas e toldos. Cobria-a um pano imaculado e, atrás do balcão, estava uma mulher, jovem, aparentemente com pouca experiência daquele negócio, e que era ajudada por um menino com aspecto de um velho.

— Juro por minha alma! — murmurou a viúva para si mesmo. — Esta é Sue, mulher dele... é ela mesmo! — Aproximou-se da barraca.

— Como está, senhora Fawley? — disse docemente.

Sue ficou lívida, ao reconhecer Arabela através do véu de luto.

— Como vai, senhora Cartlett? — respondeu secamente. Mas, em seguida, e a despeito de si mesma, reparando no vestuário de Arabela, sua voz tomou um tom mais amigável. — O que, a senhora perdeu...

— Meu pobre marido. Sim. Morreu de repente, há seis semanas, não me deixando em muito boa situação, embora tivesse sido sempre bom para mim. No negócio de licores, os lucros, quaisquer que sejam, vão sempre para quem os fabrica e não para quem os vende... E você, meu menino, imagino que não me conheça, não é?

— Conheço sim. A senhora é a mulher que eu pensava que era minha mãe, até que soube que não era — replicou o Pequeno Pai do Tempo, em cuja fala já se reconhecia, bem espontânea, a pronúncia do Wessex.

— Está bem, não importa. Sou uma amiga.

— Judazinho — chamou Sue subitamente —, vai até a estação com esta bandeja que, eu creio, ainda há um trem por chegar.

Depois que o menino se retirou, Arabela prosseguiu:

— Pobre pequeno, nunca conseguirá ser uma beleza, não é verdade?! Saberá ele que sou sua verdadeira mãe?

— Não, apenas desconfia que há algum mistério a respeito de seu nascimento. Quando crescer mais um pouco, Judas lhe contará toda a verdade.

— Mas, por que razão você está nesse ramo de negócio? Sinto-me surpresa.

— Trata-se de uma ocupação passageira. Uma fantasia nossa, enquanto estamos atravessando um mau momento.

— Então você ainda vive com ele?

— Sim.

— Casada?

— Claro!

— Tem filhos?

— Dois.

— E, pelo que vejo, um terceiro, para breve.

Sue padecia com este questionário direto e seco. Sua boca suave e pequenina se pôs a tremer.

— Deus meu, que motivo há para você chorar? Muitos pais se orgulhariam disso.

— Não pense que estou envergonhada. Pelo menos, não pelo motivo que você está pensando. Mas, parece-me tão trágico... tão pretensioso... trazer criaturas ao mundo, que às vezes me pergunto se temos o direito de agir assim.

— Não leve a coisa assim tão a sério, minha cara. Mas, você ainda não me disse por que motivo exerce este ofício. Antigamente, Judas era um homem orgulhoso, que mantinha, em qualquer situação, a sua superioridade.

— É possível que meu marido tenha mudado um pouco, daquela época para cá. Não estou certa de que tenha deixado de ser orgulhoso — e os lábios de Sue tremeram novamente. — Estou aqui porque ele apanhou um golpe de ar, no começo desse ano, quando estava trabalhando na fachada de pedra de um teatro de variedades em Quartershot. A obra tinha de estar concluída em determinado dia e ele teve de trabalhar debaixo de chuva. Agora, já está melhor, mas foi um período longo e exaustivo. Quem esteve nos ajudando a atravessar essa crise foi uma velha amiga nossa que é viúva. Mas vai partir dentro em breve.

— Bem, também eu me tornei respeitável, graças a Deus e, desde a perda que sofri, tenho um modo de pensar muito sério. Por que você escolheu vender pães de mel?

— Foi por simples acaso. Judas foi educado numa padaria e, então, lembrou-se de tentar esse ofício que pode exercer sem sair de casa. Nós os chamamos de



bolinhos de Christminster. Têm muita saída.

— Nunca provei nenhum tão gostoso. Há uns que têm forma de janelas, torres, pináculos. Asseguro-lhe que são muito bem feitinhos.

Arabela se serviu de um bolinho e pôs-se a mastigá-lo sem cerimônia.

— Sim, são reminiscências dos Colégios de Christminster. Veja, janelas góticas e claustros. Judas teve a ideia de reproduzi-los nos pãezinhos.

— Sempre a mesma coisa: Christminster... até mesmo nos pães! — caçoou Arabela. — Isso é bem de Judas! Subjugado por uma paixão. Que criatura estranha ele é, e sempre será!

Sue suspirou e deixou entrever sua tristeza por ouvir alguém criticá-lo.

— Você não é dessa opinião? Ora, vamos, você concorda comigo, embora o ame muito!

— É certo que Christminster é uma espécie de obsessão que o acompanha e na qual suponho que nunca deixará de crer. Ele ainda a considera como um grande centro de ideias elevadas e inovadoras, em vez de vê-la tal qual é, ou seja: um ninho de mediocres professores, cuja característica essencial é um tímido servilismo em relação à tradição.

Arabela estava fazendo pouco de Sue, não tanto pelo que dizia, como pela maneira de falar.

— Como é estranho ouvir uma mulher que vende bolinhos falar assim! — disse Arabela. — Por que você não volta a tomar conta da escola?

Sue abanou a cabeça.

— Eles não me querem lá.

— Por causa do divórcio, imagino, não?

— Por isso e por outras coisas mais. E não há razão para que deseje voltar para lá. Renunciamos a qualquer ambição, e nunca tínhamos sido tão felizes até o dia em que ele caiu doente.

— Onde é que você está morando?

— Não sinto vontade de dizer.

— Aqui em Kennetbridge?

Pelo jeito de Sue, Arabela verificou que tinha acertado.

— Ai está de volta o menino — prosseguiu Arabela —, filho meu e de Judas. Os olhos de Sue fuzilaram.

— Você não tinha necessidade de me atirar isso na cara! — exclamou.

— Está certo. Embora me pareça que gostaria de tê-lo algum tempo comigo. Mas, meu Deus, não quero tirá-lo de você... — que pecado falar tão profanamente assim!... embora julgue que, para vocês, já devem bastar os que têm. Sei que está em muito boas mãos e não sou mulher para achar errado aquilo que o Senhor determinou. Passei a ser uma alma resignada.

— Deveras? Quisera eu ser assim!

— Você deve tentar — respondeu a viúva do alto da serena convicção da sua

superioridade, não apenas espiritual, mas, também, social. — Ainda que não faça alarde de minha volta à religião, não sou mais o que era. Uma vez, depois da morte de Cartlett, ia passando pela capela que fica na rua seguinte à nossa e fui obrigada a entrar para me refugiar de uma pancada de chuva. Depois da perda que tinha sofrido, sentia necessidade de ajuda moral, e, achando que era preferível à bebida, passei a ir ali regularmente e encontrei lá um grande consolo. Mas, como você sabe, agora não estou mais em Londres e, no momento, moro com minha amiga Anny, em Alfredston, para ficar perto da minha velha região natal. Hoje não vim aqui para assistir à feira. Um pregador de Londres, muito famoso, vai lançar, esta tarde, a pedra fundamental de uma nova capela e vim com Anny até aqui. Agora, preciso voltar para me encontrar com ela.

Arabela se despediu de Sue e partiu.

## VIII

NAQUELA TARDE, Sue e todas as outras pessoas que passeavam pela feira de Kennetbridge ouviram um canto vindo do interior de uma paliçada existente na extremidade da rua. Aqueles que espiaram para dentro dela viram um agrupamento de pessoas com vestes especiais, um livro de cânticos nas mãos, à volta dos alicerces da nova capela. Arabela Cartlett, com o seu véu de viúva, estava de pé entre eles. Possuía uma voz possante, clara, que se podia facilmente distinguir no meio das outras. E seu busto farto subia e descia, conforme o tom dos cânticos se elevava ou diminuía.

Naquele mesmo dia, duas horas depois de terem tomado chá no Hotel da Liga Antialcólica, Anny e a viúva Cartlett se puseram em marcha, de volta para casa, através da planície que se estende entre Kennetbridge e Alfredston. Arabela estava pensativa.

Mas seus pensamentos não se relacionavam com a nova capela, como Anny julgou, a princípio.

— Não, não se trata disso — disse por fim Arabela, em tom aborrecido. — Vim hoje aqui pensando apenas no pobre Cartlett, ou então nessa nova capela que foi começada esta tarde e que tem por fim pro-pagar a nossa fé. Mas aconteceu uma coisa que modificou bastante o fio de minhas ideias. Anny, ouvi falar *dele* e, quanto a ela, *via-a* hoje.

— Quem?

— Tive notícias de Judas e vi a sua mulher. E, a partir desse momento, não obstante cantasse os hinos com todo o fervor, não pude deixar de ficar pensando nele. Como membro da nossa igreja, não tenho direito de agir assim.

— Será que você não poderá fixar sua atenção no que o pregador de Londres disse hoje e, assim, ficar livre dessas constantes imaginações?

— Posso. Mas, a despeito de mim mesma, meu coração culpado me arrastará.

— Ah, sei bem o que é ter-se uma imaginação incontrolável! Se eu lhe contasse o que às vezes sonho, contra a minha vontade, você veria que passei por duras lutas! (Anny também só passara a levar vida séria um pouco tarde, quando o amante a largara.)

— Que poderei fazer? — perguntou Arabela, em tom mórbido.

— Você poderia, com uma mecha de cabelos de seu defunto marido, mandar fazer um broche de luto e olhar para ele todas as horas do dia.

— Não conservei nem um fio! E, mesmo que o tivesse feito, isso não daria resultado algum. Apesar de tudo quanto se diz a respeito do conforto da religião, bem quisera ter Judas de volta para mim!

— Você deve repelir energeticamente esse sentimento, já que Judas pertence a outra pessoa. Também ouvi dizer que, quando uma viúva é assaltada por desejos voluptuosos, deve ir, ao cair da noite, até a sepultura do marido, e ali ficar muito

tempo de pé, com a cabeça inclinada.

— Qual! Sei tão bem quanto você o que devo fazer. Apenas, não o faço.

As duas mulheres ficaram em silêncio, enquanto o carrinho seguia pela estrada reta até que, um pouco além, à esquerda, Mary green surgiu no horizonte. Tendo vindo pela estrada principal, chegaram à encruzilhada onde se tomava o caminho da aldeia, e já se avistava, através do vale, a torre da igreja. Quando se aproximaram mais e passaram pela casa abandonada onde Arabela e Judas haviam vivido seus primeiros anos de casados, e onde se dera o episódio da matança do porco, Arabela não se controlou mais.

— Ele é mais meu que dela! — exclamou. — Gostaria de saber que direitos tem sobre ele! Se pudesse, tirá-lo-ia dela!

— Puxa, Abby! E seu marido que morreu há apenas um mês! Reze para afastar essa tentação!

— O diabo me carregue, se eu fizer isso! Sentimentos são sentimentos! Ai está, não quero mais ser hipócrita!

Arabela tirou precipitadamente do bolso o que restava de um maço de folhetos que trouxeram para distribuir na feira. Enquanto falava, lançou esses remanescentes por sobre a cerca.

— Tentei esse gênero de cura, mas não deu resultado. Preciso ser tal qual nasci!

— Cale-se. Você está se exaltando, querida. Agora, vá para casa sossegada, tome uma xícara de chá, e que não se fale mais sobre Judas. Não passaremos mais por esta estrada, que conduz até ele, pois isso excita você demais. Breve se sentirá novamente bem.

Arabela foi se acalmando aos poucos e atravessaram a estrada. Quando iam descendo a comprida e íngreme encosta, depararam com um homem alto, de idade avançada e fisionomia pensativa, andando com certa dificuldade. Levava um cesto nas mãos. Seu ar um pouco descuidado, junto a qualquer coisa de indefinível na sua aparência, fazia pensar num homem que fosse para si próprio, ao mesmo tempo, sustentáculo, dono de casa, confidente e amigo, visto não possuir ninguém no mundo que pudesse fazer todas essas coisas por ele. O resto da jornada que as mulheres tinham para fazer era todo de caminhos planos. E elas, calculando que o velho também se dirigisse para Alfredston, ofereceram-lhe um lugar no carrinho, convite que ele logo aceitou.

Arabela o olhou e tornou a olhar, até que afinal falou:

— Se não me engano, estou falando com o senhor Phillotson, não?

Foi a vez de o viajante olhar para Arabela.

— Sim, chamo-me Phillotson — respondeu ele. — Mas, não a estou reconhecendo, minha senhora.

— Lembro-me bem de si. Fui sua aluna, quando o senhor era professor, em Mary green. Eu morava em Crescombe, mas, como lá não tínhamos senão uma

professora, e o senhor ensinava melhor, ia todos os dias à escola de Mary green. Todavia, o senhor não podia nunca se lembrar de mim... como me lembro do senhor. Sou Arabela Donn.

O professor sacudiu a cabeça negativamente.

— Não — disse ele com delicadeza —, não me recordo desse nome.

E dificilmente poderia reconhecer, na respeitável matrona de hoje, a frágil menina que a senhora deve ter sido.

— Bem, sempre fui farta de carnes. Falando de outro assunto: estou morando atualmente com uns amigos. Suponho que o senhor saiba com quem me casei.

— Não.

— Com Judas Fawley, também seu aluno... do curso noturno, pelo menos... e por algum tempo apenas, não? E, depois, foi conhecido seu, se não me engano.

— Deus meu, Deus meu! — disse Phillotson, abandonando a sua rigidez — *Você é a mulher de Fawley?* É isso mesmo, ele tinha mulher! E ouvi dizer que ele...

— Divorciou-se, tal como o senhor. Por melhores razões, talvez...

— De fato?

— Bem, talvez ele tenha agido certo assim... e isso, em benefício de nós. Pois, logo me casei de novo e tudo correu muito bem até que meu marido morreu, faz pouco tempo. Mas, o senhor, não há dúvida que errou!

— Não! — disse Phillotson, num ímpeto de mau humor. — Embora preferisse muito não conversar sobre isso... estou convencido de ter agido bem, e de um modo justo e decente. Meus atos e opiniões têm me causado muitos sofrimentos, mas eu os sustento ainda. A perda de Sue foi uma real perda para mim sob mais de um aspecto.

— Por causa dela, o senhor perdeu sua escola e uma boa renda, não foi?

— Não desejo falar sobre isso. Faz pouco que voltei para cá... quero dizer, para Mary green.

— O senhor continua a se ocupar da escola de lá, como antigamente?

A tristeza pesou sobre Phillotson e forçou-o a falar:

— Estou lá. Não exatamente como antes Toleram-me, simplesmente. Era um último recurso... alguma coisa de pequeno para a qual voltar, após minha tentativa de alçar voo e minhas esperanças tanto tempo alimentadas... uma volta ao marco zero, com todas as inevitáveis humilhações. Mas é um refúgio. Gosto do isolamento do lugar. E o vigário, que me conhecera antes que meu... por assim dizer... estranho procedimento para com minha mulher tivesse estragado minha reputação como professor, aceitou meus préstimos, quando todas as outras escolas me recusavam. E, embora ganhe aqui apenas cinquenta libras por ano, depois de ter ganho mais de duzentas em outros lugares, prefiro isso a correr o risco de ouvir pessoas me lançarem no rosto meus desastres conjugais, o que certamente aconteceria se fosse para outro lugar.

— O senhor tem razão. Um espírito satisfeito consigo mesmo é uma eterna festa. Ela não se saiu melhor que o senhor.

— Você quer dizer que Sue não está em boa situação?

— Encontrei-a hoje, por acaso, em Kennetbridge, e os negócios não pareciam estar andando muito bem. O marido está enfermo e ela, muito aflita. O senhor cometeu um erro louco em relação a ela, repito-o eu. E, se me perdoar a liberdade, direi que mereceu bem seu castigo por ter coberto de lama o próprio ninho.

— Como assim?

— Ela era inocente.

— Loucura sua! Eles nem sequer quiseram se defender, quando do processo de divórcio!

— Isso foi porque não se importaram. Ela não tinha culpa alguma na questão que deu ao senhor a sua liberdade. Eu a vi logo após e, conversando com ela, fiquei convencida disso.

Phillotson se agarrou à beirada do carrinho e mostrou-se muito impressionado e inquieto com a informação.

— No entanto, ela quis partir... — disse.

— Sim, mas o senhor não deveria ter deixado. É a única maneira de agir certo com essas mulheres complicadas... sejam inocentes ou culpadas. Com o tempo, teria voltado às boas. Todas nós voltamos!

O hábito é mais forte! No final, tudo se resolve da mesma maneira!

Entretanto, creio que ela ainda gosta dele, não importa o que ele seja para ela. O senhor foi muito precipitado em relação a ela. E *eu* nunca deveria tê-la deixado partir! Devia tê-la feito ficar à força... e seu espírito de revolta em pouco tempo se teria submetido. Não há nada melhor do que a servidão e um mestre inflexível para nos dominar, a nós, mulheres. Além do mais, o senhor tinha as leis a seu favor. Moisés sabia bem o que fazia. O senhor não se lembra do que ele dizia?

— Sinto, mas, no momento, creio que não, minha senhora.

— O senhor, um professor! Quando eu ouvia essas palavras na igreja, elas me impressionavam muito e ficava pensando nelas: “En-tão o homem será inocente, mas a mulher suportará o peso da sua iniquidade”. Isso é duro para nós, mulheres. Mas, devemos nos conformar. Ah! Ah!... Ela teve o que mereceu!

— Sim — disse Phillotson, com amarga tristeza no tom. — A crueldade é a lei que rege a natureza e a sociedade. Mesmo que quiséssemos, não poderíamos nos libertar!

— Bem, não deixe de lembrar-se disso na próxima ocasião, meu amigo.

— Não sei o que lhe responder, minha senhora. Nunca soube muita coisa a respeito de mulheres.

Tinham chegado à várzea, na entrada de Alfredston e, ao atravessar os

subúrbios, passaram por um moinho. Phillotson declarou que tinha um negócio a tratar ali. Então, elas pararam o veículo e ele desceu, desejando-lhes boa-noite, com ar preocupado.

Enquanto isso Sue, embora estivesse vendendo bastante na Feira de Kennetbridge, perdera a alegria que logo de começo a dominara ao verificar o sucesso que estava tendo no seu negócio. Quando se esgotou a sua provisão de “bolinhos de Christminster”, apanhou o cesto vazio, o pano que estivera cobrindo a barraca de aluguel e, dando o resto das coisas para o menino carregar, pôs-se com ele a caminho de casa. Andaram meia milha até que encontraram uma mulher idosa levando ao colo uma criança de vestidinho curto e puxando outra pela mão.

Sue beijou a criança e perguntou: — Como ele está passando agora?

— Está melhor! — respondeu a viúva Edlin alegremente.

— Não tenha medo que, antes de você dar à luz, seu marido estará de novo bem.

Seguiram juntas e chegaram a umas casinhas de telhado escuro, cercadas de jardins com árvores frutíferas. À porta de uma delas, entraram sem bater, levantando a tranca, e logo se acharam na sala de estar. Ali se dirigiram a Judas, que estava sentado numa cadeira de braços. A finura ainda mais acentuada de suas feições, de comum já delicadas, e seu olhar infantil e ansioso, bastavam para indicar que acabava de atravessar um grave período de doença.

— O quê! — Venderam todos? — disse ele, e uma chama de interesse lhe iluminou o rosto.

— Sim. Janelas, pináculos, torres, tudo! — Sue mostrou o resultado pecuniário apurado e, depois teve uma hesitação. Por fim, quando ficaram sós, contou-lhe seu inesperado encontro com Arabela, explicando-lhe que estava viúva.

Judas se mostrou perturbado.

— O quê! Ela está morando aqui? — perguntou.

— Não, em Alfredston — disse Sue.

A reação de Judas permanecia secreta.

— Pensei que era melhor contar isso a você — continuou Sue, beijando-o com sofreguidão.

— Pois é claro!... Santo Deus! Arabela aqui, e não nos confins de Londres! Daqui a Alfredston, são pouco mais de umas doze milhas. Que é que ela faz lá?

— Ela vai muito à igreja — acrescentou Sue — e fala em consequência.

— Bem — disse Judas —, talvez tenha sido bom termos decidido partir. Estou hoje me sentindo muito melhor e creio que, dentro de uma ou duas semanas, estarei pronto para viajar. Então, a senhora Edlin poderá voltar para casa. Que boa alma e quão querida! A nossa única amiga neste mundo!

— Para onde você pretende ir? — indagou Sue, com lágrimas na voz.

Então, Judas confessou seu plano. Disselhe que a surpreende-ria, talvez,

depois de ter evitado firmemente, por tanto tempo, voltar aos velhos lugares. Mas uma coisa e outra o tinham feito pensar muito em Christminster ultimamente e, se ela não se opusesse, gostaria de voltar para lá. Que lhes importava serem conhecidos? Era um exagero, da parte deles, preocuparem-se tanto com isso. Quanto ao trabalho, se não encontrassem outro, poderiam continuar a vender pãezinhos. Não se envergonhava de ser pobre. E, quem sabe, não tornaria a ficar tão forte quanto antes, e poderia se dedicar, novamente, a talhar pedra por sua própria conta.

— Por que faz tanta questão de Christminster? — disse Sue, pensativa. — Christminster não se importa a mínima com você, meu querido!

— Mas eu me importo com Christminster. E não há nada a fazer.

Amo aquela cidade, embora saiba como ela odeia homens como eu, esses de quem se diz que “se fizeram às próprias custas”; como despreza todas as coisas que aprendemos com esforço, quando devia ser a primeira a respeitá-las; como se ri de nossos passos em falso, de nossos erros, quando devia ser a primeira a dizer: “Como você precisa de auxílio, meu amigo!” ... Não obstante, ela é, para mim, o centro do Universo, por causa dos meus sonhos de infância. E nada pode alterar isso. É possível que ela acorde em breve e se mostre generosa. Assim seja! Gostaria de morar outra vez, quiçá de morrer lá. Creio que, dentro de duas ou três semanas, poderei partir. Será então o mês de junho e há um determinado dia que gostaria de passar em Christminster.

Sua esperança de melhorar de saúde era tão bem fundada que, no fim de três semanas, chegavam à cidade das santas recordações. E seu pés pisavam aquele solo, e a luz do sol, caindo sobre os muros em ruínas, se refletia neles.



## Sexta Parte

### De Novo em Christminster

“E ela humilhou grandemente o seu  
corpo e cobriu-o com os cabelos arrancados  
de todas as suas fontes de prazer.”

ESTHER (*Apoc*)

“Somos dois a declinar, uma mulher e eu.  
E na obscuridade em que vivemos,  
regozijamos-nos com a nossa morte.”

R. BROWNING

QUANDO CHEGARAM, a estação estava muito animada. Rapazes de chapéu de palha esperavam moças que com eles tinham notável semelhança e usavam alegres e claros vestidos de verão.

— O lugar parece alegre — disse Sue. — É o dia das comemorações! ... Judas... como você é esperto... Chegou neste dia de propósito!

— Cheguei — disse Judas calmamente, tomando o menino mais moço nos braços e recomendando ao filho de Arabela que não se afastasse deles, enquanto Sue tomava conta da menina mais velha. — Pensei que pudéssemos chegar hoje, tão bem quanto em outro dia qualquer.

— Mas tenho medo que isso deprima você! — disse Sue, olhando-o ansiosamente dos pés à cabeça.

— Ah! é preciso não deixar que isso interfira na nossa vida. Temos muito que fazer antes de nos instalarmos aqui. E, antes de mais nada, precisamos procurar alojamento.

Tendo deixado a bagagem e as ferramentas na estação, foram a pé pela rua que lhes era tão familiar, misturados com a multidão que seguia na mesma direção. Na esquina dos Quatro Caminhos, preparavam-se para tomar o lado onde havia probabilidades de encontrar o que procuravam, quando, olhando o relógio e a multidão que se apressava, Judas disse:

— Vamos ver a procissão. E não nos preocupemos com o alojamento. Cuidaremos disso depois.

— Você não acha que deveríamos primeiro tratar de arranjar teto?

— sugeriu Sue.

Contudo, Judas estava com o espírito na comemoração. Desceram a rua principal, o bebê nos braços de Judas, Sue segurando pela mão a menininha, enquanto o filho de Arabela seguia silenciosamente ao lado deles, com ar pensativo. Grupos de meninas bonitas, usando vestidos leves, e grupos de pais ignorantes que não haviam cursado nenhum colégio em sua juventude, seguiam na mesma direção, ladeados por irmãos ou filhos, cujas expressões revelavam nitidamente a opinião de que nenhum ser digno do nome de homem tinha jamais vivido neste mundo antes de eles o terem vindo adornar com suas presenças.

— Meu fracasso pesa sobre mim à vista de cada um desses jovens — disse Judas. — Uma lição sobre a presunção me esperava hoje aqui! É um dia de humilhação para mim!... Se você, minha querida Sue, não tivesse vindo em meu socorro, teria ido para o diabo, por desespero!

Sue viu, pela expressão de Judas, que ele estava numa terrível disposição de espírito.

— Melhor seria que nos tivéssemos ocupado logo de nossos afa-zeres, querido — disse Sue. — Tenho certeza que esse espetáculo despertará em você velhas tristezas e não lhe fará nenhum bem.

— Bem, estamos perto, vamos cuidar disso agora — disse Judas.

Viraram à esquerda da igreja de pórtico italiano, cujas colunas torsas eram guarnecidas por trepadeiras, e continuaram até que chegaram diante do teatro circular onde se encontrava o famoso lanternim, símbolo, para Judas, das suas ambições abandonadas. Era dali que tinha contemplado a cidade dos Colégios, na tarde de sua grande meditação. Era ali que tinha ficado enfim convencido da futilidade de suas esperanças de ser um filho da Universidade.

Naquele dia, no espaço livre que se estendia entre esse monumento e o colégio mais próximo comprimia-se, em expectativa, uma multidão numerosa. Uma passagem havia sido reservada, no centro, entre a porta do colégio e a do grande edifício do teatro.

— É aqui o lugar. Não passar já — gritou Judas de repente, muito excitado.

Forçando caminho, chegou até a grade, tendo sempre o menino nos braços. Sue e as outras crianças o seguiam. A multidão se fechou atrás deles, conversando, brincando, rindo, enquanto os carros, um após outro, paravam diante da pequena porta do colégio e deles desciam personagens solenes, vestidos de vermelho cor de sangue.

O céu se tornara nublado e lívido e, de quando em quando, ouvia-se o trovão. O Pequeno Pai do Tempo teve um arrepio.

— Dir-se-ia o dia do julgamento final — murmurou ele.

— São apenas eruditos doutores — disse Sue.

Enquanto esperavam, grandes pingos de chuva caíam sobre suas cabeças e ombros. A espera se tornava enfadonha e Sue pediu mais uma vez para partir.

— Não tardará muito, agora — respondeu Judas, sem voltar a cabeça.

Contudo, a procissão continuava a não aparecer, e alguém, na multidão, para passar o tempo, olhando a fachada do colégio mais próximo, disse que gostaria de saber o que queriam dizer com a inscrição latina que se encontrava no meio da parede. Judas, que estava perto, explicou. E, percebendo que todos à volta dele o ouviam com interesse, começou a descrever as esculturas da frisa e a comentar alguns detalhes de arquitetura dos outros colégios da cidade.

A multidão de desocupados, inclusive os dois policiais que guardavam as portas, arregalavam os olhos, tal como os licaonianos diante de São Paulo, posto que Judas facilmente se entusiasmava com qualquer assunto. Pareciam admirados pelo fato de aquele estrangeiro conhecer melhor que eles os edifícios da cidade. Por fim, um deles disse: — Mas, eu conheço esse homem. Trabalhava aqui há muitos anos. Seu nome é Judas Fawley. Vocês não se lembram que lhe tinham dado o apelido de Pregador dos Miseráveis? Não se lembram? Tinha ideias nesse sentido. Ao que suponho, está casado e é o filho que carrega nos braços. Taylor o reconhecerá, ele que conhece todo mundo.

Quem falava era um homem que se chamava Jack Stagg. Tinha trabalhado com Judas, restaurando colégios antigos. Tinker Taylor estava por perto. Essas

palavras atraíram sua atenção. Gritou por cima da grade: — Sentimo-nos muito honrados em recebê-lo, meu amigo!

Judas fez um sinal com a cabeça.

— Você não parece ter lucrado muito saindo daqui, não?

Judas teve um gesto de assentimento. — A não ser novas bocas para nutrir. — Isso foi dito por uma nova voz que Judas reconheceu como a do Tio Joe, um outro pedreiro de que se lembrava.

Retrucou com bom humor que não podia dizer o contrário. E, de réplica, estabeleceu-se uma conversa geral entre ele e a multidão.

Tinker Taylor lhe perguntou se se lembrava de uma noite no *cabaret*, durante a qual tinha sido desafiado a recitar o Credo em latim.

— Mas a Fortuna não se encontrava no seu caminho, não? — interveio Joe. — Você não era bastante forte para chegar ao fim, não?

— Não responda mais nada — suplicou Sue.

— Acho que não gosto de Christminster — murmurou tristemente o Pequeno Pai do Tempo, invisível e abafado pela multidão circunvizinhante.

Sentindo-se alvo de toda aquela gente curiosa e pilheriante, Judas não se achava disposto a recuar diante de uma declaração franca de que não tinha a menor razão de se sentir envergonhado. E, pouco depois, sentiu-se impelido a dizer, com voz forte, aos que os escutavam:

— É um problema difícil, amigos, para todos os jovens... problema ao qual me atirei e sobre o qual milhares de outros refletem atualmente, nestes tempos novos. Deve cada um seguir cegamente o caminho em que se acha, sem considerar seus dotes pessoais, ou deve, pelo contrário, pesar as aptidões, as preferências que possa ter, e mudar a direção da sua vida? Foi o que tentei fazer e fracassei. Mas não admito que o meu fracasso valha como prova de que estava errado, do mesmo modo como não admitiria que o sucesso justificasse o bem fundado do meu ponto de vista. E é assim, entretanto, que, muitas vezes, julgamos os esforços, não pelo valor essencial, mas pelo seu resultado accidental. Se me tivesse tornado um desses senhores vestidos de vermelho e preto que estávamos vendo descer, ali, todos diri-am: “Vejam como este homem agiu sabiamente, seguindo o pendor de sua natureza!”. Mas, não tendo acabado melhor do que comecei, dizem: “Vejam como este homem agiu estupidamente, seguindo um capricho de sua imaginação!”. No entanto, foi minha pobreza e não a minha vontade quem determinou a minha derrota. São precisas duas ou três gerações para fazer o que eu tentei fazer em uma só. Meus instintos, minhas paixões, talvez devesse dizer: meus vícios eram fortes demais para não obstruir o caminho de um homem sem recursos.

Precisaria ter um sangue de peixe e um egoísmo de porco para ter realmente uma probabilidade de me tornar um homem importante!

Vocês podem me ridicularizar, permito que o façam. Presto-me bem a isso,

não há dúvida. Mas creio que se soubessem de tudo por que passei, nesses últimos anos, vocês teriam, antes, pena de mim. E se eles soubessem — indicava com um gesto de cabeça o colégio onde os doutores estavam chegando — fariam possivelmente o mesmo.

— Realmente ele tem um ar doente e exausto — disse uma mulher.

O rosto de Sue exprimia a sua emoção. Mas, embora estivesse ao lado de Judas, ficava escondida por ele.

— Talvez eu seja útil, antes de morrer, como um terrível exemplo do que não se deve fazer, uma espécie de ilustração de uma história edificante — continuou Judas, não sem certo amargor, se bem que tivesse começado a falar com serenidade. — Não sou, afinal de contas, senão uma desprezível vítima desse espírito de inquietude moral e social que faz tantos desgraçados na nossa época.

— Não lhes diga isso — murmurou Sue, com lágrimas nos olhos, compreendendo o estado de espírito de Judas. — Não é isso o que você é. Você lutou nobremente para se instruir, e só almas muito baixas poderiam censurar isso.

Judas mudou a criança para uma posição mais cômoda, nos braços, e concluiu: — É o que vocês veem, um homem pobre e doente, não é o que há de pior em mim. Estou num caos moral. Procurando às apalpadelas, no escuro. Agindo por instinto e sem modelo algum. Há oito ou nove anos, quando aqui vim pela primeira vez, tinha um perfeito *stock* de opiniões estabelecidas, que foram caindo, uma a uma. E quanto mais caminho menos me sinto seguro. Pergunto-me se, presente-mente, tenho outra regra de vida a não ser a de seguir pendores que não sejam nocivos nem a mim nem aos outros, e fazer prazer às pessoas de quem gosto. Ai está, senhores: querieis saber o que eu me tinha tornado, disse tudo. Possa isso vos ser útil! Não posso me explicar mais longamente, aqui. Percebo que deve haver qualquer coisa de errado nas nossas fórmulas sociais: para descobri-lo, haveria necessidade de homens ou mulheres mais clarividentes do que eu — se é que alguém o possa fazer, em nossos dias. Porque quem é que sabe o que é bom para o homem neste mundo? E quem pode dizer a um homem o que haverá, depois dele, debaixo do sol?

— Escutem, escutem! — gritava o povo.

— Bom sermão! — disse Taylor. E, dirigindo-se a seus vizinhos: — Certamente que um desses pastores que andam por toda a parte, oficiando quando os reverendos estão de férias, não teria discursado sobre tantas questões de doutrina por menos de um guinéu. Não acham? Aposto que nenhum! E, ainda, teriam tido que preparar o sermão. E, no entanto, ele não é senão um operário!

Como uma espécie de comentário objetivo ao discurso de Judas, chegou nesse momento um carro conduzindo um doutor, pom-ponsamente vestido e ofegante. Como o cavalo não parasse no lugar oportuno, saltou do carro e caminhou até o colégio. O cocheiro pulou no chão e pôs-se a dar pontapé na

barriga do animal.

— Se se pode fazer isso no portão de um colégio — disse Judas — na própria cidade da religião e da instrução, quem poderá dizer até que ponto chegamos.

— Silêncio! — disse um dos polícias que junto com seu companheiro acabara de abrir as duas grandes portas de frente ao colégio. — Cale-se, homem, durante o desfile do cortejo.

A chuva começou a cair com mais força, e todos os que tinham guarda-chuvas, os abriram. Judas não possuía nenhum, e Sue apenas um pequeno guarda-sol. Esta última tinha empalidecido muito, sem que Judas o tivesse notado.

— Partamos, Judas querido — murmurou, tentando abrigá-lo. — Não temos ainda alojamento e todas as nossas coisas estão na estação. De mais a mais, você está todo molhado, tenho medo que fique doente!

— Estão chegando, agora. Só um momento e, depois, iremos embora — disse.

Um carrilhão de seis sinos começou a tocar, cabeças apareceram em todas as janelas e o cortejo dos provedores e dos novos doutores começou a desfilar. Suas silhuetas, vestidas de preto e vermelho, passavam no campo de visão de Judas como planetas inacessíveis diante de uma objetiva.

À medida que desfilavam, pessoas bem-informadas iam dizendo-lhes os nomes, e, quando atingiram o velho teatro circular de Wren, levantaram-se vivas aclamações.

— Vamos até lá! — exclamou Judas.

Chovia agora torrencialmente, mas ele parecia não perceber nada e arrastava os seus para o lado do teatro. Ficaram ali, em pé sobre a palha que tinha sido posta para abafar o ranger das rodas. Os bustos de pedra, pálidos e estranhos, corroídos pelas geadas, pareciam contemplar a cerimônia e olhar particularmente Judas, Sue e as crianças encharcadas, como se fossem personagens grotescas que nada tivessem que fazer ali.

— Queria tanto entrar! — disse Judas com fervor. — Espere: daqui posso ouvir algumas palavras do discurso em latim: as janelas estão abertas.

Todavia, com o barulho do órgão, os gritos e os hurras que acom-panhavam cada discurso, Judas, molhado, não pôde ouvir grande coisa. Mal distinguia, de vez em quando, uma palavra sonora terminada em *um* ou *ibus*.

— Ah! ficarei sempre de fora, até o fim da minha vida! — disse, por fim, suspirando. — Partamos, agora, minha paciente Sue. Como você foi boa esperando nessa chuva todo esse tempo para satisfazer minha tola pretensão! Nunca mais me preocuparei com esse lugar amaldiçoado, juro. Mas, que é que a fazia tremer tanto, quando está-

vamos junto às grades? E, como você está pálida, Sue!

— Vi Richard, entre o povo, do outro lado.

— Ah, viu?

— Evidentemente, veio a Jerusalém para assistir às festas, como todos nós. Portanto, não deve estar morando longe daqui. Teve sempre a mesma paixão que você pela universidade, mas de maneira mais suave. Não creio que me tenha visto, embora deva ter ouvido você falar ao povo. Pareceu, aliás, não prestar atenção.

— Embora tenha prestado, Sue, você não se preocupa mais com ele, não?

— Creio que não. Mas sou fraca. Embora saiba que não fazemos nada de mal, sinto um medo estranho dele. Um respeito, um medo de convenções nas quais não acredito... Coisas que me vêm em certas horas e que me entristecem tanto!...

— Você está ficando cansada, Sue. Ó, tinha me esquecido, querida! Partamos quanto antes.

Partiram à procura de alojamento e acabaram por achar qualquer coisa de promissor em Mildew Lane — lugar irresistível para Judas, embora não parecesse tão fascinante a Sue. Era um terreno estreito, atrás de um colégio, com o qual não tinha, aliás, comunicação alguma. As casas, pequenas, eram completamente obscurecidas pela sombra dos edifícios dos colégios, dentro dos quais se vivia uma vida tão diferente da dos habitantes da rua como se se estivesse nos antípodas. E, no entanto, um simples muro os separava. Duas ou três dessas casas tinham letreiros de quartos por alugar. Os recém-chegados bateram à porta de uma delas. Uma mulher veio abrir.

— Ah, escutem!... — disse Judas, subitamente, em lugar de se dirigir a ela.

— O quê?

— Os sinos...! Que igreja será? O som me parece familiar.

Novos sons de sinos começaram a se fazer ouvir, a uma certa distância.

— Não sei! — disse a proprietária bruscamente. — Foi para isso que o senhor tocou a campainha?

— Não. Foi para arranjar alojamento — disse Judas, voltando a si.

A mulher olhou Sue com atenção:

— Não tenho nenhum quarto para alugar — disse, fechando a porta.

Judas tomou um ar vexado e o menino pareceu desolado.

— Agora, Judas, deixe-me experimentar — disse Sue. — Você não sabe como se deve fazer...

Acharam outro lugar, bem próximo. Responderam-lhe, então, polidamente, depois de observar não somente Sue, mas o menino e as crianças pequenas: — Infelizmente não podemos alugar a pessoas que tenham crianças. — E fecharam a porta.

O bebê fazia caretas e começava a choramingar, sentindo instintivamente que havia qualquer coisa. O menino suspirou:

— Não gosto de Christminster! As casas grandes são prisões?

— Não. São colégios — respondeu Judas — nos quais talvez você venha a

estudar um dia.

— Prefiro que não! — respondeu o menino.

— Bem, tentemos outra vez — disse Sue. — Vou fechar bem meu capote... Deixar Kennethbridge para vir aqui é como ir de Caifás para Pilatos! Como é que eu estou agora, Judas?

— Ninguém poderá perceber nada — disse Judas.

Havia uma outra casa e experimentaram uma terceira vez. A mulher era mais amável, mas tinha pouco espaço e só poderia tomar Sue e as crianças, se Judas pudesse ir para outro lugar. Tiveram de aceitar, porque já era tarde. Chegaram a um acordo, embora o preço fosse alto demais para as posses deles. Mas não podiam discutir senão quando Judas tivesse tempo para achar acomodações mais estáveis. Nessa casa, Sue ficou num quarto dos fundos, no segundo andar, com um quartozinho interno para as crianças. Judas permaneceu para tomar uma xícara de chá, e gostou de ver que a janela dava vista para os fundos de um colégio. Depois de se ter despedido dos quatro, saiu para comprar algumas coisas indispensáveis e procurar um quarto para ele.

Quando partiu, a dona de casa subiu para conversar com Sue e saber alguma coisa acerca da família que recebera. Sue não sabia dis-simular, e, depois de ter contado algumas das suas últimas dificuldades, ouviu, sobressaltada, essa pergunta: — E vocês são realmente casados?

Sue hesitou. E, impulsivamente, contou à mulher como o tanto ele como o marido tinham sido infelizes num primeiro casamento, razão pela qual, horrorizados com a possibilidade de uma segunda união irrevogável, e com medo que as condições de um contrato ma-tassem definitivamente seu amor, embora quisessem viver juntos, não tinham tido coragem de se casar, se bem que o tivessem tentado duas ou três vezes. Por isso, ainda que ela própria se considerasse como casada, realmente não o era, aos olhos da dona da casa.

Esta permaneceu atrapalhada e desceu. Sue se sentou junto à janela sonhando, enquanto olhava a chuva. Sua tranquilidade foi interrompida pelo barulho de alguém entrando em casa e de vozes de um homem e de uma mulher conversando embaixo. O marido da hospedeira tinha chegado e ela estava lhe explicando a vinda dos novos locatários.

De repente, uma voz irritada se fez ouvir.

— E quem é que quer uma mulher destas aqui? E, talvez, um parto? Eu já tinha dito que não queria crianças aqui? A entrada e as escadas pintadas de novo para eles sujarem com pontapés! Você deveria ter percebido que havia qualquer coisa de anormal... Aceitar uma família, quando eu tinha dito um homem só...

A mulher tentou responder mas, ao que parecia, o homem insistia no seu ponto de vista; pouco depois, bateram na porta de Sue e a mulher apareceu.

— Estou aborrecida de ter que lhe dizer, minha senhora — disse — mas não posso alugar o quarto para a semana toda. Meu marido não concordou comigo.



Assim, tenho de lhe pedir para ir embora. Não me importa que fique esta noite, porque já é tarde, mas ficaria satisfeita se saísse amanhã cedo.

Mesmo sabendo que tinha direito à semana toda, Sue não quis criar dificuldades entre marido e mulher, e respondeu que sairia como lhe era pedido. Quando a dona da casa saiu, Sue olhou de novo pela janela. Vendo que a chuva tinha passado, propôs ao menino que, depois de terem deitado as crianças, fossem dar um passeio, de modo a poder procurar outro lugar para o dia seguinte. Evitariam, assim, ficar tão atrapalhados, como acontecera naquele dia.

Em lugar de abrirem as malas, que acabavam de chegar da estação, mandadas por Judas, saíram pelas ruas enlameadas. Sue tinha decidido não amolar o marido com a notícia de que precisavam ir embora, pensando que, provavelmente, também ele estaria procurando por um quarto. Acompanhada pelo menino, andou de uma rua para outra. Não obstante tentasse uma dúzia de casas diferentes, teve ainda menos sucesso sozinha do que em companhia de Judas e não achou ninguém que lhe promettesse um quarto para o dia seguinte. Os proprietários olhavam interrogativamente para a mulher e para a criança que procuravam acomodações àquela hora.

— Eu não devia ter nascido, devia? — disse o menino, desacorçoado.

Verdadeiramente exausta, Sue voltou para casa onde, não bem recebida, pelo menos tivera um abrigo temporário. Na sua ausência, Judas havia deixado o seu endereço. Mas, sabendo como ainda estava fraco, permaneceu na sua decisão de não perturbá-lo até o dia seguinte.

## II

SUE ESTAVA sentada, olhando fixamente o soalho do quarto. A casa pouco mais era do que uma choupana. Levantou os olhos para olhar a paisagem pela janela sem cortinas. Do lado oposto, a pouca distância, os muros do Sarcophagus College, escuros, silenciosos, sem janelas, enchem o quarto da sombra de seus quatro séculos de tristeza, carolice e decadência, impedindo de entrar o luar de noite, e de dia, o sol. A silhueta do Rubric College também se podia distinguir e, mais longe ainda, a torre de um terceiro edifício. Pensava na estranha paixão que levava Judas, que gostava tanto dela e das crianças, a trazê-los para aquela vizinhança deprimente, só porque o velho sonho ainda o perseguia. Mesmo agora, ainda não ouvia distintamente a recusa glacial que aqueles doutos muros opunham ao seu desejo.

A impossibilidade de acharem outro alojamento, a falta de lugar para seu pai naquela casa, tinham impressionado profundamente no menino. Uma espécie de horror irracional se havia apoderado dele.

O silêncio foi interrompido por sua voz que dizia: — Mãe, que faremos amanhã?

— Não sei — respondeu Sue com uma voz desacorçoada. — Receio que isso vá atormentar seu pai.

— Gostaria que papai estivesse bem, e que tivesse havido lugar para ele aqui. Nesse caso o resto não importaria! Pobre papai!

— Não importaria mesmo!

— Posso fazer alguma coisa?

— Não. Tudo é tristeza, adversidade, sofrimento!

— Papai foi embora para nos deixar, a nós, crianças, um quarto, não foi?

— Em parte.

— É melhor estar fora deste mundo do que dentro, não é?

— É quase melhor mesmo, meu bem.

— É também por causa de nós, crianças, que vocês não podem arranjar um bom alojamento, não é?

— Bem, algumas vezes as pessoas não querem crianças...

— Então, se as crianças atrapalham tanto, para que as pessoas têm crianças?

— Porque é uma lei da natureza.

— Mas, nós não pedimos para nascer?

— Na verdade, não.

— E o que há de pior, no meu caso, é que você não é minha verdadeira mãe e não seria obrigada a tomar conta de mim, se não quisesse. Eu não deveria ter vindo — isso é que é verdade. Eu atrapalhava a vida deles, lá na Austrália, e atrapalho também aqui. Queria nunca ter nascido!

— Que é que você pode fazer, meu bem?!

— Acho que se devia matar imediatamente as crianças que nas-cem sem

serem desejadas. Antes de receberem uma alma. E, nunca, permitir que cresçam, que andem!

Sue não respondeu. Pensava como devia tratar aquela criança tão excessivamente raciocinadora.

Concluiu que, tanto quanto as circunstâncias o permitissem, deveria ser franca e sincera com quem tomara parte nas suas dificuldades como um amigo já crescido.

— Vai haver breve alguém a mais na família — disse, hesitando.

— Como assim?

— Vai haver um outro bebê.

— O quê? — O menino deu um pulo. — Ó, meu Deus! Mãe, você foi pedir outro, quando tem tanto trabalho com os que tem!

— Sinto dizer, mas pedi — murmurou Sue, com os olhos brilhantes de lágrimas retidas.

O menino se pôs a soluçar.

— Ah! você não se importa com nada, com nada! — exclamou, em tom de amarga censura. — Como é que você pode ser tão cruel e tão má! Você poderia ter esperado que estivéssemos melhor, que papai ficasse bom! E vai nos botar ainda mais atrapalhados! Não há lugar para nós, papai tem que ir embora, temos que sair daqui amanhã, e você ainda vai ter outro bebê!... Certamente, fez de propósito-to. Fez... fez! — E andava de um lado para outro, soluçando.

— Você tem que me perdoar, Judazinho! — replicou Sue, tão emocionada quanto a criança. — Não posso explicar agora. Explicarei, quando for mais velho. Parece que fiz de propósito, agora que estamos com todas essas dificuldades. Não posso explicar, meu bem. Mas, não foi bem de propósito. Não podia fazer de outro modo.

— Sim, podia! Ninguém a poderia obrigar, se você não o quisesse! Nunca perdorei! Nunca! Nunca mais acreditarei que você goste nem de papai, nem de mim, nem de nenhum de nós!

Levantou-se e foi para a dependência ao lado do quarto, onde haviam posto um colchão para ele, no chão. Aí Sue o ouviu dizer:

— Se... nós, crianças, fossemos embora, não haveria mais aborrecimentos!

— Não creia isso, meu bem — disse Sue, em tom peremptório. — Veja se dorme!

Na manhã seguinte, acordou um pouco depois das seis horas e decidiu-se levantar logo e dar um pulo, antes do almoço, até a hospedaria onde Judas estava, para informá-lo do que havia sucedido.

Ergueu-se sorrateiramente, para não acordar as crianças que deviam estar muito cansadas dos vaivéns da véspera.

Achou Judas tomando café num botequim sombrio, que escolhera em razão dos seus preços módicos que contrabalançavam o dos quartos. Explicou-lhe que

tinha tido, verbalmente, ordem de despejo. Judas lhe disse que havia pensado angustiadamente noite inteira.

Mas, agora que era dia, a ideia de ter que deixar os quartos não parecia a Sue tão deprimente quanto parecera à noite, nem se sentia tão profundamente abalada pelo fato de não ter encontrado ainda outro alojamento. Judas concordou que era inútil insistir e se prevalecer do direito que tinha de ficar até o fim da semana. Antes valia mais dar os passos necessários para se mudarem.

— Vocês virão todos para essa hospedaria, por um dia ou dois — disse ele. É um lugar desagradável e as crianças não ficarão bem instaladas, porém teremos assim mais vagar para procurar. Há muitos alojamentos nos subúrbios, no meu velho bairro de Beersheba.

Agora, tome café comigo, querida, já que se encontra aqui. Você está certa de que está se sentindo bem? Haverá tempo de sobra para voltar e preparar o café das crianças, antes de elas acordarem. Aliás, irei com você.

Sue tomou com Judas um rápido café e, um quarto de hora depois, partiram juntos, decididos a abandonar logo uma pensão tão exclusivamente respeitável. Quando chegaram e subiram, acharam tudo calmo no quarto das crianças. Chamaram a dona da pensão com um certo receio e pediram-lhe que tivesse a bondade de lhes trazer uma panela e qualquer coisa com que fazer o café da manhã. Isso tendo sido sumariamente feito, Sue apanhou dois ovos que tinha comprado, e, pondo-os na água fervendo, disse a Judas que os vigiasse, enquanto ia chamar as crianças, pois já eram oito e meia da manhã.

Judas, com o relógio na mão, olhando a panela, estava de costas para a pequena dependência onde as crianças haviam dormido. Um grito de Sue fê-lo voltar-se bruscamente. Viu que a porta do pequeno quarto — a qual parecera se abrir com dificuldade, quando Sue a empurrara — estava aberta e que Sue caíra no chão justamente à sua entrada. Precipitando-se para levantá-la, olhou para as caminhas e viu que as crianças lá não estavam. Espantado, olhou à volta. Atrás da porta, havia dois pregos servindo de cabides. Neles estavam suspensos, enforcados num pedaço de corda, os corpos das duas crianças menores, enquanto, um pouco mais adiante, o corpo do pequeno Judas pendia, da mesma maneira, de um prego. Uma cadeira derrubada se encontrava junto dele, e o pobre menino, com os olhos esgazeados, parecia olhar fixamente o quarto. Os da menina e os do bebê estavam porém fechados.

Meio paralisado pelo grotesco e pelo horrendo do espetáculo, Judas deixou Sue no chão, cortou as cordas com seu canivete e pôs as três crianças na cama. Mas, tocando os corpinhos, teve a impressão de que estavam já mortos. Pôs Sue, desacordada, na cama do outro quarto e, quase sem fôlego, chamou a dona da pensão e correu para buscar o médico.

Quando regressou, Sue tinha voltado a si. As duas mulheres, desesperadas e inclinadas sobre as crianças, fazendo esforços selvagens para reanimá-las,

formavam um espetáculo que o fazia perder o sangue-frio. O médico mais próximo chegou, mas tal como Judas tinha previsto, sua presença era inútil. As crianças estavam mortas, se bem que seus corpos mal tivessem esfriado.

Deviam ter ficado pendurados por mais de uma hora. Mais tarde, quando lhe foi possível raciocinar, os pais supuseram que o menino mais velho, acordado, procurara Sue, e não a tendo encontrado, tivesse caído num acesso de desespero, predisposto como estava pelos acontecimentos da véspera e por seu temperamento mórbido. Aliás, acharam um pedaço de papel no chão, onde estava escrito, com a sua letra: “Feito porque éramos muitos demais”.

Os nervos de Sue não aguentaram. A terrível convicção de que a causa de toda a tragédia fora a conversa que tivera na véspera com o menino lançou-a num abatimento incrível, num desespero que nada podia acalmar. Carregaram-na, contra a vontade, para um quarto no andar de baixo, onde ficou, sacudida por terríveis sobressaltos nervosos, os olhos fixos no teto, enquanto a dona da pensão fazia esforços vãos para acalmá-la.

Do quarto onde estava, podiam-se ouvir os vaivéns das pessoas em cima. Suplicou que a deixassem voltar para lá, e, somente a ideia de que, caso ainda houvesse alguma esperança sua presença poderia ser nociva e a de que tinha que se cuidar para não pôr em perigo a vida do ser que ia nascer, conseguiram detê-la. Não parava de pedir notícias. Por fim, Judas desceu e lhe disse que não havia mais esperanças. Assim que pôde falar, contou-lhe o que tinha dito na véspera ao menino, e como tinha certeza de que toda a culpa era dela.

— Não — disse Judas —, era da natureza dele fazer isso. O doutor diz que tem visto surgir meninos assim, hoje em dia, meninos como não havia antes — resultado das novas maneiras de conceber a vida.

Parecem perceber os horrores da vida, antes de terem forças para suportá-los. Diz ele que é o começo de um desejo universal de não viver. É um homem de ideias avançadas, mas não nos pode consolar...

Judas tinha contido sua dor por causa de Sue. Não a pôde mais reter, porém. Sue, obrigada a consolá-lo, distraiu-se um pouco das terríveis censuras que fazia a si mesma. Quando todos foram embora, permitiram-lhe que fosse ver as crianças.

A cara do menino contava toda aquela triste história. Naquele pequeno morto, estavam escritos os maus agouros e as sombras que haviam obscurecido o primeiro casamento de Judas, e os erros, os mal-entendidos, os receios, os acidentes do segundo. Era o ponto central de toda a história, seu foco, sua expressão mais simples. Pela imprudência do primeiro, o pobre menino gemera, sofrendo pelo desacordo dos pais. Morria da desgraça do segundo.

Quando a casa silenciou e eles não puderam fazer mais nada, senão esperar pelo inquérito da polícia, ouviu-se no quarto, através das espessas paredes, vindo de fora, um som forte e profundo.

— O que é? — perguntou Sue, retendo a respiração.

— É o órgão da capela do colégio. O organista está se exercitando, creio eu. É a antifona do salmo 73: “Verdadeiramente Deus é amado dentro de Israel!”.

Sue soluçou: — Ó, meus filhinhos! Não tinham feito mal algum! Por que tê-los levado e não a mim?

Houve novo silêncio, interrompido, enfim, por duas vezes que conversavam lá fora.

— Estão certamente falando de nós! — gemeu Sue. — Tornam-nos um espetáculo dentro do mundo, para os anjos e para os homens!

Judas escutou.

— Não, não estão falando de nós — disse ele. — São dois clérigos de opiniões divergentes, discutindo a questão do Oriente.

Depois de outro silêncio, Sue foi acometida de novo acesso de desespero, impossível de ser contido:

— Há qualquer coisa de exterior a nós que nos diz: “Não pode ser!”. Primeiro disse: “Você não poderá estudar”, depois: “Você não poderá trabalhar”, e agora: “Você não poderá amar!”.

Judas procurou acalmá-la, dizendo:

— Você está sendo cruel, meu bem.

— Mas é a verdade!

Em seguida, esperaram, e Sue voltou para o quarto. As roupas do bebê, os sapatos, as meias, que estavam sobre a cadeira no momento em que morrera, e em que Sue não teria ousado mexer, Judas as quis tirar da frente dela. Porém, mal as tocou, ela implorou que deixasse tudo ali. Teve até um acesso de raiva feroz contra a dona da pensão, quando esta quis tirá-la dali.

Mas Judas tinha ainda mais medo dos silêncios pesados, apáticos, em que caía, do que de suas violências.

— Por que você não fala comigo, Judas? — disse ela depois de um desses acessos. — Não se afaste de mim. Não posso suportar a solidão que sinto quando estou longe do seu olhar!

— Querida, estou aqui — respondeu ele, apoiando o rosto no dela.

— Está... Ó meu companheiro! Nossa perfeita união — a fusão de dois seres num — está agora tinta de sangue!

— Ensombrada pela morte... somente isso.

— Ah! Mas fui eu quem o incitou a isso, se bem que não soubesse o que eu estava fazendo. Falei com uma criança como se estivesse falando com uma pessoa grande. Disselhe que o mundo estava contra nós, que era melhor, nas nossas condições, estar fora da vida do que dentro dela, e ele tomou tudo ao pé da letra. Disselhe que ia ter um outro filho...

Essa notícia o transtornou. Com que amargura me censurou!

— Por que é que fez isso, Sue?

— Não sei dizer. Queria ser franca. Não podia enganá-lo sobre as coisas da vida. E assim mesmo, não era franca porque, por uma falsa delicadeza, contei-lhe tudo muito obscuramente. Por que fui um pouco mais hábil do que a maioria das mulheres e não o fui completamente?

Por que não lhe disse agradáveis mentiras, em vez de meias-verdades?

Não tive bastante domínio sobre mim mesma. Não soube nem esconder nem contar a verdade.

— Seus planos poderiam ter sido bons para a maioria dos casos.

Neste nosso, arriscaria dar maus resultados. O menino haveria de saber tudo, mais cedo ou mais tarde.

— E que estava justamente fazendo um vestido novo para o meu bebê querido, e agora nunca o verei com ele, nunca mais hei de falar com ele... Meus olhos estão tão inchados que mal posso enxergar. E, há pouco mais de um ano, sentia-me feliz! Nós nos amávamos demais... nos entregávamos a um perfeito egoísmo! Dizíamos — você se lembra? — que faríamos da alegria uma virtude. Eu assegurava que era esta a intenção, a lei, a razão de ser da natureza, que devíamos ser felizes com os instintos que ela nos deu, instintos que a civilização tenta contrariar! Que coisas horríveis eu dizia! E, agora, o destino nos descarrega esse golpe nas costas por termos tido a estupidez de acreditar na natureza!

Em seguida, Sue caiu numa tranquila meditação, e depois disse:

— Talvez seja melhor que se tenham ido. Melhor, sim! Antes ser colhido em todo o frescor da infância, do que murchar miseravelmente.

— É — disse Judas. — Há quem diga que os mais velhos devem regozijar-se quando as crianças morrem.

— Mas eles não sabem nada!... Ó, meus meninos, meus meninos, por que não estão vocês ainda vivos! Você pode dizer que o mais velho queria morrer, senão não teria feito o que fez. Talvez não fosse desarrazoado, de sua parte. Sua natureza era irremediavelmente triste, pobrezinho! Mas, e os outros, os *meus* filhos, seus também?

Sue olhou de novo para a roupinha dependurada, para os sapatos, para as meias, e toda ela vibrou como a corda de um violino.

— Sou uma criatura lamentável — disse. — Não sirvo mais nem para a terra nem para o céu! Tudo isso me põe fora de mim! Que é que se deve fazer?

Olhava para Judas fixamente, apertando-lhe a mão.

— Nada se pode fazer — respondeu Judas. — “As coisas são o que são e marcham para o fim que lhes é destinado”.

— É — disse Sue, depois de uma pausa. — Quem foi que me disse isso?

— Está num dos coros do *Agamenon*. Tem estado no meu pensamento desde que aconteceram essas coisas.

— Meu pobre Judas! Você falhou em tudo, mais do que eu, porque eu ainda tive você! E dizer que aprendeu tudo isso sozinho, em suas leituras, e que

continuou sempre nessa pobreza e nesse desespero!

Depois dessas distrações de momento, o desespero de Sue voltava como uma vaga.

Os encarregados vieram examinar os corpos, e fechou-se o inquérito. Enfim, chegou a manhã melancólica do enterro. As notícias dos jornais haviam atraído alguns curiosos, que ficavam olhando como se estivessem contando os vidros das janelas e as pedras dos muros.

Uma certa dúvida sobre as relações do casal acrescentava uma ligeira pimenta à curiosidade geral. Sue tinha declarado que seguiria os dois pequeninos até o túmulo, mas, no último momento, desistiu e, enquanto jazia deitada na cama, carregaram silenciosamente os caixões. Judas entrou no carro que partiu, para grande alívio do dono da casa que ficava agora só com Sue e suas bagagens. Contava, aliás, de se ver livre dela naquela mesma tarde e fazer rapidamente esquecer a exasperante notoriedade que sua casa tivera durante aquela semana, graças à má ideia de sua mulher, recebendo aqueles estranhos.

Na mesma tarde, teve uma conversa com o proprietário e decidiram que, se alguma dificuldade surgisse, tratariam de mudar o número da casa.

Assim que Judas viu os dois pequenos caixões — um em que estava o pequeno Judas, o outro contendo as duas crianças menores — depositados no túmulo, apressou-se em voltar para ver Sue.

Como estivesse ainda no mesmo quarto, resolveu não incomodá-la. Mas, como estava preocupado, voltou, lá para as quatro horas.

A dona da pensão achava que Sue continuava deitada. Voltou po-rém dizendo que não estava mais no quarto. Seu capote e seu chapéu também tinham desaparecido. Devia ter saído. Judas voltou correndo à hospedaria onde morava. Sue também não estava lá. En-tão, imaginando diversas possibilidades, Judas seguiu o caminho do cemitério. Entrou e dirigiu-se para o lugar onde tinham sido enterrados os meninos. Os curiosos que foram atraídos pela tragédia já tinham ido embora. Um homem se esforçava por encher de terra com uma pá, o túmulo das três crianças. Mas, seu braço era retido por uma mulher que também estava junto da cova ainda mal cheia.

Era Sue. As roupas de cor, que não se tinha lembrado de trocar pelas de luto que Judas lhe trouxera, demonstravam uma dor muito mais violenta do que a que poderia exprimir um luto convencional.

— Eles os está cobrindo de terra, mas não quero que o faça sem eu ter tornado a ver os meus filhinhos queridos! — gritou ela desesperadamente, quando viu Judas — Quero vê-los ainda uma vez. Ó, Judas, por favor, Judas quero revê-los! Nunca pensei que você fosse deixar que os levassem, enquanto eu dormia. Você me tinha dito que talvez eu ainda os pudesse ver uma vez antes de serem levados. Judas! Você também está sendo cruel comigo!

— Ela queria que eu retirasse a terra para que pudesse chegar ao pé dos



caixões — disse o homem da pá. — Ela deve ir para casa, a julgar pela sua aparência. Não está em juízo perfeito, coitada! Não, minha senhora, agora não os posso retirar daí. Volte com seu marido para casa, tenha calma e dê graças a Deus que breve vai chegar outra criança para suavizar sua dor.

Todavia, Sue continuava repetindo: — Será que não posso vê-los pelo menos uma vez? Só uma vez! Não posso? Só um minutinho, Judas! Não demora! E ficarei tão contente! Serei tão boazinha, depois! Nunca mais desobedecerei a você, Judas, se você deixar... Irei para casa direitinho, depois, e nunca mais pedirei para vê-los. Não posso? Por que não posso?

E assim continuou a falar. Judas estava tão agoniadamente triste que quase teve vontade de pedir ao homem que acesse. Mas aquilo não poderia ajudá-la em nada. Pelo contrário, só poderia prejudicá-la. Assim sendo, percebeu que era necessário levá-la para a casa o mais depressa possível. Aproximou-se dela, abraçou-a, falou-lhe meigamente. E Sue acabou cedendo e deixando se levar para fora do cemitério.

Judas queria arranjar um carro para voltarem, mas Sue recusou, alegando a necessidade da mais estrita economia. Voltaram devagar, Judas com a sua roupa de luto e ela com o seu vestido marrom e vermelho. Deviam se mudar naquela tarde, porém Judas viu que não era possível, e tiveram que voltar para a mesma casa, agora detesta-da. Sue foi posta imediatamente na cama e chamaram o médico.

Judas passou a tarde toda esperando, embaixo. A uma hora já bem avançada, vieram lhe dizer que uma criança tinha nascido, antes do tempo, e que não era agora, como os outros, senão um cadáver.

### III

EMBORA TIVESSE desejado muito morrer, Sue estava convalescente. Judas tinha achado trabalho, na sua antiga profissão. Moravam em outro lugar, na direção de Beersheba, não longe da igreja de São Silas.

Ficavam muitas vezes silenciosos, mais impressionados pelo antagonismo direto das coisas do que pelos obstáculos estúpidos e insensatos que criavam. Sue tinha sido perseguida, no tempo em que sua inteligência brilhava como uma estrela, pela estranha e vaga ideia de que o mundo era como um poema ou uma melodia, composta em sonho. Maravilhoso para a inteligência que desperta, mas desesperadoramente absurdo para o espírito realmente lúcido. Pensava que a causa primeira agia automaticamente, como sonâmbula, e não refletidamente, como uma pessoa sensata. Que no começo, na concepção das condições de vida terrestre, nunca se pensou na possibilidade de um desenvolvimento das percepções emotivas nas criaturas que iam ser submetidas a essas condições, desenvolvimento tal como o que atingiu a humanidade que pensa e se instrui. Mas a aflição empresta aparência humana às forças adversas, e estas ideias todas tinham se transformado na impressão que Judas e ela deviam fugir de alguém que os perseguia.

— Temos que nos conformar! — dizia, tristemente. — Toda a antiga fúria do supremo poder foi desencadeada contra nós, suas pobres criaturas, e temos que nos submeter. Não podemos escolher. Temos que aceitar. Não adianta nada lutar contra Deus!

— É apenas contra os homens e as circunstâncias absurdas — dizia Judas.

— É verdade... — murmurou. — Em que estava eu pensando! Estou ficando supersticiosa como uma selvagem!... Mas, qualquer que seja o nosso inimigo, sou obrigada a me submeter. Não tenho mais força para lutar, para empreender nada. Estou vencida!... “Tornando-nos um espetáculo em face do mundo, para os anjos e para os homens!” Agora, estou sempre repetindo isso.

— Sinto a mesma coisa!

— Que podemos fazer? Você tem trabalho, agora. Mas, lembre-se que é unicamente porque nossa história e nossa situação não são ainda exatamente conhecidas... Talvez, se soubessem que nosso casamento não se realizou, pusessem você para fora de seu lugar, como em Aldrickham!

— Não sei. Talvez não chegasse a tanto. Em todo caso, creio que temos de legalizar a nossa situação, agora, assim que você puder sair.

— Você acha que devemos?

— Certamente que sim.

E Judas começou a pensar: — Pareceu-me, ultimamente — disse ele —, que eu pertencia ao vasto grupo de homens que as pessoas honestas desprezam, e que se chamam os sedutores. Isso me pasma, quando penso! Nunca tive consciência disso, nem de ter feito mal algum a você, de que gosto mais do que de mim

mesmo. E, no entanto, *sou* um desses homens! Pergunto-me se, entre eles, há outros que sejam criaturas tão simples e tão cegas quanto eu?... Pois é, Sue, é o que sou. Seduzi-a.

Você era uma criatura excepcional, destinada pela natureza a ficar intocada. Mas não pude deixá-la sossegada!

— Não, não, Judas — disse Sue prontamente — Não se acuse do que não é. Se alguém deve ser censurado, sou eu. Apoiei você na sua resolução de deixar Phillotson, e, sem mim, talvez não tivesse suplicado para que ele a deixasse partir.

— Teria da mesma maneira! E, no caso, o fato de não termos feito um contrato legal é a única coisa que salva nossa união. Evitamos assim, de um certo modo, insultar a solenidade de nossos primeiros casamentos.

— Solenidade? Judas olhou Sue com certa surpresa e teve consciência de que não era mais a mesma dos primeiros tempos.

— Sim — disse ela, com uma voz que tremia um pouco. — Tive um medo terrível, uma terrível noção da insolência de meu procedimento. Refleti... que sou sempre mulher dele.

— Dele quem?

— De Richard.

— Deus meu, meu bem! Por quê?

— Ora, não posso explicar! Foi apenas um pensamento que me veio.

— É sua fraqueza — uma fantasia de doente, sem causa, sem razão de ser!

Não permita que isso a perturbe.

Sue suspirou, inquieta.

Simultaneamente ao período dessas discussões, houve uma melhoria na vida pecuniária do casal, que lhes teria feito muito bem, se tivesse vindo um pouco mais cedo. Judas tinha achado inesperadamente, logo depois de chegar, trabalho bem remunerado em sua antiga profissão. O verão convinha à sua constituição fraca. Exteriormente, os dias corriam com uma monotonia uniforme, tão apreciada depois das grandes infelicidades. Todos pareciam ter esquecido que Judas tinha manifestado ideias subversivas. Todos os dias, subia nas balaustradas e nos parapeitos daqueles colégios em que nunca poderia entrar, restaurando as pedras que desmoronavam das janelas de onde nunca olharia, como se jamais tivesse visado outro objetivo que não fosse aquele.

Havia uma modificação em sua vida — agora, não ia quase mais aos ofícios religiosos. Uma coisa o perturbava mais do que qualquer outra: Sue e ele haviam evoluído em sentidos opostos, depois da tragédia. Os acontecimentos que tinham alargado suas vistas sobre a vida, as leis, os dogmas, não haviam agido do mesmo modo sobre Sue. Ela já não era mais a mesma dos dias de independência, quando sua inteligência brincava como uma leve flama com as convenções e as formalidades que ele, inconscientemente, respeitava.

Certo domingo, à noite, entrou um pouco mais tarde. Sue tinha saído, mas não

tardou a voltar. Estava, porém, silenciosa e pensativa.

— Em que está pensando, menina? — perguntou Judas, curioso.

— Não posso explicar claramente! Estava pensando que fomos egoístas, descuidados, ímpios até, você e eu. Nossa vida não foi se-não um esforço vão para uma felicidade pessoal. Mas a abnegação é o caminho mais elevado. Deveríamos mortificar a carne, a terrível carne, maldição de Adão!

— Sue — murmurou Judas —, o que aconteceu com você?

— Deveríamos estar continuamente nos imolando no altar do dever! Tenho me esforçado sempre para só fazer o que me agrada. Mereci bem o castigo que tive. Queria arrancar o mal que está dentro de mim, todos os meus erros monstruosos, todas as minhas ideias pecadoras!

— Sue, minha querida, está sofrendo demais. Não existe em você nada de uma mulher má. Seus instintos naturais são perfeitamente sadios. Não tão apaixonados quanto eu desejaria, talvez, porém bons, puros. Como tantas vezes disse, você é a mais etérea, a mulher menos sensual que jamais conheci dentro da normalidade sexual humana. Por que fala dessa maneira estranha? Nós não fomos egoístas, senão quando não adiantava nada a ninguém que não o fôssemos. Você costumava dizer que a natureza é nobre e sofredora, e não vil e corrupta, e acabei de acreditar que tinha razão. E agora você parece ter uma maneira de ver tão mais pessimista!

— Quisera ter um coração humilde, um espírito contrito e não consigo!

— Você sempre foi intrépida em seus pensamentos, tanto quanto em seus sentimentos e tinha direito a uma admiração maior do que a que lhe demonstrei. Eu estava, então, preso demais a dogmas estreitos para percebê-lo.

— Não diga isso, Judas! Quisera poder riscar de minha vida todas as minhas palavras, todos os meus pensamentos refletidos! A renúncia — tudo nisso! Não poderei jamais me humilhar bastante. Gostaria de picar meu corpo com alfinetes para escoar toda a maldade que está em mim!

— Chut! — disse Judas, apertando contra o peito o rosto de Sue, como se estivesse tratando com uma criança. — Foi o sofrimento que a levou até esse ponto! Um remorso como esse não é para você, minha folha de sensível, mas para os maus deste mundo, que estes nunca o sentem!

— Não deveria ficar assim — disse Sue depois de ter permanecido na mesma posição por algum tempo.

— Por quê?

— É uma fraqueza

— Sempre batendo na mesma tecla! Haverá melhor coisa neste mundo do que nos amarmos um ao outro?

— É, mas depende de que espécie de amor. E o seu — o nosso — é errado.

— Pois não quero que continue assim. Quando é que você quer que façamos celebrar o nosso casamento em uma igreja?

Sue calou um momento, olhando para ele embaraçadamente: — Nunca! — murmurou.

Não conhecendo bem o pensamento de Sue, Judas tomou a objeção serenamente, e nada respondeu. Passaram-se alguns minutos e pensou que ela tivesse adormecido. Falou baixinho, porém percebeu que tinha estado bem acordada, todo o tempo. De repente, ergueu-se e suspirou.

— Sue, há hoje, à sua volta — disse ele —, uma atmosfera, um perfume estranho, indescritível. Não digo se é em seu espírito, mas na sua roupa — uma espécie de perfume vegetal, que pareço conhecer, se bem que não possa identificar.

— É incenso.

— Incenso?

— Estive no ofício religioso, em São Silas, e fiquei perto da fumaça do incenso.

— Ah! A igreja de São Silas...

— Pois é. Vou lá às vezes.

— Vai?

— Você compreende, Judas, é tão triste aqui, de manhã, enquanto você está no trabalho e eu fico sozinha pensando em... nos meus... — parou para dominar o aperto na garganta. — Tomei o hábito de ir até lá, é tão perto.

— Claro que não tenho nada a dizer contra isso. Só me parece estranho, de sua parte. E eles não imaginam que espécie de pessoa têm no meio deles!

— Que quer dizer com isso, Judas?

— Bem, uma pessoa cética, para bem dizer.

— Como é que você tem coragem de me causar tanta pena, no meio de minhas tristezas, Judas? Bem sei que não disse por mal. Mas não deve falar assim.

— Não o farei de novo. Mas você me surpreende muito.

— Bem, quero dizer uma coisa ainda, Judas. Você promete que não ficará zangado? Pensei nisso muitas vezes, depois que meus filhinhos morreram. Não creio que deva continuar a ser sua mulher, ou a viver como sua mulher.

— Como?! Mas você é minha mulher!

— Do seu ponto de vista, sou. Mas...

— Certamente tivemos medo de realizar a cerimônia. E muita gente, no nosso caso, dadas as nossas poderosas razões, teria feito o mesmo. Mas a experiência veio provar que nos tínhamos julgado mal, que tínhamos exagerado nossas dificuldades. Agora, não sei por que, já que você deu para respeitar tanto os ritos e as cerimônias, não havemos de celebrar logo esse casamento! Você é certamente minha mulher, Sue, exceto perante a lei. Que é que queria dizer, quando falou?

— Que não creio que o seja!

— Não? E suponhamos que *tivéssemos* realizado o casamento. Teria você, então, a sensação de ser minha mulher?

— Não, nem assim. Pelo contrário, sentir-me-ia ainda mais culpada.

— Mas, por quê? Em nome de tudo o que há de perverso, por que, querida?

— Porque sou a mulher de Richard.

— Ah, você já tinha me vindo com essa absurda fantasia antes!

— No momento, não era senão uma vaga impressão. Com o tempo, fui cada vez sentindo mais que pertença a ele ou a ninguém mais.

— Deus meu! Como mudamos, ambos, de maneira de ver!

— Talvez mesmo.

Alguns dias depois, ao crepúsculo de um dia de verão, estavam sentados no mesmo quarto, no andar de baixo, quando ouviram bater à porta do carpinteiro em casa de quem estavam hospedados e, poucos minutos depois, na própria porta do quarto onde estavam.

Antes que fossem abri-la, alguém a abriu, e um vulto de mulher apareceu na soleira.

— O senhor Fawley está?

Judas e Sue estremeceram, reconhecendo a voz de Arabela, e foi mecanicamente que Judas respondeu que estava.

Pedi-lhe cerimoniosamente que entrasse. Arabela se sentou no banco da janela, em um lugar em que podiam ver distintamente sua silhueta, sem que pudessem, no entanto, distinguir detalhes que lhes permitissem julgar realmente do aspecto ou da sua expressão. Qualquer coisa parecia indicar, no entanto, que não estava tão bem, nem tão cuidadosamente vestida, quanto no tempo de Cartlett.

Começaram então os três uma conversa penosa acerca da tragédia da qual Judas tinha se achado na obrigação de preveni-la logo, embora ela nunca tivesse respondido à sua carta.

— Venho do cemitério — disse. — Perguntei e me mostraram o túmulo do menino. Agradeço a vocês terem me convidado para o enterro, embora não tivesse podido vir. Li tudo nos jornais e achei que seria demais aqui... Não, não pude vir para o enterro — repetiu Arabela que, incapaz de tomar um ar extremamente emocionado, se atrapalhava e se repetia. — Mas estou satisfeita de ter visto o túmulo. Você, Judas, dado o seu ofício, vai poder pôr em cima dele uma bela pedra.

— Porei uma pedra — disse Judas tristemente.

— Era meu filho e, naturalmente, senti muito por ele.

— Imagino. Todos nós sentimos.

— Pelos outros que não eram meus, senti menos, como era natural.

— Certamente.

Veio um suspiro do canto onde Sue estava sentada.

— Desejei muitas vezes tê-lo ao meu lado — continuou a senhora Cartlett. — Talvez não tivesse acontecido isso. Mas não queria tirá-lo de junto de sua mulher, Judas.

— Eu não sou mulher dele — disse Sue

Essas palavras inesperadas estarreceram Judas, que ficou calado.

— Ah! Então perdoe-me, estava certa de que era!

Judas tinha percebido, pelo tom das palavras de Sue, que eram suas novas ideias que haviam inspirado aquelas palavras. Mas o verdadeiro sentido delas não podia ser compreendido por Arabela. Por isso, depois de mostrar como a revelação de Sue a tinha surpreendido, pôs-se de novo a falar do “seu” filho, pelo qual exibia, agora, uma tristeza de circunstância que lhe devia satisfazer a consciência.

Aludiu ao passado e, ao fazer determinada consideração, dirigiu-se de novo diretamente a Sue. Não recebeu resposta: Sue tinha saído da peça, sem que ninguém percebesse.

— Ela disse que não era sua mulher — respirou Arabela, com voz diferente.

— Por quê?

— Não lhe posso informar — disse Judas, rapidamente.

— Porém ela é, não? Uma vez me disse que era.

— Não discuto as coisas que ela diz.

— Está bem, compreendo. Bom, preciso ir embora. Tenho que passar a noite aqui, e achei que devia procurar você depois de nossa desgraça comum. Estou morando na hospedaria onde estive empregada. Amanhã, volto para Alfredston. Meu pai voltou e estou morando com ele.

— Voltou da Austrália? — perguntou Judas, sem grande curiosidade.

— Voltou. Não acertou lá. Teve uma vida muito dura. Minha mãe morreu de dis... — como é que se chama esta moléstia?... por causa do calor, e papai e dois dos meus irmãos mais moços voltaram. Arranjou uma casinha perto da nossa antiga e, por enquanto, estou tomando conta da casa para ele.

A primeira mulher de Judas, mesmo depois da saída de Sue, mantinha um ar convencional de boas maneiras, e não se demorou senão o número exato de minutos que as conveniências permitiam.

Quando partiu, Judas entrou e chamou Sue, preocupado já com o que poderia ter acontecido.

Não teve resposta, e o carpinteiro, dono da casa, disselhe que não a tinha visto entrar. Judas ficou preocupado, alarmado mesmo, porque já era tarde. O carpinteiro chamou a mulher que sugeriu que talvez Sue tivesse ido à igreja de São Silas, como muitas vezes fazia.

— Certamente não a esta hora da noite! — disse Judas. — A igreja está fechada.

— Ela conhece a pessoa que guarda as chaves e as apanha sempre que quer.

— E há quanto tempo é que vem fazendo isso?

— Há algumas semanas, creio.

Judas foi andando vagamente na direção da igreja de que não se tinha aproximado desde que saíra daquela cidade, anos atrás, num momento em que suas ideias de mção eram muito mais místicas do que naquele momento. O lugar estava deserto, mas a porta certamente não estava fechada. Puxou o trinco com cuidado, e, empurrando a porta, ficou absolutamente imóvel, dentro da igreja. O silêncio que reinava parecia deixar ouvir um som, que podia ser uma respiração ou um soluço e que vinha da outra extremidade do edifício. O tapete cobriu o som dos passos com que tomou essa direção, através da obscuridade que apenas um fraco reflexo da luz lá de fora vinha quebrar.

Muito dentro da igreja, perto dos degraus do santuário, distinguiu uma cruz latina, solidamente construída, do tamanho provável da cruz original que devia comemorar. Parecia suspensa no ar por cordas invisíveis. Adornada de pedras preciosas, que brilhavam ligeiramente à luz de algum reflexo do exterior, a cruz balançava levemente num movimento silencioso, apenas perceptível. Bem embaixo dela, jazia o que parecia ser um amontoado de roupas pretas, de onde partiam os soluços contínuos que tinha ouvido ao entrar. Era Sue, prostrada no lajedo.

— Sue! — murmurou Judas.

Apareceu uma superfície clara. Era o rosto que Sue virava para ele.

— Que é que você quer de mim aqui, Judas? — disse ela. — Você não deveria ter vindo! Quero ficar só! Para que veio aqui?

— Você ainda me pergunta? — replicou Judas com uma voz de reprovação, pois sentia-se atingido em pleno coração por aquela atitude de Sue para com ele. — Por que é que eu vim? E quem é que tem direito de vir lhe procurar, senão eu? Eu gosto de você mais do que de mim mesmo, mais... ó, muito mais!... do que você jamais gostou de mim! Por que me deixou e fugiu para cá, sozinha?

— Não me critique, Judas, não posso suportá-lo, como já disse várias vezes. Você tem que me aceitar como eu sou. Uma desgraçada, vencida pelas suas próprias culpas. Não pude suportar a vinda de Arabela. Sentia-me tão miserável que tive que sair. Parecia que ela ainda era sua mulher e Richard meu marido!

— Mas nenhum dos dois é nada em relação a nós.

— São, meu caro amigo, são. Eu vejo o casamento de maneira diferente, agora. Meus filhinhos me foram tirados para que eu visse isso! O filho de Arabela matando os meus era um julgamento — o bom destruindo o mal. Que é que eu posso fazer, o quê? Sou uma criatura tão vil — ruim demais para poder viver com pessoas comuns!

— Tudo isso é terrível! — disse Judas, quase chorando. — É monstruoso e pouco natural de sua parte sentir um remorso desses, quando você não fez nada de mal!



— Ah! você não conhece minha maldade!

Judas respondeu com veemência: — Conheço! Conheço cada um de seus átomos, cada uma de suas sujeiras! Você me faz odiar o Cristianismo, ou o misticismo ou o sacerdotismo, ou o que quer que seja, se foi isso o que causou essa derrocada em você! Terrível, que uma mulher poetisa, uma mulher visionária, uma mulher cuja alma brilhava como um diamante — uma mulher de quem todos os sábios do mundo se orgulhariam, se a conhecessem — possa se degradar assim! Alegro-me por não ter nada a ver com a divindade, se é ela a culpada de você estar reduzida a isto!

— Você está com raiva, Judas. Está sendo mau para comigo e não quer ver as coisas como elas são.

— Então venha comigo, querida, e talvez veja melhor. Estou exausto e você também está transtornada. — Passou o braço pela cintura de Sue e levantou-a. Mas, embora viesse com ele, preferiu andar sem apoio.

— Não é que não goste de você, Judas — disse Sue, com uma voz doce e implorante. — Gosto de você tanto quanto gostava! Somente... não devo amá-lo mais... Ó, não, nunca mais!

— É o que não posso admitir.

— Mas, se estou convencida de que não sou sua mulher! Pertencço a ele. Juntei sacramentalmente minha vida à dele. Nada pode modificar isso.

— Mas, certamente somos marido e mulher, se algum dia houve neste mundo marido e mulher! O verdadeiro casamento, segundo a natureza, não há a menor dúvida!

— Mas não, segundo o céu. Um outro casamento foi feito para mim no céu e ratificado para a eternidade, na igreja de Melchester.

— Sue, Sue, foi o sofrimento que a levou a esse estado! Depois de me ter convertido às suas ideias em tantos pontos, você dá agora essa reviravolta, sem a menor razão, contradizendo tudo o que dizia e sentia antes! Você está arrancando de mim tudo o que ainda me restava de respeito e de afeição pela Igreja... O que não posso compreender agora é sua cegueira extraordinária para tudo o que foi sua antiga lógica. Será isso uma coisa sua ou todas as mulheres são assim? A mulher será realmente uma unidade que pensa ou apenas uma fração à procura de seu número inteiro? Tantas vezes você demonstrou que o casamento não é mais do que um contrato tolo — e como tinha razão! — Como apontava bem todas as objeções que se podem levantar contra ele, todos os seus absurdos! Se dois e dois faziam quatro, no tempo em que éramos felizes, certamente continuam a fazer quatro, agora, não? Não posso entender nada, repito!

— Judas querido, isso é porque você está como um homem completamente surdo que vê outros homens ouvindo música. Você se pergunta: que é que eles estão vendo, não há nada para se ver. Mas há.

— O que me disse é muito duro, e a comparação não é feliz. Você se libertou

dos velhos preconceitos, da casca antiga e me disse que fizesse o mesmo: agora, volta atrás de suas ideias. Confesso que fico muito abalado na opinião que tenho de você.

— Meu amigo querido, meu único amigo, não seja cruel para comigo! Não posso me impedir de ser o que agora sou. Nem de estar convencida de que estou certa — de que, enfim, vejo uma luz. Mas, como aproveitá-la?

Andaram ainda alguns passos, até saírem da igreja. Sue restituiu as chaves. Quando chegaram do lado de fora, Judas, sentindo-se com ânimo renovado, agora que estavam ao ar livre, disse:

— Pois, esta poderá ser a moça que trouxe os deuses pagãos para a mais cristã das cidades?! Poderá? A que imitava a senhorita Fontover quando ela os pisava para destruir com seus saltos? A mesma moça que leu Gibbon e Shelley e Mill? Onde estão agora a querida Vênus e o querido Apolo?

— Ah! não seja cruel comigo, Judas, comigo tão infeliz! — soluçou Sue. — Não o posso suportar. Estava errada, naquele tempo. Não posso discutir com você. Estava errada, era uma orgulhosa, uma convencida. A vinda de Arabela marcou o ponto final. Não zombe de mim, você me fere como um punhal.

Judas passou os braços em volta dela e abraçou-a no meio da rua deserta, apaixonadamente, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa para impedi-lo. Continuaram juntos até o café da esquina.

— Judas — disse ela, contendo as lágrimas —, você se incomodaria de tomar um quarto nesta casa?

— Tomarei, se realmente assim o quiser. Mas, será que você deseja mesmo isso? Deixe-me ir até a porta da nossa casa para ver se a compreendo melhor.

Foram e Judas a fez entrar. Disse que não queria jantar e subiu no escuro. Em cima, acendeu uma lâmpada. Virando-se, então, viu que Judas a tinha seguido e esperava na porta do quarto. Foi ao encontro dele, pôs a mão na dele e disse: — Boa noite.

— Mas Sue, não é aqui que nós moramos?

— Você não disse que faria o que eu quisesse?

— Disse. Está bem!... Talvez fosse errado de minha parte ter discutido tão desagradavelmente com você como fiz. Talvez, já que não nos podíamos casar nos velhos moldes, devêssemos ter-nos separado logo. Talvez o mundo não esteja bastante esclarecido para que se possam fazer experiências como a nossa. Quem éramos nós para pen-sarmos que podíamos agir como pioneiros!

— Fico muito contente que você consiga ver pelo menos isso! Nunca tive intenção deliberada de agir como agi. Caí nessa falsa posição impelida pelo ciúme e pelo enervamento.

— E também por amor, certamente. Por que gostou de mim?

— Gostei. Mas queria ficar nisso e que continuássemos sempre como dois namorados, até que...

— Mas duas pessoas que se amam não podem viver eternamente desta maneira!

— As mulheres podem. Os homens não, porque... não querem. A mulher é superior ao homem nesse ponto; nunca provoca, responde apenas. Deveríamos ter vivido em comunhão espiritual, e nada mais.

— E eu fui a infeliz causa da mudança, já disse... Bem, seja como você quiser... Mas a natureza humana não se pode impedir de ser o que é.

— Ah! É justamente o que se tem que aprender: o domínio de si mesmo.

— Repito: se um de nós dois tem que ser censurado, não é você, sou eu.

— Não. Sou eu. Sua fraqueza não foi senão o desejo natural do homem que quer possuir uma mulher. A minha não foi a mesma: o ciúme apenas me levou a querer vencer Arabela. Pensei também que devia ceder por caridade, porque seria abominavelmente egoísta, de minha parte, torturá-lo como tinha feito com o meu outro amigo. Mas, não teria cedido, se você não me tivesse vencido, fazendo-me temer a sua volta a ela... Mas não falemos mais nisso, você quer me deixar sozinha, agora?

— Deixo. Mas, Sue, minha mulher, que realmente é — disse Judas violentamente —, o que sempre censurei em você, estava certo que o censurasse. Você nunca me amou como eu a amei. Nunca! Nunca! Seu coração não se apaixona, não se queima numa chama! Você é, afinal de contas, fria — uma espécie de fada ou de espírito —, não uma mulher!

— No princípio, eu não o amava, Judas, convenho. Quando o conheci, queria simplesmente que você me amasse. Não o namorei. Simplesmente, tinha essa necessidade que mina a moralidade da maioria das mulheres muito mais do que qualquer paixão desregrada: atrair, cativar, sem pensar no mal que isso possa fazer ao homem. Quando senti que você estava bem preso, tive medo. Mas então — não posso bem compreender o que se passava — não podia suportar a ideia de deixá-lo partir... talvez para junto de Arabela. E foi assim que comecei a gostar de você, Judas. Mas, veja, não importa em que tenha dado, começou com o desejo cruel e egoísta de ver seu coração sofrendo por minha causa, sem deixar que o meu sofresse por você.

— E agora você aumenta essa crueldade, deixando-me.

— Ah! É. Quanto mais me debato, pior faço.

— Ora, Sue! — disse Judas, medindo o perigo que corria. — Não faça uma coisa imoral invocando razões morais. Você foi minha salvação social. Fique comigo, por piedade. Você sabe que homem fraco eu sou. Você conhece meus dois grandes inimigos: minha fraqueza pelas mulheres e minha atração pelo álcool. Não me abandone nas mãos dele, Sue, para salvar a sua alma. Desde que se tornou meu anjo da guarda, esses dois perigos foram mantidos à distância. Desde que tive você junto de mim, pude enfrentar essas tentações sem perigo. Minha salvação não valerá o sacrifício de alguns princípios dogmáticos? Tenho

muito medo de, se me abandonar, fazer como o porco que, depois de bem lavado, volta logo para se espojar na imundície.

Sue rompeu em choro: — Não, Judas, você não fará isso! Não pode fazer isso! Hei de rezar por você noite e dia!

— Bem, não se incomode com isso — disse Judas, generosamente.

— O que sofri por você em tempos, só Deus sabe! Agora estou sofrendo de novo. Mas, talvez não tanto quanto você. É a mulher quem acaba sofrendo mais no fim das contas.

— De fato.

— A menos que seja mulher completamente sem sentimento e desprezível! E esse não é absolutamente o caso!

Sue respirava nervosamente: — Tenho medo que ela... Bem, Judas, agora, boa noite, por favor!...

\_ Não posso ficar? Nem uma vez mais? Como já foi tantas vezes... Ó, Sue, minha mulher, por que não?

— Não, não, sua mulher não!... Estou nas suas mãos, Judas. Não me tente mais, agora que consegui ir tão longe!

— Muito bem, obedeço. Devo-lhe isso, em compensação de minhas exigências anteriores. Meu Deus, que grande egoísta eu fui! Talvez tenha estragado um dos mais puros e dos maiores amores que jamais tenham existido entre um homem e uma mulher! Que o véu do nosso templo se rasgue, nesta hora!

Foi até a cama, tomou um dos travesseiros e jogou-o no chão.

Sue, apoiada na cabeceira da cama olhava-o, chorando silenciosamente.

— Você não vê que isso é um caso de consciência para mim, e não de um desinteresse por você? — murmurou Sue com voz entrecortada. — Deixar de gostar de você! Mas não posso dizer mais nada, — isso me despedaça o coração... e destrói tudo o que consegui começar! Judas, boa noite!

— Boa noite! — disse Judas, voltando-se para sair.

— Ó, mas você tem que me beijar! — disse Sue, levantando-se. — Jamais suportaria... que...

Judas se abraçou a ela e beijou sua face cheia de lágrimas, como poucas vezes o tinha feito antes. Ficaram em silêncio, até que Sue falou: — Adeus, adeus!

E então, afastando-o delicadamente, libertou-se do abraço, procurando diminuir a tristeza do adeus e dizendo:

— Ficaremos amigos, Judas, da mesma forma, não? E nos veremos de vez em quando. E esqueceremos tudo isso para procurar voltar a ser o que éramos antigamente, não?

Judas, contendo as palavras, virou as costas e desceu as escadas.

## IV

O HOMEM que Sue, na sua reviravolta mental, considerava agora como seu inseparável marido, continuava a viver em Marygreen.

Na véspera do dia da tragédia das crianças, Phillotson os tinha visto, Judas e ela, no momento em que, debaixo da chuva, esperavam pela passagem do cortejo. No momento nada disse ao seu companheiro. Era um amigo velho, Gillingham, que viera passar alguns dias com ele, e que tinha sugerido a excursão a Christminster.

— Em que é que você está pensando? — perguntou Gillingham, quando voltaram para casa. — No diploma da universidade que nunca conseguiu?

— Não, não — disse Phillotson asperamente. — Estou pensando em alguém que vi ainda há pouco. — E ao cabo de alguns momentos, acrescentou: — Suzana.

— Também eu a vi.

— E não disse nada.

— Não queria chamar sua atenção para ela. Mas, já que a viu, deveria ter dito: Como vai você, minha querida ex-mulher?

— É. Poderia. Mas, que é que pensa disso: tenho boas razões para supor que ela era inocente quando nos divorciamos... e que estava errado. Sim, de fato! É estranho, não é?

— De qualquer modo, parece que ela teve o cuidado de dar razão a você depois, não?

— Hum!... É fácil gracejar com essas coisas. O fato é que eu, indiscutivelmente, deveria ter esperado.

No fim da semana, depois que Gillingham voltou para a sua escola, que ficava perto de Shaston, Phillotson foi, como costumava, ao mercado de Alfredston. Ruminava sempre as notícias dadas por Arabela, enquanto descia a encosta que tinha conhecido muito antes de Judas, se bem que não se tivessem desenrolado ali os momentos mais patéticos de sua vida. Chegando à cidade, comprou o jornal de costume, e sentando-se num café para refrescar um pouco a garganta antes de recomeçar as cinco milhas de volta, tirou o jornal do bolso e pôs-se a lê-lo. A notícia do “estranho suicídio dos filhos de um entalhador de pedras” chamou sua atenção.

Apesar de ser calmo por natureza, ficou terrivelmente impressionado e surpreso, pois não compreendia como o menino mais velho podia ter a idade que lhe atribuíam. No entanto, via-se bem que a notícia do jornal era verdadeira, pelo menos por alguns lados.

— O cálice de sofrimento deles está agora cheio! — disse ele.

E pensou e repensou em Sue, no que tinha ganho deixando-o.

Arabela morando agora em Alfredston e vindo o professor ao mercado todos os sábados, nada de extraordinário havia em que, algumas semanas depois, se

encontrassem de novo. Fora logo em seguida à volta de Arabela de Christminster, onde se tinha demorado mais do que pensava, vigiando Judas com um olho bem interessado, apesar de ele não a ter tornado a ver. Phillotson voltava para casa, quando encontrou Arabela que estava chegando à cidade.

— Gosta de passear neste caminho, senhora Cartlett? — perguntou ele.

— Estou recomeçando a passear agora — respondeu Arabela. — Foi aqui que vivi solteira e casada, e tudo o que tem valor para mim, no meu passado, está mais ou menos ligado a este caminho. E essas coisas estão muito vivas em mim, pois estou voltando de Christminster. Pois é. E estive com Judas.

— Ah! E como é que eles estão suportando a grande desgraça?

— De uma maneira estranha. Muito estranha. A mulher não está mais vivendo com ele. Só soube disso pouco antes de partir, se bem que tivesse desconfiado de que as coisas estavam caminhando para esse lado, quando estive com eles.

— Não está vivendo com o marido? Como assim? Pensei que isso fosse até uni-los mais.

— Ele não é marido dela, afinal. Nunca se casaram, apesar de terem vivido como marido e mulher por tanto tempo. E agora, em vez de essa desgraça ter feito com que fossem depressa legalizar a situação, ela apareceu com umas ideias religiosas estranhas, mais ou menos como as que tive, quando perdi Cartlett. Somente as dela são muito mais histéricas que as minhas. Diz — assim me disseram — que é sua mulher perante o Céu e a Igreja. Só sua. E que não pode ser de ninguém mais, por nenhum poder humano.

— Ah! sim?... Então, estão separados?

— Você sabe, o menino mais velho era meu filho...

— Ah! seu!

— Pois é, coitadinho, nascido legalmente, graças a Deus. E talvez ela sinta, acima de tudo mais, que era eu quem devia estar no seu lugar. Não sei. Quanto a mim, não ficarei por muito tempo aqui. Tenho que me ocupar de meu pai e não podemos ficar neste buraco. Espero breve entrar de novo no serviço de algum bar de Christminster ou de qualquer outra cidade maior.

Separaram-se. Phillotson tendo feito alguns passos na ladeira, parou e voltou, chamando Arabela:

— Qual é o endereço deles?

Arabela o deu.

— Obrigado e boa tarde.

Arabela retomou seu caminho com um sorriso feio. Continuou a se exercitar em fazer covinhas no rosto, desde o ponto em que começaram os salgueiros decepados até onde principiam os hospitais velhos, na primeira rua da cidade.

Enquanto isso, Phillotson subia para Mary green, fazendo pela primeira vez, depois de tanto tempo, planos para o futuro. Chegando à altura das grandes

árvores que sombreavam a humilde escola, a qual fora reduzido, parou, imaginando Sue saindo da porta para recebê-lo. Nenhum homem, cristão ou pagão, jamais sofreu tanto da própria caridade como Phillotson, quando permitiu que Sue partisse. Tinha caído de seu pedestal, empurrado pelas mãos dos homens virtuosos, quase morrera de fome e, agora, dependia inteiramente do ordenado mínimo que lhe proporcionava a escola daquele lugarejo (e, assim mesmo, todo mundo tinha falado mal do pároco que lhe dera aquela situação). Lembrou-se, várias vezes, da opinião de Arabela que lhe tinha dito que deveria ter sido mais severo para com Sue, que seu espírito recalcitrante acabaria por se dobrar. Mas o pouco caso ilógico e obstinado que tinha da opinião dos outros e dos princípios nos quais havia sido criado era tal que nunca tivera a menor dúvida de ter agido, em relação à mulher, exatamente como devia.

Princípios que os sentimentos podem abalar num determinado sentido estão arriscados a uma catástrofe semelhante, em sentido oposto. O instinto que o tinha levado a dar a Sue a sua liberdade permitia agora que considerasse sem grande importância o tempo que Sue vivera com Judas. Ele a desejava ainda, de acordo com o seu estranho modo de desejar, se bem que não a amasse, e independentemente de qualquer interesse, gostaria de tê-la de novo a seu lado, contanto que viesse por sua própria vontade.

Sabia que era preciso muito artifício para lutar contra o sopro frio e inumano do desprezo do mundo. E ali estavam materiais prontos para facilitar essa luta. Tornando a receber Sue, casando-se de novo com ela, sob o respeitável pretexto de que tinha havido um erro no julgamento e de que, portanto, o divórcio era nulo, poderia voltar a uma vida mais fácil, retomar seus antigos estudos, talvez mesmo retornar à escola de Shaston, ou, quem sabe, entrar no clero, como licenciado.

Pensou em escrever a Gillingham para saber sua opinião, e se achava bem que ele escrevesse a Sue. Gillingham respondeu, naturalmente que, se ela tinha ido embora, o melhor era deixá-la sossegada, pois que, realmente, se era mulher de alguém, era do homem a quem tinha dado três filhos, e com quem tivera aventuras tão trágicas. Provavelmente, já que ele parecia gostar tanto dela, o estranho casal acabaria por legalizar sua união e tudo estaria certo, em ordem, perfeitamente decente.

“Mas não o farão! Sue não quererá fazê-lo!”, exclamou Phillotson para si mesmo. Gillingham tem ideias antiquadas. Sue está impressionada e influenciada pelo espírito de Christminster. Imagino muito bem as suas ideias acerca da indissolubilidade do casamento e sei de onde elas vêm. Não são as minhas, mas vou me servir delas para chegar ao meu fim.

Escreveu uma carta-resposta a Gillingham: “Sei que estou completamente errado, mas não concordo com você. Quanto a ela ter vivido com ele e dele ter tido três filhos, acho que embora não possa dar nenhum argumento moral ou

lógico em favor de meu modo de ver, isso pouco mais fez do que completar sua educação. Vou escrever a Sue para saber se o que essa mulher disse é verdade ou não”.

Como já tinha decidido agir assim, antes de escrever ao amigo, não havia realmente razão para essa carta. No entanto, era da natureza de Phillotson proceder assim.

Em consequência, escreveu a Sue uma cuidadosa e bem pensada carta e, conhecendo o seu temperamento emotivo, deixou transparecer aqui e ali uma severidade peremptória, escondendo cuidadosamente suas opiniões heterodoxas, para não amedrontá-la. Tendo sabido como suas ideias haviam mudado, achou-se na obrigação de lhe dizer também como as dele se tinham modificado, depois dos acontecimentos que se haviam seguido à sua partida. Não lhe podia esconder que a paixão pouco tinha a ver com a sua comunicação. Provinha de um desejo de fazer de suas vidas, senão um sucesso, pelo menos um desastre menor do que estava sendo por culpa do erro que tinham cometido pensando agir por princípios de caridade, justiça e razão.

Tinha percebido que ninguém pode, sem perigo, numa civilização velha como a nossa, se deixar levar a um sentimento instintivo e descontrolado de justiça e de direito. Era necessário agir de acordo com uma noção artificial adquirida, se se queria gozar uma parte razoável de vida fácil e honrada, e deixar a misericórdia de lado.

Sugeria que viesse morar com ele, em Marygreen.

Pensando melhor, suprimiu o penúltimo parágrafo. E, tendo recopiado a carta, enviou-a imediatamente, esperando o resultado com alguma excitação.

Alguns dias depois, viu-se uma forma avançando no meio do ruço que envolvia o subúrbio de Beersheba, dirigindo-se para a casa onde Judas Fawley morava desde que se separara de Sue. Bateu timidamente à porta.

Como era de noite, Judas estava em casa. E, como se adivinhas-se, ergueu-se e correu ele mesmo para abri-la.

— Você pode sair comigo? Prefiro não entrar. Eu queria... conversar e ir com você ao cemitério.

Sue dissera estas palavras com voz trêmula. Judas pôs o chapéu na cabeça.

— Está um tempo terrível para você ficar na rua — disse ele. — Mas, se prefere não entrar, não me importo.

— Prefiro sim. Não reterei você por muito tempo.

Judas estava emocionado demais para falar logo. Também Sue não era senão um feixe de nervos e parecia incapaz de qualquer iniciativa. Avançavam no meio do ruço como sombras vindas do Aquerão, silenciosas, sem um gesto.

— Queria dizer a você — começou enfim Sue com voz às vezes precipitada, às vezes lenta — para que não venha a saber disso por acaso. Vou voltar para junto de Richard. Ele consentiu... tão magnanimamente... em perdoar tudo.



— Você vai voltar? Como pode você...

— Ele vai tornar a se casar comigo. Isso será pela forma, para satisfazer ao mundo, que não vê as coisas como elas são. Mas, naturalmente, eu já *sou* sua mulher. Nada pode mudar isso.

Judas se voltou para Sue com uma angústia quase feroz.

— Mas, você é *minha* mulher! Sim, é! E sabe disso! Sempre lastimei a farsa que representamos quando nos ausentamos para fingir que tínhamos legalmente casado, só para salvar as aparências. Eu gostava de você, você gostava de mim, vivíamos bem um com o outro, e é isso que faz o casamento. Ainda nos amamos — eu tão bem quanto você — e eu *sei* disso, Sue! Portanto, nosso casamento não está desfeito.

— Sim, bem sei o que pensa a respeito — disse Sue, fazendo o possível para conter seu desespero. — Mas vou me casar de novo com ele, Judas, chame você isso como quiser. E, para falar francamente — perdoe-me de lhe dizer isso! — você deveria receber de novo... Arabela.

— Devia? Deus meu! E depois? E que faria você, se nos tivéssemos casado legalmente, como estivemos a ponto de fazer?

— Sentiria exatamente a mesma coisa: que nosso casamento não era um casamento. E voltaria para Richard, sem repetir o sacramento, se tal fosse a vontade dele. Mas o mundo e a opinião das pessoas têm um certo valor, suponho, e por isso não me oponho a repetir a cerimônia... Não me esmague com sua ironia e suas sátiras, Judas, peço por favor! Fui mais forte que você, em tempos, e talvez o tenha tratado cruelmente. Mas, Judas, pague o mal com o bem! Sou a mais fraca, agora. Não me pague na mesma moeda. Seja bom. Bom para mim, uma pobre e má mulher que está experimentando se tornar melhor!

Judas balançou a cabeça com desespero, os olhos cheios de lágrimas. A desgraça que tinha caído sobre ela parecia ter destruído todas as suas faculdades de raciocínio. A visão tão nítida que tinha tido das coisas parecia ter-se obscurecido.

— Tudo isso está errado, errado! — disse ele. — Erro... perversidade. Isso me enlouquece. Você sente alguma coisa por ele. Você gosta dele? Você bem sabe que não. Será uma substituição por fana-tismo... Deus me perdoe —, mas é exatamente o que vai ser.

— Eu não gosto dele... tenho que reconhecer, apesar do remorso que sinto. Mas experimentarei aprender a amá-lo, obedecendo-lhe.

Judas discutiu, suplicou, implorou. As convicções dela eram mais fortes que tudo. Parecia ser a única certeza que possuía neste mundo. E sua persuasão àquele respeito tirava-lhe toda a firmeza em qualquer outro assunto ou desejo que acaso pudesse ter.

— Pensei bastante e resolvi dizer a verdade, dizê-la eu mesma — continuou, num tom seco — para que você não se considerasse ofendido, se viesse a saber

do ocorrido por outros. Cheguei mesmo a concordar que não gosto dele. Mas nunca pensei que você fosse tão duro comigo. Ia mesmo pedir-lhe que...

— Deixasse você ir?

— Não, que me mandasse minhas malas... se você quisesse. Mas, suponho que não esteja disposto, não?

— Claro que estou. Mas, o quê? Então ele não a vem buscar aqui? Não se casa com você aqui? Não condescende em fazer isso?

— Não, eu não o permitiria. Vou ter com ele voluntariamente, exatamente como sai de junto dele. Teremos que nos casar na igreja de Mary green.

Sue era tão tristemente doce, no que Judas chamava sua teimosia, que mais de uma vez não pôde deixar de se sentir com lágrimas nos olhos, com pena dela.

— Nunca vi uma mulher capaz de se infligir, voluntariamente, tais penitências, Sue! Apenas a gente imagina que você vai seguir pelo caminho em frente, que é a única solução, e já vai você dobrando na primeira esquina!

— Não importa, deixe estar! ... Judas, tenho que lhe dizer adeus. Mas, quero que você vá ao cemitério. Quero dizer adeus a você lá, diante do túmulo dos que morreram para me fazer compreender o meu erro.

Saíram na direção do cemitério e fizeram abrir o portão. Sue tinha estado lá tantas vezes que achou o caminho no escuro. Diante do túmulo, ficaram imóveis.

— É aqui que quero me separar de você — disse Sue.

— Pois seja.

— Não me julgue dura porque agi de acordo com minhas convicções. A sua dedicação por mim não sofre paralelos. Seu insucesso na vida, se houve insucesso, está a seu crédito e não em seu desfavor. Lembre-se que os melhores e os maiores neste mundo são os que não atingem os bens terrestres. Todo homem que consegue algum sucesso torna-se mais ou menos um egoísta. Os generosos, falham... “A caridade não procura o próprio benefício”.

— A esse respeito, estamos de acordo, meu bem sempre querido, e, neste ponto, separamo-nos amigos. O que você citou sempre lhe parecerá certo, mesmo quando o resto do que você chama religião tiver desaparecido.

— Bem, não discutamos a respeito. Adeus, Judas, meu companheiro no pecado e meu melhor amigo!

— Adeus, minha pobre mulher que está no erro, adeus!

NO DIA seguinte, de tarde, o ruço habitual envolvia ainda Christminster. Mal se podia distinguir a silhueta delgada de Sue que se dirigia para a estação.

Judas não teve ânimo de ir trabalhar naquele dia. Nem mesmo de ir se colocar em alguma esquina por onde ela tivesse probabilidades de passar. Partiu em direção oposta, para um lugar de uma paisagem estranha: ramos de árvore pingavam, adivinhavam-se no ar ameaças de tosses e de tísicas... Nunca tinha estado antes ali. “Sue me deixou... Sue partiu!” — murmurava miseravelmente.

Durante esse tempo, Sue tinha já descido do trem, a caminho de Alfredston, para tomar o trenzinho a vapor que levava à cidade. Tinha pedido a Phillotson que não fosse recebê-la. Queria, ao que dizia, vir até a casa, até o lar dele, voluntariamente.

Era uma sexta-feira de tarde, dia que tinha sido escolhido porque o professor ficava livre desde as quatro horas até a segunda-feira seguinte. O carro que alugou na Hospedaria do Urso para ir até Marygreen deixou-a, a seu pedido, na entrada da estrada, a uma meia milha do lugarejo, e foi adiante dela, levando a bagagem que tinha trazido. Pelo caminho, encontrou-o de volta e perguntou ao cocheiro se tinha achado a casa do professor aberta. O homem lhe disse que sim e que tinha entregue as suas bagagens ao próprio professor.

Sue podia, agora, entrar em Marygreen sem chamar muito a atenção. Passou pelo poço e por debaixo das árvores para atingir a bela escola nova, do outro lado. Abriu a porta e entrou sem bater.

Phillotson esperava-a, de pé, no meio da peça, como Sue lhe pedira.

— Vim — disse ela, trêmula e pálida, atirando-se numa cadeira. — Não posso acreditar que você tenha perdoado a sua mulher!

— Tudo, minha querida Suzana! — disse Phillotson.

Sue estremeceu ouvindo essa palavra de carinho, embora fosse proposadamente dita sem grande fervor. Mas logo se dominou. — Meus filhos morreram... e é justo que tenha sido assim. Quase me alegro com isso. Eles eram nascidos do pecado. Foram sacrificados para me ensinar como se deve viver! Sua morte foi a primeira etapa de minha purificação. E é por isso que não morreram em vão!... Você quer me receber de volta?

Phillotson ficou tão emocionado com o tom e com aquelas lamentáveis palavras que fez mais do que pretendia: inclinou-se e beijou-a no rosto.

Sue teve um movimento imperceptível de recuo, sua carne estremeceu ao contato dos lábios dele.

O coração de Phillotson pulou, pois nele já renascia o desejo.

— Você ainda tem aversão por mim?

— Não, meu caro, não... Vim... de carro, com muita umidade, e sinto um pouco de frio — disse Sue, com um sorriso rápido e apreensivo. — Quando é que vamos nos casar? Breve?

— Amanhã de manhã cedo, se realmente você assim o deseja. Vou mandar prevenir o pastor que você chegou. Contei-lhe tudo e ele nos aprova muito... diz que isso conduzirá nossas vidas a um fim plenamente satisfatório e triunfante. Mas, está segura de si mesma? Ainda não é tarde para recuar, se acha que não pode se decidir... sabe?

— Posso sim, posso! Quero que se faça rapidamente. Estou exausta, não posso esperar muito!

— Coma e beba qualquer coisa, e depois suba para seu quarto em casa da senhora Edlin. Pedirei ao vigário para que seja amanhã às oito e meia, antes de ter muita gente... se não for cedo demais para você, será? Meu amigo Gillingham está aqui para assistir à cerimônia. Teve a bondade de vir, lá de Shaston, apesar de isso ser um grande incômodo para ele.

Ao contrário de uma mulher normal que olha logo e repara tudo em volta, Sue não parecia ver nada da peça onde estavam, nem perceber detalhe algum a sua volta. Mas, atravessando a sala para ir guardar o regalo, soltou um pequeno: “Ó!” — e ficou ainda mais pálida. Tinha a expressão do condenado à morte que vê o próprio caixão.

— O que é? — perguntou Phillotson.

Quando fora guardar o regalo, a secretária estava por acaso aberta e seus olhos tinham caído sobre um documento que estava dentro.

— Ó!, apenas uma surpresa engraçada — disse Sue, procurando disfarçar com o riso sua exclamação, enquanto voltava para a mesa.

— Ah! sim — disse Phillotson. — A licença... Chegou justamente agora.

Gillingham, descendo de seu quarto, veio ter com eles. Sue procurou lhe ser agradável, falando de tudo que poderia interessá-lo, exceto dela mesma que era, no entanto, de tudo, o que mais o interessava. Jantou um pouco, por obediência, e preparou-se para ir para casa. Phillotson atravessou como ela o gramado e dissilhe boa-noite na porta da casa da senhora Edlin.

A viúva acompanhou Sue até o seu quarto provisório e ajudou-a a desarrumar a mala. Entre outras coisas, tirou da mala uma camisa de noite bordada com muito gosto.

— Ó, não sabia que tinha trazido *isso!* — disse Sue com vivacidade. — Não queria ter trazido. Mas aqui tenho outra — e tirou uma camisa nova, muito lisa, de uma fazenda grossa e comum.

— Mas a outra é muito mais bonita — disse a senhora Edlin. — Esta não é melhor do que a de fazenda de saco de que fala a Escritura!

— Pois é assim que eu quero que seja. Dê-me a outra.

Tomou-a e pôs-se a rasgá-lo com violência. E os rasgões ressoavam pela casa toda como um grito de coruja.

— Mas, minha cara moça, que é isso...

— É adúltera. Ela me lembra coisas que não sinto mais... comprei-a, há

muito tempo, para agradar a Judas. Precisa ser destruída.

A senhora Edlin levantava os braços para o céu, mas Sue continuava a reduzir a camisa a farrapos, jogando os pedaços no fogo.

— Você podia ter dado ela para mim — dizia a viúva. — Faz-me mal ver jogar no fogo um trabalho tão delicado! Não é que essa camisa tão bonita pudesse servir para uma mulher velha como eu! Meu tempo já passou, de há muito!

— É uma coisa amaldiçoada. Lembra-me coisas que quero esquecer! — respondeu Sue. — Só serve para o fogo.

— Senhor Deus, você é rigorosa demais! Por que é que você usa palavras assim e condena ao inferno seus pobres filhinhos inocentes que morreram?! Palavra que eu não chamo a isso religião.

Sue escondeu o rosto na cama e soluçou: — Não diga isso. Não diga. Isso me mata.

Caiu de joelhos, sacudida por sua grande mágoa.

— Vou lhe dizer uma coisa... você não deve se casar com esse homem de novo — disse a viúva Edlin, indignada. — Você gosta ainda do outro!

— Caso, sim. Devo casar... pois, já sou dele.

— Qual! Você é do outro. Se vocês não quisessem começar logo se unindo na igreja, seria melhor para ambos. Dadas as razões que têm, poderiam tornar a viver como viviam e tudo estaria enfim arranjado. Afinal de contas, só vocês dois é que têm a ver com isso, e ninguém mais.

— Richard disse que me quer de novo, tenho que voltar para ele. Se me tivesse recusado, então, talvez não fosse tanto meu dever deixar Judas, mas...

Continuava com o rosto escondido nos lençóis. A senhora Edlin saiu do quarto.

Neste intervalo, Phillotson voltara para junto do seu amigo Gillingham, que continuava sentado à mesa do jantar. Logo depois, levantaram-se e foram andar um pouco, fora, para fumar. Havia uma luz brilhando na janela de Sue e, de vez em quando, passava uma sombra para cá e para lá, atrás da persiana.

Gillingham tinha ficado evidentemente impressionado com o encanto indefinível de Sue e, depois de algum tempo de silêncio, disse: — Pois é, você acabou por agarrá-la de novo. É difícil que ela se vá uma segunda vez. A pera caiu nas suas mãos.

— É!... Creio que fiz bem em tomar suas palavras ao pé da letra. Confesso que há uma certa parte de egoísmo nisso. Além de ela ser o que é, um luxo para um velho empoeirado como eu, isso me serve junto ao clero e aos laicos ortodoxos, que não me perdoam nunca tê-la deixado partir. Poderei talvez, com isso, voltar à minha antiga situação.

— Pois bem! Se tem alguma razão sólida para retomá-la como mulher, case-se logo, meu Deus! Sempre fui contra você abrir a porta da gaiola para deixar o passarinho fugir, o que lhe era evidentemente um suicídio. Você poderia ser

inspetor escolar a esta hora, ou talvez reverendo, se não tivesse sido tão fraco para com ela.

— Eu me causei um prejuízo irreparável... Sei disso.

— Pois, agora que você tornou a prendê-la, trate de guardá-la bem.

Naquela noite, Phillotson estava meio evasivo. Não queria admitir francamente que o fato de tornar a receber Sue não tinha, no fundo, nada a ver com o arrependimento de tê-la deixado partir, e era, muito antes, um instinto humano mais forte que qualquer princípio.

— Sim, é o que devo fazer — disse ele. — Conheço as mulheres melhor, agora. Por mais justo que fosse dar-lhe a liberdade, era pouco lógico para uma pessoa que tinha sobre o assunto as ideias que eu possuía.

Gillingham o olhou e se perguntou se o espírito reacionário que os debiques dos outros e os seus desejos físicos tinham provocado em Phillotson acabariam por torná-lo, por ortodoxia, mais cruel para com Sue do que tinha sido generoso em outros tempos, de uma generosidade, aliás, irregular e, às vezes, perversa.

— Vejo que não devo me deixar levar pelos meus impulsos — declarou Phillotson que, a cada minuto, sentia mais a necessidade de agir de acordo com sua nova posição. — Lancei-me contra os ensinamentos da Igreja. Mas não o fiz com premeditação, ou com malícia. A influência das mulheres é uma coisa tão estranha que nos leva até mesmo a empregar mal a nossa bondade. Mas, agora, eu me conheço melhor. Um pouco de judiciosa severidade, talvez...

— É, mas você deve apertar as rédeas aos poucos. Não seja muito severo no princípio. Ela irá capitulando com o tempo.

A advertência não era necessária, porém Phillotson não o confessou.

— Lembro-me do que me disse o vigário de Shaston quando tive que me afastar, depois do barulho que fizeram por eu ter consentido que ela partisse: “A única coisa que você pode fazer para readquirir sua posição é admitir o erro que cometeu não a tendo retido com mão firme e sábia e recebê-la de novo, se ela voltar e ser firme no futuro”. Mas, eu era tão teimoso naquela época que não prestei a menor atenção. Nunca pensei, aliás, que, depois do divórcio, pensasse em voltar.

Rangetu o portão da casa da viúva Edlin e alguém atravessou o gramado, vindo na direção da escola. Phillotson disse: — Boa noite.

— Ah! É o Sr. Phillotson? — disse a senhora Edlin. — Vinha procurá-lo, justamente. Estive lá em cima, ajudando-a a desarrumar a mala e, palavra de honra, isso não pode ser!

— Isso o quê? O casamento?

— É. Ela está se forçando, coitadinha, e o senhor não tem a menor ideia do que está sofrendo. Nunca fui nem muito pró nem muito contra a religião, mas não pode estar certo deixá-la fazer isso. E o senhor deve persuadi-la a sair disso. Naturalmente, todo mundo vai dizer que é muito bom e muito generoso da sua

parte retomá-la. Pois eu, por minha parte, não acho.

— É a vontade dela e eu concordo... — disse Phillotson num tom de grave reserva, pois, naquele momento, a oposição o tornava, illogicamente, muito mais teimoso. — Um grande erro vai ser reparado.

— Não creio. Ela é mulher dele e de mais ninguém. Teve dele três filhos e ele continua a amá-la ternamente. É uma vergonha e uma malvez levá-la a isso, pobre criaturinha nervosa! Não tem ninguém por si. Teimosa, não deixa que se aproxime dela o único homem que pode ser seu amigo. Pergunto-me o que é que a terá levado a isso!

— Não lhe posso dizer. Não fui eu, certamente. Foi tudo espontâneo, da parte dela. E é tudo o que tenho a lhe dizer. — Phillotson falava agora num tom seco.

— A senhora arranjou de repente umas ideias engraçadas. Nem parecem suas.

— Sabia bem que ia ofendê-lo com o que tinha a dizer. Mas não me importa: a verdade é a verdade.

— Não estou ofendido, senhora Edlin. A senhora foi sempre uma vizinha boa demais para que isso pudesse acontecer. Somente, tenho bem direito de pensar saber o que é mais conveniente para Suzana e para mim. Suponho que não há de querer ir conosco à igreja, então.

— Nunca. Preferia ser enforcada! Não sei para onde vamos! O casamento se tornou uma coisa tão séria que as pessoas têm realmente medo de dar esse passo. No meu tempo, era tomado menos a sério, e não creio que andássemos pior! Quando meu pobre marido e eu nos metemos nisso, foi uma festança a semana inteira, e toda a paróquia bebeu a rodo. E tivemos de pedir emprestada meia coroa para poder começar nossa vida!

Quando a viúva voltou para casa, Phillotson disse com um ar preocupado: — Eu me pergunto se devo realmente agir assim, pelo menos com essa rapidez.

— Por quê?

— Se realmente ela está se forçando a fazer isso, contra seus instintos... unicamente em virtude de suas ideias novas sobre dever e religião, devia talvez deixá-la esperar um pouco.

— Agora que você foi tão longe, não pode recuar. Essa é minha opinião.

— É verdade que só dificilmente posso adiar a coisa, agora. Mas tive um aperto no coração quando ouvi Sue soltar aquele gritinho ao ver a licença para o casamento.

— Pois, agora, não tenha mais apertos de coração, meu velho! Tenciono levá-la até o altar amanhã de manhã e você tenciona recebê-la como mulher. Sempre me ficou na consciência não lhe ter feito maiores objeções ao deixá-la partir, naquele tempo, e agora que chegamos ao que chegamos, não me sentirei tranquilo se não ajudá-lo o máximo possível a resolver bem o caso.

Phillotson meneou a cabeça e, sentindo o amigo tão decidido, falou mais francamente:

— Não tenho dúvida de que, quando souberem do que fiz, serei julgado, por muitos, como um imbecil sem energia. Mas é que eles não conhecem Sue, como eu a conheço. Sua natureza é tão direita e tão franca que não creio que tenha feito nunca nada contra sua consciência. O fato de ter vivido com Fawley não conta. No tempo em que me deixou, pensava que estava em seu pleno direito. Agora, pensa de outra maneira.

Chegou a manhã do dia seguinte, e o sacrifício da mulher no altar daquilo que ela própria chamava de seus princípios foi aceito pelos dois amigos, cada um do seu ponto de vista. Phillotson se dirigiu para a casa da viúva Edlin, para buscar Sue, um pouco antes de oito horas. O ruço que encobria, há já uns dois dias, a parte baixa da região, subira até a parte alta. As árvores da praça o retinham nos seus galhos e transforma-vam-no em grossas gotas de chuva. A noiva esperava, pronta, de chapéu na cabeça. Nunca, como naquela luz pálida da manhã, lembrava tanto o lírio que seu nome anunciava. Purificada, cansada do mundo, cheia de remorsos, a tensão nervosa lhe tinha gasto carne e nervos, e parecia mais pequena e mais frágil do que nunca, embora jamais tivesse sido uma mulher grande e forte, nem mesmo nos dias de boa saúde.

— Pronta? — disse o professor, escondendo-lhe magnanimemente a mão. Reteve, porém, o impulso de beijá-la, lembrando-se do estremecimento da véspera — desagradável lembrança de que não conseguia se libertar.

Gillingham veio ter com eles e deixaram a casa. A viúva Edlin persistia na recusa de assistir à cerimônia.

— Onde é a igreja? — perguntou Sue. Não vivera em Mary green depois da destruição da igreja velha e, na preocupação em que estava, não se lembrava mais onde era a nova.

— Ali adiante — disse Phillotson e, pouco depois, apareceu, com efeito, por entre a bruma, uma torre pesada e solene.

O vigário já estava, e, quando entraram, gracejou: — Quase que precisamos de velas...

— Você realmente quer que eu seja sua mulher, Richard? — sussurrou Sue, ofegante.

— Certamente minha querida. Mais do que qualquer outra coisa no mundo!

Sue não disse mais nada, e Richard, pela segunda ou terceira vez, sentiu que ja não seguia o mesmo instinto de humanidade que, um dia, o induzira a deixá-la partir.

Estavam ali cinco pessoas: o pároco, o sacristão, o casal e Gillingham. E o rito santo foi logo solenemente celebrado. Na igreja havia uns dois ou três aldeões. Quando o pároco chegou às palavras: “O que *Deus* uniu”... ouviu-se uma voz de mulher que murmurava, o bastante alto para ser ouvida: “Deus verdadeiramente os uniu”.

Era como uma reedição, por fantasmas deles próprios, da cena que se tinha



passado anos antes, em Melchester. Quando acabaram de assinar os papéis, o pároco felicitou marido e mulher por terem feito um ato tão nobre e tão justo de perdão recíproco.

— Tudo está bem quando acaba bem — disse, sorrindo. — Possam vocês ser muito felizes juntos, depois de terem sido, por assim dizer, salvos pelo fogo.

Saíram do edifício quase vazio e dirigiram-se para a escola.

Gillingham queria chegar em casa naquela mesma noite e, por isso, partiu cedo. Também ele felicitou o casal: — Agora — disse ele a Phillotson que o tinha acompanhado durante um trecho do caminho — poderei levar, às pessoas de sua terra, uma notícia boa. E todos aprovarão o que você fez, pode estar certo.

Quando o professor voltou, Sue se ocupava da casa como se morasse ali. Pareceu porém intimidada, quando ele se aproximou.

— Naturalmente — disse Phillotson gravemente —, não tenho tenção de me impor a você agora, como não o fiz outrora. Foi por causa da nossa boa situação social que fizemos isso. E, se esta não foi a razão real do meu ato, é a sua justificativa.

A expressão do rosto de Sue se animou ligeiramente.

## VI

ERA NA porta da casa de Judas, nos subúrbios de Christminster, bem longe do bairro de São Silas, onde morava antes e onde se tinha sentido mortalmente triste. Chovia. Uma mulher com uma roupa preta, muito usada, estava parada em frente à porta que Judas segurava com uma das mãos.

— Estou sozinha, sem nada, sem casa... é como estou! Papai me pôs para fora, depois de me ter arrancado até o último *penny* para empregá-lo nos seus negócios. E, depois, chamou-me de preguiçosa, quando eu estava apenas à espera de uma situação. Estou à mercê do mundo! Se você não puder me receber e me ajudar, Judas, terei que ir para uma fábrica ou para coisa pior... Agora mesmo, quando vinha para cá, dois estudantes me disseram graças. E é difícil, para uma mulher, continuar virtuosa no meio de tantos rapazes!

A mulher que falava assim, debaixo da chuva, era Arabela. A tarde era a do dia seguinte do casamento de Sue com Phillotson.

— Sinto por você, mas não disponho senão de um quarto alugado — disse Judas, friamente.

— Então, você me manda embora?

— Vou dar a você alguma coisa para arranjar comida e dormida por alguns dias.

— Ó, mas você não pode ter a bondade de me receber? Detesto a ideia de ir para uma hospedaria. Estou tão sozinha! Por favor, Judas, em memória de outros tempos!

— Não, não — disse Judas precipitadamente. — Não quero me lembrar. E se você falar nisso, não lhe ajudarei.

— Então, tenho que me ir embora! — disse Arabela. E, apoiando a cabeça na porta, pôs-se a soluçar.

— A casa está cheia — replicou Judas. — Não tenho senão um pequenino quarto de malas, onde guardo meus instrumentos de trabalho e os poucos livros que me restam.

— Seria um palácio para mim!

— Não tem cama.

— Pode-se pôr um colchão no chão. Será bastante bom para mim.

Incapaz de ser duro com ela, e não sabendo o que fazer, Judas chamou o homem que alugava os quartos e disselhe que aquela mulher era uma conhecida sua, estava em grande necessidade e precisava de um abrigo temporário.

— Talvez o senhor se lembre de mim como empregada no bar do Carneiro e do Estandarte? — falou Arabela. — Meu pai me insultou esta tarde e eu o abandonei, apesar de não ter dinheiro algum.

O homem respondeu que não se podia lembrar de sua fisionomia:

— Mas, se é uma amiga do senhor Fawley, farei o possível para arranjar qualquer coisa, por um dia ou dois... caso ele se responsabilize por você.

— Sim, sim — disse Judas. — Realmente ela me apanhou desprevenido, mas gostaria de ajudá-la e de tirá-la dessa dificuldade.

Chegaram a uma combinação pela qual resolveram instalar uma cama no pequeno quarto de malas de Judas, de modo que Arabela lá pudesse ficar até que saísse da dificuldade em que estava, não por culpa sua — dizia ela — e pudesse voltar para casa do pai.

Enquanto esperavam pelos indispensáveis preparativos, Arabela disse: — Você já sabe da notícia, não?

— Adivinho o que quer dizer, mas não sei de nada.

— Tive uma carta de Anny, de Alfredston, hoje. Ela ouviu dizer que o casamento estava marcado para ontem, mas não sabia se realmente tinha se realizado.

— Não quero falar nisso.

— Não, não, claro que não! Somente isso mostra que espécie de mulher ela é...

— Não fale dela, já lhe disse! É uma louca... mas é um anjo também, pobrezinha!

— Se a coisa se fez, ele poderá, ao que parece, recuperar a antiga situação. Pelo menos, é o que Anny diz. Todos os que se interessam por ele, inclusive o bispo, ficarão muito satisfeitos.

— Poupe-me, Arabela.

Instalaram Arabela no quarto das malas. No começo, não se aproximou de Judas. Ia e vinha, ocupando-se com o que era de seu exclusivo interesse. Cuidava, como dizia a Judas quando se encontravam um momento na escada ou na porta dos quartos, de arranjar um lugar num negócio de bares, pois era o que entendia melhor. Quando Judas sugeriu Londres, como oferecendo maiores oportunidades, sacudiu a cabeça:

— Não. Há muitas tentações demais! Prefiro qualquer humilde tavernazinha, no interior.

No domingo seguinte, como estivesse tomando café mais tarde do que nos outros dias, Arabela lhe perguntou, humildemente, se podia vir juntar-se a ele, porque quebrara o bule e não podia ir comprar outro, naquele momento, porque as lojas estavam fechadas.

— Sim, se você quiser — disse Judas com indiferença.

Como estivessem sentados, sem conversar, subitamente Arabela falou: — Você está muito pensativo, meu velho. Tenho pena de você.

— Estou muito, de fato.

— É por causa dela, estou certa. Não é de minha conta, mas poderei saber de tudo acerca do novo casamento, se isso lhe interessar.

— Como assim?

— Estou querendo ir a Alfredston para apanhar algumas coisas que deixei lá.

Poderei procurar Anny que, com certeza, sabe de tudo a respeito, porque tem amigos em Marygreen.

Judas não podia suportar a ideia de aceitar essa proposta. Contudo, a ansiedade lutava contra a discrição e acabou por vencê-la:

— Você pode indagar, se quiser — disse ele. — Não ouvi absolutamente nada a respeito. Deve ter sido feito muito na intimidade... se é que se casaram mesmo,

— Só tenho medo de não ter dinheiro bastante para a viagem de ida e volta. Senão, já teria ido antes. Creio que devo esperar até ganhar um pouco mais.

— Ora, posso pagar sua viagem! — disse Judas com impaciência.

E foi assim que a sua ansiedade a respeito de Sue e do possível casamento levou-o a despachar, à carta de informações, o último dos emissários que teria escolhido, deliberadamente, para tal fim.

Arabela foi e Judas lhe pediu que voltasse pelo trem das sete horas.

Quando partiu, Judas pensou: "Por que teria pedido para que voltasse por esse determinado trem? Ela não me é nada... nem a outra, tampouco."

Mas, tendo acabado o serviço, não pôde deixar de ir até a estação buscar Arabela, impelido pela pressa febril em que estava de saber as notícias que podia trazer, e de saber logo o pior. Arabela tinha passado a viagem de volta experimentando fazer covinhas no rosto e, quando desceu do trem, sorria. Judas disse, apenas:

— E então? — Via-se na sua fisionomia exatamente o contrário de um sorriso.

— Estão casados.

— Claro que estão! — respondeu ele. E Arabela reparou na contração de lábios que teve, ao falar.

— Anny disse que ouviu de Belinda, uma parenta que tem em Marygreen, que foi tudo muito estranho e muito triste.

— Por que triste? Ela queria se casar com ele de novo, não queria? E ele também, não?

— É. Pois é. Ela queria num sentido, mas não queria noutro. A senhora Edlin ficou muito abalada com a história e não escondeu a Phillotson o que pensava. Mas Sue estava tão excitada que queimou as roupas bordadas mais finas que tinha só porque as usou com você, isto é: para apagá-lo completamente da memória. Bem... se uma mulher pensa como ela, tem que agir assim. Aprovo o que faz, se bem que os outros não o façam. — Arabela suspirou: — Ela achava que ele era o seu único marido aos olhos de Deus, e que, enquanto vivesse, não poderia pertencer a nenhum outro homem. Talvez haja uma outra mulher que também sinta a mesma coisa, em relação ao seu próprio caso! — e Arabela suspirou de novo.

— Nada de hipocrisias! — exclamou Judas.

— Não é hipocrisia — disse Arabela. — Sinto exatamente a mesma coisa que ela!

Judas pôs fim a essas efusões, dizendo bruscamente:

— Bem, agora sei tudo o que queria saber. Muito obrigado por suas informações. Não vou voltar para casa já — e deixou-a incontinenti.

Na tristeza e depressão em que estava, Judas se pôs a percorrer todos os bairros da cidade onde tinha estado com Sue. Depois, sem saber o que fazer, pensou em voltar para jantar. Mas, como tinha todos os vícios de suas virtudes e alguns a mais, entrou num bar, coisa que não fazia há muitos meses. Entre as possíveis consequências de seu casamento, Sue não tinha pensado nessa.

Enquanto isso, Arabela tinha voltado para casa. A noite avança-va e Judas não voltava. Às nove e meia, Arabela saiu por seu lado.

Dirigiu-se primeiro para um arrabalde, à beira do rio, onde morava seu pai, que ali abrira um pequeno e precário açougue.

— Apesar de toda a barulhada que você fez comigo, naquela noite — disse ela —, voltei, porque tenho uma coisa para lhe contar. Creio que vou poder me casar de novo, e sair dessa situação. Mas você tem que me ajudar. É o mínimo que pode fazer, depois de tudo o que suporrei de você.

— Farei tudo o que puder para me ver livre de você!

— Muito bem. Vou agora buscar o meu rapaz. Receio que esteja na perdição do vício e preciso trazê-lo para casa. Só o que lhe peço é que não feche a porta, para o caso de eu querer vir dormir aqui essa noite e entrar tarde.

— Bem vi que você se cansaria depressa de tomar ares dignos e de me deixar em paz!

— Bom... Não feche a porta, é só o que peço!

Tornou a sair e, depois de ter passado em casa, para ter certeza de que Judas não tinha voltado, começou a procurá-lo. A intuição do que ele devia ter feito levou-a diretamente à taverna que Judas frequentava outrora, e onde ela tinha estado algum tempo empregada.

Assim que abriu a porta da “Sala reservada”, seus olhos caíram nele, sentado no fundo da sala, no lado mais escuro, com os olhos fixos no chão e um ar desamparado. Não tinha bebido senão cerveja, até em-tão. Não a viu entrar, e ela foi se sentar junto dele. Levantou os olhos e disse, sem surpresa:

— Você veio tomar alguma coisa, Arabela?... Estou procurando esquecê-la. É só isso. Mas não consigo, e vou embora para casa.

Arabela percebeu que ele estava um pouco tonto. Na verdade, muito pouco ainda.

— Vim apenas para buscá-lo, meu amigo. Você não está bem.

Precisa tomar, agora, uma coisa melhor do que isso — e Arabela fez um sinal a mulher que servia. — Você precisa tomar um licor — vai melhor numa pessoa de sua educação do que cerveja. Tome marrasquino, ou curaçau, seco ou

doce, ou conhaque. Vou tratar bem de você, pobre criatura!

— Pouco me importa o que seja!... Digamos conhaque... Sue agiu mal comigo, muito mal... Nunca esperei isso dela! Tinha me apegado a ela e ela devia se ter apegado a mim. Teria vendido minha alma por ela. E ela não quis arriscar um pouquinho da sua por mim.

Para salvar a sua alma deixou que a minha se danasse... Mas não é culpa dela, pobrezinha... estou certo que não é!

Como Arabela tinha arranjado dinheiro ninguém nunca soube, mas o fato é que pediu dois licores e pagou. Quando acabaram, Arabela sugeriu outros. E Judas teve o prazer de ser guiado através de toda uma deleitável variedade de bebidas, por alguém que bem conhecia o assunto. Arabela se deixava ficar muito atrás de Judas, mas, embora apenas molhasse os lábios de cada vez que ele bebia, bebeu tanto quanto podia sem perder a cabeça, o que não era pouco, como se podia bem ver pela cor escarlate que apresentava.

O tom com que falou com ele, durante a noite toda, era uniformemente doce e acariciante. Cada vez que ele dizia: “Pouco me importa com o que me aconteça!” — o que saía a cada momento — ela respondia: “Mas, a mim me importa muito!”

Chegou a hora de fecharem o bar e foram obrigados a sair. Arabela passou o braço a volta da cintura de Judas e pôs-se a guiar seus passos trôpegos.

Quando chegaram do lado de fora, Arabela disse:

— Não sei o que vai dizer o seu proprietário, se você chegar lá neste estado. Creio que a porta deve estar fechada e que ele terá que descer para nos abrir.

— Não sei. Não sei de nada.

— É o inconveniente de não ter casa. Vou dizer a você, Judas, o que é melhor nós fazermos: Venha para casa de meu pai. Fiz as pazes com ele, hoje. Posso fazê-lo entrar, sem que ninguém veja nada.

Amanhã de manhã você estará completamente bom.

— Qualquer coisa, em qualquer lugar! — disse Judas. — Que diabo poderá isso me fazer?

Foram andando juntos, como qualquer casal um pouco embriagado, o braço de Arabela em volta da cintura de Judas, e o dele, enfim, em volta dela, sem que houvesse a menor ternura no gesto, apenas porque se sentia cansado, pouco estável e precisava de apoio.

— Aqui é o lugar da Fogueira do Mártir — disse Judas, gaguejando, no momento em que atravessavam uma rua larga. — Lembro-me que em *O Estado Sagrado* do velho Fuller, ele diz... e lembrei-me disso porque estamos passando aqui... o velho Fuller, no seu *O Estado Sagrado*, diz que quando queimaram Ridley, o doutor Smith... fez um sermão tomando como tema: “Mesmo que ofereça meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, isso de nada me servirá”. Penso muitas vezes nisso, quando passo por aqui, Ridley foi um...

— Pois é. Era mesmo. E você pensa muito nele, se bem que isso não tenha muito que ver com nossa atual situação.

— Pois tem sim! Estou dando meu corpo para ser queimado! Ah!... você não entende! Precisava ser Sue para compreender essas coisas! E fui eu quem a seduziu... a pobrezinha! E ela foi embora... e eu já não faço mais caso de mim! Faça comigo o que quiser... E, no entanto, ela fez isso para obedecer a consciência, pobre Suezinha!

— Que vá para o diabo!... Isto é: creio que agiu bem — disse Arabela, tendo um soluço. — Também sinto como ela. Acho que pertenço a você aos olhos de Deus, e a ninguém mais, até que a morte nos separe! Não é nunca... tarde demais... para se emendar!

Tinham chegado à casa do pai de Arabela e ela abriu devagar a porta, procurando os fósforos às apalpadelas.

As circunstâncias não eram muito diferentes das que tinham acompanhado a entrada deles, na casinha de Cresscombe, muito tempo antes. As razões de Arabela também não o eram muito. Mas Judas não estava pensando nelas, embora Arabela o estivesse.

— Não posso encontrar os fósforos, querido — disse ela, depois de tornar a fechar a porta. — Mas não importa. Venha por aqui, o mais silenciosamente que você possa, por favor.

— Está escuro como breu — disse Judas.

— Dê-me a mão e eu o levarei. Assim. Agora, sente-se aqui e vou tirar suas botas. Não quero acordá-lo.

— Quem?

— Papai. Faria talvez um escândalo.

Sacou-lhes as botinas.

— Agora — sussurrou —, apóie-se em mim, não se incomode com o peso que possa ter. Esse é o primeiro degrau, o segundo...

— Mas será que estamos na nossa antiga casa, perto de Mary green!

Há anos que não entro nela! E onde estão os meus livros, onde? É o que desejaria saber...

— Estamos em minha casa, querido, onde não há ninguém para espionar em que estado você está. E agora: terceiro degrau, quarto e cá estamos. Resta só entrarmos.

## VII

ARABELA ESTAVA preparando o café, na peça de baixo da casinha que seu pai tinha recentemente alugado. Passou a cabeça na porta do pequeno açougue e disse ao senhor Donn que o café estava pronto.

Donn, que fazia o possível para um verdadeiro açougueiro, com uma blusa azul engordurada e um cinto de couro em volta da cintura, de onde pendia uma faca, veio imediatamente.

— Você precisa tomar conta da loja, esta manhã — disse ele. —

Tenho que ir buscar uns miúdos e a metade de um porco, em Lumsdon, e ainda que ir a um outro lugar. Se você vai morar aqui, terá que me ajudar de vez em quando, ao menos até o negócio começar a render.

— Bem, por hoje não posso garantir — e olhou-o maliciosamente

— tenho uma presa, lá em cima.

— É! O quê?

— Um marido... quase.

— Não?

— Sim. É Judas. Voltou.

— O antigo, aquele sujeito original? Que me enforcem!...

— No fundo, sempre gostei dele, é o que posso dizer.

— Mas como é que ele foi parar lá em cima? — indagou Donn, achando graça na coisa e apontando o teto.

— Não faça perguntas inconvenientes, papai. O que temos a fazer é guardá-lo aqui, até que eu e ele voltemos a ser... o que éramos.

— Como assim?

— Casados.

— Ah! É a coisa mais cômica que jamais vi: casar-se com marido antigo, quando há tanto sangue novo neste mundo! Ele não vale muito a pena, a meu ver. Eu teria arranjado um outro, já que se trata de casar...

— Não é nada cômico por parte de uma mulher querer retomar o antigo marido, por um sentimento de respeitabilidade. Ao passo que, para um homem, retomar a antiga mulher é... antes, um pouco engraçado... — E Arabela teve de repente um frouxo de riso a que seu pai aderiu, ainda que com mais moderação.

— Seja amável com ele, e eu farei o resto — disse ela, quando conseguiu voltar ao sério. — Disseme, esta manhã, que a cabeça lhe doía tanto que parecia que ia estourar, e mal sabia onde estava. Não é para admirar, dada a misturada de bebidas que consegui ingerir, ontem à noite. Temos que guardá-lo aqui, contente e feliz, por um ou dois dias, e não deixar que volte para casa. O que você gastar com ele, pagarei. Preciso subir agora e ver como ele vai, pobre querido.

Arabela subiu a escada, abriu com cuidado a porta do primeiro quarto e



espiou. Vendo que o seu Sansão tosquiado continuava dormindo, entrou, e ficou junto da cama, de pé, olhando para ele. A vermelhidão febril que lhe ficara da bebedeira da véspera diminuía o aspecto de fragilidade que tinha, habitualmente. Seus longos cílios, suas sobrancelhas escuras, sua barba e seus crespos cabelos negros que se destacavam contra a brancura do travesseiro davam-lhe a aparência de alguém que valia a pena realmente reconquistar, pensava Arabela, mulher de paixões violentas. Importante de reconquistar, também, para uma mulher a quem isso significava restabelecer sua situação e sua reputação. Seu olhar ardente pareceu tocá-lo. Sua respiração rápida se acalmou e abriu os olhos.

— Como é que se sente agora, querido? — disse ela. — Sou eu, Arabela.

— Ah! sim... Lembro-me agora. Você me deu abrigo... Sou um pobre náufrago, doente, desmoralizado, amaldiçoado. É isso o que sou!

— Então, fiquei aqui. Não há ninguém nesta casa, senão papai e eu. Você pode descansar, até se sentir realmente bem. Irei avisar na sua oficina, que está adoentado.

— Eu me pergunto o que estarão pensando de mim, em casa...

— Irei lá, também, e avisarei. Talvez seja melhor você me dar dinheiro para pagar o quarto, senão podem pensar que fugimos.

— É. Você achará dinheiro bastante no meu bolso.

Perfeitamente indiferente a tudo, franzindo os olhos como o quem não pode suportar a luz do dia nas suas pálpebras doloridas, Judas pareceu adormecer de novo. Arabela apanhou o dinheiro, saiu com cuidado do quarto, vestiu-se para ir à rua e partiu em direção à casa que ambos haviam deixado, na tarde da véspera.

Mal se tinha passado uma meia hora, voltou tendo ao lado um moleque que empurrava um carrinho de mão, onde estavam empilhadas todas as coisas que Judas possuía e ainda as que Arabela tinha levado para casa dele, durante a sua curta estada. Judas sofria tanto, fisicamente, das consequências da noite da véspera, e tanto, moralmente, por ter perdido Sue e cedido a Arabela que, no estado de meio sono em que estava, quando viu seus objetos espalhados ali, naquele quarto estranho, misturado com coisas de mulher, mal pensou em como tinha vindo parar ali, nem no que sua vinda significava.

— Agora — disse Arabela ao pai, no andar de baixo —, precisamos ter sempre muito bons licores em casa, esses dias. Conheço a natureza dele: se ficar nesse estado de depressão em que às vezes cai, nunca fará o que, honradamente, deve fazer por mim. E eu ficarei desamparada. Precisamos conservá-lo alegre. Ele tem um pouco de dinheiro na caixa econômica, e já me deu a carteira para pagar as despesas necessárias. Isso servirá para a licença de casamento. Porque preciso ter tudo pronto para agarrá-lo no momento em que estiver bem-disposto. Você trate dos licores. Alguns amigos e um jantarzinho calmo seriam muito recomendáveis, se conseguíssemos. Seria um bom reclame para o seu emprego e, a mim, também me ajudava.

— É coisa fácil de arranjar, se se oferece comida e bebida... Sim, é verdade, talvez isso seja um bom anúncio para o meu negócio.

Três dias depois, quando Judas melhorou um pouco das dores lancinantes que sentia nos olhos e no cérebro, apesar de continuar com a cabeça bastante confusa, graças ao que Arabela lhe tinha dado ainda para beber... para mantê-lo alegre, como dizia... teve lugar a festinha, sugerida para levar Judas ao extremo exato que queria.

Donn mal tinha aberto o pequeno açougue, no qual vendia carne de porco e tripas. Possuía poucos clientes. No entanto, a festinha fez uma boa propaganda para a casa, e os Donn ganharam uma real notoriedade entre certa classe de pessoas de Christminster — gente que nada sabia dos colégios, nem de seus trabalhos, nem do que lá se fazia. Judas, consultado se não tinha nenhum convidado, lembrou, com uma triste indiferença, o tio Joe, Stagge, o leiloeiro arruinado e outros que se recordava de ter visto na taverna, quando a frequentava, anos antes. Também sugeriu a “Sardenta” e “Morada de Delícias”. Quanto aos homens, Arabela fez a sua vontade rigorosamente, deixando porém as mulheres de lado.

Um outro homem que eles conheciam, Tinker Taylor, não foi convidado, se bem que morasse na mesma rua. Como voltasse tarde do trabalho, lembrou-se de entrar no açougue e pedir uns pés de carneiro. Não havia nenhum, mas prometeram-lhe para o dia seguinte.

Enquanto perguntava, teve ideia de olhar para a peça atrás da loja e viu os convidados sentados à mesa, jogando, bebendo e se divertindo à custa de Donn. Foi para a cama, mas no dia seguinte, pelo caminho, veio pensando em como teria acabado a festinha. Achou inútil entrar para buscar a sua encomenda àquela hora, pois nem Donn nem a filha deviam estar de pé, já que tinham ficado se divertindo até tarde. Todavia, viu, quando passava, que a porta estava aberta, e que se ouviam vozes lá dentro, embora as venezianas não estivessem levantadas. Aproximou-se, bateu na porta da peça atrás da loja, e abriu.

— Pois será possível! — exclamou, aturdido.

Os convidados e os donos da casa estavam sentados, jogando, fumando e conversando, exatamente como os tinha deixado, onze horas antes. O gás estava aceso e as venezianas cerradas, se bem que já fosse dia claro, lá fora, há mais de duas horas.

— Pois é! — gritou Arabela, rindo. — Aqui estamos, exatamente na mesma posição. Devíamos até ter vergonha de nós mesmos, não devíamos? Mas é uma espécie de inauguração da casa, e os nossos amigos não têm pressa. Entre, senhor Taylor, e sente-se.

O antigo vendedor de ferro-velho, hoje reduzido a latoeiro, não se fez de rogado, entrou e sentou-se.

— Vou perder meio dia de trabalho, mas não importa — disse ele.

— Realmente, não podia acreditar, no que meus olhos viam, quando os encontrei aqui. Pareceu-me que, de repente, tinha voltado ontem de noite!

— E voltou. Deem de beber ao senhor Taylor.

Viu então o recém-chegado que Arabela estava sentada junto de Judas, com o braço passado pelo ombro dele. Este, como o resto do pessoal, tinha estampada no rosto a marca do muito que havia bebido.

— Bem, para dizer a verdade, estávamos esperando que chegasse a hora legal — continuou Arabela, pudicamente, tentando transformar a vermelhidão alcoólica das faces no rubor de uma mocinha tímida. —

Judas e eu decidimos nos reconciliar, tornando a atar os laços que nos prendiam, já que, afinal de contas, não podemos viver um sem o outro.

Por isso, seguindo uma brilhante ideia que tivemos, concordamos em esperar aqui até chegar a hora de ir realizar isso logo.

Judas não parecia prestar muita atenção ao que ela estava anunciando, nem realmente a coisa alguma. A chegada de Taylor renovou o ânimo do grupo e ficaram sentados, até que Arabela sussurrou ao ouvido do pai:

— Agora, podemos ir.

— Mas o pastor não sabe de nada.

— Sabe. Disselhe, ontem à noite, que viríamos talvez entre oito e nove horas, porque convinha, por motivos de decência, que tudo se fizesse o mais cedo e o mais discretamente possível, por ser nosso segundo casamento, o que poderia despertar a curiosidade das pessoas. E o pastor me aprovou plenamente.

— Então, está muito bem. Estou pronto — disse o pai, levantando-se.

— Agora, meu querido, meu velho — disse Arabela a Judas —, venha, como prometeu.

— Quando é que eu prometi alguma coisa? — perguntou Judas.

Com os conhecimentos que tinha do assunto. Arabela conseguira embebedá-lo de tal maneira que, agora, estava de novo quase lúcido, ou, pelo menos, podia parecer a quem não o conhecesse.

— Como?! — disse Arabela, fingindo-se espantada. — Você prometeu se casar comigo várias vezes, essa noite, enquanto estávamos aqui sentados. Esses senhores ouviram...

— Não me lembro — disse Judas, aborrecido. — Só há uma mulher... mas não quero nomeá-la nesta Cafarnaum!

Arabela olhou para o pai.

— Vamos, senhor Fawley — disse Donn —, seja um homem honrado. O senhor e minha filha têm estado vivendo juntos aqui, durante esses três ou quatro últimos dias, e estava entendido que iria se casar com ela. Certamente, nunca permitiria uma coisa dessas em minha casa, se não tivesse entendido desse modo. Agora, o senhor tem que se casar, é uma questão de honra.

— Não diga nada contra minha honra! — disse Judas acalorada-mente,

erguendo-se. — Eu me uniria com a última das mulheres de Babilônia mais facilmente do que faria qualquer coisa contra minha honra! Sem alusão a você, minha cara. É apenas uma figura de retórica... isso que eles chamam nos livros, hipérbole.

— Guarde suas figuras de retórica para pagar com elas suas dívidas com os amigos que lhe dão abrigo — disse Donn.

— Se estou comprometido pela honra a me casar com... com parece... se bem que não tenha a menor ideia de como é que vim parar aqui com ela... eu me casarei e que Deus me ajude! Nunca me com-portarei desonrosamente para com mulher alguma, nem para com nenhum ser vivo. Não sou pessoa de querer me salvar à custa dos mais fracos que eu!

— Bom. Não se importe com ele, querido — disse Arabela, encostando o rosto no de Judas. Venha lavar o rosto e se arranjar um pouco. Depois, partiremos. Reconcilie-se com papai.

Apertaram-se as mãos. Judas subiu com Arabela e, logo depois, voltou, bem arranjado e calmo. Arabela também se preparou rapidamente e, acompanhados de Donn, saíram.

— Não venham conosco — disse Arabela aos convidados, ao partir —, já disse a empregadinha que lhes traga o café, enquanto esti-vermos fora. Quando regressarmos, tomaremos o nosso. Uma boa xícara de chá forte porá todo mundo em estado de voltar para casa.

Quando Arabela, Judas e Donn desapareceram para a expedição matrimonial, os convidados como que acordaram, entre bocejos, e discutiram a situação com grande interesse. Tinker Taylor, tendo sido o mais sóbrio, foi o que raciocinou mais lucidamente.

— Não gosto de falar mal dos amigos — disse. — Mas é raro, para um casal, tornar a casar-se! E, se não puderam se entender da primeira vez, enquanto eram mentalidades flexíveis, não há de ser da segunda, penso eu.

— Você acredita que ele case?

— A mulher apelou para a sua honra. Por isso, talvez o faça.

— Mas, dificilmente poderão fazê-lo assim rapidamente. Não têm licença de casamento, nem nada.

— Ela deve ter arranjado, valha-nos Deus! Você não a ouviu falar isso com o pai?

— Bem — disse Tinker Taylor, reacendendo o cachimbo no bico de gás — olhando-a detalhadamente, membro por membro, não é um mau pedaço de mulher... sobretudo, à luz da noite. Naturalmente, as moedas já postas em circulação não podem ser iguais às que saem da Casa da Moeda. Mas, para uma mulher que já andou rolando pelos quatro cantos, é bem passável ainda. Um pouco gorducha, talvez, mas não gosto de mulheres que o menor sopro de vento derruba...

Com os olhos, seguiam todos eles os movimentos da menina que punha a toalha para o café sobre a mesa de que se haviam servido, sem nem sequer enxugar as manchas de vinho. As cortinas foram abertas, e a casa assumiu o aspecto de todas as manhãs. Mas alguns dos convidados tinham adormecido em suas cadeiras. Um ou dois foram até a porta, mais de uma vez, para espiar. Tinker Taylor era o principal e, de uma das vezes, voltou com um sorriso velhaco.

— Por Deus, de volta! Creio que está consumado!

— Não! — gritou o tio Joe que tinha ido com ele. — Acreditem no meu palpite, ele desistiu, no último minuto. Vem andando de um modo muito esquisito. E é por isso!

Esperam em silêncio até que o cortejo do casamento entrasse em casa. A primeira a entrar foi Arabela, que fez impetuosamente. E seu aspecto era suficiente para mostrar que a estratégia empregada dera resultado.

— Senhora Fawley, não? — perguntou Tinker Taylor com uma cortesia de caçoadá.

— Certamente que sim. Senhora Fawley, de novo — disse Arabela, amável, retirando a luva e estendendo a mão esquerda. — E aqui está o cadeado, olhem... Bem, ele foi muito simpático, verdadeiramente muito correto... *estou falando do pastor*. Disse-me, doce como uma criancinha, depois de tudo acabado: — “Senhora Fawley, congratulo-me com a senhora cordialmente. Porque, tendo ouvido sua história e a de seu marido, penso que ambos fizeram o que deviam fazer. E penso que serão perdoados pelo mundo de seus erros, tanto a senhora como mulher quanto ele como marido, do mesmo modo como se perdoaram mutuamente”. Sim, foi um homem muito bom e muito correto. “A igreja não reconhece o di-vórcio em seu dogma, falando rigorosamente” — disse ele — e lembrem-se das palavras do ofício nas suas idas e vindas: “O que Deus uniu nenhum homem pode desunir”. Sim, foi muito bom e muito correto... Mas, Judas querido, você estava realmente cômico! Andava tão duro e com tanta flexibilidade que se poderia pensar estar comparecendo diante de um juiz, se bem que eu soubesse que estava meio perturbado, pela maneira hesitante em achar meu dedo.

— Eu disse que faria não importa o que, para ... salvar a honra de uma mulher — murmurou Judas. — E fiz!

— Pois bem, agora, meu querido, venha tomar café.

— Quero... quero mais uísque — disse Judas obstinadamente.

— Que tolice! Agora, não! Não sobrou mais. Um pouco de chá dissipará as nuvens que ficaram nas nossas cabeças e ficaremos leves como passarinhos.

— Muito bem! Casei-me com você. Ela tinha dito que eu devia me casar com você. Foi o que fiz, incontinenti. Essa é a verdadeira religião! Ah! Ah! Ah!

...

## VIII

CHEGOU E PASSOU o dia de São Miguel. Judas e Arabela, que não tinham passado senão pouco tempo, depois do casamento, em casa do senhor Donn, alojaram-se no último andar de um prédio que ficava perto do centro da cidade.

Judas tinha podido trabalhar durante dois ou três meses depois do grande acontecimento, mas sua saúde não se mantivera boa e tornara-se, agora, muito precária. Estava sentado em uma cadeira de braços, em frente à lareira, tossindo muito.

— Fiz um alto negócio casando-me com você de novo! — dizia Arabela. — Vou ter que sustentá-lo... foi isso o que arranjei! Terei que fazer salsichas e linguiças, e vendê-las no meio da rua, para sustentar um marido inválido que não tinha a menor necessidade de aguentar. Por que não conservou sua saúde e me enganou deste jeito? Você estava bastante bem, quando me casei.

— Ah! sim! — disse Judas, rindo com amargura. — Estive pensando nos meus sentimentos absurdos acerca daquele porco que você e eu tivemos que matar, depois de nosso primeiro casamento. Acho que o maior serviço que me poderiam prestar seria o de me fazer aquilo que fiz àquele bicho.

Era nesse tom que conversavam, agora, cotidianamente. O dono da casa, que ouvira dizer que eles eram um casal esquisito, tinha duvidado até que fossem casados, especialmente por ter visto Arabela beijar Judas numa noite, em que tinha bebido um pouquinho, e já estavam disposto a mandá-los embora, quando, por sorte, escutou Arabela, uma noite, brigando com Judas, em termos violentos, e acabando de jogar-lhe um sapato na cabeça. Reconhecendo a maneira de ser habitual dos casais, concluiu que deviam ser respeitáveis, e nada mais disse.

Judas não melhorou. E, um dia, com grandes hesitações, pediu a Arabela para fazer-lhe um serviço. Ela perguntou, com indiferença, de que se tratava.

— Escrever a Sue.

— Para que quer você que eu lhe escreva?

— Para saber como ela vai e se quer vir me ver porque estou doente e queria vê-la... uma vez ainda.

— É bem seu insultar sua mulher legal, pedindo-lhe uma coisa dessas!

— Foi justamente para não afrontá-la que resolvi pedir isto. Você sabe que eu gosto de Sue. Não quero insistir no assunto: há um fato, e esse fato é que eu gosto dela. Poderia achar uma dúzia de meios de lhe mandar uma carta, sem que você soubesse. Mas quero ser muito leal com você e com o marido dela. Uma carta sua, pedindo-lhe que venha, estaria livre de qualquer cheiro de intriga. Se ela tiver conservado qualquer coisa de seu, virá.

— Você não tem o menor respeito pelo casamento, seus direitos e seus deveres.

— E o que é que importa minha opinião — a opinião de um pobre coitado como eu? Poderá ter importância para alguém neste mundo quem acaso venha

me visitar por uma meia hora, a mim que estou aqui já com um pé no túmulo!... Por favor, Arabela, escreva! — implorou ele. — Pague minha franqueza com um pouco de generosidade!

— Certamente que *não*!

— Nem por uma vez, só uma? Ó! faça, por favor! — Judas sentia que sua franqueza física tinha lhe tirado toda a dignidade.

— Para que é que você quer que *ela* saiba como está? Ela não quer vê-lo. Ela é como o rato que foge do navio que soçobra!

— Não diga isso... não diga.

— E eu me agarrar em você... a mais tola fui eu!... Receber essa prostituta em minha casa, engraçado!

Ainda bem as palavras não tinham sido pronunciadas, logo Judas saltou de sua cadeira e, antes que Arabela soubesse onde estava, jogou-a de costas num sofazinho que ficava perto, imprensando-a com um joelho:

— Diga uma outra palavra destas — murmurou —, e eu lhe mato, aqui, já! Tenho tudo a ganhar com isso, minha própria morte não sendo a parte menos considerável. Portanto, não pense que o que eu disse não tem sentido!

— Que é que você quer que eu faça? — arquejou Arabela.

— Prometa nunca mais falar dela!

— Muito bem. Prometo.

— Aceito sua palavra — disse com desprezo, enquanto a soltava —, mas não sei bem o que vale.

— Você não podia matar o porco, mas podia ter-me matado!

— Ah! aí é que você me vence! Não, não poderia te matado você, nem mesmo num acesso de paixão. Saia daí com seus insultos!

Judas começou então a tossir muito. Arabela parecia avaliar, com o ar de quem conhecia o assunto, o que lhe restava de vida, vendo-o desfalecer, pálido como um morto.

— Direi para ela vir — murmurou Arabela —, se você consentir em que eu fique no quarto, com vocês, todo o tempo que ela estiver aqui.

O lado fraco de sua natureza, o desejo de ver Sue, tornou-o incapaz de resistir ao oferecimento mesmo agora, insultado como fora.

Respondeu, quase sem poder respirar: — Consinto. Mande-a chamar, porém. De noite, perguntou se tinha escrito.

— Sim — disse ela —, escrevi um bilhete dizendo que você estava doente e pedindo-lhe que venha amanhã ou depois. Mas, ainda não o enviei.

No dia seguinte, Judas cuidava se ela teria ou não posto a carta na caixa, mas não lhe perguntou nada. Contudo, a esperança louca, que vive de uma gota de água e uma migalha, trazia-o numa expectativa desassossegada. Conhecia o horário dos trens possíveis e escutava ansiosamente qualquer barulho que pudesse representar um sinal de Sue.

Sue não veio. Contudo, Judas não falou mais nisso a Arabela.

Esperançoso, aguardou todo o dia seguinte, mas Sue não apareceu, nem veio nenhuma carta em resposta. Então, Judas concluiu que Arabela, embora tivesse realmente escrito, não tinha posto a carta na caixa. Havia qualquer coisa no jeito dela que lhe revelava isso. Sua fraqueza era tal que chorava lágrimas de desapontamento quando Arabela não estava presente. As suas suspeitas eram de fato bem fundadas. Arabela, como todas as enfermeiras, achava que o seu dever para com o doente era apaziguá-lo, por todos os meios, e não agir de acordo com seus caprichos.

Nunca lhe disse uma palavra a respeito de seu desejo e de sua suspeita. Uma resolução secreta e irrefletida cresceu dentro dele e deu-lhe, senão forças, pelo menos calma e tranquilidade. Uma tarde, quando, depois de uma ausência de uma hora ou duas, Arabela voltou, achou a poltrona vazia.

Deixou-se cair sentada na cama, pensando: “E agora? Com todos os diabos, para onde é que este homem pode ter ido?”.

Uma chuva de nordeste tinha caído, com algumas intermitências, durante toda a manhã. Olhando pela janela as goteiras que pingavam, parecia impossível acreditar que um homem doente se aventurasse a sair, expondo-se a uma morte quase certa. Arabela, porém, logo se convenceu de que ele tinha saído, convicção que se transformou em certeza depois de ter inspecionado a casa toda.

— Se ele é tão louco assim, deixe-o! — disse — Nada mais posso fazer.

Nesse momento, Judas estava no trem que se aproximava de Alfredston. Estranhamente vestido, lívido como uma estátua de alabastro, era olhado com insistência pelos outros passageiros. Uma hora mais tarde, seu pálido vulto, envolto num sobretudo enrolado num chale que tinha trazido, mas sem guarda-chuva, podia ser visto na estrada longa, de cinco milhas, que leva a Mary green. Sua face estampava um propósito firme que era a única força que o sustentava, mas a que sua fraqueza dava bem pobres alicerces. Quando chegou ao cimo da encosta, estava exausto, porém continuou e, às três e meia, chegou a Mary green, junto do poço que lhe era tão familiar. A chuva retinha todo mundo em casa. Judas atravessou o gramado em direção à igreja sem ser observado, e achando-a aberta, entrou. Aí ficou, olhando a escola lá fora, donde podia ouvir as vozes cantantes das crianças, vozes de criaturas que ainda não tinham aprendido os gemidos da criação.

Esperou até que um meninozinho saísse da escola — um menino que, provavelmente, tinha sido autorizado a sair mais cedo, por uma razão qualquer. Judas lhe fez um sinal com a mão e o menino veio.

— Por favor, vá à escola e peça a senhora Phillotson se pode ter a bondade de vir à igreja, por uns poucos minutos.

O menino partiu e Judas o ouviu bater na porta da casa. Judas avançou um pouco mais dentro da igreja. Tudo era novo, exceto umas poucas esculturas,



salvas do antigo edifício que tinham sido encastoadas nas paredes novas. Ficou perto delas. Eram os representantes de todos os mortos da aldeia, seus avós e avós de Sue.

Um passo leve, que podia ser tomado por um barulho de chuva mais forte, ressoou no pórtico. Judas se voltou.

— Ó, nunca pensei que fosse você! Nunca pensei! Judas! — Sua respiração se entrecortava várias vezes. Judas avançou, mas ela depressa se recompôs e recuou.

— Não vá embora, não vá embora! — implorou Judas. — É pela última vez! Achei que era menos indiscreto aqui do que entrar em sua casa. E nunca mais voltarei. Não seja cruel. Sue, Sue, estamos agindo segundo a letra e “a letra mata”!

— Ficarei, não quero ser má! — disse. Sua boca tremia e as lágrimas corriam, enquanto permitia que ele se aproximasse. — Mas, por que é que você veio e fez uma coisa tão errada, depois de ter feito uma tão certa?

— Que coisa certa?

— Tornar a se casar com Arabela. Estava no jornal de Alfredston. Ela nunca foi de outro, senão sua... em verdade. Portanto, você fez muito bem... ó, tão bem... em reconhecer isso e... trazê-la de novo para junto de você.

— Deus do céu! E foi isso o que eu vim aqui ouvir?! Se há alguma coisa em minha vida mais degradante, imoral, contra a natureza, do que as outras, é esse contrato ignóbil com Arabela, que você classifica de coisa certa! E você também... você se diz a mulher de Phillotson! Mulher dele! Você é minha mulher!

— Não me faça fugir! Não posso suportar muita coisa! Mas, nesse ponto, estou decidida.

— Não posso compreender como é que você fez isso... como é que você pensa assim... Não posso!

— Não pensei nisso. Phillotson é um bom marido para mim e eu... eu lutei, me debati, jejeuei e rezei. E quase consegui do corpo uma submissão completa. E você não deve... por favor... acordar.

— Ó, minha menina tão louca e tão querida! Onde está o seu raciocínio? Você parece que perdeu as suas faculdades mentais. Dis-cutiria com você, se não soubesse que uma mulher, no seu estado de espírito, é surda a qualquer apelo que se faça à sua compreensão. Ou será que está se mistificando a si mesma, como fazem tantas mulheres nestas questões, e que atualmente já não acredita no que diz acreditar, comprazendo-se apenas na volúpia da emoção que lhe dá esta suposta convicção.

— Volúpia! Como é que você pode ser tão cruel!

— Pobre, querida, doce, triste e tão melancólica ruína de uma das inteligências mais promissoras que me foi dado conhecer! Onde foi parar seu

desprezo pelas convenções? Em seu lugar, eu morreria sem abandonar a luta!

— Você me aniquila, me insulta até, Judas! Vá se embora! — disse Sue, voltando-se rapidamente.

— Vou, sim. E não voltarei nunca mais para vê-la, mesmo se tiver forças para isso, o que não terei mais. Sue, Sue, você não merece o amor de um homem!

— Não posso suportar que me diga isso! — gritou Sue. Seu peito arfava e, tendo fixado os olhos nele um instante, voltou-se, impulsivamente: — Não me despreze! Ó! Beije-me, beije-me... uma porção de vezes e diga que não sou uma covarde, uma desprezível mistificadora... Porque isso, não o posso suportar! — Correu para ele, e, com a boca colada à dele, continuou: — Preciso dizer a você... preciso... meu amor querido! Foi apenas um casamento na igreja... um casamento aparente, quero dizer! E foi ele quem sugeriu, desde o princípio, que assim o fosse!

— Como assim?

— Quero dizer que foi apenas um casamento nominal. Não houve nada mais entre nós, depois que voltei para ele!

— Sue! — disse Judas. E, apertando-a contra ele, esmagou seu lábios com beijos. — Se a miséria pode conhecer a felicidade, tive neste instante um momento de felicidade! Agora, em nome de tudo o que é sagrado para você, diga-me a verdade, não minta: Você ainda gosta de mim?

— Gosto! Você sabe disso perfeitamente! Mas não devo fazer isso! Não devo retribuir seus beijos, como quereria!

— Mas beije!

— Você me é tão querido... E parece tão doente...

— Você também... Ainda mais um, em memória de nossos filhinhos mortos... seus e meus!

Essas palavras feriram Sue como um flecha. Baixou a cabeça: — Não pode ser, não devo continuar nisso! — arquejou. — Mas, está aí, retribuo todos os seu beijos, retribuo... E, agora, vou me odiar por ter cometido esse pecado!

— Não! Deixe-me fazer o meu último apelo. Escute: casamo-nos, ambos, em privação de sentidos. A mim, me embebedaram. Você, da mesma maneira. Eu estava bêbado de álcool, você de dogmas. As duas formas de intoxicação fazem com que desapareça qualquer vi-são mais nobre... Deixemos de lado nossos erros e fujamos juntos!

— Não, uma vez mais, não!... Judas, por que me tenta dessa maneira? É falta de piedade demais! ... Mas, agora, já me dominei de novo... Não me siga, não olhe para mim. Deixe-me ir, por piedade!

Correu para o outro lado da igreja e Judas acedeu ao seu pedido.

Não virou sequer a cabeça, apanhou o chale, que Sue nem tinha visto, e saiu logo. Quando passou por detrás da igreja, Sue, de dentro, ouviu o barulho da tosse

dele, misturado ao da chuva que batia nas janelas. Num último instinto de humanidade, que nenhum grilhão conseguia dominar, ergueu-se para ir em socorro dele. Mas, de novo caiu de joelhos, tapou os ouvidos com as mãos até que não fosse possível ouvir nenhum sinal dele.

Judas, nesse momento, estava no lugar de onde saía o pequeno caminho que cortava os campos nos quais, quando criança, espanta-va as galhas. Voltou-se, e olhou para trás mais uma vez, para a igreja onde Sue estava. Depois, partiu, sabendo bem que seus olhos nunca mais veriam aquele espetáculo.

Há lugares glaciais no Wessex, durante o outono e durante o inverno, porém, o mais frio de todos, quando sopra o vento norte ou o vento leste, é o topo da colina, perto da “Casa Escura”, onde a estrada de Alfredston cruza com o caminho velho de Ridge. É aí que caem, no inverno, as primeiras neves. É aí que fica o gelo, até mais tarde, na primavera. E era aí que, mordido pelo vento do nordeste, açoitado pela chuva, Judas prosseguia seu caminho, encharcado até os ossos, andando, por causa de sua fraqueza, devagar demais para conseguir se aquecer. Chegou ao marco de pedra, e, apesar da chuva, estendeu o chale e deitou-se para descansar. Antes de retomar seu caminho, apalpou a pedra para sentir, atrás, a inscrição que nela tinha gravado. Lá estava, embora meio destruída pelo limo. Passou pelo lugar onde tinha sido levantada a forca para o antepassado de ambos, seu e de Sue, e desceu a colina.

Já era escuro quando chegou a Alfredston, onde tomou uma xícara de chá, não podendo suportar mais o arrepio mortal que sentia invadir-lhe os ossos. Para voltar para casa, teve que tomar ainda dois trens e um carrinho, a vapor, tendo esperado muito tempo numa das correspondências. Só chegou a Christminster depois das dez horas.

## IX

ARABELA ESTAVA na estação. Olhou-o de cima a baixo.

— Você foi vê-la? — perguntou.

— Fui — disse Judas que, na verdade, não se podia ter de pé de frio e de cansaço.

— Bem. Agora, acho que você faria bem em ir para casa. A água corria das roupas de Judas, e ele tinha que se apoiar nos muros para se sustentar, quando tossia.

— Você acabou consigo mesmo, fazendo isso, rapaz — disse Arabela. — Não sei se você sabe disso.

— Claro que sei. Era o que queria.

— Suicidar-se?

— Certamente.

— Meu Deus! Suicidar-se por causa de uma mulher!

— Escute, Arabela. Você pensa que é mais forte do que eu e, num certo sentido, fisicamente. Você poderia me derrubar como a uma quilha. Você não mandou aquela carta outro dia e eu não podia me aborrecer com isso. Mas, não estou tão fraco, noutra sentido, como você pensa. Achei que um homem que está retido em casa por uma inflamação dos pulmões e que não tem mais senão dois desejos — ver uma determinada mulher e, então morrer — podia realizar de uma só vez os dois, fazendo a viagem para vê-la num dia de chuva. Foi o que fiz. Tornei a vê-la, pela última vez, e acabei comigo mesmo... Pus fim a uma vida febril que nunca deveria ter tido começo.

— Meu Deus! Como você fala com elevação! Você não quer tomar alguma coisa que es quente?

— Não, obrigado. Vamos para casa.

Foram, contornando os colégios silenciosos, Judas parando a cada passo.

— O que é que você está olhando?

— Fantasias tolas! Neste meu último passeio, como no primeiro, vejo, de certa maneira, os espíritos dos mortos!

— Que homem engraçado você é.

— Parece que os vejo, que quase os ouço. Mas não tenho por todos eles o mesmo respeito que tinha. Deixei de acreditar na metade deles. Os teólogos, os apologetas, e seus irmãos os metafísicos, os estadistas superiores, e outros ainda, não me interessam mais. Tudo isso se estragou para mim sob o peso da realidade!

A expressão do rosto cadavérico de Judas, na luz baça dos bicos de gás, era mesmo a de quem estava vendo gente, num lugar em que não havia ninguém. Ficava imóvel, por momentos, debaixo de um pórtico, como se visse sair alguém, depois olhava para uma janela, como se avistasse algo por detrás dos vidros. Parecia ouvir vozes, cujas palavras repetia, como que para entendê-las melhor.

— Parecem estar caçoando de mim!

— Quem?

— Ora, estava falando comigo mesmo! Os fantasmas aqui à volta, debaixo dos pórticos e nas janelas. Antigamente, costumavam olhar para mim com amizade, especialmente Addison, e Gibbon, e Johnson, e o Dr. Browne, e o bispo Ken...

— Venha embora! Fantasmas! Não há aqui nem vivos nem mortos, com exceção desse policial! Nunca vi as ruas tão vazias.

— Engraçado! O poeta da liberdade costumava passear por aqui e o grande dissecador da melancolia por ali!

— Nem quero ouvir falar neles. Aborrecem-me.

— Walter Raleigh está me fazendo sinais, ali naquela rua... — Wycliffe... Harvey... Hooker... Arnold... e todo um grupo de sombras puseístas.

— *Não quero* saber seus nomes, já disse! Que é que me podem fazer pessoas mortas e enterradas? Palavra de honra que você fica mais calmo quando bebe do que quando não bebe!

— Preciso descansar um instante — disse Judas. E parou, segurando-se no gradil de um colégio cuja altura media com os olhos. — Aqui está o velho Rubric, ali o Sarcophagus, no fim daquela rua o Crozier e o Tudor e, lá no fim, o Cardinal, com sua longa fachada e suas janelas que parecem levantar as sobranceiras, como que mani-festando a surpresa polida da universidade diante dos esforços de pessoas como eu.

— Venha, vamos, cuidarei de você em casa.

— Muito bem. Isso me ajudará, porque sinto o ruço que sobe das vizinhanças do Cardinal como se as garras da morte estivessem me apertando cada vez mais. Como diz Antígona, não estou mais entre os vivos, nem entre as sombras. Mas, Arabela, quando eu morrer, você há de ver meu espírito errando por aqui no meio desses outros.

— Ora, você não vai morrer. Ainda está bastante sólido, meu velho!

Era já noite em Marygreen e a chuva da tarde não mostrava o menor sinal de esmorecimento. Mais ou menos à mesma hora em que Judas e Arabela caminhavam pelas ruas de Christminster, na direção de sua casa, a viúva Edlin atravessava o espaço em frente à casa do professor e abria a porta dos fundos, o que fazia agora frequentemente, antes de dormir, para ajudar Sue a pôr as coisas em ordem.

Sue se desdobrava inutilmente na cozinha, pois que não era boa dona de casa, embora se esforçasse muito nesse sentido. Os detalhes domésticos a impacientavam.

— Deus a proteja! Por que é que você está fazendo isso, quando venho de propósito para fazê-lo? E você sabia que eu vinha.

— Ah! não sei... tinha me esquecido! Não, não tinha me esquecido. Fiz para

me disciplinar. Esfreguei as escadas até as oito horas. *Tenho* que me exercitar no cumprimento dos meus deveres de dona de casa. Negligenciei-os até agora, vergenhosamente.

— E para quê? Ele arranjará uma escola melhor, talvez venha a ser pároco, algum dia. Você terá, então, duas empregadas. É pena estragar mãos tão lindas.

— Não fale de minhas bonitas mãos, senhora Edlin. Este meu corpo bonito já foi a minha ruína!

— Hum!... Você mal tem corpo, por assim dizer... Você me lembra antes um espírito. Mas há qualquer coisa que não está certa, esta noite, minha querida. O marido está de mau humor?

— Não. Ele nunca está de mau humor. Foi se deitar mais cedo.

— Então, o quê?

— Não lhe posso contar. Agi mal, hoje. E quero arranca isso de mim... Bem, vou lhe contar o que foi. Judas esteve aqui, essa tarde, e descobri que é dele que ainda gosto... É evidente! Não lhe posso contar mais nada.

— Ah! — disse a viúva —, bem lhe disse o que ia acontecer!

— Mas não há de acontecer! Não falei nada a meu marido sobre essa visita. Não vale a pena incomodá-lo com isso, pois não pretendo vê-lo nunca mais. Mas quero tranquilizar minha consciência, quanto às minhas obrigações para com Richard... impondo-me uma penitência... a pior. Devo fazer isso!

— Eu não o faria... já que ele concordou com as coisas de outra maneira e que já se passaram três meses assim, muito bem.

— Foi. Ele concordou que eu vivesse como entendia, mas acho que é um favor que não devo exigir dele. Não deveria ter aceito. O contrário vai ser terrível... mas preciso ser mais justa para com ele. É! por que é que fui tão pouco heroica?

— Que é que você não gosta nele? — perguntou a senhora Edlin, com curiosidade.

— Não sei lhe dizer. É qualquer coisa... não sei dizer. E a coisa mais triste é que ninguém admitiria isso como uma razão para sentir o que sinto. Assim não me fica desculpa alguma.

— Você disse algum dia a Judas por que era?

— Nunca.

— Já ouvi histórias estranhas sobre maridos — observou a viúva em voz baixa. — Dizem que, no tempo em que os santos viviam na terra, os diabos costumavam tomar, de noite, a forma de maridos para infligirem às mulheres uma série de aborrecimentos... Mas não sei por que isso me veio à memória, quando é apenas uma lenda... Que chuva e que vento esta noite! Bem, não tenha pressa em alterar as coisas, minha querida. Pense mais no assunto.

— Não, não! Forcei e tornei a forçar a natureza assim. Não se pode esperar isso de mulher alguma.

— É meu dever. Beberei o meu cálice até a borda!

Meia hora depois, quando a senhora Edlin pôs o chapéu e o chale para ir embora, Sue pareceu tomada de uma vaga de terror.

— Não, não... não vá embora, senhora Edlin — implorou com os olhos arregalados, espiando rápida e nervosamente por cima do ombro da viúva.

— Mas é hora de dormir, menina.

— É. Mas... há aquele pequeno quarto... era o meu quarto. Está pronto. Por favor, senhora Edlin, fique. Vou precisar da senhora amanhã de manhã.

— Bem, eu não me importo, se você quiser. Nada há de acontecer às minhas quatro paredes, quer eu esteja lá quer não.

Sue trancou a porta da rua, e subiram a escada juntas.

— Espere aqui, senhora Edlin — disse Sue —, vou entrar um momento no meu antigo quarto.

Deixando a viúva no patamar, Sue penetrou no quarto que tinha sido exclusivamente seu desde que tinha chegado em Marygreen, e, fechando a porta, ajoelhou-se perto da cama por uns dois minutos.

Levantou-se depois e, tomando a camisa de noite debaixo do travesseiro, vestiu-a e veio ter com a senhora Edlin. Podia-se ouvir o ressonar de um homem no quarto em frente. Sue desejou boa-noite à viúva que entrou no quarto de onde ela tinha acabado de sair.

Sue abriu o trinco da porta do quarto, e, como que desfalecendo, deixou-se cair no chão. Tornando a se levantar, entreabriu a porta e chamou:

— Richard! — e, quando a palavra saiu de sua boca, estremeceu visivelmente.

O ronco do homem tinha cessado havia algum tempo. Contudo, não respondeu. Sue pareceu aliviada e correu de volta ao quarto da viúva.

— A senhora já está deitada? — perguntou ela.

— Não, minha querida — disse a viúva, abrindo a porta — Sou velha e demorada, levo muito tempo para me despir. Ainda nem desaboteei meu corpinho.

— Eu... não o ouço mais! Talvez... talvez...

— O que, menina?

— Talvez ele tenha morrido — disse Sue, ofegante. — E, então, estarei *livre*, poderei ir ter com Judas! Ah!... não... esquecia-me *dela e...* de Deus.

— Vamos até lá e escutemos. Não... está ressonando de novo. É que o vento e a chuva são tão fortes que mal se pode ouvir, por intervalos, alguma coisa.

Sue tinha se refeito: — Boa noite, senhora Edlin, uma vez mais! Arrependo-me de ter ido chamá-la.

A viúva se retirou pela segunda vez.

A expressão forçada, resignada, voltou ao rosto de Sue, quando ficou só. E murmurava: — “Tenho que fazer isso... tenho... Tenho que beber até a borra”.

— Richard! — chamou de novo.

— O que há? Ah! É você, Suzana?

— Sim, sou eu.

— Que é que você quer? Aconteceu alguma coisa? Espere um momento.

Phyllotson pôs algumas peças de roupa e veio até a porta: — Que há?

— Quando nós estávamos em Shaston, pulei a janela para não deixá-lo se aproximar de mim. Nunca mudei a maneira de tratar você, desde então. Agora, vim para pedir que me perdoe e me deixe entrar.

— Talvez você apenas ache que deva fazer isso, não? Não quero que venha contra a vontade, como já lhe disse.

— Mas, se eu estou pedindo para entrar! — Sue esperou um momento e repetiu: — Peça para entrar! Tenho andado errada, e até mesmo hoje. Excedi meus direitos. Não queria falar nisso a você, mas talvez deva. Pequei contra você esta tarde.

— Como assim?

— Encontrei-me com Judas! Não sabia que ele tinha vindo. E...

— E então?

— Beijei-o e deixei que ele me beijasse.

— Ah!... a velha história.

— Richard, não pensei que fôssemos nos beijar, até o momento em que o fizemos!

— Quantas vezes?

— Muitas. Não sei. Fico horrorizada ao recordar, agora, e acho que a única coisa que posso fazer, depois disso, é vir ter com você como venho.

— Tudo isto é muito feio depois de tudo o que eu fiz!... Nada mais a confessar?

— Não. — Sue pensara em dizer: “Chamei-o meu amor querido”... mas, como toda mulher arrependida guarda sempre uma coisinha que não confessa, essa parte da cena ficou sem ser contada. E ela continuou: — Nunca mais hei de vê-lo. Ele me falou sobre coisas do passado e não pude me dominar. Falou... das crianças. Mas, como já lhe disse, me alegro... quase me alegro — que tenham morrido, Richard! Isso fez com que se apagasse toda essa parte de minha vida.

— Bom, e, quanto a não vê-lo mais... Venha cá, você realmente está decidida a isso? — Havia qualquer coisa no tom de Phyllotson que parecia indicar que aqueles três meses de casamento com Sue não haviam sido tão satisfatórios quanto a sua magnanimidade e a sua paciência amorosa o esperavam.

— Sim, estou!

— Quer jurar sobre a Bíblia?

— Quero.

Phyllotson foi ao quarto e trouxe uma Bíblia, pequena e escura.

— Diga então: “Juro por Deus”.



Sue jurou.

— Muito bem!

— Agora, suplico-lhe, Richard, a quem pertença, que desejo honrar e a quem quero obedecer, como prometi, deixe-me entrar.

— Reflita bem. Você sabe o que isso significa. Recebê-la de volta era uma coisa... isto é outra. Reflita ainda.

— Já refleti. Quero!

— Sei que é por espírito de complacência! Mas, talvez tenha razão. Com um apaixonado rondando você, não podemos ficar num meio casamento. Mas repito a minha advertência pela terceira e última vez.

— É meu desejo... Ó meu Deus!

— Por que é que você disse: “Ó meu Deus!”?

— Não sei.

— Sim, sabe! Mas...

Phillotson olhou Sue com ar sombrio ainda por um instante.

Ela continuava a seus pés, vestida com a sua camisa de dormir.

— Bem, acho que isso devia acabar assim — disse enfim Phillotson.

— Não lhe devo mais nada, depois disso. Mas, deixarei que você entre sob palavra e lhe perdoe.

Phillotson passou o braço em volta de Sue para erguê-la. Sue estremeceu.

— Que é que há? — perguntou Phillotson, falando pela primeira vez com severidade. — Você ainda foge de mim, como antigamente?

— Não, Richard... E... eu... não estava pensando...

— Você deseja entrar?

— Desejo.

— Sabe o que isso significa?

— Sei. É meu dever.

Pondo o castiçal em cima da cômoda, Phillotson fez Sue entrar no quarto e, tomando-a nos braços, beijou-a. Sue teve uma expressão selvagem de aversão, mas cerrando os dentes, conseguiu não gritar.

A senhora Edlin tinha acabado de se despir e preparava-se para deitar, quando pensou: “Creio que faria melhor em ir ver se a pobre menina está bem. Que vento e que chuva!”.

Foi até o patamar e viu que Sue tinha desaparecido. Pensou: “Ah! Pobre criança! Acho que agora os casamentos são como os enterros! Há cinquenta anos que nos casamos, meu marido e eu! Os tempos mudaram muito de então para cá!”.

## X

EMBORA CONTRA a vontade, Judas melhorou um pouco e pôde até voltar a trabalhar durante algumas semanas. Mas, depois do Natal, teve uma recaída.

Com o dinheiro que ganhou, tomou casa ainda mais perto do centro da cidade. Mas Arabela via que, pelo espaço de muito tempo, Judas não parecia poder trabalhar com regularidade e andava bastante irritada com o jeito que as coisas tinham tomado, depois de seu segundo casamento.

— Quero que me enforcem, se não foi você o mais esperto nessa história — dizia ela. — Casando comigo, arranjou uma enfermeira gratuita!

Judas permanecia perfeitamente indiferente ao que ela dizia, e até, às vezes, tomava suas queixas pelo lado humorístico. Outras vezes, estava em disposição de espírito mais séria, e, estendido na cama, divagava sobre o malogro de seus antigos projetos.

— Todo homem tem uma pequena possibilidade, num sentido ou noutro — dizia ele. — Nunca fui bastante forte para o trabalho da pedra, principalmente o trabalho de colocá-la. Era um esforço grande demais para mim mover os blocos. E ficar nas correntes de ar, enquanto as janelas dos edifícios não estavam colocadas, ocasionou-me muitos resfriados. Creio mesmo que foi então que começou minha doença. Mas sinto que há uma coisa que poderia ter feito, se me tivessem dado oportunidade. Podia acumular ideias e transmiti-las aos outros. Eu me pergunto se os fundadores pensaram em pessoas assim como eu, prestando unicamente para uma coisa assim especial? Ouvi dizer que, breve, haverá maiores facilidades para estudantes como eu fui, sem recursos. Há projetos de tornar a universidade menos exclusiva e de estender sua influência. Não sei grande coisa a respeito. E é tarde demais, tarde demais para mim! Ah!... e para quantos outros antes de mim!

— Que é que você tanto murmura? — indagou Arabela. — Pensei que já tivesse desistido de toda essa loucura pelos livros, a esta hora.

E é o que já teria feito, se tivesse o menor bom senso. Você é tão tolo hoje como quando nos casamos pela primeira vez! Um dia, enquanto falava assim sozinho, chamou-a “Sue”, inconscientemente.

— Gostaria que você se lembrasse com quem está falando! — disse Arabela, com indignação. — Chamando uma mulher respeitável e casada, pelo nome dessa... — Lembrou-se, porém, e não soltou a palavra.

Mas, com o tempo, quando percebeu como as coisas andavam, e quão pouco tinha a recear da rivalidade de Sue, teve um acesso de generosidade: — Suponho que você tenha vontade de ver a sua... Sue? — disse ela.

— Pois, não me importo que ela venha. Você pode chamá-la, se quiser.

— Não quero tornar a vê-la.

— Ora, que mudança!

— Nem lhe diga nada a meu respeito... que estou doente ou outra coisa

qualquer. Escolheu o caminho que quis. Que o siga!

Um dia, teve uma surpresa. A senhora Edlin veio visitá-lo, por iniciativa própria. Arabela, absolutamente indiferente, agora, às afeições que podia ter, saiu, deixando a velha sozinha com ele. Instintivamente, perguntou-lhe como ia Sue e, depois, lembrando-se do que Sue lhe tinha dito, indagou bruscamente: — Suponho que continuem a ser marido e mulher só de nome?

A senhora Edlin hesitou. — Bom, não... agora, é diferente... Tudo começou ultimamente... e por vontade de Sue...

— Quando é que começou? — perguntou Judas rapidamente.

— Na noite depois de sua visita. Como punição para com ela mesma, coitadinha. Ele nem queria, mas ela insistiu.

— Sue, minha Sue... minha louquinha querida... isso é mais do que posso suportar! Senhora Edlin, não se assuste com as minhas divagações. Fico tantas horas na cama, sozinho, que tenho que falar comigo mesmo. Sue foi uma mulher cuja inteligência estava para a minha como uma estrela para uma lamparina de azeite. E que via todas as *minhas* superstições como teias de aranha que podia espanar com uma simples palavra. Foi então que nos sobreveio aquela desgraça terrível. Sua inteligência soçobrou e ela caiu nas trevas. Estranha diferença dos sexos! O tempo e os acontecimentos, que em geral alargam as vistas dos homens, quase que invariavelmente estreitam as das mulheres. E agora, chegou essa última e terrível desgraça... Ela se entregar justamente a alguém por quem tinha tanta repugnância, só porque se tornou escrava das convenções... ela, tão sensível, tão frágil que o próprio vento parecia tocá-la com deferência... Quanto a mim e a Sue, quando estávamos no nosso apogeu... há muito, muito tempo, quando nossas inteligências eram claras e sem medo o nosso amor à verdade... os tempos ainda não estavam maduros para nós! Nossas ideias estavam avançadas de cinquenta anos, não podiam ser de nenhuma utilidade para nós. E, por isso, a resistência que encontraram provocou em Sue essa reação, e em mim esta ruína! ... E é isso, senhora Edlin, que eu fico continuamente repetindo a mim mesmo, deitado nesta cama! Mas devo estar lhe aborrecendo terrivelmente.

— Não, absolutamente, meu filho. Poderia escutá-lo falar o dia inteiro.

E, como continuasse refletindo sobre as notícias recebidas, agitando-se cada vez mais, começou, na sua agonia mental, a empregar termos terrivelmente profanos sobre as convenções sociais. Tudo terminou num acesso de tosse. Ouvia-se então bater na porta, embaixo.

Como ninguém respondesse, a senhora Edlin desceu.

O visitante disse, simplesmente: — O doutor.

A figura esbelta era a do doutor Vilbert, que tinha sido chamado por Arabela.

— Como vai o meu doente agora? — perguntou o médico.

— Ora, mal... muito mal! Pobre homem! Está excitado e blasfema terrivelmente, desde que lhe contei, acidentalmente, umas certas coisas... no que

fiz muito mal. Mas... é preciso desculpar, a um homem que sofre, o que sofre, o que diz, e espero que o perdoe.

— Ah! Vou subir para vê-lo. A senhora Fawley está em casa?

— Não agora, mas estará breve.

Vilbert subiu, mas Judas, que até então tinha tomado as drogas desse conceituado doutor com a maior indiferença, engolindo tudo o que Arabela lhe punha na boca, estava agora tão exasperado que lançou em pleno rosto de Vilbet a opinião que tinha dele, tão energicamente e com epítetos tão violentos que o doutor Vilbert não tardou em descer pela escada abaixo. Na porta, encontrou Arabela.

A senhora Edlin tinha ido embora. Arabela lhe perguntou como achava que ia o seu marido, mas, vendo que o médico parecia zangado, convidou-o para tomar qualquer coisa.

— Trago-lhe aqui mesmo, na passagem — disse. — Não há ninguém, senão eu, nesta casa hoje.

Trouxe-lhe uma garrafa e um copo e ele bebeu. Arabela pôs-se a estremecer, com um riso contido.

— Que é isso, minha cara? — perguntou o médico, lambendo os beiços.

— Ora, uma gota de vinho... e uma coisinha dentro... — e rindo, Arabela ainda acrescentou: — Derramei dentro o seu filtro de amor, aquele que me vendeu na Exposição Agrícola, não se lembra?

— Lembro-me, lembro-me! Mulher esperta! Mas, prepare-se para as consequências. — E, lançando os braços à volta dos ombros dela, pôs-se a beijá-la aqui e ali.

— Não faça isso, não faça! — murmurou, rindo com bom humor. — Meu marido pode ouvir.

Deixou-o fora de casa e, voltando, disse consigo mesma: — Bem, uma pobre mulher tem que se precaver pensando nos maus dias. E, se o meu pobre coitado lá de cima morrer — o que suponho que aconteça breve —, é bom conservar as possibilidades na mão. Não posso estar escolhendo, agora, como quando era mais moça. A gente tem que pegar um velho, se não pode ser um moço.

## XI

AS ÚLTIMAS páginas para as quais o cronista destas vidas irá solicitar a atenção dos leitores dizem respeito às cenas que tiveram lugar fora e dentro do quarto de Judas, quando voltou o verão.

Seu rosto estava já tão magro que os seus velhos amigos teriam dificuldade em reconhecê-lo. Era de tarde e Arabela estava encres-pando os cabelos no espelho, o que costumava fazer aquecendo na chama de uma vela o cabo de um guarda-chuva e enrolando nele os seus cabelos. Quando terminou, fez uma covinha no rosto, pôs o chapéu e deitou um olhar sobre Judas. Parecia dormir, embora estivesse quase sentado, sua doença impedindo-o de se deitar.

Arabela, de chapéu e luvas, pronta para sair, sentou-se como que esperando que alguém viesse tomar seu lugar de enfermeira.

Certos ruídos lá fora indicavam que a cidade estava em festa, se bem que, de dentro do quarto, pouco se pudesse ver do que estava se passando. Sinos começaram a tocar e, pelas janelas abertas, os sons penetraram no quarto e chegaram, como um zumbido, aos ouvidos de Judas. Isso ainda tornava Arabela mais impaciente, e por fim, disse para consigo mesma: “Por que papai não chega?”.

Olhou de novo Judas, procurando avaliar o que ainda lhe restava de vida, como tantas vezes fizera naqueles últimos meses e, olhando para o relógio pendurado na parede, levantou-se com ar impaciente.

Judas continuava a dormir. Tomando uma resolução, saiu furtivamente do quarto, fechou a porta sem barulho e desceu as escadas. A casa estava vazia. O que atraía Arabela lá fora, evidentemente também tinha feito sair, bem antes, os outros moradores.

Era um dia quente, sem nuvens, sedutor. Fechou a porta de entrada e seguiu apressadamente pela rua principal. Quando chegou perto do teatro, ouviu os sons do órgão: era um ensaio para um concerto. Entrou debaixo do pórtico do colégio Oldgate, em cujo pátio alguns homens construía barracas para o baile que se devia realizar à noite. As pessoas que tinham vindo de fora para passar o dia comiam, sentadas na grama. Arabela passou pelos caminhos cobertos de cascalho, debaixo de velhas árvores. Mas, achando o lugar aborrecido, voltou para as ruas, vigiando os carros que levavam para o concerto um grande número de doutores com suas esposas, e estudantes acompanhados de mulheres alegres que se acotovelavam, formando grandes agrupamentos. Quando se fecharam as portas e começou o concerto, Arabela continuou seu caminho.

Os poderosos sons desse concerto se expandiam através das cortinas amarelas, pelas janelas abertas, por sobre os telhados das casas e na atmosfera tranquila das ruelas. Atingiam até mesmo o quarto onde Judas estava deitado. E foi mais ou menos a essa hora que sua tosse recomeçou, acordando-o.

Assim que pôde falar, murmurou, com os olhos ainda fechados: — Um

pouco de água, por favor.

Só o quarto deserto ouviu esse apelo. Recomeçou a tossir exaustivamente, repetindo cada vez com voz mais fraca:

— Água... um pouco de água... Sue... Arabela!

O quarto continuava mudo, como antes. Ao cabo de um momento tornou a dizer, arquejante:

— Garganta... água... Sue... querida... gota de água... por favor... ó, por favor!

A água não veio, porém os sons do órgão, fracos como o zum-bir de uma abelha, continuavam a chegar até ele.

E, enquanto Judas permanecia ali, o rosto se transformando, gritos e hurras chegaram, vindos de algum lugar na direção do rio.

— Ah! sim... Os folgedos dos dia das comemorações! — murmurou ele. — E eu aqui! E Sue que se foi!

Os hurras recomeçaram, abafando os sons mais fracos do órgão.

A expressão do rosto de Judas mudou ainda mais. Murmurou, devagar, quase sem mover os lábios: — “Que pereça o dia em que nasci e a noite em que disseram: um menino foi concebido”.

— Hurra!

— “Que esse dia seja de trevas, que Deus não o contemple de lá de cima, que a luz não brilhe sobre ele. Ó, que esta noite seja solitária, que nenhuma voz alegre a venha animar”.

— Hurra!

— “Por que não morri eu no ventre de minha mãe? Por que não entreguei a alma assim que saí de dentro dele?... Porque assim estaria tranquilo e quieto. Teria dormido e, portanto, repousado”.

— Hurra!

— “É aí que os prisioneiros descansam todos juntos. Não ouvem a voz do opressor... Os grandes e os pequenos estão lá. E o servo está livre do seu senhor. Para que foi dada a luz àquele que é miserável, e a vida ao que tem a amargura no coração?”.

Enquanto isso Arabela, na sua viagem de descoberta do que se estava passando, abreviou o caminho, graças a uma rua estreita, e chegou ao pátio do colégio Cardinal. Este brilhava no crepúsculo, barulhento, repleto de flores e outros preparativos para um baile que também ali ia haver. Um carpinteiro lhe fez um sinal — um que tinha sido, em tempos, companheiro de trabalho de Judas. Um toldo vermelho estava sendo armado entre a entrada e o *hall* da escadaria.

Caixas e potes com plantas floridas eram colocadas, aqui e ali, e a grande escadaria estava atapetada de vermelho. Arabela cumprimentou um trabalhador aqui, outro ali, e, valendo-se desses conhecimentos, subiu para o salão grande, onde estavam colocando um soalho novo e decorando a peça para

o baile. O sino da catedral mais próxima chamava para o officio das cinco horas.

— Não acharia ruim dar uns giros aqui com o braço de algum moço, passado pela minha cintura — disse Arabela a um dos homens.

— Mas, Deus meu, tenho que voltar para casa... há muito que fazer.

Não tenho tempo de dançar!

Quando chegou em casa, encontrou-se na porta com Stagg e um ou dois dos companheiros de trabalho de Judas.

— Vamos justamente descer para a beira do rio para ver as regatas — disse Stagg. — Passamos aqui para saber como ia seu marido.

— Está dormindo tranquilamente — disse Arabela.

— Que bom! Nesse caso, a senhora não poderia tomar meia hora de descanso e vir conosco? Haveria de lhe fazer muito bem.

— Gostaria muito de ir — disse Arabela. — Nunca vi regatas e dizem que é muito divertido.

— Pois então venha.

— Como gostaria de poder ir! — e olhava a rua com inveja. — Espe-rem um minuto, então. Dou um pulo para ver como ele está. Papai está com ele, creio, e, portanto, provavelmente poderei ir com vocês.

Arabela entrou e eles esperaram. No andar de baixo, os moradores continuavam ausentes, tendo ido em bando até o rio, onde os botes deviam passar. Quando chegou ao quarto, viu que seu pai ainda não havia chegado.

— Por que não estará ele aqui? — disse com impaciência. — Quis ver os botes, também... é por isso.

Todavia, olhando para a cama seu rosto se alegrou. Judas parecia dormir, embora não estivesse na posição habitual, meio levantada, que sua tosse exigia. Tinha escorregado e estava completamente estendido. Da segunda vez que olhou, estremeceu e logo se aproximou da cama. O rosto de Judas estava lívido e tornava-se pouco a pouco rígido. Tocou-lhe nos dedos. Estavam frios, embora o corpo ainda estivesse quente. Inclinou-se para ouvir-lhe a respiração. Estava tudo imóvel. Aquele coração que tinha batido durante quase trinta anos, parara enfim.

Depois do primeiro espanto diante do que tinha acontecido, o som da música de uma banda militar ou de alguma outra banda de música possante, chegou aos seus ouvidos, vindo da beira do rio.

Num tom irritado, exclamou: — Pensar que achou de morrer exatamente agora! Por que morrer justamente a esta hora?!

Depois de uns dois minutos de reflexão, saiu pela porta que fechou cuidadosamente como da outra vez, e desceu as escadas de novo.

— Aí vem ela — disse um dos operários. — Estávamos imaginando se você, afinal, viria ou não. Venha depressa. Temos que ir rapidamente para arranjar bons lugares... E ele como está? Sempre dormindo sossegado? Claro que não queremos obrigá-la a vir se...

— Ó, sim... está dormindo profundamente. Não acordará tão cedo

— disse Arabela apressadamente.

Seguiram a multidão pela rua Cardinal abaixo, atingiram a ponte de onde contemplaram os barcos embandeirados, e depois desceram por um atalho para a beira do rio, que estava apinhada de gente, poeirenta e quente. Mal tinham chegado, começou o grande desfile dos barcos. Os remos, descendo de sua posição perpendicular, batiam na água como que num beijo estrondoso.

— Ora, vejam só como é divertido! — dizia Arabela. — Estou contente por ter vindo. E não pode fazer mal a meu marido... que eu esteja lá, com ele.

Do outro lado do rio, nas barcas carregadas de gente, havia grupos de mulheres bonitas, elegantemente vestidas de verde, de rosa, de azul e de branco. A bandeira azul do clube náutico marcava o centro dos interesses. Debaixo dela, a banda de música, com uniformes vermelhos, tocava as músicas que Arabela ouvira do quarto do morto. Estudantes de toda espécie nos seus barcos, acompanhados de moças, olhando ansiosamente pelos “seus” botes, passavam acima e abaixo. Enquanto Arabela olhava esse espetáculo tão alegre... al-guém por detrás segurou-lhe a cintura. Voltando-se, viu Vilbert.

— O filtro está agindo, sabe? — disse com um olhar sorrateiro. — Que vergonha, destroçar assim um pobre coração!

— Não posso falar de amor hoje.

— Por que não? É feriado para todos.

Arabela não replicou. Os braços de Vilbert abraçaram sua cintura, sem que ninguém na multidão os observasse. O rosto de Arabela tomou uma expressão maliciosa, mas continuou com os olhos no rio, como se nada tivesse percebido.

Houve um movimento na multidão que quase empurrou Arabela e seus amigos dentro do rio. E ela teria rido gostosamente das brincadeiras ousadas que isso motivou, sem a lembrança que lhe tinha ficado na memória de um corpo pálido e rígido, contemplado havia pouco. E isso a continha um pouco.

A brincadeira no rio atingiu o paroxismo da excitação. Houve imersões, quedas dentro d'água. As corridas foram ganhas e perdidas. As moças de azul, de cor-de-rosa, de amarelo, retiraram-se das barcas e o povo começou a se mover.

— Pois foi extraordinariamente divertido! — exclamou Arabela.

— Mas acho que devo voltar para junto de meu pobre marido. Papai lá está, penso, mas creio que o melhor é eu voltar.

— Por que essa pressa?

— Bem, preciso ir... Deus meu, Deus meu, que maçada!

Na passagem estreita que subia do rio para a ponte, o povo estava literalmente reduzido a uma massa única e quente. Arabela e Vilbert, do mesmo modo que os outros. E aí ficaram sem poder se mover. Arabela exclamando cada vez mais impacientemente: — “Vamos, vamos!”. Porque, subitamente lhe ocorrera que, se descobrissem que Judas tinha morrido sozinho, talvez fosse



julgado necessário um inquérito.

— Que inquieta que você é, meu amor — disse o doutor que, empurrado pela multidão, não tinha mais necessidade de fazer esforços para ficar em contato com ela. — É melhor ter um pouco de paciência. Não há meio de sair, ainda!

Foram precisos bem dez minutos para que a multidão se movesse de modo suficiente a lhes dar passagem. Assim que chegaram à rua, Arabela se apressou em seguir, proibindo ao médico acompanhá-la até mais longe, naquele dia. Não foi diretamente para casa. Dirigiu-se à morada de uma mulher que costumava prestar os últimos serviços aos mortos mais pobres, e bateu na porta.

— Meu marido acaba de morrer, pobre alma... — disse. — A senhora poderá vir amortalhá-lo?

Arabela esperou alguns minutos e as duas mulheres saíram juntas, procurando caminho por entre a multidão de gente elegante que saía em massa do Prado Cardinal, tendo sido várias vezes quase atropeladas pelos carros. — Preciso ir também prevenir o sacristão para o sino — disse ela. — É ali, virando, não é? Tornarei a encontrá-la na minha porta.

Às dez horas, naquela noite, Judas estava estendido, rígido na sua cama coberto com um lençol, reto como uma flecha. A música alegre de uma valsa, vinda do baile do Colégio Cardinal, entrava pela janela entreaberta.

Dois dias depois, sob um céu igualmente sem nuvens, e uma atmosfera igualmente calma, duas pessoas estavam de pé, junto do caixão de Judas, naquele mesmo quarto. De um lado, Arabela; de outro, a viúva Edlin. Ambas olhavam o rosto de Judas. As velhas e cansadas pálpebras da senhora Edlin estavam vermelhas.

— Que lindo que ele está! — disse ela.

— Sim, é um belo defunto — concordou Arabela.

A janela estava aberta para arejar o quarto. Era mais ou menos meio-dia e a atmosfera, lá fora, estava límpida, clara, calma, imóvel. Ouviam-se vozes, ao longe, e como que o ruído de uma numerosa multidão.

— Que é isso? — murmurou a velha.

— São os doutores, no teatro, entregando diplomas honoríficos ao duque de Hamptonshire e a alguns outros personagens ilustres da mesma categoria. É a semana comemorativa, sabe. As aclamações vêm dos moços.

— Jovens de bons pulmões! Não como esse nosso pobre moço que aqui está.

De vez em quando, palavras de algum discurso atravessavam pelas janelas abertas do teatro e chegavam até aquele recanto tranquilo. Dir-se-ia, então, que um sorriso se desenhava nas marmóreas faces de Judas, enquanto, na estante vizinha, ao ouvi-las, pareciam empalidecer doentamente as velhas edições Delphim de Virgílio e de Homero, e todo o Velho Testamento em grego, e alguns outros volumes do mesmo gênero, de que Judas nunca tinha querido se separar, endurecidos pelo pó de pedra que deixara neles, dado o seu hábito de folheá-los

nos poucos minutos de intervalo do trabalho.

Os sinos repicavam alegremente e o som repercutia pelo quarto todo.

Os olhos de Arabela se moveram de Judas para a senhora Edlin.

— Acha que ela virá?

— Não sei. Jurou que não o veria de novo.

— Como está ela?

— Cansada e miserável, pobre criatura! Anos e anos mais velha do que da última vez em que você a viu. Está uma mulher usada, acabada. Por causa dele, do marido... Não pode suportá-lo, nem mesmo agora.

— Se Judas estivesse vivo para vê-la, talvez nem mais se importasse com ela.

— Isso é que nós não sabemos... Ele pediu, alguma vez, a você para mandá-la chamar, depois que foi visitá-la daquela estranha maneira?

— Não. Pelo contrário. Ofereci mandar, e ele me disse que não queria que ela soubesse quanto ele estava doente.

— Judas lhe perdoou?

— Que eu saiba, não.

— Coitadinha, é de esperar que tenha achado perdão em algum outro lugar!

Diz ela que encontrou paz, enfim.

— Pode jurar isso de joelhos, sobre a santa cruz, tornar a jurá-lo até ficar rouca, mas não será verdade! — disse Arabela. — Nunca mais achou a paz, desde que saiu dos braços dele. E nunca mais há de achá-la, enquanto não estiver como ele agora está.

**FIM**

.pdf

Clube da Livraria

.ePub



2014